O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

2 REIS

HAGNOS

O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

por

Russell Norman Champlin, Ph. D.

Volume 3

II REIS
I CRÔNICAS
II CRÔNICAS
ESDRAS
NEEMIAS
ESTER
JÓ

Digitalização:
Presbítero
Edição:
Escriba Digital

2ª Edição - 2001

Direitos Reservados

HAGNOS

Editora Hagnos
Rua Belarmino Cardoso de Andrade, 108
São Paulo – SP – CEP 04809-270 – Cidade Dutra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Champlin, Russell Norman, 1933-
O Antigo Testamento interpretado : versículo por versículo : II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, volume 3 / por Russell Norman Champlin. — 2. ed. — São Paulo : Hagnos, 2001.

Bibliografia.

1. Bíblia. A.T. - Crítica e interpretação
I. Título.

01-2009 CDD-221.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento : Interpretação e crítica
221.6

ISBN 85-88234-17-3

Coordenação de produção
Mauro Wanderley Terrengui

Coordenadora editorial
Marilene G. Terrengui

Revisão
Andrea Filatro
Ângela Maria Stanchi Sinézio

Editoração, fotolito, impressão e acabamento
Associação Religiosa Imprensa da Fé

1ª Edição: Abril 2000 - 5000 exemplares
1ª Edição Editora Hagnos: Julho 2001 - 3000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

EDITORA HAGNOS
Rua Belarmino Cardoso de Andrade, 108
Cidade Dutra - São Paulo, SP
CEP 04809-270

II REIS

O Livro que Conta Histórias dos Reis de Israel e Judá

Disse o Senhor: Também a Judá removerei de diante de mim, como removi a Israel, e rejeitarei esta cidade de Jerusalém...
II Reis 23.27

II Reis

25 Capítulos
719 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Antigas Formas Desses Livros
III. Autoria
IV. Fontes
V. Data
VI. Proveniência
VII. Motivos e Propósito
VIII. Cronologia
IX. Cânon
X. Conteúdo e Mensagem
XI. Gráfico dos Reis

I. Caracterização Geral

Os livros de I e II Reis, que formavam um único livro de acordo com o cânon hebreu, são livros históricos do Antigo Testamento, incluídos entre os profetas anteriores, ou seja, os livros de Josué até II Reis, que se seguem ao Pentateuco. Esses livros narram a história de Israel desde a conquista da terra de Canaã (século XIII A.C.) até a queda de Jerusalém, em 586 A.C. A história sempre foi importante para os hebreus. Nesses livros há um autêntico material histórico, conforme admitem até mesmo os mais liberais eruditos. Os livros de I e II Reis fornecem-nos a história de Israel desde os últimos dias de Davi e da ascensão de Salomão (cerca de 970 A.C.) até o aprisionamento do rei Jeoaquim, em uma prisão na Babilônia, por Amel-Marduque, em cerca de 561 A.C. Muitos estudiosos crêem, que esses livros, conforme os temos atualmente, incorporam duas edições, a primeira das quais teria sido publicada em cerca de 600 A.C., escrita por um historiador deuteronômico e a segunda, que conteria material suplementar, relativo principalmente à nação do norte, Israel, que teria sido produzida cerca de cinqüenta anos mais tarde (ver sobre *Data,* abaixo). Esses livros mencionam várias fontes informativas, pelo que o autor sagrado, mesmo que tenha sido contemporâneo de alguns dos eventos históricos, foi, essencialmente, um compilador. Ver abaixo, sobre as *Fontes Informativas.* Os historiadores respeitam esses livros canônicos como obras sérias, embora supondo alguns que ali há um certo colorido, com propósitos pessoais e teológicos. Por serem complementares do livro de Deuteronômio, eles expõem os grandes ideais da doutrina deuteronômica, como a centralização de toda a adoração sacrificial no templo de Jerusalém, ou como a doutrina da retribuição divina segundo os feitos humanos, bons ou maus.

Esses livros recebem seu nome devido à palavra inicial, no texto hebraico, do livro de I Reis, *wehammelek,* isto é, «e o rei» bem como devido ao fato de que essa porção das Escrituras trata principalmente da descrição dos feitos e do caráter dos monarcas de Israel e de Judá.

II. Antigas Formas Desses Livros

Na Bíblia em hebraico, esses dois livros formavam um único volume, ou rolo. A divisão do livro em dois, ocorreu na Septuaginta, por razões práticas. O hebraico, que era escrito somente com as consoantes, ocupa muito menos espaço do que o grego, que tem vogais como letras separadas. Quando esse livro foi traduzido para o grego, pois, ocupava tanto espaço que não era prático deixá-lo sob a forma de um só rolo ou volume. Por isso, foi dividido em duas porções. A divisão não apareceu na Bíblia hebraica senão quando Bomberg imprimiu a Bíblia hebraica, em Veneza, em 1516-1517. Essa divisão também apareceu na Vulgata Latina impressa. Na Vulgata Latina e na Septuaginta, os livros de I e II Samuel, I e II Reis são tratados como uma história contínua, pelo que ali temos os livros de I, II, III e IV Reis. Embora a divisão entre I e II Reis seja totalmente arbitrária, tem sido preservada nas versões das línguas vernáculas. Essa arbitrária divisão corta bem pelo meio a narrativa sobre o reinado de Acazias. O primeiro capítulo de II Reis termina a narrativa sobre o seu governo. Ainda mais estranho é que a história do profeta Elias, e a unção de Eliseu, aparecem em I Reis; mas o final dramático do ministério de Elias aparece em II Reis.

III. Autoria

A tradição judaica piedosa, segundo é refletida no Talmude (Baba Bathra 14b) diz que Jeremias foi o autor desses livros. Essa idéia é defendida por alguns estudiosos com base no fato de que parte desse livro (II Reis 25:27-30; atribuída por alguns a um outro autor, que teria começado a escrever em II Reis 23:26) poderia ter sido escrita por Jeremias, para nada dizermos sobre a primeira porção, porquanto a tradição judaica afirma que Nabucodonosor levou esse profeta para a Babilônia, depois que aquele monarca conquistou o Egito, em 568 A.C. Na Babilônia, conforme prossegue a história, Jeremias morreu quando já tinha mais de noventa anos de idade. Segundo esse ponto de vista, a compilação em duas porções fica justificada (ver sobre Fontes, quarto ponto). E a avançada idade de Jeremias teria sido suficiente para satisfazer a cronologia envolvida. Naturalmente, precisamos depender da tradição, a fim de encontrar apoio para essa posição. E muitos duvidam da precisão desta tradição. Por esse motivo, outros eruditos opinam que tenha havido dois distintos autores-compiladores, defensores das tradições teológicas do livro de Deuteronômio, pelo que foram chamados de autores deuteronômicos.

A linguagem usada por Isaías, por Jeremias e pelo autor do livro de Deuteronômio assemelha-se à dos livros de Reis, por conterem um tipo comum de admoestação, de exortação, de reprimenda e de encorajamento, reiterando os mesmos grandes temas da centralização da adoração, no templo de Jerusalém, e da doutrina da retribuição divina, juntamente com uma rígida avaliação espiritual das personagens descritas nesses escritos. Os eventos ali registrados cobrem um período de quatrocentos anos; mas sabemos, com base nas fontes informativas usadas, que tudo foi um trabalho de compilação, em sua maior parte, e que o autor sagrado foi contemporâneo apenas de uma pequena parte dos eventos registrados. Mesmo que Jeremias não tenha sido o autor, é perfeitamente possível que, pelo menos, uma parte dos eventos tenha ocorrido durante a vida do autor sagrado. Provavelmente esse autor foi um profeta, o que se reflete no espírito profético com que esses livros foram escritos. Em cada geração do povo de Israel, parece que os profetas mostraram-se ativos, sempre intervindo na política da nação, e não apenas no culto religioso de Israel. Houve um número muito maior de profetas que escreveram narrativas, do que aqueles cujos livros foram incluídos no cânon hebreu. Ver os comentários sobre Fontes, quarto ponto.

IV. Fontes

Com base em informes nos próprios livros de Reis, sabemos que a porção maior de I Reis (pelo presumível primeiro autor-compilador) dependeu pesadamente de fontes informativas já existentes:

1. O livro da história de Salomão (I Reis 11:41).
2. O livro da história dos reis de Israel (I Reis 14:19).
3. O livro da história dos reis de Judá (I Reis 14:29).

A primeira dessas obras era uma espécie de louvor a grandes homens, com o propósito de salientar a sabedoria, a magnificência e o resplendor do reinado de Salomão. Trata-se de algo similar às memórias dos reis persas. Todos os detalhes foram arranjados de tal modo que fazem os adversários de Salomão parecerem uns anões, em contraste com ele. As outras duas fontes informativas são mais históricas do que biográficas e religiosas, provavelmente representando anais oficiais reais. Os hebreus sempre mostraram ser muito sensíveis para com a história, e esses anais foram cuidadosamente compilados.

4. Alguns eruditos propõem que os capítulos sexto a oitavo de I Reis constituam o reflexo de uma fonte informativa independente, provendo informações sobre a construção do templo de Jerusalém, sua forma de culto e sua dedicação, embora outros duvidem que isso corresponda à realidade dos fatos.

5. Parece que o autor sagrado também tinha acesso a algum tipo de coleção de livros a respeito de Isaías, narrando sobretudo o tempo quando ele era amigo e conselheiro de certos reis (II Reis 18:13-20 e capítulo dezenove).

6. A história do reino sobrevivente de Judá, mediante a soltura, no exílio, do rei Jeoaquim (II Reis 18 — 25) que se alicerçaria sobre uma fonte ou fontes informativas distintas, embora não identificadas. Grande parte dessa fonte deve ter sido constituída por narrativas de testemunhas pessoais, compiladas pelo próprio autor sagrado ou por aqueles cujo material escrito foi aproveitado.

Os Profetas e seus livros. As diversas fontes informativas por trás dos livros dos Reis dizem-nos aquilo que também nos é dito em outras fontes, ou seja, que houve uma grande atividade de crônica em Israel, com o envolvimento de vários profetas, de cujos escritos o Antigo Testamento é apenas uma representação parcial. Sabe-se da existência de vários livros de profetas como: a. Crônicas registradas por Samuel, o vidente (I Crô. 29:29). b. Crônicas de Gade, o vidente (I Crô. 29:29). c. Livro da história de Natã, o profeta (II Crô. 9:29). d. A profecia de Aías, o silonita (II Crô. 9:29). e. Livro da história de Ido, o vidente (II Crô. 12:15). f. Livro da história de Semaías, o profeta (II Crô. 12:15). g. História do profeta Ido (II Crô. 13:22). h. Os atos de Uzias, escritos pelo profeta Isaías (II Crô. 26:22).

V. Data

Como é óbvio, todo o material tomado por empréstimo foi escrito antes de ter sido usado na compilação que há nos livros dos Reis. Como uma unidade, a data não pode ser anterior a 562 A.C., quando, ao que sabemos, Jeoaquim foi liberado de sua prisão, na Babilônia (II Reis 25:27-30). Esse informe histórico fala sobre os favores que lhe foram prestados no fim de sua vida, pelo que o autor sagrado estava escrevendo alguns anos após a soltura de Jeoaquim. É possível que a compilação final tenha ocorrido em cerca de 550 A.C. Entretanto, esse dado pode ter sido adicionado a uma composição escrita anterior. É possível que a porção maior desse livro tenha sido escrita durante o cativeiro babilônico, ou seja, entre 587 e 538 A.C. Alguns estudiosos, porém, acham que devemos pensar em uma data após a morte de Josias (609-600 A.C.), pois supõem que o autor sagrado tenha sido o primeiro a usar o material histórico derivado do recém-descoberto livro de Deuteronômio que, ao que se presume, apareceu em 621 A.C. A lei, sem-par, do santuário central, que figura no décimo segundo capítulo de Deuteronômio, supostamente, seria o princípio avaliador dos reis, conforme é salientado nos livros dos Reis. Esses eruditos também afirmam que um segundo escritor deuteronomista acrescentou a narrativa sobre a liberação do rei Jeoaquim, que seria a seção de II Reis 25:27-30. Essas teorias, porém, não passam de especulações, não havendo maneira histórica, digna de confiança, que nos permita confirmá-las ou rejeitá-las.

VI. Proveniência

Já pudemos notar que os livros de Reis estão, intimamente relacionados às atividades literárias dos profetas hebreus. Tendo sido esse o caso, é provável que esses livros tenham sido escritos em uma das cidades onde essa atividade aconteceu. Os centros proféticos estavam localizados nas áreas fronteiriças, entre as nações de Israel, ao norte, e Judá, ao sul. Lugares como Betel, Gilgal e Mizpa eram centros de ensino, nos dias de Samuel (I Sam. 7:16). Essas cidades, além de Jericó, eram centros dessa natureza, nos dias de Elias e Eliseu. As duas capitais, Samaria (de Israel, ao norte) e Jerusalém (de Judá, ao sul) ficavam cerca de sessenta e cinco quilômetros uma da outra, e as cidades das fronteiras eram suficientemente distantes para que um profeta pudesse expressar idéias, mas não tão distantes que não tivesse informações exatas sobre o que estava ocorrendo em ambas as capitais. Portanto, uma das cidades acima mencionadas pode ter sido o local da compilação de nossos livros de Reis. Entretanto, um lugar como cidade da Babilônia também conta com pontos em seu favor, se os livros de Reis foram escritos durante o cativeiro babilônico.

VII. Motivos e Propósito

O autor da suposta primeira edição de livros dos Reis era admirador do rei Josias, o modelo perfeito de rei aos moldes deuteronômicos. Ele também se entusiasmava diante da grandeza de Salomão, pelo que lançou mão da fonte que descrevia os resplendores do reinado salomônico. Porém, os livros de Reis não estão interessados em meros registros históricos. Há ali tentativas para avaliar a espiritualidade dos reis envolvidos, e, nossa avaliação, projetar aos leitores o tipo de líderes espirituais que convém ao povo. A espiritualidade sofreu um retrocesso, diante da divisão em duas nações, Israel e Judá. A correta adoração era aquela que se efetuava no templo de Jerusalém. As divisões e hostilidades entre os homens servem como empecilhos aos propósitos divinos, felizmente transponíveis. Os homens têm de pagar um preço por causa disso, porquanto Deus é um rígido avaliador e juiz das ações humanas. O propósito do autor sagrado é claramente revelado em I Reis 2:3,4, nas instruções finais dadas por Davi a Salomão: «Guarda os preceitos do Senhor teu Deus, para andares nos seus caminhos, para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na lei de Moisés, para que prosperes em tudo quanto fizeres, e por onde quer que fores; para que o Senhor confirme a palavra que falou de mim...»

Há um só Deus, como também um único santuário. Todos os homens são responsáveis, diante de Deus. A lei da colheita segundo a semeadura haverá de prevalecer. A vida dos homens prova esses fatos. Contudo, a misericórdia divina e o destino da alma têm prosseguimento. A narrativa da soltura de Jeoaquim não deve ser considerada um mero apêndice. Antes, é uma nota de esperança. Deus, embora muito severo em seus juízos, nunca abandonou o seu povo. Ele exilou o seu povo em razão de seus pecados; mas não deixou de restaurá-los. A linha davídica não fora finalmente rejeitada. A história da redenção tinha prosseguimento.

VIII. Cronologia

O leitor poderá consultar o artigo sobre a *Cronologia do Antigo Testamento*. Ali fica demonstrado que as cronologias antigas não tinham a finalidade de serem exatas, historicamente falando. Havia outras forças por trás delas. Em primeiro lugar, há simetria. Anos foram adicionados ou subtraídos, a fim de emprestar simetria às listas cronológicas. Em segundo lugar, interesses pessoais, crenças, etc. podem ter alterado as listas. Um indivíduo ímpio, assim sendo, era eliminado de uma lista por razão de sua iniqüidade. Em terceiro lugar, as cronologias, tal como as genealogias, eram apenas representativas, e não absolutas. Especificamente, no que diz respeito aos livros de Reis, o período da monarquia dividida é apresentado juntamente com um cuidadoso sistema de referências cruzadas, entre os reis de Judá e de Israel. Apesar disso, evidentemente está em operação a atividade simetrista, porquanto a soma dos anos de governo dos reis de Israel, em um dado período, não corresponde à soma dos anos de governo dos reis de Judá, durante o mesmo período. O período desde a subida ao trono de Reoboão até a morte de Azarias aparece como noventa e cinco anos, mas o período correspondente em Israel, de Jeroboão até a morte de Jorão, aparece como noventa e oito anos. Além disso, o total de anos de governo desde Atalias até o sexto ano do reinado de Ezequias é de cento e sessenta e cinco anos; mas, o mesmo período em Israel, de Jeú até a queda de Samaria, aparece como cento e quarenta e três anos e sete meses. Parte dessa discrepância pode ser explicada pela contagem de parte de anos como se fossem anos inteiros. Também há o problema da co-regência, onde pai e filhos compartilhavam do trono por certo número de anos, embora esses anos fossem subseqüentemente alistados em separado, nos cálculos cronológicos. Ver os casos de Davi e Salomão (I Reis 1:34,35) e de Azarias e Jotão (II Reis 15:5).

A isso podemos acrescentar o problema do uso de dois tipos de calendário em Israel, o civil e o religioso que eram diferentes um do outro. Ver sobre o *Calendário*, onde damos um gráfico sobre o calendário judaico, ilustrando a questão. Várias obras descrevem em detalhes as razões possíveis dessas discrepâncias cronológicas, sendo fácil negligenciarmos a mais grave delas, a saber, que os antigos autores simplesmente, não se preocupavam com cronologias exatas, conforme os modernos historiadores fazem, pelo que nenhum exame e manipulação podem explicar as coisas que aparecem nessas genealogias bíblicas. O artigo no *Dicionário* ilustra abundantemente essa declaração.

Seja como for, as listas e as datas dos reis de Israel e de Judá, incluindo as comparações entre essas listas, aparecem no artigo sobre *Cronologia*, em seu quinto ponto, Períodos Bíblicos Específicos. f. Da fundação do Templo de Salomão até a sua Destruição.

IX. Cânon

Provemos no Dicionário um artigo sobre o assunto, no caso do Antigo e do Novo Testamento, onde oferecemos detalhes. A questão é complexa, porquanto, em nosso cânon sagrado, há livros, de ambos os Testamentos, que por muito tempo não foram universalmente aceitos. Porém, no que tange aos livros de Reis, que, originalmente, eram apenas um rolo ou livro o cânon hebraico nunca os omitiu. De acordo com Josefo, o cânon dos judeus ficou completo por volta de 400 A.C., composto de vinte e dois livros, que correspondem exatamente aos trinta e nove livros do Antigo Testamento de edição protestante, ainda que a ordem desses livros não seja a mesma na Bíblia hebraica e na Bíblia cristã. Para os hebreus, os livros de Reis faz parte dos escritos dos profetas. Nos arranjos posteriores, porém, os nossos livros de Reis aparecem entre os livros históricos.

X. Conteúdo e Mensagem

1. Salomão, o Rei (I Reis 1:1 — 11:43)
   - a. Subida ao trono (1:1-53)
   - b. Recomendações de Davi (2:1-46)
   - c. Casamento e sabedoria (3:1-28)
   - d. Sua administração (4:1-34)
   - e. Suas atividades como construtor (5: 1 — 8:66)
   - f. Sua prosperidade e esplendor (9:1 — 10:29)
   - g. Sua apostasia (11.43)
2. Reinados comparativos de reis em Israel e em Judá (I Reis 12:1 — II Reis 17:41)
   - a. Reoboão-Josafá (I Reis 12 — 22)
   - b. Jeorão-Acaz (II Reis 8 — 16)
   - c. Ezequias-Amom (II Reis 18-21)
   - d. Josias-Zedequias (II Reis 22 — 25)
3. Reis de Judá, após a queda de Samaria, até a queda de Jerusalém (II Reis 18:1 — 25:26)
   - a. Ezequias (18:1 — 20:21)
   - b. Manassés (21:1-18)
   - c. Amom (21:19-26)
   - d. Josias (22:1 — 23:30)
   - e. Jeoacaz (23:31-35)
   - f. Joaquim (23:36 — 24:7)
   - g. Jeoaquim (24:7-17 e 25:27-30)
   - h. Zedequias (24:18 — 25:26)

Julgamentos de Valor e História. O autor sagrado não temia fazer julgamentos de valores. Mostrou-se sempre cônscio das operações de Deus entre os homens, bem como da responsabilidade dos homens diante de Deus. Os principais aspectos de sua mensagem são bons para qualquer época. Há um só Deus. Deus é severo e inflexível em relação ao pecado. Para o autor sagrado, devemos ter uma visão teísta de Deus, um Deus que galardoa e castiga. Deus é imanente em sua criação. Ver no Dicionário os artigos *Teísmo*, em contraste com o *Deísmo*. O pecado é uma questão séria, que resulta em desastre para a alma, conforme a história dos livros de Reis o demonstra. A comunidade dos homens é considerada responsável, e não apenas o indivíduo. Há misericórdia divina e restauração, porquanto Deus está esperando para acolher àqueles que se voltam para ele de todo o coração, de toda a alma (I Reis 8:48). O cativeiro foi revertido por meio do retorno.

As realizações religiosas dos reis parecem mais importantes para o autor sagrado, do que seus feitos políticos e militares. Dois desses reis, Onri e Jeroboão II, que obtiveram o maior sucesso econômico e político, merecem breves comentários apenas. Os historiadores seculares, porém, ter-se-iam demorado mais sobre esses dois. Mas o autor dos livros de Reis não se interessou muito por eles. A Acabe e seus filhos foram dedicadas várias páginas, não porque foram bons, como reis ou como homens, mas por causa de seus conflitos com Elias e Eliseu. E o autor sagrado anelava por contar essa história com pormenores. Reis como Josafá, Ezequias, e Josias recebem descrições entusiasmadas, porquanto lideraram movimentos de reforma religiosa.

Teologicamente falando, esses livros complementam a narrativa da história de Israel, sob a orientação divina, conforme vemos nos livros de Êxodo, Josué, Juízes e I e II Samuel. O autor sagrado deve ter sido um profeta-historiador, e o resultado de seus esforços foi uma história de forte cunho religioso.

XI. Gráficos dos Reis ver 16.9

Ao Leitor

Na Introdução a I-II Reis, forneço ao leitor informações sobre tópicos como autoria, formas antigas do livro, fontes de informação, data, proveniência, motivos e propósitos, cronologia, cânon, conteúdo e um gráfico dos reis. O leitor sério familiarizar-se-á com esses assuntos antes de começar o estudo desses livros.

Na Bíblia hebraica, I e II Reis formavam um único livro. Criei para eles uma introdução única, pois, de fato, formam uma unidade que não foi sabiamente dividida. A divisão dos livros de Reis começou na versão da Septuaginta, e esse modo de manusear o material foi adotado pelas traduções modernas. Naquela versão, I e II Samuel são chamados de I e II Reis, e I e II Reis são chamados de II e IV Reis.

Título. Esses dois livros são chamados de *Reis* porque registram e interpretam os atos e os reinados de todos os reis de Israel (o reino do norte) e de Judá (o reino do sul), exceto o reinado de Saul. Os *últimos dias* de Davi estão registrados em I Reis, ao passo que a maior parte de sua história aparece em I e II Samuel. O título *Reis* apareceu pela primeira vez na tradução latina de Jerônimo, que surgiu na cena pública cerca de seis séculos após a Septuaginta ter sido publicada.

Escopo. I e II Reis registram a história de Israel desde o começo do movimento para levar Salomão ao trono, até o fim do reinado de Zedequias, o último dos reis de Judá. Foi em seu tempo que ocorreu o cativeiro babilônico (cerca de 597 A. C.). O cativeiro assírio, que levou cativos do reino do norte para um país estrangeiro, aconteceu em cerca de 722 A. C. Um remanescente voltou de Judá para começar tudo de novo, mas o cativeiro assírio pôs fim absoluto ao reino do norte, excetuando aqueles que porventura se tinham mudado para o reino do sul. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Cativeiros; Cativeiro Assírio; Cativeiro Babilônico; Israel, Reino de; Reino de Judá* e *Rei, Realeza,* quanto a detalhes e gráficos sobre os reis.

Narrativas Paralelas. O autor sagrado dos dois livros de Reis apresentou relatos paralelos dos reis de Israel e de Judá, indo para Israel e depois para Judá, em uma ordem cronológica aproximada. Ele não apresentou primeiramente todos os reis de Israel, e então todos os reis de Judá. O autor sacro aplicou esse seu método com considerável habilidade.

"*II Reis* continua a história dos reinos até os cativeiros. Inclui a translação de Elias e o ministério de Eliseu. Durante esse período, Amós e Oséias profetizaram em *Israel;* e Obadias, Joel, Isaías, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias e Jeremias, em *Judá*... Os eventos registrados no livro (de acordo com Ussher) cobrem um período de cerca de trezentos e oito anos" (*Scofield Reference Bible,* na introdução ao livro).

"A queda, tanto de Israel quanto de Judá, é interpretada em termos do julgamento do Senhor" (*Oxford Annotated Bible,* introdução).

Citações no Novo Testamento:

Marcos:
16.9 (II Reis 2.11)

Lucas:
9.54 (II Reis 1.10)

Apocalipse:
6.10 (II Reis 9.7); 9.21 (II Reis 9.22); 11.5 (II Reis 1.10); 11.12 (II Reis 2.11); 19.2 (II Reis 9.7); 20.9 (II Reis 1.10)

Capítulo Um

Acazias de Israel (1.1-18)

"Estes versículos registram o reaparecimento de Elias, a morte de Acazias e a subida de Jeorão ao trono de Israel" (*Oxford Annotated Bible*, vs. 1).

II Reis 3.4-27 apresenta uma narrativa mais completa da tentativa malsucedida de Jeorão de reconquistar Moabe. Cf. I Reis 22.1-37. A chamada pedra Moabita nos dá o próprio relato do rei Mesa sobre a revolta. Moabe revoltou-se contra Israel (que mantinha um país em vassalagem), nos dias de Onri, pai de Acabe.

Capítulos 1 a 17. "Esta seção de II Reis continua a história de Israel e Judá, iniciada no capítulo 12 de I Reis. Termina com o cativeiro assírio do reino do norte, Israel, em cerca de 722 A. C." (Thomas L. Constable, *in loc.*).

1.1

Depois da morte de Acabe, revoltou-se Moabe. *Moabe tinha sido um vassalo de Israel.* Mas no tempo do rei moabita, Mesa, Moabe rebelou-se contra o reino do norte, depois da morte de Acabe. Portanto, foi a morte de Acabe que *encorajou* Moabe à rebeldia. Acabe foi um homem bom e forte, exceto em sua espiritualidade, pois era um idólatra corrupto. Militarmente, porém, ele sempre conseguiu vencer, mesmo contra adversários muito superiores. O trecho de I Reis 16.29-22.40 conta-nos a história desse rei de Israel. Não era sábio tentar nenhum movimento de libertação mais importante enquanto ele vivesse. Mas sua morte apresentou tempos melhores para a revolta. As tentativas de Moabe não obtiveram sucesso inicialmente, mas afinal as coisas melhoraram para os moabitas. Esta passagem cf. I Reis 16.21-24. Davi é quem tinha reduzido pela primeira vez Moabe à vassalagem (ver II Samuel 8.2; 23.20). Ver o artigo detalhado existente no *Dicionário* intitulado *Moabe.*

1.2

E caiu Acazias. A narrativa do breve dia e do governo desse rei de Israel teve início em I Reis 22.52-53. I e II Reis, na Bíblia hebraica, formavam um único livro e, realmente, não havia nenhuma interrupção entre os dois livros. Portanto, aqui a história desse homem, que era filho de Acabe e Jezabel, continua. Ver sobre ele no *Dicionário.*

"Acazias estava amaldiçoado por maus pais. Ele foi criado na casa da crueldade e da irreligiosidade. Acabe e Jezabel eram seus pais! Como podia um filho de tal casal fazer outra coisa senão ter um mau fim? Acazias andou pelo caminho de seu pai, e pelas veredas de sua mãe (I Reis 22.53). Ruskin observou que a história de uma nação não se escreve por suas guerras, e, sim, por seus lares" (Raymond Calking, *in loc.*).

Na verdade, lares onde dominam a ganância, a luxúria, o materialismo, as indulgências exageradas e a sensualidade são lugares apropriados para a criação de crianças perturbadas, pelo menos do ponto de vista espiritual. Apesar de não haver garantias — bons pais, às vezes, produzem filhos maus — um bom lar oferece a melhor esperança para que os filhos obtenham a virtude.

A Queda de Acazias. Os *cenáculos* (no hebraico, *'aliyyah*) normalmente eram uma câmara sobre o teto de uma casa, construída sobre um portão da cidade (II Samuel 18.33), no canto de um telhado de casa (Neemias 3.31). Usualmente dispunham de uma escadaria para acesso. O cenáculo de Acazias era rodeado por alguma espécie de cerca. Ao que tudo indica, Acazias chegou perto demais; a cerca partiu-se e ele desabou. A queda não o matou instantaneamente, mas o feriu de tal modo que ele nunca mais se recuperou. Josefo (*Antiq.* IX. 2.1), entretanto, conjecturou que ele caiu quando começava a descer pela escadaria. Ou então havia uma grade protetora em uma larga janela aberta, que deixava entrar ar para ventilação. Acazias apoiou-se nessa grade, ela cedeu, e ele caiu.

Buscando Ajuda Divina. A queda afetou muito a saúde de Acazias. Talvez tenha havido infecções e hemorragias internas. Assim sendo, ele buscou ajuda em altar ou santuário do deus pagão Baal-Zebube, uma das divindades do panteão de Ecrom. Esse culto não era para alguma obscura divindade local, conforme alguns têm pensado, mas antes, uma manifestação local do baalismo. (Ver sobre *Baal, Baalismo,* no *Dicionário.* E ver também o artigo geral chamado *Idolatria.*) No altar ou santuário (ou talvez até templo) haveria sacerdotes capazes de receber *oráculos.* Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Oráculos* e *Adivinhações.*

Baal significa "senhor", e *Baal-Zebube* quer dizer "senhor das moscas", com referência a seu alegado poder de livrar as pessoas das pragas de moscas. Entretanto, a maneira original de grafar a palavra era *Baal-Zebul,* que significa "senhor exaltado". Entre seus muitos poderes estava, alegadamente, o seu poder de curar, sendo essa a razão pela qual ele foi consultado, em lugar de qualquer outro deus. Quanto a detalhes sobre essas questões, que não repito aqui, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Baal (Baalismo).*

Ecrom. Ver sobre esse nome no *Dicionário.* A maioria das cidades antigas era centro de culto idolátrico.

1.3

O anjo do Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anjos.* Algumas vezes eles eram agentes de comunicação da vontade divina, dando mensagens específicas de orientação. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Cf. I Reis 19.5-9. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* Nossa vida espiritual deve transcender os caminhos deste mundo. Nossa mente deve estar sintonizada com o Ser divino, o que não é fácil neste mundo caracterizado pela maldade, pelo materialismo, pelos cultos falsos e por uma psiquiatria puramente secular. Também existem ciências pseudopsíquicas, que prometem mais do que dão.

Elias, tesbita. Este homem estava de volta. Isso constituía más notícias para qualquer membro da família de Acabe. A queda completa e a destruição da dinastia de Acabe haviam sido profetizadas. Ver I Reis 21.21,22,29. Elias tinha sido o agente dessas profecias, e agora Acazias tinha a má sorte de entrar em contato direto com esse temido profeta de Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Elias.*

O anjo do Senhor falara a Elias, instruindo-o a interceptar os mensageiros de Acazias, que estavam a caminho para consultar Baal-Zebube (vs. 2). Uma dura mensagem de repreensão deveria ser dita. Havia o Deus verdadeiro em Israel para ser consultado, *Yahweh-Elohim,* o Deus Eterno e Todo-poderoso. Mas Acazias insistia em sua idolatria até em momentos de agonia e de morte provável. Ele seguia os maus caminhos exemplificados por seus pais, Acabe e Jezabel (ver I Reis 22.52).

Acazias, sem dúvida, sabia que Elias sempre trouxera uma mensagem triste para seu pai (ver I Reis 22.17,18). Ele queria ouvir falar em esperança, e não em desespero; e Elias não era um bom profeta para dar-lhe esse tipo de palavra.

Deus de Israel, "... todos os povos andam, cada um em nome do seu deus; mas, quanto a nós, andaremos no nome do Senhor nosso Deus para todo o sempre" (Miquéias 4.5).

1.4

O Oráculo Espontâneo. Acazias tinha mandado seus mensageiros obter uma mensagem de um oráculo pagão. Mas, antes que os mensageiros pudessem chegar a Ecrom (vs. 3), um *oráculo verdadeiro* lhes foi dado, o que constituiu uma surpresa. *Yahweh* foi a fonte originária da amarga mensagem. Acazias estava então em seu leito de morte. Nenhuma recuperação era possível. Ver os vss. 16 e 17 quanto ao cumprimento dessa mensagem aterrorizante.

A Razão. Talvez Acazias sobrevivesse aos efeitos de sua queda, *se* tivesse se voltado para Yahweh e Seu profeta. Mas a decisão do monarca de buscar ajuda em seu culto idólatra anulou qualquer oportunidade de misericórdia da parte de Deus.

Da cama, a que subiste, não descerás. As pessoas literalmente subiam e desciam da cama, porque no Oriente as camas eram geralmente elevadas e havia degraus ou escadas que davam acesso a elas (*Adrichom. Theatrum Ter. Sacnt.* fol. 6.1). Além disso, a cama de Acazias estava no cenáculo, e isso também pode explicar essa expressão sobre subir e descer.

1.5

Os mensageiros voltaram para o rei. Enquanto Elias voltava para casa, os mensageiros interromperam sua jornada para Ecrom, e retornaram a Samaria. Eles já tinham recebido o seu oráculo. Por conseguinte, por que continuariam viagem? Quando um profeta verdadeiro nos fala, nós o sabemos. Ademais, talvez tenham pensado que poderiam compartilhar a sorte triste de Acazias, *se* insistissem em consultar o oráculo que Elias havia condenado. Coisa alguma poderia tê-los convencido a prosseguir viagem para Ecrom.

"Embora Elias fosse desconhecido pessoalmente dos enviados, uma interposição tão ameaçadora certamente seria considerada uma advertência divina, que não poderia ser ignorada" (Ellicott, *in loc.*).

1.6

Este versículo repete, pacientemente, todos os detalhes que já tínhamos visto nos versículos terceiro a quinto, uma longa explicação, dada ao rei, de *por que* os mensageiros tinham retornado tão rápida e inesperadamente. Os men-

ros tinham de obedecer ao mandato real; eles precisavam ir; mas uma força superior havia feito intervenção, através do profeta de Yahweh. Por conseguinte, eles tiveram de obedecer à ordem divina e voltar, esperando que Acazias não ordenasse a execução deles por terem falhado em cumprir a sua ordem.

1.7,8

Identificando o Profeta que Predissera a Condenação. Acazias precisava saber quem tivera a audácia de mandar de volta os mensageiros reais. E Acazias logo compreendeu, devido à descrição da figura do profeta, que se tratava do temido Elias. Ele era um homem "vestido de pêlos", isto é, uma capa feita de couro de bodes, com os pêlos voltados para o lado de fora. A *King James Version* faz Elias ser "um homem peludo", presumivelmente dando a entender seus próprios pêlos corporais; mas não é esse o sentido das palavras. Além disso, ele usava um "cinto de couro". Pano tecido de pêlos era um tecido áspero, e era chamado "pano de saco" (ver a respeito no *Dicionário*). Tais vestes eram usadas em tempos de arrependimento e tristeza. Ver II Reis 6.30; Gênesis 37.34; II Samuel 3.31. Talvez o texto queira dizer que as roupas de Elias eram feitas de pêlos de cabra, e não de um couro de cabra com os pêlos voltados para o lado de fora. Seja como for, ficou óbvio para Acazias que ele estava tratando com Elias, o "inimigo" de seu pai, que nunca lhe dissera uma palavra boa (ver I Reis 22.17,18). O pano de saco deste versículo cf. o caso de João Batista, em Mateus 3.4. João Batista também usava roupas feitas de pêlos de camelos. Ver ainda Hebreus 11.37.

1.9

Um capitão de cinqüenta com seus cinqüenta soldados. Um pequeno destacamento foi enviado pelo rei, sob as ordens de um capitão. A tarefa deles era alcançar Elias no caminho e pedir-lhe que fosse a Samaria visitar o rei. É de presumir-se que o pobre capitão tentasse fazer o profeta dar-lhe uma mensagem mais otimista. O rei não estava preparado ainda para morrer. Ainda era um homem jovem. Era rei. Tinha muitas coisas pelas quais deveria viver, planos a cumprir, cidades a fortificar, guerras a combater.

Logo o grupo de soldados encontrou Elias, em alguma colina não identificada. Eles chamaram Elias de "homem de Deus", e pediram que voltasse com eles, a fim de entregar pessoalmente a mensagem ao rei.

O *rei* tinha baixado uma ordem. Elias teria de cumprir. Caso contrário, teriam de levá-lo ao rei *à força*. Mas a ameaça deles, apesar de velada, logo foi respondida com fogo descido do céu. É possível (embora não seja provável) que o verdadeiro intuito de Acazias fosse mandar executar o perturbador profeta Elias. Mais provavelmente, ele esperava conseguir uma cura espiritual por meio dos poderes de Elias. Elias estava compreensivelmente temeroso do rei (vs. 15). Mas o homem lá em Samaria, com seu corpo alquebrado e enfermo, não queria fazer mal ao profeta. Estava apenas procurando ajuda.

1.10

O Fogo Divino e Destruidor. O homem de Deus demonstrou seus poderes e imediatamente fez descer fogo do céu sobre o grupo de cinqüenta soldados, e destruiu todos. Essa foi a segunda vez que Elias tinha usado o fogo. A primeira vez ocorreu no monte Carmelo, quando ele contestara os sacerdotes de Baal (ver I Reis 18.38). Os críticos, naturalmente, vêem embelezamentos diversos nessa descrição, adicionados por algum editor posterior, ou o próprio autor original tivesse apelado para fantasias. Mas onde estiver o poder divino, coisas surpreendentes podem acontecer.

"Esta seção tem afinidades maiores com as histórias sobre Eliseu (cf. II Reis 2.23-25) onde a moral de *reverência* pelo profeta é instilada da forma mais crua, às vezes, às expensas de idéias ordinárias de justiça e humanidade" (Norman H. Snaith, *in loc.*). É significativo, seja como for, que Jesus tenha rejeitado tais julgamentos de incrédulos como indignos do ofício dos apóstolos (ver Lucas 9.54-56): "Vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir? Jesus, porém, voltando-se os repreendeu [e disse: Vós não sabeis de que espírito sois]. [Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.] E seguiram para outra aldeia".

O Novo Testamento, verdadeiramente, é diferente.

Não somos informados sobre como a história da matança dos cinqüenta soldados chegou ao conhecimento do rei. Talvez tenha havido algum sobrevivente, ou a cena foi testemunhada por alguma outra pessoa.

Explicação Natural. Um raio fortuito apenas caiu acidentalmente quando o profeta falava com aqueles soldados! Mas dificilmente é isso que o autor sagrado queria que entendêssemos de seu relato.

Problemas Morais. Conforme ficou entendido anteriormente, alguns levantam perguntas sobre a moralidade do que aconteceu. Contra essa opinião, alguns têm sugerido as seguintes razões:

1. O ímpio Acazias tinha de ser tratado severamente, pois ele havia continuado com os absurdos de seu pai, Acabe, e de sua mãe, Jezabel.
2. Aqueles ímpios soldados estavam planejando executar Elias. Assim, receberam o que mereciam.
3. *Yahweh* foi a verdadeira fonte do fogo, e não Elias, portanto a vontade de Deus se cumpriu. Isso, naturalmente, reflete o *voluntarismo,* o que expliquei na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* A essência do voluntarismo é que "poder é direito", independentemente do que pensemos sobre questões morais. Os críticos respondem que aquilo que *os homens dizem* que Deus faz, e aquilo que Ele realmente faz são duas coisas diferentes.
4. O fogo não foi enviado para agradar Elias e para satisfazer algum capricho dele. Foram chamas de julgamento divino.
5. Elias havia sido investido da autoridade divina e não hesitou em usá-la. O argumento fica com Deus. Os críticos, entretanto, dizem que o argumento está com o que *os homens dizem a respeito de Deus.*
6. Yahweh tinha de proteger o Seu profeta de homens ímpios e desarrazoados, e Deus escolheu *aquele método* para cuidar deles.
7. No tocante à história do Novo Testamento, em Lucas 9.54-56, podemos dizer que os dois casos (o de Elias e o de Jesus) foram diferentes. Era tarefa de Elias tentar acabar com a idolatria em Israel, mesmo com o emprego da violência entre os seus métodos. Jesus, por outra parte, era o Salvador dos homens. O julgamento de homens ímpios e desarrazoados seria deixado para uma ocasião *posterior.* Os críticos, entretanto, respondem que explicar as coisas dessa maneira é perder de vista o intuito das palavras de Jesus. As palavras misericordiosas de Jesus visam a alertar-nos para o fato de que o Novo Testamento, na realidade, trouxe um *Novo Dia,* uma mudança radical, misericórdia, amor e salvação. Jesus foi um tipo de profeta maior e diferente de Elias. Isso é exatamente o que esperaríamos ser demonstrado na revelação superior do Novo Testamento.

1.11,12

Estes dois versículos são repetições dos versículos nono e décimo, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Nesta *segunda vez,* os cinqüenta soldados enviados com seu capitão, a fim de tentar persuadir o homem de Deus a vir a Samaria para falar com o rei, também foram mortos com fogo descido do céu. Quanto aos *problemas morais* do acontecido, ver as notas expositivas sobre o versículo 10 deste capítulo.

1.13

Outro (o terceiro) grupo de cinqüenta soldados, com seu capitão, foi enviado com idêntico propósito dos dois primeiros grupos, conforme foi anotado nos versículos nono e décimo. Mas esse terceiro grupo fez um apaixonado apelo pela vida deles, humilhando-se perante o profeta, pedindo para não serem consumidos por aquele terrível fogo que descia do céu. Eles salientaram que a vida humana é *preciosa,* e solicitaram que a vida deles fosse considerada dessa maneira pelo homem de Deus. Essa consideração salvou o terceiro grupo de cinqüenta soldados.

Pôs-se de joelhos diante de Elias. De fato, algumas vezes é mais vantajoso para o indivíduo ser humilde, especialmente quando sua vida depende disso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Humildade.*

> *A verdadeira humildade —*
> *A mais nobre das virtudes, mãe delas todas.*
>
> (Tennyson)

> *A humildade é o alicerce de todas as virtudes,*
> *e aquele que desce mais fundo*
> *provê para a maior segurança.*
>
> (Philip J. Bailey)

1.14,15

Lembrando. Fogo descido do céu havia consumido os dois primeiros grupos de cinqüenta soldados, com seus capitães. Assim, o capitão do terceiro grupo pediu misericórdia, para que a vida dos homens fosse considerada preciosa aos olhos de Elias. O anjo do Senhor interveio, a fim de que não houvesse mais matanças. Elias tinha tido *medo,* conforme o versículo 15 nos diz; mas o anjo do Senhor havia retirado toda a ansiedade dele. Não era seu destino sofrer às mãos de Acazias. Além disso, o rei era apenas uma pessoa enferma e alquebrada. Sua

intenção não era fazer mal ao profeta. Ele não tinha ambições no momento, além de receber a cura divina.

Quanto ao *ministério dos anjos*, na comunicação de mensagens divinas, ver as notas sobre o versículo 3 deste capítulo, onde o tema é desenvolvido. Essa foi a sexta vez que Elias recebeu ordens para ir a algum lugar, a fim de cumprir alguma missão específica. Ver também I Reis 17.3,9; 18.1; 21.18; II Reis 1.3.

Elias haveria de cumprir a sua missão. Ele nada tinha para temer; nem tinha coisa alguma para lamentar-se. Este episódio reveste-se de importantes lições morais que não podemos negligenciar. Elias era a encarnação da consciência moral que se levantava contra os males do seu tempo. Coisa alguma pode resistir, finalmente, à verdade incorporada na vontade de Deus.

1.16

Assim diz o Senhor. *A reprimenda do profeta.* Uma vez na presença do rei, Elias imediatamente o repreendeu, por causa de sua idolatria, em face da qual ele desprezara Yahweh, o verdadeiro Deus. Este versículo repete o que já tínhamos visto nos versículos 3 e 4 deste capítulo, onde as notas expositivas também se aplicam aqui. Acazias tinha esperado alguma medida de misericórdia, mas era seu destino, que ele mesmo havia *cultivado,* não se recuperar da queda e de suas complicações.

1.17

Assim, pois, morreu. Algumas vezes, a morte é a única coisa que pode solucionar certos problemas. Acazias foi libertado de suas agonias, e foi a responsabilidade do Logos cuidar da alma dele, e penso que Ele o fez, em algum lugar, em algum tempo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mortos, Estado dos,* onde esse problema é examinado. Há uma provisão salvatícia até para os "mortos ímpios" (ver I Pedro 4.6).

Jorão, seu irmão. Note o leitor que o texto não traz o comum "seu filho". De fato, Jorão, irmão de Acazias, subiu ao trono porque não havia outro herdeiro. A Septuaginta e a versão siríaca é que trazem as palavras "seu irmão". Foi por pura coincidência que Jorão, irmão de trazem as, reinou paralelamente a *Jeorão,* filho de Josafá, rei de Judá. Foi assim que, durante algum tempo, o rei de Israel e o rei de Judá tiveram nomes muito parecidos. Ver II Reis 3.1 quanto ao fato de que Jorão de Israel era filho de Acabe, e não de Acazias e, portanto, irmão deste último.

Relatos Paralelos. Foi plano do autor sagrado apresentar narrativas paralelas dos reis de Israel e de Judá, conforme uma ordem cronológica aproximada. Quanto a esse método de apresentação, ver I Reis 16.29 e suas notas expositivas.

Esse Jorão começou a reinar no segundo ano do governo de Jeorão, rei de Judá. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Israel, Reino de; Reino de Judá* e *Rei, Realeza.* Esses artigos alistam os reis de Israel e de Judá e também cont'êm gráficos para efeitos de comparação. O Jorão deste texto reinou por volta de 854 a 843 A. C., ou seja, por cerca de doze anos. Jorão era homem mau e corrupto. Muito espaço é devotado a contar a sua história, visto que envolveu o ministério de Eliseu, que é narrado longamente. Ver o artigo sobre esse rei no *Dicionário,* quanto a detalhes. O Jeorão de Judá, por sua vez, foi co-regente com seu pai, Josafá, por algum tempo, até que, finalmente, reinou sozinho em lugar dele.

A *Septuaginta* (em alguns manuscritos) fala no décimo oitavo ano de Jeorão de Judá, em lugar do segundo ano. É possível, pois, que o texto hebraico, neste ponto, esteja corrompido, ou então que diferentes fontes informativas tenham sido seguidas, dando margem a essa discrepância. Mas note o leitor que foi no décimo oitavo ano de *Josafá* (II Reis 3.1), que Jorão, de Israel, começou a reinar, e também no segundo ano do reinado de *Jeorão.* Josafá e Jeorão foram co-regentes por alguns anos. E isso pode explicar adequadamente a discrepância. Teríamos apenas de substituir *Josafá* em lugar de *Jeorão,* no presente texto, na Septuaginta, para conseguir a solução possível do problema cronológico. Mas não há nenhuma solução mais fácil para o problema, e nem ela é necessária.

1.18

Quanto aos demais atos de Acazias. Encontramos aqui a nota de fim de vida, de algum rei de Israel ou de Judá, que o autor sacro empregou constantemente. Quanto a essa maneira de terminar os relatos da vida dos reis, ver as notas em I Reis 14.19. Não há nota de obituário desse rei, como "dormiu com seus pais". Essa declaração é comentada em I Reis 1.21 e 16.28.

Capítulo Dois

Eliseu Sucede a Elias (2.1-18)

O próprio grande profeta Elias, finalmente, precisou abandonar o palco das realizações. Por conseguinte, foi mister que um outro profeta verdadeiro tomasse o seu lugar, demonstrando os mesmos poderes que seu mestre. Israel era uma nação plena de profetas e videntes, mas a maioria deles não se qualificava como homens de Deus. Yahweh, porém, não ficaria sem uma testemunha, embora pouco tivesse sido realizado para levar Israel a ser restaurado ao *yahwismo.* A usual síndrome do pecado-calamidade continuou, arrebatando mais e mais vítimas, que não conseguiam desvencilhar-se da teia da depravação de Israel, nação do norte.

Elias Havia Terminado a Sua Missão. Eliseu insistiu em acompanhá-lo a Gilgal. Por nada menos de três vezes (em Gilgal, Betei e Jericó), Elias disse a Eliseu que ficasse para trás, mas de cada vez ele insistiu em acompanhar o homem mais velho. Elias agora estava prestes a ser arrebatado. Eliseu foi informado do que iria acontecer, e podemos estar seguros de que Eliseu queria estar no local, a fim de testificar esse evento estupendo. Eliseu, pois, apegou-se ao mestre, até que, de repente, de forma miraculosa, Elias foi removido deste mundo. Naquele momento, os poderes de Elias desceram sobre Eliseu, e até os profetas locais reconheceram que o homem mais novo era o legítimo sucessor de Elias.

Literatura. Os críticos e os eruditos classificam este segundo capítulo do segundo livro de Reis como um dos mais nobres capítulos da Bíblia. Este capítulo (além de ser uma literatura superior, com uma história notadamente bem narrada) ensina elevadas lições espirituais.

Tipologia. A translação de Elias é um tipo daquilo que se espera para toda a Igreja (ver I Tessalonicenses 4.13 ss.; I Coríntios 15.51 ss.). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Parousia* e *Segunda Vinda,* ponto oitavo. Ver também o artigo sobre o profeta, *Arrebatamento de Elias,* ponto quinto. Quanto a um arrebatamento moderno documentado de forma convincente, ver (também na *Enciclopédia*), o artigo *Arrebatamento de Analee Skarin,* no artigo chamado *Eliseu,* em seu sexto parágrafo.

2.1

Elias partiu de Gilgal. Ver a respeito desse local, no *Dicionário,* em seu segundo ponto.

Por um redemoinho. As experiências místicas são usualmente inefáveis. Portanto, termos literais e físicos são usados para falar sobre os eventos espirituais. Esses modos de expressão são, naturalmente, muito inexatos e com freqüência enganadores. Algo "como um redemoinho", haveria de arrebatar o profeta de súbito, mas estamos falando sobre um acontecimento espiritual desconhecido que é impossível de descrever com quaisquer termos precisos. É um erro reduzir tais eventos a meros acontecimentos físicos, conforme fazem alguns intérpretes literalistas da Bíblia. Há boas evidências em acreditarmos que Analee Skarin sofreu um moderno arrebatamento. Ver a introdução ao presente capítulo quanto a informações sobre onde se pode ler a história dela. Conheci um missionário evangélico que supunha que, se um homem pudesse atingir tamanho grau de espiritualidade, ele não morreria, mas seria (pessoalmente) arrebatado, escapando assim à morte física. Essa é a doutrina que Analee Skarin ensinava. Talvez algo como isso exista realmente, e talvez não. Se tal possibilidade existe para alguns, então podemos afirmar, mediante a observação, que poucos, de fato, têm atingido esse tipo de espiritualidade.

Eliseu acompanhou fielmente Elias naquele dia, que seria seu último dia na terra. Então o evento estupendo teve lugar. Para todo acontecimento há um tempo apropriado. O dia em que o ministério de Elias *terminou* foi o dia em que *começou* o ministério de Eliseu.

Yahweh foi o planejador e a causa do evento. Portanto, nosso destino está em Suas mãos.

Redemoinho. A palavra hebraica aqui usada refere-se a um grande vendaval, com freqüência associado, nas Escrituras, à vinda de Deus e Seus atos especiais, como aqueles de ira e de manifestação de Sua presença. Somente no Salmo 107.25 essa palavra hebraica é usada para indicar uma tempestade ordinária. Cf. Isaías 29.6; 40.24; Ezequiel 13.11; Zacarias 9.14. A tradução que aparece na Vulgata Latina, *turbo,* deu origem à tradução "redemoinho" em traduções posteriores. Mas devemos entender algum grande e dominador vendaval *divino,* algo parecido com um vendaval, mas também divino. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo.*

2.2

Fica-te aqui. O *arrebatamento* não ocorreria em Gilgal. Elias foi enviado a *Betel.* A Gilgal associada com Elias e Eliseu não era a mesma da Galiléia ou da fronteira de Judá. Ver no *Dicionário* sobre *Gilgal,* ponto *b.* O local é desconhecido, mas existem opiniões plausíveis. Talvez ficasse a seis quilômetros de Betel, conforme alguns supõem. Eliseu recebeu ordens de "ficar", por parte de Elias, mas ele recusou-se a isso. A ordem era idéia de Elias, e não de Yahweh, de forma que Eliseu pôde ignorá-la com segurança. Eliseu sabia que o evento estupendo estava prestes a acontecer, e ele não o perderia por coisa alguma deste mundo. Talvez a ordem de Elias tenha sido inspirada por sua *incerteza* se Eliseu deveria

testemunhar ou não o evento extraordinário. Eliseu, por sua vez, não haveria de permitir que a incerteza de Elias o detivesse.

Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma... Temos aqui um solene juramento alicerçado no Ser eterno de Yahweh, cujo nome significa "o Eterno". A vida do profeta Elias também era preciosa e estava segura. Sobre esses fatores, Eliseu fez o juramento de que não deixaria o seu senhor por nenhuma razão. Cf. I Samuel 20.3 e II Reis 4.30.

2.3

Sabes que o Senhor hoje tomará o teu senhor... ? É significativo que as "notícias se tivessem propagado". Os profetas associados com Betei sabiam que Elias estava prestes a ser arrebatado. A história pode ter-se espalhado até eles, proveniente de outra fonte, ou talvez eles tivessem recebido a notícia diretamente em suas próprias profecias. Seja como for, eles *sabiam.*

Eliseu assegurou aos discípulos dos profetas que ele já sabia o que aconteceria. e ordenou-lhes que *não falassem* sobre a questão. Verdadeiramente, seria um acontecimento maravilhoso, mas também o separaria de seu senhor, o que seria motivo de intensa tristeza. O valor humano é renovado em outras esferas, pelo que jamais se perde. Mas a morte remove uma pessoa de nosso meio, portanto não mais podemos falar com ela. E nisso há tristeza. A translação de Elias não seria causada pela morte, mas quanto a esse *aspecto* agiria como se o fosse.

Devoção. Uma lição que esta história nos ensina é a devoção a outros. A verdadeira amizade é algo valioso e raro.

> *Um amigo durante uma vida inteira já é muito.*
> *Dois amigos já é demais.*
> *Três amigos é quase impossível.*
> *As amizades precisam contar com certo*
> *paralelismo de vida, comunidade de pensamentos*
> e rivalidade de propósitos.
>
> (Henry Adams)

> *As amizades multiplicam as alegrias*
> *e dividem as tristezas.*
>
> (Henry G. Bohn)

> *A única maneira para termos*
> *um amigo é sendo um amigo.*
>
> (Ralph Waldo Emerson)

Escolas dos Profetas. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.*

2.4

Fica-te aqui. *Outro adiamento no arrebatamento.* Elias já estivera em Gilgal. Dali, fora enviado a Betei. Em seguida, Yahweh falou com ele e o enviou a Jericó. Novamente Elias ordenou que Eliseu ficasse em Betei. Mas Eliseu, uma vez mais, recusou-se a fazer isso, conforme anotei no segundo versículo deste capítulo. Portanto, lá se foram eles para Jericó. Esta ficava a pouco mais de seis quilômetros de Betei, portanto a jornada não foi muito longa.

Quanto ao *juramento* de Eliseu, sobre a vida de Yahweh e de Elias, ver o último parágrafo da exposição sobre o segundo versículo. Haveria um grande propósito para Eliseu estar ali. Ele sabia disso em seu coração, e não permitiria que as "ordens" de Elias perturbassem a sua mente.

2.5

Os discípulos dos profetas que estavam em Jericó. Em Jericó havia mais profetas, que também falaram com Eliseu sobre o vindouro arrebatamento de Elias. E lhe perguntaram se ele sabia disso. Eliseu replicou que sabia, e também ordenou que eles se calassem sobre o assunto. Este é virtualmente igual ao terceiro versículo, exceto pelo fato de que o local mudara de Betel para Jericó. Ver as notas ali, que também se aplicam aqui.

"Embora Jericó tivesse sido reconstruída recentemente, a despeito da maldição lançada contra seu reconstrutor, contudo, era um lugar abençoado por uma escola de profetas" (John Gill, *in loc.,* referindo-se à antiga maldição de Josué sobre o lugar, em Josué 6.26). Nos dias do rei Acabe, Hiel tentou reconstruir a cidade. Por causa disso, ele perdeu dois filhos, e isso foi interpretado como conseqüência da maldição de Josué. (Ver I Reis 16.34.) Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escolas dos Profetas.*

2.6

Fica-te aqui. *As margens do rio Jordão.* Pela terceira vez, Elias pediu que Eliseu deixasse de segui-lo. Em Gilgal, em Betei e agora em Jericó, Elias deu essa ordem para que Eliseu ficasse, mas sempre Eliseu se recusou a fazê-lo. Era importante continuar. Eliseu já possuía discernimento profético suficiente para saber que estava envolvido em um acontecimento verdadeiramente importante, e não queria perdê-lo. E assim continuaram a caminhada os dois profetas, e foram até as margens do rio Jordão. Pouco depois de atravessarem aquele rio, o grande evento ocorreria. Não somente Eliseu, mas também as várias escolas de profetas tinham *consciência* do que estava prestes a acontecer. Os grandes eventos projetam suas sombras adiante deles, e algumas pessoas têm a capacidade de ler esses eventos através das sombras que eles lançam.

2.7

Foram cinqüenta homens dos discípulos dos profetas. Cinqüenta homens dos discípulos dos profetas pararam a distância, antecipando o que estaria prestes a acontecer e observando cuidadosamente, de modo a não perder nenhum episódio. Entrementes, os dois profetas maiores puseram-se à beira do rio. Grande antecipação pairava no ar. Era conforme diz uma canção: "Em um dia claro, pode-se ver para sempre".

2.8

Então Elias tomou o seu manto. Surgia agora o pequeno problema de como atravessar o rio Jordão, porque o arrebatamento deveria ocorrer no lado *oposto* do rio. Elias, que sempre vivera no Espírito, de maneira espetacular, resolveu o pequeno problema pelo milagre de fazer parar o fluxo do rio. Ele bateu nas águas com seu manto, e as águas se separaram. E assim ambos os profetas foram capazes de atravessar o rio a pé enxuto. O *manto peludo* de Elias parecia dotado de poder. Eliseu em breve teria a posse daquele manto miraculoso (vs. 13), e dali por diante o poder de Elias haveria de repousar sobre ele em dupla porção (vs. 9). Eliseu, ao experimentar o manto, obteve o mesmo resultado (vs. 14). O poder de Yahweh estava *naquele* objeto. O manto não tinha nenhum poder por si mesmo. Mas era um item poderoso que pertencia ao ofício profético, e o autor sagrado esperava que soubéssemos que esse objeto físico havia sido dotado de poder divino. Cf. o poder da *vara* de Moisés, ver Êxodo 14.16,21,22 e Josué 4.22 ss.

2.9

Pede-me o que queres que eu te faça. Eliseu tinha sido fiel seguidor, e agora era a sua estrela que se estava elevando. Elias logo seria soerguido para as alturas superiores. O homem mais novo tinha ganho o direito de receber alguma grande bênção, e Elias havia dito que daria qualquer coisa que ele quisesse. Em sua sabedoria, como Salomão, ele não pediria coisas mundanas. Queria aquele poder miraculoso. De fato, ele queria uma *porção dupla* do poder miraculoso de Elias. É um *fato curioso* que o número de milagres que Eliseu, finalmente, realizou foi mais ou menos o *dobro* daqueles realizados por Elias. Ver o gráfico que acompanha o presente texto para ilustrar esse fato.

Alguns estudiosos, não sendo capazes de acreditar que Eliseu fana tão fabuloso pedido, supõem que a dupla porção do Espírito teria sido dada em comparação com a de outros profetas, e não em comparação com a de Elias. Mas o texto sagrado é contra essa suposição. Não seria difícil (vs. 10) que esse fosse o sentido do que está aqui entendido. Antes, Eliseu era um filho espiritual primogênito de seu pai espiritual (Elias), e sua herança não seria meramente o dobro da dos profetas menores. Bem pelo contrário, de alguma maneira, ele ultrapassaria o homem de mais idade. Ver Deuteronômio 21.17, quanto à porção dupla dos filhos primogênitos.

Pede-me o que queres. Pensava-se, entre os hebreus, que um pai moribundo teria poder e autoridade em suas palavras finais. Sua bênção era muito procurada. Quaisquer profecias que ele pronunciasse em seu leito de morte eram seguríssimas. Ver Gênesis 27.4 e suas notas expositivas quanto a isso. Elias não estava morrendo, mas sendo *retirado* da cena terrestre, um tipo de equivalência.

"Eliseu queria bênçãos espirituais, e não materiais. Ele não estava pedindo para ser duplamente popular em relação a Elias... Ele estava pedindo para ser seu sucessor... para ter o privilégio de levar avante o ministério de Elias, sob Deus" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

> *Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e*
> *todas estas cousas vos serão acrescentadas.*
>
> (Mateus 6.33).

2.10

Se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará. *A condição.* A fim de que a dupla porção do Espírito fosse concedida a Eliseu, ele teria de ser

testemunha ocular do arrebatamento de Elias. Ele teria de estar presente. Ver o poema ilustrativo nas notas sobre o vs. 14. Então ele receberia o manto miraculoso, e seu pedido lhe seria proporcionado... Cf. o fato de que, no Novo Testamento, os *apóstolos* de Jesus tinham de ser testemunhas oculares de Seus milagres e de Sua vida (Atos 1.21,22). Entrementes, Eliseu precisava "ter olhos" para ver o arrebatamento de Elias. Nem todos os homens, mesmo que estivessem presentes, teriam tal visão espiritual (ver II Reis 6.17). Seria uma experiência mística da mais elevada ordem, e não um acontecimento físico. Ver o último parágrafo das notas expositivas sobre o primeiro versículo deste capítulo, e ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Misticismo* e *Visão (Visões)*. Cf. o arrebatamento da Igreja. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Parousia* e *Segunda Vinda*, em seu oitavo ponto. Ver também no *Dicionário* o verbete *Arrebatamento de Elias*, especialmente a sua quinta seção.

Coisas Difíceis. O recebimento da dupla porção do Espírito não estava sujeito ao poder e à autoridade de Elias conceder. *Yahweh* seria o agente ativo nessa concessão. Não obstante, o profeta de mais idade teria o poder de pedir tal coisa, a qual, sem dúvida, seria concedida a Eliseu. O milagre, portanto, não viria *de* Elias, mas fluiria *através* dele.

2.11

Um carro de fogo, com cavalos de fogo. Alguma manifestação grandiosa, acompanhada por um carro e por cavalos *de fogo*, foi o aspecto visível do acontecimento. Não devemos pensar em termos de um redemoinho literal, e nem em termos de cavalos e de um carro literal. O acontecimento manifestou-se em termos que podiam ser compreendidos. As verdadeiras experiências místicas, em sua essência, são inefáveis. Para que depois os homens sejam capazes de falar a respeito, deve haver, por assim dizer, alguns elementos físicos que possam ser descritos. A chave para a compreensão aqui é o *fogo*. Esse fogo, porém, não foi literal. Esse fogo era apenas a conflagração do céu manifestando-se sob formas que podiam ser comparadas a um carro de fogo e a cavalos de fogo. Quanto ao *redemoinho*, ver o parágrafo final das notas sobre o primeiro versículo deste capítulo. Os críticos consideram esse acontecimento uma *lenda*, o que também dizem sobre o arrebatamento antecipado da Igreja. Ver as notas expositivas sobre o versículo anterior, sob o subtítulo "a condição", onde encontramos algumas informações sobre o arrebatamento da Igreja. Não obstante, temos razões que nos levam a crer que tais arrebatamentos podem ocorrer. Há um paralelo moderno na experiência de Analee Skarin, poucos anos atrás, em Salt Lake City, estado de Utah, Estados Unidos da América, onde nasci e fui criado. Não conheci pessoalmente a dama, mas conheci uma pessoa de confiança que atestou a realidade do acontecimento. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Arrebatamento de Analee Skarin*. Se compreendermos essas questões de maneira crassa e física, então diríamos "isso é uma lenda". Mas se as compreendermos em um sentido não-material, espiritual, então confessaremos que eventos assim estupendos podem ocorrer e realmente ocorrem.

"As realidades espirituais não são discernidas pelo olho externo, mas são percebidas somente por aqueles que prestam atenção e se mostram sensíveis a elas. São luminosas imediatamente apenas para os sensíveis de coração, bem como dotados de intelecto arguto, e devotos de alma... Se não virmos essas realidades, não será porque não estão ali para serem vistas, mas, antes, porque não possuímos olhos capazes de vê-las. A dificuldade não estará com a coisa a ser percebida, mas com quem não a percebe" (Raymond Calking, *in loc.*).

Supõe-se que Elias tenha sido *transformado* em um ser espiritual para estar apto para viver no mundo das luzes. Dificilmente podemos pensar que seu corpo físico poderia ter sido transportado para as dimensões celestiais.

Tipologia. Cf. o arrebatamento da Igreja. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Parousia* e *Segunda Vinda* (seção V). O presente texto cf. I Tessalonicenses 4.13 ss. e I Coríntios 15.51 ss. Comparar a experiência de Eliseu a certa ocasião posterior, historiada em II Reis 6.17.

2.12

Eliseu viu a grande manifestação e clamou a Elias, quando este desaparecia de vista: "Meu pai, meu pai, carros de Israel, e seus cavaleiros!". *Elias tinha-se ido para sempre.* Eliseu, vencido pela emoção, rasgou suas vestes em dois pedaços. Foi uma reação inspirada por uma emoção avassaladora, e talvez marcada pela consternação, porque Elias se fora. É difícil acreditar, entretanto, que tenha havido alguma lamentação, no sentido em que nos lamentamos pelos mortos. Eliseu dificilmente pode ter pensado na ocasião como se fora "uma morte".

Cf. a ascensão de Jesus, em Atos 1.9,10. O evento, foi, de fato, a ascensão de Elias. Quanto ao rasgar das roupas, como um ato de lamentação, ver Gênesis 37.29,34; 44.13; Josué 7.6; Ester 4.1; Jó 1.20 e 2.12. Eliseu havia sofrido uma grande perda, e talvez ele tivesse se lamentado *diante desse fato*, apesar de a experiência como um todo ter sido esmagadoramente positiva e inspiradora.

"Nenhum outro fim da vida terrena de Elias poderia ter sido mais apropriado... Porquanto Elias foi um redemoinho, e a sua vida foi uma encarnação do fogo... Essa foi a lição final ensinada pela vida daquele majestático profeta" (Raymond Calking, *in loc.*).

2.13

Então levantou o manto que Elias deixara cair. *O manto ficou* e agora estava à disposição de Eliseu. Naquele momento, Eliseu recebeu a dupla porção espiritual que Elias tinha possuído. Ver os versículos 9 e 10 deste capítulo. A fonte do poder era o Espírito de Deus, mas permeava aquele manto como se fora uma grande coisa viva. Equipado pelo poder divino, o profeta mais jovem retornou ao Jordão, e assim logo testaria sua autoridade como sucessor de Elias. O manto era o sinal de sua autoridade e ofício profético.

2.14

Onde está o Senhor, Deus de Elias? *O primeiro teste.* Este versículo, no texto massorético, repete a mensagem do versículo oitavo. Naquele versículo, fora Elias quem fizera as águas separar-se ao feri-las. Aqui, Eliseu, sucessor de Elias, demonstrou obter o mesmo sucesso, ao reatravessar o rio. Essa era a *prova* de seu poder e de sua autoridade como principal profeta de Israel, e também prova de que o manto de Elias retivera seus poderes miraculosos.

Variante Textual. A Vulgata, Luciano e um dos manuscritos da Septuaginta (Poliglota 1513-1517) dão-nos a idéia de que *a primeira tentativa* de Eliseu fracassou, quando ele experimentou dividir as águas, e teve que bater na água uma segunda vez. Alguns críticos textuais supõem que assim dizia o texto original, e o texto padronizado hebraico, o texto massorético, o tenha suavizado, tornando este versículo 14 igual ao versículo oitavo. Digo aqui "suavizou" porque seria uma declaração difícil de que o grande Eliseu, com dupla porção do Espírito que controlava Elias, tivesse de bater na água por duas vezes para obter o resultado desejado. Ver o texto massorético no *Dicionário* intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Ver também o artigo *Manuscritos do Antigo Testamento*, seção VII.

> *Não resta sobre a terra*
> *Nenhum homem vivo que conheceu (considerai isto!)*
> *Que viu com seus olhos ou tocou com suas mãos,*
> *Aquele que era desde o princípio, a Palavra da Vida.*
> *Como será quando ninguém puder dizer: "Eu vi!"*

Yahweh-Elohim. Eliseu invocou o poder real que apenas fluía de maneira humilde através do manto que fora de Elias. Ele invocou o Deus Eterno e Todo-poderoso, a fonte dos milagres. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Por assim dizer, Eliseu submeteu a teste o Deus de Israel. Agora que Elias se tinha ido embora, haveria poder que restasse para fazer outros milagres? As águas do Jordão dividiram-se. A resposta foi "sim".

2.15

Vendo-o... O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. *Honra a quem honra.* Os membros da escola dos profetas viram tudo, incluindo o fato de que o espírito de Elias repousara sobre Eliseu. Isso significava que Eliseu era o legítimo sucessor de Elias e levaria avante a sua missão. Isso requeria o respeito da parte de todos. Foi por essa razão que os profetas menores vieram e se prostraram diante do agora poderoso Eliseu. Elias tinha sido o mestre de todos. Naquele momento, Eliseu tomara o lugar de Elias como cabeça da escola dos profetas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escolas dos Profetas*. Eliseu trazia o *manto* de Elias, o símbolo de sua autoridade.

Os discípulos dos profetas. Ou seja, os cinqüenta profetas de Jericó (ver o sétimo versículo deste capítulo). Esses homens eram *filhos espirituais* de seus líderes, e que estavam sendo treinados para profetas. Eram profetas secundários, ensinados por seus pais espirituais.

2.16

Não os envieis. *Dúvidas.* Algo de grande "aparentemente" tinha acontecido. Mas aqueles que estavam ao longe não tinham certeza do que era. Eles exigiram *provas* de que aquilo que acontecera (a translação de Elias) realmente tinha ocorrido. Portanto, quiseram enviar cinqüenta homens fortes para fazer uma busca completa, certificando-se de que Elias não estaria oculto, nem havia realizado algum truque mágico para enganá-los. Elias já havia desaparecido misteriosamente antes daquela ocasião (ver I Reis 18.9-16) e, talvez, mediante algum transporte divino, tivesse sido simplesmente transferido para algum outro lugar, não muito distante.

O Espírito do Senhor. Esse era o agente de tais transportes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Espírito de Deus.* Cf. I Reis 18.12.

Eliseu Proibiu os Profetas de Ir Atrás de Elias. Ele sabia que tal ato seria ridículo e apenas diminuiria a magnitude do que tinha acontecido. Não havia nenhum truque de magia envolvido, nem algum transporte divino; tinha acontecido algo muito maior.

2.17

Enviai. Finalmente, Eliseu precisou ceder às exigências deles, porque se mostraram tão insistentes que ele se envergonhou por ter de dizer "Não! não!" por tantas vezes. Ele estava sendo um pai severo para com eles; mas tal como os pais severos podem ser mudados pelas lágrimas de seus filhos, assim também Eliseu cedeu diante do pedido de seus filhos. O resultado foi que eles procuraram por Elias, *com diligência,* por três dias, examinando cada esconderijo possível, cada colina conspícua, cada vale, cada bosque — por toda parte! Eles precisavam confirmar a verdade da questão. Não acharam Elias. De fato, Elias havia sido arrebatado. Todas as dúvidas foram assim removidas. Algumas vezes também precisamos *investigar* a fim de remover nossas dúvidas ou edificar-nos na fé. Eliseu não era tão destituído de coração a ponto de negar a seus discípulos a chance de buscar e saber.

Erasmo de Roterdã certamente tinha razão quando insistia em que a linguagem humana não pode aprisionar o *infinito.* Ele certamente tinha razão quando defendeu, com vigor, a *liberdade da investigação.*

2.18

Não vos disse que não fôsseis? *Confirmação.* Eliseu não precisava de confirmação. Ele estava presente quando Elias foi arrebatado. Ele era o homem que sabia. Mas seus *filhos,* os discípulos dos profetas, tiveram de confirmar isso por meio da investigação. Não há muitas pessoas semelhantes a Eliseu. A maioria de nós pode tirar proveito da investigação das coisas, para adicionar conhecimento à nossa fé, pelo método científico ou pela experiência e lições que ela nos ensina. A busca seria um empreendimento infrutífero *para Eliseu,* naquela ocasião. Mas para os seus filhos, isso produziu um fruto significativo. Fez deles crentes! Além disso, ainda recentemente, Eliseu havia submetido a teste os seus poderes, quando bateu nas águas do rio Jordão, *para ver* se elas se dividiriam (vs. 14).

Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor! Livra-nos!

(Arthur Ford)

Houve outro *bom fruto* que aquela investigação produziu: doravante, os profetas secundários mostrar-se-iam mais ansiosos por obedecer a Eliseu, sem colocar em dúvida a sua palavra.

Portanto, foi *um dia glorioso em Israel,* aquele quando Elias foi transladado.

A Ti, Espírito Eterno, seja o louvor!
O qual, desde os dias antigos, até os nossos,
Através de almas de santos e profetas, ó Senhor,
Tem enviado Tua Luz, Teu Amor, Tua Palavra.

(Richard W. Gilder)

Purificação do Manancial de Águas em Jericó (2.19-22)

Na parte inicial deste segundo capítulo de II Reis, aprendemos que Eliseu se tornou o sucessor de Elias, tomou posse de seu manto e de seu poder, e agora tinha uma dupla porção de seu Espírito miraculoso (vss. 9 e 10). Ele se tornou o cabeça das escolas dos profetas, pelo menos daquelas que ainda adoravam a Yahweh. Havia então muitos profetas apóstatas em Israel. Enquanto isso, Eliseu já havia submetido a teste os seus poderes de dividir as águas do rio Jordão (vs. 14), imitando o ato de seu mestre, Elias (vs. 8). E agora passamos para as *histórias das maravilhas.* É deveras curioso que Eliseu tenha realizado quase o dobro do número dos milagres efetuados por Elias, o que é ilustrado no gráfico que acompanha este texto (perto do nono versículo).

Todas essas histórias de maravilhas servem para enfatizar o poder do homem de Deus, como Seu agente especial. O propósito dessas maravilhas era levar os homens a retornar a Yahweh, a fonte de todos os milagres, bem como o *respeito* a Seu profeta.

Eliseu ainda estava em Jericó, e assim a qualidade inferior da água do lugar deu-lhe outra oportunidade para demonstrar a autoridade de Yahweh.

2.19

As águas são más. *A maravilha* da purificação das águas poluídas ocorreu *em Jericó,* onde Eliseu ficou por algum tempo, imediatamente após a translação de Elias (vs. 15). Tirando vantagem da presença do profeta Eliseu, as autoridades resolveram testar suas habilidades. De modo geral, a situação de Jericó era agradável, mas a água era de péssima qualidade. As águas más estavam causando mortes e abortos espontâneos (vs. 21). Talvez houvesse alguma poluição bacteriológica, ou algum agente envenenador. O autor sagrado não sabia qual era a *causa* de tal condição, de forma que também nem se aventurou a arriscar um palpite. Josefo diz-nos que tudo ali era infrutífero, as mulheres, os animais, as árvores (*De Bello Jud.* 1.4, cap. 8, sec. 3). Tudo quanto entrava em contato com aquelas águas sofria com a experiência.

A fonte daquele lugar (identificada com a moderna 'Ain es-Cultan) tinha e continua tendo a reputação de causar abortos, nos seres humanos e nos animais.

Reuss (um autor citado por Ellicott, *in loc.*) falava sobre a "superstição" que dizia que diferentes águas têm diferentes poderes, pois algumas encorajariam a concepção, e outras provocariam abortos. Não há razão alguma para duvidarmos de que havia *alguma verdade* por trás dessa "superstição".

2.20,21

A Cura das Águas por Meio do Sal. Pôr sal na água era apenas "algo a ser feito", como quando as pessoas tomam aspirinas, esperando que elas curem qualquer coisa. O ato foi apenas um gesto. Não tinha nenhum poder em si mesmo, a menos, naturalmente, que Yahweh tenha posto alguma espécie de virtude curadora no sal, para destruir as bactérias ou para anular algum elemento venenoso. Sabemos que o sal tem algum valor medicinal, mas isso não explica o que aconteceu. Ver o artigo geral chamado *Sal,* no *Dicionário,* quanto a seus usos e significados literais e metafóricos. Os crentes devem ser o "sal da terra" (ver Mateus 5.13), opondo-se às suas corrupções e contribuindo para as virtudes curadoras. Em um sentido metafórico, podemos imitar a missão profética de Eliseu mostrando-nos virtuosos e úteis entre homens ímpios e desarrazoados, a fim de modificarmos as condições morais e espirituais deles.

Um prato novo. Novo porquanto seria um instrumento especial de cura, e realizaria aquela tarefa necessária. Poderia já ter sido corrompido por algum uso anterior, comum ou poluidor. Quanto ao sal como um agente purificador nos sacrifícios, ver Lev. 2.13. A fonte continuou pura e tornou-se um lembrete perpétuo dos poderes de cura de Deus, bem como de Sua graça e amor.

A morte, a infertilidade e os abortos das mulheres e dos animais cessaram. Houve assim evidência abundante de que Eliseu era um *profeta verdadeiro* do *único* Deus, Yahweh, e essa é a lição que nossas *histórias maravilhosas,* relatadas na Bíblia, queriam ensinar. Ver a introdução ao versículo 19 deste capítulo.

2.22

Até ao dia de hoje. Até mesmo alguns milagres requerem mais de uma aplicação do poder divino. Também é verdade que as curas efetuadas por poderes psíquicos e espirituais não são necessariamente permanentes. Mas o manancial de Jericó ficou permanentemente limpo. Yahweh foi quem fez a purificação. O povo sabia disso e continuaria sabendo. Eliseu era o profeta do Senhor, e o povo sabia disso e continuaria sabendo. O manancial, pois, tornou-se um *memorial* de espiritualidade positiva.

Os Meninos Pequenos e as Ursas (2.23-25)

Temos aqui outra das histórias *maravilhosas* que cercaram Eliseu. Quanto às histórias maravilhosas, ver a introdução ao versículo 19 deste capítulo. O autor sacro nos fornece uma série de histórias de milagres para provar que Eliseu era um profeta do Deus verdadeiro, Yahweh. Esses elementos eram necessários ao apostatado povo de Israel. Estava em pauta a *restauração* de Israel. Essa restauração nunca aconteceu, mas Eliseu trabalhou a questão com todo o seu coração.

Alguns meninos pequenos mostraram-se rudes para com o profeta. Eliseu sentiu-se ofendido e amaldiçoou as crianças que, logo foram atacadas por ursas e mortas. Quarenta e duas crianças morreram! A história ilustra o respeito que um verdadeiro profeta de Yahweh exigia. Os críticos, porém, censuram a moralidade do episódio. Naturalmente, é completamente diferente das atitudes do gentil Jesus, que nos recomendou: "Abençoai aqueles que vos amaldiçoarem" (Mateus 5.44).

Os comentadores recorrem aqui a toda espécie de *contorções* para tornar a história aceitável aos gostos cristãos. "Na verdade, porém, ela não resiste ao exame de nenhuma perspectiva moral" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Alguns dizem que não devemos pensar em crianças pequenas e, sim, em adolescentes; mas é difícil ver como isso faria diferença. Thomas L. Constable sugeriu que esses jovens eram profetas falsos, idólatras e, portanto, mereciam o que receberam; mas não há nenhum indício disso no texto sagrado. Outros comentadores transformam-nos em filhos rebeldes, os quais, mediante a lei, mereciam morrer. E

assim a Eliseu coube a tarefa de eliminá-los, em lugar de seus pais, que deveriam tê-lo feito (ver Deuteronômio 21.18 ss.). Mas o texto sagrado também não indica nada semelhante. Alguns sugerem que o julgamento foi de Yahweh, e não de Eliseu, tornando assim a punição aceitável. Mas isso reflete apenas o *voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Ou seja, "poder é direito", independentemente da moralidade que há no caso. Alguns críticos consideram a história um mito, uma história maravilhosa lendária, que era aceitável à moralidade da época, diferente da nossa. Outros comentadores dizem que o ataque das ursas foi uma *coincidência*, não devendo nós ser atribuído nem a Yahweh, nem a Seu profeta, Eliseu.

2.23

Quanto à essência e aos significados da história, ver a introdução, anteriormente.

Uns rapazinhos. Diz a *King James Version*: "crianças pequenas". Diz a *Revised Standard Version*: "meninos pequenos". A palavra hebraica aplica-se a uma grande faixa etária. Mas notemos aqui a palavra "rapazinhos", um diminutivo, indicando que se tratava de jovens que ainda não haviam atingido toda a sua estatura. Sem dúvida, devemos pensar em jovens no começo da adolescência.

Sobe, calvo; sobe, calvo! A mentalidade dos hebreus encontrava algo de patológico na calvície, pois eles não tinham nenhuma teoria genética a respeito. A calvície chegava a ser associada à lepra (Lev. 13.43). Seja como for, era uma marca de reprimenda (ver Isaías 3.17; 15.2). Julgamos que Eliseu era realmente calvo, de forma que os rapazinhos fizeram pouco dele e, de modo geral, não demonstraram respeito pelo grande homem. Eliseu estava "subindo" ao santuário no Carmelo, tendo partido de Jericó, pelo que foi usada pelos rapazinhos a palavra "sobe". "Eles trataram o profeta de Deus com desprezo" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

"Eliseu, embora jovem (ele viveu cinqüenta anos depois desse incidente; II Reis 13.14), pode ter ficado calvo prematuramente" (Ellicott, *in loc.*).

2.24

E os amaldiçoou. O profeta não demonstrou paciência. Ele não "abençoou àqueles que o amaldiçoavam". Ele não fez "o bem para aqueles que abusaram dele desprezivelmente" (ver Mateus 5.44). Ele, na verdade, pertencia a outra era, uma era da moralidade pré-cristã. Quanto aos elementos morais da história, ver a introdução ao versículo 23. Os vagabundos mostraram-se irreverentes, insultuosos, malcriados, mesmo como jovens adolescentes. Eles chegaram assim a um mau fim. A história ilustra o respeito que um verdadeiro profeta de Yahweh requeria, porquanto ele estava ali para cumprir a vontade do único verdadeiro Deus, Yahweh.

Ursas. Alguns intérpretes imaginam que não houve nenhuma *conexão de causa* entre a "maldição" de Eliseu e as ursas, que massacraram os jovens. Mas, como é óbvio, o autor sacro queria que víssemos uma situação de causa e efeito em sua história. A natureza, pois, rebelou-se contra os rebeldes. Ver o uso de animais selvagens utilizados em julgamentos divinos, também ilustrado em I Reis 13.24. Feras eram comuns na Palestina, e havia muitas mortes de pessoas a cada ano. Ver Oséias 13.8; Provérbios 17.12; Amós 5.19 (e cf. II Reis 17.25).

Quarenta e dois jovens foram atacados e mortos pelas ursas. Um urso é um animal tão poderoso que pode matar um homem com um simples golpe de sua pata, mas usualmente ele prefere ficar em seu estado pacífico. Algumas espécies são bastante pacíficas, a menos que sejam provocadas, mas outras, como o urso marrom, matam imediatamente, sem nenhum aviso prévio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Urso,* quanto a notas expositivas completas sobre esse animal.

2.25

Dali foi ele para o monte Carmelo. Uma vez consumado o terrível incidente, Eliseu continuou sua jornada para o monte Carmelo e para o santuário que havia ali. Ele estava ocupado em algum negócio espiritual. Havia ali uma escola de profetas e, visto que agora era o líder espiritual (o pai) dos profetas, mantinha-se em contato com eles, oferecendo instruções sobre a sagrada profissão. Dali ele foi para Samaria, provavelmente em uma missão de denúncia contra o pecado e a idolatria. Portanto, Eliseu mantinha-se em circuitos em Israel, cumprindo a sua missão profética. Samaria ficava a cerca de cinqüenta e dois quilômetros de Carmelo.

"Esses primeiros milagres, no ministério de Eliseu, identificavam-no como um porta-voz *especial* de Deus, dotado da autoridade e do poder de Elias, alguém digno do maior respeito. Ele era o representante do Deus vivo" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Capítulo Três

Campanha Moabita de Jorão (3.1-27)

Tendo terminado, pelo momento, seu relato das histórias maravilhosas associadas à vida de Eliseu, o autor sagrado nos leva de volta a questões de política e de guerra, que eram as principais atividades dos reis de Israel e de Judá. Seu assunto, agora, passa a ser *Jorão* (ver a respeito dele no *Dicionário*), rei de Israel. Judá tinha também um rei de nome extremamente parecido, Jeorão (ver I Reis 22.51). Mas Jorão era filho da temida Jezabel e de seu ímpio marido, Acabe. Ele era sucessor de seu irmão, Acazias, que tinha morrido ainda jovem, devido a um acidente, e não deixara filhos. Ver II Reis 1.2 ss. Jorão foi o nono rei de Israel e governou pelo espaço de doze anos (ver II Reis 1.18,3.1). Ele governou entre 853 e 842 A. C. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Israel, Reino de,* onde há uma lista dos reis de Israel, com breves descrições. Ver também ali o verbete chamado *Rei, Realeza,* onde há uma lista comparativa dos reis de Judá e de Israel, com os reis de países circunvizinhos, tudo ilustrado mediante um gráfico.

Narrativas Paralelas. O autor sagrado não nos fornece primeiramente uma lista e uma descrição dos reis de Judá, e, depois, dos reis de Israel. Antes, ele pula para o norte e para o sul, apresentando os reis em uma ordem cronológica aproximada. Quanto a esse modo de apresentação, ver as notas em I Reis 16.29. Jeorão, rei de Judá, já nos foi apresentado (ver II Reis 1.17). Mas agora o Jorão de Israel ocupa a nossa atenção. Esse rei era um ímpio, embora não tenha atingido a degradação extrema de seu pai, Acabe.

3.1

Jorão, de Israel, começou a reinar no décimo oitavo ano do rei Josafá, rei de Judá. Quanto a narrativas paralelas dos reis de Judá e de Israel, ver acima e em I Reis 16.29. Jorão teve um reinado curto e relativamente mau, desperdiçando doze anos com seus pecados. Meu artigo sobre ele, no *Dicionário,* oferece detalhes. Cf. II Reis 1.17 e a alegada discrepância dos números envolvidos. Aquele versículo fala em segundo ano, em lugar de décimo oitavo ano. Mas, mediante alguma manipulação, podemos fazer o décimo oitavo ano de Josafá equivaler ao segundo ano de Jorão. Não há solução certa quanto ao problema cronológico, e alguns estudiosos desesperam-se de encontrar essa solução. "Os informes derivam-se de dois sistemas cronológicos irreconciliáveis" (*Oxford Reference Bible,* sobre II Reis 3.1).

Discrepâncias. Seja como for, essas discrepâncias só parecem problemáticas para duas classes de pessoas: os céticos, que se deleitam em encontrar algum problema para debater; e os fundamentalistas extremados, que fazem qualquer esforço para tentar explicar os problemas, mesmo às expensas da honestidade. Mas a fé religiosa e a espiritualidade não repousam essas questões. Somente uma mente infantil lhes dá grande importância. Cf. II Reis 8.16.

3.2

Fez o que era mau perante o Senhor. *Jorão era ímpio* e operou a iniqüidade, embora não tenha chegado ao padrão de impiedade estabelecido por seu pai, Acabe, e por sua mãe, Jezabel. Chegar àquele *padrão* só seria possível mediante alguma ajuda especial do diabo.

Quanto ao lado positivo, esse rei derrubou a *coluna de Baal,* que Acabe mandara levantar. Ele não eliminou a idolatria em Israel, mas realmente a diminuiu. Ele aboliu parte do culto a Baal. Mas apesar de ter-se livrado da coluna particular mencionada neste versículo, de modo geral suportava a adoração a Baal (ver II Reis 10.18-28). E continuou as normas políticas de seu ímpio pai, Acabe (ver I Reis 12.26-33; 13.33). Talvez ele tenha *iniciado* uma reforma que não chegou, afinal, a coisa alguma. Seu único ato de reforma, porém, não teve nenhum efeito duradouro. Ele enfrentou oposição e logo abandonou essa questão de reformas. Continuou a adoração ao bezerro de Jeroboão (ver o terceiro versículo), pelo que tinha muitos pecados em sua consciência.

Nem como sua mãe. "Jezabel viveu por todo o reinado de Jorão (II Reis 9.30), o que talvez explique por que ele não erradicou a adoração a Baal (II Reis 10.19-28)" (Ellicott, *in loc.*).

Talvez Jorão tenha instituído *algumas* reformas para agradar a Josafá, a fim de que o rei de Judá o ajudasse em sua campanha militar contra os moabitas.

3.3

Aderiu aos pecados de Jeroboão. Jorão diminuiu o *baalismo*, mas não o erradicou (ver II Reis 10.19-28), e também participou plenamente na adoração ao bezerro que Jeroboão havia estabelecido em Betei. Ver I Reis 12.26 ss. quanto aos atos e às normas políticas idólatras de Jeroboão. Ver no *Dicionário*

A DUPLA PORÇÃO

Eliseu solicitou uma porção dupla do poder milagroso de Elias, cujo poder era obra do Espírito Santo. Ver II Reis 2.9-10. É curioso que Eliseu tenha efetuado numericamente quase, exatamente, o dobro de milagres de Elias.

1. Elias é alimentado por corvos (I Reis 17.2 ss.)
2. A comida da viúva multiplicada (I Reis 17.8 ss.)
3. Ressurreição do filho da viúva (I Reis 17.17 ss.)
4. O altar e o sacrifício de Elias consumidos por fogo (I Reis 18.25 ss.)
5. Acazias e seus 102 soldados consumidos por fogo celestial (II Reis 1.2 ss.)
6. O rio Jordão é separado (II Reis 2.7 ss.)
7. O arrebatamento de Elias (II Reis 2.11 ss.)

1. O rio Jordão é separado (II Reis 2.14 ss.)
2. As águas perto de Jericó são purificadas (II Reis 2.19 ss.)
3. O óleo da viúva multiplicado (II Reis 4.1 ss.)
4. O filho da sunamita levantado dos mortos (II Reis 4.31 ss.)
5. A sopa venenosa purificada (II Reis 4. 38 ss.)
6. A comida do profeta multiplicada (II Reis 4.42 ss.)
7. Naamã curado da lepra (II Reis 5.1 ss.)
8. Geazi punido com lepra (II Reis 5.20 ss.)
9. O machado flutua (II Reis 6.1 ss.)
10 A proteção de um exército celestial em Dotã (II Reis 6.17 ss.)
11. Soldados inimigos cegados (II Reis 6.18 ss.)
12. Póstumo: um homem ressuscitado quando tocou nos ossos de Eliseu (II Reis 13.20-21)

UM PEDIDO INCOMUM

Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. Disse Eliseu: Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito. Tornou-lhe Elias: Dura cousa pediste. Todavia se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará... O espirito de Elias repousa sobre Eliseu.

II Reis 2.9,10,15

MILAGRES NA BÍBLIA

A Bíblia contém milagres que são chamados divinos. Estão incluídos milagres efetuados por meio de agentes e não apenas aqueles feitos diretamente por Deus. Os dois tipos são milagres verdadeiros, embora um possa ser mais dramático. Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

João 20.30,31

o artigo *Baal (Baalismo)* quanto às muitas variedades de formas desse culto pagão.

Guerra contra Moabe (3.4-27)

Moabe se tinha rebelado contra a vassalagem a Israel (ver II Reis 2.1 e suas notas expositivas). Acazias deveria ter feito alguma coisa a respeito, mas seu acidente, no começo de seu reinado, impossibilitou-o. Foi então que seu irmão e sucessor, Jorão, assumiu a sua causa. Acabe, embora moralmente corrupto, foi um rei forte e capaz. Sua morte encorajou os moabitas a rebelar-se.

3.4

Mesa... era criador de gado. A economia de Moabe estava alicerçada, essencialmente, na criação de gado miúdo, utilizando-se de sua carne e de sua pele. Mesa, rei dos moabitas, estava muito envolvido nesse negócio. A *cada ano,* conforme nos diz o Targum, cem mil cordeiros e a lã de cem mil carneiros tinham de ser entregues a Israel; um pesado tributo, verdadeiramente. Israel ficava com os animais, sua carne e sua lã. A guerra, portanto, era inevitável. A famosa pedra Moabita nos conta a história dessa guerra sob o ângulo de Mesa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pedra Moabita.*

Cordeiros. No hebraico, *naqad,* referindo-se a um tipo menor e inferior de carneiro. Essa espécie, entretanto, fornecia lã em abundância. Amós era criador desse tipo de carneiro (Amós 1.1).

Na antiguidade, animais e produtos de animais representavam grande parte das fortunas e dos tesouros de indivíduos e de governos, portanto o "comércio" era intenso, e o "tributo" era pago com esses produtos. As versões caldaica e árabe também mencionam os *bois* como parte desse tributo, mas isso parece não estar baseado em fatos.

3.5

Tendo, porém, morrido Acabe. Acabe, o homem forte e ímpio, estava morto. Isso encorajou os moabitas à revolta, conforme já dissemos. Acazias sofreu uma morte prematura (ver II Reis 1.2 ss.), e Jorão, da noite para o dia, foi elevado ao trono, presumivelmente despreparado para o cargo. Mesa, pois, tirou vantagens das condições incertas e inseguras de Israel.

3.6

Fez revista de todo o Israel. Muito provavelmente, tratou-se de um recenseamento militar. Jorão precisava saber de quanta força militar potencial dispunha. Ele estava sendo forçado a guerrear. Poderia ele abafar a revolta de Moabe? Ele deve ter decidido que não seria capaz de fazê-lo sozinho, pelo que imediatamente começou a formar alianças. Israel lançar-se-ia à guerra como aliada de Judá e de Edom, uma combinação improvável.

3.7

Mandou dizer a Josafá, rei de Judá. Devemos lembrar-nos de que Judá, na oportunidade, não era muito mais do que um reino vassalo do reino do norte, Israel. Acabe tinha pedido a ajuda de Josafá contra a Síria, e ele tivera de cooperar. Ver I Reis 22 ss. Foi nessa batalha que Acabe perdera a vida. Agora, seu filho Jorão voltou-se novamente para o seu "antigo aliado", Josafá, que tinha conseguido sobreviver em sua guerra contra os sírios. E, uma vez mais, Josafá veio correndo, talvez porque tinha sido forçado a fazê-lo, e, talvez, porque quisesse fazê-lo. Judá também teria de acalmar os moabitas, que poderiam lançar algum ataque contra o reino do sul.

Serei como tu és. Josafá respondeu que ele era um só com Jorão, que o seu povo também pertencia àquele homem; seus cavalos e carros de combate também eram uma propriedade em comum. Esta parte do versículo repete o que Josafá já havia dito a Acabe. Ver I Reis 22.4, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. "Josafá viveu em paz com o rei de Israel" (I Reis 22.45). A cessação das hostilidades entre o norte e o sul (Israel e Judá) encorajaram a formação de alianças. Josafá ignorou a denúncia profética contra tais alianças (ver II Crônicas 19.2 e 20.37). Talvez Josafá quisesse vingar-se dos moabitas, por causa de suas incursões no território de Judá (capítulo 20 de II Crônicas). Ele ocupar-se-ia em um "ataque preventivo". Edom, na ocasião, estava sob a autoridade de Judá, e em breve juntar-se-ia à aliança (ver os vss. 9 ss.).

3.8

Pelo caminho do deserto de Edom. A rota a ser tomada pela coligação de Israel, Judá e Edom era pelo deserto de Edom. Ali a ajuda de Edom seria conseguida, e esse país, sendo um virtual vassalo de Judá, não negaria auxílio. O ataque seria contra Moabe, da direção *sul,* onde os exércitos marchariam ao redor do mar Morto por sete dias, o que os levaria ao *wadi* el-Hesa, na fronteira sul de Moabe. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Edom,* quanto a detalhes. A fronteira norte era mais pesadamente defendida, e era a localização normal de ataque. Talvez a surpresa ajudasse na campanha. "Eles poderiam atravessar o rio Jordão e atacar a fronteira norte de Moabe; ou poderiam rodear o extremo sul do mar Morto e invadir Moabe pelo lado de Edom. A primeira dessas rotas era a mais curta para ambos os reis, mas era ali que estavam as mais fortes defesas de Moabe" (Ellicott, *in loc.*).

3.9

Após sete dias de marcha. Os exércitos coligados tinham rodeado o extremo sul do mar Morto, o que os levara à fronteira sul de Moabe. Talvez eles tivessem marchado através do vale estreito e rochoso de El-Ahsy (também chamado de El-Qurahy), entre Moabe e Edom, onde geralmente havia água. Mas naquela ocasião não havia água nenhuma.

Não havia água para o exército e para o gado que os seguiam. A coligação optou pela rota do deserto, conforme descrito na exposição sobre o versículo oitavo, e isso criou de imediato o problema da água para os homens e para os cavalos. O desespero estabeleceu-se e tristes profecias de que eles seriam entregues às mãos de Moabe começaram a circular.

3.10

Então disse o rei de Israel. Jorão acusou as forças divinas pelo infortúnio e pelo desastre iminente. Supostamente, *Yahweh* teria chamado os três reis para entregá-los sem dó nas mãos dos moabitas, a fim de sofrerem desgraça e morte. Usualmente, os antigos culpavam as forças divinas ou pela vitória ou pela derrota. Estavam sempre envolvidos em *guerras santas,* matando e sendo mortos em nome de Deus ou de algum deus. Mais de um exército perdeu uma batalha e sua vida por falta de água. O *julgamento divino* era a causa de tais desgraças, na mente daqueles que as sofriam.

3.11

Perguntou, porém, Josafá. *Uma opinião mais espiritual.* Josafá era homem conhecido por possuir um pouco mais de espiritualidade. Pelo menos ele não era um apostatado, embora se envolvesse em coisas duvidosas, como as alianças profanas com nações idólatras e apóstatas. Por conseguinte, considerou a ajuda que um profeta de Yahweh poderia oferecer. Foi por acaso que um oficial do exército de Jorão soube que *Eliseu* estava disponível para ser consultado. Eliseu fora servo de Elias, e era seu sucessor, e qualquer habitante de Israel era conhecedor desses fatos. Isso significa que Eliseu era um profeta *poderoso,* e sua palavra seria valiosa em qualquer momento crítico. A questão da *água* provavelmente significa que Eliseu, em seu estado humilde de servo, chegou a ajudar Elias a lavar as mãos, fazendo-lhe outros trabalhos manuais e tudo quanto o homem de mais idade lhe ordenasse. Mas agora o servo era senhor, um grande homem por seus próprios méritos. Ver I Reis 19.21 quanto ao serviço devotado que Eliseu havia prestado a Elias.

3.12

O rei de Israel, Josafá, e o rei de Edom desceram a ter com ele. Jorão nada tinha a perder se consultasse o profeta de Yahweh, portanto ele acompanhou Josafá para ir ver Eliseu. O texto diz "desceram", mas não explica para onde. Alguns supõem que o profeta havia acompanhado o exército, mas isso não é muito provável. O ponto, pois, permanece em dúvida.

3.13

Que tenho eu contigo? Era evidente que *Eliseu* não estava disposto a cooperar. Essas palavras do profeta equivalem a "Por que eu deveria obedecer-te?". O profeta de Yahweh dirigiu-se ao ímpio Jorão sugerindo que ele obtivesse um profeta dentre aqueles que serviam a Baal, o deus de Acabe e Jezabel, pais de Jorão. O contra-argumento do rei foi que *Yahweh* é que havia convocado o exército para punir os moabitas, e não o deus de seus pais, de forma que era apropriado que Yahweh fosse consultado através de Seu profeta. O Targum adiciona a glosa de que Jorão, em humildade, confessou seus pecados e pediu misericórdia. Além disso, a nação do sul, Judá, também estava envolvida naquela aventura, e não meramente Israel, e, essencialmente, aquele país tinha permanecido fiel a Yahweh. Esse foi um argumento convincente, que levou Eliseu a agir. Eliseu respeitaria os desejos de Josafá.

3.14

Tão certo como vive o Senhor dos Exércitos. Esse foi um juramento feito por Yahweh, Capitão dos Exércitos, general dos exércitos, o único e verdadeiro

Deus *vivo,* que ele não teria feito absolutamente nada por Jorão, mas serviria a Josafá na sua necessidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Senhor dos Exércitos.* "Josafá foi aceito por causa de sua fiel dependência a Yahweh (vs. 11)" (Ellicott, *in loc.*). Yahweh, na qualidade de General dos Exércitos, saberia como ajudar na batalha.

3.15

Trazei-me um tangedor. *O poder da música.* Temos um pequeno mas lindo toque aqui. É fato bem conhecido que a música tem o poder de produzir estados alterados da consciência, e alguns místicos propositadamente empregam a música com essa intenção. Nos estados alterados de consciência, a pessoa é sujeita a visões e a intuições do discernimento que não são comuns no estado normal da consciência. A informação acerca disso é que os místicos com freqüência mostram-se muito sensíveis à música, e que ela tem um estranho poder sobre eles. O ouvido humano normalmente pode ouvir somente um pequeno espectro dos sons, mas algumas pessoas, sob determinadas condições, podem podem captar coisas na música, muito mais do que outras, e o efeito dessa *audição holística* pode ser devastador. Eu mesmo já tive certo número de sonhos espirituais nos quais ouvi uma música incrivelmente bela. De fato, esse tipo de música é um dos sinais que distinguem os sonhos ordinários dos sonhos espirituais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sonhos.*

Caros leitores, considerem o poder da música, da boa música, da música espiritual e também da música diabólica. Hoje em dia vemos o temível espetáculo nas igrejas evangélicas quando uma música diabólica está sendo empregada para estabelecer os sentimentos do culto de adoração! As pessoas, como ovelhas ignorantes, seguem isso e permitem que os jovens envenenem o espírito da igreja. Por certo, isso faz parte da *apostasia,* sendo muito mais debilitador para a igreja do que certas doutrinas consideradas errôneas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais,* onde desenvolvo o tema.

Costume. Podemos presumir, à base do presente versículo, que, como costume, ou, pelo menos, com freqüência, Eliseu lançava mão da música para ajudá-lo em seu ofício profético.

A música tem encantos que amansam o peito selvagem,
Que amolecem as rochas ou que dobram o carvalho torto.

(William Congreve)

É com razão que alguns dizem que a
música é a fala dos anjos.

(Thomas Carlyle)

Um homem com um sonho, a seu bel-prazer,
Poderá sair e conquistar uma coroa;
E três, com uma nova canção,
Podem derrubar toda uma nação.

(Arthur William O'Shaughnesse)

Tangedor, ou seja, um "harpista". Um homem habilidoso no uso de instrumentos de cordas. O Targum diz aqui "harpa". Cf. I Samuel 10.5. Esse versículo mostra que os profetas usavam instrumentos musicais como auxílio em seu ofício. Minhas notas expositivas ali dão detalhes que não são reiterados aqui.

O poder de Deus desceu sobre Eliseu quando ele se deixou embalar pelo encanto da música. O original hebraico diz aqui, literalmente, "mão", pois esse é o instrumento de poder. O Targum e algumas versões dizem "Espírito" em lugar de "mão". Seja como for, porém, o sentido é o mesmo.

3.16,17

Covas e covas. O profeta baixou a estranha ordem de que muitas covas fossem cavadas. Essas covas logo estariam cheias de água, mas não por causa de uma fonte *visível,* como a chuva. A água viria de alguma fonte invisível, e Yahweh seria a causa do estranho fenômeno. A água seria abundante, mais do que suficiente para os homens e os animais. Ela seria suprida de maneira miraculosa, de modo que a mente humana voltar-se-ia na direção de Yahweh. A chuva era considerada uma provisão divina, quanto mais, água abundante derivada de uma fonte invisível! Possivelmente havia ali um *wadi,* um leito seco de rio, que subitamente se encheria de água e encheria as covas que fossem cavadas. Ver o vs. 20 quanto ao fenômeno.

3.18

Isto é ainda pouco aos olhos do Senhor. O milagre da água não foi grande feito para Yahweh. De fato, foi algo *leve* e bastante trivial, em comparação com o que Ele *pode* fazer. Além do milagre quanto à água, o sucesso na batalha seria conseguido. Naturalmente, o oráculo não falou sobre o desastre *posterior,* depois que o rei de Moabe houvesse sacrificado seu filho e herdeiro a fim de obter sua contra-vitória (vs. 27). A coligação dos três reinos seria forçada a retirar-se. Isso nos faz lembrar da história do oráculo de Delfos, que enganou Croeso, da Lídia, e Pirro, do Épiro, a terem uma falsa confiança que terminou em calamidade. Foi assim que Eliseu disse a verdade, mas *não toda* a verdade. Ele contou aos três reis a verdade que eles queriam ouvir, e deixou de lado a verdade que eles não gostariam de ouvir, um modo de proceder comum nos videntes e psíquicos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagres.*

3.19

Ferireis todas as cidades fortificadas... Uma vitória abundante, acompanhada pela política de terra arrasada, logo se seguiria. No entanto, finalmente, a coligação seria expulsa do país (vs. 27). Muitas cidades moabitas seriam capturadas, destruídas e saqueadas; árvores seriam derrubadas; poços de água seriam danificados; terra de plantio seria inutilizada por depósitos de pedras que não permitiriam que ela fosse arada. A vida dos moabitas seria miserável, mas eles triunfariam no fim. Algumas vezes há pouca alegria no triunfo, quando este é precedido por grandes perdas. Sem dúvida, foi o caso de Moabe, naquela oportunidade. Grande tem sido e continua sendo a desumanidade do homem contra o homem, esse animal predatório, sempre ansioso por prejudicar e matar.

3.20

Eis que vinham as águas pelo caminho de Edom. A água chegou na manhã seguinte, procedente de Edom. Alguns estudiosos dão aqui uma explicação natural, presumindo que pesadas chuvas em terras distantes tivessem feito os *wadis* encher-se e produzir água, de modo que um grande suprimento de água chegou à localidade do tríplice exército acampado. As covas que haviam sido cavadas ficaram cheias até derramarem pelo *wadi* ou *wadis* da área. Se isso é verdade, então o milagre operado por Eliseu foi apenas uma sábia previsão de condições atmosféricas. Ele sabia o que estava chegando. Chuva, um presente de Deus, atingiria aquela região através de seus *wadis.* O fenômeno ocorreu, muito apropriadamente, durante o sacrifício matinal, quando a mente humana estava voltada para o Ser divino.

"É evidente que Deus fez a água das chuvas em Edom derramar-se pelo vale e encher as covas" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Outros intérpretes continuam a ver um suprimento miraculoso de água, sem nada relacionado à chuva. Seja como for, a provisão de água foi muito abundante, e salvou o dia para os exércitos coligados.

Algo similar aconteceu no caso do imperador Marco Aurélio, o qual, quando estava prestes a atirar-se à batalha contra os germanos e os sarmatas, foi afligido ao máximo por motivo de sede. Seu exército seria uma presa fácil diante do inimigo. O imperador, sem nenhum pejo, caiu de joelhos e clamou aos deuses, pedindo água. De repente, uma poderosa tempestade atingiu a região, acompanhada por uma espetacular cena de relâmpagos e trovões. A área inteira ficou inundada, e não muito depois, o inimigo foi posto em fuga (Eusébio, *Hist. Eccl.* 1.5, cap. 5; *Orosii Hist.* 1.7, cap. 15). Jugurta, general do exército romano, experimentou um fenômeno parecido (*Orosius,* ib. 1.5, cap. 15, par. 77).

3.21

Ouvindo, pois, todos os moabitas. As *notícias* do ataque iminente das forças coligadas logo chegaram aos ouvidos do rei de Moabe, que assim fez uma apressada preparação para a batalha, equipando um grande exército para receber os invasores.

Todos os que cingiam cinto. Ou seja, todos os homens de idade suficiente foram de súbito lançados à batalha. "Foi uma convocação *em massa* da população masculina, tendo em vista a defesa do país" (Ellicott, *in loc.*). Os homens puseram seus cintos militares, que sustentavam as espadas. Os arqueiros prepararam seus instrumentos de guerra; talvez uma força de carros de combate e uma cavalaria tenham sido preparados.

3.22,23

As águas vermelhas como sangue. *Um truque pespegado pela refração da luz solar.* Toda aquela água, que havia no acampamento dos três exércitos coligados, bem como ao redor, dava a impressão de ser vermelha. À distância, pois, parecia *sangue.* Mas tudo era uma impressão ótica da luz solar, que prejudicou os moabitas. Estes chegaram à apressada conclusão de que (por alguma razão desconhecida) os membros da coligação tinham tido um desacordo, e se tinham matado mutuamente, deixando sangue no solo, por toda parte. Isso significava que a ocasião era extremamente oportuna para o ataque e para o saque, e, naturalmente, para que se matassem quaisquer sobreviventes da matança autoinfligida. Havia também muito equipamento militar a ser tomado, e os moabitas

entrariam na posse de cavalos e de objetos pessoais de homens mortos, um gordo salário de um dia de trabalho.

3.24

Chegando eles ao arraial de Israel. Os *iludidos moabitas* deixaram assim sua posição inexpugnável nas montanhas e, despreparados, correram para o acampamento dos israelitas. Para horror deles, descobriram que o suposto sangue não passava de água, e o suposto exército coligado, que estaria morto, estava bem vivo. O exército dos coligados levantou-se e saiu ao encontro do surpreendido exército moabita, matando muitos e pondo o resto em fuga. O infeliz exército moabita foi perseguido de perto até dentro do território de Moabe, com homens caindo mortos por ferimentos sofridos ao longo do caminho. Foi uma grande oportunidade de levar a batalha por todo o território moabita, e muitas cidades foram assim destruídas (ver o versículo seguinte).

Os *historiadores* contam-nos um acontecimento semelhante, uma vitória de Guilherme da Normandia sobre Haroldo, o saxão, em 1066. Os invasores normandos fizeram os saxões pensar que os normandos estavam grandemente debilitados, e que tudo quanto os saxões precisavam fazer era administrar essa vantagem e perseguir o inimigo até o mar. Ao tentarem realizar o feito, de repente encontraram um exército bem vivo, que efetuou grande matança entre os saxões.

3.25

Arrasaram as cidades. Deflagrando uma virtual *guerra santa* (ver as notas expositivas em Deuteronômio 7.1-5; 20.10-18), eles ofereceram tudo a Yahweh, que os tinha enviado para matar e destruir (vs. 18). Sua vitória inicial logo se propagou por todo o território de Moabe. As fontes de água foram tapadas; as árvores foram derrubadas; pedras foram espalhadas pelos campos, tornando impossível a aragem dos terrenos e a própria agricultura. E assim a profecia do versículo 19 teve cumprimento; lá encontramos a mesma informação que é dada aqui.

Quir-Haresete. Este nome significa *cidade de cerâmica,* embora alguns digam *cidade nova.* Ver também Isaías 16.7; Jeremias 48.31,36, bem como sob *Quir de Moabe,* em Isaías 15.1. Essa era uma cidade muito fortificada, conhecida como Queraque, a cerca de oitenta quilômetros de Jerusalém. O lugar foi inteiramente destruído pela coligação de Israel, Judá e Edom, mas foi subseqüentemente reconstruído. Ver o artigo sobre esse lugar, no *Dicionário,* com o título *Quir de Moabe.*

As *pedras* da cidade foram deixadas intactas. Ou seja, a coligação não foi capaz de destruir suas fortificações, muralhas, torres etc., que eram feitas de pedras. Ao que tudo indica, em outras cidades, até as "pedras" foram derrubadas.

Os *fundibulários* foram os principais combatentes que obtiveram a vitória naquele lugar.

3.26

Vendo o rei de Moabe. *O rei Mesa, de Moabe,* estava na sua cidade real de Quir-Haresete e, em um esforço desesperado, saiu e atacou os edomitas, que ele supunha serem o elo mais fraco na coligação. Ele esperava que, ao derrotar essa parte do exército atacante, faria a maré da batalha virar. Levou setecentos homens de suas tropas de elite, nessa tentativa, mas o esforço desesperado fracassou. Assim sendo, parecia que a batalha estava, realmente, perdida.

"Os edomitas relembraram-se de que haviam sido brutalmente tratados pelos moabitas, ainda tão recentemente, o que os levou a lutar com maior desespero (ver II Crônicas 20.23)" (John Gill, *in loc.*).

3.27

Então tomou a seu filho primogênito. *Um ato de puro desespero.* Tudo quanto o rei de Moabe tinha e amava, de súbito estava sendo ameaçado. Sem dúvida, ele perderia tudo. Seu exército estava sendo esmagado. Ele mesmo e toda a sua família seriam torturados e mortos. Assim sendo, nada tendo a perder, e *talvez* tendo algo a ganhar, Mesa realizou um sacrifício cruento. Ele tomou seu filho mais velho, que seria seu sucessor, e ofereceu-o, como um holocausto, sobre o muro da cidade, *publicamente,* para que todos vissem, e esperou que esse ato de desespero despertasse os deuses para ajudá-lo. Dessa maneira, ele realizou o seu sacrifício supremo. Deu tudo quanto tinha. Os comentaristas judaicos desta passagem lembram-se do sacrifício de Abraão, de Isaque, e inutilmente imaginam que o rei de Moabe imitou o ato de Abraão, na esperança de que tal dedicação ao ser divino fosse eficaz para salvar Moabe. Presumivelmente, a dedicação de Abraão fortaleceu Israel naquele dia, visto ser ele o *pai* da nação. Mas toda a cena foi uma mera fantasia.

As muralhas da cidade cercada eram o muro. O deus a quem se ofereceu o sacrifício humano provavelmente foi *Camos* (ver II Reis 23.13, bem como o artigo sobre essa divindade, no *Dicionário*).

De alguma maneira, que o autor sagrado não deixou clara, esse cruento sacrifício foi *eficaz,* e alguma forma de ira sobrenatural caiu sobre Israel, libertando os moabitas do ataque. A ira (e a destruição que a acompanhou) foi tão grande que a coligação abandonou completamente a batalha e voltou para casa.

Grande ira. O autor sacro não explicou o que ele quis dar a entender, razão pela qual aos intérpretes não resta alternativa senão fazerem suposições. As *idéias principais* são estas:

1. O supremo sacrifício feito por Mesa, ao oferecer seu próprio filho primogênito, despertou o exército moabita, como que possuído por uma força sobre-humana, derrotando assim a coligação e salvando o reino moabita. A *ira,* nesse caso, foi do exército moabita, mas inspirado por Camos.
2. Ou *Yahweh,* por alguma razão não-declarada, fez voltar seu poder e ira contra Israel. Talvez Mesa tenha oferecido seu sacrifício a Yahweh, o qual, em Sua misericórdia, permitiu que esse rei e sua nação sobrevivessem ao ataque. Isso também teria sido feito para punir a "aliança profana" que Judá fizera com idólatras (os edomitas e os israelitas), que continuavam envolvidos na idolatria, com a adoração ao bezerro de ouro, em Betel, bem como com o baalismo.
3. Ou então *forças malignas e sobre-humanas* ficaram tão satisfeitas diante do sacrifício oferecido por Mesa que enviaram algum tipo de julgamento inexplicável contra Israel, alguma espécie de inexplicada maldição sobre-humana. Mas, sem dúvida, Mesa e seu povo atribuíram tudo a *Camos.* De fato, a pedra moabita conta-nos a história de como Moabe obteve a vitória através da ajuda *divina,* particularizando o deus Camos. Talvez o autor sagrado pensasse que, realmente, isso poderia ocorrer, e, assim sendo, registrou o evento como alguma espécie de triunfo infeliz dos poderes malignos superiores aos homens.

Henoteísmo? Essa é a doutrina que diz que, apesar de haver "um Deus" a nosso favor, o qual é "mais poderoso do que outros deuses", existem outros deuses que têm seus poderes respectivos e suas áreas de autoridade. O henoteísmo (ver a respeito no *Dicionário*) foi uma espécie de degrau na direção do *monoteísmo* (ver também no *Dicionário*). Não é impossível que o autor de I e II Reis assumisse uma posição *henoteísta,* e julgasse que algumas vezes uma deidade estrangeira pudesse intervir em favor de seu povo.

"É certo que a crença na supremacia de Yahweh não impediu a antiga nação de Israel de admitir a existência verdadeira e a força de divindades estrangeiras (ver I Crônicas 16.25,26; 17.21; Números 21.29; Juízes 11.24)" (Ellicott, *in loc.*).

O texto talvez nos ensine que *Camos* teve seu dia, inspirado pelo temível sacrifício do rei dos moabitas. Existem poderes espirituais aliados, contra os quais precisamos lutar, e algumas vezes é melhor correr e esconder-se do que permanecer e lutar.

Que Dizer sobre a Profecia de Eliseu? A coligação de forças foi à luta confiando nessa profecia. Ver o vs. 18. Apesar de uma notável vitória preliminar, *Camos* teria providenciado para que os moabitas fizessem virar a maré da batalha, ou, talvez, tenha feito intervenção direta na questão, enviando os três reis coligados derrotados de volta para casa. Muitas profecias são parciais, e, verdadeiramente, algumas fracassam (ver I Coríntios 13.8). Estou supondo que as profecias de Eliseu, naquela ocasião, tenham fracassado. Ele falou o que pensava que ocorreria, mas ele e a coligação foram tomados de surpresa. Ou então poderíamos imaginar que Israel supostamente seria derrotado, e Eliseu encorajou-os a lutar e *perder,* como um juízo de Yahweh. Nesse caso, o profeta usou de *ludíbrio,* algo aceitável pela moralidade da época, embora não por nós. Esse acontecimento é *instrutivo* quanto à própria natureza da profecia. Se o *amor* é seguro e nunca falha, as profecias chegam a *falhar.* Lamento, mas elas falham. Somente Deus é infalível, e outras infalibilidades tornam-se idolatrias. Muitas pessoas têm transformado em ídolo a tradição profética. Atualmente, as pessoas ficam desapontadas diante de coisas que não acontecem da maneira que elas pensavam que deveriam ocorrer.

Capítulo Quatro

Várias Histórias sobre Eliseu (4.1-6.23)

Temos agora *três capítulos* de histórias incomuns que ilustram o poder, a sabedoria e a autoridade de Eliseu, o profeta de Yahweh. São histórias que nos fornecem exemplos morais. Elas contêm muitas lições valiosas que nunca perderam o seu valor. Essas crônicas fazem parte dos *acontecimentos maravilhosos* da vida de Eliseu. Ele precisava ser respeitado. Eliseu foi um profeta autêntico, em contraste com os profetas falsos e apóstatas de Israel, que serviam a Baal e a outras divindades ridículas. Yahweh era o Deus de Eliseu, e Ele é o único Deus vivo e verdadeiro. Israel deveria ter abandonado sua idolatria, por causa do exemplo piedoso deixado por Eliseu. Israel, pelo contrário, deixara-se envolver por meras vaidades. Eliseu, por sua vez, demonstrou uma vereda mais alta e mais nobre. Ele salientou aquela vereda onde ocorrem milagres genuínos, onde os homens entram em contato com o Ser divino. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Milagres.*

Eliseu Aumenta o Azeite da Viúva (4.1-7)

4.1

Certa mulher. Essa mulher era a esposa de um dos discípulos dos profetas. Ela tinha acabado de perder seu marido. O homem tinha sido *servo* de Eliseu, ou seja, era alguém que estava debaixo de suas instruções, visto ser ele o cabeça das escolas dos profetas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escolas dos Profetas.* À pobre viúva sobraram dívidas assumidas por seu marido, e os *abutres* estavam à sua caça. O caso era tão sério que um credor tinha ameaçado vender os dois filhos da mulher à servidão, para que a dívida fosse saldada. Isso ele acabaria fazendo, sem dúvida. A viúva então apelou para Eliseu intervir no caso, de qualquer maneira que Yahweh o instruísse a agir.

O Targum faz o profeta em questão (marido da viúva) ser *Obadias,* que havia ocultado os cem homens em cavernas, para que escapassem da ira de Jezabel. E Josefo (*Antiq.* 1.9, cap. 4, sec. 2) recebeu essa tradição como se fosse autêntica. Ver o capítulo 18 de I Reis quanto à história de Obadias. Tais embelezamentos, porém, dificilmente refletem a verdade. Seja como for, o profeta em questão era um homem digno, que tinha observado a lei de Yahweh e não estava envolvido na idolatria. Sendo um homem digno, sua viúva mereceu a ajuda de Eliseu, especialmente tendo em vista ser ele o *pai* das escolas proféticas. Ele tinha o dever de cuidar de seus filhos e filhas. Naturalmente, *ministérios celibatários* eram estranhos à mentalidade judaica, em contraste com certos segmentos da cristandade atual.

Servidão. Israel estava muito envolvido na instituição da escravidão. Muitos cativos de guerra eram transformados em escravos. Um israelita costumava vender a si mesmo e aos seus familiares à servidão, para pagar dívidas. Ver Êxodo 21.7; Levítico 25.39; Neemias 5.5; Isaías 50.1; Jeremias 34.8-11. O credor tinha o direito de fazer o que o presente versículo diz. Ele não estava fora da legislação mosaica. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Escravo, Escravidão.*

Adam Clarke (*in loc.*) aproveita esta ocasião para salientar como as sociedades antigas abusavam de seus filhos. Dionísio de Halicarnasso (*Lib.* ii, partes 96 e 97) contou-nos como qualquer coisa podia ser feita com esses filhos. As crianças eram espancadas sem misericórdia, e até lançadas na prisão e sujeitadas a torturas pelas suas "infrações". Eram empregadas como escravas no trabalho pesado, até por seus próprios familiares. Diocleciano e Maximiliano aprimoraram leis para proteger os devedores e seus filhos. Solon, o grego, eliminou certos costumes bárbaros no tocante aos filhos.

4.2

Coisas valiosas? Porventura a viúva não tinha nenhuma coisa valiosa que pudesse ser vendida para saldar sua dívida e assim evitar uma desgraça maior? O que ela tinha? Ela tinha o grande tesouro de uma única botija de azeite. Esse azeite serviria para cozinhar, ou era um *frasco de azeite*, que serviria para unção. Os judeus, tal como os gregos e os romanos, ungiam-se com óleos fragrantes depois de tomarem banho. Esse era um *artigo de luxo,* e a única coisa que a mulher tinha na casa. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Azeite (Óleos).*

Embora fosse um artigo tão humilde, a única posse de algum valor da mulher, o azeite estava prestes a ser multiplicado, para salvar a situação.

4.3

Pede emprestadas vasilhas a todos os teus vizinhos. A mulher foi instruída a juntar grande número de vasilhas de seus vizinhos. Algum tipo de milagre de *multiplicação* logo haveria de ocorrer, enchendo todas as vasilhas. De súbito, a mulher estava no negócio do azeite! A fé da mulher seria medida pelo número de vasilhas que ela juntasse. Naquele dia, a pobre viúva teve uma grande fé, na tentativa de salvar seus filhos da servidão.

4.4,5

Então entra, e fecha a porta sobre ti. Por trás de portas fechadas, a viúva e seus filhos foram testemunhas do grande milagre de multiplicação. As muitas vasilhas estavam espalhadas ao redor, prontas para serem enchidas. Os filhos trouxeram as vasilhas à sua mãe, uma a uma. Ela derramou o azeite precioso em uma das vasilhas, e a vasilha original continuava cheia! Assim sendo, ela encheu outra, e a vasilha original continuava cheia! E assim ela prosseguiu, e em breve a casa estava repleta de vasilhas cheias de azeite, cada qual cheia até a beira.

Isso pode ser comparado ao milagre de Jesus da multiplicação dos pães e dos peixes (Mateus 14.13-21). Elias realizou um milagre similar, envolvendo azeite; ver I Reis 17.11 ss.

Uma Lição Moral Vital. Há grande suprimento para toda necessidade, quando Deus intervém. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! O poder divino satisfaz a necessidade humana.

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça,
a fim de que, tendo sempre, em tudo,
ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.

(II Coríntios 9.8)

4.6

Não há mais vasilha nenhuma. E o azeite parou. Um toque especial. Este versículo cria o toque especial da história. Enquanto houve vasilhas para serem enchidas, o azeite continuou fluindo da vasilha original. Mas uma vez que não houve mais vasos, o fluxo de azeite cessou. Os benefícios de Deus, por igual modo, continuam fluindo para aqueles que têm fé, e, por causa das boas obras deles, produzem um *contínuo* e grande suprimento. A fé de um homem determina a extensão de suas obras, governadas, naturalmente, pelos ditames de sua missão. Em outras palavras, quanto maior for a sua *necessidade,* se você está ocupado em uma boa causa, *mais* você obterá. Além de suas necessidades, há aquela abundância que permite que você prospere em boas obras. Não se engane quanto a isso! O dinheiro é importante! Mas só é importante como um meio de aumentar nossas boas obras. Deus não nos dá dinheiro para trivialidades, deboche e tolices. E nem precisamos de luxos. Há uma verdade na declaração de I Timóteo 6.10: "O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males".

Mas também há uma verdade naquela outra declaração, uma pequena modificação em relação a essa primeira: "A falta de dinheiro é raiz de todos os males".

Isso será assim especialmente se a falta de dinheiro impedir as boas obras. É melhor o crente ser próspero do que ser pobre, *contanto* que essa prosperidade seja uma força por trás de nobres realizações. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça!

Tipologia. O azeite dessa história representa o Espírito e a graça que Ele supre através dos benefícios da missão de Cristo. N'Ele há um suprimento infinito de graça, bem como das riquezas do céu, por meio da salvação.

4.7

Comercialização. A situação da viúva e de seus filhos foi completamente resolvida pela venda do azeite. Essa também é uma ótima lição moral. Embora haja um rico suprimento da parte de Deus, temos de ser industriosos em nós mesmos. Nenhum problema teria sido resolvido se a viúva não saísse nem vendesse o azeite. Por conseguinte, precisamos comercializar nossos benefícios, isto é, pô-los a trabalhar. Em nossa sociedade, cada indivíduo precisa vender o seu produto, a sua habilidade. Todos os empregos são uma comercialização de habilidades. A pobreza ocorre ao homem preguiçoso. A pobreza espiritual acompanha a vereda do indivíduo que pouco tenta fazer. Trabalhar é divertido, e a diversão está no trabalho.

Não há verdadeira riqueza salvo no labor do homem.

(Percy B. Shelley)

Sou um verdadeiro trabalhador.
Ganho aquilo que como;
obtenho pessoalmente o que visto.
A ninguém devo nenhum ódio;
nem invejo a felicidade de ninguém.
Alegro-me diante do bem de todo indivíduo.

(William Shakespeare)

"A história demonstra os cuidados de Deus por Seus fiéis, que viviam na apostatada Israel da época. As viúvas são sempre vulneráveis, e a viúva do profeta era ainda mais necessitada. No entanto, Deus cuidou *miraculosamente* daquela crente fiel e dependente" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Outra História Maravilhosa:

A Mulher de Suném (4.8-37)

O autor sagrado continua a contar suas *histórias admiráveis,* cada qual envolvendo um milagre especial. Cada uma dessas histórias ilustrou o poder e a autoridade de Eliseu como um profeta de Yahweh, o único Deus verdadeiro e vivo, em contraste com os falsos profetas de Baal e de outras culturas pagãs. Quanto a comentários gerais sobre a natureza e o propósito dessas histórias, ver a introdução ao primeiro versículo deste capítulo.

4.8

Suném. Ver as notas expositivas completas sobre esse lugar, no *Dicionário.* Essa cidade ficava perto de Jezreel e pertencia à tribo de Issacar (Josué 19.18). Havia uma mulher rica ali, que chamou a atenção do profeta. Note-se o contraste. A primeira história foi sobre uma pobre viúva; esta história é a de uma mulher de uma classe do extremo oposto. O poder de Eliseu operava em qualquer nível da sociedade, onde quer que seres humanos estivessem enfrentando problemas, conforme acontece por toda parte. O profeta de Yahweh era movido pela compaixão e bania a miséria humana. Eliseu, porém, também padecia necessidades, e a mulher rica desta narrativa mostrou-se generosa para com ele. Quando ele fazia seus circuitos por todo Israel, por várias vezes ela e seu marido tinham-no visto passando. Ela pensou que seria bom providenciar um lugar para ele ficar, portanto preparou uma *câmara conveniente para um profeta,* que ele pudesse usar quando estivesse nas vizinhanças. E ela também lhe provia refeições, quando ele estava ali. A mulher não sabia, mas estava semeando boa semente, e finalmente colheria uma colheita de felicidade, quando o profeta usasse seus poderes miraculosos em favor dela. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

As *tradições judaicas* identificam essa mulher rica com a irmã de Abisague (I Reis 1.3). Nesse caso, ela deveria ter mais de duzentos anos de idade, na ocasião! Isso mostra quão insensatas são muitas das identificações rabínicas.

O Pequeno Quarto do Profeta. "... um cenáculo construído sobre o eirado, com acesso por meio de uma escada externa, pelo que a entrada ou saída era independente da própria casa" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

4.9-10

Como boa dona de casa, a mulher não ousou tomar uma decisão unilateral. Ela consultou seu marido sobre a idéia de oferecer um dormitório de profeta para Eliseu, e valorizou a idéia ao descrever como o aposento seria mobiliado com os móveis apropriados.

Santo homem de Deus. Um dos propósitos dessas *narrativas maravilhosas* era estabelecer o contraste entre um verdadeiro profeta de Yahweh e os profetas apóstatas de Baal, e assim assegurar aos leitores o fato de que Yahweh era o Deus do casal, o único verdadeiro Deus vivo. Ver as notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo.

Um lugar "... onde ele pudesse estar livre dos ruídos da casa, sentindo-se livre para orar, ler, meditar e estudar, e não ser perturbado pelos servos da família, tendo de misturar-se com eles. Tudo isso ela planejou tendo em vista honrar Eliseu, visando à quietude e à paz dele" (John Gill, *in loc.*).

Paralelos Modernos. Algumas igrejas mais ricas têm preparado dormitórios de profetas para abrigar missionários e pastores visitantes, pelas próprias razões que John Gill deu na citação encontrada acima. Outras igrejas enviam esses visitantes a hotéis e providenciam para eles dependências particulares, em lugar de forçá-los a ficarem na casa de alguém, onde uma interminável conversação perturbaria a paz deles.

4.11,12

O *autor sacro* não se deu ao trabalho de dizer-nos que o marido da mulher consentiu com o plano de Deus, mas é óbvio que ele aprovou. Eliseu foi o primeiro a utilizar o dormitório de profeta, tão recentemente preparado. O profeta, cansado de sua jornada, deitou-se para descansar. Ele estava acompanhado por um servo, Geazi, um aprendiz de profeta. Quando Eliseu estava relaxando ali em "seu dormitório", pensava sobre a bondade da mulher, e julgou que ela merecia alguma espécie de recompensa. Assim sendo, ordenou que seu servo falasse com a mulher, para ver se ela teria alguma necessidade especial. A mulher, como é claro, não estava querendo receber nenhuma recompensa, mas aqueles que agem bem, aqueles que mostram generosidade, receberão sua recompensa, quer a esperem, quer não. A medida de um homem é a sua generosidade, outro nome para a lei do amor. O amor é a própria prova da espiritualidade (ver I João 4.7). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Liberalidade, Generosidade.* E ver no *Dicionário* da presente obra o artigo chamado *Amor.*

4.13,14

O *profeta* ordenou a seu servo que trouxesse a mulher. Foi o servo quem falou inicialmente com ela. Que necessidade especial ela poderia ter? O homem de Deus tinha poder de obter de Yahweh qualquer coisa de que ela estivesse precisando. Geazi agradeceu à mulher por tudo quanto ela fizera e falou em uma recompensa. Mas a mulher era rica e habitava "no meio" do seu povo. Em outras palavras, ela não tinha necessidades especiais. Ela não estava no exílio. Sua vida era boa e confortável, ela gozava de boa saúde, e tinha muitas amigas. Ela era próspera e cheia de bens, e não necessitava de coisa alguma. Porém, ela não tinha filhos! Para uma mulher de Israel, isso era uma *calamidade.* Esse era o fato que arruinava a vida dela. O resto estava muito bem e em ordem. Para complicar a questão, seu marido era um homem *velho* e, segundo se pode presumir, tinha passado da idade de gerar filhos. Provavelmente também devemos entender que ela estivera estéril durante algum tempo. Em outras palavras, era um *caso sem solução.* Contudo, esse era o *problema dela,* o qual, em seu coração, ela continuava desejando ver resolvido.

A *conversa* entre o servo e a mulher aparentemente ocorreu fora da porta do dormitório do profeta, e longe o bastante para que Eliseu não compreendesse o que estava sendo dito. Por conseguinte, Geazi precisou relatar a Eliseu como tinha sido a conversa. Geazi fizera a mulher compreender que Eliseu tinha poder sobre o rei e o chefe do exército. Ele tinha recursos. Como é óbvio, ele tinha influência perto de Yahweh, e era *isso* que se fazia necessário para solucionar o problema da mulher.

4.15

A *mulher* foi chamada para ter uma conversa direta com Eliseu. O problema era difícil, para se dizer a verdade, do *ponto de vista* humano, mas o profeta vivia com um pé no outro mundo, e podia trazer para a vida dela a intervenção *divina.* Isso o habilitava como verdadeiro profeta do verdadeiro Deus, Yahweh, o único Deus vivo. Essas narrativas maravilhosas anelam por enfatizar essa autenticação, distinguindo o profeta de Yahweh dos profetas apóstatas de Baal.

4.16

Por este tempo daqui a um ano. Ou seja, por aquele mesmo tempo do ano, dentro de um ano, a mulher teria um filho ao qual estaria abraçada. Isso significa que ela ficaria grávida quase imediatamente. Mas podemos entender a frase "por este tempo" com o significado de período próprio de gestação. Dentro de um ano, a gestação já estaria completada.

Não, meu senhor. Nenhum profeta, por maior que seja a sua reputação, é sempre exato em suas predições. Algumas de suas profecias falham. Ver o caso da derrota de Israel diante dos moabitas (II Reis 3.27), no seu último parágrafo. As profecias realmente falham (ver I Coríntios 13.8). Por outro lado, um verdadeiro profeta inspirado mostra-se admiravelmente exato. A mulher ficou cheia de dúvidas, e não hesitou em expressá-las. Mas o milagre aconteceria, a despeito de suas dúvidas sobre a questão. Deus nem sempre se limita às operações da fé humana. O *conhecimento prévio* é uma propriedade natural da psique humana. Um homem pode prever o futuro. De fato, ele prevê continuamente o futuro, conforme os estudos o demonstram. Mas também existe um conhecimento prévio divino ou diabólico, no qual a capacidade natural do ser humano é ultrapassada. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Precognição.* E no *Dicionário* ver os artigos denominados *Profecia, Profetas* e *Dom de Profecia.*

Palavras Ousadas. Tão convencida estava a mulher de que não poderia ter filhos que ela acusou o profeta de estar *mentindo* somente para fazê-la sentir-se bem, ou pelo menos acusou-o de estar na linha fronteiriça entre a verdade e a fantasia. Ele poderia não estar a enganá-la propositadamente, mas segundo a estimativa dela, ele estaria falando uma tolice, com base em uma ilusão (crença falsa). Algumas vezes, a *fé* consiste em crermos em algo que não corresponde aos fatos.

4.17

Concebeu a mulher, e deu à luz. A despeito das dúvidas dela, a despeito da impossibilidade do cumprimento da profecia, a mulher ficou realmente grávida, e teve seu filho dentro do tempo predito. É sempre uma maravilhosa experiência receber alguma graça que ultrapassa aquilo que merecemos, ou mesmo aquilo que pedimos.

> *Ora àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.*
>
> (Efésios 3.20,21)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Algumas vezes a fé jaz morta, mas isso não significa que o poder espiritual também morreu. Há sempre aquela grande Fonte de poder que age em nosso favor.

"Quão frequentemente, sob a aparência externa de prosperidade e bem-estar, jaz um desapontamento oculto! Detectar isso é satisfazer a alma faminta e é um dos melhores ministérios de qualquer homem de Deus" (Raymond Calking, *in loc.*).

Nascimentos Miraculosos. Por várias vezes as Escrituras ilustram o poder de Deus por meio de nascimentos miraculosos. Cf. os nascimentos de *Isaque* (Gênesis 18.12,13; 21.2); de *Samuel* (I Samuel 1.11 ss.) e de *Jesus* (Mateus 1.18 ss.). Cada um desses nascimentos miraculosos produziu um homem dotado de alguma missão especial. Não foram casos de maravilhas caprichosas. Antes, foram nascimentos repletos de propósitos. Embora o autor de I-II Reis nada diga a respeito (sendo até provável que ele não o soubesse), é provável que esse filho de uma promessa, do quarto capítulo de II Reis, se tenha tornado um instrumento especial de Yahweh, tendo cumprido uma missão distintiva.

4.18

A Seqüela. A história admirável do nascimento maravilhoso de um filho teve sua seqüela. Nenhuma vida deixa de atravessar dificuldades. Embora a criancinha tenha sido trazida a esta vida terrena pelo poder divino, ela não estava isenta das pragas comuns enfrentadas pelos homens. A criança adoeceu e morreu. Mas Eliseu estava ali para intervir, e assim temos uma excelente seqüência da história original, outra *história maravilhosa* que ilustra o fato de que Eliseu era um profeta verdadeiro de Deus, e que o seu Deus, Yahweh, era o único Deus vivo e verdadeiro. Quanto aos propósitos das histórias maravilhosas, ver as notas de introdução a II Reis 4.1. Há histórias de ressurreições miraculosas. Essa é a primeira história assim contada na Bíblia. Ocasionalmente, ouvimos falar de alguma instância moderna, e não há razão para duvidarmos da autenticidade de *algumas* histórias. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Ressurreição* e *Ressurreição de Jesus.* Ver também o artigo sobre *Sathya Sai Baba,* quanto a um moderno operador de maravilhas, que tem efetuado ressurreições, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver também o artigo chamado *Experiências Perto da Morte,* que algumas vezes se revestem da natureza de ressurreições autênticas. Temos também grandes histórias *de vida,* e ocasionalmente a vida triunfa sobre a morte. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres.*

Foi um Dia Comum. O pequeno menino circulou entre os segadores, nos campos plantados de seu pai. Ao que tudo indica, ele teve uma insolação fatal (vs. 19). Talvez a criança tivesse seis ou sete anos, idade suficiente para circular pelos campos, mas não para ser um dos segadores.

4.19,20

Ai! a minha cabeça! Uma insolação é igual a qualquer outro derrame, exceto pelo fato de que sua causa é o calor violento do sol, que faz estourar uma veia na cabeça, ou a leva a inchar de modo tão extraordinário que o cérebro é afetado. Naturalmente, insolações normais não causam dano permanente, mas o filho da mulher sofreu uma insolação tão severa que lhe foi fatal. Naquela hora crítica, somente Deus poderia curá-lo. O pobre menino gritava de dor: "Ai, a minha cabeça! Ai, a minha cabeça!". E, ato contínuo, perdeu a consciência. Foi imediatamente levado à sua mãe. O menino não morreu em seguida. Ficou sentado nos joelhos de sua mãe até o meio-dia, e então morreu (vs. 20). Alguns estudiosos dizem que ele apenas teve um desmaio. Mas penso que ele realmente morreu. Todos quantos testificaram o evento, disseram: "Ele está morto!". Mas a mãe do menino não perdeu a esperança. Ela se lembrou do poderoso profeta, Eliseu. Agora a fé dela estava fortalecida. Enquanto ela, *antes,* quase não cria que seu filho pudesse nascer, *agora* ela acreditava que ele seria devolvido dentre os mortos! Sua fé havia crescido. Entrementes, o poder de Yahweh continuava o mesmo. Deus dera a vida ao menino; e agora Deus poderia restaurar-lhe a vida. O poder de Yahweh continuava o mesmo, e até hoje não sofreu nenhuma modificação! Precisamos aprender a tirar proveito do poder divino. Sabemos quão grande é esse poder. O homem natural tem conhecimento dessas coisas.

4.21,22

O Gesto de Esperança. Eliseu estava viajando e não se encontrava no quarto que a mulher lhe havia preparado. Não obstante, a mãe deitou o filho morto na cama do profeta, no seu dormitório sagrado. Então ela deu a ordem, através do marido, de preparar um jumento para ela montar a fim de ir atrás do profeta e trazê-lo de volta. Não fora Eliseu quem tivera predito, contra todas as possibilidades, que ela teria um filho? Fora Eliseu quem, por assim dizer, lhe *dera* a vida, e seria o profeta, conforme ela pensava, quem a *restauraria.* Aquele homem tinha poder sob Yahweh, e coisa alguma seria difícil demais para ele. Eliseu era instrumento de milagres, e era isso de que ela precisava tanto naquele momento. Algumas vezes, as circunstâncias da vida vão além de nós; elas saem do controle. É aí que Deus precisa intervir, ou tudo estará perdido.

É óbvio que a mulher não disse a seu marido que o filho deles tinha morrido. Ela tentaria remediar a situação e poupar a tristeza na casa.

4.23

Por que vais a ele hoje? A mulher nada disse a seu marido sobre a morte do menino, e assim ele indagou por que ela ansiava tanto por ver o homem santo. Não havia nenhum dia santo especial, nem festividade, nem sábado para ele estar presente e celebrar, nem ele estaria em algum santuário onde ela pudesse encontrá-lo com facilidade.

O autor quis indicar que, se algum feriado religioso estivesse próximo, Eliseu estaria em Carmelo, cerca de quarenta quilômetros de *Suném.* Talvez ele estivesse ali, seja como for. Ver o vs. 24.

"Ela era uma mulher muito prudente. Ela não perturbaria os sentimentos de seu marido informando-o da morte do filho deles, enquanto não se tivesse valido do poder do profeta" (Adam Clarke, *in loc.*).

Não é lua nova nem sábado. Ver os artigos sobre "lua nova" e "sábado", no *Dicionário.* Talvez até mesmo quando Israel estava na apostasia, certas pessoas fiéis costumavam visitar os profetas de Yahweh em dias religiosos especiais. Cf. Amós 8.5.

Ela disse: Não faz mal. A mulher não quis despertar a ansiedade de seu marido e assegurou-lhe que tudo estava bem e que ela não se demoraria.

4.24

Não te detenhas no caminhar. Ela foi tão ligeira quanto seu animal pudesse avançar, dando ordens ao seu servo para que não se esquecesse de espicaçar o jumento, para que este continuasse estugando o passo. Esse *modus operandi* continuou por todo o caminho até o monte Carmelo. Esse lugar, como é evidente, tornara-se o quartel-general dos profetas autênticos de Yahweh, e a mulher sentia que havia uma boa chance de encontrar o profeta ali. Fora ali que Elias tinha obtido a sua grande vitória sobre os profetas de Baal (ver I Reis 18.20 ss.). Depois daquilo, qual profeta de Baal ousaria aproximar-se daquele lugar?

Há *outro sentido* emprestado a este versículo. Alguns imaginam que a mulher foi andando, visto que o jumento serviria para o retorno montado do profeta Eliseu. Mas isso não faz sentido. Se ela quisesse andar, poderia voltar caminhando. Ademais, havia jumentos por toda parte, de forma que todos poderiam ter voltado montados para casa. Era costumeiro, entretanto, que um servo caminhasse ao lado do jumento que estivesse servindo de montaria para um senhor ou senhora. Se esse tivesse sido o caso, então foi preciso muito tempo para o grupo chegar ao Carmelo.

4.25,26

Foi ter com o homem de Deus, ao monte Carmelo. O autor sacro não nos diz quantos dias ou horas de agonia se passaram. Eliseu viu a mulher, ainda a distância, e sentiu imediatamente que algo estava errado. Assim sendo, enviou seu profeta-servo aprendiz ao encontro da mulher, a fim de saber o que teria acontecido. E ao encontrar-se com ela, fez todas aquelas perguntas: Está tudo bem contigo? Com teu marido? Com teu filho? Ele não indagou sobre questões de dinheiro, porquanto, em momentos de crises de família, o que significa o dinheiro? Ele também não perguntou como estavam as plantações dela, pois, em tempos de crise de família, quem se importa em saber como vai o comércio? A mulher teve a coragem e a fé de responder: "Tudo está bem", porque ela sabia que, *de alguma maneira,* assim o tornaria o poder de Deus.

"Embora sofrendo a pior aflição de família que poderia ter sobrevindo a ela e a seu marido, contudo, acreditando que grande é a providência de Deus... ela disse: Está tudo bem comigo!" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.*

Se em teu corpo sofres dores,
E não podes recuperar a saúde,
E a tua alma afunda no desespero,
Jesus conhece as dores que sofres.
Ele pode salvar e pode curar.
Leva tua carga ao Senhor, e deixa-a com Ele.

(C. Albert Tindley)

4.27

Abraçou-lhe os pés. Chegando ao homem de Deus, a mulher prostrou-se e agarrou-se aos seus pés, num gesto de desespero. O servo, Geazi, porém, afastou-a, pensando que ela estava demonstrando uma estúpida ousadia pela maneira como tratava o profeta de Deus. Mas Eliseu reconheceu que havia angústia no coração dela, e a angústia é que a havia inspirado naquele ato de desespero. Logo, o profeta ordenou que o servo a deixasse em paz. A tristeza dominava a mente dela, apesar de sua fisionomia de coragem e de esperanças.

"... assumindo a postura de uma suplicante humilde que tinha urgência... derramando diante dele um dilúvio de petições apaixonadas, pedindo socorro" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Mateus 28.9 e Lucas 7.38. "... plena de tribulação e angústia, ela não sabia o que fazer, nem sabia bem o que estava fazendo" (John Gill, *in loc.*).

4.28

A *graça divina* tinha provido a criança. A mãe tinha esperado pelo filho, mas não estava esperando um milagre pelo qual o menino lhe seria dado. Fora o *profeta* que fizera o poder de Yahweh fluir. Agora, porém, o *filho da promessa* estava morto. Somente o poder de Yahweh poderia trazê-lo de volta. Era isso que a mulher pedia: *outra* intervenção divina. Quanto mais anos vivermos, mais precisaremos das intervenções divinas para terminar nosso curso na vida!

O autor não nos informa sobre todos os apelos feitos pela mulher; ele apresentou somente a parte mais poderosa desses apelos. Teria sido melhor nunca ter tido um filho do que receber um, somente para vê-lo morrer ainda pequeno! Aquela era uma situação *intolerável,* que dificilmente se coadunava com a graça e a providência de Deus, e o profeta precisava *remediar* a situação, pois, do contrário, tudo não passaria de uma insensata *zombaria.*

"Não zombes de mim com um filho... de quem serei privada pela morte, em sua meninice" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.29

Toma o meu bordão contigo, e vai. Eliseu não iria pessoalmente até onde estava o menino. Ele pensou que seria suficiente enviar seu servo, que poria seu cajado (símbolo de sua autoridade) sobre a face da criança. De fato, provavelmente isso teria funcionado, mas a mulher não queria aceitar essa "ação indireta".

Se encontrares alguém, não o saúdes. A ordem de silêncio é tomada pelos comentadores como um sinal de que Geazi não deveria perder tempo: o caso era *urgente.* O servo não deveria perder tempo em conversas banais no caminho. Mas também existem referências literárias que demonstram que os antigos acreditavam haver "poder no silêncio", poder esse que poderia ser dissipado pelo ruído e pelas conversas insensatas. O servo de Eliseu deveria preservar o poder fazendo silêncio por todo o caminho. Naturalmente, alguns antigos faziam disso uma espécie de poder mágico. "Muitos exemplos dessa necessidade de silêncio são dados nos livros das religiões e dos costumes primitivos. No Marrocos, *baraka* (o poder de abençoar) é efetuado pelo ato de falar, especialmente pelo falar em voz alta, mas há poder mágico no *silêncio*" (Norman H. Snaith, *in loc.,* o qual prossegue para dizer que esse conceito do poder do silêncio pode ser encontrado em tribos primitivas de nosso mundo atual, como os aborígines australianos).

Apesar de ser verdade que os orientais perdiam e perdem muito *tempo* em saudações elaboradas (*Keil*), a outra idéia é, provavelmente, o princípio aqui enfocado.

4.30

Então ele se levantou, e a seguiu. A mãe do menino recusou-se a partir, se o profeta não fosse ver pessoalmente o filho dela. Ele pode ter acreditado na eficácia de um seu representante, mas *ela* não acreditava. Ela precisava do homem de poder *no local da cena,* para que seu filho fosse salvo. Ela jurou por *Yahweh vivo,* o único Deus vivo e verdadeiro, que só retornaria para casa se Eliseu fosse com ela, e cuidasse pessoalmente da difícil tarefa. Isso convenceu o homem de Deus. Ele abandonou tudo quanto tinha de fazer e concentrou seus esforços naquele milagre humanitário.

O profeta foi com a mãe do menino, "... influenciado pela importunação dela, e relembrando-se dos favores que já havia recebido da parte dela, e, mais especialmente, influenciado pelo Espírito de Deus" (John Gill, *in loc.*).

4.31

O menino não despertou. *Testes primitivos sobre sinais de vitalidade* foram aplicados, mas nenhuma vida foi detectada na criança. Cf. I Reis 18.29. Baal, por modo similar, não manifestara nenhum sinal de vida, a despeito do frenesi demonstrado pelos seus profetas. A ciência moderna nos tem brindado com melhores maneiras de constatar a morte física: ausência de batidas no coração; falta de circulação do sangue; falta de respiração; falta de contrações nos intestinos para a digestão, que são incessantes quando uma pessoa continua viva. Embora Geazi não fosse detentor da ciência moderna, não há razão para acreditarmos que o menino não estivesse morto. O menino seria devolvido à vida, dos mortos, e não de um mero estado de coma ou desmaio.

4.32

Eis que o menino estava morto sobre a cama. Eliseu entrou na casa e descobriu a situação exata que a mulher lhe havia informado. O menino estava morto, jazendo na cama do profeta, no cenáculo que ela havia construído para o homem de Deus, para ser sua "casa longe de casa. "... o profeta viu que o corpo e o espírito da criança se tinham separado um do outro" (Adam Clarke, *in loc.*). Conheci uma mulher que continuou dando respiração artificial a uma criança que estava morrendo. Ela disse que *sabia* quando o espírito partira do corpo, mas continuava a dar-lhe aquele tratamento, para prolongar as esperanças da mãe pelo menos um pouco mais.

Quando o profeta viu a situação, reconheceu o estado de morte em que o menino estava. Mas ele também sabia que a morte física pode ser revertida, quando o poder de Deus se faz presente. Esse conhecimento lançou Eliseu à ação.

4.33

Fechou a porta sobre eles ambos. Assim, Eliseu estava agora sozinho com o menino morto e com Yahweh. Foi um encontro pleno de esperança, porque o Ser divino estava presente. Eliseu fechou a porta para que pudesse falar com Yahweh e dizer-Lhe: "Vê este evidente desespero. Agora terás de ajudar-me". Conheço um pastor que caiu do teto de uma igreja, de cabeça para baixo. Suas últimas palavras foram uma oração: "Oh, Senhor, agora terás de ajudar-me". Assim também Eliseu disse: "Oh, Senhor, agora precisas ajudar-me". Há sempre a ajuda divina, mas algumas vezes essa ajuda espera a alma do outro lado da porta que chamamos de morte. De outras vezes, o poder de Deus devolve a vida física. Há um desígnio divino em todas as coisas. Os homens espirituais sabem dessas coisas.

Cf. certo milagre de ressurreição efetuado por Jesus, relatado em Mateus 9.23-26. Jesus retirou os barulhentos presentes antes de aplicar o Seu poder.

4.34

Subiu à cama, deitou-se sobre o menino, e... *O profeta tinha um plano,* e sabia que ele funcionaria. Cf. um ato similar de Elias, quando ele ressuscitou o filho da viúva (ver I Reis 17.17-24).

Transferência de calor, energia e vida. Estudos modernos sobre curas indicam que há uma verdadeira transferência de energia do curador para a pessoa a ser curada, uma energia aparentemente parecida, em sua natureza, com a própria vida. Cf. Marcos 5.30. Quando Jesus curava, "virtude saía Dele". Naturalmente, quando alguém morre, deve haver o envolvimento de outros fatores, se esse alguém tiver de ser devolvido à vida. Isso nos envolve em mistérios, mas há uma operação divina em tudo isso. "A vida do Espírito divino, que havia em Eliseu, foi miraculosamente transmitida mediante *contato* com o corpo sem vida (cf. Gênesis 2.7)" (Ellicott, *in loc.*).

"Meios naturais estão em nosso poder. Aqueles meios que são sobrenaturais pertencem a Deus. Sempre devemos fazer o que nos compete, implorando a Deus que faça a sua parte" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.35

Então se levantou e andou no quarto uma vez de lá para cá. *O tratamento continuou.* O menino não retornou imediatamente à vida física. Eliseu desceu pela escada que conduzia ao cenáculo, e andou pela casa, orando ansiosamente enquanto andava. Então voltou ao quarto de cima e repetiu seus exercícios de contato com o corpo do menino. A alma estava pairando e observando o ato, esperando pela ordem divina de retornar ao corpo. O Ser de Luz estava dando instruções à alma. A missão do menino ainda não havia terminado. Ele seria um vaso especial, ou não teria entrado em contato com o grande profeta. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Experiências Perto da Morte.*

Este espirrou sete vezes, e abriu os olhos. "Sete" é o número místico, poderoso e divino. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Número (Numeral, Numerologia).* A *eficácia* já era de se esperar, através dos sete espirros. Entretanto, essa referência a espirros não se acha na Septuaginta, sendo provável que tenha entrado no texto por ditografia. A Septuaginta diz que Eliseu repetiu o *contato corporal* por sete vezes, sendo esse, muito provavelmente, o texto original. Portanto, o texto original (sem dúvida) dizia que Elias repetiu o contato corporal por sete vezes e, então, que o menino, despertando, espirrou. O texto massorético liga o *sete* com os espirros, desvinculando-o do contato corporal, por meio de uma ditografia. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Massora (Massorah); Texto Massorético,* e *Manuscritos do Antigo Testamento,* seção VII.

Encontramos uma referência em Plínio (*Hist. Nat.* liv. xxviii. cap. 6) que diz que o espirro alivia problemas na cabeça, e é possível que os antigos tivessem tais crenças sobre esse ato, as quais podem ter influenciado o texto presente. Talvez o espirro fosse sinal da restauração da respiração.

E abriu os olhos. *Foi o grande momento.* O menino abriu os olhos. A alma estava de volta ao corpo. A missão terrena do menino seria cumprida. A morte perdera a sua presa. Houve gritos de alegria.

4.36,37

Chama a sunamita. Eliseu, imediatamente, mandou seu servo chamar a mãe do menino. E ele disse: "Toma o teu filho! Toma-o em teus braços!". Mas, antes de fazer isso, ela caiu prostrada aos pés do profeta para agradecer-lhe pela ressurreição de seu filho, com frases felizes, excitadas e confusas. Somente então ela tomou o filho em seus braços. A grande fé dela fora *recompensada.*

Importa-se Jesus quando meu coração está triste,
Tão profundamente, para permitir a alegria e o cântico,
Quando as cargas me pressionam e os cuidados me afligem?
Ele se importa o suficiente para estar perto?
Oh, sim, Ele se importa. Sei que Ele se importa.
Seu coração é tocado pela minha tristeza.

(Frank E. Graeff)

"A mãe deixou o quarto cheia de alegria e gratidão pelo que Deus havia feito por ela" (Thomas L. Constable, *in loc.*). "Ela o tomou da cama vivo, seguro e são" (John Gill, *in loc.*). Cf. um dos milagres efetuados por Jesus, em Lucas 7.15. Nesse caso, nosso Senhor também devolveu o menino, que tinha sido ressuscitado, à mãe dele.

Outra História Maravilhosa: Morte no Vaso (4.38-41)

O autor nos brinda com três capítulos repletos de *histórias maravilhosas,* coisas miraculosas realizadas por Eliseu (II Reis 4.1-6.23). Eliseu tinha recebido uma porção dupla do Espírito (o Espírito de Deus) que Elias recebera. É significativo que mais ou menos o dobro de milagres é atribuído a Eliseu, em relação aos atribuídos a Elias. Demonstro isso em um gráfico apresentado próximo da exposição sobre II Reis 2.9. Ver a introdução ao presente capítulo quanto às histórias de maravilhas e os propósitos pelos quais o autor sacro nô-las apresenta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagres.*

4.38

Voltou Eliseu para Gilgal. Eliseu, à semelhança de Elias, antes dele, estava sempre ocupado, fazendo circuitos por todo o Israel, realizando suas maravilhas, dando suas instruções, visitando as *Escolas dos Profetas* (sobre as quais ver o *Dicionário*). Certo número de lugares diferentes tinha o privilégio de ver as maravilhas que ele realizava. Ele tinha uma reputação nacional e, pelo seu poder, é como se ele estivesse dizendo: "O que faço, faço-o pela graça de Yahweh. Ele é o único Deus vivo e verdadeiro. Abandonai a vossa idolatria e voltai aos antigos caminhos de Moisés e dos verdadeiros profetas".

Gilgal. Ver a respeito dessa localidade no *Dicionário.* Esse lugar seria agora o palco de um novo e maravilhoso acontecimento. Era um tempo de fome. Portanto, qualquer panela de alimentos era valiosa. Mas a panela de nossa história estava cheia de morte. Algo tinha apodrecido. Talvez houvesse bactérias perigosas e mortíferas na panela. Era letal. A escola dos profetas estava sentada, triste, em torno daquela terrível panela. Estavam com fome, mas ninguém queria morrer envenenado. Talvez o problema fosse alguma *erva venenosa* que tinha sido misturada na sopa, por alguém com pouco conhecimento de botânica.

Uma fome de sete anos havia sido predita (II Reis 8.1), sendo presumível que essa fome já tivesse começado. As questões agora haviam-se complicado por uma panela envenenada, o único alimento que os profetas tinham.

4.39

E achou uma trepadeira silvestre. Como era usual, membros escolhidos da comunidade tinham preparado uma sopa, cheia de verduras e, sem dúvida, fortalecida com pedaços de carne. As *ervas* usuais tinham sido colhidas, além de colocintidas de uma *parra brava.* Talvez fossem ervas venenosas, colhidas por algum homem ignorante, que pensava que qualquer coisa era boa para ser consumida, contanto que crescesse da terra de Deus.

Talvez a planta ofensora fosse a *colocíntida,* que facilmente poderia ter sido confundida com uma cabaceira. Era uma fruta parecida com uma laranja. Tratava-se de um poderoso catártico, que, em grandes quantidades, tornava-se bastante venenoso. "... a colocintida, cujas folhas são muito parecidas com as de uma vinha, de gosto extremamente amargo, um purgativo muito violento, que, se não fosse neutralizado, produziria ulcerações nos intestinos e provocaria a morte" (John Gill, *in loc.*). A Vulgata Latina traduz a palavra hebraica por "colocíntida", a mesma palavra usada por John Gill e pela nossa versão portuguesa. Aparece entre os vegetais venenosos, embora fosse usada como remédio, em pequenas quantidades.

4.40

Morte na panela, ó homem de Deus. *O gosto da sopa era terrível.* Era amargo e enjoativo. Alguém deu esse grito de alerta. Todos pararam de comer, imediatamente. *Eliseu estava presente,* portanto lhe pediram para tornar a sopa saudável, a fim de poderem comê-la. Talvez se tivessem lembrado de como ele havia purificado a água ruim (ver II Reis 2.19 ss.). Se ele purificara a água, tornando-a potável, por que não poderia purificar o alimento? Os profetas estavam famintos. Eles precisavam de ajuda.

Adam Clarke (*in loc.*) conta a divertida história de um bem conhecido pregador britânico que usava esse texto para fazer apelos em busca de fundos para o clero. Não é muito provável que, na época (Inglaterra do século XVIII), aqueles "profetas" estivessem passando fome. Mas usualmente os pregadores são pobres e, sem dúvida, passam por necessidades que precisam ser aliviadas.

4.41

Trazei farinha. Eliseu havia purificado a água, simplesmente adicionando sal. Aqui ele misturou à sopa uma farinha. Sua presença anulou os maus elementos que havia na sopa. A farinha não era miraculosa, pois o milagre foi feito pela fé de Eliseu! Somos chamados pelo autor sagrado a pensar no poder de Yahweh, que atendeu a Eliseu, como que a dizer: "Ele é um profeta verdadeiro, e seu Deus é Yahweh, o *único* Deus vivo e verdadeiro". Foi vencido o poder de Deus, atuante na vida de Eliseu, que muitos filhos de Israel abandonaram a idolatria. "A refeição foi apenas a base material da atividade espiritual que saía de Eliseu, e que tornou comestível aquele alimento venenoso" (Keil, *in loc.*).

Outra História Maravilhosa: A Multiplicação dos Vinte Pães (4.42-44)

4.42

Vinte pães de cevada. *Eliseu multiplicou alimentos,* tal e qual Jesus fez séculos mais tarde. Este texto cf. Mateus 14.17-21. Os críticos mostram-se muito ativos quanto a este relato, chamando a história original de mera *lenda,* para então dizer-nos que a história dos evangelhos, que envolveu a pessoa de Jesus, foi apenas uma *adaptação,* feita pelo autor sagrado, da história presente, então atribuída a Jesus. Mas existem histórias bem confirmadas, na tradição mística, que dizem que, algumas vezes, homens especialmente santos têm o poder de multiplicar alimentos. De fato, essa é uma das habilidades constantes de *Sathya Sai Baba,* o homem santo da Índia, em nossos próprios dias. Ver sobre ele na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Portanto, a realidade sempre nos surpreende. Existem milagres genuínos; e existem genuínos operadores de milagres, embora nesse ponto também haja muita fraude.

Quanto à dupla porção do Espírito que Eliseu recebera, em relação à porção que fora conferida a Elias, ver II Reis 2.9 e o gráfico anexo que ilustra a questão. Quanto ao propósito das *histórias de maravilhas,* ver a introdução a este quarto capítulo. E ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagres.*

Baal-Salisa. Ver no *Dicionário* o verbete sobre essa localidade. Era uma cidade que ficava próxima de Gilgal. A fome persistia, conforme fora predito (ver II Reis 8.1). É natural, pois, que certos milagres tivessem girado em torno do suprimento alimentar. E Eliseu via-se envolvido nesses prodígios, por ser ele o homem dotado do poder divino.

Sem dúvida, um homem que ainda observava os requisitos da lei mosaica, trouxe um pouco de alimento, as primícias das quais ele trouxera ao profeta, segundo as exigências de Números 18.13 e Deuteronômio 18.4. Ver também Levítico 23.10. Quanto aos detalhes da lei e das práticas que circundam essa doação, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Primícias.* Ele trouxe vinte bolos feitos de cevada, e algum grão fresco, de trigo ou de cevada, em uma sacola.

4.43

Dá ao povo para que coma. O alimento seria suficiente para o profeta ter algumas refeições; mas em lugar de consumir pessoalmente o alimento, ele ordenou ao homem que o desse ao "povo". O vs. 43 mostra que cem homens eram o "povo" referido por Eliseu, os quais, sem dúvida, eram seus colegas profetas, seus alunos, membros de alguma das escolas dos profetas. Eles eram as pessoas certas para receber a oferta das *primícias.* Cf. a ordem dada por Jesus, quando Ele realizou um milagre semelhante (ver Mateus 14.16). *Yahweh* dirigira Eliseu a fazer o que ele fez, e sua ordem teve de ser obedecida. Além disso, *obedecer àquela ordem* faria em breve o alimento *multiplicar-se* miraculosamente, dando várias refeições abundantes para o grupo inteiro de cem profetas.

4.44

Comeram, e ainda sobrou. Esta narrativa deve ser confrontada à história similar sobre Jesus. "Notáveis paralelos a esse milagre podem ser encontrados no Novo Testamento (ver Mateus 14.13-21; 15.32-38)" (*Oxford Annotated Bible*, referindo-se ao vs. 44).

A Lição Moral. Esse milagre instrui todos quantos ouvirem o seu relato, que Deus pode multiplicar recursos limitados (cf. I Reis 17.7-16). As coisas que são dedicadas ao Senhor podem alimentar uma grande multidão. Mas Baal, o deus da fertilidade, conhecido como o *senhor da terra,* não tinha esse poder. A lição é válida para qualquer época. Aquele que dá em bom espírito certamente receberá de volta, de forma multiplicada. Ver Lucas 6.38: "Dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão: porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também".

Caros leitores, por muitas vezes tenho visto meu suprimento *transbordante,* porque dei. Oh, Senhor, continua dando-nos dessa graça! Mas tomemos nota: damos e nos é dado de volta para que possamos abundar em toda boa obra (ver II Coríntios 9.8). Deus não nos dá dinheiro a fim de engordarmos. Ele quer que trabalhemos ainda mais, porque o nosso suprimento foi multiplicado. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça! Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Liberalidade e Generosidade.* Afinal, a medida de um homem é a sua generosidade, outro nome para a lei do amor. Ver I João 4.7. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Amor.*

Digno é o trabalhador do seu salário.

(Lucas l0.7)

Capítulo Cinco

Os capítulos 4.1 - 6.23 nos oferecem uma série de histórias maravilhosas de milagres realizados por Eliseu. Ele tinha recebido uma *dupla porção* do Espírito de Elias (II Reis 2.9), e assim efetuou cerca do dobro dos milagres deste (ver II Reis 2.19 e suas notas de introdução). As *histórias maravilhosas* ilustram como Yahweh autenticou o Seu profeta Eliseu, fazendo dele um violento contraste com os falsos profetas de Baal, os quais não tinham nenhum poder espiritual. Quanto a outras idéias, ver a introdução ao quarto capítulo deste livro.

Cura de Naamã (5.1-19)

Eliseu possuía abundância do poder divino. Ele tinha ressuscitado mortos; tinha multiplicado alimentos; e agora ele curaria uma doença *incurável,* que algumas traduções identificam com a *lepra.* A palavra hebraica correspondente, *sara'at,* entretanto, inclui sintomas de certo número de enfermidades. Entre essas, provavelmente havia alguns casos autênticos da doença de Hansen, mas a maioria dos sintomas dados no capítulo 13 de Levítico não descreve a lepra. Ofereço notas completas sobre essa questão na introdução ao capítulo treze de Levítico, onde tento identificar diversas doenças descritas, chamadas de "lepra" em outras traduções. Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Enfermidades na Bíblia,* em seu ponto vinte e sete.

5.1

Naamã. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário.* Estamos tratando aqui com um estrangeiro, um sírio, o povo que muitas vezes tinha sido hostil a Israel. Não muito atrás, o autor sacro nos dera uma descrição detalhada sobre uma guerra entre Israel, Judá e a Síria (ver I Reis 22). Isso significa que o milagre a ser realizado aqui teve a distinção de ser em favor de um "inimigo" de Israel. Desse modo, o amor universal de Deus foi demonstrado. "Pois Deus amou o mundo de tal maneira..." (João 3.16).

Uma *coisa notável,* aqui destacada, foi que as vitórias obtidas por aquele militar sírio e pagão foram atribuídas à ajuda de Yahweh. Talvez o autor sagrado tivesse em mente a vontade geral de Deus, que controla todas as coisas, e não que Naamã tivesse alguma lealdade especial a Yahweh, o qual, assim sendo, o ajudava.

Porém leproso. Embora poderoso e bem-sucedido quanto a outros aspectos de sua vida, ele tinha um ponto fraco que o maculava: era afligido pela temida lepra. Naturalmente, o termo hebraico *sara'at* referia-se a certo número de enfermidades, embora também incluísse alguns casos de lepra genuína. Quanto a isso, ver a introdução ao presente capítulo e a introdução ao capítulo 11 de Levítico. "A lepra era um imposto pesado contra o valor de Naamã" (Adam Clarke, *in loc.*). O milagre visava a corrigir onde o homem estava invalidado. Também é significativo que o general sírio tenha sido forçado a buscar ajuda precisamente onde ele não queria ir: entre os odiados israelitas.

5.2

E da terra de Israel levaram cativa uma menina. *Ajuda necessária no lugar errado.* Assim devem ter pensado os sírios. Uma pequena menina israelita tinha sido feita cativa em um dos assaltos feitos pelas tropas sírias. Era comum nas guerras antigas que, entre os derrotados, os poucos que sobrevivessem fossem reduzidos à posição de escravos. Também era comum que mulheres e crianças fossem levadas como escravas ou para haréns estrangeiros. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escravo, Escravidão.* Assim sendo, o general sírio tinha o opróbrio de ser um leproso, ao mesmo tempo em que seu país era maculado por suas práticas imorais.

"Naamã era um homem de valor, mas era um leproso. Para quantos homens na história do mundo essas palavras são aplicáveis! Eles são poderosos no intelecto, poderosos em sua capacidade, mas não são íntegros e sãos em sua alma. Portanto, aquelas grandes habilidades não redundavam em nenhum bem para o mundo ou para os próprios eventos" (Raymond Calking, *in loc.*).

A providência de Deus tinha posto a menina pequena na família de Naamã. Ali ela fora reduzida a ser escrava da esposa de Naamã. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus.*

Cf. Joel 3.6 quanto ao tráfico fenício de escravos judeus. É triste pensarmos em como uma menina pequena, levada para um país estrangeiro, arrebatada de sua parentela e de seus amigos, foi escravizada, finalmente, na casa de um general pagão. Mas assim ditava a moralidade da época. Mulheres e crianças eram as vítimas inocentes.

5.3

Oxalá o meu senhor estivesse diante do profeta. A pequena menina israelita tinha consciência do poder e da reputação de Eliseu e sabia que ele poderia resolver o problema de enfermidade de Naamã. Ela falou à esposa do general sírio sobre a "salvação" dele.

Em Samaria. (Ver a respeito desse lugar no *Dicionário.*) Essa cidade era a capital do reino do norte (Israel). O profeta, embora viajasse com freqüência, fazendo seus circuitos por toda a nação de Israel, por muitas vezes tinha contatos com a capital do país. Muita gente ali saberia como localizar o homem de Deus. "Foi então que o mistério da providência divina começou a operar" (Adam Clarke, *in loc.*).

As circunstâncias assumem algumas vezes formas extraordinárias, a fim de que os eventos necessários possam ocorrer. Falamos em coincidências, mas isso é simplesmente a nossa ignorância sobre como as coisas operam neste mundo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Chance.*

5.4

Foi Naamã e disse ao seu senhor. *A esperança.* A palavra dita pela menina israelita logo se espalhou. Deram ouvidos à menininha por estarem desesperados. O grande general Naamã não haveria de envolver-se em alguma discussão teológica: se existem ou não as curas espirituais, se há fraude nessa questão e se ele seria o recebedor dos acontecimentos *excepcionais* que, ocasionalmente, ocorriam em Israel. Israel, embora por muitas vezes fraco militarmente, tinha a reputação de produzir homens de grande poder espiritual, e os sírios tinham plena consciência desse fato. Era exatamente esse tipo de fato que Naamã queria ouvir. Os leprosos geralmente caem no desespero e em profundas ansiedades, dominados por essa terrível enfermidade. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo detalhado chamado *Cura.*

"A pequena menina tinha-se comportado tão bem que foi dado o devido crédito às palavras dela, e uma embaixada do rei da Síria ao rei de Israel foi organizada a partir delas" (Adam Clarke, *in loc.*).

5.5

Enviarei uma carta ao rei de Israel. O portador da citada carta foi o próprio general Naamã. Ele buscava a ajuda do rei, sobretudo na localização de Eliseu. Naamã levou uma companhia de homens armados, como guarda-costas, e também uma grande soma em dinheiro e dez mudas de roupa, que serviriam de presente ao rei de Israel, a fim de encorajar a sua cooperação. Sem dúvida, parte desses materiais valiosos acabaria sendo presenteada a Eliseu, visto que era costumeiro presentear os profetas quando a ajuda deles era buscada.

Naquele tempo ainda não tinha começado o uso de moedas, portanto a referência aqui ao dinheiro, sem dúvida, deve ser a metais preciosos divididos em pequenas porções. Naamã levou consigo *dez talentos* de prata e *seis mil siclos* de ouro. Ver meu artigo sobre *Pesos e Medidas* no *Dicionário*. Ver as notas expositivas em Êxodo 30.13 e Levítico 27.25 sobre o siclo, cujo valor variava com o tempo. Ver também *Dinheiro,* II, no *Dicionário*. Uma de minhas fontes informativas calcula o valor total em oitenta mil dólares, embora não haja maneira de calcular o poder de compra desse dinheiro. Não obstante, 340 quilogramas de prata (os dez talentos) e 68 quilogramas de ouro (os seis mil siclos) representavam um grande valor, que somente um homem muito rico poderia ter oferecido. E também havia dez mudas de roupa de primeira qualidade, conforme podemos ter certeza.

5.6

Para que o cures da sua lepra. *O propósito da carta.* Naamã, o portador e sujeito da carta, era um general sírio, mas tinha uma necessidade especial. Ele era leproso e procurava a cura para a sua enfermidade. Não há nenhuma informação sobre os presentes que teriam sido dados, embora isso fosse costumeiro. Os chefes de estado naturalmente recebiam mercadorias valiosas da parte de suplicantes e visitantes. A abordagem foi direta e honesta, mas o rei de Israel julgar-se-ia vítima de um truque.

5.7

Procura um pretexto para romper comigo. *Incompreensão geral.* Jorão, rei de Israel, ficou consternado diante da carta apresentada pelo general sírio. O rei de Israel *compreendeu mal* o teor da carta. O rei da Síria não esperava que Jorão fizesse o trabalho de Deus, de salvar e curar. Só queria que ele o enviasse a Eliseu, que tinha a autoridade de Yahweh e poderia realizar a obra de cura. Mas Jorão imaginou que fosse tudo um truque, a fim de que o rei da Síria tivesse um motivo para lançar um ataque contra Israel, que não "cooperara" quando fora solicitado, para beneficiar um grande general sírio. Por isso, o rei de Israel rasgou suas roupas para demonstrar sua indignação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vestimentas, Rasgar das,* quanto a esse costume, seus modos e significados.

Cf. outros incidentes com o caso presente, em II Reis 2.12; 6.30 e 11.14. Os dois países estavam em paz, mas Jorão achou que Ben-Hadade estava querendo reiniciar as hostilidades, tal como havia feito contra seu pai, Acabe (ver I Reis 20.1-3). O rei Jorão, acostumado a matanças, foi surpreendido por uma carta que propunha salvação e cura.

"Jorão estava em posição difícil para renovar as hostilidades, após a severa derrota de seu pai (I Reis 22.30 ss.)" (Ellicott, *in loc.*).

5.8

Ouvindo, porém, Eliseu. As notícias sobre o incidente logo chegaram aos ouvidos de Eliseu. Portanto, as circunstâncias estavam sendo arranjadas pela intervenção divina, em benefício de Naamã, um ato de graça e amor. Eliseu enviou então uma repreensão ao estúpido rei de Israel. Havia, realmente, poder para curar em Israel, e Jorão sabia disso, embora em sua consternação sobre a hipotética guerra se tivesse esquecido de onde estava esse poder. Ele não tinha poder diante de Yahweh, mas sabia onde encontrar alguém que o tivesse. A *solução* para o problema era óbvia, mas em sua perturbação, a mente de Jorão parecia não estar funcionando muito bem.

A Vantagem. A operação de um milagre daquela envergadura teria uma repercussão internacional positiva. Os homens maus da Síria compreenderiam que havia um Deus real e ativo em Israel, Yahweh, que era uma força para ser levada em conta. Talvez as notícias tivessem um valor evangelizador. O verdadeiro Deus seria buscado pelos pagãos.

5.9-10

E parou à porta da casa de Eliseu. O trecho de II Reis 6.13 parece indicar que Eliseu estava em *Dotã* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa cidade ficava a apenas dezesseis quilômetros de Samaria, pelo que Naamã e seu séquito puderam chegar com facilidade até onde estava o profeta de Deus. Portanto, ali estava Naamã, e todos os seus homens de guerra, cavalos, poder e dinheiro, defronte da porta da casa do profeta. Mas Eliseu não deu a menor atenção a toda aquela pompa. Não ficou admirado, de modo nenhum, pelo "grande homem". De fato, em lugar de ir pessoalmente até o general sírio, enviou um mensageiro com a seguinte mensagem: "Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo".

Por favor, que o leitor preste atenção à completa ausência de ostentação por parte de Eliseu. A maioria dos homens teria efetuado uma festa para recepcionar o general e seu séquito, fazendo a questão tornar-se uma ocasião importante. Eliseu, em contraste com isso, nem ao menos se interessou em ir ao encontro de Naamã. Contudo, não negou o milagre de que o pobre homem precisava tão desesperadamente.

E ficarás limpo. Essas palavras foram usadas porque a lepra era considerada uma imundícia, que desqualificava a sua vítima para o contato social e para a adoração no lugar santo. Ver Levítico 13.3. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Limpo e Imundo.* A *sara'at* era um símbolo do pecado: nojenta, debilitante e incurável. Mas onde há a impossibilidade, é precisamente aí que o poder de Deus opera.

5.11

Naamã, porém, muito se indignou. Ele tinha suas fantasias. O grande homem de Deus sairia ao encontro dele, inclinar-se-ia perante ele, como um grande homem diante de outro. Eles trocariam aquelas longas saudações e cumprimentos tipicamente orientais. Haveria grande expectação, enquanto Eliseu se preparasse para efetuar a cura. Todos em volta ficariam transidos de espanto, esperando o grande momento em que, de súbito, a lepra ir-se-ia embora. Todos soltariam grandes gritos de triunfo e alegria. Haveria festividades e celebração. E para sempre, depois disso, todos falariam sobre o notável acontecimento que tivessem visto. Em lugar de tudo isso, sem embargo, o profeta simplesmente dissera para Naamã lavar-se no rio Jordão por sete vezes, e nem ao menos se importara em ir ao encontro dele, pessoalmente. Ademais, Naamã não acreditava no *modus operandi* do esperado milagre. Que bem lhe faria mergulhar por sete vezes no lamacento rio Jordão? A coisa toda era ridícula. Naamã perdeu a fé em Eliseu como um profeta. Certamente Eliseu não estava agindo de maneira dignificada, como deveria fazer um homem de Deus.

Moveria a mão sobre o lugar da lepra. Naamã esperava que Eliseu realizasse algum rito dramático de imposição de mãos, e não apenas mandasse um breve recado. Naturalmente, a imposição de mãos, por longo tempo, fora uma maneira de curar e os estudos demonstram a sua eficácia. Alguma espécie de energia é transferida do curador para o candidato à cura. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mãos, Imposição de.* Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Curas pela Fé.*

O Nome de Yahweh. Sem importar o meio pelo qual o milagre ocorresse, estava bem entendido, até pelo pagão Naamã, que *Yahweh* seria a fonte do poder, e que Eliseu seria apenas um instrumento da cura. O homem, só pelo fato de ser um homem, tem o poder de curar, e *isso* também vem de Deus. Além disso, há aquelas ocasiões em que é necessário maior poder, e então a graça supre a intervenção divina. Existe a cura psíquica, *natural,* mas o poder divino às vezes também intervém. Bons medicamentos que curam, e que os cientistas têm descoberto através do intelecto, da intuição e de trabalho árduo, também são dons de Deus.

5.12

Abana e Farfar... melhores do que todas as águas de Israel? Os rios sírios, *Abana* e *Farfar* (ver a respeito deles no *Dicionário*), eram rios relativamente limpos, muito melhores do que o lamacento rio Jordão, de Israel. Então, se a *cura pela água* tivesse de ser ordenada, por que os rios da Síria não podiam ser utilizados? Parecia *humilhante* para Naamã sujeitar-se àquele miserável rio em Israel. Portanto, lá se foi Naamã queixando-se, desconhecendo quão grande verdade curadora lhe tinha sido dita.

Tomado de indignação, Naamã afastou-se da casa de Eliseu. O general sírio havia acabado de abandonar a esperança de cura. Sua mente estava enevoada por preconceitos e juízos precipitados. Ele estava crendo em coisas que não correspondiam à verdade. Estava iludido. Pensava que sabia muito.

"Damasco continua sendo conhecida por suas águas saudáveis" (Ellicott, *in loc.*). Ambos os rios sírios eram correntes provenientes de montanhas, alimentadas pelas colinas eternas, mas o rio Jordão era um lamacento rio de vale.

5.13

Então se chegaram a ele os seus oficiais. Os servos de Naamã não lhe permitiram abandonar o projeto. A mente *deles* não estava ofuscada pela ira insensata e pelo orgulho nacionalista. Respeitosamente dirigiram-se a Naamã como seu "pai" e tentaram acalmá-lo em sua ira.

Naamã era homem de valor. Por muitas vezes ele havia arriscado a vida em batalhas. Tinha a reputação de realizar qualquer tarefa, por mais difícil que fosse. Ele não era homem de rejeitar coisas difíceis de ser realizadas. Em conseqüência, seus oficiais raciocinaram com ele à base de sua reputação e valor. *Caso* o profeta tivesse dito que ele poderia ser curado *se* realizasse algum ato difícil e perigoso, ele teria cumprido a tarefa sem fazer perguntas. No entanto, o profeta dera uma ordem humilde e de fácil obediência: "Vai e lava-te por sete vezes no Jordão". Por que, pois, toda aquela indignação? O raciocínio

deles penetrou fundo na cabeça dura de Naamã. Sua Ira se amainou. Ele concordou em tentar. Ele continuava tendo suas dúvidas, mas pelo menos faria o que lhe fora ordenado. Este versículo adiciona um pequeno e fino toque à narrativa. Os oficiais do exército sírio, querendo o melhor para o seu general, convenceram-no com palavras gentis. Ele deveria fazer o que estava certo tanto por si mesmo, como por causa deles, pois seus destinos estavam todos entrelaçados.

"... sentindo-se bastante envergonhado, Naamã humilhou-se e obedeceu à palavra do Senhor" (Thomas L. Constable, *in loc.*). A decisão de Naamã foi outro detalhe do drama que tinha sido arranjado para operar a sua cura. Naamã pôs-se na correnteza divina dos acontecimentos.

Quando andamos com o Senhor,
Na luz de Sua Palavra,
Que glória Ele derrama em nosso caminho!

(J. H. Sammis)

5.14

E mergulhou no Jordão sete vezes. *Obedecendo à ordem divina,* Naamã mergulhou no rio Jordão por sete vezes, o número divino, o número de poder. Ver sobre esse número no artigo do *Dicionário,* chamado *Número (Numeral, Numerologia).* Dramaticamente, Naamã mergulhou por uma, duas, três vezes, e nada aconteceu. Os circunstantes olharam tudo nervosamente. A fé de Naamã ficava um pouco abalada a cada mergulho que abortava em seus resultados. Na *sexta vez,* todos olhavam cheios de expectação. Nada acontecera. Então veio a sétima vez; ele mergulhou, e reapareceu — e eis que ele estava curado de sua lepra! Houve grandes gritos e muito clamor, e aqueles sírios pagãos louvaram o nome de *Yahweh.*

"*Se* a cada semana banhássemos a *nossa alma* em um sábado real e adorássemos no santuário, e *se* a cada dia mergulhássemos na Bíblia e conhecêssemos momentos verdadeiros de oração consagrada, então haveria um *milagre,* que seria operado em *nosso favor,* tão verdadeiramente como foi no caso de Naamã" (Raymond Calking, *in loc.*). Mas o orgulho, o mundanismo e a fé débil nos impedirá de receber esse milagre, tal como recusar-se a mergulhar por sete vezes no rio Jordão teria deixado Naamã continuar com a sua lepra.

Como a carne duma criança, e ficou limpo. A praga horrenda tinha ido embora; juventude e vigor apareceram em lugar da horrenda enfermidade. A pele era como a pele de um menino pequeno. "Quão poderoso é Deus! Quão grandes coisas Ele é capaz de fazer mediante os meios mais simples e mais fracos!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Curas de casos de lepra, nas páginas do Novo Testamento: ver Mateus 8.2,3; Marcos 1.40-42; Lucas 5.12,13; 17.12 ss. Cf. Mateus 11.5 e Lucas 7.22.

"O fato de que nos dias de Eliseu um leproso arameu foi curado, ao passo que nenhum leproso israelita o foi (ver Lucas 4.27) aponta para a apostasia de Israel" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

5.15

Voltou ao homem de Deus. *O feliz retorno de Naamã.* Em contraste com a história neotestamentária na qual apenas *um* leproso, entre dez, voltou para agradecer ao Senhor Jesus (ver Lucas 17.12 ss.), Naamã retornou à casa de Eliseu para agradecer ao profeta de Deus. Em consonância com a presente história, o leproso que retornou para agradecer a Deus era um samaritano, um "estrangeiro". Dessa vez, Eliseu concedeu a Naamã uma audiência particular. Ele não enviou um mensageiro para falar com ele. Naamã louvou o Deus de Israel, algo que Eliseu tinha esperado que ele fizesse (ver o vs. 8). Naamã havia adotado um *monoteísmo* vital, e não apenas formal (ver a respeito no *Dicionário*). Ele agora não acreditava apenas em uma proposição teológica, mas dedicara a sua alma ao único Deus vivo e verdadeiro, *Elohim.* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Naamã voltou a Eliseu com o coração cheio de gratidão e as mãos cheias de ricos presentes para serem dados ao profeta. Mas o melhor de tudo foi que ele retornou com um coração cheio de fé, a qual não existia na primeira vez. Agora Naamã era um homem novo que seguiria um destino mais alto na vida do que ele tivera antes.

5.16

Não o aceitarei. *Eliseu estava interessado na mudança ocorrida em Naamã.* E estava grato a Yahweh por ter dado aquela grande demonstração de poder. Mas não estava interessado nos trezentos e quarenta quilos de prata (os dez talentos), nem nos sessenta e oito quilos de ouro (os seis mil siclos), nem nas dez mudas de roupa que Naamã havia trazido como presente para o homem de Deus (ver o vs. 5). Yahweh era a recompensa de Eliseu, e ele nada mais buscava. Naamã, com toda a sinceridade, continuava instando com o profeta para que aceitasse os seus presentes. Afinal, era costume dos profetas e dignitários aceitar presentes dos visitantes (ver I Samuel 9.6-9), mas Eliseu não seguia aquele costume particular. "... digno é o trabalhador do seu salário" (I Coríntios 9.8-14). Não obstante, Eliseu não forçou a questão, tal como o apóstolo também não o fez. Presumivelmente eles ganhavam a vida à sua maneira, ou tinham alguma forma segura de rendimentos que escapa ao nosso conhecimento. Eliseu aceitou a hospitalidade da rica dama e seu suprimento de alimentos (capítulo 4), de forma que, sem dúvida, em certas ocasiões, o profeta vivia dessa maneira. É provável que a comunidade dos profetas plantasse seu próprio alimento e criasse seus próprios animais. Ver Êxodo 23.15 quanto ao *princípio* do costume na sociedade dos hebreus.

5.17

Seja dado levar uma carga de terra de dois mulos. *Levando alguma terra de Israel.* Para nós, o pedido de Naamã parece incomum: ele queria levar para a Síria, a quantidade de terra que seria normalmente transportada por dois mulos. Mas isso se refere a um estranho costume e crença dos antigos. Era a idéia de que *cada terra* tinha seu próprio deus, que só podia ser adorado ali. Deixar um território e viajar para outro era ficar sob a jurisdição de outro deus, o proprietário espiritual daquela terra. Em conseqüência, se Naamã quisesse adorar a Yahweh-Elohim na Síria, ele precisaria ter alguma terra com ele, sobre a qual Yahweh exerceria jurisdição. O ato de Naamã dava testemunho de sua sinceridade. Obviamente, ele ainda não se havia livrado de antigas superstições. Por outro lado, *todos nós* temos algumas *tolices* em nosso credo e em nossos atos. Provavelmente, Naamã faria alguma espécie de *altar* com a terra, e isso se tornaria o centro de seu culto privado. Cada vez que ele fosse adorar, orar ou sacrificar, haveria de lembrar-se do grande acontecimento no rio Jordão, e seu coração se inundaria de alegria e louvor. Cf. Êxodo 20.24 e I Reis 18.38.

5.18

Nisto perdoe o Senhor a teu servo. Naamã teria de enfrentar uma certa dificuldade espiritual. Ele mesmo adoraria somente a Yahweh, mas como alto oficial do estado sírio, teria de fazer-se presente quando seu rei e a casa de Rimom oferecessem ritos e sacrifícios pagãos aos deuses adorados em sua terra. Sua vida e seus rendimentos dependeriam de tal cooperação, embora seu coração se revoltasse diante disso. E assim, Naamã pediu que Eliseu perdoasse a sua presença em um templo idólatra, quando o culto religioso oficial de seu país assim o exigisse. A divindade principal da Síria era *Hadade-Rimom,* cujo nome é aqui abreviado simplesmente para *Rimom.* Ele era o deus da chuva e da agricultura e, naturalmente, um dos deuses do lugar, embora evidentemente fosse a divindade mais importante para muitos sírios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rimom* (ponto cinco), quanto a detalhes. Rimom era um ramo da adoração a Baal. Ver também o verbete chamado *Baal (Baalismo).*

Encurvar-se na casa de Rimom tornou-se uma expressão proverbial que fala de compromissos perigosos e desonestos com o mal.

Alguns intérpretes põem os verbos deste versículo no passado, como se Naamã estivesse pedindo perdão por sua idolatria passada, e não pela participação antecipada no futuro. Mas quase certamente Naamã pediu perdão por atos futuros que ele não poderia evitar. Fisicamente ele estaria em templo pagão, mas em seu coração estaria longe dali.

"No curso de seus deveres, ocasionalmente Naamã teria de prestar respeito ao deus de seu senhor, o rei da Síria" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

5.19

Vai em paz. Eliseu compreendeu a dificuldade e situação impossível de Naamã e deu a sua bênção. Foi em reconhecimento disso que Eliseu se despediu dele com essas três palavras. A gentil compreensão de Eliseu sobre a questão, e sua bênção, permitiram que Naamã se fosse em paz.

Indulgências? Os versículos 18 e 19 deste capítulo foram envolvidos na controvérsia medieval sobre as indulgências (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* Podem pecados futuros ser perdoados ou negligenciados, diante de alguma espécie de provisão eclesiástica? Mas o uso desses dois versículos na controvérsia é anacrônico, para dizer o mínimo, e, quanto à realidade, um absurdo óbvio.

Certa distância. Um espaço não identificado, talvez um ou dois quilômetros. Quando Naamã ainda não ia longe, o moço ganancioso de Eliseu, Geazi, quis ir atrás do dinheiro que seu senhor havia recusado receber!

A Triste Seqüência da História (5.20-27)

5.20

Todos nós precisamos de dinheiro, e alguns seres humanos fazem coisas desonestas e insensatas para obter dinheiro. Pensamos nas belas coisas que o dinheiro pode adquirir; na segurança que o dinheiro nos dá; na possibilidade de abandonar aquele emprego que odiamos, ao qual nos sentimos presos como se fôssemos escravos; em outras pessoas que poderíamos ajudar; na segurança que o dinheiro trará aos nossos filhos; nos fundos para instrução de nossos filhos; nos prazeres aceitáveis e proibidos; no prestígio e na posição social que o dinheiro conquistará para nós. Todos nós precisamos de dinheiro, mas dificilmente de tanto quanto costumamos pensar.

Seja como for, Geazi, o fiel servo de Eliseu, sofreu uma tentação com dinheiro a qual não conseguiu dominar. Seu senhor havia rejeitado aqueles 340 quilos de prata e aqueles 68 quilos de ouro, e as dez mudas de roupa, e isso fez o coração de Geazi doer. De fato, se ele tivesse aquela quantia, seria financeiramente independente, e poderia até deixar de servir o profeta.

Rapidamente, Geazi traçou seu plano diabólico. Ele correria atrás de Naamã e diria que Eliseu tinha mudado de idéia sobre a *recompensa.* Ele poderia recolher o dinheiro, conservá-lo para si mesmo e viver feliz até morrer. Já ouvimos falar nessas tentações às quais nenhum homem pode resistir, e Geazi experimentou, naquele momento, exatamente esse tipo de tentação.

Naqueles instantes de desvario, Geazi chegou a jurar por Yahweh, o único Deus vivo e verdadeiro. "Por Deus, não permitirei que todo esse dinheiro se perca!" Ele ficaria apenas com uma *parte,* e não pediria tudo, e uma parte apenas certamente não seria prejudicial a ninguém. Ele pediria apenas um talento e duas mudas de roupa (vs. 22). Mas Naamã o forçaria a tomar dois talentos (vs. 23) e duas mudas de roupa. O que ele aceitasse não o tornaria financeiramente independente, nem lhe permitiria sair da companhia do profeta, mas pelo menos ele viveria com maior conforto.

5.21,22

Então foi Geazi em alcance de Naamã. Começando a efetuar seu plano, lá se foi Geazi, e não demorou a alcançar a comitiva de Naamã. Imediatamente expôs sua tola mentira (vs. 22). Naamã pensou que algo deveria estar errado, e ele tinha razão: o coração de Geazi estava sofrendo de ganância. O gananciosо servo de Eliseu contou a Naamã a mentira de que dois jovens, filhos dos profetas de Efraim, tinham chegado. *Eles* é que estavam precisando do dinheiro e das mudas de roupa. Portanto, foi como se o mentiroso tivesse dito: "Estou prestando um serviço *humanitário,* pedindo em favor de outros, e não em proveito próprio". Foi assim que Geazi poluiu a atmosfera de um grande milagre, debochando deles com mentiras e com ganância. Naamã, ainda no doce embalo do milagre recebido, e não tendo razão alguma para esperar uma fraude do servo de confiança do grande profeta, concordou em dar-lhe algum dinheiro e as duas mudas de roupa, para os "dois jovens chegados de Efraim".

5.23

Sê servido tomar dois talentos. Geazi pediu somente um talento de prata, isto é, 34 quilos de prata, e duas mudas de roupa. Não pediu ouro. E Naamã, sendo homem generoso, deu-lhe dois talentos de prata, isto é, cerca de 68 quilos desse metal precioso. Apesar de não haver como calcular o valor em consonância com o moderno poder de compra, é provável que Geazi pudesse viver vários anos com aquele dinheiro, e talvez até mais, se o investisse cuidadosamente.

Naamã providenciou duas sacolas para o transporte da prata, e até um homem forte teria dificuldade para transportar tanto peso. Mas Geazi tinha seu jumento de confiança, e isso resolveu o problema do transporte. Mesmo assim, Naamã ordenou que dois de seus homens ajudassem Geazi com o transporte dos valores. A única dificuldade seria esconder em algum lugar a sua fortuna, sem que Eliseu de nada suspeitasse. Um crime leva a outro; uma fraude leva a outra. O pecado sempre *se acumula.*

5.24

E os depositou na casa. Dois dos homens de Naamã acompanharam Geazi até perto de casa. Chegando a uma colina, os dois homens de Naamã foram despedidos, e o gananciosо Geazi ficou sozinho. Ele escondeu a prata em uma casa, talvez a sua própria, aonde retornaria mais tarde para guardar em lugar mais seguro a prata e as vestes, quando tivesse oportunidade. O "outeiro" segreda-nos que a casa ficava perto de Samaria, que fora construída sobre uma colina. O plano havia funcionado bem. Geazi era agora um homem relativamente rico. Seus dias de pobreza tinham terminado. Sua vida havia, de súbito, tomado uma direção melhor.

Em lugar de "outeiro", a palavra hebraica *ophel,* é traduzida em várias versões por *torre,* seguindo as antigas versões: a caldaica, a Septuaginta, o siríaco e o árabe. Mas a *Revised Standard Version* diz "outeiro", no que é seguida pela nossa versão portuguesa. Essa palavra hebraica tem muitas aplicações, sendo usada até para significar um "tumor" (ver I Samuel 5.6). Alguns vêem nesse termo uma "fortificação", mas o mais provável é que esteja mesmo em pauta a "colina" de Samaria.

5.25

Entrou, e se pôs diante de seu senhor. Geazi vivia dentro das muralhas da cidade (ver II Reis 6.30 ss.). Eliseu sabia onde Geazi estivera, em sua missão gananciosa e, quando o profeta lhe perguntou diretamente onde ele fora, Geazi mentiu de novo, dizendo: "Teu servo não foi a parte alguma". O pecado sempre se "acumula". O homem continuou mentindo porque "... a cobiça tinha cegado seus olhos e endurecido seu coração" (John Gill, *in loc.*).

5.26

Não fui contigo em espírito... ? Essa é uma estranha maneira de falar sobre as viagens de clarividência, conforme os estudiosos do assunto chamam o fenômeno. "Eliseu apanhou o culpado 'com a mão na botija', pela percepção extra-sensorial (em espírito). Essa característica destaca-se mais fortemente no capítulo seguinte" (*Oxford Annotated Bible,* em atinência a este versículo). Naturalmente, alguns intérpretes pensam que o Espírito de Deus estava inspirando continuamente o profeta. O mais provável, porém, é que suas capacidades psíquicas naturais fossem suficientes para explicar tais acontecimentos. O Anjo do Senhor não precisava sussurrar em seus ouvidos a cada acontecimento. Ele tinha capacidades psíquicas próprias, conforme sucede a todos os seres humanos, embora com muito maior poder que as pessoas comuns. Ocasionalmente, o Ser divino intervinha, e assim acontecia que, em um ser humano, cooperavam o humano e o divino, fazendo de Eliseu um homem realmente extraordinário. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Percepção Extra-sensorial* e *Parapsicologia,* este último mais detalhado que o primeiro.

Contrário ao Recebimento de Presentes. Este versículo quase certamente informa-nos que Eliseu não seguia o costume de receber presentes em troca de seus serviços (ver I Samuel 9.6-9). Ao que tudo indica, ele também ensinava a seus "filhos" (os profetas aprendizes) a não viver segundo o antigo costume. Ou, pelo menos, nas ocasiões de algum grande milagre, a atmosfera não deveria ser poluída pelo recebimento de dinheiro. Porém o mais provável é que a primeira possibilidade corresponda melhor ao significado deste versículo.

Uma *terceira* interpretação é a que diz que, *naquela* ocasião particular, seria fora de ordem preocupar-se com dinheiro e com vantagens materiais, conforme opinou John Gill *(in loc.)* Dar oráculos simples tinha sido um serviço que podia ser recompensado por meio de alguma doação. Mas chegado o tempo de *grandes prodígios,* ninguém poderia falar em dinheiro.

5.27

Então saiu de diante dele leproso, branco como a neve. Em lugar de dinheiro, Geazi obteve a lepra! Quando a ganância se apoderou dele, apoderou-se dele, igualmente, a lepra de Naamã. Outro milagre, dessa vez de natureza negativa, de súbito entrou em cena, alterando uma vez mais o curso da vida. Eliseu tinha o *dobro* da porção do Espírito que tivera Elias, e realizou cerca do dobro dos milagres operados por este último. Ver isso ilustrado em II Reis 2.9, e comentado com idéias adicionais na introdução a II Reis 2.19. Os milagres tanto curavam quanto julgavam, dependendo da ocasião e da necessidade.

"Descobrimento e penalidade seguiam-se rapidamente um ao outro. Que tremendo capítulo é este! Fala tanto de redenção quanto de retribuição. Um *pagão,* mediante um ato de fé, foi curado de sua lepra. Mas um *israelita,* por meio de um ato desonroso, ficou leproso. Portanto, Geazi tomou seu lugar, nas Escrituras, juntamente com Acã, Judas Iscariotes e Ananias, que venderam sua alma em troca de ouro. E quantos sucessores eles têm tido em todos os séculos desde então!" (Raymond Calking, *in loc.*).

Conseqüências a Longo Prazo. O pecado de Geazi se multiplicara, e outro tanto sucedeu ao seu castigo, seguindo a linhagem de sua descendência. Presumimos que seus descendentes se viram envolvidos em seus próprios pecados e mereceram a sua sorte. Quanto a morrer ou ser julgado por causa dos pecados de um ascendente, ver as notas em Êxo. 20.5. Ver Números 14.18 e Deuteronômio 5.9 quanto a paralelos daquele versículo. Ver Ezequiel 18.20 quanto à responsabilidade de cada indivíduo: os filhos não são julgados pelos pecados de seus pais. Ambos os conceitos podem ser encontrados nas páginas do Antigo Testamento, e, à sua maneira, ambos dizem verdades. A teologia moderna, entretanto, parece-se mais com Ezequiel 18.20, e assim também o amor e a misericórdia, as qualidades divinas supremas.

Comentadores mais antigos (como Ellicott, *in loc.*) supunham que a lepra fosse uma enfermidade hereditária, e talvez esse tenha sido o pensamento do autor original de II Reis, mas em nossos dias sabemos que essa opinião não

corresponde à verdade dos fatos. Portanto, um julgamento contínuo precisava ter algum outro *modus operandi.*

Capítulo Seis

O trecho de II Reis 4.1-6.23 contém uma série de *histórias maravilhosas,* relatos de prodígios miraculosos, da autoria de Eliseu, que recebeu *dupla porção* do Espírito de Elias (ver II Reis 2.9) e, por isso mesmo, realizou mais ou menos o dobro do número de milagres de seu senhor (ver a introdução a II Reis 2.19). Essas histórias maravilhosas tinham por finalidade convencer os homens de que Eliseu era um verdadeiro profeta do único Deus vivo e verdadeiro, Yahweh, afastando-os da idolatria que tinha vindo dominar Israel.

O Machado que Flutuou (6 1-7)

Temos aqui outro relato maravilhoso que cabe dentro do propósito dos relatos anteriores. Foi um pequeno ato humanitário de Eliseu em favor de um de seus filhos (profetas aprendizes, que estudavam na sua *escola de profetas;* ver no *Dicionário).* A parte de metal de um machado foi recuperada das águas, um objeto precioso para aquele aprendiz de profeta, mas essencialmente de pequeno interesse para qualquer outra pessoa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagres.*

6.1

Disseram os discípulos dos profetas a Eliseu. Estão aqui em foco os membros da escola dos profetas, aqueles que Eliseu estava treinando, os quais, algum dia, tornar-se-iam profetas plenos sob seus próprios direitos. Para eles, Eliseu era um *pai,* e eles se voltavam para ele, em cada pequena necessidade que tinham.

A Circunstância do Milagre. A guilda dos profetas não contava com acomodação suficiente para suas necessidades, de modo que se atiraram a um programa de construção. Para isso eles precisavam de instrumentos, incluindo o machado cuja cabeça de metal se perdeu nas águas. Talvez esteja em vista a escola em Jericó, e supomos que ela tivesse crescido além das acomodações de que dispunha. É provável que a influência e os poderes de Eliseu tivessem causado um reavivamento no interesse do povo de Israel pelo *yahwismo,* e o número dos alunos inscritos tenha aumentado.

6.2

Construamos um lugar em que habitemos. Edificações seriam erguidas perto da margem do rio Jordão. Talvez a escola de profetas devesse mudar de local. Eles precisariam de certo número de edificações de madeira, ou, pelo menos, a madeira se fana necessária para construir as casas de pau-a-pique. Nos tempos antigos, as margens do Jordão eram recobertas de árvores, arbustos, no meio de muitos alagadiços, e serviam de hábitat para muitos animais selvagens. A degradação dos recursos, por parte dos homens, deixara o lugar essencialmente desolado. Jerico ficava somente a oito quilômetros do rio, portanto a madeira poderia ser trazida dali para fazer casas na cidade. Nesse caso, nenhuma mudança radical havia sido planejada. Somente uma expansão de suas antigas moradias seria efetuada.

6.3

Ele tornou: Eu irei. *Eliseu dera a permissão* para o empreendimento das construções, e para a obtenção de madeira das margens do Jordão (ver o versículo anterior). E então alguém pediu que o profeta os acompanhasse. Ele consentiu em fazê-lo. Isso levou Eliseu à cena dos trabalhos, quando a cabeça de metal do machado se perdeu nas águas do rio. As circunstâncias foram assim providencialmente arranjadas para que houvesse um milagre. Presumivelmente, o profeta supervisionaria o labor. Talvez Eliseu já soubesse o que iria acontecer, e como ele seria necessário, e essa pode ter sido a sua principal inspiração para acompanhar o grupo de aprendizes de profetas.

6.4

Cortaram madeira. O plano estava em andamento. Eles caminharam os 8 km. até as margens do rio Jordão e deram início a seu trabalho de corte de madeira "Havia árvores ao longo das margens do Jordão, cuja madeira seria usada para construir suas casas, ou, pelo menos, para o trabalho do teto e para os pisos, supondo-se que as paredes seriam feitas de pedras" (John Gill, *in loc.*).

6.5

O machado caiu na água. Um dos homens usava esse instrumento com força, quando, de súbito, a parte de metal do machado escapuliu do cabo e caiu no rio. Com grande consternação o homem contemplou a cabeça de metal do machado mergulhar nas águas. Ele ficou especialmente triste porque o machado tinha sido pedido por empréstimo. O profeta era pobre, como a maioria dos pregadores o é, e não tinha dinheiro para comprar outro machado.

6.6,7

Perguntou o homem de Deus. O aprendiz de profeta voltou-se imediatamente para Eliseu, pedindo-lhe ajuda. Tendo sabido onde, aproximadamente, caíra a cabeça de metal do instrumento, Eliseu cortou um pedaço de pau e lançou-o nas águas, no lugar exato. Por meio de algum poder miraculoso, isso fez a cabeça de metal do machado *boiar,* e ela se pôs a flutuar, perfeitamente visível. Assim, tornou-se fácil retirá-la da água, e a "pequena tragédia" terminou. Com grande alívio e alegria, o homem que tinha perdido o instrumento baixou-se e o apanhou.

As *explicações* dadas pelos homens incluem estas quatro possibilidades: 1. Tudo não passa de uma *lenda,* o que significa que não há necessidade alguma de explicação sobre *como* o prodígio ocorreu. 2. Foi apenas uma *parábola,* não devendo ser considerado um incidente sério, como se fosse um acontecimento literal. 3. Houve alguma *força natural* extraordinária em operação, que desafia a compreensão humana. 4. Ou, então, foi um verdadeiro milagre físico. O profeta foi capaz de reverter a lei da gravidade quanto àquele item, tornando-o leve o bastante para flutuar à superfície da água. Atualmente, temos máquinas que podem reverter a lei da gravidade, e não seria coisa difícil demais para Deus operar tal fenômeno através de Seu profeta. Nos meus artigos chamados *Milagres,* existentes no *Dicionário,* menciono outras informações para esses acontecimentos inesperados e incomuns.

Lições. Deus está interessado até nas coisas mais triviais de nossa vida; e é incrível, mas verdadeiro, que ocasionalmente, um milagre é efetuado para satisfazer-nos e suprir nossas necessidades, relativamente sem importância. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Há um poder pessoal e criativo, e esse poder não abandonou a Sua criação, conforme ensina o *deísmo.* Esse poder recompensa ou pune, fazendo intervenções na história humana, algumas vezes de maneiras aparentemente triviais. Jesus disse-nos que até os cabelos de nossa cabeça estão contados (ver Mateus 10.30), e Deus chega a observar, com interesse, a queda dos pardais (ver Mateus 10.30). Portanto, não nos podemos admirar de que houve um milagre para trazer de volta uma cabeça de machado, depois que esta caíra na água.

"A moral da história é que Deus nos ajuda tanto em nossas pequenas perturbações pessoais como naquelas de escopo realmente grande. Seu cuidado providencial beneficia tanto o indivíduo quanto a raça humana" (Ellicott, *in loc.*).

O Conhecimento Especial de Eliseu e a Guerra (6.8-23)

Embora o relato que temos agora à frente seja sobre a guerra, ele constitui uma ocasião de dar-nos mais informações sobre o *conhecimento especial* de Eliseu. Esse incidente tem sido considerado, pelos observadores, um sinal de sua autoridade como um profeta do Senhor. Por conseguinte, temos aqui outra *história maravilhosa,* a qual ilustra a autoridade de Eliseu como profeta, e que o seu Deus, Yahweh, é o único Deus verdadeiro e vivo. Quanto a esse tema, ver a introdução a este sexto capítulo.

Fontes de Conhecimento Especial. 1. Algumas vezes, o Anjo do Senhor sussurrava aos ouvidos de Eliseu. 2. Algumas vezes, Yahweh dava alguma mensagem direta a Seu profeta, através de um sonho, visão ou impulso intuitivo. 3. Mas, de outras vezes, Eliseu exercia seus poderes psíquicos naturais (embora grandemente multiplicados). Ver minhas notas em II Reis 5.26. Não é necessário (nem correto) supormos que cada vez que Eliseu *soubesse* de alguma coisa, sem a intervenção dos cinco sentidos físicos, houvesse algo de divino naquilo. Os estudos mostram precisamente o contrário. Todas as pessoas têm capacidades psíquicas naturais, e todas as pessoas (nos sonhos) tomam conhecimento do futuro. É errado supormos que todas as capacidades psíquicas sejam divinas ou diabólicas. Algumas dessas capacidades são apenas naturais. Nosso espírito controla nosso corpo físico, e sem o poder psíquico nem ao menos poderíamos respirar. Nossa parte imaterial controla a parte material, portanto, quando um homem move seu dedo, ele o faz pelo exercício de um poder psíquico. A esse poder chamamos psicocinesia. Afirmar que há poderes psíquicos que podem ser e realmente são naturais não quer dizer que eles também não possam ter origem divina ou diabólica. Ver meu artigo detalhado sobre a *Parapsicologia,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* para que se acompanhe toda a argumentação a respeito.

No caso de um homem extraordinário como foi Eliseu, não é necessário tentar dizer: dessa vez, o poder divino esteve em ação; pois, naquela ocasião, poderes humanos estiveram em ação. Mas podemos ter certeza de que *ambas* as possibilidades desempenharam o seu papel.

Seja como for, os poderes especiais de conhecimento de Eliseu ajudaram Israel em tempo de guerra, para saber, *de antemão,* quais seriam os estratagemas do adversário. Isso pareceu desconcertante para o rei da Síria, que não podia traçar seus planos sobre como derrotar o povo de Israel. Finalmente, ele fez uma tentativa de livrar-se do perturbador de seus planos, e isso é a essência da narrativa que temos à nossa frente.

6.8

O rei da Síria fez guerra a Israel. *Esses dois países* com freqüência combateram um ao outro. Houve períodos de uma frágil paz. Além disso, os sírios, embora não estivessem desfechando nenhuma guerra direta, ocasionalmente enviavam grupos de ataques de comandos, atrás de despojos. Na história diante de nossos olhos, o rei da Síria preparou emboscadas para pegar os israelitas de surpresa, e assim obter uma vantagem da qual ele pudesse aproveitar-se. Mas Eliseu sempre sabia onde os sírios estavam escondidos. Dar essa informação ao rei de Israel evitou, ao que tudo indica, certo número de tragédias para Israel, e manteve os sírios a distância. Os *acampamentos* dos sírios eram armadilhas de emboscadas, e não meramente lugares onde forças armadas estacionavam temporariamente.

O rei da Síria, neste caso, muito provavelmente era Ben-Hadade II. Ver o artigo chamado *Síria,* no *Dicionário,* quanto à história desse homem, no que diz respeito a Israel.

Verificar o termo hebraico *tahanothi,* palavra essa que tem deixado perplexos os tradutores e os intérpretes. O Targum o traduz como "casa de meu acampamento", o que não faz sentido. A versão siríaca diz "armar uma emboscada". Essa palavra inclui a idéia de "ocultar", e assim sugere uma emboscada. A palavra hebraica só figura aqui em todo o Antigo Testamento.

6.9

Guarda-te de passares por tal lugar. *Uma advertência.* A emboscada dos sírios foi cuidadosamente preparada. Os israelitas, que de nada suspeitavam, estavam a pique de sofrer pesadas perdas. O rei da Síria continuaria a praticar seus atos insidiosos. Israel seria debilitado. Os sírios levariam muitos despojos. Disso talvez resultasse uma invasão geral. Mas *Eliseu* interveio com seu conhecimento especial e impediu a emboscada referida neste versículo, e, como é evidente, várias outras.

Os sírios estão descendo para ali. O Targum diz aqui "estão escondidos", ou seja, armando emboscadas. As versões siríaca e árabe dizem "estão escondidos". A Vulgata Latina diz aqui *insidiis sunt.*

6.10

E assim se salvou, não uma nem duas vezes. As tropas de Israel foram avisadas, deixando o rei da Síria consternado. Essa circunstância repetiu-se por várias vezes, e o rei da Síria ficava cada vez mais frustrado, supondo, finalmente, que um espião estivesse operando. Mas o espião eram os poderes psíquicos de Eliseu. "... escapou das armadilhas que o rei da Síria preparava para ele, não apenas por uma ou duas vezes, mas por muitas vezes" (John Gill, *in loc.*).

6.11

Não me fareis saber quem dos nossos é pelo rei de Israel? *Isso seria uma explicação natural.* O rei da Síria, como é natural, concluiu que um *espião* (um traidor entre os sírios) seria o responsável pelo que estava acontecendo. Esse homem deveria ser apanhado e executado, antes que mais missões abortivas pudessem ser planejadas. A versão da Septuaginta diz "Quem me está traindo ao rei de Israel?", que é a *explicação* correta do texto hebraico: "Quem de nós é *pelo* rei de Israel?".

6.12

Ninguém, ó rei meu senhor. Um dos conselheiros do rei da Síria sabia a verdade. Não era que ele tivesse uma equipe de espiões que andasse investigando. Antes, ele conhecia a *reputação* de Eliseu, e, como é natural, supôs ser ele o culpado do que estava acontecendo. Os poderes de Eliseu eram tão grandes que até aquilo que Ben-Hadade falava em seu dormitório era conhecido por ele!

> *Nem no teu leito amaldiçoes o rei,*
> *nem tão pouco no mais interior do teu quarto,*
> *ao rico; porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz,*
> *e o que tem asas daria notícia das tuas palavras.*
>
> (Eclesiastes 10.20)

Alguns supõem que *Naamã* tenha sido o conselheiro que dava as notícias sobre Eliseu, mas isso não passa de conjectura. Além disso, Naamã teria o cuidado de não expor Eliseu a algum perigo, visto que ele o tinha curado da lepra e o fizera converter-se a Yahweh. Ver o capítulo quinto deste livro, quanto à história.

6.13

Ide, e vede onde ele está. O rei da Síria apelou para os seus espiões, para descobrir onde Eliseu estava. Obtendo essa informação, ele lançaria um ataque de surpresa contra o profeta, e o executaria. O espião sírio descobriu que Eliseu estava em *Dotã,* que ficava cerca de vinte quilômetros ao norte da cidade de Samaria. Sem dúvida, ali estava um dos *quartéis-generais* de Eliseu, e talvez até sua atual residência. Mas a verdade é que o profeta vivia em circuito, viajando por todo Israel, e não era fácil de ser encontrado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dotã.* Essa cidade pertencia a uma das tribos de Israel (a nação do norte), Manassés. Cf. Gênesis 37.17.

6.14

Chegaram de noite e cercaram a cidade. *O rei da Síria* criou um grande espetáculo a fim de capturar e executar um único homem, e cercou a cidade com seu pequeno exército, equipado com cavalos e carros de combate. As forças armadas foram calculadas para não permitir a fuga de Eliseu, e assim escapar à ira do rei sírio. Talvez os habitantes da cidade oferecessem resistência, e então haveria uma batalha desigual.

De noite. Não seria dada nenhuma oportunidade de fuga ao profeta de Deus. A operação ocorreu de noite, dando aos sírios o elemento surpresa. Mas seria impossível tomar Eliseu de surpresa, conforme já fora sobejamente demonstrado. Não obstante, a batalha seria resolvida por uma intervenção direta de forças angelicais, e não por conhecimento e preparação anteriores.

6.15

O moço do homem de Deus. Um dos servos de Eliseu, um de seus *filhos espirituais,* um dos estudantes da escola dos profetas, saiu cedo pela manhã, e, para sua consternação, viu o pequeno exército sírio escondido nas proximidades, pronto para atacar. Ele compreendeu imediatamente o intuito daquelas forças sírias. E, como era usual, apelou para Eliseu, para que resolvesse o problema. Os subprofetas eram como um bando de crianças pequenas, sempre correndo para seu *pai,* em qualquer tempo de crise.

Esse servo não era Geazi, que havia perdido a sua posição por motivo de ganância, e tinha ficado leproso. Ver II Reis 5.27. Algum outro jovem tinha tomado seu lugar como atendente especial de Eliseu. Os servos de Eliseu tinham visto seus muitos milagres, e, de fato, outro milagre tornava-se agora necessário. Mas eles sempre recuavam, devido à incredulidade, tal como faríamos se estivéssemos presentes ali. É preciso um longo tempo para desenvolvermos uma fé constante. Novas crises têm o efeito de trazer de volta antigas dúvidas.

"Uma mulher que estava, certa ocasião, oprimida por grande tribulação e ansiedade mental, jazia observando o firmamento. Quando observou que nuvem após nuvem passava, uma por uma, ela percebeu que cada uma era impulsionada por uma mão invisível. Subitamente, compreendeu que *sua vida* estava sendo controlada e sustentada por aquele mesmo poder, e todo temor e mau pressentimento a abandonaram" (Raymond Calking, *in loc.*).

6.16,17

Mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. Eliseu referia-se a uma hoste angelical, vista pelo profeta, mas não pelo seu servo. Havia ali uma força contrária, invisível, para defender a cidade e Eliseu, porquanto *Yahweh* sabia o que estava para acontecer, e já *tomara as providências apropriadas.* O que, à primeira vista, parecia um momento de terror, era, na realidade, um momento de vitória e poder. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Ver também o verbete intitulado *Teísmo.* O Criador está sempre presente, para intervir, recompensar e punir. Deus é, ao mesmo tempo, transcendental e imanente.

> *O anjo do Senhor acampa-se ao*
> *redor dos que o temem, e os livra.*
>
> (Salmo 34.7)

Ver os artigos detalhados no *Dicionário,* intitulados *Anjo* e *Anjo da Guarda.*

Cheio de cavalos e carros de fogo. Poderes espirituais que se apresentavam de modos costumeiros, *como* se fossem cavalos e carros de combate, sim-

bolizando o poder de agir e julgar. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo*. Cf. II Reis 2.11, onde as notas expositivas apresentadas também se aplicam aqui. Grandes eventos espirituais assumem a forma de coisas físicas que fazem parte da nossa experiência. Mas a realidade dessas coisas ultrapassa em muito a nossa experiência.

A presença de Yahweh com freqüência se apresentava como se fosse *fogo* (ver Gênesis 15.17; Êxodo 3.2; 13.21; 19.16; Isaías 29.6; 30.30,33). Naquela ocasião, o véu que separa a vida de cima da vida cá de baixo foi temporariamente levantado, e grandes realidades espirituais foram vistas.

"O Senhor havia cercado o exército dos arameus, e tudo estava sob o Seu controle" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Cf. Números 22.31.

6.18

Fere, peço-te, esta gente de cegueira. A pedido do profeta, Yahweh feriu os soldados sírios de cegueira. Bem no meio de sua invasão, eles perderam seu caminho, e, assim sendo, seu poder de fazer o mal. Foi uma solução *simples* mas *eficaz* para um problema aparentemente insolúvel. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça! Cf. Gênesis 19.11 quanto a uma cena similar.

6.19

Não é este o caminho, nem esta a cidade. Eliseu enganou os sírios. Embora cegos, os sírios tentaram continuar com sua missão de destruição. Eliseu enganou-os para fazê-los segui-lo. Então levou-os a Samaria, e não a Dotã. Ali encontrariam uma força superior de israelitas, tal como em Dotã (presumivelmente) eles seriam a força superior.

Os intérpretes tolamente lutam sobre o aspecto "moral" deste versículo. Como poderia um profeta de Deus *enganar* outras pessoas propositadamente? Todavia, existem mentiras *não-morais*. Eliseu não fez mal algum ao enganar aqueles homens violentos. De fato, ele fez bem. Ele distorceu um grande mal e salvou muitas vidas.

> *Algumas vezes ...*
> *Verdades brutais causam mais dano do*
> *que o fazem falsidades boazinhas.*
>
> (Alexander Pope)

6.20

Abre os olhos destes homens para que vejam. Tendo entrado em Samaria, tendo sido levados a uma armadilha, o profeta então pediu que Yahweh abrisse os olhos dos sírios. Para grande surpresa e consternação deles, estavam cercados por uma força superior, que os devorava com os olhos. O coração deles afundou no peito; estavam prestes a enfrentar a morte. O mal que eles tinham promovido lhes *sobreviera*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

> *Não vos enganeis: de Deus não se zomba;*
> *pois aquilo que o homem semear,*
> *isso também ceifará.*
>
> (Gálatas 6.7)

6.21

Eliseu agora estava no controle da situação. O rei de Israel, que havia sido convocado para ver o espetáculo, naturalmente quis matar todos aqueles malignos sírios, ali mesmo, mas não o quis fazer sem a ordem do profeta. E chamavam Eliseu de *meu pai*, movidos pelo profundo respeito àquele homem extraordinário, e perguntavam se o grupo de militares sírios deveria ou não ser despachado. Quanto ao título *pai*, cf. II Reis 2.12; 8.9; 13.14. Quanto a pedir a permissão do profeta, cf. II Reis 4.7.

6.22

Não os ferirás. *Os prisioneiros de guerra* não eram mortos sem misericórdia, usualmente falando. Isso só acontecia em certas ocasiões. Antes, eram reduzidos a escravos, obtendo-se assim um labor barato. Eliseu apontou para Jeorão, o rei, para que *ele*, tendo feito prisioneiros, não os matasse; nem ele, Eliseu, ordenaria que *seus prisioneiros* fossem mortos. Os prisioneiros, em vez de serem mortos receberiam uma morte em vida.

Pelo menos daquela vez, nenhuma matança ocorreu. Naquela oportunidade, a misericórdia foi aplicada, obtendo o mesmo resultado que a *execução* teria conseguido. Em lugar de serem mortos, um grande banquete foi feito, e sírios e israelitas sentaram-se e comeram juntos, e tiveram grande ocasião de divertimento, contando piadas e coisas engraçadas. "Esse ato, em oposição direta aos costumes da época... isola-se como um pico montanhoso, muito acima do nível moral daqueles dias. Assim sendo, o preceito de Romanos 12.19-21 foi antecipado por vários séculos. O coração dos sírios foi suavizado por esse ato de generosidade. O mal, contudo, não é vencido somente por atos isolados de gentileza. Somente o calor contínuo do sol pode dissolver um *iceberg*" (Raymond Calking, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Liberalidade (Generosidade)*.

6.23

E da parte da Síria não houve mais investidas na terra de Israel. *Misericórdia Adicionada à Misericórdia.* Aqueles homens malignos, que tinham vindo para matar, foram enviados de volta com ampla provisão, para que pudessem retornar à Síria levando abundância de bens. Eles voltaram e contaram a Ben-Hadade II as coisas admiráveis que lhes tinham acontecido em Dotã e em Samaria. Tão impressionado ficou o monarca sírio com o que tinha acontecido, que parou de lançar ataques contra Israel e desistiu de qualquer plano de invasão que tivesse tido.

> *. . . a bondade de Deus é que* te
> *conduz ao arrependimento?*
>
> (Romanos 2.4)

> *Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome,*
> *dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber;*
> *porque fazendo isto, amontoarás brasas vivas*
> *sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal,*
> *mas vence o mal com o bem.*
>
> (Romanos 12.20,21)

Temos aqui uma daquelas raras ocasiões em que o bem venceu o mal, em que atos de gentileza venceram o desejo de destruição. A história de Israel usualmente envolvia matar ou ser morto. A paz veio através da gentileza, e não mediante um inimigo esmagado. Contudo, foi uma paz frágil, que logo seria quebrada.

Em breve a paz seria revertida. Ben-Hadade II enviou uma grande força armada contra Israel (ver os vss. 24 ss.).

Samaria Cercada; Houve Fome (6.24-33)

O ímpio Ben-Hadade II esqueceu como Eliseu havia derrotado seu pequeno exército, e logo invadiu Samaria com o intuito de conquistá-la inteiramente. O cerco perdurou por tanto tempo, que a fome ameaçou os israelitas. Isso estabeleceu o palco para aquele horrendo acontecimento: a fim de não morrer de fome, uma mulher comeu seu próprio filhinho! Novamente, foi mister que Eliseu invocasse Yahweh para que houvesse uma intervenção miraculosa que salvasse Israel (capítulo 7). Portanto, temos outra *história maravilhosa*, um feito miraculoso efetuado por meio de Eliseu. Isso o autenticava como um profeta do único Deus, vivo e verdadeiro, Yahweh. Quanto a isso, ver a introdução a II Reis 4.1. Alguns estendem as histórias maravilhosas somente até II Reis 6.23; mas o que aconteceu em seguida continuou sendo tão maravilhoso como até ali.

A presença de Eliseu e os seus milagres não impediram Israel de cair na idolatria, como também não impediu aos sírios suas investidas e guerras. Agora veremos o espetáculo da Síria sendo usada como látego contra Israel, para punir aquele povo, por sua apostasia contínua. Israel nunca aprendia.

6.24

Depois disto. Isto é, após o acontecimento que acabara de ser descrito, a invasão de Dotã, a cegueira dos militares sírios, sua soltura pacífica, e a resolução do rei da Síria de parar suas investidas. Alguns supõem que Ben-Hadade II tivesse falecido, e que um novo rei ordenou o reinício das hostilidades. Além disso, é possível que o rei de Israel, aqui, não fosse Jeorão, e, sim, Jeú, ou mesmo seu filho, Jeoacaz (que reinou entre 806 e 790 A. C.). Talvez o rei da Síria tenha sido o filho de Ben-Hadade II. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ben-Hadade*.

Uma Grande Invasão. Ben-Hadade II aparentemente pretendia tomar a cidade de Samaria e, dali, dominar todo o Israel.

6.25

O cerco das tropas sírias continuou por muito tempo, e a fome ameaçava os samaritanos. Diante disso, os preços dos alimentos dispararam. As pessoas começaram a comer jumentos, um animal proibido como alimento, pela legislação

mosaica. E até essa carne de gosto ruim era vendida por preços fantásticos. Um pedaço da cabeça custava oitenta siclos (a Septuaginta diz cinqüenta). Ver sobre o *siclo* nas notas em Êxodo 30.13 e Levítico 27.25. Ver também no *Dicionário* os artigos chamados *Dinheiro,* ponto II; e *Pesos e Medidas*, seção VII. IV.C. Não há como calcular o poder de compra que teria o siclo, mas uma de minhas fontes informativas sugere que a compra da cabeça de um jumento custava cerca de oitenta dólares! Nos escritos de Plutarco (*Artaxerxes*, XXIV), temos a referência a uma cabeça de jumento sendo vendida por quinze siclos, ainda um preço tremendamente alto por um pedaço de carne.

Um pouco de esterco de pombas era vendido por cinco siclos. Isso, geralmente, era considerado alimento para animais. Portanto, o povo estava pagando altos preços para obter alimento que usualmente era servido aos animais. Na Inglaterra, em 1316, houve uma fome tão severa que as pessoas comeram seus próprios filhos, cães, ratos e até esterco de pombas. Esse esterco era comido (tal como se vê no presente texto) por causa das sementes que havia ali. Alguns intérpretes vêem aqui uma alusão a "vagens", mas outros vêem aqui uma referência, realmente, a "esterco de pombas". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pombas, Esterco de,* quanto aos detalhes. As pessoas realmente comiam tais coisas, como fazem os cães, que comem esterco de cavalos, para aproveitar pequenos pedaços de alimentos? Aquele artigo tenta dar uma resposta. Seja como for, a lição moral é clara: o pecado reduz o homem a condições de miséria extrema, condições que os homens mesmos têm cultivado.

6.26,27

Gritou-lhe uma mulher. *O árbitro real.* O rei de Israel foi chamado para ser árbitro de um caso horrendo que fora causado pela fome. Uma mulher queixava-se de que fizera um acordo com outra mulher: elas comeriam seus filhos. Em um dia, um dos filhos seria comido; no dia seguinte, seria comido o filho da outra mulher. Portanto, um dos filhos foi cozido e comido. Mas no dia seguinte a outra mulher, que tinha concordado em sacrificar também seu filho, mudara de idéia. Daí a controvérsia entre as duas. Aconteceu que o rei estava passando pelo alto de um muro quando as duas discutiam, e ele foi chamado para *fazer justiça.*

Ajuda da Parte de Yahweh. O rei sabia, ao ser chamado, que só havia um assunto pelo qual seria consultado: ajuda para que alguém comesse algo. Portanto, ele disse à mulher que em certos casos somente Yahweh poderia resolver a pendência entre elas. A fome, de fato, era um julgamento divino. Em conseqüência, somente uma decisão divina poderia aliviar a situação. Não havia cereais armazenados; nem havia vinho guardado. As condições eram desesperadoras. O rei não era um homem miraculoso, capaz de produzir alimentos do nada, como Eliseu tinha feito (ver o capítulo quarto). Cf. Oseias 2.8,9 e 9.2.

6.28,29

Foi contada a história horrenda ao rei, conforme vimos nas notas sobre os vss. 26 e 27. A fome extrema produziu resultados inacreditáveis. Tudo foi lançado na conta de Yahweh (vs. 33), e o rei, assim sendo, procurou matar o Seu profeta, Eliseu, o qual, presumivelmente, era um segundo culpado daquela situação de desespero. Cf. as odiosas predições de Deuteronômio 28.56 ss., que incluem exatamente o que está sendo relatado no presente texto. Coisas similares aconteceram quando Nabucodonosor cercou Jerusalém, pouco antes de Judá ser levado para o cativeiro. Ver Ezequiel 5.10 quanto aos detalhes. Esse caso também foi considerado um juízo de Yahweh. Isso seria seguido pelo fato de que os habitantes de Judá seriam espalhados ao "vento". Veja o leitor a que estado o pecado reduz um homem ou uma nação! Outro tanto ocorreu quando Tito cercou Jerusalém, em 70 D. C., não muito antes do grande cativeiro e dispersão dos habitantes da Judéia, pelos romanos (ver Josefo, *Guerras dos Judeus* vi.3,4).

6.30

Rasgou as suas vestes. *A consternação do rei.* A mulher, em seu estupor, realmente apresentou o caso ao rei de Israel, *como se* alguma espécie de *justiça* pudesse ser feita. Que ela estivesse buscando tal "justiça" (esperando ter o filho da outra mulher como uma refeição) mostra a que nível temível a vida havia sido reduzida pela fome.

O rei, pois, rasgou as próprias vestes, um sinal de desgosto e consternação. Cf. II Reis 2.12; 5.7 e 11.14. O rei já estava vestindo pano de saco, sinal de lamentação e aflição (I Reis 21.27). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Vestimentas, Rasgar das* e *Pano de Saco,* quanto a detalhes sobre esses costumes. Portanto, o rei estava em grande aflição mental, tendo-se humilhado com o uso do pano de saco, não obstante, lançara a culpa em Yahweh, pelas condições desesperadoras de Israel, e não largou a sua apostasia, que era a causa verdadeira daquela tribulação.

Provavelmente devemos compreender que o rei já estava usando o pano de saco por baixo de suas vestes. Uma vez rasgada a roupa externa, isso permitiu que as pessoas vissem as roupas de baixo, feitas de pano de saco. isso significa que o rei já estava em período de lamentação. A história da mulher, entretanto, lançou-o ao desespero.

6.31

Assim me faça Deus. O ímpio rei de Israel fez um atrevido juramento por *Elohim.* Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Em seu desvario, ele culpava Eliseu pela drástica situação em que se achava a nação de Israel. Ele jurou que decapitaria o profeta por ser ele um homem "mau", pois supunha que *predizer* um evento é a mesma coisa que ser a *causa* do evento. A causa da aflição de Israel era a sua própria apostasia, e o agente ativo que trouxera aqueles temíveis acontecimentos à tona era o único Deus vivo e verdadeiro, e não o Seu profeta, um mero instrumento da Sua vontade. Entretanto, a apostasia havia cegado a mente do rei quanto à verdade da questão. Assim sendo, lá se foi o rei atrás do profeta, a fim de executá-lo, supondo, estupidamente, que esse ato poria fim às tribulações de Israel. Ele faria o profeta ficar tão morto quanto o filho cozido da mulher.

Ou o rei atribuiu as calamidades ao profeta, *ou* lançou a culpa sobre ele por não remover aquelas calamidades quando tinha o poder de fazê-lo. Esse juramento cf. um juramento similar feito contra Elias, por Acabe e sua horrenda esposa, Jezabel (ver I Reis 19.2).

6.32

Estava, porém, Eliseu sentado em sua casa. Essa casa, presumivelmente, ficava em Dotã (ver II Reis 6.13). Vários anciãos de Israel o estavam visitando. De súbito ele soube, mediante seu conhecimento especial (ver as notas em II Reis 6.6,7), que um mensageiro da parte do rei estava chegando a fim de decapitá-lo. Provavelmente o perverso homem vinha na companhia de um destacamento do exército. Seja como for, Eliseu ordenou que a porta da casa fosse barrada, porquanto sabia que o rei viria não muito atrás, e que invadiria a sua casa. Ele daria a ordem de execução, e um soldado decapitaria o profeta. Cf. II Reis 5.9

É provável que os anciãos estivessem na casa para discutir com o profeta o que deveria ser feito para derrotar os sírios, que tinham causado toda aquela fome e aflição. O rei não daria ouvidos às soluções "deles". Ele tinha uma solução radical de sua própria decisão: executar o profeta.

Vedes como o filho do homicida mandou tirar-me a cabeça? Na qualidade de assassino potencial (e provavelmente um homem que já teria matado alguém, em uma insensata violência), o rei de Israel foi chamado de *filho* de homicida, ou seja, alguém cuja principal característica era matar outras pessoas. Talvez haja nessas palavras uma referência ao fato de que Acabe matou Nabote (ver I Reis 21.19). O atual rei de Israel era descendente de Acabe, e queria pôr em prática o seu violento caráter. Se Jeorão era o rei atual, então era o filho do assassino anterior, Acabe.

Josefo pensa que os *anciãos* mencionados neste versículo seriam os aprendizes de profetas, mais idosos, e não oficiais de Israel, como aqueles de Samaria, a capital (ver *Antiq.* 1.9, cap. 4, sec. 4).

6.33

Falava ele ainda com eles. Eliseu, mediante seu conhecimento especial (ver as notas em 6.32), tinha previsto a breve chegada do mensageiro do rei que pronunciaria a ordem de prisão do profeta, e após quem, logo em seguida, chegaria o próprio rei, com os seus soldados. Evidentemente, ele foi admitido no interior da casa, pois logo fez sua pronunciação.

Desespero. Em lugar de anunciar a detenção de Eliseu, o homem simplesmente referiu-se à situação de Israel como *sem esperança.* O culpado pelo cerco era Yahweh, e apelar ao homem não faria bem algum. Mas também não teria efeito algum a execução do profeta de Deus. O que lhes restava fazer era simplesmente submeter-se aos sírios e permitir-lhes que fizessem o que melhor achassem, pois só isso acabaria com toda aquela miséria. Era melhor morrer do que continuar na situação em que estavam. "Aparentemente, Eliseu dissera a Jorão que *Deus* havia dito que ele não deveria render-se a Ben-Hadade, mas, antes, deveria esperar pelo livramento divino. Mas visto que nenhuma ajuda divina estava à vista, Jorão resolvera tomar a questão em suas próprias mãos" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Isso significava que ele deveria executar o profeta de Deus, esperando que com essa execução surgisse alguma diferença para melhor. Ou, então, ele simplesmente desistiria e permitiria que os sírios fizessem o que bem entendessem.

Alguns intérpretes pensam que o *mensageiro* foi o próprio rei de Israel (assim diz a tradução da *Revised Standard Version*). Ou então devemos entender que o rei chegou imediatamente depois do mensageiro, e quem falou foi o rei, conforme temos a impressão, mediante a leitura de nossa versão portuguesa.

Capítulo Sete

Eliseu Não É Executado (7.1,2)

Não há nenhuma ruptura entre os capítulos sexto e sétimo de II Reis. A história continua sem interrupção. Eliseu continuou com suas profecias otimistas, que o rei viera a rejeitar como palavras enganadoras (ver II Reis 6.33). Mas logo Eliseu seria vindicado, provando assim que era um verdadeiro profeta do único Deus vivo e verdadeiro, Yahweh.

7.1

Então disse Eliseu: Ouvi a palavra do Senhor. A chegada repentina do mensageiro do rei, logo seguida pela chegada do próprio rei, provocou uma nova profecia. O povo de Samaria seria aliviado de seu *desespero*. Seria uma estupidez matar o profeta de Deus, e seria igualmente estúpido permitir que os sírios entrassem na cidade e realizassem seu ritual de matança e saque. Uma *intervenção divina* seria a solução apropriada para o problema. O cerco logo terminaria. Suprimentos alimentares em breve retornariam. E a vida continuaria.

Amanhã, a estas horas mais ou menos. *Os preços cairiam drasticamente.* Isso aconteceria porque o cerco seria levantado. Ver as notas em II Reis 6.25 quanto aos preços horrivelmente altos a que tinham chegado os alimentos na cidade. Note-se, igualmente, como Israel estava comendo coisas impróprias e proibidas para consumo humano.

Um alqueire. No hebraico, a palavra usada aqui é *seah*. Ver no *Dicionáno* o artigo denominado *Pesos e Medidas*, seção VII. O *seah* de trigo custaria um siclo, e dois *seahs* de cevada poderiam ser comprados pelo mesmo preço. Ver sobre o *siclo* em Êxodo 30.13 e Levítico 27.25, e também o artigo chamado *Dinheiro*, ponto II, no *Dicionário*. Apesar de não haver maneira de calcular o poder de compra moderno de um siclo, provavelmente valeria um dólar e meio. Esse preço não seria baixo, mas era muito melhor do que os preços que até ali prevaleciam. Pelo menos, o povo conseguiria comer. O trigo seria consumido pelo povo em geral, e a cevada, pelos mais pobres e pelos animais. Ver o versículo 16 deste capítulo quanto ao cumprimento dessa profecia. Ver Juízes 7.13 quanto ao uso da cevada.

À porta de Samaria. O comércio voltaria a funcionar no portão da cidade, o lugar favorito para vendas, compras e escambo. Isso significa que os sírios abandonariam o lugar e voltariam para casa.

7.2

Um dos principais auxiliares do rei, em quem o monarca se amparava (literal ou figuradamente), achou que a profecia era totalmente carente de realidade. Para que o trigo e a cevada fossem comprados por tais preços, "no dia seguinte", Deus teria de abrir janelas no céu e derramar o cereal do céu na terra. Para ele, nenhum *modo humano* de suprimento faria a coisa acontecer em tão breve tempo. Além disso, ele não acreditava em um suprimento *divino*.

Ao homem que duvidara, o profeta retrucou que ele veria com seus próprios olhos o "milagre" acontecer, mas, por causa de seu ceticismo sarcástico, não lhe seria permitido tirar benefício pessoal da repentina onda de prosperidade. O versículo 17 deste capítulo mostra-nos que o homem sofreu de morte violenta, e assim a segunda profecia também teve cumprimento cabal.

Fim do Cerco (7.3-20)

A História dos Leprosos (7.3-10)

A *intervenção divina* que Eliseu havia predito (Ii Reis 7.1,2) logo teve lugar. O autor sagrado contou-nos uma interessante história lateral que esteve relacionada à sua história principal, sobre o levantamento do cerco por parte dos sírios. Aqueles miseráveis leprosos tornaram-se mensageiros das boas-novas, embora tivesse levado algum tempo para o rei de Israel descobrir pessoalmente a verdade dos fatos. De fato, o cerco havia sido levantado, e a profecia de Eliseu, ainda que improvável, fora cumprida com precisão. Isso demonstrava, uma vez mais, que ele era um verdadeiro profeta do único Deus vivo e verdadeiro, *Yahweh*. Israel deveria tê-lo ouvido e abandonado sua idolatria e apostasia. Contudo, a despeito das histórias maravilhosas de milagres, Israel preferia persistir no mal. O cativeiro assírio não estava longe. Israel em breve deixaria de existir como uma nação. Ver sobre *Cativeiro Assírio*, no *Dicionário*.

7.3

Quatro homens leprosos. Os leprosos, muito provavelmente, estavam abrigados em cabanas que havia fora do portão da cidade de Samaria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Portão*. A legislação mosaica requeria que eles fossem isolados (ver Levítico 13.46). A palavra hebraica *sara'at*, traduzida pelas versões mais antigas como "lepra", provavelmente incluía essa enfermidade, mas também incorporava outras enfermidades cutâneas, até mesmo mildios e fungos que nada têm a ver com a lepra (doença de Hansen). Quanto a descrições completas da *sara'at* e das enfermidades que podiam ser cobertas por esse termo, ver a introdução ao capítulo 13 de Levítico.

A fantasia judaica põe o ex-servo de Eliseu, Geazi, e seus filhos, entre os leprosos que figuram nessa história (*Talmude Bab. Sotah*, folha 47.1 e *Sanh.* fol. 107.2). Ver II Reis 5.20 ss quanto à história de Geazi, sobre como ele se tornou um leproso por causa de sua ganância.

7.4

Vamos, pois, agora. As vítimas da *sara'at* dependiam de sua própria agricultura e da caridade alheia. Elas tinham de organizar-se em comunidades separadas e auto-sustentadas, mas as referências históricas e literárias mostram-nos que, com freqüência, viviam como esmoleres. É provável que os leprosos que figuram na presente história também vivessem como esmoleres. O povo de Samaria deixou de suprir-lhes alimentos, porquanto eles mesmos nada tinham para comer, em face do cerco dos sírios. Portanto, fora das muralhas da cidade, lá estavam eles, padecendo fome, tal como o resto dos cidadãos de Samaria e daquela região geral.

A Condição Era Desesperadora. Eles estavam famintos. Portanto resolveram entregar-se aos sírios, pois eram estes que tinham alimentos. A pior coisa que poderia acontecer seria os sírios matarem aqueles pobres esmoleres leprosos. Mas talvez lhes fosse dado algo para comer e assim salvar a vida deles. Em desespero, resolveram arriscar a própria sorte.

7.5

Levantaram-se ao anoitecer. Os leprosos dirigiram-se ao acampamento dos sírios, em seu ato de desespero. Mas, chegando ali, não encontraram um único homem. Marcharam atravessando o acampamento inteiro. Procuraram alguém por toda a parte. De fato, o acampamento estava totalmente deserto.

A nossa versão portuguesa diz "ao anoitecer". O versículo nono confirma que eles foram até o acampamento dos sírios durante a noite. Ao amanhecer o dia, entretanto, foram contar as boas-novas aos habitantes de Samaria. Por outra parte, é difícil ver por que os leprosos se internaram no acampamento dos sírios à noite. A palavra hebraica *nehshaf* pode indicar o começo ou o fim da noite, um tempo quando ainda há alguma luz do sol, ou no fim da madrugada, antes do sol aparecer no horizonte.

7.6

Fizera ouvir no arraial dos sírios ruído. *A razão da partida dos sírios. Yahweh* fizera soar o ruído como de um imenso exército, equipado com inúmeros cavalos e carros de combate. Os sírios chegaram imediatamente à conclusão de que o rei de Israel havia alugado um grande exército de mercenários para lutar contra eles. Seus inimigos perenes, os hititas e os egípcios, facilmente concordariam em lutar em troca de dinheiro, de modo que esses povos deveriam estar envolvidos, raciocinaram os sírios.

O *modus operandi* do ruído não foi explicado pelo autor sagrado. Alguns estudiosos supõem que uma hoste de anjos tenha sido responsável pelo ruído.

7.7

Pelo que se levantaram, e, fugindo ao anoitecer. *A fuga dos sírios foi completa e precipitada.* Os sírios, aterrorizados pelo ruído divinamente provocado, partiram sem levar coisa alguma. Deixaram intacto o próprio acampamento e até abandonaram os animais, seguindo a pé. Deixaram para trás todos os seus objetos valiosos e seus alimentos. Os saqueadores certamente tiveram um dia de abundância! "Este versículo nos dá um vívido quadro de uma fuga apressada, na qual tudo foi esquecido, exceto a segurança pessoal" (Ellicott, *in loc*).

7.8

Comendo e Enriquecendo. Os leprosos atravessaram todo o acampamento dos sírios, apossaram-se de toda espécie de alimento e bebida, e reuniram coisas valiosas como prata, ouro e vestes. Eles entravam e saíam do acampamento, recolhendo cada vez mais e escondendo tudo. Josefo diz-nos que eles fizeram *quatro assaltos* ao acampamento (ver *Antiq.* 1.9, cap. 4, sec. 4). Aqueles leprosos tinham acabado de tornar-se financeiramente independentes. Eles tinham um suprimento para a vida inteira de tudo quanto poderiam precisar. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça!

Era uma prática oriental comum esconder artigos de valor no chão ou em lugares secretos nas casas. Isso lhes servia de *bancos*. Os antigos não dispunham de cofres, como nós os possuímos modernamente.

7.9

Não fazemos bem: este dia é dia de boas novas. *Um toque de consciência.* Aqueles leprosos, antes pobres mas agora ricos, tiveram um estalo em sua consciência. Ali estavam eles, comendo, bebendo e alegrando-se, e enriquecendo, enquanto mulheres e crianças sofriam de inanição na cidade de Samaria. Eles não estavam "agindo corretamente". Além disso, se continuassem a agir como estavam fazendo, não compartilhando do que tinham achado, algum castigo poderia alcançá-los, por causa de seu egoísmo. Assim sendo, chegaram à conclusão de que era tanto no interesse próprio como no interesse da comunidade, que eles espalhassem as boas-novas.

"Nessas verdades encontramos uma verdade profunda. Em nenhum departamento da vida pode alguém receber um grande presente e recusar-se a compartilhar sem que pratique grande mal. Quando um homem tem grandes riquezas mas as guarda para si mesmo, sofre *deterioração moral*. Quando uma pessoa tem o benefício de ter recebido uma boa educação, mas usa essa vantagem somente para fins pessoais e egoístas, em lugar de usá-la como um instrumento de serviço social, sua educação torna-se uma maldição para ele, em lugar de uma bênção" (Raymond Calking, *in loc.*).

Precisamos *publicar* as nossas boas-novas. Já recebemos o dom inefável, as insondáveis riquezas de Cristo. Uma maldição aguarda aqueles que não compartilham essas bênçãos (ver I Coríntios 9.16).

"Em lugar de sofrer como criminosos, eles preferiram ser tratados como heróis. Assim sendo, decidiram retornar a Samaria e proclamar suas boas-novas" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

7.10,11

Logo os leprosos estavam nos portões de Samaria, comunicando as boas-novas aos porteiros da cidade. Dali, o recado espalhou-se até a casa do rei. Aqueles homens tinham cumprido os ditames de sua consciência, e ninguém tiraria deles as riquezas que haviam adquirido de maneira tão surpreendente. Yahweh tinha feito intervenção em favor de Israel; os sírios haviam fugido por causa do ruído divino (ver o vs. 6 deste capítulo). Yahweh também havia intervindo em favor daqueles miseráveis leprosos: agora eram homens financeiramente independentes. Isso reflete a posição do *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). O Criador não é uma força distante que criou, mas então abandonou o seu universo (conforme ensina o *deísmo*). Pelo contrário, Ele continua vivendo entre os homens; Ele recompensa e castiga; Ele intervém na história humana, coletiva e pessoal. Ele se preocupa até com os pardais que caem no chão (ver Mateus 10.29).

Os leprosos contaram a história exatamente conforme tinham acontecido as coisas, sem nada adicionar e sem nada subtrair. Os sírios haviam realmente fugido; eles tinham, na realidade, deixado para trás seus animais, seus alimentos e seus objetos valiosos. O acampamento deles tinha sido reduzido a uma cidade-fantasma.

7.12

Bem sabem eles que estamos esfaimados. *Um alegado truque dos sírios.* O rei de Israel não aceitou a palavra dos leprosos como se eles representassem a verdade inteira. *Sim*, os sírios haviam abandonado o seu acampamento. *Não*, eles não tinham voltado para a Síria, pensou o rei. Antes, estavam tramando um *ardil*. Os famintos israelitas sairiam correndo pelos portões da cidade para obter alimento no acampamento dos sírios. E, então, de súbito, os inimigos se atirariam sobre o povo e matariam todos. Por conseguinte, o rei de Israel recomendou extrema cautela. Os sírios não tinham sido capazes de romper a resistência dos samaritanos (conforme estes poderiam pensar); e assim, um truque faria o que a fome não tinha conseguido fazer.

7.13,14

Tomaram, pois, dois carros com cavalos. *Um Teste.* Um dos oficiais do rei de Israel sugeriu que se fizesse uma espécie de teste, conforme o que os leprosos tinham feito. Samaria enviaria uma *companhia* de pessoas que serviria de teste. Eles sairiam com duas carroças e cavalos, para ver se os sírios os atacariam. Além disso, observariam cuidadosamente todo o terreno em redor, para ver se o inimigo estaria escondido em algum lugar. Assim fazendo, eles poderiam ser mortos; mas, se permanecessem na cidade, morreriam de fome de qualquer maneira. Portanto, lançaram sua sorte ao destino. Foi um esforço de "fazer ou morrer".

O oficial sugeriu que cinco cavalos e seus cavaleiros se arriscassem. Em lugar disso, entretanto, saíram duas carroças puxadas por dois cavalos cada uma. O versículo 14 pode dar a entender que uma única carroça, com seus dois cavalos, e provavelmente uma equipe de dois homens, saiu da cidade. Mas o hebraico diz, literalmente, "duas carroças de cavalos", isto é, duas carroças com dois cavalos cada uma.

Assim sendo, eles saíram, tendo pouco que perder e (talvez) muito que ganhar, a mesma situação que os leprosos haviam enfrentado. Situações desesperadoras exigem esforços desesperados.

7.15

O *grupo de risco* aproximou-se primeiramente do acampamento dos sírios, e depois foi até o Jordão, espiando o território. Isso significa que eles percorreram cerca de quarenta quilômetros no total. Não encontraram, contudo, um único sírio. O que eles encontraram foram evidências de uma retirada precipitada. De fato, a retirada havia sido *caótica*. Eles haviam deixado para trás uma trilha de *vestes* e *equipamento*. Ao que tudo indica, haviam atravessado o rio Jordão e desaparecido. "Em seu espanto e medo, eles lançaram fora as vestes e as armaduras de guerra que os tolhiam" (John Gill, *in loc.)*. Josefo fala em armaduras como inclusas entre os itens abandonados pelos sírios (ver *Antiq.* 1.9, cap. 4, sec. 4).

Um bom relatório foi dado ao rei de Israel, e muitos dos habitantes de Samaria imediatamente mobilizaram-se para ir buscar tanto quanto pudessem; que servissem primeiramente a si mesmos, e depois, *vendessem* o que pudessem a outros.

7.16

Comendo e saqueando. Os famintos israelitas imediatamente invadiram o rico acampamento sírio. Havia ali muitos alimentos e artigos valiosos que os leprosos não tinham conseguido tomar. Primeiramente, cada pessoa encheu o estômago com alimentos, e então encheu suas sacas com objetos de valor. Assim, de repente, houve abundância de alimentos, que logo eram comerciados. Os preços cobrados pelos artigos foram exatamente aqueles preditos pelo profeta (ver as notas expositivas em II Reis 7.1). Isso foi o cumprimento da "palavra de Yahweh", visto que o profeta tinha proferido a palavra do Senhor, e não a sua própria palavra. Aqueles que *não* tinham corrido para o ex-acampamento dos sírios, e que haviam preferido ficar em Samaria, logo estavam comprando alimentos dos que tinham ido. Admiramo-nos por qual motivo, *naquele dia,* o alimento não poderia ter sido distribuído *de graça;* mas a verdade é que a generosidade do homem não é muito grande. O *eu* sempre se faz presente, querendo mais. Assim, vemos o espetáculo de "comerciantes" de estômago cheio a vender cereal sírio para seus vizinhos famintos!

7.17

O povo o atropelou na porta, e ele morreu. *Cumprimento da terrível predição.* O oficial do rei que havia duvidado da verdade da profecia de Eliseu, contra quem fora proferida uma maldição (vs. 2), ficou encarregado de cuidar do portão, para manter as coisas sob controle. Mas a multidão se precipitou loucamente, e o pisoteou até a morte, tal e qual o "homem de Deus" havia dito que aconteceria. O comércio pegou fogo naquele dia. O cereal sírio estava sendo vendido em grande quantidade. A multidão parecia enlouquecida, de tanto vender e comprar. O pobre oficial do rei perdeu a vida no meio daquela loucura. "Portanto, ele *viu* a abundância de alimentos, mas não participou dela, conforme Eliseu havia predito que aconteceria (vs. 2)" (John Gill, *in loc.*). Além da atividade de comprar e vender, o povo se precipitava pelo portão da cidade para ir visitar o ex-acampamento sírio, o que só aumentava a confusão. Era impossível manter a ordem.

"Aquele homem havia ridicularizado a capacidade de Deus fazer aquilo que Ele disse que faria (ver o vs. 2). A sorte que Eliseu havia predito o alcançou" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

7.18

Assim se cumpriu o que falara o homem de Deus. Este versículo repete o que já fora dito nos versículos segundo e décimo sexto deste capítulo. Foi algo realmente *notável*, que mereceu ser reiterado. O "homem de Deus" havia dito que "amanhã" o cereal estaria sendo vendido pelos preços mencionados, e essa predição parecera claramente impossível, considerando os itens pouco apetecíveis (cabeças de jumentos e esterco de pombas, II Reis 6.25) que, no *dia anterior,* estavam sendo vendidos a preços astronômicos. Yahweh fizera o impossível. Foi um dos maiores milagres esse de livrar o povo dos inimigos de Israel, ao mesmo tempo que havia provisão alimentar abundante, tudo ao mesmo tempo.

7.19

Este versículo faz referência ao versículo segundo deste capítulo, o *ridículo* lançado pelo oficial do rei de Israel. Seria claramente impossível que o cereal fosse vendido por *qualquer preço* em Samaria, *no dia seguinte,* quanto menos ao preço que o profeta havia estipulado. Para que isso acontecesse, seria necessário

que Yahweh abrisse as janelas do céu e vertesse o cereal sobre a terra, conforme fazia cair a chuva. O homem falou com sarcasmo sobre a profecia de Eliseu, e no dia seguinte pagou com a própria vida a sua insolência.

O autor sagrado queria que entendêssemos que fora *Yahweh* quem fizera aquele milagre. Ele deu ao povo alimento mediante um método miraculoso. Quem fez aquilo não foi Baal, que era apenas um conceito imaginário, circundado por ídolos destituídos de vida. O milagre foi mais um chamado para Israel arrepender-se e abandonar a idolatria. Mas foi outro *convite inútil.* Israel estava *enterrado até o pescoço* em sua degradação.

7.20

Este versículo tece considerações sobre os versículos segundo e décimo sétimo deste capítulo. O homem que havia ridicularizado a profecia de Yahweh e Seu profeta, por meio de quem, se dera a conhecer, sofreu exatamente aquilo que foi predito a respeito dele. Ele foi pisoteado até morrer, no portão da cidade, para onde o rei o enviara para ajudar a manter a ordem. Foi vítima de sua própria incredulidade, uma história muito antiga entre os homens.

Capítulo Oito

A Mulher de Suném e a Fome (8.1-6)

"Eliseu sabia que estava chegando um período de sete anos de fome, de forma que disse à sua hospedeira em Suném — a bondosa mulher que lhe mandara construir um cenáculo no qual ele costumava alojar-se, e cujo filho ele restaurara à vida – que migrasse por algum tempo para o país dos filisteus. Isso ela fez. Terminados os sete anos, ela voltou e apelou ao rei para que sua casa e sua propriedade fossem devolvidas. Além disso, Geazi estava na corte, contando ao rei os feitos miraculosos de Eliseu, particularmente como ele ressuscitara o morto à vida. Assim, Geazi voltou-se e mostrou a mulher ao rei, o qual imediatamente enviou um oficial da corte, com ela, para garantir que a propriedade dela lhe fosse devolvida" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

O *conhecimento especial* de Eliseu é novamente enfatizado. Ver sobre isso em II Reis 6.6,7. Esse conhecimento superficial o destacava como um autêntico profeta de Yahweh, o único Deus vivo e verdadeiro. Em contraste com Deus, Baal era apenas um deus-lua. Portanto, de Israel esperava-se que abandonasse a sua idolatria e se voltasse para Yahweh. Eliseu, em sua vida e com seus milagres, continuava a comunicar essa mensagem. Mas Israel insistia em ignorá-la.

8.1

Falou Eliseu àquela mulher cujo filho ele restaurara à vida. *Quanto à essência da história,* ver a introdução ao presente capítulo.

"Este relato ilustra o maravilhoso cuidado de Deus por aqueles que N'ele confiam, mesmo em tempos de apostasia popular" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Os atos de Eliseu foram benefícios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* (Quanto à *fome,* cf. II Reis 4.38; 6.25; 7.4.) A Palestina, aquela terra quente e poeirenta, era com freqüência sujeita à seca e à fome. Ver também o verbete chamado *Fome.* Essa condição foi um instrumento na mão divina para castigar um povo apostatado. Quão dependentes somos, até hoje, da chuva! Quão dependentes somos, até hoje, da água da vida! Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Água,* quanto a sentidos literais e metafóricos.

8.2

Levantou-se a mulher. Outro juízo divino é ameaçado. A mulher fugiu, obedecendo à palavra do profeta.

Os quatro juízos divinos: a espada; a fome; as feras; a pestilência. Esses eram, com freqüência, os "quatro maus juízos" de Yahweh. Ver Ezequiel 14.21.

Terra dos Filisteus. Ou seja, as terras das costas baixas do mar Mediterrâneo, que não estavam sujeitas à seca, como o interior da Palestina. (Cf. Gênesis 12.10; 26.1.) Além disso, os filisteus contavam com um comércio marítimo, que aliviava qualquer problema drástico das condições atmosféricas. Ver Joel 3.4-6. Lembremo-nos de que Isaque havia migrado para a terra dos filisteus em tempo de fome (ver Gênesis 26.1). Ao que tudo indica, era essa uma reação comum diante da seca e da fome resultante (ver Gênesis 12.10; 43.2; 46.6).

8.3

E saiu a clamar ao rei pela sua casa e pelas suas terras. *Naturalmente,* na ausência da mulher, sua casa e suas propriedades tinham sido invadidas. Os israelitas não eram destituídos de terras, porquanto cada família (mediante a legislação mosaica) tinha suas próprias terras e fazendas. Mas era natural que as terras abandonadas fossem tomadas por outras pessoas. Talvez fossem vizinhos que se tinham apossado das terras, ou mesmo parentes que não tinham direito a elas. Pois aquelas terras pertenciam a seu marido, a ela e aos filhos do casal. É até mesmo possível que o próprio governo se tivesse apossado das terras.

8.4

Ora, o rei falava a Geazi. Muito provavelmente, a história aqui relatada ocorreu *antes* que o servo especial de Eliseu se tivesse tornado leproso (ver a história no capítulo 5, e ver sobre *Geazi* no *Dicionário).* Aquele homem, como um leproso, não poderia andar circulando livremente pela sociedade, e, muito menos ainda, ter acesso ao rei. O rei, pois, estava recebendo um relatório em primeira mão, da parte de uma testemunha ocular, de todas as maravilhas que Eliseu tinha feito, e foi exatamente *naquele momento* que uma das pessoas — a mulher sunamita — que tinha recebido um milagre especial do profeta apareceu para registrar sua queixa sobre suas terras furtadas. Naturalmente, isso não ocorreu por mera coincidência, mas foi um acontecimento arranjado providencialmente por Yahweh. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Chance.* Esse incidente foi outorgado para benefício da mulher. Nada acontece por mero acaso.

Quanto a uma lista (gráfico) dos milagres de Eliseu, ver a exposição sobre II Reis 2.9. Quanto ao fato de ele ter recebido dupla porção do Espírito de Elias, e realizado mais ou menos o *dobro* dos milagres efetuados por Elias, ver a introdução a II Reis 2.19.

Julgamos que Jeorão tinha mais *curiosidade* em saber dos milagres de Eliseu do que em ser *sério* quanto a mudar de vida e abandonar a idolatria. Esses milagres apontavam para Yahweh, o único Deus vivo e verdadeiro. Mas o rei de Israel nunca abandonou sua adoração a Baal. Ele gostava de ouvir histórias, mas não estava interessado na sua própria transformação espiritual.

8.5

Contava ele ao rei. *No momento exato* em que Geazi contava ao rei de Israel acerca de como Eliseu ressuscitara o menino dentre os, a mãe do rapaz apareceu para registrar queixa sobre como sua propriedade fora furtada (por invasores), quando ela tinha ido à Filístia, por causa da fome.

E este o seu filho. Agora um rapaz crescido e acompanhando a sua mãe, uma prova viva do poder do profeta de Deus e uma força convincente que foi capaz de fazer o rei cuidar para que as propriedades da mulher lhe fossem devolvidas por parte dos invasores.

8.6

Interrogou o rei a mulher. *O rei questionou* a mulher sunamita, a qual não se furtou de contar coisa alguma ao monarca israelita, confirmando a história que Geazi tinha contado. E as duas histórias coincidiram. Isso o convenceu da justiça do caso, e, sem nenhuma hesitação ou demora, ele nomeou um oficial para que expulsasse os invasores das propriedades.

Uma Restauração Completa. Não bastava que a propriedade fosse devolvida aos seus legítimos proprietários. Tudo quanto fora produzido ali — os produtos agrícolas, quaisquer proveitos de qualquer espécie, derivados do uso das terras — teve de ser devolvido. Isso foi feito, e a propriedade, quando o autor sagrado registrou a história, continuava nas mãos da família da mulher. Quando erros são cometidos, não é suficiente arrepender-se. *Restituição* também precisa ser feita. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reparação (Restituição).*

A História de Eliseu e Hazael (8.7-15)

Ben-Hadade (ver a respeito dele no *Dicionário*) estava muito enfermo. Ele enviou Hazael, um oficial de confiança do reino sírio, para indagar de Eliseu sobre suas chances de recuperação da saúde, provavelmente também esperando alguma espécie de cura divina, da mesma maneira que seu general, Naamã, havia sido curado de sua lepra, ou de alguma outra enfermidade designada pela palavra hebraica *sara'at.* Ver o quinto capítulo de II Reis. Elias predisse que *daquela enfermidade* Ben-Hadade se recuperaria, mas havia outro perigo oculto que tiraria a vida dele. Houve aquela cena dramática do profeta a chorar, quando (em seu transe), ao dar a profecia, ele viu toda a confusão e destruição que Hazael provocaria. Eliseu nada lhe disse na ocasião, mas o profeta viu que *esse homem* assassinaria o rei da Síria e subiria ao trono. Voltando ao rei, Hazael transmitiu o recado sobre a enfermidade, mas no dia seguinte assassinou o rei da Síria. Isso aconteceu em cumprimento da profecia de Elias (ver I Reis 19.15,16). Hazael estava então destinado a tornar-se um grande látego de Israel, matando muitos. Aqueles que ele não matasse seriam mortos pelo novo rei, Jeú. E assim a casa de *Acabe,* da qual Jeorão fazia parte, seria varrida da face da terra. Ver II Reis 9.4-10.

FILOSOFIA HEBRAICA DA HISTÓRIA

1. A história inicia-se com o ato divino da criação.
2. Ela continua através de atos, orientações, intervenções, imposições e permissões divinas, isto é, teística e teologicamente.
3. O livre-arbítrio humano é usado, não destruído, pelo desejo divino, mas como, isso nós não sabemos.
4. Deus prevê que o homem agirá livremente, portanto, ele faz exatamente isso.
5. Os hebreus eram fracos em causas secundárias, assim, atribuía tudo, o bem e o mal, à Causa Primeira e Primária, Deus.
6. A idéia dos hebreus sobre a história é que ela é um movimento *linear*, isto é, indo de um evento para outro, com um objetivo distante na direção do qual todas as coisas se movem.
7. A redenção e realização futuras ocorrerão no Messias

FILOSOFIA CRISTÃ DA HISTÓRIA

1. De maneira geral, a filosofia cristã emprestou o ponto de vista dos hebreus, mas adicionou a ele novas dimensões.
2. A história está dentro, é para servir e é para o Logos: Col. 1.15,16.
3. O poder criativo é identificado com o Logos e o Logos com o Filho: João 1.1,14.
4. A história se move na direção da *Parousia* de Cristo: Apo. cap. 19.
5. A salvação é a mais alta realização do processo histórico do homem: Luc. 19.10. 6. O amor é a única lei universal. Ele guia a história na direção da bondade e da realização: I Cor. cap. 13. O amor é o impulso vital e o instrumento de todo o progresso espiritual: I João 4.7 ss.
7. Compartilhar da natureza divina é o maior conceito teológico do homem e é o objetivo de todos os homens: II Ped. 1.4..

Ben-Hadade foi morto em cerca de 841 A. C., portanto o cativeiro assíno estava apenas a cento e dezenove anos no futuro (722 A. C.). Isso poria fim definitivo ao reino do norte (Israel). A idolatria e a apostasia seriam assim punidas. Hazael faria parte na imposição desse juízo divino. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro Assírio.*

8.7

Velo Eliseu a Damasco. *Conforme as circunstâncias determinaram,* Eliseu foi a Damasco (por razões desconhecidas), e isso facilitou a que Ben-Hadade consultasse o profeta a respeito de sua saúde. Como é óbvio, essa foi outra *coincidência* divinamente ordenada. Ver as notas expositivas sobre o versículo 4 do presente capítulo. Ben-Hadade naturalmente sabia da reputação do profeta, e especialmente como ele havia curado Naamã, um alto oficial do exército sírio, de sua lepra. Assim, pensou ele, lhe fora dada a grande oportunidade de consultar o renomado profeta, em sua própria cidade. Mas sua condenação estava próxima.

Os intérpretes judeus embelezam a história dizendo que Eliseu foi a Damasco para levar Geazi, seu ex-moço desviado, ao arrependimento. Mas não há possibilidade de que Geazi, no tempo do acontecimento relatado nos versículos quarto a sexto, fosse um leproso. Em outras palavras, o trecho de II Reis 8.4-6 deve ter sido escrito antes do capítulo quinto. Mas a cronologia da história foi perturbada.

8.8

Toma presentes contigo. Quando eram visitados, os dignitários (incluindo os profetas notáveis) sempre recebiam alguma espécie de presente. Isso fazia parte dos costumes de cortesia, dos costumes sociais, e também operava como encorajamento para que o dignitário ou profeta cooperasse no tocante ao motivo da visita recebida. O trecho de II Reis 5.16 e 26 quase certamente ensina que Eliseu, contra o costume geral, não aceitava tais presentes. Talvez ele pensasse que o recebimento de presentes comprometeria seu ofício profético, encorajando-o a agradar aos homens, em lugar de Deus. Minhas notas sobre II Reis 5.16 dão detalhes que aumentam nossa compreensão sobre tais questões. Ver também I Samuel 9.7 e I Reis 14.3. Ver Êxodo 23.15 quanto ao princípio desse costume na sociedade dos hebreus. Ninguém deveria comparecer diante de Deus sem a dádiva apropriada. Esse costume acabou sendo transferido para o *homem de Deus,* Seu representante.

8.9

Quarenta camelos carregados de tudo que era bom de Damasco. Em contraste com II Reis 5.17 e 26, dessa vez não somos informados de que Eliseu recusou os presentes. Eles eram ridiculamente abundantes. Foram necessários *quarenta camelos* para transportar todos os presentes, os quais, sem dúvida, incluíam prata, ouro, sedas, muitas roupas, caros perfumes importados, unguentos, alimentos especiais. Eram todas elas coisas pelas quais uma escola de profetas ansiaria. Novamente, os intérpretes judeus embelezam o texto. Abarbanel sugeriu que os presentes eram todos alimentos, e não prata ou ouro, e *esse tipo* de presente Eliseu aceitou, porque seria bom para seus estudantes, nas escolas dos profetas.

Ben-Hadade, em atitude de respeito, chamou Eliseu de seu *pai.* Cf. II Reis 5.13 e 6.21. Essa cortesia sem dúvida encorajaria o profeta a proferir uma boa palavra.

8.10

A *enfermidade* não seria fatal. Mas Ben-Hadade morreria em breve, de qualquer maneira. Algum perigo *inesperado* estava para dar o bote, ou seja, o próprio Hazael, que já trazia o assassínio em seu coração. Eliseu sentiu ser impróprio revelar a verdade inteira ao rei. De fato, ele nem ao menos avisou para que Ben-Hadade fosse cuidadoso. Também não lhe disse no que consistia o perigo desconhecido. Nesse caso, podemos compreender o *porquê.* Era parte da sorte ou destino de Ben-Hadade morrer em breve e cumprir, pelo menos em parte, a profecia de condenação que Elias havia proferido (ver I Reis 19.15,16). Hazael, com toda a sua maldade e violência, seria o instrumento divino que diminuiria drasticamente a casa de Acabe, e o novo rei de Israel, Jeú, completaria a tarefa. Portanto, não fazia parte do destino de Ben-Hadade continuar governando a Síria. Hazael tinha de entrar no palco e realizar o *seu ato.* Cf. II Reis 3.18 ss. Eliseu tinha transmitido uma profecia que era verdadeira somente em parte, e, no fim, bastante distante da realidade dos fatos. Portanto, as profecias podem falhar, tal e qual diz o Novo Testamento (ver I Coríntios 13.8). Mas, no caso presente, Eliseu simplesmente deixou de mencionar parte da verdade, por bons motivos.

8.11

E tanto lhe fitou os olhos que este ficou embaraçado. *Eliseu estava contemplando, em visões, os quadros* que o Espírito Santo lhe mostrava, indicando o que iria acontecer. Ele "viu" com aperto no coração, Hazael tornar-se um grande matador. Primeiramente, tiraria a vida de Ben-Hadade; e mais tarde, invadindo Israel, ele mataria muitos. Ele diminuiria em muito a casa de Acabe. Seria um matador de massas. A cena era tão terrível que o profeta começou a chorar, e chorou tão alto e por tanto tempo que Hazael ficou embaraçado, conforme diz a nossa versão portuguesa. A Vulgata Latina mostra-se aqui extremamente gráfica: "Sua fisionomia ficou fixa com um ar de horror indescritível". Alguns estudiosos dizem que foi *Hazael* quem ficou embaraçado, ali de pé, vendo a dolorosa cena do grande homem de Deus a chorar como um bebê. Mas a maioria das traduções dá a impressão de que o choro e o embaraço foram ambos de Eliseu. Alguns outros eruditos, porém, dizem que Hazael ficou envergonhado diante de toda a maldade que o profeta estava revelando sobre ele. O longo olhar fixo de Eliseu fez o homem ímpio ter vergonha de si mesmo. O significado exato do trecho nos escapa, mas o seu sentido geral é perfeitamente claro.

8.12

Hazael queria saber por que tanto choro. Eliseu então lhe disse que estava vendo os grandes males que ele efetuaria, incluindo a matança dos filhos de Israel. Ele viu as horrendas guerras provocadas por Hazael; suas tremendas vitórias contra Israel; como ele destruiria fortalezas israelitas; como ele mataria jovens israelitas; como mataria crianças e violentaria e destruiria mulheres grávidas, dando a entender que as abriria ao meio para matar seus fetos. Cf. II Reis 15.16. Ver II Reis 10.32,33 e 13.3,4 quanto ao cumprimento dessas horrendas predições. Horrendas, sim; mas essas coisas eram atos *comuns* de homens violentos em tempos de guerra. Cf. Amós 1.3,4,13 e Oséias 10.14 e 13.16.

8.13

Pois que é teu servo, este cão, para fazer tão grandes cousas? Ou Hazael ficou chocado, ou fingiu ter ficado chocado diante do que o profeta dissera: "Seria ele um cão, uma besta, capaz de tais atrocidades?". Eliseu não respondeu diretamente à pergunta de Hazael, mas somente deixou entendido que, na qualidade de "rei da Síria", ele realizaria esses atos sangrentos. Quando ele conseguisse o poder apropriado, ele o usaria para praticar tais males. Quando ele subisse ao trono da Síria, seria um homem de violência e destruição. A maioria dos monarcas tornam-se reis por terem sido grandes matadores ou guerreiros, e esse era o melhor tipo de rei que um povo poderia ter naqueles dias de violência. Tais reis ocasionalmente saíam-se bem no campo da economia, mas sua principal *virtude* era manter os inimigos a distância, e somente as matanças eram suficientes para isso. Além disso, muitos deles *precisavam* provocar matanças e, quando as coisas ficavam quietas demais, eles invadiam países estrangeiros para brincarem com seus brinquedos violentos.

> *... Deixai-os brincar.*
> *Que os canhões ladrem e os aviões de bombardeio*
> *Falem suas blasfêmias prodigiosas.*
>
> *... Nunca choreis. Deixai-os brincar.*
> *A antiga violência não é tão antiga assim,*
> *A ponto de não ser capaz de gerar novos valores.*
>
> (Robinson Jeffers)

8.14

Disse-me que certamente sararás. Hazael deixou Eliseu e foi para o rei, o qual estava ansioso para saber o que o profeta havia dito. Mas Hazael lhe disse somente a parte sobre como a enfermidade não seria fatal. Ele se calou sobre os detalhes de como o próprio Hazael em breve seria rei da Síria, através de um ato de violência. Portanto, o rei sentiu-se bem, mas somente por um dia. No dia seguinte, seria assassinado.

8.15

E o estendeu sobre o rosto do rei até que morreu. *A farsa.* Hazael tirou a respiração do impotente rei (o homem estava muito enfermo), e assim fez parecer que o pobre homem tinha morrido de morte natural. O violento Hazael foi o sucessor natural no trono da Síria. Ele tornou-se conhecido como homem de ferro, um poderoso guerreiro-matador. Era, pois, o homem certo para o trabalho de rei. Elias havia profetizado a grande transformação e o soerguimento do terrível matador (ver I Reis 19.15,16), e Eliseu tinha confirmado a profecia, acrescentando detalhes (vs. 13). Foi assim que o palco foi armado para a obliteração da casa de Acabe e para Israel ser novamente punido por ainda outro homem selvagem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei da Colheita segundo a Semeadura.* Ver também a introdução a esta seção, no versículo sétimo, quanto aos detalhes.

A ascensão de Hazael ao poder na Síria e algumas de suas batalhas estão registradas no Obelisco Negro de Salmaneser II (cerca de 860-825 A. C.). Essa pedra acha-se agora no Museu Britânico.

Parece que Elias havia ungido Hazael como rei, pelo que ele contava com a autoridade divina por trás de sua missão de destruição (ver I Reis 19.15). Talvez a entrevista de Eliseu com aquele homem tenha sido encarada como sua unção como rei. Hazael não pertencia a alguma linhagem real, mas era um poderoso general do exército. Salmaneser III chamou-o de "o filho de ninguém" (Registros Antigos da Assíria e da Babilônia, 1:246). Mas isso não o impediu de realizar com esperteza sua missão de matança. Ele reinou como rei de Arã por volta de 841-801 A. C., um longo tempo, verdadeiramente. Ele expandiu seus territórios sobre os de Jeorão, Jeú e Jeoacaz, de Israel, e sobre os reinos de Acazias, Atalia e Joás, de Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Síria*. Ver também o verbete *Rei, Realeza,* onde apresento um gráfico com a lista dos reis de Israel e de Judá, em comparação com os reinos de reis de potências estrangeiras.

O Reinado de Jeorão (8.16-24)

Relatos Paralelos. O autor dos livros de I e II Reis não alistou primeiramente os reis de Israel, dando descrições sobre eles, para então alistar os reis de Judá, juntando detalhes. Antes, apresentou relatos paralelos, saltando de um reino para o outro, em uma ordem cronológica aproximada. Quanto a esse *modus operandi* de apresentação, ver I Reis 16.29.

"Jeorão tornou-se rei de Judá ante a morte de seu pai, Josafá. Uma menção especial é feita à sua esposa, Atalia, filha de Acabe, por causa de certo ato posterior dela, que se apossou do trono de Judá. Foi durante esse reinado que Edom e Libna se revoltaram contra o domínio de Judá" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Cronologia e Comentários. Jeorão foi co-regente com seu pai, Josafá. Essa co-regência começou em cerca de 853 A. C., quando Josafá saiu em batalha, em parceria com Acabe, em Ramote-Gileade (853 A. C.), conforme se lê no capítulo 22 de I Reis, contra a Síria. É provável que Josafá tivesse pensado que, enquanto ele estivesse desfechando suas guerras, poderia ter uma pessoa de confiança no trono, em casa. O décimo oitavo ano do reinado único de Josafá, em Judá, cerca de 852 A. C. (quando o filho de Acabe, Jorão, começou seu governo em Israel, II Reis 3.1), foi o *segundo* ano da co-regência de Jeorão com Josafá (II Reis 1.17). O *quinto ano* de Jorão, em Israel, foi o ano em que Jeorão começou a reinar sozinho em Judá (848 A. C.). O reinado de Jeorão perdurou treze anos. Isso incluiu sua co-regência. Seu governo sozinho estendeu-se por oito anos (848-841 A. C.).

8.16

Quanto a *cálculos cronológicos* e à prática do autor de apresentar o material em *relatos paralelos,* ver a introdução à seção, anteriormente.

Algumas traduções dizem "sendo ainda Josafá rei de Judá", antes de "Jeorão, filho de Josafá". Mas isso foi uma repetição descuidada feita por algum escriba. A Septuaginta e a versão siriaca omitem essas palavras, e parecem estar corretas, em contradição com o texto hebraico padronizado, o texto massorético. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Ver também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Poder-se-ia argumentar que a infeliz repetição foi obra do autor original, e que o texto massorético a preservou. Nesse caso, as versões Septuaginta e siríaca simplificaram o texto original.

8.17

E reinou oito anos em Jerusalém. Foram somente oito anos de reinado de Jeorão, como rei único. Mas reinou um total de treze anos se contarmos os anos de co-reinado com seu pai. Ver a introdução à seção quanto a detalhes sobre essa questão. Seu reinado único foi de cerca de 848 a 841 A. C. Tinha trinta e dois anos de idade quando começou a reinar, portanto viveu somente até os quarenta anos de idade. Ver sobre *Jeorão* no *Dicionário,* e também no artigo chamado *Judá, Reino de,* quanto a detalhes sobre a sua vida. Ele foi filho de um pai piedoso, mas de uma mãe ímpia, e preferiu seguir o exemplo deixado por sua mãe. Foi ao extremo de matar seus próprios irmãos (ver II Crônicas 21.4).

8.18

A filha deste [Acabe] era sua mulher. Jeorão cometeu o erro fatal de casar-se com a filha de Acabe e Jezabel, Atalia. Ela era uma mulher determinada e cheia de recursos, tal e qual sua mãe tinha, Jezabel. Ver o vs. 26. Jeorão seguiu a linhagem dos reis maus, os de Israel e os de Judá, promovendo a idolatria, a adoração a Baal e a adoração ao bezerro de Betel. Ele implantou lugares altos para propósitos idolátricos e compeliu seus súditos a submeter-se ao ridículo e à adoração de deuses pagãos estrangeiros. Ver II Crônicas 21.1. "O autor de II Reis mencionou apenas *dois* dos acontecimentos infelizes do reinado de Jeorão. Um de seus atos, que não é mencionado aqui, foi o assassinato de seis de seus irmãos, todos filhos de Josafá (ver II Crônicas 21.2-4). Esse expurgo parece ter sido executado por inspiração de Atalia, visto que nenhum outro rei judeu praticou tal coisa. Atalia, por outra parte, cometeu tais atrocidades quando ela governava (ver II Reis 11.1)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

"... através desse casamento, Josafá e Acabe continuaram confederados, e a amizade entre eles permaneceu, mesmo após a morte de Acabe" (Adam Clarke, *in loc.*).

8.19

O Senhor não quis destruir Judá por amor de Davi. A nação do norte, Israel, logo iria para o *cativeiro assírio* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Isso assinalou o fim absoluto do reino do norte. Em contraste, Judá, punido pelo *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário)* sobreviveria, visto que um remanescente retornaria. No juízo de Yahweh, pois, foi feita uma diferença entre a nação do norte, Israel, e a nação do sul, Judá. E isso por causa de Davi, que foi o primeiro rei da linhagem de Judá, visto ter sido o segundo rei do império unificado. Seus descendentes terminaram governando o reino do sul, Judá. Quanto às promessas e profecias concernentes ao tratamento favorável que Deus daria a Judá, por amor de Davi, ver I Reis 11.36 ss. Ver o versículo 36 dessa passagem, que menciona Davi como uma *luz.* Dou detalhes sobre a metáfora na exposição sobre esse versículo. Ver também I Reis 15.4 e II Samuel 7.12-16 (a promessa original a Davi). Naturalmente, a continuação do trono de Davi dependeria, finalmente, do Messias, o Filho maior de Davi. Davi, a luz, sempre teria luzes que o seguiriam, como reis em Judá. Dessa maneira, Davi (e sua causa) sempre teria uma luz brilhando em Jerusalém.

A Luz. Os significados simbólicos da "luz" são múltiplos: Jerusalém, a dourada; Davi; a casa de Davi; Judá, a tribo de Davi; e, profeticamente, o Messias.

8.20

Nos dias de Jeorão se revoltaram os edomitas. *Jeorão Pecou e Viu a Tristeza.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Edom se revoltou com sucesso, e o rei de Judá perdeu todo o dinheiro anual e os bens que vinham de Edom. Sua economia foi debilitada e ele mesmo foi humilhado. Essa informação fazia parte das declarações fornecidas pelo livro das *Crônicas de Judá,* vs. 23 (onde é comentada). Houve um esforço para subjugar Edom novamente, por outros reis de Judá, mas todos os esforços nesse sentido terminaram em desastre. Edom caíra sob o domínio de Judá quando Josafá derrotou uma coligação de reinos que incluía Edom. Ver II Crônicas 20.1-29. Subseqüentemente, Edom ajudou a Israel e a Judá em sua campanha contra o rei Mesa, de Moabe (ver I Reis 22.47). Mas Jeorão perdeu seu poder sobre o território de Edom, e a sua glória foi assim diminuída. Durante cento e cinqüenta anos, Edom tinha pago tributo a Judá, desde os tempos de Davi. Mas conseguiu, finalmente, libertar-se da servidão a Judá e estabeleceu o seu próprio rei. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Edom, Idumeus,* quanto aos detalhes.

Josefo diz-nos que, nessa revolta, eles mataram o rei vassalo que Judá tinha deixado sobre eles, e que Josafá tinha nomeado (ver I Reis 12.48).

8.21

Jeorão passou a Zair. Ver no *Dicionário* sobre *Zair.* É provável que esse nome seja outro designativo para *Seir.* Esse era o nome da principal cidade do país, e ela figura no *Dicionário* em verbete que tem esse nome. Alguns intérpretes, contudo, não identificam os dois nomes, e meu artigo sobre Zair esclarece o que é dito sobre esse alegado lugar.

Jeorão conseguiu *ferir* os edomitas, e poderíamos supor que ele tenha conquistado o triunfo sobre eles. O vs. 22 mostra-nos que a revolta prosseguiu, e é presumível que esse lugar tenha retido seu próprio rei, revelando que as tentativas de Jeorão de submeter novamente Edom ao pagamento de tributo não obtiveram sucesso. As pessoas que "fugiram", conforme lemos neste versículo, sem dúvida foram os israelitas. Eles voltaram para casa, derrotados e desapontados. Assim sendo, a *derrota* dos edomitas, muito provavelmente, só foi um esforço bem-sucedido no tocante a cortar-lhes o cerco, para assim poderem os israelitas voltar para casa. Isto é, os *sobreviventes* voltaram para casa, pelo que não houve uma matança total do exército dos israelitas. Jeorão já estava começando a colher o que havia semeado.

8.22

A *revolta* dos edomitas foi bem-sucedida. Quando o autor sacro escreveu esta crônica sobre a história, Edom já tinha seu próprio rei. A situação não fora

revertida. E à humilhação dos israelitas de terem sido derrotados, foi adicionada mais uma. Libna, uma cidade do sudoeste de Judá, revoltou-se, de forma que houve uma pequena guerra civil que embaraçou Jeorão. Libna era uma cidade dos levitas, sendo possível que os levitas dali é que tivessem promovido a rebelião contra a idolatria de Israel. Ver Josué 10.29 e 21.13, bem como, no *Dicionário*, o artigo chamado *Libna*. Mas de Ezequias em diante, Libna passou novamente a pertencer a Judá. Ver II Reis 19.8; 23.31 e 24.18.

8.23

Quanto aos demais atos de Jeorão. Temos aqui uma típica *declaração final* sobre um rei de Israel ou de Judá, que o autor sagrado empregou constantemente. Ele mencionou aqui uma das principais fontes informativas para a história que ele registrou: o livro das *Crônicas dos Reis de Israel e Judá*. Dei completas informações sobre esse livro nas notas expositivas sobre I Reis 14.19, onde também cito outros livros perdidos, mencionados na Bíblia, livros esses que não atingiram, finalmente, posição canônica. O capítulo 21 de II Crônicas fornece mais detalhes sobre Jeorão que não foram oferecidos em II Reis, mas aquele material não está sendo referido pela nota do presente versículo. Jeorão recebeu mais advertências sobre sua idolatria e os terríveis resultados, mas estava surdo para os apelos divinos. Jeorão sofreu uma morte miserável decorrente de uma doença terminal (ver II Crônicas 21.15). Israel também sofreu severamente, junto com seu infeliz rei. Israel, na verdade, nunca aprendeu a lição que Deus lhe queria ensinar. Em breve, o cativeiro assírio encerraria de forma permanente a história daquela nação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Assírio*.

8.24

Descansou Jeorão com seus pais. Este versículo contém a nota obituária comum que o autor sagrado costumava dar aos reis de Israel e Judá. Quanto a notas a respeito, ver I Reis 16.2. Ver também idéias adicionais nos comentários sobre I Reis 1.21.

Acazias, seu filho. Ver sobre ele no *Dicionário*. Israel teve um rei com o mesmo nome, e os dois reis não devem ser confundidos um com o outro. Ambos governaram somente por um ano, mas seus reinados não coincidiram quanto ao tempo. Acazias, de Judá, reinou durante o último ano de Jeorão, rei de Israel, em 841 A. C.

O Reinado de Acazias, Rei de Judá (8.25-29)

8.25,26

Ver os comentários no fim das notas sobre o versículo 24. Esse homem reinou só durante um ano (841 A. C.). Ele começou a reinar durante o último ano do governo de Jeorão (seu décimo segundo ano no poder).

Relatos Paralelos. Note o leitor como o autor sagrado relaciona continuamente os reinados dos reis de Judá com os reinados dos reis de Israel. Ele não nos contou primeiramente a história dos reis de Israel, para depois contar a história dos reis de Judá. Antes, ele saltava de um reino para outro, contando a história dos reis de Israel e de Judá segundo um plano cronológico aproximado. Quanto a essa prática dos relatos paralelos, ver as notas expositivas sobre I Reis 16.29.

Acazias, de Judá, tinha apenas vinte e dois anos de idade quando começou a reinar. A mãe dele era a temida Atalia, filha da horrenda esposa do ímpio Acabe, rei de Israel, Jezabel, mulher mais terrível ainda que sua filha. Ela era neta de Onri, mas é chamada aqui de "filha", pois com freqüência se chamava uma neta ou neto de filha ou filho de alguém. Esse homem foi morto em uma batalha contra Jeú, que ficou com o trono de Israel. Ver II Reis 9.27 quanto ao relato de sua morte.

II Crônicas 22.2, em nossa versão portuguesa, é trecho que diz que o rei Acazias começou a reinar quando estava com vinte e dois anos de idade. Mas a Versão Autorizada, em inglês, do ano de 1611, a Bíblia mais usada pelos povos de língua inglesa até hoje, diz "quarenta e dois anos" Em II Crônicas 22.2 discuto o problema.

8.27

Ele andou no caminho da casa de Acabe. A continuação no estilo ímpio de vida de Acabe assinalou a carreira de Acazias. Ele descendia de uma linhagem maligna, e não tinha nem o poder nem o interesse para resistir à sua má herança, genética e social. O autor fez questão de dizer-nos que ele era *genro de Acabe*, como a querer dizer: "Como poderia ele ter sido um bom rei, com um sogro como esse?". Josafá e Acabe fizeram uma aliança de amizade, selando-a com um casamento das duas famílias; e foi assim que Acazias se deixou apanhar na armadilha ímpia e insolúvel da perversidade. Naturalmente, o autor sacro referia-se à idolatria e às suas conseqüências. Israel chegou a rejeitar o *yahwismo*, promovendo o *baalismo* e a adoração ao bezerro de Betei. Além disso, eles tinham os chamados *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário)*, para adicionar variedade a seus cultos pagãos. Esse rei foi influenciado por sua mãe maligna (ver II Crônicas 22.3), que era filha de Acabe, e cuja possível mãe era Jezabel.

A Força do Exemplo. Há muitos fatores que participam na formação de um homem, no seu caráter e na sua personalidade. A genética certamente é um desses fatores. Cerca de mil e oitocentas características são determinadas pelos genes, e estudos modernos mostram que até as atitudes morais e espirituais fazem parte desse quadro. Provavelmente, o próprio código genético é influenciado pelo que as gerações *fazem*. Além disso, há o meio ambiente, incluindo a influência dos pais. Portanto, o dever dos pais não consiste meramente em treinar seus filhos, mas também em dar-lhes *bom exemplo*. Um pai deve três coisas a seus filhos: exemplo, exemplo, exemplo. Ver o detalhado artigo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* intitulado *Exemplo*. A educação é um aspecto vital. Mas essa educação tem de ser mais do que intelectual. Ela precisa ser também moral e espiritual. Não basta uma pessoa ser esperta, bem educada e rica. Temos de ser ricos para com Deus e para com as realidades espirituais.

"Sempre haverá uma fagulha de luz que espera somente pelo hálito bem dirigido de Deus para transformar-se na chama da vida" (Raymond Calking, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

8.28

Foi com Jorão, filho de Acabe. Josafá havia estabelecido aliança com Acabe, e essa aliança prosseguiu para além da morte deles. Vemos agora Israel e Judá juntando forças para tentar deter Hazael, o homem selvagem da Síria, que havia assassinado Ben-Hadade II (ver II Reis 8.15). A batalha ocorreria em *Ramote-Gileade* (ver no *Dicionário*). O ímpio Acabe tinha tentado recuperar, mas sem sucesso, o lugar que agora pertencia aos sírios, conforme ficou registrado em I Reis 22.6 ss. Josafá participou dessa tentativa abortada. Aquele acontecimento tinha ocorrido doze anos antes, e Israel e Judá não se tinham esquecido de sua derrota, que agora queriam ver revertida. Ramote-Gileade ficava cerca de sessenta e quatro quilômetros a nordeste da cidade de Samaria. Jorão, rei de Israel, fora ferido na batalha e tivera de abandonar o campo de batalha.

8.29

Então voltou o rei Jorão para Jezreel. Ferido, Jorão não tinha condições de continuar lutando. Foi levado então para Jezreel, na esperança de recuperar-se de seus ferimentos. Neste versículo, a cidade de Ramote-Gileade é chamada por seu nome alternativo, *Ramá*. O rei permaneceu ali até que Jeú foi à cidade e o matou, pondo fim à história da casa de Acabe. Mas logo esse assassinato reduziu-se em sua importância, devido às matanças de Jeú. Ver II Reis 9.18 ss., quanto à história. Cf. II Crônicas 22.7. Jorão encontrou seu triste destino em Jezreel. A profecia foi ao seu encalço. A casa de Acabe precisava ser destruída. O que Hazael não destruiu, Jeú o fez. Ver I Reis 19.17.

Jorão esperou sua triste sorte em Jezreel, mas Acazias fugira para Megido (ver II Reis 9.27).

Capítulo Nove

A Revolução de Jeú (9.1 – 10.28)

Jeú É Ungido Rei (9.1-13)

A Unção (II Reis 9.1-13). Elias havia predito que Eliseu ungiria tanto Hazael (da Síria) quanto Jeú (de Israel), como reis, e que isso administraria o golpe mortal contra a casa de Acabe. Ver I Reis 19.15-17. Foi preciso um longo tempo (mais de vinte anos), mas essas profecias tiveram cumprimento cabal.

Embora os moinhos de Deus moam lentamente,
Moem extremamente fino.
Embora com paciência Ele espere,
Com exatidão Ele mói a todos.

(Henry Wadsworth Longfellow)

Eliseu enviou um servo (provavelmente um profeta em período de treinamento) para fazer a unção real. Jeú estava no campo, em Ramote-Gileade, lutando contra os sírios. Jeú foi ungido secretamente, a portas fechadas. Ele já tinha seus seguidores leais, os quais prontamente o homenagearam como rei, e armaram

para ele um trono provisório. Foi assim que a revolução de Jeú avançava. Essa revolução poria fim à casa de Acabe, dando a Israel um novo começo. Entretanto, as coisas entrariam em desastre novamente, e os assírios estavam esperando fora do palco, prontos para realizar seu ato de cativeiro. Esse evento agora estava próximo, somente a uns cem anos para ocorrer. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Assírio*. Isso poria fim ao reino do norte, Israel. Desse cativeiro, não voltaria nenhum remanescente. Daí a famosa frase: "as tribos perdidas de Israel". Ver o massacre da casa de Acabe, em II Reis 10.1-14. Incrivelmente, porém, Jeú não abandonou a adoração ao bezerro de ouro de Betel, pelo que suas reformas foram apenas parciais, enquanto o julgamento do cativeiro assírio chegava cada vez mais perto. Ver II Reis 10.29 ss. De fato, finalmente Jeú tornou-se um governante quase tão ruim quanto tinha sido Jorão. E a vida continuou como era usual em Israel.

9.1

Então o profeta Eliseu chamou um dos discípulos dos profetas. Um dos *filhos* espirituais de Eliseu, um profeta em período de treinamento, de uma das *escolas dos profetas* (ver no *Dicionário*), foi nomeado para ungir Jeú, o que cumpriria a profecia de Elias (ver I Reis 19.15-17). Ver a introdução a este capítulo quanto a detalhes e *porquês* do presente capítulo, e os eventos nele descritos. Jeú deveria ser ungido secretamente, tal como Samuel fez no caso tanto de Saul como de Davi (ver I Samuel 10.1; 16.13). Hazael já era rei da Síria, depois de ter assassinado Ben-Hadade II. Agora Jeú mataria Jorão, rei de Israel, e tomaria o seu lugar. Os dois seriam instrumentos que poriam fim à casa de Acabe. A dinastia de Jeú deveria durar por mais de cem anos, mas durante quarenta desses anos, Israel estaria em batalha constante com Damasco da Síria. A glória de Israel já se tinha ido embora. "Foi somente quando Damasco foi destruída, pelo usurpador assírio Adade-Nirasi III (805 A. C.) que Israel, sob o rei Jeoás, foi capaz de recuperar o que tinha perdido. Houve ocasião em que Israel ficou reduzido a cinqüenta cavaleiros, dez carros de combate e dez mil infantes (II Reis 13.7). Judá tornou-se um reino vassalo da Síria (II Reis 12.18), e Hazael chegou a capturar Gate, na terra dos filisteus (II Reis 12.17)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Ramote-Gileade. Jeú estava fora, lutando por Israel contra a Síria. A unção dele deveria ocorrer ali. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Azeite*. Jeú era o principal general do exército de Israel (II Reis 9.5), bem como o sucessor *lógico* de Jorão. Além disso, contava com o apoio do exército de Israel, pelo que era candidato único.

Cinge os teus lombos. Ou seja, prepara-te para entrar em ação; cumpre com presteza o teu dever. Deixa de lado qualquer outro negócio, até que esse esteja feito.

9.2

Vê onde está Jeú. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse homem. Ele era o homem do destino para aquela hora. Ele fracassaria bastante e não tiraria Israel de sua idolatria. Suas reformas seriam parciais. Ele falharia especialmente de uma perspectiva espiritual. Mas faria bem pelo menos uma coisa: destruiria a casa de Acabe, assassinando Jorão e matando os sacerdotes de Baal (ver II Reis 10.1-14).

Filho de Ninsi. Isso é dito aqui, no versículo 20 em I Reis 19.16. Ninsi era seu avô; mas era prática comum chamar um neto de filho. Cf. II Reis 8.26. Nas inscrições assírias ele é chamado de "filho de Onri", que foi o fundador da dinastia *anterior,* que se desenvolveu em Acabe e sua família. O descobrimento do nome de Jeú, na superinscrição de um baixo-relevo do Obelisco Negro, de Salmaneser III (859-824 A. C.), foi uma das primeiras realizações na leitura da escrita cuneiforme dos assírios. Edward Hinks, em 1841, foi finalmente bem-sucedido na leitura desse material. É ali registrado como Jeú pagou tributo ao rei assírio, em 841 A. C. Essa, pois, tornou-se uma das datas fixas da cronologia dos hebreus. Nada sabemos sobre a origem de Jeú. Provavelmente, não se revestia de muita significação saber sobre isso, pelo que nada ficou registrado sobre essa particularidade.

9.3

Toma o vaso de azeite. Um *frasco de azeite de oliveira,* abençoado por Eliseu, tornando-o sagrado, foi levado pelo discípulo do profeta para a unção ritual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Unção* quanto a detalhes sobre esse rito. Os azeites de unção usualmente eram tirados do tabernáculo (templo) e administrados pelo sumo sacerdote. Mas Israel havia caído na apostasia e não tinha acesso a Jerusalém. Portanto, para a unção, o azeite *do profeta* foi reconhecido como instrumento apropriado.

9.4

Foi, pois, o moço. Foi assim que, em obediência à ordem de Eliseu, o jovem (profeta em período de treinamento, o filho espiritual de Eliseu) foi pelo caminho, para localizar Jeú e ungi-lo como rei. Ele saiu em missão perigosa. *Se* a razão de sua presença em Jezreel se tornasse conhecida, certamente ele seria executado por Jorão. Ele era instrumento (um entre vários outros) para cumprir as profecias de Elias acerca da casa de Acabe (ver I Reis 19.15-17). Ele tinha uma segunda missão, embora importante. Todos os crentes estão envolvidos em missões, se têm alguma espécie de espiritualidade. O jovem profeta, pois, foi um herói, segundo seus próprios direitos. Talvez ele estivesse com receio, mas foi de qualquer modo, e cumpriu a palavra de seu senhor. "Precisamos de mais homens nas fileiras com o espírito desse jovem que arriscou a própria vida na realização de sua missão... Para cada pecador tão ousado quanto Satanás, deveria haver um santo tão audaz como o Filho de Deus" (Raymond Calking, *in loc.*). Quanto a *essa missão,* o jovem era melhor do que Eliseu. O idoso profeta certamente seria reconhecido, e isso poria em perigo a missão inteira. Cada indivíduo tem uma *missão melhor* a cumprir, que outros não podem fazer. Cada homem se torna distintivo se estiver disposto a servir à causa espiritual.

9.5

Entrando ele, eis que os capitães... estavam assentados. Mas Jeú era o capitão, isto é, o principal general, o chefe do exército. O subprofeta aproximou-se dele pessoalmente, anunciando que tinha uma mensagem urgente a comunicar-lhe. O autor deixa os detalhes sobre como o subprofeta encontrou o general do exército. Mas somos ao menos informados de que ele o encontrou acompanhado por seus oficiais, o que significa que, provavelmente, ele estava em seu quartel-general.

9.6

Então se levantou Jeú e entrou na casa. A unção precisava ser *secreta,* ou o profeta e Jeú poderiam ser executados. Assim, entraram na "casa", provavelmente indicando a residência particular do general, que lhe fora dada para usá-la. O conselho de guerra estava sentado no átrio da casa, pelo que o profeta e Jeú simplesmente entraram na casa dele, ou talvez, no edifício que servia de quartel-general das operações de guerra.

Unção. Ver a respeito no *Dicionário.* A unção era praticada no que diz respeito a coisas, reis, sacerdotes, profetas, hóspedes e estranhos; por razões estéticas; e por causa dos mortos. A unção de um rei deveria ser feita pelo sumo sacerdote, mas visto que o reino do norte e o reino do sul se haviam separado, e visto que o norte não tinha acesso a Jerusalém e seu templo, um profeta teve de fazer o trabalho. A unção foi efetuada aqui no nome de Eliseu, a mais poderosa figura religiosa da nação na época, e não há razão alguma para duvidarmos da autoridade dele.

Yahweh-Elohim era o poder por trás daquele ato, ou seja, o Deus eterno e todo-poderoso, que estava cuidando dos interesses do reino do norte, Israel. O propósito foi estabelecer um poder que pusesse fim à casa de Acabe e desse início a uma nova dinastia que perdurasse por mais cem anos, até o cativeiro assírio, que poria fim definitivo à nação do norte, Israel. Essa unção, portanto, assinalou o começo do último ciclo da nação do norte, Israel. A apostasia e a idolatria continuariam, efetuando a morte de uma nação inteira.

9.7

Ferirás a casa de Acabe. *Vingança e Devastação.* Jeú era o *instrumento divino* para produzir o propósito de Yahweh de pôr fim, definitivamente, à casa inteira de Acabe e seu culto a Baal, com o aniquilamento de todo o sacerdócio daquela religião pagã, juntamente com os membros da casa de Acabe. Elias havia predito que isso aconteceria. Os dois instrumentos especiais de Deus nessa tarefa foram Hazael, o rei da Síria, e Jeú, que agora usurparia o trono de Israel. Ver I Reis 19.15-17 quanto à profecia de Elias. Acabe e Jezabel tinham derramado o sangue dos profetas de Yahweh (ver I Reis 18.4,13), e isso tinha de ser vingado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Ver também I Reis 21.21-29.

9.8

Toda a casa de Acabe perecerá. O *aniquilamento* da casa de Acabe seria *total,* ou seja, cada membro masculino seria morto, a fim de que não houvesse herdeiro da linhagem de Acabe ao trono. Aqui, novamente, encontramos a metáfora crua do autor sagrado para os homens, "aquele que mija contra uma parede", o que algumas traduções (incluindo a versão portuguesa) evitam, embaraçadas. Anotei sobre essa declaração em I Reis 14.10.

Quer escravo quer livre, em Israel. Os escravos, e os que não fossem escravos, seriam igualmente objetos da ira de Jeú, tendo eles alguma função na casa de Acabe.

9.9

Farei à casa de Acabe como à casa de Jeroboão. A casa de Acabe não foi a única, na história de Israel, que terminou obliterada. Era costume dos novos reis do Oriente aniquilarem os membros da dinastia anterior para evitar qualquer competição ao trono. As dinastias de Jeroboão e de Baasa tinham sofrido total erradicação. Ver I Reis 15.25,28,29; 16.3,4. Isso fora anunciado contra a casa de Acabe (I Reis 21.22), e chegara o tempo do cumprimento da ameaça.

9.10

O Fim Trágico e Merecido de Jezabel. Ela seria o objeto especial dos juízos de Yahweh. Afinal, era a influência má que houvera por trás de Acabe, não que aquele homem ímpio precisasse de grande ajuda. Jezabel fora a figura que, com tanto zelo, havia promovido o culto a Baal e tinha destruído os profetas de Yahweh (ver I Reis 18.4,13). Ver a ameaça constante em I Reis 21.23. Ver II Reis 9.33-37 quanto ao cumprimento dessa profecia. Ela fora pisoteada pelos cavalos; cães lhe comeram o corpo, e somente seu crânio e as palmas das mãos escaparam ao terror. Presumivelmente, essas porções foram sepultadas. Portanto, ninguém poderia levá-la para um sepulcro e dizer: "Jezabel foi sepultada aqui".

"... comida por cães... e não sepultada, ambos os fatos pareciam uma ignomínia para os semitas" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

O jovem profeta, segundo Eliseu lhe havia mandado, cumprida a sua missão, fugiu antes que pudesse ser preso e executado.

9.11,12

Vai tudo bem? Por que veio a ti este louco? Os oficiais do exército estavam ansiosos por ouvir o que o aprendiz de profeta havia comunicado a Jeú. Ele tentou desviar a mente deles da questão (que era um grande segredo), ao dizer-lhes que eles já sabiam que tipo de conversa tola os profetas estão acostumados a proferir. Eles não haviam, naquela mesma hora, chamado o homem de "louco"? Pois bem, deveriam continuar a pensar nele como um louco, e esquecer a questão toda. Mas os homens de Jeú sabiam que o general estava mentindo, e que alguma temível profecia lhe havia sido comunicada, prevendo desastre para eles e para Israel. Era bem conhecido que Eliseu estava acostumado a lançar profecias de condenação (que sempre tinham cumprimento). Portanto, os oficiais que auxiliavam Jeú continuavam insistindo. Eles tinham de saber a *verdade*. Então, Jeú simplesmente lhes declarou a verdade. Ele fora ungido para ser rei de Israel. Os profetas, em seu comportamento de êxtase, descontrolados, dançando ao redor como um bando de loucos, eram tidos por muitos apenas como loucos. Na verdade, porém, muitas de suas profecias se cumpriam. Por conseguinte, os oficiais de Jeú não hesitaram em aceitar o que fora dito pelo profeta, o que, sem dúvida, se cumpriria dentro de pouco tempo.

9.13

Sobre os degraus. A palavra hebraica aqui traduzida por "degrau" é de significado incerto. A *Revised Standard Version* diz "à vista". A Septuaginta fala em "assento", ou seja, a escada foi transformada em um assento, em um trono. O Targum diz "degraus" de uma escada. A Vulgata diz "plataforma elevada". A versão árabe diz "degraus da subida".

Jeú é rei. Quão grande foi a alegria que os homens de Jeú sentiram, ao ouvirem que ele seria o próximo *rei* de Israel. Eles tinham sido seus mais fiéis cooperadores. Ademais, estavam cansados das loucuras da casa de Acabe e queriam um novo começo. Seria o *homem deles* que promoveria esse novo começo, e eles seriam homens-chave na nova dinastia. Portanto, cada um deles tomou suas vestes e as pôs aos pés do novo rei. Ele foi erguido ao alto da escada, um trono improvisado. Então tocaram as trombetas e anunciaram que Jeú era o novo rei! Eles tinham chamado o aprendiz de profeta de "louco", mas aceitaram, sem hesitação, a realidade do que ele havia dito, e lançaram-se a uma grande celebração. "... fizeram soar a fanfarra da coroação e bradaram o grito costumeiro: Jeú é rei!" (Norman H. Snaith, *in loc.*). O que eles fizeram era o rito costumeiro de anúncio de um novo rei. Cf. II Samuel 15.10; I Reis 1.34,39 e Mateus 21.7-9.

O Assassinato de Dois Reis (9.14-29)

9.14,15

Conspiração era a palavra do momento. A profecia precisava ter cumprimento, mas foi deixado nas mãos de Jeú traçar os detalhes. Como um selvagem matador militar, acostumado às matanças e à violência, sua mente naturalmente voltou-se para a violência como um meio de levar aquela profecia a bom termo. O autor explica-nos então as circunstâncias que puseram Jorão em Jezreel. Ele havia sofrido ferimentos graves na batalha contra Hazael, em Ramote-Gileade. Estava recuperando-se em Jezreel, e seria ali que Jeú o encontraria e o mataria, sem nada sentir na consciência. Jeú deu ordens para garantir que Ramote fosse cercada e fechada. Ninguém seria capaz de escapar da cidade, para dizer a Jorão o que estava sucedendo. Devemos supor que Jeú já havia ganho a lealdade de boa parte do exército. Sua tarefa seria fácil. Ele tinha de evitar somente a resistência dos poucos que permanecessem leais à dinastia de Acabe. Era de se esperar que Jeú chegaria em Jezreel antes que se espalhasse a notícia de que ele fora ungido rei. Todo aquele ruído, feito pelos oficiais do exército, tinha alertado boa parte do exército de que alguma grande mudança estava prestes a ser efetuada. Jorão seria apanhado despreparado. Ninguém estaria ao seu lado para protegê-lo de ser morto. Ver II Reis 8.29 quanto à presença de Jorão em Jezreel para recuperar-se de seus ferimentos.

9.16

Então Jeú subiu a um carro, e foi-se a Jezreel. Jorão ainda estava recuperando-se dos ferimentos recebidos, deitado em seu leito. Conforme as coisas sucederam, Acazias, o rei de Judá, também estava em Jezreel, visitando Jorão. Os dois se tinham tornado bons amigos. Cf. II Reis 8.29. Essa visita foi infeliz, pois significou que Acazias foi apanhado na teia da matança, e pouco depois do assassinato de Jorão, seria morto também (versículo 27 deste capítulo).

A viagem seria de cerca de sessenta e cinco quilômetros, pelo que dois dias estariam envolvidos. Jeú levou consigo seus soldados de maior confiança, as suas tropas de elite. Reuniu forças suficientes para enfrentar a resistência, se porventura encontrasse alguma. Mas ele não deveria preocupar-se. Seria fácil matar naquele dia.

9.17

Ora, o atalaia estava na torre de Jezreel. O vigia percebeu que Jeú se aproximava, sabendo que era ele, pela maneira furiosa como dirigia seu carro de combate, algo característico de um jovem desabrido. Ver o versículo 20 quanto aos hábitos de conduzir meio enlouquecidos. Jorão despachou um cavaleiro ao encontro de Jeú, para saber em que consistia sua visita. Vinha ele em uma missão de paz? Teria ele alguma boa notícia da frente de batalha? Não havia razão alguma para suspeitar de uma traição, pelo que o rei foi apanhado fora de guarda.

9.18

Passa para detrás de mim. O mensageiro logo chegou onde estava Jeú, e pediu-lhe informações. Qual era a missão de Jeú? Havia paz ou alguma dificuldade? A resposta de Jeú tem sido variegadamente interpretada. Alguns pensam que ela tenha sido *sarcástica:* "Oh, mensageiro, que tens que ver com a paz?" Tu, como um dos que apóiam a casa de Acabe, nada deverias ter senão tribulações". Ou então: "Não te preocupes com a situação. Tudo está sob controle". Ou a resposta de Jeú pode ter deixado trair sua impaciência: "Que te importa se está havendo paz ou guerra? Junta-te à minha companhia e vem na retaguarda". Foi assim que o mensageiro não retornou para trazer nenhuma mensagem a Jorão. O atalaia notou que o mensageiro não retornava.

9.19

Então enviou Jorão outro cavaleiro. Visto que o primeiro cavaleiro não retornava, Jorão despachou um segundo, que fez a mesma pergunta e obteve exatamente a mesma resposta. Foi-lhe ordenado juntar-se ao grupo que acompanhava Jeú e vir na retaguarda.

9.20

Também este chegou a eles, porém não volta. O *atalaia* observou que o segundo mensageiro também não voltava, e agora o grupo chegara perto o suficiente para ele ver que o carro principal estava sendo dirigido furiosamente, como somente um louco o dirigiria. Jeú tinha a reputação de guiar assim, pelo que todos souberam que ele era o homem líder do grupo. Quando eu era jovem, ainda sob treinamento teológico, alguns de meus colegas tinham seus próprios veículos, e, como *jovens* que eram, alguns eram motoristas precipitados. Eles descobriram um *texto de prova* em apoio à imprudência deles, no presente versículo. Afinal, se Jeú podia dirigir como um idiota, por que eles não poderiam fazê-lo?

O autor sacro aproveita o ensejo para observar, meio desajeitadamente, que Ninsi era o pai de Jeú, mas, naturalmente, era o avô dele. Essa era a maneira costumeira de identificar um homem. Ver sobre isso no versículo 14 deste capítulo. Fosse como fosse, Jeú estava sempre com pressa, como fazem os motociclistas hoje em dia; ainda mais que aquele era um dia de pressa especial. Ele tinha um assassinato a cometer, o qual faria dele o rei de Israel.

"Jeú era um general ousado, corajoso, expediente e precipitado. Em suas várias operações militares, ele havia firmado o seu caráter; e agora isso se tornara quase proverbial" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.21

Disse Jorão: Aparelha o carro. Pensando que algum negócio urgente estava para ser tratado, Jorão, na companhia de Acazias, saiu pessoalmente ao encontro de Jeú, visto que os dois mensageiros não tinham retornado. Eles talvez tenham suspeitado de traição, mas sentiram que algo de muito importante Jeú lhes estava trazendo. Eles tinham razão, mas não sabiam que Jeú estava para selar o destino deles, naquele mesmo dia, por seus atos de violência.

"Jorão preparou-se para sair ao encontro de Jeú e obter as notícias pessoalmente, tão rapidamente quanto possível. Ele não suspeitava de rebelião, mas se preocupava tanto com o andamento da guerra que fez assim, a despeito de seus ferimentos. Acazias, seu hóspede, juntou-se a ele em seu próprio carro de combate. Eles se encontraram com Jeú no local que havia pertencido a Nabote (ver o capítulo 21 de I Reis)" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Aquele era um lugar apropriado para eles se verem frente a frente com a ira de Yahweh.

Ver I Reis 21.16 ss., quanto à traição contra Nabote, que agora tinha de ser vingada. A casa de Acabe não podia continuar sem o devido castigo, em face de suas atrocidades. O versículo 22 daquele capítulo fala do aniquilamento final da casa de Acabe, uma profecia de Elias.

9.22

Há paz, Jeú? Jorão esperava ouvir boas-novas da frente de batalha. Ele esperava ouvir sobre o sucesso na guerra. A pergunta de Jorão equivaleu a: "Está tudo bem?". Mas como poderia estar tudo bem, com a apostasia da nação de Israel, em combinação com os crimes da casa de Acabe, e com aquela horrenda Jezabel ainda em atividade? Só haveria *paz* quando todas essas aberrações estivessem resolvidas.

As prostituições de tua mãe, Jezabel... ? Sem dúvida, havia grandes pecados morais em Israel; mas a referência de Jeú foi à corrupção espiritual e à idolatria, que são consideradas prostituição ou adultério nas Escrituras. Ver o artigo chamado *Prostituta, Prostituição,* no *Dicionário,* que ilustra esse fato. Ver também o verbete intitulado *Adultério.*

As prostituições eram de Jezabel por ser ela o poder principal por trás da apostasia e da idolatria em Israel, a homicida dos profetas de Yahweh (ver I Reis 18.4). O Novo Testamento tira proveito do tema de Jezabel, a grande prostituta, corruptora das boas maneiras e pervertedora da fé religiosa. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Jezabel (no Novo Testamento).*

As suas muitas feitiçarias? Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Feitiço, Feiticeiro.* Isso fazia parte do adultério espiritual. Cf. Isaías 47.9,12; Miquéias 5.12. Fez parte do judaísmo posterior, que foi transportado para o cristianismo, que a idolatria e a feitiçaria operavam através do poder dos demônios. Ver I Coríntios 10.20 e esse versículo explicado no *Novo Testamento Interpretado.* Ver as proibições da lei mosaica contra a feitiçaria, em Êxodo 22.18; Deuteronômio 18.10,11 e Naum 3.4. Muitos tabletes assírios contêm fórmulas mágicas, encantamentos e exorcismos. Babilônia era a pátria de tais atividades. Setenta tabletes (contendo muito desse material), dos tempos do rei Sargina, rei de Agadê (Acade), foram encontrados.

9.23,24

Há traição, Acazias. De súbito, Jorão compreendeu a traição de Jeú. Ele estava ali com o propósito específico de matar o rei de Israel. Portanto, Jorão não mais fez perguntas, antes pôs-se em fuga imediatamente. Ao partir, Jorão gritou para Acazias que havia traição, e este também encetou a fuga. A traição de Jezabel estava prestes a ser vingada com uma flecha traiçoeira.

Jeú, o principal general do exército de Israel, era um homem habilitado na guerra, que já havia matado muitos, com a espada, com a lança ou com arco e flecha. Por conseguinte, foi fácil para Jeú ferir mortalmente Jorão, quando ele já fugia. Sua flecha foi veloz e direta ao alvo. Perfurou as costas de Jorão, entre os braços, e saiu pela frente do tórax, atravessando-lhe o coração. O rei de Israel teve morte instantânea e afundou em seu carro de combate. A destruição da casa de Acabe tinha começado e iria alcançar espetacular sucesso. Nenhum herdeiro do sexo masculino seria poupado para continuar a dinastia (ver II Reis 9.8).

9.25

Disse a Bidcar... lança-o no campo da herdade de Nabote. O cadáver de Jorão foi lançado no campo que fora de Nabote, por ordem de Jeú e pela agência de Bidcar (ver no *Dicionário* a seu respeito). Foi apropriado apropriado que o mesmo campo que tinha sido furtado de Nabote por Acabe (ver I Reis 21.16 ss.), e onde aquele homem mau tivera seu sangue derramado, fosse também o lugar onde o corpo de Jorão foi lançado. Temos nisso instâncias significativas das operações da justiça. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* As profecias de Elias estavam tendo cumprimento preciso. Fizera parte dessa profecia que Acabe não receberia grande parte da destruição prometida por Elias, visto que se arrependera. Mas parte da ira divina se derramaria sobre a sua casa, depois da morte dele. Ver I Reis 21.29. Isso tudo começou no rio Jordão.

Jeú e Bidcar tinham ouvido a profecia contra Acabe, quando estavam vindo atrás do rei, e Elias disse ao rei o oráculo divino. Jeú, pois, estava consciente do cumprimento da profecia naquele momento, e lembrou Bidcar das circunstâncias. Josefo interpretou a situação como aqueles que tinham viajado na *carruagem de Acabe,* sentados atrás deles, enquanto Elias ia sentado na frente, junto com o ímpio rei Acabe.

9.26

Essência da profecia de Elias, dada por Yahweh. O olho de Yahweh, que a tudo vê, tinha contemplado o assassinato de Nabote e o furto de seu campo há relativamente pouco tempo. Ele também viu a matança dos *filhos de Nabote,* um pouco de informação dada somente aqui. A vingança contra esses atos ocorreria no mesmo terreno onde o crime de Acabe e Jezabel tinha acontecido. Lembrando-se desses detalhes, Jeú ordenou que o corpo de Jorão fosse deixado no mesmo terreno, e assim adicionou precisão à profecia.

Embora a causa do Mal prospere,
Contudo, só a Verdade é forte.

A verdade para sempre no esquife,
O erro para sempre no trono.

Mas Deus está de pé nas sombras,
Vigiando aqueles que Lhe pertencem.

(James Russeil Lowell)

"A dinastia de Jeú foi a última do reino do norte, Israel. Sob seus sucessores, Samaria caiu em ruínas. A carreira de Jeu revela-o como um tirano sedento de sangue, homem sem consciência e sem dó... mas homens ímpios realizam tarefas necessárias para a concretização final da justiça" (Raymond Calking, *in loc.*).

9.27

E fugiu para Megido, onde morreu. *Entrementes,* Acazias, enquanto fugia, observou a morte violenta de Jorão, e assim aumentou a velocidade do veículo, na esperança de escapar da ira de Jeú. Ele fugiu por Bete-Hagã, um nome próprio que significa "a casa do jardim". É evidente que se trata da mesma En-Ganim ("fonte dos jardins"), referida em Josué 19.21. Ver sobre *En-Ganim* no *Dicionário.* Ficava cerca de onze quilômetros ao sul de Jezreel, localizada no sopé da serra do Carmelo. Jeú e seus homens foram atrás do aterrorizado rei de Judá, até chegarem à distância de um tiro de flecha. Conseguiram alcançar o infeliz rei justamente na entrada do passo de Dotã. Foi ali que Jeú, com uma pontaria infalível e com uma flecha sem misericórdia, feriu o rei Acazias. Mas este não morreu imediatamente. O veículo do rei virou-se para noroeste e fugiu pela estrada que passava próximo ao flanco norte do monte Carmelo. Ele conseguiu chegar a Megido, cerca de dezenove quilômetros de distância dali. Mas a história estava terminada para Acazias. Seu ferimento foi fatal, e ele morreu em Megido.

O cadáver de Acazias foi levado a Jerusalém. Por conseguinte, Acazias foi sepultado ali. Mas a passagem de II Crônicas 22.9 diz que Acazias foi até Samaria, ainda vivo, e que Jeú o executou ali. Não há como conciliar essas narrativas contraditórias, embora tenha havido bastante esforço dos comentaristas nesse sentido. Alguns dizem que ele foi ferido em Megido, mas conseguiu, embora gravemente ferido, atingir Samaria, onde, finalmente, morreu. Nosso versículo diz-nos especificamente que ele morreu em Megido; e II Crônicas 22.9 diz que ele foi morto em Samaria. Somente os fundamentalistas, que querem ter harmonia a qualquer preço, até à custa da honestidade, e também os céticos, que buscam qualquer pequena contradição para tentarem neutralizar a fé, encontram algum problema com tais contradições. A fé religiosa, porém, não depende de detalhes como estes, que só desapontam depois dos resultados da investigação.

9.28

E o enterraram na sua sepultura junto a seus pais. O cadáver de Acazias foi levado por seus auxiliares a Jerusalém, desde Megido, uma viagem de mais de sessenta e cinco quilômetros. Foi assim que Acazias foi sepultado no sepulcro de seus pais, na cidade de Davi (Jerusalém), com as honrarias e a devida pompa. Agora ele estava em "seu próprio sepulcro", preparado por ele quando ainda vivia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma,* e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade.* Ver a nota comum de obituário

acerca dos reis, empregada pelo autor, em I Reis 1.21 e 16.2. Jeú, como é óbvio, permitiu que seu sepultamento tivesse lugar. Acazias, apesar de todas as suas falhas, era, afinal, neto de Josafá, um adorador sincero de Yahweh (ver II Crônicas 22.9), e tinha de receber as honras apropriadas a um ex-rei de Judá.

9.29

No ano undécimo de Jorão... começara Acazias a reinar. O autor sacro relembra-nos aqui de quando Acazias começara a reinar, mas a nota contradiz o trecho de II Reis 8.25, embora apenas por um ano. A versão de Luciano, porém, diz "undécimo" ano em ambos os lugares — o que também se vê em nossa versão portuguesa — embora Luciano diga isso no final do décimo capítulo. Alguns suspeitam, portanto, que a ordem das passagens tenha sido alterada, talvez até no próprio texto massorético, e que o trecho de II Reis 9.30-10.36 tenha sido uma inserção na história original, por algum editor subsequente. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Considerado o texto hebraico padrão, este é o texto comumente conhecido por nós hoje em dia. Algumas vezes, ele concorda com as versões, especialmente com a Septuaginta, contra o texto hebraico padronizado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos do Antigo Testamento,* em sua seção VII. Esse artigo contém informações sobre teorias textuais em relação ao Antigo Testamento.

O ano em que Acazias tornou-se rei foi 841 A. C.

Fim Horrendo da Horrenda Jezabel (9.30-37)

A profecia de Elias estava tendo cumprimento, e o destino estendeu as garras para alcançar aquela ímpia e desavergonhada mulher, Jezabel. Ela foi a causa principal (mas dificilmente a única) da idolatria, da apostasia e dos crimes da nação de Israel. De fato, era uma grande *criminosa.* Ela havia matado os profetas de Yahweh (ver I Reis 18.4), e a ira de Yahweh se pronunciara contra ela (I Reis 21.23). Hazael, rei da Síria, e Jeú, rei de Israel, foram os mensageiros da condenação, divinamente nomeados. Ver I Reis 19.17. Jorão, filho de Jezabel, fora morto sem misericórdia por Jeú, que já se tinha apossado do trono de Israel, através de uma revolta do exército. Agora chegara a vez dessa desavergonhada mulher.

Entrementes, Jezabel mostrou-se arrogante até o fim. Ela sabia que sua morte era certa, e preparou-se para ela, toda enfeitada e "bela", pintada e bem vestida, esperando que Jeú viesse a ser seu executor. Ela apareceu na sua janela e saudou Jeú com zombarias. Jeú, em nada abatido pelos absurdos da mulher, ordenou que ela fosse atirada janela abaixo. A queda foi fatal, e os cavalos a pisaram, como medida de garantia da morte. Então vieram os cães e comeram seu corpo todo, excetuando seu crânio, seus pés e as palmas de suas mãos. Se os cães comeram todos os seus ossos, eram ferozes devoradores, de fato! Seja como for, consumado o ato, Jeú de súbito lembrou-se de que a perversa mulher era filha de um rei, e assim ordenou seu sepultamento decente. Mas os que foram encarregados da tarefa só puderam encontrar aquelas três partes de seu corpo, para serem sepultadas. Podemos supor, embora o autor sagrado nada nos diga a respeito, que aquelas porções miseráveis do corpo da perversa rainha foram decentemente sepultadas. Novamente, temos um notável exemplo não somente do cumprimento de uma profecia, mas também das operações da justiça divina. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

9.30

É difícil explicar a vaidade das mulheres! Jezabel, ao ouvir sobre a traição de Jeú, e de como seu filho tinha sido morto por Jeú, e de como Israel estava em revolta total contra a casa de Acabe, ainda se preocupou em pintar o rosto, arrumar os cabelos e enfeitar-se. Afinal, seria *o assassinato dela,* não é mesmo? Ela precisava ter boa aparência, naquele momento. Verdadeiramente, é difícil explicar a vaidade das mulheres. Por outra parte, eu conheci pessoalmente um suicida, um *homem,* que deu um tiro na própria cabeça. Mas antes de fazer isso, calçou seus chinelos novos e um robe. As pessoas fazem coisas engraçadas quando estão sob pressão mental. Jezabel, pois, não fugiu à regra. Talvez ansiasse em terminar com aquela história. Talvez, em seu coração, ela se alegrasse por ver o fim de tantos males, de tanta iniqüidade, de tantos crimes.

Então se pintou em volta dos olhos. O hebraico original diz, literalmente, "pôs seus olhos em antimônio". Ela escureceu suas pálpebras, acima e abaixo, com antimônio (uma pintura especialmente preparada). Até hoje é costume, no Oriente, as mulheres se pintarem assim. Esse ato faz os olhos parecer maiores e mais brilhantes do que realmente são. A dama queria morrer em todo o esplendor de sua beleza. Lemos que Leônidas e seus espartanos, nas termópilas, pentearam os cabelos antes da batalha, para o caso de que, *se* morressem, parecessem apresentáveis. Talvez seja por essa razão que algumas pessoas, antes de dormirem, passem tanto tempo se embelezando. Por pessoas, naturalmente, quero dizer *mulheres.* Elas vão deitar-se parecendo tão bem que, *se* morrerem durante a noite, aqueles que encontrarem seus corpos ficarão impressionados com sua beleza. É difícil compreender a vaidade das mulheres!

Portanto, ali estava Jezabel, tão bela, olhando para a rua pela janela, esperando por seu executor, e tão destemida quanto ele. Chegara a hora dela, mas o que ela se importava com isso? Não havia medo na dama.

Em Roma, tanto os homens quanto as mulheres pintavam os olhos (Plínio, *Hist. Nat.,* livro xi. cap. 37). Juvenal ridicularizou o estúpido costume (ver *Sat.* ii. vs. 93). As mulheres persas pintavam o espaço entre as sobrancelhas, assim juntando uma à outra; mas as mulheres modernas arrancam os pêlos da região para garantir que as duas sobrancelhas fiquem bem separadas uma da outra. É difícil explicar a vaidade das mulheres.

9.31

Ao entrar Jeú pelo portão do palácio. Assim que Jeú apareceu em cena, Jezabel zombou dele com palavras apimentadas. Ela o lembrou do caso de Zinri. Ele se havia rebelado contra seu senhor, o rei Elá (I Reis 16.9), e o matou, mas somente sete dias mais tarde o próprio Zinri foi morto. E a morte dele foi provocada pela influência de Onri, fundador da dinastia de Acabe (ver I Reis 16.18,19). Foi assim que Onri se tornou rei, e a horrenda dinastia de Acabe teve início. Jezabel como que disse: "Tu, Jeú, me matarás, mas tu mesmo terminarás mal, tal como aconteceu a Zinri. Tua vez logo chegará". E, naturalmente, ela tinha toda a razão. Jeú reinou por vinte e sete anos, morreu de morte natural, mas de uma morte tão fatal quanto violenta. Ver II Reis 10.35. Sua dinastia perdurou apenas por quatro gerações.

9.32,33

Quem é comigo? Quem? Jeú apelou para alguém, "lá em cima", perto da janela onde estava Jezabel, que estivesse ao lado dela, para jogar a iniqua mulher dali abaixo, para pôr fim à diatribe dela. Dois ou três eunucos responderam aos gritos dele, e lá se foi Jezabel, janela abaixo. Seu corpo bateu no solo com uma terrível pancada, e os cavalos dos soldados pisotearam-na. Mas isso foi apenas um excesso. Ela já estava morta devido à queda. O sangue dela espirrou sobre a parede, e seu corpo tornou-se uma massa horrenda. A ímpia Jezabel tinha encontrado seu destino merecido. Os eunucos que serviam Jezabel, realizando todos os desejos dela, de súbito fizeram a vontade do executor dela. Sem dúvida ela lhes tinha sido uma senhora cruel, mas não usara nem a metade da crueldade que Jeú lhes aplicaria se não tivessem obedecido. "Ela já estava quase espatifada devido à queda, e o brutal Jeú pisou seu corpo alejjado e o transformou em pedaços, pelas patas de seu cavalo!" (Adam Clarke, *in loc.*). Para Israel, foi apenas outro dia, como era usual.

9.34

Entrando ele e havendo comido e bebido. Jeú comeu e bebeu, algo que as pessoas geralmente fazem quando são aliviadas da tensão nervosa. Aquela horrenda mulher, Jezabel, que levara Israel ao pecado, estava morta. O mesmo havia acontecido a seu filho, Jorão. E logo outros, que apoiavam a dinastia de Acabe, incluindo os sacerdotes de Baal, encontrariam sorte similar. Por enquanto, porém, Jeú descansava. Mas quando comia lembrou-se de que Jezabel, aquela mulher ímpia, era filha de um rei. Portanto, ordenou que lhe fosse dado um sepultamento decente. Ver I Reis 16.31.

"Jezabel era certamente uma mulher de alta linhagem: ela era filha do rei de Tiro; tinha sido esposa de Acabe, rei de Israel; era mãe de Jeorão, rei de Israel; era sogra de Jorão, rei de Judá; e era avó de Acazias, rei de Judá" (Adam Clarke, *in loc.*). Portanto, a despeito da maldição que lhe tinha sido imposta (ver I Reis 21.23), Jeú decidiu conferir-lhe um sepultamento decente, embora não honroso.

9.35

Não acharam dela senão a caveira, os pés e as palmas das mãos. *Não restara muito para ser sepultado.* Jezabel havia sofrido uma queda que lhe despedaçara os ossos; ato contínuo fora pisoteada pelos cavalos; e então vieram cães que lhe devoraram o corpo quase inteiro. Portanto, tudo quanto restou foram a caveira, seus pés e as palmas de suas mãos. Presumivelmente, esses pedaços de seu corpo foram sepultados, cumprindo a ordem de Jeú (vs. 34). No Oriente, os cães corriam em matilhas, e se pareciam mais com lobos do que com os cães que conhecemos hoje em dia. Foi uma matilha daquelas feras terríveis que encontrou o cadáver de Jezabel. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Cachorro.*

9.36

No campo de Jezreel os cães comerão a carne de Jezabel. Jeú tinha conhecimento das profecias de condenação que Elias fizera acerca de Jezabel.

Portanto, ao ouvir o que tinha acontecido, ele reconheceu imediatamente que aquelas profecias tinham tido um cumprimento preciso. Ver I Reis 21.23 quanto a essa profecia.

"Ironicamente, aquela que fizera Nabote e seus filhos morrer desmerecidamente agora morria de uma morte ignominiosa — e merecida — no mesmo terreno que fora a vinha de Nabote. Ali era o lugar onde Bidcar lançara o cadáver do filho dela, Jorão (II Reis 9.25,26)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

9.37

O cadáver de Jezabel será como esterco. As palavras deste versículo não estão registradas em lugar algum como parte da profecia original (maldição) de Elias contra Jezabel. Mas o autor sagrado queria que soubéssemos que essas palavras faziam parte da profecia total. Embora não houvesse nenhuma carcaça restante, depois que os cães acabaram com tudo, ela serviria apenas como esterco, isto é, simplesmente lançada ao solo e deixada ali para apodrecer, como o esterco é lançado em nenhum lugar, para nada servindo. O ato de lançar a carcaça fora significava que não haveria sepultamento, algo que constituía grande opróbrio para os hebreus. Por não ser sepultada (conforme Elias havia predito), Jezabel foi submetida à desgraça final, por causa de seus muitos e graves pecados. Aquela perversa mulher não teria nenhum monumento fúnebre onde as gerações posteriores pudessem vir e dizer: "Os ossos de Jezabel estão sob a superfície do chão, exatamente neste lugar". E ninguém construiu um memorial em honra dela. Seria melhor esquecer que ela ao menos existira. A alma já é outra questão, e está nas mãos de Deus.

Capítulo Dez

Jeú, Rei de Israel (10.1-36)

Massacre da Casa de Acabe (10.1-14)

Aquele homem selvagem, Jeú, estava cumprindo direito o seu papel. Ele estava fazendo tudo corretamente, tendo executado ambos os reis, Jorão, rei de Israel, e Acazias, rei de Judá (capítulo nono de II Reis). E então sua melhor realização, até aquele momento, fora a execução de Jezabel, que foi submetida à desgraça de ser comida pelos cães e deixada sem um sepultamento honroso (ver II Reis 9.30 ss.). Mas ainda restavam ser executados os apoiadores da dinastia de Acabe, especialmente os filhos de Jorão e os sacerdotes de Baal, que haviam corrompido a terra com sua apostasia.

Agora, pois, Jeú voltou sua atenção para a próxima tarefa. Era comum que novos reis destruíssem a família e os apoiadores do antigo rei, para que não houvesse competição nem reversão da maré do poder. "Jeú, pois, seguiu o costume da época, destruindo cada membro do sexo masculino da linha real que ele havia suplantado. Isso visava a parcialmente garantir a sucessão para sua própria família, e parcialmente impedir uma inimizade de sangue, assegurando que não haveria vingança pelo rei assassinado. Acabe tinha *setenta* filhos que viviam em Samaria, pelo que Jeú enviou uma mensagem a seus guardiães, desafiando-os a escolher seu homem como rei e lutar por ele. Eles responderam que não poderiam oferecer resistência a um homem que era tão poderoso e havia executado *dois reis,* e que se submetiam a Jeú, pedindo-lhe instruções. E ele lhes ordenou que executassem aqueles que exerciam autoridade sobre eles, e trouxessem suas cabeças a Jezreel" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Houve outras execuções, e assim Jeú estava estabelecendo seu governo mediante a violência e o derramamento de sangue, algo comum em Israel e outras nações do Oriente.

Ficamos boquiabertos diante de toda essa violência e diante da maneira brutal e sem coração com que essa violência era efetuada. Tudo isso mostra-nos o baixo nível a que o país inteiro tinha afundado, onde a vida humana não tinha o menor valor. Portanto, vamos seguindo de violência para violência, de assassinato para assassinato, ao avançarmos na história dos reis de Israel e de Judá. Era como se eles tivessem declarado guerra contra a própria vida humana.

10.1

Achando-se em Samaria setenta filhos de Acabe. *Promoção da traição.* Buscando uma maneira fácil de livrar-se da dinastia de Acabe, especificamente os *setenta filhos* de Acabe, Jeú comissionou seus guardiães para efetuar a matança a fim de que ele não tivesse de chegar a Samaria para fazer a execução pessoalmente. Mas, para garantir o sucesso da empreitada, ele escreveu cartas não somente para os guardiães das crianças, mas também para os governantes (políticos e militares), bem como para os anciões da cidade. A vontade de Jeú seria feita no tocante aos setenta filhos de Acabe, ou todos eles — governantes, anciãos e guardiães — seriam executados; e eles sabiam disso. Eles não tinham escolha. E mataram os filhos de Acabe. Foi preciso uma segunda carta para convencê-los, mas finalmente fizeram conforme lhes fora exigido (vs. 70). A primeira carta continha uma ameaça velada.

Em Samaria. O texto massorético diz aqui, "em Jezreel". Se isso está correto, então devemos supor que aqueles governantes haviam fugido para Samaria quando Jeú, aquele homem selvagem, tinha invadido o lugar (capítulo 9). Portanto, quando escreveu cartas, ele as endereçou àqueles homens, juntamente com os governantes, anciãos e guardiães de Samaria. Mas a versão de Luciano e a Vulgata substituem Jezreel por "cidade" (dando a entender Samaria). Mui provavelmente, isso não corresponde ao original, mas historicamente está correto. É provável que o autor original, ou um antigo escriba, por um erro de pena, tenha escrito Jezreel no texto, o que, realmente, não faz sentido. O texto massorético é o texto hebraico padronizado conhecido hoje em dia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah): Texto Massorético.* Ver também o artigo *Manuscritos do Antigo Testamento,* em sua seção VII.

Filhos. Isto é, herdeiros masculinos, herdeiros potenciais do trono, tanto crianças pequenas quanto talvez adolescentes. Ainda viviam sob tutores e guardiães. Temos de supor que filhos mais velhos também foram mortos, e talvez o autor suponha que saibamos disso, a despeito do fato de que todos os filhos não continuavam sujeitos a seus guardiães.

10.2,3

Logo, em chegando a vós outros esta carta. *Jeú escreveu com extrema ironia.* Em sua primeira carta, ele sugeriu que aqueles governantes, anciãos e guardiães escolheriam um dos filhos de Acabe, fariam dele o rei, e se preparariam para combater por ele! "Se fizerdes assim", deixou ele entendido, "logo estarei aí e matarei todos vós". Eles tinham cidades fortificadas e carros de combate, talvez um considerável equipamento de guerra. Eles poderiam ter seguido a sugestão irônica de Jeú. Mas em seu íntimo sabiam que a dinastia de Acabe havia chegado ao fim de seus dias. Jeú era a *onda* do presente e do futuro.

Talvez Jeú tivesse sugerido uma *batalha que servisse de teste.* Não seria necessário que dois grandes exércitos se entrechocassem. Eles poderiam escolher tropas de elite, e ele enviaria tropas de elite contra eles. Algumas vezes, as questões eram resolvidas dessa maneira (ver I Samuel 17.8,9; II Samuel 2.9).

10.4

Porém, eles temeram muitíssimo. *Dois reis* (Jorão, de Israel, e Acazias, de Judá; ver o nono capítulo) não tinham podido resistir a Jeú. Era definitivamente seu dia. Sua estrela estava subindo no firmamento. O sol tinha-se posto sobre a dinastia de Acabe. Se os maiores (os reis) tinham caído defronte dele, como poderiam os menores derrotá-lo? Um rei era com freqüência considerado uma *pessoa sagrada,* ou, pelo menos, uma pessoa diretamente controlada por algum poder divino. Supostamente, um rei possuiria algum poder sobre-humano, e recursos para além de suas próprias forças. Se um homem fora capaz de matar *dois reis,* como poderiam pessoas ordinárias ter a esperança de lutar com sucesso contra ele?

10.5

O responsável pelo palácio e o responsável pela cidade, os anciãos e os tutores. O homem que tomava o lugar de Jorão, quando esse rei estava ausente, chamou os governantes, os anciãos e os guardiães para se consultarem juntos. Talvez devamos pensar aqui em duas personagens: uma que estava encarregada do palácio, e outra que estava encarregada da cidade. Seja como for, tratou-se de uma conferência de *alto nível.* Não foi preciso muito tempo para chegarem a uma decisão: eles fariam qualquer coisa, até sacrificariam a família real inteira, o que, conforme eles entenderam muito bem, fazia parte das exigências de Jeú. E eles deixaram claro, em cartas enviadas de volta a Jeú, que estavam do "lado dele". Preferiram movimentar-se juntamente com a maré, em lugar de oferecer-lhe resistência. "Eles não estabeleceram condições e tomaram o compromisso de executar os terríveis assassinatos, que esse homem execrado (Jeú) lhes ordenou em seguida" (Adam Clarke, *in loc.*).

Em outras palavras, Samaria rendeu-se incondicionalmente a Jeú, a fim de salvar vidas. Se não tivesse agido assim, provavelmente Jeú teria arrasado a cidade inteira.

10.6

Então lhes escreveu outra carta. Essa segunda carta fazia exigências específicas, especialmente para que fossem mortos os *setenta* filhos de Acabe. Os guardiães, governantes e anciãos, como é natural, tinham antecipado essa possibilidade, porquanto era costume que um novo rei aniquilasse a antiga família real, conforme comentei na introdução ao presente capítulo. Por conseguinte, essa exigência não lhes foi imposta como uma surpresa. Jeú exigia um ato extremamente cruel. Ele queria que as cabeças dos setenta filhos de Acabe fossem

trazidas a ele, de Samaria a Jezreel. Dessa maneira, saberia que suas ordens tinham sido obedecidas. Ficamos boquiabertos diante de cenas assim, mas essas eram coisas usuais em Israel, no tempo dos reis.

Naqueles dias de poligamia, era comum que os homens tivessem muitos filhos. Homens poderosos tinham mais filhos do que outros, porquanto podiam dar-se ao luxo de ter mais esposas que o normal. Naturalmente, nenhum rei se equiparou a Salomão, aquele perito em mulheres e filhos; mas outros reis de Israel e de Judá fizeram contribuições significativas: Roboão, filho de Salomão, teve trinta e oito filhos; Abdom teve quarenta; Tola teve trinta; Gideão teve setenta e um; e Acabe, setenta.

10.7

Puseram as suas cabeças nuns cestos. *Os Caçadores de Cabeças.* Em obediência imediata à carta, os próprios guardiães (ou soldados nomeados para a tarefa) saíram à caça de cabeças. Conseguiram tirar a vida de todos os setenta filhos de Acabe e puseram as cabeças deles em cestos. Ato contínuo, levaram-nas de Samaria a Jezreel, uma distância de trinta e dois quilômetros. Isso pôs fim, efetivamente, à dinastia de Acabe. Não restou nenhum membro do sexo masculino. Havia cabeças de infantes, de crianças, de adolescentes e de homens jovens. Tinham caído no erro de nascer como filhos de Acabe. Ontem tinham sido os membros orgulhosos da mais poderosa família de Israel. Hoje, estavam todos mortos.

10.8

Veio um mensageiro e lhe disse. Um mensageiro trouxe a notícia de que as cabeças tinham chegado a Jezreel, e assim o novo rei foi notificado. Ele ordenou que as cabeças fossem postas em dois montões, no portão de Jezreel. Alguém teria de contá-las. Jeú certificar-se-ia de que obtivera o que havia pedido. Jeú foi e teve uma boa noite de sono. Seu plano de aniquilamento estava operando às mil maravilhas. Ele voltaria a ocupar-se daquela tarefa no dia seguinte. Aquelas cabeças seriam um triste lembrete, a todos quantos ouvissem falar do acontecido, de que Jeú não era homem para ser levado superficialmente. Ele mataria, pois até gostava de matar, em qualquer oportunidade que tivesse. Ninguém seria capaz de fazê-lo parar, e somente os insensatos o tentariam. O portão era o lugar de negócios públicos, e, com freqüência, onde funcionava o tribunal de justiça. Todos em Jezreel seriam testemunhas do feito sangrento, e temeriam. Quanto ao uso do portão, ver I Reis 22.10 e II Reis 7.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Portão.*

10.9

Vós estais sem culpa. O *propósito* da fala de Jeú, no dia seguinte, em parte foi para aliviar os temores em Jezreel. O povo daquele lugar era inocente de qualquer ato errado. Jeú disse: "Fui eu quem matou o meu senhor, o rei Jorão. Assumo a plena responsabilidade. Vocês nada têm a ver com isso". Em seguida, ele quis saber sobre aquelas setenta cabeças. Quem tinha matado os filhos de Acabe? Eles tinham sido mortos por *sua* ordem, e os habitantes de Jezreel também nada tinham a ver com isso. Mas a lição objetiva era perfeitamente clara: aqueles que se opusessem a ele seriam abatidos. Os homens só teriam paz em Israel enquanto obedecessem ao novo tirano. A dinastia de Jeú duraria por quatro gerações; e então o *Cativeiro Assírio* (ver a esse respeito no *Dicionário*) poria fim à terrível confusão.

Entrementes, Jeú estava agindo por ordem divina. Elias havia dito que ele seria o instrumento da matança, e que o objeto específico de sua ira seria a casa de Acabe (ver I Reis 19.17). Jeú relembrou o povo de Jezreel *desse fato* (ver o vs. 10).

Aqueles dois montes de cabeças, pois, não deveriam perturbar os habitantes de Jezreel. As duas horrendas pilhas de cabeças decepadas não deveriam ser interpretadas como se eles tivessem qualquer culpa, ou que sofreriam algum dano. Yahweh tinha ordenado a matança; Elias a tinha previsto, e Jeú foi apenas o instrumento. Outros não tinham culpa na questão, se é que alguém deveria ser o culpado.

10.10

Da palavra do Senhor... nada cairá em terra. Jeú jamais se esqueceu de que ele era o instrumento das temíveis profecias de Yahweh, dadas por intermédio de Elias. Cf. II Reis 9.36,37. Jeú, sem dúvida, tinha ouvido em primeira mão algumas dessas profecias, enquanto servia a Jorão. Por conseguinte, aliviou os temores do povo de Jezreel, que poderia pensar que seria acusado de alguma coisa, dizendo-lhes que a autoridade por trás da matança era o próprio Yahweh. O que acontecera era inevitável, o cumprimento de profecias, o desdobramento da vontade divina. A casa de Acabe deveria ter um fim violento (ver I Reis 19.17 e 21.21,29).

10.11

Até que nem um sequer lhe deixou ficar de resto. *Um aniquilamento absoluto.* Jeú já havia matado pessoalmente os dois reis, Jorão, de Israel, e Acazias, de Judá (capítulo 9); ele havia ordenado a morte de Jezabel (II Reis 9.30 ss.); e ordenara a decapitação dos setenta filhos de Acabe, removendo qualquer possibilidade de algum herdeiro ao trono daquela dinastia (II Reis 10.7). Agora ele terminaria a tarefa. Suas matanças foram extensivas: todos os membros restantes da casa de Acabe foram eliminados, presumivelmente incluindo todos os membros do sexo masculino, primos, os parentes mais distantes, que não tinham chance de tornar-se herdeiros do trono; ele também executou todos os oficiais militares de Acabe; todos os governantes e anciãos que lhe tinham dado apoio; todos os sacerdotes que o serviam em Samaria; e é provável que tenha matado os guardiães que haviam matado os setenta filhos de Acabe (versículo sétimo). Ele não lhes deu nenhum crédito por terem obedecido às suas ordens. Não restou nenhum vingador do sangue. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vingador do Sangue.*

"Em seu zelo, Jeú exagerou e matou muitas pessoas inocentes que poderiam tê-lo ajudado a ser um rei mais eficiente do que se mostrou capaz" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Os sacerdotes de Baal, em Samaria e em outros lugares de Israel, logo teriam a mesma sorte que as demais vítimas da matança. A ira de Jeú continuaria a fazer vítimas. Mas depois de tudo isso, Jeú terminaria sendo quase tão ruim quanto Acabe tinha sido. Tiranos que substituem tiranos raramente são melhores do que eles. Ditadores que tomam o lugar de ditadores raramente são melhores do que eles. Presidentes eleitos que substituem presidentes eleitos raramente são melhores que eles. O jogo político inteiro é *um leito* de corrupções.

10.12,13

Foi a Samaria. *O poderoso matador, Jeú,* partiu então para Samaria. Ele tinha uma matança muito maior a efetuar, e a faria na capital do país. Devemos entender que o versículo 11, pois, não incluiu a família inteira de Acabe, porque, em Samaria, a capital do país, havia outros membros dessa família. Em breve estariam mortos. Ao longo do caminho, aconteceu que Jeú se encontrou com parentes de Acazias, rei de Judá. Eles estavam indo a Samaria visitar outros membros da família real, tanto de Judá quanto de Israel, e, especialmente, a rainha-mãe, Jezabel, embora nada soubessem a respeito. Devemos lembrar-nos de que as duas famílias reais (a de Judá e a de Israel) se tinham unido por casamentos, desde os dias de Josafá, pelo que estar relacionado com uma dessas famílias era estar relacionado com a outra. Ver o gráfico que acompanha o presente texto.

10.14

Bete-Equede. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse lugar. O nome, no hebraico, significa "casa de tosquia". Era um lugar de tosquia de carneiros bem conhecido; ali provavelmente havia uma pequena comunidade que se ocupava desse negócio. Tem sido identificado com a moderna Beit Kad, cerca de vinte e seis quilômetros a nordeste de Samaria.

E a nenhum deles deixou de resto. Essas palavras referem-se a quarenta e dois parentes de Acazias, rei de Judá. Esses foram os homens mortos por Jeú. Ele estava determinado a eliminar a família da temível Jezabel. A casa de Acabe misturara-se por casamento com a casa de Josafá, e Acazias estava envolvido nessa confusão. Jeú, pois, ansiava limpar toda aquela imundícia. Portanto, aqueles infelizes viajantes foram vítimas dessa matança. Na verdade, eles deveriam ter permanecido em casa, e deixar Jezabel cuidar de sua própria vida. *Quarenta e dois homens* foram mortos. Quando terminaria a matança? Em II Crônicas 22.8, esses homens são chamados "príncipes de Judá".

"Isso posto, foi-nos apresentado um quadro negro sobre o estado da religião naqueles dias antigos. Contudo, apenas um pouco de conhecimento da história é necessário para mostrar-nos que, até mesmo na era chamada cristã, crueldades abomináveis têm sido perpetuadas em nome da religião e com a sanção da Igreja. A consciência religiosa só muito lentamente se tem desvencilhado da horrenda aliança com a crueldade. Continuamos testificando, em tempos de guerra, o ressurgimento de uma inacreditável depravação e de uma desumanidade de sangue frio. Não obstante, a consciência religiosa de nossa época condena essas atitudes, repele-as e se volta contra elas, resolvida a mudar o quadro. Portanto, podemos acompanhar um lento mas seguro progresso, sob Deus, na evolução da moral e da religião" (Raymond Calking, *in loc.*).

Note-se o curioso paralelo dos números, comparando-se o trecho de II Reis 2.24 com o presente versículo.

Jonadabe, Filho de Recabe, um Aliado (10.15-17)

10.15

Jeú se encontrou com quarenta e dois inimigos potenciais e os matou. Então aconteceu-lhe encontrar um aliado, e ele o convidou para ajudá-lo em

sua missão de morte e destruição. Esse aliado era *Jonadabe,* filho de Recabe, o qual recebeu um artigo no *Dicionário.* Ver o segundo da lista. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que se pode deduzir de sua ascendência e do incidente aqui registrado. Presumimos que ele era contrário à casa de Acabe e a favor de uma reforma total e do retorno ao *yahwismo.* Josefo (ver *Antiq.* IX.6.6) faz de Jonadabe e Jeú amigos de longo tempo; e, se isso exprime a verdade, então o rei já sabia que tinha em seu amigo um aliado em tempos de dificuldades. Os *recabitas* eram descendentes dos *queneus* (ver I Crônicas 2.55) e permaneceram firmes em suas tradições e costumes típicos de povos do deserto. Eram nômades no começo e permaneceram nômades. Eram adoradores de Yahweh e austeros em seus hábitos, abstendo-se de vinho e de prazeres supérfluos. Ver Jeremias 35.6,7. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Recabe, Recabitas,* quanto a detalhes.

A Aliança. Jonadabe tornou-se um aliado imediato, passando a ajudar Jeú a limpar a confusão em Samaria. Jonadabe tomou o carro de Jeú e estava ansioso por chegar o mais prontamente possível em Samaria. Quando Jeú ajudava seu aliado a entrar no carro, eles se deram as mãos, e isso selou a aliança entre os dois. Cf. Isaías 42.6.

10.16

E verás o meu zelo para com o Senhor. Yahweh tinha ordenado a matança da casa de Acabe; Elias a tinha profetizado; Jeú era o instrumento dessa matança, e assim ele estava cheio do zelo da matança, atribuído a Yahweh. Jonadabe seria o aliado de Jeú e demonstraria o seu zelo pelo *yahwismo.*

...o levou. A versão portuguesa segue as versões siríaca e Septuaginta, dando o sujeito no singular. Mas o hebraico original tem o plural "eles o levaram". Se o plural está correto, então os oficiais militares de Jeú podem ter sido aqueles que ajudaram Jonadabe a entrar na carruagem de Jeú. Alguns estudiosos têm conjecturado que Jonadabe tinha sido um velho xeque, não muito hábil na batalha, porém um bom aliado por causa de seu apoio moral. Mas isso é muita conjectura para se basear em um sujeito no plural. Ver no Dicionário o verbete chamado *Manuscritos do Antigo Testamento,* em sua seção VII.

10.17

Feriu todos os que ali ficaram de Acabe. *A matança em Samaria.* Jeú já havia matado todos os membros do sexo masculino da casa de Acabe, que estavam em Jezreel, residência de verão de Acabe. A temível Jezabel estivera entre as vítimas, como também parentes de Acabe, até mesmo distantes, seus oficiais militares, anciãos e sacerdotes (ver o vs. 11). A matança foi então transferida para Samaria, onde os mesmos atos de violência foram efetuados. Isso significa que a casa de Acabe foi aniquilada. Devemos lembrar-nos, uma vez mais, de que Jeú estava agindo em consonância com a vontade de Yahweh, conforme fora profetizado por Elias. Ver I Reis 19.17 e 21.21,29. Jeú tinha consciência de que estava cumprindo profecias (ver II Reis 9.36,37 e 10.10), e isso, sem dúvida, aumentava ainda mais o seu zelo fanático. Ver meus comentários sobre toda a questão, nas notas expositivas do vs. 14, a respeito de como a consciência cristã trabalha com tais questões.

Massacre dos Adoradores de Baal (10.18-28)

10.18

A Trilha de Sangue. A partir do nono capítulo, temos seguido uma horrenda trilha de sangue. Ali vimos Jeú matar os dois reis, Jorão, rei de Israel (filho de Acabe e Jezabel), e Acazias, rei de Judá. Em seguida, a matança atingiu Jezreel, onde a horrível Jezabel foi uma das vítimas. Mas a matança foi muito extensiva, conforme vemos no versículo 11 deste capítulo. Os setenta filhos de Acabe foram mortos em Samaria, por ordem de Jeú, enquanto ele ainda estava em Jezreel (ver II Reis 10.2 ss.). Então Jeú e seus soldados avançaram sobre Samaria e repetiram suas execuções assassinas, obliterando completamente a casa de Acabe (ver II Reis 10.17). Agora a matança destruiria os sacerdotes de Baal, tanto em Samaria como em todo o território de Israel, que é o assunto dos vss. 18-28 deste capítulo. A apostasia de Israel tornara-se, realmente, generalizada. Havia a adoração ao bezerro, em Betel (o qual, incrivelmente, Jeú não destruiu). Mas o baalismo era a principal manifestação da idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal (Baalismo),* quanto a detalhes.

Jeú Promoveu uma Grande Farsa. Ele fingiu ser um devoto fanático de Baal, e reuniu todos os seguidores para uma festa de adoração. Declarou-se um devoto de Baal maior do que Acabe tinha sido, e com isso ele iludiu todos os seguidores do culto. Jeú, alegadamente, faria *avançar* a causa do *baalismo,* e todos os seus fiéis seguidores quiseram ver o que ele faria. Jeú faria um grande *holocausto,* mas o truque é que seria de *vítimas humanas,* dos adoradores de Baal. Seria esse um sacrifício *apropriado.* A esperteza de Jeú deu certo. O lugar apontado para o sacrifício estava apinhado de gente, os apoiadores de Baal, tal como as formigas infestam um formigueiro.

10.19

Todos os membros sérios do culto a Baal estariam presentes. Somente os desinteressados e os desviados far-se-iam ausentes naquele dia. Afinal, fora o próprio rei Jeú, o campeão do *baalismo,* que fizera tal proclamação, *requerendo* a presença de todos os adoradores de Baal. Assim sendo, eles vieram em massa. Samaria ficou sobrecarregada de peregrinos de perto e de longe, de fato, de toda a nação de Israel. Camelos, cavalos, mulas, jumentos e carruagens estavam estacionados por toda parte. Os negociantes armaram suas mesas para tentar ganhar dinheiro com o ajuntamento das pessoas. Para garantir total representação do *baalismo,* Jeú ameaçara executar qualquer seguidor de Baal que permanecesse em casa. É óbvio que as verdadeiras lealdades religiosas de Jeú ainda eram desconhecidas por esse tempo. Se elas fossem conhecidas, o golpe de astúcia teria falhado.

10.20

Consagrai uma assembléia solene a Baal. Foi um dia de feriado nacional que exigiu a freqüência dos seguidores de Baal em Samaria. O feriado foi fortalecido por um *decreto real;* o decreto apoiou-se em uma *ameaça* de execução para os que não se fizessem presentes à reunião. Haveria uma gigantesca festividade de *sacrifícios* oferecidos a Baal (vs. 19). O hebraico diz, literalmente, para "sacrifício", "matança para sacrifício", e isso pode ter sido uma pequena demonstração de humor negro da parte de Jeú. Seu *sacrifício* seria a *matança* dos adoradores de Baal. Além disso, a *assembléia* solene, *no original hebraico, literalmente* é "festividade de encerramento", o que pode ter sido outro toque de humor negro. (Cf. Deuteronômio 16.8 e Levítico 23.36.) Jeú haveria de "fechar" o *baalismo* em Israel, com sua *matança de sacrifício.*

10.21

Enviou mensageiros por todo o Israel. A nação inteira recebeu o decreto de Jeú. Todo Israel foi *convocado.* Nenhum indivíduo mostrou-se tão corajoso que desobedecesse às ordens do rei. Estavam *todos* presentes, todo adorador de Baal, e, especialmente, a casta sacerdotal, que se tinha espalhado como um câncer por todo o território de Israel. Esse *câncer* estava prestes a ser extraído com violência. O templo principal de Baal, em Samaria, estava repleto de gente. Muitos foram deixados do lado de fora, e ocuparam áreas circundantes. Jeú já os havia cercado com homens violentos, que ansiavam por iniciar a matança; mas os adoradores de Baal de nada suspeitaram. Acabe havia erigido aquele magnificente templo em honra a Baal, em Samaria (ver I Reis 16.32). Sua utilidade, porém, estava no fim.

10.22

Tira as vestimentas para todos os adoradores de Baal. *Vestimentas especiais* eram usadas no culto a Baal, guardadas em um depósito do templo de Baal. Os líderes do culto eram pomposos e cheios de ostentação. Quanto mais chegado à ostentação era um homem, mais era considerado espiritual. Vestes especiais sempre fizeram parte dos cultos religiosos, e isso continua a ter seu lugar em algumas denominações. Existe aquele truque psicológico que diz que os poderes divinos não podem ser abordados com sucesso por uma pessoa em vestimentas comuns, ou, pelo menos, que esses poderes dão mais atenção aos que se vestem "apropriadamente". Os sumos sacerdotes e os sacerdotes de Israel tinham todos as suas vestes especiais, que tinham de usar quando oficiavam. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sacerdotes, Vestimentas dos.* Em inglês temos a expressão *Sunday best,* isto é, as melhores vestes reservadas para uso na igreja, aos domingos. Mas hoje em dia as pessoas mostram-se negligentes, e até desrespeitosas, na maneira como se vestem para ir à igreja. Infelizmente, muitas mulheres freqüentam a igreja evangélica com calças compridas! Isso faz parte da desintegração geral da Igreja hodierna. Existem, pois, esses dois extremos: os pomposos, cheios de ostentação, e os desrespeitosos.

A Figura Simbólica. Com o intuito de aproximar-nos de Deus, precisamos do *vestuário próprio* da alma: a sinceridade, a fidelidade, a retidão, a preparação apropriada, a humildade e a sinceridade.

10.23

Examinai. *Uma medida de garantia.* Uma grande matança estava prestes a ocorrer, pelo que Jeú quis estar certo de que *somente* adoradores de Baal esta-

vam presentes. Ele não queria que um único verdadeiro devoto de Yahweh sofresse a terrível agonia que em breve haveria de abater-se sobre aquela grande assembléia. O *baalismo* era uma fraternidade, e todos se conheciam uns aos outros. Receberam ordens, pois, de olhar em derredor e identificar qualquer adorador de Yahweh que pudesse estar entre eles. Jonadabe também estava presente, como observador. Ele veria o zelo de matador de Jeú (ver o vs. 16). Uma busca foi feita, e não se descobriu nenhum único devoto de Yahweh na assembléia. Tudo estava pronto para o sacrifício e o subseqüente aniquilamento dos servos de Baal.

10.24

E, entrando eles a oferecerem sacrifícios e holocaustos. *O artifício continuou.* Os sacrifícios apropriados foram feitos, e ninguém suspeitou do que Jeú estava para fazer. Todos foram apanhados na teia de seu ludíbrio, e em breve receberiam a ferroada fatal. O momento do golpe mortífero aproximava-se.

Uma Vida Por Outra Vida. Jeú escolheu oitenta homens poderosos e violentos para montar guarda do lado de fora do templo de Baal. Ao dar ele a ordem, eles deveriam avançar, entrar no templo e matar todos. Se um de seus homens permitisse a fuga de algum dos adoradores de Baal, seria executado. Aqueles homens assassinos sem dúvida garantiriam que nenhum homem da companhia *deles* fosse executado naquele dia. Eles tremiam de excitação conforme se aproximava a hora da glória deles.

10.25

Entrai, ferl-os, que nenhum escape. Quando os sacrifícios estavam prestes a terminar, Jeú deu a ordem terrível. Os oitenta homens entraram no templo e começaram a matar. Eles não ouviram nenhum grito pedindo misericórdia. Antes, mostraram-se incansáveis e eficazes.

Penetraram no mais interior da casa de Baal. Os executores entraram na parte mais interior do santuário do templo de Baal, o lugar mais sagrado do culto, e a matança continuou. Essa palavra, em algumas versões, tem sido traduzida como "cidade", dando a entender que a matança se espalhou pelas regiões da cidade de Samaria. Mas agora se sabe que "santuário" ou "mais interior da casa de Baal" é uma tradução apropriada da palavra hebraica em questão, *'ir.* Cognata é a palavra acádica *erim,* que significa *alicerce.* E também existe a palavra *ur,* "cidade". No presente versículo, essa palavra indica uma espécie de santo dos santos do templo pagão.

10.26

E tiraram as colunas. Essa palavra no plural faz parte do texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Mas quase certamente (em concordância com as evidências históricas) deveríamos entender aqui a forma singular. Possivelmente está em vista a *pedra sagrada,* o altar do santo dos santos do templo pagão. Mas alguns se referem ao *poste sagrado,* com inscrições apropriadas ao *baalismo.* Esse poderia ser o significado, posto que a palavra hebraica não indica claramente um objeto de madeira. A Septuaginta tem a forma singular. A versão siríaca diz "estátua". A *coluna* sagrada era um objeto comum nas antigas formas de adoração, e com freqüência fazia parte do equipamento dos templos. O fato de que essa coluna pôde ser queimada faz-nos deduzir que ela era feita de madeira.

10.27

Também quebraram a própria coluna de Baal. Alguns eruditos pensam que a deste versículo, bem como a coluna do versículo anterior, eram uma única coisa. Mas é mais provável que o versículo 26 tenha em vista uma coluna de madeira, ao passo que o vs. 27 se refere a outra coluna (provavelmente feita de pedra), que honrava especialmente Baal. Talvez essa segunda coluna fosse uma imagem de Baal, ou então uma pedra em forma de cone, dedicada ao culto a Baal. Alguns intérpretes pensam que esse segundo objeto era um altar. Seja como for, foi demolido juntamente com o templo inteiro. Em outras palavras, os objetos sagrados do templo foram destruídos, e o edifício também. Ato contínuo, a área (ou a parte do templo que ainda restava de pé) foi transformada em uma latrina, e continuava a ser usada com esse propósito quando o autor sagrado compilou o livro de II Reis. Essa foi a contaminação final e a desgraça daquele lugar orgulhoso que fora antes o centro da adoração a Baal. Fica entendido que parte do templo ainda estava de pé, um pedaço da parte externa, uma parte das paredes, e isso foi reduzido a uma latrina, para ser usada pelo público em geral.

10.28

Jeú terminara seu dever de maneira magnificente. O *baalismo* recebeu um golpe mortal em Israel. Infelizmente, porém, Jeú tornou-se um homem maldoso, que não ficava muito atrás daquele modelo de maldade, Acabe. Ele também não destruiu a adoração ao bezerro, em Betei. As profecias de Elias, por igual modo, foram cumpridas da maneira mais literal possível (I Reis 19.17; 21.21,29). Ver II Reis 10.29 ss., quanto aos fracassos de Jeú. Afinal, Jeú abandonou a vereda do *yahwismo.* E especializou-se nos pecados de Jeroboão (versículo 31).

Sumário do Reinado de Jeú: Seus Fracassos (10.29-31)

Jeú cumpriu as profecias, ao eliminar totalmente a casa de Acabe e ao obliterar o *baalismo* em Israel (capítulos 9 e 10). Em seu coração, todavia, ele era quase tão ruim quanto Acabe. Tiranos que substituem tiranos raramente são melhores que eles. Jeú também aniquilou o *baalismo* e matou todos os sacerdotes daquele culto. Por sua ganância, porém, continuou nos pecados de Jeroboão. É difícil entendermos a "piedade seletiva" de Jeú, que não era uma piedade real, que pudesse ter caracterizado a sua pessoa. A dinastia de Jeú teve permissão de continuar por quatro gerações. Então o *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*) pôs fim a toda aquela confusão. E Israel, o reino do norte, deixou de existir.

10.29

Os pecados de Jeroboão. Ver sobre ele no *Dicionário.* A fim de impedir que indivíduos do reino do norte fossem ao reino do sul, para adorarem, no templo de Jerusalém (depois que ocorreu o cisma entre o norte e o sul), Jeroboão estabeleceu um culto rival em Betei, que se centralizou em torno dos bezerros de ouro. Isso foi uma repetição do pecado do deserto, quando Arão (na ausência de Moisés) cometeu o mesmo erro tolo. Ver I Reis 12.28 ss. e 15.26,30,34, quanto a essas atividades nefandas de Jeroboão. É provável que Jeú tenha mantido o culto de Betel e de Dã com o mesmo propósito com que Jeroboão o havia instituído: impedir que o povo do norte (Israel) precisasse ir ao sul (Judá), que se tornara uma nação separada e, com freqüência, hostil. Lembremo-nos, igualmente, de que Jeú havia acabado de matar o rei de Judá, Acazias (capítulo 9), e isso deve ter acendido de novo as hostilidades entre as duas nações. Portanto, de maneira bastante distinta da fé religiosa, era uma boa *política* manter os sistemas de adoração separados, com o centro do norte distante de Jerusalém.

Ver o capítulo 32 do livro de Êxodo a respeito do ato de idolatria e estupidez de Arão.

10.30

Teus filhos até a quarta geração se assentarão no trono de Israel. *A Recompensa de Jeú.* Jeú havia agido bem quanto a certas coisas. Ele tinha cumprido as profecias de destruição contra a casa de Acabe e tinha eliminado o *baalismo* em Israel (capítulos 9 e 10). Por causa desses atos bons, foi-lhe concedido reinar em paz relativa, morrer de morte natural, e à sua dinastia foi permitido chegar à *quarta* geração. Mas então veio o cativeiro assírio, que obliterou a nação do norte, Israel. Ver os seguintes artigos no *Dicionário* que ilustram esses fatos: *Rei, Realeza,* que dá um gráfico dos reis de Israel e de Judá e compara seus tempos com os das nações circundantes; *Israel, Reino de,* que dá uma lista de todos os reis do norte e breves descrições de seus reinados. Ver também *Israel, História de.* A dinastia de Jeú perdurou por cerca de cem anos. Os reis que se seguiram, na linhagem de Jeú, foram Joacaz, Joás, Jeroboão II e Zacarias. O último dessa lista reinou por apenas seis meses. A bênção teria sido maior se Jeú tivesse feito tudo quanto deveria ter feito; obediência parcial, recompensa parcial.

10.31

Jeú não teve o cuidado de andar de todo o seu coração na lei do Senhor. *Jeú não era um homem espiritual.* Antes, foi um poderoso guerreiro-matador, que fez algumas coisas certas e respeitou a tradição profética. De fato, ele foi apanhado na correnteza dessa tradição e foi usado por ela. Mas não tinha piedade pessoal e particular. Ele não se preocupava em seguir os ritos, as cerimônias e os conceitos da legislação mosaica. Manteve a idolatria por motivo de um *expediente político.* Foi o cabeça da quinta e última dinastia de Israel. Ele tornou-se para nós um exemplo daquilo que um homem usualmente é — a mistura do bem com o mal.

Andar. Ver essa palavra no *Dicionário,* quanto à metáfora do ato de andar para indicar a maneira de viver. Parte de seu coração estava com o *yahwismo,* mas parte estava com o paganismo, na forma de idolatria. Ele era um homem dividido; obedeceu em parte e foi recompensado em parte. A lei de Moisés não se adaptava às suas disposições ou às suas normas como rei. Contrastem-se suas atitudes e atos ao *ideal* da espiritualidade, conforme esse ideal é visto na fé dos hebreus: Deuteronômio 6.4-9. Longa vida e prosperidade foram prometidas aos seguidores sérios do *yahwismo* (Deuteronômio 6.2,3).

Amarás, pois, o Senhor teu Deus
de todo o teu coração, de toda a tua alma,
e de toda a tua força. Estas palavras que hoje
te ordeno, estarão no teu coração;
tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás
assentado em tua casa, e andando pelo caminho,
e ao deitar-te e ao levantar-te.

(Deuteronômio 6.5-7)

Perdas de Israel para a Síria (10.32-33)

Entrementes, a questão da matança prosseguiu. A Síria nunca desistiu. Israel nunca desistiu. Então os assírios afundaram ambos os barcos. O antigo inimigo, Hazael, estava agora de volta à trilha da guerra, tal como Elias dissera que ele faria (ver I Reis 19.17), e conforme Eliseu confirmara que ele faria (ver II Reis 8.12 ss.). Ele tinha guerreado contra Jorão (capítulo 9) e enfraquecido continuamente Israel. Quando Jeú tornou-se rei, ele continuou com seus ataques.

10.32

Começou o Senhor a diminuir os termos de Israel. *Hazael* promoveu uma destruição generalizada contra Israel, fazendo investidas na fronteira, e, depois, penetrando pelo interior. Foi assim que, ao que tudo indica, Israel perdeu boa parte de seu território para aquele tirano. "A fraqueza da Assíria, em cerca de 840 A. C., deixou Hazael livre para aproveitar ao máximo as suas oportunidades para oeste. Ele tomou de Israel o território inteiro da Jordânia (Transjordânia), e esse território foi retido pela Síria até o surgimento de Adade-Nirari III, que conquistou Damasco em 805 A. C." (Norman H. Snaith, *in loc.*).

10.33

As perdas territoriais de Israel são enumeradas neste versículo. Todo o território a leste do Jordão, chamado *Transjordânia* (ver a respeito no *Dicionário),* foi perdido para a Síria, dirigida por Hazael. Era nesse território que as tribos de Gade e Rúben tinham suas terras, e, naturalmente, havia também a meia-tribo de Manassés. O autor dá-nos algumas notas geográficas para ilustrar o que ele indicava: a ocupação da terra que se estendia desde o rio *Aroer* (também chamado *Arnom).* Esse rio assinalava o limite sul de *Gileade,* que se estendia para o norte até o monte Hermom e incluía Basã. As conquistas de Hazael eram caracterizadas por grande barbaridade, tal como Eliseu predisse (ver II Reis 8.12 ss.).

"Antes dos ataques de Hazael, a Assíria, sob Salmaneser III, tinha forçado Jeú a encurvar-se diante dele e a pagar tributo. Um baixo-relevo, do chamado *Obelisco Negro,* de Salmaneser, mostra Jeú fazendo isso. Essa é a única representação de um rei de Israel que já foi descoberta" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

10.34

O autor sacro nos dá agora uma de suas usuais conclusões ou sumários. Cumpre-nos saber como as coisas, finalmente, terminaram para Jeú, bem como acerca da obra que o autor usou como base para essas informações. A conclusão inclui a usual nota de obituário.

Ora, os demais atos de Jeú. O *autor sagrado* não tentou dizer-nos tudo quanto Jeú fez. Portanto, lembrou-nos de que qualquer pessoa interessada poderia recorrer a um de seus livros de consulta, e aprender mais. Esse livro de consulta chamava-se *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e de Judá.* Quanto a maiores informações sobre esse livro, além de outros livros referidos na Bíblia que se perderam, ver I Reis 14.19. Naquele ponto adiciono outras referências que aumentam a informação.

10.35

Descansou Jeú com seus pais. Temos aqui a nota usual de obituário do autor sagrado. Quanto a notas a respeito, ver I Reis 16.5,6. O trecho de I Reis 1.21 também tem algumas notas expositivas quanto a isso.

Jeú foi sepultado em Samaria com a devida pompa e cerimonial. Samaria era a capital do reino do norte. Onri e Acabe também foram sepultados ali (ver I Reis 16.28; 22.37).

Jeoacaz, filho de Jeú, reinou em lugar dele. Ver sobre ele no *Dicionário.* Estava destinado a reinar por dezessete anos (ver II Reis 13.1). Seu reinado é descrito em II Reis 13.1-9.

10.36

Os dias em que Jeú reinou em Israel. O reinado de Jeú perdurou por vinte e oito anos, e foi-lhe permitido ter uma morte natural. O tempo durante o qual ele governou foi cerca de 841-814 A. C. Ele governou por mais anos do que qualquer dos outros reis de Israel, desde que o norte se separou do sul. Talvez isso tenha sido sua recompensa por ter feito bem o seu trabalho, quanto a *algumas* questões, embora tenha fracassado quanto a outras (ver II Reis 10.30,31).

Capítulo Onze

Da Revolta de Jeú à Queda do Reino do Norte (11.1 – 17.41)

Revolução e Contra-revolução em Judá (11.1-21)

A *impia Atalia,* mãe do assassinado Acazias (quase tão horrenda quanto Jezabel, que provavelmente era a mãe dela), e filha de Acabe, tomou o poder em Judá e o manteve por seis anos. Suas maldades ganharam para ela uma morte violenta. Em consonância com um antigo costume oriental, a fim de consolidar o seu poder, ela matou quase toda a família real. Ela não permitia nenhuma competição. Joás, entretanto, escapou, salvo por uma tia. Mas Judá tinha de agüentar aquela maldosa *rainha,* até que o propósito divino a cortasse fora. Ela mostrou ser forte apoiadora e promotora do *baalismo* em Judá, o qual chegou ao fim graças a Joás, quando ele assumiu o poder em Judá. Quanto à história de Atalia, ver o sumário no artigo sobre ela, no *Dicionário.*

11.1

Vendo Atalia. Infelizmente, outra rainha perversa! Atalia certamente era filha de Acabe e, provavelmente, de Jezabel. Ela tinha a herança pervertida e o exemplo certo para realizar uma missão de vergonha e destruição. E atirou-se à sua missão com zelo, primeiramente consolidando seu próprio poder, assassinando a família real inteira, excetuando Joás, que escapou graças à misericórdia de uma tia. Atalia era mãe de Acazias, a quem Jeú tinha matado (capítulo 9). A confusão provocada pela morte dele permitiu a Atalia apossar-se do trono. Ela era uma mulher abominável, quase tanto quanto Jezabel. Ver a introdução ao presente capítulo e o artigo sobre ela, no *Dicionário.*

"A rainha-mãe conseguiu manter os caminhos da casa de Acabe, por outros seis anos, no reino de Judá; mas ela perdeu uma pessoa no massacre da linhagem geral de Acazias, e esse pequeno menino provou ser o instrumento da queda final dela" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Narrativas Paralelas. O autor dos livros dos Reis seguiu o plano de apresentar relatos paralelos dos reis de Israel e de Judá. Ele não preparou primeiramente uma lista de todos os reis de Israel e descreveu-os, para então descrever todos os reis de Judá. Antes, ele saltava de um reino para outro, entre esses dois reinos, o do norte, Israel, e o do sul, Judá, fornecendo relatos paralelos quase cronológicos. Quanto a essa prática, ver I Reis 16.29.

"Quão terrível é essa concupiscência por reinar! Isso destrói todas as caridades da vida, transformando pais, mães, irmãos e filhos nos mais ferozes selvagens!

Nadar para o governo soberano,
Através de mares de sangue.

Leitor, cuidado com as revoluções. Tem havido algumas revoluções úteis, mas, de modo geral, são as piores maldições de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

Costume. Naturalmente, era um costume no Oriente que algum novo rei ou rainha consolidasse o seu poder aniquilando a família real anterior. Isso, evidentemente, não tornava tais atos menos hediondos.

11.2

Mas Jeoseba, filha do rei Jorão. *A Missão de Salvação.* Ver sobre *Jeoseba* no *Dicionário.* Jeoseba, de acordo com a vontade de Yahweh, conseguiu salvar um herdeiro masculino do trono, a saber, Joás, que era filho do assassinado Acazias. Jeoseba era filha do rei Jorão, a quem Jeú também havia matado (capítulo 9), pelo que ela era tia do menino Joás. A misericordiosa tia escondeu tanto o menino quanto sua ama, e proporcionou-lhes um abrigo em lugar seguro.

"Atalia era uma verdadeira filha de Jezabel. Ela cuidou para que todos os irmãos de seu marido fossem assassinados, para que a autoridade dele passasse sem nenhum desafio (ver II Crônicas 21.4). Em seguida, ela adicionou homicídio a homicídio. A adoração a Baal logo se tornou a religião nacional. O sumo sacerdote Joiada foi degredado; todas as crueldades, imoralidades e

falta de religiosidade da casa de Acabe foram postas em execução no reino do sul, que então caiu no pior nível de toda a sua história" (Raymond Calking, *in loc.*).

11.3

Jeoseba o teve escondido na casa do Senhor seis anos. Ficamos sabendo aqui que o menino Joás e sua ama ficaram escondidos em algum lugar do templo, sem dúvida com a cooperação do sumo sacerdote. O marido da tia de Joás era o sumo sacerdote *Joiada* (ver II Crônicas 22.11), pelo que os dois tiveram sua conspiração privada contra a ímpia Atalia. Conforme os versículos que se seguem mostrarão, Joás finalmente subiria ao trono de Judá. Joás tinha apenas um ano quando foi ocultado, e tornar-se-ia rei aos sete anos de idade (versículo 21). Josefo (*Antiq.* IX.7.1) diz-nos que Joás foi ocultado em um pequeno armazém do templo, onde eram guardados colchões. Depois disso, foi transferido para um lugar seguro no templo. Talvez Josefo quisesse dizer que esse armazém estava no templo, e que se tornou um dormitório improvisado para Joás e sua ama. Seu dormitório, entretanto, pode ter sido uma das câmaras para os sacerdotes, não no templo propriamente dito, mas anexo a ele.

As dependências privadas dos sacerdotes não podiam ser violadas por visitas profanas, nem mesmo pela rainha, pelo que Joás esteve seguro ali durante todos aqueles anos.

A Derrubada de Atalia (11.4-21)

Essa maligna mulher não teve permissão de continuar por muitos anos, conforme sucedera no caso de Jezabel. Desde o dia em que Atalia se revoltou, Joiada e sua esposa, Jeoseba, além da casta sacerdotal e outros oficiais, estiveram planejando a queda dela. Uma vez que o plano estava bem formulado, a derrubada deu-se de maneira relativamente fácil. A história que se segue se divide em duas partes. Primeiramente, somos informados sobre o plano cuidadosamente preparado. O sumo sacerdote, sua esposa e a guarda real foram as principais figuras nessa conspiração. Então, na segunda parte da história, somos informados sobre como o plano foi executado, e como Atalia foi morta (vss. 13 ss.).

11.4

No sétimo ano mandou Joiada chamar os capitães. Seis anos se haviam passado. A criança, Joás, tinha sido mantida em segurança. Os conspiradores vinham esperando a oportunidade certa para se livrarem de Atalia. No sétimo ano depois que o menino-rei tinha sido ocultado (portanto, quando ele estava com sete anos de idade, vs. 21), os conspiradores puseram em ação o mecanismo mediante o qual o desígnio deles se cumpriria. Estavam envolvidos nessa conspiração contra Atalia os *centuriões dos cários*. Estes eram mercenários estrangeiros, que formavam a guarda pessoal do rei (ver II Samuel 20.23, onde lemos que eles eram pertencentes aos *queretitas*, isto é, *cretenses*). No trecho paralelo de II Crônicas 23.1-21, eles não são mencionados, e os levitas tomam o lugar deles. Provavelmente essa foi uma mudança propositada no relato, por algum autor que pensou ser impróprio que estrangeiros se misturassem dessa maneira com a realeza de Judá. Seja como for, a guarda pessoal de elite teve o concurso de outros oficiais de elite do exército, e esses se tornaram os instrumentos de ataque contra Atalia. Foi assim que os "legalistas" puseram seu plano em ação. E foi-lhes mostrado o jovem Joás, para que soubessem que havia um "rei" em favor de quem deveriam lutar.

11.5,6

Uma terça parte de vós. As forças conspiradas foram divididas em três grupos. Um terço dessas forças se pôs de guarda no palácio do rei. Outra terça parte ficou no portão Sur; e outra terça parte, ainda, se pôs no portão por trás dos guardas. O palácio, onde vivia a horrenda rainha Atalia, estaria sob vigilância constante e, finalmente, sob ataque. Atalia ficaria sem nenhuma proteção ou apoio militar. O ataque deveria ocorrer na troca da guarda, quando haveria alguma confusão e lassidão. Somente aqui aprendemos que a mudança da guarda fazia parte dos costumes militares de Israel. Não é fácil seguir o plano exato do ataque, e os intérpretes nos dão diferentes descrições.

Problemas Envolvidos:

1. Atalia teria tropas que lhe eram fiéis. Um choque de forças armadas precisava ser evitado. Portanto, a execução dela deveria ocorrer por ocasião da troca da guarda, quando, temporariamente, ninguém estaria esperando por um ataque.
2. A área do templo deveria ser guardada, a fim de que ninguém pudesse atacar o jovem Joás.
3. Os três contingentes armados teriam uma vantagem estratégica sobre as tropas leais à rainha-mãe. Essa vantagem deveria ser suficientemente forte, para que nenhuma resistência pudesse haver.

11.7

Os dois grupos que saem no sábado. Além dos cuidados tomados, conforme foi descrito nos comentários sobre os versículos anteriores, o assassinato deveria ocorrer no fim do *sábado,* o que ninguém esperaria. As tropas leais a Atalia seriam apanhadas fora de vigilância. Os "dois grupos" aqui mencionados referem-se aos *cários* (os mercenários estrangeiros, a guarda de elite) e aos soldados estacionados no portão por trás da guarda. Ver o vs. 19 quanto ao portão da guarda. "As tropas, ao receberem dispensa, no sábado, não deviam ser postas em três companhias, em três pontos diferentes, como aqueles que entraram nos seus *postos,* por ocasião da mudança da guarda. Antes, deveriam formar dois grupos: um para guardar o templo, e outro para guardar o portão" (Ellicott, *in loc.*). "A manobra inteira foi feita de tal modo que ninguém faria idéia de qualquer acontecimento especial, até estar tudo realizado" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Os intérpretes, contudo, discordam largamente sobre exatamente qual teria sido a estratégia usada. Sem importar qual tenha sido, porém, funcionou a contento.

11.8

Rodeareis o rei. Quando o ataque fosse desfechado, poderia irromper a violência entre as tropas fiéis ao sumo sacerdote e as tropas fiéis a Atalia. Embora Joás tivesse sido cuidadosamente ocultado durante aqueles últimos sete anos, alguém poderia descobrir que um "rei-menino" potencial estava escondido no templo. E um ataque poderia ser desfechado contra ele. Portanto, cuidados especiais foram tomados para garantir-lhe a segurança. Teria sido ridículo eliminar Atalia, e perder Joás nesse processo. Portanto, qualquer pessoa que se aproximasse da área do templo deveria ser automaticamente abatida.

Qualquer que pretenda penetrar nas fileiras. Essas palavras demonstram que haveria duas linhas ou fileiras de homens armados. Se alguém atravessasse uma das fileiras, ainda teria de atravessar a segunda. O *rei* sairia do templo e caminharia entre as duas fileiras de tropas, a fim de ser apresentado ao povo. Sua autoridade seria assim confirmada, e ele seria aclamado rei. Então seria ungido e coroado (ver o versículo 12).

11.9

Segundo tudo quanto lhes ordenara o sacerdote Joiada. *O plano* foi cuidadosamente seguido. A mudança de guarda, no fim do sábado (18 horas), foi a oportunidade para realizar o propósito. *Joiada,* o sumo sacerdote, estava coordenando os movimentos. Ele foi o principal conspirador e planejador.

11.10

As lanças e os escudos que haviam sido do rei Davi. *O equipamento.* As armas a serem utilizadas eram as lanças de Davi que estavam guardadas no templo. A maioria daquelas armas tinha sido tomada de inimigos derrotados, durante as campanhas militares de Davi. Os sacerdotes usualmente andavam desarmados e eram pacíficos, mas havia armas no templo, para o caso de serem necessárias em alguma ocasião especial. Tal ocasião agora tinha chegado. Ver II Crônicas 23.9. Os levitas foram armados. Alguns estudiosos supõem que a passagem paralela implique que os levitas é que deviam batalhar, e *não* os mercenários estrangeiros. Ver as notas sobre o versículo quarto deste capítulo, quanto a esse problema. Essa passagem paralela não faz menção aos mercenários, as tropas estrangeiras de elite que formavam a guarda pessoal do rei.

Josefo mencionou todo tipo de armas militares, e não meramente lanças, como pertencentes às armas armazenadas no templo (*Antiq.* IX. cap. 7, s. 8), e é provável que ele tivesse razão.

11.11

Os da guarda se puseram. *Os três postos* foram ocupados de acordo com o plano (vss. 5 e 6), e a ordem de ataque foi ansiosamente esperada. O rei tinha sua proteção especial, conforme fora previsto no versículo oitavo. O hebraico diz aqui "para rodear" o rei, o que foi dito como antecipação. Quando ele saísse do templo, então as duas fileiras estariam ao redor dele, a fim de protegê-lo e apresentá-lo ao povo (vs. 12). Então ele seria coroado e ungido publicamente.

11.12

Coroa. Ver sobre essa palavra no *Dicionário.* Esse era o grande sinal da autoridade real.

O livro do testemunho. Não se sabe exatamente o que esse livro significava. Pela omissão de uma única letra na palavra hebraica correspondente, obtemos a palavra *braceletes* (ver II Samuel 1.10), que eram indicadores reais. Mas John Gill refere-se ao *testemunho* da lei de Moisés, e supõe que o rei tenha sido nomeado com a leitura de certas porções da lei, que falavam dos deveres de um rei em Israel. Alguns estudiosos supõem que o livro da lei fosse suspenso sobre a cabeça durante a cerimônia, e que esse era o testemunho de Yahweh que confirmava a autoridade do rei. Kimchi, entretanto, faz o testemunho significar um *robe* real.

E o ungiram. Ver o artigo no *Dicionário* chamado *Unção*, quanto a detalhes.

Bateram as palmas e gritaram: Viva o rei! Quando o rei foi trazido para fora do templo, foi saudado ruidosamente. Ele era um filho de rei, era o legítimo herdeiro do trono, e poucas pessoas sabiam de sua existência. Foi coroado ali, perante o povo, e ungido. O povo, cansado das violências de Atalia, de suas destruições e de sua idolatria, feliz e rapidamente acolheu o novo rei. Ele já contava com o apoio popular. Houve grande ruído com os gritos de alegria e o tradicional grito de "Viva o rei!". O júbilo assinalou a ocasião. Foi como se alguém tivesse voltado dos mortos.

Bateram as palmas. Este é o primeiro lugar onde palmas são batidas, como expressão de alegria. A maioria dos povos usa esse gesto para expressar deleite, contentamento, aprovação e alegria.

11.13,14

Ouvindo Atalia o clamor. Ouvindo todo aquele ruído e regozijo, Atalia saiu do palácio para ver o que estava acontecendo. Para sua imensa surpresa e consternação, encontrou uma cerimônia de coroação tendo lugar. Ela estava sendo substituída por Joás, o único herdeiro do sexo masculino que havia sido salvo do massacre ordenado por ela, cerca de seis anos antes (vs. 1). A estrela dela havia caído do céu de repente; e a estrela de Joás estava subindo no firmamento. Uma nova era estava sendo inaugurada. O passado estava morto. O povo já tinha tido o suficiente de rainhas loucas, como Jezabel e Atalia.

O rei estava junto à coluna. Provavelmente, isso se refere a uma coluna no portão oriental do átrio interno do templo, o lugar onde o rei normalmente ficava de pé, por ocasião da adoração e quando ele se dirigia ao povo na área do templo (ver II Crônicas 23.13). Sem dúvida, uma plataforma elevada era usualmente providenciada para tais ocasiões, a fim de que a figura do rei ficasse acima do povo comum. Ver II Reis 23.3; II Crônicas 6.13. Portanto, foi ali que o menino-rei se pôs de pé, no *lugar apropriado* para um rei. *Atalia,* assim sendo, viu o novo rei no seu devido lugar e sendo aclamado pelo povo. Ela rasgou as próprias vestes e gritou: "Traição! Traição!". Mas seus gritos foram tardios e ineficazes. Seu dia certamente havia terminado. No entanto, ela esperava excitar com seus gritos um contra-ataque, e desmanchar o que estava acontecendo. Mas as coisas já tinham saído do controle dela. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vestimentas, Rasgar das*.

11.15,16

Não a matem na casa do Senhor. Não era apropriado executar alguém nos terrenos do templo. Isso teria sido um terrível ato de contaminação. Por conseguinte, Atalia precisou ser removida dali. Ela foi executada na "casa do rei" (ver II Crônicas 23.15), no lugar onde os cavalos entravam no recinto do palácio, e não no Portão do Cavalo, da própria cidade. Assim, a infeliz dama passou entre as fileiras dos soldados, sendo levada para o local de sua execução, gritando e chutando, mas tudo em vão, pois o dia dela definitivamente tinha terminado.

> *E bom morrer antes que a pessoa tenha feito*
> *qualquer coisa que mereça a morte.*
>
> (Ananandrides, século IV A. C).

A *Atalia* não foi dado esse luxo. "Assim terminou a vida de uma das mulheres mais ímpias referidas nas Escrituras, uma verdadeira filha de Jezabel" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Ela foi-se deste mundo. Sua alma foi deixada aos cuidados do Ser divino, o qual, em Seu amor e misericórdia, sabe o que fazer com vidas destruídas e desperdiçadas.

> *Morte, não sejas orgulhosa,*
> *Embora alguns te tenham chamado*
> *Poderosa e temível, pois não és isso:*
> *Pois aqueles a quem pensas ter derrubado*
> *Não morrem, pobre Morte. .*
>
> (John Donne)

11.17

Joiada fez aliança entre o Senhor e o rei e o povo. *Uma Nova Aliança.* Durante seu reinado de terror, Atalia havia destruído, em sua maior parte, o *yahwismo* em Judá. Uma nova aliança, segundo as linhas requeridas pela lei de Moisés, precisou ser firmada. Uma nova dedicação a Yahweh foi prometida por todo o povo de Judá. O povo do Senhor teve que voltar a ser o povo do Senhor. Tinha de haver uma nova dedicação da nação toda a Yahweh. Ver Deuteronômio 4.20 e 27.9,10. O rei também esteve envolvido nessa nova aliança. Ele precisava liderar o povo da maneira certa. Ele tinha de comprometer-se com isso, dando um bom exemplo e promovendo a autoridade apropriada. Ele conduziria o povo de acordo com a lei de Moisés, e o povo obedeceria segundo as condições dessa lei (ver II Samuel 5.3). Cf. II Crônicas 23.16.

Joiada seria o rei ativo, o vice-rei, até que Joás atingisse uma idade na qual fosse capaz de assumir o controle. Esse homem daria o exemplo e as instruções certas para um reinado bem-sucedido. Por ser o *povo de Deus,* os judaítas abandonariam a idolatria e livrariam o país da degradação que tinha sido promovida por Atalia, filha de Acabe e Jezabel, uma promotora do *baalismo*. Ver Êxodo 19.5,6.

11.18

O povo da terra entrou na casa de Baal, e a derribaram. *Baal foi fragorosamente derrotado.* As reformas em Judá começaram imediatamente. O que havia acontecido em Israel, pelo poder e autoridade de Jeú (ver II Reis 10.18 ss.) tinha de ocorrer em Judá, igualmente. O povo, encabeçado pelo exército, lançou-se em ataque contra todos os santuários e todo o equipamento de Baal. O templo principal, que a ímpia e horrenda Atalia havia estabelecido em Jerusalém, foi demolido. Os sacerdotes de Baal foram executados, incluindo o seu sumo sacerdote, Matã. Foi morto diante do altar no qual servia, uma circunstância apropriada. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Matã.* Provavelmente esse homem tinha acompanhado a rainha ímpia a Jerusalém. Ele era um especialista no *baalismo,* e ela precisava de sua ajuda para promover um culto eficaz em Judá. Mas o seu dia terminou de repente. O trecho de II Crônicas 24.7 informa-nos sobre como Atalia havia tratado a Casa de Yahweh, em contraste com seu tratamento do templo de Baal, pelo que houve uma operação da justiça. O santo equipamento de Yahweh havia sido entregue ao templo de Baal. A vingança teria de sobrevir em algum tempo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

O nome completo do sumo sacerdote de Baal muito provavelmente era Matã-Baal, que significa "dom de Baal". Esse nome tem sido encontrado em inscrições fenícias. Esse nome cf. o hebraico Matania ("dom de Yah"), que foi o nome do último rei de Judá, posteriormente trocado para Zedequias (II Reis 24.17). Matã, pois, tornou-se o mártir de uma causa *ruim,* um fenômeno bastante comum na história.

O sacerdote pôs guardas na casa do Senhor. Isso a protegeria de qualquer contra-ataque, ou de qualquer outro tipo de dano. É provável que essa posição se tivesse tornado parte permanente do sistema do templo. Alguns estudiosos têm tomado essa nota em um senso mais amplo: a ordem foi restaurada no templo. Os sacerdotes retornaram às suas devidas funções. As destruições provocadas por Atalia foram revertidas.

11.19

Pelo caminho da porta dos da guarda. Ou seja, a entrada principal do palácio. A multidão passou pelo templo, e marchou até a residência dos reis, e o novo monarca de Judá se estabeleceu em seu lugar, em um ambiente real.

E Joás sentou-se no trono dos reis. Em meio à pompa e à cerimônia, a guarda de elite, os *cários* (ver o versículo quarto deste capítulo), conduziu o novo rei ao palácio real. A antiga e desgraçada residente do palácio, Atalia, havia sido removida. Grande multidão de pessoas comuns acompanhou o cortejo até o palácio real. Joás, o rei-menino, foi posto no trono em *seu* palácio.

"A cerimônia terminou com a solene entronização do rei, no palácio de seus pais" (Ellicott, *in loc.*).

11.20

E a cidade ficou tranqüila, depois que mataram Atalia. Depois da remoção da abominável Atalia, a paz voltou a reinar em Judá. Houve paz civil, religiosa e no coração do povo. Eles tinham sido libertados do *câncer do baalismo* e de seus promotores. A terra de Judá voltou a ser a terra de Yahweh. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Paz.* Foi assim que a terra toda regozijou-se na saúde restaurada de Judá. E embora houvesse elementos contrários, que aprovavam Atalia, seus assassínios e sua idolatria, esses permaneceram quietos. A maré mostrara estar contra eles, e eles não tentaram nenhuma contra-revolução.

Não somos informados sobre o que aconteceu ao cadáver de Atalia. Josefo (*Antiq.* 1.9, cap. 7, sec. 3) parece ter indicado que o cadáver foi lançado no ribeiro do Cedrom, isto é, não recebeu nenhum sepultamento decente.

11.21

Era Joás da idade de sete anos. Somos informados aqui que Joás tinha somente sete anos de idade quando começou a reinar. O trecho de II Reis 12.1 diz-nos que ele haveria de reinar por *quarenta anos*. Somos induzidos a supor que Joiada, o sumo sacerdote, continuou seu trabalho de vice-rei até que Joás chegou a uma idade certa para assumir os seus deveres reais. Ele tinha apenas um ano de idade quando a abominável Atalia matou a família real (ver o primeiro versículo do presente capítulo). As edições hebraicas dos livros dos Reis vinculam este versículo a II Reis 12.1, tornando-o o começo de um novo parágrafo.

Capítulo Doze

Joás, Rei de Judá (12.1-21)

Sumário do Seu Reinado (12.1-3)

Apesar de ter-se mostrado fiel a Yahweh em um sentido geral, Joás permitiu que os lugares altos permanecessem, e assim enfraqueceu uma realização forte em tudo mais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lugares Altos*. Os reis de Judá acharam quase impossível acabar com os santuários locais, localizados nas colinas. O povo muito se apegava a eles. É verdade que alguns desses lugares altos honravam Yahweh, mas eles debilitavam a centralização da adoração no templo de Jerusalém. E sempre demonstravam a tendência de ser usados para efeito de práticas idólatras. Além de suas relações com o templo e com o culto de Yahweh, não somos muito informados sobre o que fez Joás. Talvez ele não tenha feito muita coisa. Finalmente, chegou a um fim violento através de uma conspiração de seus oficiais. Quanto a um sumário de sua vida, ver o *Dicionário*, no artigo chamado *Joás*, primeiro ponto. Um ponto baixo de sua vida foi quando perdeu os tesouros do templo para o antigo inimigo de Israel, Hazael (ver II Reis 12.18), a fim de comprar a liberdade contra os assédios daquele homem aos territórios de Judá.

"O começo do reinado de Joás marcou o início de cem anos de governo consecutivo por quatro reis que podem ser julgados como bons reis. Nenhum dos quatro (Joás, Amazias, Azarias, ou Uzias, e Jotão) foi tão bom para Judá quanto foram Josafá, Ezequias ou Josias, mas juntos eles promoveram o período contínuo mais longo de liderança aprovada por Deus, na história de Judá" (Thomas L. Constable, *in loc.*). *Jeú* tinha agido bem em livrar Israel do *baalismo*, embora tenha fracassado por permitir, e talvez até promover, a adoração ao bezerro, em Dã e Betel. Mas, visto que havia agido corretamente, foi recompensado por uma dinastia bastante longa, por quatro gerações (ver II Reis 10.30). Portanto, esses reis, tanto os de Israel quanto os de Judá, que agiram bem, receberam suas recompensas.

12.1

No ano sétimo de Jeú. O autor sagrado prossegue em sua prática de oferecer-nos *relatos paralelos*. Ele não nos deu primeiro uma lista e descrição dos reis de Israel, para então fazer a mesma coisa em relação aos reis de Judá. Antes, ele pulou do norte (Israel) para o sul (Judá), fornecendo relatos paralelos sobre os dois reinos, em ordem cronológica aproximada. Portanto, encontramos aqui a nota de que Joás começou a reinar quando Jeú já estava em seu sétimo ano como rei de Israel. Quanto à pratica dos relatos paralelos, ver as notas sobre I Reis 16.29.

Acazias era o pai de Joás (ver II Reis 11.2). Acazias havia sido morto por Jeú (ver II Reis 9.27). O nome de sua mãe era *Zibia* (ver sobre ela no *Dicionário*). Ele era o único herdeiro do sexo masculino ao trono de Judá que a terrível Atalia não conseguiu matar; e fora escondido na área do templo por *Joiada*, o sumo sacerdote, e finalmente foi conduzido ao trono de Judá (detalhes no capítulo 11).

As *genealogias* eram quase sempre usadas para identificar pessoas, sendo de suprema importância para a mentalidade dos hebreus. Houve poucas exceções a essa regra. Elias e Jó, por exemplo, não tinham genealogias registradas.

12.2

Fez Joás o que era reto. Em outras palavras, ele seguia os mandamentos da legislação mosaica; promoveu o *yahwismo*; diminuiu a idolatria; e rejeitou o *baalismo*, a praga que Atalia trouxe de Israel para Judá, tendo sido ela filha de Acabe e Jezabel.

Uma Diferença de Tradução. A *King James Version* e a nossa versão portuguesa subentendem que Joás agiu corretamente somente enquanto Joiada esteve em cena, influenciando-o. Isso significa que, depois da morte de Joiada, Joás desintegrou-se. Mas a *Revised Standard Version* insiste em que Joás agiu direito *todos* os seus dias, porquanto o sumo sacerdote Joiada o teria instruído bem, não nos dando a idéia de nenhuma desintegração religiosa em seu período posterior de vida. John Gill, comentando sobre o texto da *King James Version*, disse: "... após a morte de Joiada, ele foi seduzido pelos príncipes de Judá e caiu na idolatria, viveu escandalosamente e morreu na ignomínia. Ver II Crônicas 24.2,17,25". A Septuaginta e a Vulgata Latina traduziram o trecho dando a mesma idéia que nos dão a *King James Version* e a versão portuguesa, e isso está mais de acordo com os fatos da história, embora não seja a melhor tradução do texto hebraico do presente versículo.

12.3

Os altos não se tiraram. Ver sobre os *Lugares Altos* no *Dicionário*. Esses lugares altos, em muitos casos, tornaram-se lugares notórios de idolatria, embora não o fossem necessariamente. Yahweh era, com freqüência, adorado ali, mas a tendência deles sempre se inclinava para a idolatria. Ademais, eles enfraqueciam a adoração centralizada no templo de Jerusalém, tendendo para o cisma. Não sabemos dizer quanto *yahwismo* era promovido nos lugares altos quando Joás começou a reinar. Nem somos informados a que ponto a idolatria os influenciava. Eis a razão pela qual o autor sagrado menciona aqui os lugares altos como prejudiciais ao reinado de Joás. Esse rei teve suas reformas significativas, mas também teve seus fracassos. Seja como for, o começo de seu reinado assinalou o início de cerca de cem anos de "tempos melhores" e de "reis melhores". Ver a introdução a este capítulo, no seu último parágrafo, quanto a comentários sobre esse fato.

E queimava incenso nos altos. Os eruditos em hebraico informam que deveríamos traduzir melhor este trecho hebraico como "sacrificava". Somente em tempos posteriores, a palavra hebraica veio a incluir a idéia de queimar incenso. Leia-se, pois: "... continuavam os abates de animais e os sacrifícios". A primeira expressão refere-se aos animais abatidos para as refeições sagradas; e a segunda alude aos animais que eram oferecidos e queimados inteiros sobre o altar, os *holocaustos* (ver a respeito no *Dicionário*).

Devemos lembrar que havia muitos santuários antigos, lugares favoritos de adoração, antes que o culto viesse a ser centralizado no templo de Jerusalém. Mas o povo continuou aderindo aos antigos lugares de adoração. O povo gostava muito desses santuários. Os santuários locais facilitavam a fé religiosa. Era difícil aparecer no templo, quando o impulso espiritual movia o coração.

Reparos no Templo (12.4-16)

Uma das *boas obras* de Joás, muito antes de sua desintegração religiosa, consistiu em reparar o templo, que havia sido conspurcado por Atalia. Ela havia roubado seus tesouros, e até transferira seus vasos sagrados para o templo de Baal. Ver II Reis 11.18. Joás tentou restaurar a ordem e a sanidade ao culto religioso em Jerusalém, e reparou o templo. Para esses reparos, Joás precisou de dinheiro, e o quarto versículo deste capítulo informa-nos sobre como ele obteve esse dinheiro. Ele também procurou animar o povo a trabalhar e conseguiu a cooperação popular. Portanto, gradualmente, o rei foi capaz de reverter o mal que Atalia havia feito (ver II Crônicas 24.7).

12.4

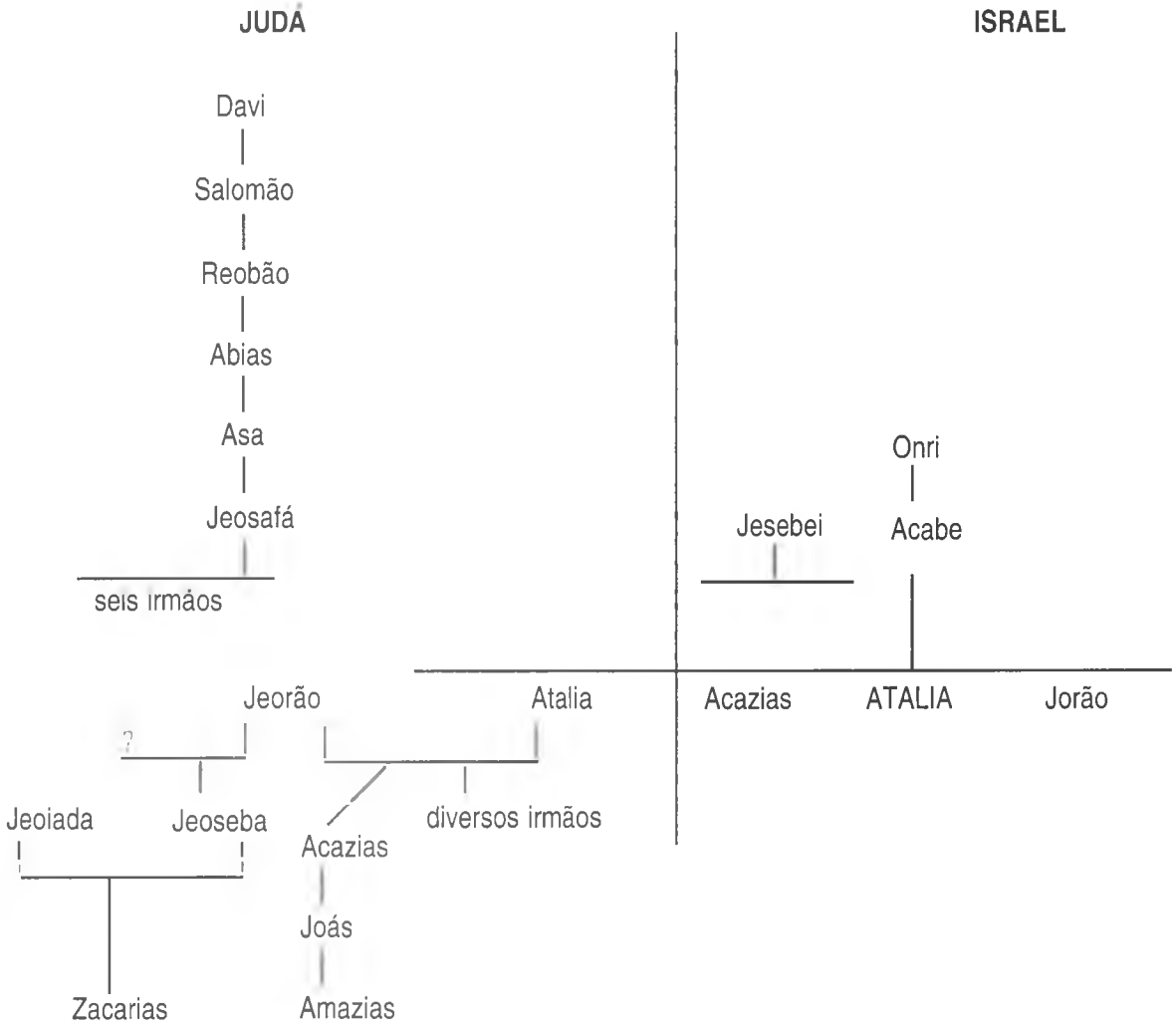
Todo dinheiro das cousas santas. *A necessidade eterna de dinheiro.* O rei planejou usar o dinheiro que era trazido ao templo e ao sacerdócio pelo povo, nas ofertas regulares do *recenseamento* (ver Êxodo 30.11-16). Além disso, Joás usou as *taxas de votos* (capítulo 27 de Levítico e capítulo 30 de Números); também utilizou ofertas voluntárias, que sem dúvida flutuavam muito, conforme os tempos e o poder econômico do povo. Mas o plano teve sucesso apenas parcial, porque aproveitar esse dinheiro para reparar o templo deixou a casta sacerdotal com fundos insuficientes para sua simples automanutenção. Cf. o paralelo em II Crônicas 24.6.

"A reabilitação do templo, em cujos recintos Joás tinha passado os anos de sua infância, foi o primeiro interesse do novo rei. Sentimentos pessoais em relação ao templo devem ter cingido seus motivos religiosos. Consideremos quão importante é inculcar no coração das crianças sentimentos de afeto pela Igreja. Nenhuma influência moral na vida dos jovens é mais bela do que os sentimentos que eles com freqüência possuem pela igreja em que passaram sua infância" (Raymond Calking, *in loc.*).

12.5

Recebam-no os sacerdotes. *O Poder Humano.* Além de dinheiro, operários eram necessários. Os levitas foram encorajados a convidar seus amigos e conhecidos para ajudarem. Muitos eram bons construtores, e sua ajuda seria valiosa na casa do Senhor. Cf. o trecho paralelo de II Crônicas 24.5. Os atos descritos no

A GENEALOGIA RELACIONADA A RAINHA ATALIA, FILHA DE ACABE



Atalia era filha do horrendo Acabe, e não do rei Acazias de Judá que Jeú matou (II Reis 9.27-29; II Crô. 22.9) Ela era filha da bárbara Jezebel. Quem poderia esperar qualquer coisa boa de Atalia considerando-se os pais que tinha? Para ganhar o trono, ela seguia os maus exemplos dos pais, aplicando atos violentos. Atalia até ordenou a matança dos próprios netos para consolidar o seu poder.

presente versículo também se referem ao recolhimento do dinheiro das cidades levíticas, onde cada homem se aproximava de seus amigos e conhecidos para dar-lhes trabalho.

12.6

Os sacerdotes ainda não tinham reparado os estragos da casa. *O Trabalho de Reparação Foi Sendo Adiado.* Isso aconteceu porque a coleta de fundos era insuficiente. Não era fácil construir e sustentar a casta sacerdotal, ao mesmo tempo. O povo não contribuía como deveria; os levitas não coletavam dinheiro como deveriam fazê-lo. Entrementes, segundo bem podemos acreditar, cada homem cuidava de sua própria vida, vivendo em alto estilo. Mesmo no vigésimo terceiro ano do reinado de Joás, o trabalho de reparos do templo ainda não tinha sido feito, portanto foi como um daqueles programas eternos edificação de igreja, que nunca terminam. Não somos informados em que ano o rei decretou a construção, pelo que é impossível dizer quantos anos se passaram, mas o fato é que a tarefa ficou incompleta. Mas no texto sagrado *subentende-se* que um tempo muito longo se passou, para vergonha de todos os envolvidos na questão.

12.7

Por que não reparais os estragos da casa? *Uma Reprimenda.* O rei chamou Joiada e os sacerdotes para prestarem conta. Eles não tinham feito o que se esperava que fizessem. O dinheiro coletado tinha sido dividido entre os "salários" dos sacerdotes e os fundos para os reparos. *Esse plano* não estava funcionando, pelo que um *novo plano* precisava ser formulado e posto a funcionar. O rei tomou o controle do dinheiro das mãos do sumo sacerdote e de seus subordinados. Todo dinheiro que entrasse, daquele ponto em diante, seria posto em uma caixa especial, no pórtico do templo, e assim não passaria pelas mãos dos sacerdotes, que se apossavam da maior parte. E Joás nomeou um homem (não o sumo sacerdote) para tomar conta desse novo negócio.

12.8

"Os sacerdotes concordaram em separar o projeto de edificação dos cultos regulares do templo, e deixar outros homens ser responsáveis pelo projeto de edificação" (Thomas L. Constable, *in loc.*). "Parece que o povo tinha trazido dinheiro em abundância, e o piedoso Joiada estava chefiando os sacerdotes, como encarregado do projeto; no entanto, coisa alguma tinha sido feita! Joiada era um homem bom, mas parece não ter tido muito espírito e zelo ativo. Simples piedade, sem zelo e atividade, é de pequeno uso quando uma reforma em matéria religiosa e de piedade se torna necessária. Filipe Melanchthon era ortodoxo e piedoso, e um homem erudito, mas não era especialmente *ativo*. Em muitas coisas, Martinho Lutero era muito inferior, mas em zelo e atividade era um fogo flamejante e consumidor, e por ele, debaixo de Deus, a poderosa Reforma... foi efetuada... Lutero trabalhava, e Deus trabalhava por ele e para ele" (Adam Clarke, *in loc.*). Naturalmente, os eruditos, segundo a energia mental de suas obras literárias. acreditam que Martinho Lutero deveria ter um quociente de inteligência de, no mínimo, 130! Portanto, vamos pôr a questão da seguinte maneira: ele era um trabalhador muito inteligente.

12.9,10

O sacerdote Joiada tomou uma caixa. *Era a Caixa do Tesouro.* Foi preparada uma caixa especial. Uma fenda foi feita em sua tampa, para receber as ofertas. Foi posta em um lugar conspícuo, e o povo era encorajado a depositar suas ofertas para o projeto de edificação naquela caixa. Além disso, um escriba que o rei nomeou abria a caixa periodicamente, e coletava o dinheiro ali depositado, o qual era então ensacado. O dinheiro era depois dado àqueles que tinham autoridade para a edificação. Sem dúvida, por trás dos biombos, os levitas continuavam responsáveis por encorajar o povo a fazer doações, e ao trabalho foi dada grande publicidade e promoção. Sem isso, provavelmente a caixa teria permanecido vazia. A caixa do tesouro foi posta ao lado do *altar,* e os sacerdotes a guardavam, tendo certeza de que ladrões não atacariam o "tesouro". O Codex Alexandrinus (LXX^{A}) traduz a palavra hebraica em questão por "colunas", dando a entender, sem dúvida, as colunas perto do pórtico, mas o resto das versões permanece usando a palavra "altar". Mais tarde, a caixa do tesouro foi posta fora do portão, para conveniência do povo que viesse ao templo com o propósito de contribuir (ver II Crônicas 24.8). E o trecho de II Crônicas 24.9 mostra-nos que o rei expediu decretos, pedindo contribuições para a obra da construção. Ele não deixou as coisas ao sabor do acaso. Os projetos deixados ao sabor do acaso inevitavelmente fracassam. Alguém precisa dinamizar a questão. Cf. a narrativa mais detalhada sobre essa questão inteira, no capítulo vinte e quatro de II Crônicas.

12.11

O dinheiro, depois de pesado, davam nas mãos dos que dirigiam a obra. A casta sacerdotal, enquanto provavelmente ainda ajudava a levantar fundos, não tinha mais permissão de manusear o dinheiro para os reparos do templo. Outros tomaram seu lugar, para efeito de maior *eficácia.* Uma mudança de obreiros algumas vezes pode revitalizar um projeto. Os novos manuseadores do dinheiro pagavam salários e dirigiam o trabalho. A nova equipe mostrava-se mais eficaz do que a antiga.

12.12

Aos pedreiros e aos cabouqueiros. Carpinteiros (vs. 11), pedreiros e cabouqueiros estavam entre os operários especializados empregados na tarefa dos reparos do templo. Então outros tiveram de ser contratados para adquirir material de construção e verificar que esse material fosse entregue nos recintos do templo. Portanto, cada homem envolvido tinha uma tarefa específica a cumprir, e o trabalho fluía eficaz e rapidamente. Madeiras e pedras formavam o material principal de construção, e grande parte dele tinha de ser trazida de lugares distantes. Muitas despesas e labor foram gastos no projeto. Definitivamente era um esforço *de equipe.* Presumivelmente, a madeira vinha do Líbano, e talvez as pedras viessem de pedreiras das colinas da Judéia.

12.13

Do dinheiro que se trazia à casa do Senhor, não se faziam... "*Aparentemente,* os vasos de ouro e de prata do templo haviam desaparecido. É provável que Atalia os tivesse levado para o templo de Baal, em Jerusalém (ver II Crônicas 24.7). Não havia muito dinheiro para substituir esses vasos, pelo menos na ocasião. II Crônicas 24.14 mostra-nos que esses vasos foram, afinal, substituídos; e podemos supor que isso fale de um tempo posterior, quando mais dinheiro estava entrando e menos dinheiro estava sendo gasto em salários e material de construção. Estão en vista os vasos para diferentes serviços e decorações: aqueles para recolher o sangue dos sacrifícios; vasos para incenso; vasos para as libações de vinho; instrumentos para preparar os pavios das lâmpadas; bacias para água; e as trombetas. Ver Êxodo 25.29 para os vasos em questão. O capítulo inteiro trata do equipamento do tabernáculo original.

12.14

Porque o davam aos que dirigiam a obra. Os *salários e o material de construção* consumiam o dinheiro, razão pela qual, no princípio dos reparos, nada era deixado para substituir vasos de ouro e de prata do templo. Mas, conforme as ofertas aumentavam e os custos com salários e com material de construção diminuíam, aqueles vasos de materiais nobres foram, finalmente, sendo substituídos (ver II Crônicas 24.14).

12.15

Não pediam contas aos homens em cujas mãos entregavam aquele dinheiro. *Confiando em Homens Honestos.* Nenhuma prestação de contas do dinheiro era requerida da parte daqueles que o gastavam na compra de material de construção, no transporte, no pagamento de salários etc. Simplesmente eram homens de *confiança,* que gastavam o dinheiro com honestidade. Presumimos que essa *norma de honra* funcionava. "Eles (os escribas especialmente nomeados, e o sumo sacerdote, vs. 10) cuidavam para que eles (os supervisores da obra) fossem homens honestos e retos, e tinham uma tão elevada opinião sobre eles que nunca examinavam suas contas, ou chamavam-nos para apresentar suas contas" (John Gill, *in loc.*). "Não ficaram nunca desapontados. Aqueles homens agiam fielmente" (Adam Clarke, *in loc.*). Portanto, esse foi um dos poucos projetos de construção, em toda a história, no qual não houve suspeitas, nem esperteza, nem uso desonesto do dinheiro Os encarregados do projeto não tinham contas secretas nos bancos da Suíça. E nem pagavam salários a seus parentes, que nunca apareciam no trabalho. Aqueles encarregados estavam "acima de qualquer suspeita" (Ellicott, *in loc.*). Ver II Reis 22.7 quanto a uma repetição dessas mesmas declarações, no tocante a outro empreendimento.

12.16

Mas o dinheiro de oferta pela culpa... era para os sacerdotes. O dinheiro pertencente aos sacerdotes (das fontes mencionadas neste versículo) não era encaminhado ao trabalho de reparos do templo. Esse dinheiro era enviado diretamente aos sacerdotes, para seu sustento. As pessoas que moravam distante enviavam dinheiro, em lugar de gado. Esse dinheiro era para fazer expiação pelos erros que as pessoas tivessem cometido. Ver II Crônicas 24.4-14 quanto à passagem paralela e cf. Levítico 5.15-18; 6.26-29 e Números 5.8. Portanto, as duas espécies de ofertas eram guardadas separadamente, para o projeto de construção e para os "salários" dos sacerdotes, conforme fora contratado (vss. 7 e 8). A *caixa* posta no templo não recebia esse dinheiro; a casta sacerdotal é que o recebia. Dessa forma, a *justiça* era feita. As despesas com o projeto de construção do templo não eram pagas com o dinheiro tradicionalmente designado para sustento da casta sacerdotal.

Série de Reversões Sofridas por Joás (12.17,18)

A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*) esteve em operação na vida de Joás. Ele havia se desintegrado moralmente na última metade de sua vida, ao cair em uma idolatria crassa. Além disso, assassinou o filho do sumo sacerdote Joiada (ver II Crônicas 24.22). Coisa alguma que o rei Joás fizesse prosperava, e ele terminaria a sua vida assassinado (vs. 21). Foi outra triste história de oportunidade perdida.

12.17

Então subiu Hazael. Elias tinha predito que Hazael, rei da Síria, causaria toda espécie de confusão em Israel; e aqui nós o vemos atacando, igualmente, o reino do sul. Ver I Reis 19.17. Eliseu havia confirmado as profecias de Elias e as tinha expandido. Foi assim que Hazael se tornou um látego nas mãos de Yahweh para punir alguns por sua iniquidade, especialmente aquela expressa através da idolatria. Hazael, o matador selvagem, aparentemente tinha varrido o país inteiro, indo para o sul até o território dos filisteus. Ele tomou de Joás todos os tesouros que vinham sendo acumulados desde os dias de Asa, que havia sofrido problemas similares com Baasa, rei de Israel, cerca de cem anos atrás (ver I Reis 15.18). Joás estava em feroz declínio que atraía desgraça após desgraça. Era aquela destrutiva síndrome do pecado-julgamento, que tão bem explica a história dos reinos do norte e do sul, Israel e Judá, respectivamente. O que tinha sido semeado voltava sob a forma de colheitas amargas.

> *Não vos enganeis: de Deus não se zomba,*
> *pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.*
>
> (Gálatas 6.7)

Gate. Tradicionalmente, essa era uma das cidades fortificadas dos filisteus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gate*. Hazael era um guerreiro-assassino selvagem, que gostava de guerrear contra qualquer um, em qualquer lugar. Talvez o texto deixe entendido que Judá exercia poder sobre Gate (ver II Crônicas 11.8), e que uma campanha contra Gate era, preliminarmente, uma campanha contra Judá. Ou talvez Judá (e talvez Israel) tivesse feito uma ligação com aquela fortaleza, e talvez com outras fortalezas dos filisteus, isto é, Gaza, Asdode, Ascalom e Ecrom.

Hazael. Quanto a detalhes completos sobre esse homem, ver o artigo detalhado, no *Dicionário*.

12.18

Porém Joás, rei de Judá. *Hazael* haveria de levar todos os tesouros do templo, fosse como fosse, pelo que Joás não perdeu coisa alguma por ter cedido sem oferecer batalha. De fato, ele salvou milhares de vidas. Joás precisou comprar Hazael. Cf. II Crônicas 24.23. Os tesouros do palácio também fizeram parte dos negócios contratados com Hazael. "Esse resgate fez Hazael retirar-se com suas tropas. O incidente inteiro ilustra a fraqueza de Judá na época, resultante da apostasia de Joás" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Grandes riquezas se tinham acumulado durante o reinado de *vários reis*, conforme a lista aqui dada o demonstra. Joás, pois, precisou sacrificar *tudo*. Pouco tempo mais tarde, o rei foi morto por seus próprios oficiais, e a história de desintegração, declínio e futilidade chegou ao fim.

O Assassinato de Joás (12.19-21)

O homem que havia começado bem desintegrou-se moralmente, caiu nas antigas veredas da idolatria, provocou seus inimigos e terminou sendo assassinado. Mas, antes de oferecer sua nota usual de obituário, o autor sagrado interrompeu sua narrativa para informar-nos sobre como o rei encontrou a morte. O trecho de II Crônicas 24.25,26 nos dá maiores detalhes, dizendo-nos que isso ocorreu (em parte) por causa da morte por apedrejamento de Zacarias, filho de Joiada, o sumo sacerdote, que foi morto no terreno do próprio templo. Esse homem foi morto por ter-se oposto à idolatria de Joás e seus caminhos pagãos. Era coisa séria assassinar o filho de um sumo sacerdote, e a ira de Yahweh se vingou do ato. Felizmente, o próprio sumo sacerdote já havia morrido, pelo que foi poupado de ver o estúpido assassinato e a tragédia pessoal.

12.19

Quanto aos demais atos de Joás. Essa nota de sumário era a forma comum pela qual o autor sagrado encerrava suas histórias dos reis de Israel e de Judá. O *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e de Judá* foi um de seus livros informativos. Era uma obra não-canônica, um daqueles muitos livros, ligados ao Antigo Testamento, que se perdeu. Ver as notas completas a respeito em I Reis 14.19. O trecho paralelo, II Crônicas 24, adiciona detalhes da vida de Joás que não foram usados, ou que não estavam disponíveis para o autor dos livros de Reis. Ver a introdução à presente seção (anteriormente) quanto a alguns detalhes que se aplicam a este ponto da narrativa.

12.20

Levantaram-se os seus servos. Os próprios oficiais de Joás, provavelmente figuras militares, rebelaram-se e assassinaram Joás. Isso foi feito, pelo menos em parte, por ter ele assassinado Zacarias, filho do sumo sacerdote Joiada (ver II Crônicas 24.22), mas sem dúvida houve outras razões, de ordem pessoal. O velho rei se imiscuiu nos planos e nas ambições políticas, como é usual aos homens.

Milo... Sila. Ver sobre *Sila*, no *Dicionário*. II Crônicas 24.25 diz que os sírios o tinham ferido com seriedade. Evidentemente, com o intuito de recuperar-se, ele desceu a Bete Milo, uma cidade na estrada para Sila. Atualmente desconhecem-se as localizações dessas cidades, embora haja algumas suposições. Ver II Samuel 5.9 e I Reis 9.15 quanto a *Milo*, onde algumas informações são dadas sobre esse lugar. Ver também Juízes 9.6.

12.21

Jozacar... Jozabade. Este versículo dá os nomes dos assassinos de Joás. Meus artigos no *Dicionário* mostram o que se sabe sobre eles. As mães desses homens, de acordo com II Crônicas 24.26, foram, respectivamente, uma amonita e uma moabita.

A Nota de Obituário. Ver sobre esta nota em I Reis 1.21 e 16.5,6. O autor termina suas histórias sempre da mesma maneira. Joás foi sepultado em Jerusalém, mas não nos túmulos reais (ver II Crônicas 24.25). Ele não foi tão respeitado quanto o foram alguns de seus antepassados, pois, afinal, tinha assassinado o filho de um sumo sacerdote.

"Assim sendo, da mesma maneira que a retidão exalta uma nação, o pecado lança a desgraça e a confusão sobre um povo. O pecado destrói tanto o bom conselho quanto a força, e os ímpios fogem sem que ninguém os persiga" (Adam Clarke, *in loc.*).

Amazias. O filho de Joás foi seu sucessor no trono de Judá. O trecho de II Reis 14.1 ss. fornece-nos a descrição da vida e do reinado desse homem. Primeiramente, o autor sagrado nos falará sobre dois reis de Israel, segundo seu modo de expor relatos paralelos (em ordem cronológica aproximada) dos reis de Israel e de Judá. Ver I Reis 16.12 quanto a esse modo de apresentação.

Capítulo Treze

Jeoacaz, Rei de Israel (13.1-9)

O *autor sagrado* tinha acabado de contar sobre o reinado de Joás, um dos reis de Judá. Agora ele volta a sua atenção para dois reis de Israel. Seu modo de apresentação era o de *narrativas paralelas*. Ele não apresentou primeiramente os reis de Israel e depois os reis de Judá, para descrevê-los. Pelo contrário, saltou para cá e para lá, acompanhando os reis em ordem aproximadamente cronológica. Quanto a esse *modus operandi* de apresentação, ver as notas expositivas sobre I Reis 16.2.

"A história desse reinado transpira uma melancolia sem alívio. Durante a sua totalidade, Israel esteve sob o domínio da Síria, tendo sido reduzido a uma completa impotência" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Isso posto, as profecias de Elias estavam tendo cumprimento. *Hazael*, o *chicote* vindo do norte, o sírio terrível, estava castigando Israel, na qualidade de um agente da ira de Yahweh. Ver I Reis 19.17.

13.1

No ano vinte e três de Joás. *Relatos Paralelos.* O autor sacro informa-nos sobre como *Jeoacaz*, filho de Jeú, começou a reinar em Israel, no vigésimo terceiro ano de Joás (Jonas), de Judá. Ver sobre o modo do autor apresentar os relatos paralelos sobre os reis de Israel e de Judá, na introdução ao presente capítulo, e em I Reis 16.29. Agora ele narrava sobre dois reis de Israel, antes de saltar para Judá, para contar a história de Amazias (capítulo 14). Ver também os artigos chamados *Rei, Realeza; Israel, Reino de* e *Judá, Reino de*, no *Dicionário*, quanto a listas, gráficos e descrições dos reis de Israel e de Judá.

"Jeoacaz começou a reinar no início do vigésimo terceiro ano do reinado de Jeoás, e reinou por dezessete anos, catorze sozinho e três anos com seu filho, Jeoás. O décimo quarto ano tinha apenas começado" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. II

Reis 12.1 e a nota cronológica ali existente. Joás subiu ao trono no sétimo ano do reinado de Jeú, e Jeú reinou por vinte e oito anos (ver II Reis 10.36). Joás começou a reinar em cerca de 835 A. C.

13.2

Esse rei não foi capaz de eximir-se da destrutiva síndrome do pecado-julgamento que tinha sido a praga de seus antecessores. Ele caiu facilmente na idolatria que Jeroboão havia estabelecido, a adoração ao bezerro em Dã e Betei. Ao assim fazer, ele levou a nação inteira ao pecado, pois foi por causa disso que Israel se tornou uma nação idólatra, tendo permanecido assim até o fim. O *fim* foi o *cativeiro assírio* (ver a esse respeito no *Dicionário*), quando o reino do norte (Israel) deixou de existir. Ver I Reis 12.26 ss., quanto ao tipo especial de idolatria de Jeroboão, que continuou a ser uma maldição para a nação de Israel, até o cativeiro assírio. Cf. II Reis 3.3 e 10.29 quanto às repetições dessa observação: Jeroboão pecou; ele fez Israel cair no pecado; vários reis posteriores de Israel seguiram o seu mau exemplo. Ver o sexto versículo do presente capítulo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Exemplo,* quanto a um comentário detalhado sobre esse tema.

Sede meus imitadores, como
também eu sou de Cristo.

(I Coríntios 11.1)

Os homens lêem o evangelho de Cristo,
E o admiram,
Com seu amor tão infalível e autêntico;
Mas o que dizem e o que pensam eles,
Do 'evangelho' segundo nós?

(Anônimo)

13.3

Pelo que se acendeu contra Israel a ira do Senhor. *A ira de Yahweh* se acendeu e queimou profundamente Israel, por causa de toda a iniqüidade, idolatria e insensatez daquela nação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus.* As expressões deste versículo, naturalmente, são de natureza *antropomórfica* e *antropopatética.* Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Os homens atribuem a Deus suas próprias qualidades e emoções e assim dão descrições de Deus que são dúbias e inexatas. Contudo, somos apanhados no dilema humano, e é impossível escapar dessa atividade. Essa é a maneira positiva de descrever Deus. A forma negativa consiste em alguém dizer: "Deus não é aquilo que somos". Ele é "outro"; Ele é "misterioso"; Ele é imponderável. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Mysterium Fascinosum, Mysterium Tremendum, Deus* e *Atributos de Deus.*

Hazael, da Síria, foi o instrumento da ira divina contra Israel, tal como Elias havia predito que ele seria (ver I Reis 19.17), e conforme Eliseu confirmou, adicionando maiores detalhes (ver o capítulo oitavo de II Reis). Pouco antes disso, aquele rei guerreiro-matador tinha dominado Gate, uma fortaleza dos filisteus, e tinha forçado Joás a entregar os tesouros do templo e do palácio real (ver II Reis 12.17,18). Joás precisou resgatar Jerusalém das mãos de Hazael, ou a cidade teria sido aniquilada. Ver o artigo sobre *Hazael,* no *Dicionário,* quanto a um sumário sobre a sanguinolenta carreira de Hazael.

Este versículo fala de um ataque contínuo, matanças e ameaças. Ben-Hadade I, e depois Hazael foram os instrumentos do castigo, usados pelas mãos de Deus. Então Ben-Hadade III subiu ao trono da Síria e aumentou mais ainda as desgraças do povo de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ben-Hadade.* Todos esses três tiranos são discutidos nesse artigo. Foi assim que Israel colheu o que havia semeado.

Semeai um ato, e colhereis um hábito.
Semeai um hábito, e colhereis um caráter.
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis... Deus.

(Prof. Huston Smith)

13.4

Jeoacaz fez súplicas diante do Senhor. Em seu desespero, Jeoacaz voltou-se para Yahweh. Ofereceu os devidos sacrifícios; seguiu os rituais apropriados, prescritos segundo a lei de Moisés; e temporariamente restaurou o *yahwismo* em Israel, mas sem dúvida deixando muito da antiga idolatria intocada. Em seguida, Jeoacaz fez as súplicas próprias, sinceras, em voz alta e longamente. Em Sua misericórdia, Yahweh ouviu a voz dele, e deu-lhe alívio contra os assédios do exército assírio.

Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor,
e ele os livrou das suas tribulações.
Fez cessar a tormenta, e as ondas se acalmaram.
Então se alegraram com a bonança;
e assim os levou ao desejado porto.

(Salmo 107.28-30)

"Temos aqui o caso de um homem injusto, em desesperadora necessidade, que ele atraíra contra si mesmo. Ele se havia esquecido de Deus, e abandonado e traído a Ele. Mas agora, já no fim de suas forças, ele se voltou para Deus. Esse é o único tipo de religião que muita gente conhece. Assim, enquanto tudo vai bem, eles conseguem passar sem nenhuma religião. Mas se a calamidade os derruba, então se voltam para Deus e para a oração" (Raymond Calking, *in loc.*).

13.5

O Senhor deu um salvador a Israel. Este versículo é bastante vago, pois não explica como Israel foi capaz de livrar-se da opressão dos sírios. Alguns eruditos pensam que o libertador havia sido o rei Adade-Nirar III, da Assíria (811-783 A. C.), que começou suas campanhas contra a Síria e forçou aquele povo a voltar-se para a guerra das bandas do norte, deixando assim Israel em paz. Sabemos que esse rei assírio lutou contra muitos países, como Tiro, Sidom, Média, Edom e Egito. A estrela da Assíria estava-se elevando no firmamento. Israel, afinal, seria uma vítima da Assíria, mas naquela ocasião as "outras guerras" deram a Israel algum alívio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Assíria.* Outra conjectura é que Hazael morreu, e assim a Síria descansou da guerra por algum tempo. Ou o libertador pode ter sido Jeoás, filho de Jeoacaz, que teve melhor sucesso contra o inimigo do norte. Ver o versículo 25 quanto a essa informação. Ainda outros eruditos dizem que foi Jeroboão II, neto de Jeoacaz, que "salvou" Israel (ver II Reis 14.27). Seja como for, as coisas melhoraram para Israel durante algum tempo, em parte como resposta às orações de Jeoacaz. Mas por essa altura dos acontecimentos, Israel já estava perto do seu fim. Coisa alguma poderia fazer parar a Assíria.

13.6

Contudo não se apartaram dos pecados da casa de Jeroboão. O favor de Yahweh não exerceu nenhum efeito sobre o comportamento de Israel. Na realidade, Israel nunca aprendeu suas lições. Seguiu a síndrome da destruição do pecado-julgamento até o fim. Breves períodos de melhoria logo eram cortados pelo antigo paganismo que exercia estranho fascínio sobre Israel. Não haveria nenhuma redenção. Israel continuava retornando à idolatria e às atitudes de Jeroboão. Fazia muito tempo que Jerusalém havia sido abandonada como o centro do culto religioso da raça dos hebreus. A adoração ao bezerro, em Dã e Betei, mantinha os israelitas em casa, cativos à idolatria. Além disso, os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*) prevaleciam. Este sexto versículo repete o segundo versículo deste capítulo, em cujo ponto dou referências ao tipo de idolatria criado por *Jeroboão,* e seu pecado, o que levou Israel a continuar pecando, seguindo o péssimo exemplo de seu primeiro monarca.

E também o poste-ídolo permaneceu em Samaria. Esse é o texto em algumas versões, em lugar de *bosques* ou *lugares altos.* Quanto a *Aserá (Aserins)* ver as notas expositivas em I Reis 14.15. Em vista, como é evidente, está o ídolo sob a forma de um poste, um símbolo da deusa Aserá, consorte de Baal. Esse tipo de idolatria permaneceu conspícuo em Samaria. Uma variedade de idéias se prende a essas palavras, que tento esclarecer em minhas notas, na referência mencionada.

13.7

E foi o caso que não se deixaram a Jeoacaz do exército senão... *O Aniquilamento do Poder Militar de Israel.* Este versículo nos dá conta da quase total eliminação do poder militar de Israel. Isso nos surpreende. O rei da Síria tinha transformado em pó o poder militar de Israel. Este versículo sétimo continua a triste nota do terceiro versículo. Israel sempre dependera de sua infantaria; mas Salomão multiplicou carros de combate e cavalos, pelo que o exército de Israel se sofisticara. Mas a Síria fora tão bem-sucedida na guerra contra Israel que havia reduzido suas forças armadas à mera força de infantaria, uma força pequena e débil. Dessa maneira ficara preparado o caminho para o *cativeiro assírio,* que poria fim, para sempre, ao reino do norte, Israel. Os reis de nome Ben-Hadade (I, II e III) e Hazael tinham sido os instrumentos que Deus usara nessa destruição, para castigar a nação de Israel por causa de sua apostasia. A fraqueza de Israel era quase equivalente a um desarmamento.

13.8

Ora, os demais atos de Jeoacaz. O autor sagrado oferece aqui sua costumeira nota de obituário. Cf. II Reis 12.19; e ver as notas expositivas em I Reis

1.21 e 16.5,6. Ver sobre o *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e de Judá* em I Reis 14.19.

13.9

Descansou com seus pais. Quanto a esse eufemismo, que nas versões inglesas aparece como "dormiu com seus pais", ver as notas em I Reis 1.21. A Jeoacaz foi dado um sepultamento decente e honroso em Samaria, capital do reino do norte, Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sepultamento, Costumes de.* Onri e seus descendentes, reis de Israel, foram sepultados em Samaria, que se tornou a capital do norte, depois que o reino do norte se separou de Judá, o reino do sul. No reino do sul, Jerusalém continuou sendo a capital.

Jeoás, filho de Jeoacaz, subiu ao trono de Israel. Sua história é narrada em II Reis 13.10-25.

Joás (Jeoás), Rei de Israel (13.10-25)

O autor sagrado apresentou *narrativas paralelas* das histórias dos reis de Israel e de Judá. Ele não alistou todos os reis de Israel para descrevê-los, para então seguir o mesmo procedimento com os reis de Judá. Antes, pulou para cá e para lá, do norte para o sul, seguindo uma ordem cronológica aproximada. Quanto a essa maneira de apresentar a história, ver as notas expositivas em I Reis 16.29. O autor sagrado não retorna aos reis do sul senão já em II Reis 14.1, onde dá início à história de Amazias, de Judá. No presente versículo, o começo do reinado de Jeoás é relacionado, cronologicamente, ao reinado de Joás, de Judá.

A *narrativa* sobre Jeoás começa com a introdução regular do autor e termina com a costumeira nota de obituário. Eliseu volta a participar da narrativa, a começar pelo versículo 14. Ele deu mais profecias de condenação contra Israel, descrevendo como a Síria continuaria a obter vitórias sobre Israel, onde as coisas iriam de mal a pior. Por enquanto, entretanto, Jeoás conseguiria fazer a maré voltar-se contra os sírios, obtendo três vitórias sobre eles (ver os vss. 22-25). Isso só ocorreu depois que o terrível Hazael morreu.

Nesta seção também temos a história incomum do *último milagre* de Eliseu, que teve lugar após a morte dele! (Ver o trecho de II Reis 13.20,21.) Quando certo homem morto tocou nos ossos de Eliseu, ressuscitou dos mortos.

13.10

No ano trinta e sete de Joás, rei de Judá. A nota, em II Reis 14.1, dá uma cronologia contraditória. Norman H. Snaith (*in loc.*) diz que o número deveria ser *trinta e nove.* Por outra parte, se Joás governou em parceria com seu pai por um par de anos, e então tornou-se o único rei, a diferença de dois anos estaria explicada. Ver os comentários sobre o primeiro versículo do presente capítulo.

"Quando Jeoacaz (uma variante do nome hebraico Joás) tomou as rédeas do poder em Israel, um rei de nome Joás governava em Judá... Jeoacaz começou a governar em Israel em 798 A. C., e serviu por um total de dezesseis anos, até 782 A. C. Entretanto, após cinco anos (em 793 A. C.), Jeroboão II, filho de Jeoacaz, começou a reinar como seu co-regente. O rei continuou as normas religiosas de seus antecessores e fez o que era mau aos olhos do Senhor" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

"Visto que seu pai começou a reinar no vigésimo terceiro ano de Joás, e reinou por dezessete anos (ver o vs. 1), esse rei deve ter começado a reinar no ano trinta e nove ou quarenta de Joás. Para reconciliar as notas, podemos supor que dois dos anos de seu reinado... foram passados como co-regente com seu pai... " (John Gill, *in loc.*).

13.11

Fez o que era mau perante o Senhor. *Os reis de Israel,* mesmo quando livres do *baalismo,* mediante a matança dos sacerdotes desse culto por Jeú, não abandonaram a adoração ao bezerro, em Dã e Betel, que Jeroboão havia estabelecido para manter em casa o povo do reino do norte, Israel. De outra sorte, eles estariam indo a Jerusalém, para adorarem no templo, e isso teria enfraquecido o norte, que se tinha separado de Judá, o reino do sul. Ver as notas sobre os vss. 2 e 6, onde a mesma explicação é dada no tocante aos atos dos outros reis. Ver I Reis 12.26 ss., quanto ao tipo especial da apostasia e da idolatria de Jeroboão. Ver também I Reis 15.3-5,26; 16.2 e II Reis 14.24.

13.12

Quanto aos demais atos de Jeoás. Ao que parece, não havia muita coisa a contar sobre Jeoás, pelo que o autor sagrado imediatamente acrescenta suas observações finais, incluindo a nota padrão de obituário. Quanto a essa nota, ver I Reis 1.21 e 16.5,6. Ver também o oitavo versículo do presente capítulo.

Alguns detalhes sobre ele seguem-se no presente capítulo, visto que ele esteve envolvido com Eliseu, sua enfermidade e morte, e teve algum sucesso na batalha contra os sírios (vss. 22-25). Ver os detalhes no capítulo 15 de II Crônicas nas suas guerras contra Amazias, rei de Judá. Ver II Reis 14.15,16, onde são repetidas as palavras finais e o obituário. As repetições sugerem um trabalho de edição e um arranjo um tanto desajeitado de materiais, quando o autor sagrado lutava para reunir suas fontes informativas em uma boa ordem. Talvez essa ordem fosse devida ao trabalho de algum editor posterior.

13.13

Descansou Jeoás com seus pais. A costumeira *nota de obituário* é encontrada em I Reis 1.21 e 16.2. E é repetida em II Reis 14.16. Juntamente com todos os reis do reino do norte, de Onri em diante, Jeoás foi sepultado em Samaria, capital do reino do norte. Ver os meus comentários no versículo nono deste capítulo, quanto a detalhes. *Jeroboão II,* seu filho, tornou-se o novo rei, conforme também ficamos sabendo em II Reis 14.16. Seu reinado foi brevemente descrito em II Reis 14.23-29. Kimchi e outros intérpretes hebreus dizem-nos que Jeroboão II reinou como co-regente, com seu pai, por um ano, antes de tornar-se o único rei. Ver Seder Olam Rabba, cap. 19. Alguns intérpretes modernos, contudo, calculam que essa co-regência tenha perdurado por onze anos, e não por apenas um ano.

Morte e Sepultamento de Eliseu (13.14-19)

Esse profeta de Yahweh morreu no tempo de Jeoás. Portanto, a história de Eliseu termina aqui; e, além disso, obtemos mais alguns detalhes sobre o governo desse monarca de Israel. Eliseu, que havia recebido uma dupla porção do Espírito de Elias, e que realizou mais ou menos o dobro do número de milagres dele (ver II Reis 2.9 e o gráfico que há nas proximidades), não poderia perdurar para sempre, mas tinha seu dia divinamente determinado para morrer. Sua missão foi realizada de maneira esplêndida, e dela ele não tinha razão alguma para lamentar-se.

"Encontramos aqui a cena do leito de morte de Eliseu, e do rei de Israel, que veio visitá-lo. O profeta, moribundo, tentou deixar um legado de vitórias para Israel, mas isso foi frustrado em parte pela ação tímida do rei" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

13.14

A enfermidade terminal de Eliseu mostrou que ele era um homem mortal, como qualquer outro. Ele tinha atingido o ciclo final de sua vida, aquele tempo lamentável quando um homem fica tão doente que não pode mais sobreviver, a despeito de medicamentos e de orações. Seu tempo de partir deste mundo havia chegado. Jeoás, rei de Israel, ao ouvir que o velho profeta estava prestes a fazer a transição para a outra vida, foi visitá-lo, movido pelo respeito. Ele tinha sido uma pessoa extraordinária, merecedora da atenção de todos, bem como das suas congratulações, porquanto ele fez o que precisava fazer, e tudo sem o menor reparo.

É curioso que Jeoás tenha repetido aqui as mesmas palavras que o próprio Eliseu havia falado, ao testificar a translação de Elias, através da carruagem de fogo. Ver II Reis 2.12 quanto a notas expositivas completas. Podemos compreender que a própria morte falou *figuradamente,* mediante referências ao Senhor e às suas carruagens de fogo, que vêm receber a alma. Talvez, naquele momento, Jeoás houvesse tido alguma espécie de visão ou alguma outra experiência mística que tenha provocado suas exclamações. Outros explicam que Eliseu tinha feito aquela exclamação por ocasião da partida de Elias, e Jeoás simplesmente a repetiu, sabendo que o idoso profeta estava preparado para a partida *dele.*

Foi uma Cena de Lágrimas. Embora o rei não tivesse abandonado a sua idolatria, ele havia incorporado Yahweh em seu sistema eclético, pelo que Jeoás não foi uma perda total.

13.15,16

Então lhe disse Eliseu. *O Ritual Profético.* Embora estivesse morrendo, o idoso profeta ainda podia perceber o futuro. Israel teria algum alívio dos assédios dos sírios, e Jeoás seria o instrumento que conseguiria isso. Foi-lhe, pois, ordenado ferir o chão com *flechas da vitória.* As flechas do livramento de Israel foram atiradas. O rei precisou prover o material: o arco e as flechas (vs. 15). Mas ele precisava da ajuda do profeta, que pôs suas mãos a fim de cooperar e ajudar as mãos do rei (vs. 16). O ritual era *simbólico.* O rei teve de prover a força; mas ele também contava com a bênção divina, através do profeta, o qual tinha poder com Yahweh, que controla todas as coisas.

"O arco armado e a flecha atirada na direção do oriente estão em acordo com aquelas idéias de *simbolismo eficaz,* comuns às narrativas populares. Esse incidente particular foi similar ao ato de Josué estender sua lança na direção da cidade de A. (ver Josué 8.18). O arco entesado foi considerado a *movimentação*

real das carruagens do Senhor em sua tarefa de livrar Israel do domínio da Síria" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Eliseu estava enfermo, mas não tão enfermo que seu poder não pudesse realizar mais um feito em favor de Israel. A vida de Eliseu tinha vindicado suas palavras, e mais um ato de poder miraculoso seria adicionado ao grande acúmulo de milagres que já havia. Tomando o arco em suas mãos, o rei, simbolicamente, tornou-se o instrumento de Yahweh para a vitória antecipada. O que ele fez assumiu um caráter profético por estar sendo dirigido pelo idoso profeta Eliseu.

13.17

Abre a janela para o oriente. Era a janela que dava para a parte oriental da casa, o lugar onde o sol nasce no firmamento, onde o poder de Deus se manifesta pela manhã. O sol estava prestes a levantar-se para o bem de Israel, embora escondendo-se por trás do horizonte estivesse o *cativeiro assírio* (ver no *Dicionário*), que viria do norte. Provavelmente Eliseu gostaria de ter parado aquele poder por algum tiro simbólico de uma flecha, mas essa tarefa estava além de seu poder, e fora da vontade de Yahweh. Passar-se-iam ainda setenta anos antes que aquele evento tivesse lugar, pelo que, nesse interim, Israel poderia ter algum descanso de seus inimigos.

Damasco, capital da Síria, ficava na direção nordeste, pelo que atirar flechas na direção leste não correspondia exatamente àquela direção. Mas o que importava era o leste, e o simbolismo envolvido nisso. Naturalmente, Israel precisava de vitória no oriente, isto é, na Transjordânia, que a Síria já havia conquistado. Ver II Reis 10.33, para a conquista síria daquela região. Sem dúvida, essa era uma das razões pelas quais as flechas foram atiradas na direção do oriente. O atirar das flechas era uma declaração de guerra.

Em Afeque. Ver a respeito desse lugar no *Dicionário*. O aniquilamento das forças sírias enviadas para a batalha foi prometido, mas não do exército sírio inteiro, que nunca sofreu tal aniquilamento. Israel teria um alívio temporário, e não uma vitória total. Somente os assírios abateriam, realmente, os sírios. Afeque ficava na Transjordânia. Cf. I Reis 20.30.

13.18

Toma as flechas. *Outra Parte do Ritual Simbólico.* Além de atirar as flechas, ao rei Jeoás foi ordenado ferir a terra *com flechas*. Supomos que elas tenham sido atiradas contra o solo, a fim de nele penetrarem, e ficarem ali fincadas, na direção vertical. Assim como as flechas se enterrariam no solo, os corpos dos soldados sírios seriam transpassados, e haveria uma tremenda matança. Cada flecha assim atirada simbolizaria uma vitória. O tímido rei Jeoás, não compreendendo o sentido da cerimônia do atirar das flechas, atirou somente três flechas, garantindo assim somente três vitórias.

Atira contra a terra. O rei saiu para fora da casa de Eliseu para realizar o ritual das flechas. Mas alguns pensam que ele atirou as flechas contra o chão de barro batido da casa de Eliseu.

13.19

Então o homem de Deus se indignou muito contra ele. *Embora doente da doença que o matou,* o idoso profeta ainda teve energia suficiente para ficar muito indignado contra o rei Jeoás, por ter o monarca ferido o chão com apenas três flechas. Jeoás, pois, havia *limitado* o triunfo de Israel por sua visão fraca. Naturalmente, ele ignorava como o ritual deveria funcionar, mas a ignorância usualmente está por trás de uma visão limitada. Nossa primeira incumbência é *saber,* e a segunda é *agir*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. As duas grandes colunas da espiritualidade são o conhecimento e o amor. Os intérpretes têm visto a realização fraca do rei Jeoás como resultante de um caráter vacilante. Todos nós, seres humanos, estamos sujeitos a esse mesmo tipo de fraqueza. Em toda vida há um cumprimento parcial "daquilo que podena ter sido". Há em nós a mistura da fraqueza e da fortaleza, do que é vital e do que é trivial.

De todas as palavras tristes,
Da língua ou da pena,
As mais tristes de todas são estas:
Poderia ter sido.

(John Greenleaf Whittier)

Em tudo isso, somente o poder de Deus pode cumprir em nós o que Deus tenciona para nós.

A sorte se lança no regaço,
mas do Senhor procede toda decisão.

(Provérbios 16.33)

Último e Póstumo Milagre de Eliseu (13.20,21)

Eliseu foi um homem que recebeu dupla porção do Espírito de Elias, e realizou o dobro dos milagres dele. Ver sobre II Reis 2.9 e o gráfico por perto daquelas notas, como ilustração. O idoso profeta Eliseu tinha terminado seu curso, e seguiu pelo caminho de toda a carne, mas seus *ossos* ainda tinham o poder de operar milagres. Uma ressurreição foi efetuada mediante o mero toque desses ossos.

13.20

Morreu Eliseu, e o sepultaram. O fim de Eliseu foi narrado de maneira bem simples. O idoso profeta, de carreira tão ilustre, morreu e recebeu um sepultamento honroso. Sem dúvida, algum elogio apropriado foi proferido, mas o autor sacro não se deu ao trabalho de contar essa parte. Também é indubitável que tenha havido grande lamentação por toda a terra de Israel. Um grande homem havia tombado em Israel. Mas o autor sagrado não se importou em contar sobre isso. Ele deixa-nos apenas o conhecimento de que tudo estava bem com Eliseu; tudo estava bem com a sua alma.

Quando a paz, como um raio, acompanha o meu caminho,
Quando rolam as tristezas, como ondas do mar,
Sem importar qual a minha sorte, tens-me ensinado
a dizer:
Está tudo bem; está tudo bem com a minha alma.

(H. G. Spafford)

As tradições judaicas dizem-nos que Eliseu foi sepultado no monte Carmelo, no sepulcro de Elias, e que ele morreu no décimo ano do reinado de Jeoás. Sua carreira como profeta, ao que parece, estendeu-se por sessenta anos! Não se sabe qual a sua idade quando morreu, mas ele deve ter chegado muito acima dos oitenta anos.

As Molestações dos Moabitas. "À entrada do ano", isto é, por ocasião da primavera, hordas de moabitas armados costumavam invadir Israel. Esses assédios não eram feitos com grandes exércitos. Antes, eram feitos por bandos armados. Alguns estudiosos dizem que devemos pensar aqui no outono, o tempo da colheita, e não na primavera, porque era então que os moabitas teriam aproveitado o máximo com seus ataques, levando os frutos da terra. Eles tiravam vantagens das condições debilitadas de Israel, e sempre ansiavam por tirar vingança, porque o país deles fora devastado por Israel (ver II Reis 3.26). Cf. II Reis 5.2 quanto aos bandos de saqueadores.

A história do ataque dos moabitas nos foi narrada porque aqueles homens ímpios interromperam o sepultamento de um homem, subseqüente ao sepultamento de Eliseu (algum tempo depois, onde o elemento não foi definido pelo autor sagrado). A história desse sepultamento nos é dada no versículo seguinte, o vs. 21, que assim registra o milagre da *ressurreição* de um homem morto, o derradeiro milagre de Eliseu, realizado postumamente.

13.21

O homem morto estava sendo sepultado perto do sepulcro de Eliseu. O costume oriental era usualmente escavar um buraco em uma colina, no chão de terra ou em uma rocha, e assim fazer uma espécie de perfuração onde o corpo pudesse ser sepultado. O lugar era então coberto com uma pedra. Não se usava nenhum esquife de defunto, mas o corpo era envolto em mortalhas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sepultamento, Costumes de*. Naturalmente, havia sepulcros em lugares mais planos, e presumivelmente o povo sepultava seus mortos no chão de terra ou em rochas. No tempo dos gregos e dos romanos, o costume era sepultar simplesmente no chão de terra ou em lugares rochosos, e os judeus geralmente seguiam esse costume, embora túmulos abertos nas rochas continuassem muito comuns.

Em sua pressa por escaparem aos assaltantes moabitas, os homens largaram o cadáver do homem morto no túmulo de Eliseu. Eles cuidariam melhor do sepultamento mais tarde. Quando o cadáver tocou nos ossos do grande profeta, foi reanimado! "A idéia de que os ossos dos mortos retêm, pelo menos durante algum tempo, o poder sobrenatural que o morto tivera em vida, era comum entre os povos primitivos. Essas crenças sobrevivem na veneração que é dada aos ossos dos santos, que são guardados por algumas organizações religiosas como *santas relíquias*" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Quanto a uma completa discussão sobre os *milagres*, procurar no *Dicionário* o artigo que tem esse título. Talvez o milagre do texto tenha servido de garantia para Jeoás de que ele teria sucesso nas batalhas contra os sírios, conforme Eliseu prometera quando ainda estava vivo.

Metáfora. Homens *mortos* (pelo pecado) são ressuscitados quando entram em contato com os livros, com os ensinos e com a reputação de homens espiritu-

ais que, embora já tenham morrido, vivem contudo através das contribuições que fizeram. Mas o Cristo ressurreto é aquele que realmente faz reviver os homens espiritualmente mortos. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Ressurreição* e *Ressurreição de Jesus Cristo*.

A Maré Vira Temporariamente (13.22-25)

De acordo com as profecias de Eliseu, Jeoás obteria algumas vitórias contra os sírios. Ver II Reis 13.14-19. Mas Israel marcharia na direção do *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*), agora cada vez mais próximo.

13.22

Hazael, rei da Síria. O grande *chicote*, Hazael, continuou a assediar a Israel com incrível zelo e persistência. Elias havia predito que ele faria exatamente isso (ver I Reis 19.17), e esse assédio foi confirmado com maiores detalhes por Eliseu (ver o capítulo oitavo de II Reis). Hazael era o instrumento divino que castigaria a apostatada nação de Israel, mas o reino do norte estava fora de alcance. A narrativa agora retorna ao versículo terceiro.

13.23

Por amor da aliança com Abraão, Isaque e Jacó. O *Pacto Abraâmico* (ver as notas expositivas completas a respeito em Gênesis 15.18) foi a principal razão por trás do fato de o reino do norte ter tido algum alívio em face dos assédios da Síria. Ali havia misericórdia e vida, até mesmo para a apostatada nação de Israel. Os filhos de Israel eram descendentes de Abraão, e a misericórdia divina os favorecia. Por outro lado, Deus pode levantar filhos de Abraão das rochas (ver Mateus 3.9), pelo que aquela síndrome do pecado-julgamento-destruição foi apenas temporariamente interrompida pelas três vitórias de Jeoás sobre os estrangeiros sírios. Mas a misericórdia divina só entraria em operação quando morresse o poderoso guerreiro-matador, Hazael. Nenhum louco equivalente a ele assumiria o trono da Síria, e isso daria a Israel uma vantagem (ver os vss. 23 e 24).

13.24

Morreu Hazael, rei da Síria. Isso aconteceu em 801 A. C. Ao que tudo indica, ele morreu de morte natural. A morte dele diminuiu o ímpeto da *máquina de matar síria* por tempo razoável para dar a Jeoás suas três vitórias e à nação de Israel algum alívio. Esse alívio, infelizmente, não deveria perdurar por longo tempo. Ben-Hadade III tomou-se rei da Síria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ben-Hadade*, quanto aos três homens que tiveram esse nome e que foram reis da Síria. Hazael era um usurpador e não pertencia à família real da Síria, mas o título real, "Ben-Hadade", foi retido para designar seu filho. Seu reinado sincronizou-se com o reinado de Samas-Rimom, da Assíria, que não fez nenhuma expedição armada contra o Ocidente (825-812 A. C.). Esse homem não foi mencionado nas inscrições assírias, pelo menos até onde a arqueologia nos mostre.

13.25

Joás... retomou as cidades das mãos de Ben-Hadade. *Sucessos.* Jeoás foi capaz de retomar várias cidades que Jeoacaz perdeu para os sírios. Ver II Reis 10.33. As perdas tinham sido sofridas na Transjordânia, pelo que Israel recuperou a porção oriental de seu reino. Afeque ver o versículo 17 deste capítulo sem dúvida foi uma das cidades a ser recuperada. As profecias finais de Eliseu foram assim cumpridas (ver II Reis 13.14-19). Mas a antiga síndrome do pecado-julgamento-destruição voltaria para julgar a apostatada nação de Israel.

Capítulo Catorze

Amazias, Rei de Judá (14.1-22)

Empregando seu método de apresentação de *relatos paralelos*, o autor sagrado agora retorna a Judá, depois de ter passado tempo considerável falando sobre os reis de Israel (capítulo 13 de II Reis). O autor sagrado não relatou primeiramente suas histórias sobre os reis de Israel, para depois contar histórias sobre os reis de Judá. Pelo contrário, ele pulava para cá e para lá, do norte para o sul, seguindo uma ordem cronológica aproximada. Ver sobre esse modo de apresentação em I Reis 16.29.

Amazias, Rei de Judá. Como a maioria dos reis de Judá e de Israel, ele foi em parte obediente e em parte omisso. Mostrou-se leal para com Yahweh, mas não removeu os santuários locais que faziam competição com o templo de Jerusalém. Esses santuários locais (nos *lugares altos*, vs. 4) sempre tiveram uma tendência à idolatria, e algumas vezes foram completamente apostatados. Usualmente, em Judá, eles promoviam uma fé eclética, incorporando Yahweh no sistema de várias divindades. O povo comum amava esses santuários locais, e era quase impossível removê-los sem provocar uma guerra civil.

Para um rei, Amazias revelou-se por demais misericordioso, por demais tolerante, poupando filhos de assassinos. Essa era uma norma espiritual e tinha o apoio da legislação mosaica (vs. 6), mas politicamente foi um desastre, deixando elementos perturbadores no reino, para causarem dificuldades mais adiante. Ele mesmo terminou sendo assassinado (vs. 19), e sua leniência pode ter tido algo a ver com isso.

O resto da história de Acazias se parece muito com a história de outros reis: várias campanhas militares, matando e sendo morto. Ele venceu os edomitas, mas perdeu para o rei de Israel, Jeoás, que se tornou seu inimigo.

14.1,2

No segundo ano de Jeoás... começou a reinar Amazias. Quanto ao problema de cronologia que envolve o primeiro desses dois versículos, ver as notas expositivas em II Reis 13.10. O autor continuava sua norma de apresentar *narrativas paralelas*, comparando os reis de Israel com os de Judá, e saltando para cá e para lá, entre os dois reinos, acompanhando uma ordem cronológica aproximada. Ver as notas sobre esse método de apresentação em I Reis 16.29.

Amazias governou por vinte e nove anos. Tinha cerca de vinte e cinco anos quando começou a reinar (796-767 A. C.). Grande parte desse tempo ele foi co-regente com seu filho, Azarias, que governou de 790 a 767 A. C. As co-regências sempre perturbaram as informações dadas sob forma cronológica, o que deixa tão perplexos os cronologistas. Portanto, a informação dada aqui parece entrar em contradição com II Reis 14.2. Alguns intérpretes, porém, supõem um autêntico erro na cronologia, que a mera questão das co-regências não pode explicar: "O problema da sincronização dos reis dos dois reinos é extremamente difícil, visto que há uma discrepância de pelo menos vinte anos (e talvez até de vinte e três anos) entre o número total dos anos dos reis de Judá e o número total dos anos dos reis de Israel, durante o período que vai da subida ao trono de Jeú (841 A. C.) até a queda de Samaria (721 A. C.), onde o total de anos de Judá representa o resultado maior. Além disso, a questão é complicada pelos relatos assírios, que fazem os anos do reino de Judá vinte e cinco anos mais longos que em outros documentos" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Vários métodos têm sido experimentados para remover a discrepância, e o método favorito é aquele que envolve as co-regências. Talvez esse seja um modo correto de reconciliar os dados, mas talvez não. Os *céticos* gostam de encontrar problemas como esses para lançar o texto sagrado na dúvida. Os *ultraconservadores*, por sua vez, buscam harmonia a qualquer preço, mesmo à custa da verdade. Tais questões não têm grande importância para a fé religiosa, e é assim que as deveríamos ver. Não devemos esperar perfeição em nenhum livro que as mãos humanas tenham produzido ou tocado, e nem essas pequenas imperfeições detratam a mensagem espiritual.

Quanto a informações completas sobre *Amazias*, ver o artigo com esse nome no *Dicionário*.

14.3

Fez ele o que era reto perante o Senhor, ainda que não como seu pai Davi. *Obediência Parcial; Sucesso Parcial.* Amazias foi tão bom quanto seu pai, Joás, mas em relação a Davi ficou muito a dever-lhe. Pois Davi, embora tendo cometido crimes e falhas terríveis em seu registro, não tolerou nenhum tipo de idolatria. Sua lealdade para com Yahweh era feroz. Essa lealdade não foi nunca igualada pelos reis posteriores de Judá. A adoração, no templo de Jerusalém, mantinha um *yahwismo* puro, em concordância com os ditames da legislação mosaica, mas havia aqueles santuários locais que continuaram a corromper Judá (vs. 4). Ver I Reis 15.3 quanto a uma declaração similar sobre Davi, onde são oferecidas notas expositivas mais completas. Cf. II Crônicas 25.2. Joás, pai de Amazias, no começo agiu corretamente; mais tarde, porém, desintegrou-se perigosamente. Ele foi um contra-exemplo que Amazias seguiu pelo menos em parte, negligenciando o exemplo superior deixado por Davi.

14.4

Tão-somente os altos não se tiraram. Quanto aos *lugares altos*, ver o *Dicionário*; estes permaneceram populares diante do povo comum, incorporando sua fé eclética, com Yahweh e outras divindades, de modo que a centralização da fé no templo de Jerusalém foi debilitada. Este versículo é uma duplicação virtual de II Reis 12.3, que fala sobre Joás. As práticas de transigência continuavam operando nos dias de Amazias.

14.5,6

Vingança. Uma vez consolidada sua autoridade sobre o reino, Amazias fez justiça, tirando a vida dos assassinos de seu pai. Ver II Reis 12.20. Porém, em obediência à lei de Moisés (ver Deuteronômio 24.16), ele não matou os filhos dos ímpios assassinos. Isso o deixou potencialmente aberto para a retaliação dessas pessoas, mediante a lei do *vingador do sangue* (ver a respeito no *Dicionário*). Ao assim fazer, ele estava seguindo as leis mais nobres da legislação mosaica, e não os costumes do tempo, que exigiam total aniquilamento das famílias daqueles assassinos. Cf. as histórias de Acã (Josué 7.24-26) e de Nabote (II Reis 9.26), quando famílias inteiras foram mortas por causa dos pecados do pai dessas famílias. É perfeitamente possível que o próprio assassinato de Amazias, anos mais tarde, tenha sido possível devido à sua leniência (ver o vs. 19). Esse versículo deve ser contrastado com Êxodo 20.5, onde é dito que a iniqüidade dos pais seria *cobrada* sobre seus filhos. Ver Ezequiel 18.20, que concorda em espírito com Deuteronômio 24.16, e não com as idéias mais antigas do livro de Êxodo.

Desenvolvimento. Conforme o tempo vai passando, nossas idéias espirituais e morais e nossos ideais vão-se aprimorando, e, assim sendo, nossos conceitos do próprio Deus. A revelação e o crescimento espiritual são assinalados por avanços, alguns dos quais ocorrem gradualmente, e outros que ocorrem de súbito. De fato, a verdade é uma *aventura*, e não uma realização a ser efetuada de uma vez por todas.

14.7

Ele feriu dez mil edomitas no Vale do Sal. *Em Guerra Novamente.* Os reis de Israel e de Judá, como também todos os reis de outras nações, não tinham descanso. O coração deles não se sentia feliz se eles não tivessem alguma guerra em mente. Matar ou ser morto era uma atividade que não cessava. Assim sendo, Amazias combateu contra Edom e venceu, mas depois ele perderia na guerra contra o rei de Israel. O rei de Judá ficou inchado de orgulho devido à sua vitória contra os edomitas. Foi essa arrogância que o fez voltar-se contra Israel, e não alguma necessidade verdadeira ou alguma causa digna.

Tomou Sela. Ver notas expositivas completas sobre essa cidade, no *Dicionário*. O Vale do Sal geralmente tem sido considerado uma planície alagadiça ao sul do mar Vermelho. Sela (nome esse que significa "penhasco") é usualmente identificada com a cidade de *Petra* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Juízes 1.36 e Isaías 16.1. O trecho paralelo de II Crônicas 25.11,12 não faz nenhuma referência à cidade. Esse trecho fornece maiores detalhes da batalha de Amazias contra Edom. A queda de Sela foi seguida por grande massacre de cativos. Insensatamente, porém, Amazias levou os deuses de Edom para a terra de Judá, e esses ídolos tornaram-se uma armadilha para ele.

Jocteel. Amazias rebatizou a cidade de Sela, chamando-a por esse novo nome. Essa palavra significa "obediência a Deus". Talvez Amazias tenha pensado que Yahweh o havia inspirado a combater os edomitas, e recompensara a sua obediência com a vitória.

Os Edomitas. "Edom era um inimigo invencível (ver também II Crônicas 25.11,12). Outros adversários foram vencidos, mas Edom nunca. De Gênesis (25.30) até Malaquias (1.1-5) há um registro contínuo de hostilidades quase ininterruptas entre Israel e Edom. Não obstante, eles eram irmãos (de Jacó e Esaú)" (Raymond Calking, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Edom, Idumeus.* Seja como for, em uma única batalha as forças de Judá conseguiram matar dez mil soldados edomitas.

14.8

Então Amazias enviou mensageiros a Jeoás. Encorajado por seu sucesso contra Edom, e não tendo outra coisa para fazer, Amazias convidou Jeoás a entrar em luta armada. Ele disse literalmente: "Vem, vamos olhar um ao outro no rosto", uma curiosa maneira de convidar outro rei a um conflito armado. Quão tolo era o homem e quão barata ele considerava a vida humana! Tal guerra nada mais é do que assassínio em massa. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Guerra Justa, Critérios de uma.*

Alguma Justificação. Devemos lembrar que Judá fora submetido a pagar *tributos* a Israel desde os dias de Acabe, e que, em certas ocasiões eles foram reduzidos a uma quase vassalagem. Talvez Amazias tenha pensado em desfazer-se dessas algemas. Nesse caso, pois, ele tinha algum motivo para querer guerrear contra Jeoás, não se tratando de mera diversão. Conforme alguém disse: "Só luto pelo que é direito e pela diversão". Seja como for, Amazias, intoxicado por sua vitória recente contra Edom, estava disposto a atirar-se à guerra *novamente.* Ademais, Amazias tinha trazido ídolos de Edom a Judá, e chegara até a adorar esses ídolos. Ver II Crônicas 25.14,20. Yahweh usaria Israel para puni-lo por essa estupidez. Outra causa da guerra foi a recusa de Amazias de levar tropas de Israel para ajudá-lo contra Edom. Em retaliação, Israel havia atacado algumas cidades de Judá e tinha matado muita gente (ver II Crônicas 25.13). Isso estabeleceu o palco para a *vingança.*

Causas da Guerra. 1. luta por motivo de diversão; 2. arrogância; 3. vassalagem; 4. punição divina por causa de atos de idolatria; 5. vingança.

"Quero ver teu rosto", disse o *arrogante Amazias* a Jeoás, através de seus mensageiros. Em outras palavras: "Vamos guerrear um contra o outro". Ver as causas possíveis dessa guerra, discutidas nas notas acima. O rei de Judá foi encorajado por suas vitórias contra os edomitas, e ele pensava que deveria aproveitar a sorte para livrar Judá da vassalagem a Israel. Dessa maneira, acertaria as contas entre as duas nações. O rei de Israel também estava ansioso para lutar por motivo de vingança. Judá não tinha permitido que os da nação do norte saíssem contra os edomitas para obterem os usuais despojos de guerra (ver II Crônicas 25.13). Israel, ainda recentemente, tinha sofrido perdas para os sírios, e presumivelmente estava debilitado e podia ser mais facilmente derrotado. Judá estava pronto a fazer-lhe uma pequena surpresa. Josefo (*Antiq.* IX.9, par. 2) fala de cartas que foram trocadas entre os dois reis, preparando o caminho para a guerra.

14.9

A Parábola Zombeteira. O rei Jeoás, de Israel, zombou de Amazias com uma parábola, e Amazias deveria ter dado ouvidos a ela. Jeoás comparou Amazias a um cardo que enviou recado a um poderoso cedro do Líbano (o rei Jeoás), pedindo-lhe a filha em casamento. Mas as feras do Líbano estavam passando e pisaram o humilde cardo. Com isso, o rei de Israel previu uma grande derrota para Judá, o qual tinha sido tão arrogante como um cardo por tentar misturar-se por casamento com os esplêndidos cedros do Líbano. Os pequenos cardos que tivessem a empáfia de se fazerem iguais aos cedros só podiam mesmo sofrer vergonha e destruição no fim. As "feras" representavam a força militar de Israel que, embora debilitada pela Síria, ainda assim tinha força suficiente para derrotar a humilde nação de Judá

14.10

Gloria-te disso e fica em casa. Edom havia sido derrotado por Amazias e suas forças, e isso era suficiente para ele ficar contente. O rei de Judá deveria "ficar em casa", feliz com o que tinha conseguido, e esquecer seu desejo gananciioso por mais. Mas a arrogância não deixaria Amazias em paz.

> *A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.*
>
> (Provérbios 16.18)

> *Orgulho, Inveja, Avareza — essas são as fagulhas Que incendeiam o coração dos homens.*
>
> (Dante, Inferno)

> *A guerra é filha do orgulho; e o orgulho é Filho das riquezas.*
>
> (Jonathan Swift)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Orgulho.*

"O orgulho estava no fundo da mensagem enviada ao rei de Israel, e isso acontece antes de uma queda" (John Gill, *in loc.*).

14.11

Mas Amazias não quis atendê-lo. A *batalha* era inevitável, pois Amazias era destituído de bom senso. Portanto, o rei de Israel preparou-se rapidamente, e a batalha ocorreu em *Bete-Semes* (ver a respeito no *Dicionário*). Esse lugar pertencia a Judá, pelo que a batalha se deu no território de Judá. Talvez as forças de Israel estivessem dirigindo-se a Jerusalém, mas encontraram resistência a cerca de vinte e quatro quilômetros para sudoeste. Embora enfraquecidas pela longa jornada (cerca de oitenta quilômetros de Samaria), as tropas de Israel ainda assim mostraram-se fortes o suficiente para derrotarem as tropas de Judá.

14.12

Judá foi derrotado... e fugiu cada um para sua casa. O *resultado* da batalha foi uma rápida derrota para Judá, cujos detalhes o autor não se importou em relatar. O exército de Amazias foi facilmente desmantelado; e os soldados

judaítas, aterrorizados, fugiram para suas tendas, isto é, os poucos que sobreviveram. Cf. II Reis 8.21.

No original hebraico temos a palavra "tenda" que aqui é traduzida por "casa". Essa palavra hebraica é uma expressão que vinha das experiências no deserto, quando Israel vivia nômade, em estruturas temporárias. Agora eles tinham casas feitas de pedras ou de tijolos, mas a antiga palavra "tenda" significava mesmo "casa", o que explica a nossa versão portuguesa. Josefo diz-nos que súbito temor e consternação se apossaram do exército de Judá, antes mesmo da chegada das tropas de Israel, o que significa que foram derrotados desde o começo. Ver *Antiq.* 1.9. cap. 9, sec. 3.

14.13

Joás, rei de Israel, prendeu Amazias, rei de Judá, filho de Joás, filho de Acazias. Quanto ao nome "Joás", no começo deste versículo, devemos entender "Jeoás". É evidente que temos aqui um erro de algum revisor moderno.

O Ataque a Jerusalém. O rei Amazias tinha ido pessoalmente testemunhar a "sua vitória" sobre as tropas de Israel. Mas, ao contrário, ele sofreu uma miserável derrota e foi feito prisioneiro. Enraivecidas, as tropas de Israel foram a Jerusalém para lançar a confusão ali. Em primeiro lugar derrubaram grande parte das muralhas, cerca de duzentos metros, o que lhes deu fácil acesso à cidade. As tropas dali ofereceram pouca ou nenhuma resistência, pelo que as tropas da nação do norte, Israel, tiveram plena liberdade de matar e saquear sem misericórdia, embora Judá fosse composta de "irmãos".

Desde a Porta de Efraim até a Porta da Esquina. Ou seja, a parte norte da cidade, visto que essa era a parte da cidade que dava frente para o território de Efraim. A porta de Efraim adquirira seu nome devido a essa circunstância. A porta da Esquina, até onde foi a demolição das muralhas, juntava as muralhas norte e oriental. Naquele ponto havia o portão de Naftali. Foi assim que o rei de Israel deu evidências abundantes de seu poder, deixando sem defesa a cidade mais fortificada de Judá, ou seja, sua própria capital.

14.14

E voltou para Samaria. Isso depois do *saque* e de *muitas mortes*. As tropas de Israel entraram triunfalmente em Jerusalém, através da imensa brecha feita nas muralhas (ver o versículo anterior), e assim houve a fúria de matar e de saquear. Todos os tesouros do templo foram tomados; e também foram feitos reféns. Podemos imaginar que os cativos eram os principais oficiais militares e civis de Judá. Isso deixou Judá, essencialmente, sem liderança. O rei já tinha sido feito prisioneiro (vs. 13). Judá ficou assim reduzido a total impotência. Talvez alguns membros da família real também estivessem entre os cativos.

O leitor deve reconhecer, nesse ato insensato de Amazias, um quadro em miniatura do que acontece no mundo moderno, onde as nações se dão licença à guerra e ao ódio, ao passo que a mera *existência* depende da compreensão e da cooperação mútua.

Ao que tudo indica, uma vez reduzido a quase nada, Amazias foi libertado para reinar em seu reino grandemente reduzido. O rei de Israel resolveu não lhe tirar a vida; mas deixou-o humilhado. E Amazias nunca mais seria uma ameaça para ninguém. Talvez Jeoás tenha ficado com alguns dos reféns, para garantir o bom comportamento de Amazias.

É possível também que, quando Amazias foi aprisionado, seu filho, *Azarias*, se tenha feito rei em Jerusalém, e ele pode ter continuado a agir como co-regente, quando seu pai foi solto. O tempo era cerca de 790 A. C. Ver o versículo 21 deste capítulo.

Morte de Jeoás, Rei de Israel (14.15,16)

"Essa é a nota formal e deuteronômica da morte do rei de Israel. Está fora de lugar aqui. Ver a exegese de II Reis 13.10-13" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver a exposição sobre II Reis 13.12 quanto ao arranjo esquisito do material, que quebra o fluxo cronológico. Note-se também que *Jeoacaz* e *Joás* são formas variantes do hebraico, para designar a mesma pessoa. As versões portuguesas nos dão também *Jeoás*, como outra forma possível do nome Joás.

14.15,16

Estes versículos são uma duplicação virtual do trecho de II Reis 13.12,13, onde anotei as informações dadas. O autor sacro lançou mão de várias fontes informativas. Essas várias fontes, ao que parece, tinham sumários parecidos sobre o reinado e a morte de Jeoás, e o autor-compilador não foi cuidadoso em eliminar a repetição quando juntou as fontes informativas para formar uma narrativa contínua. Quanto a uma narrativa mais longa sobre a guerra entre Jeoás e Amazias, ver o trecho paralelo, o capítulo 25 de II Crônicas.

Morte de Amazias, Rei de Judá (14.17-22)

Seguindo seu modo de apresentação de *narrativas paralelas* (ver as notas expositivas em I Reis 16.29), o autor sacro salta agora de volta a Judá e ao seu rei, Amazias, depois de ter-nos relatado a morte de Jeoás, rei de Israel.

Amazias havia sido libertado pelo rei de Israel (embora não sejamos especificamente informados quanto a isso) e continuou em Judá, humilde e comportado. Mas em breve seria assassinado por seus próprios oficiais. Viveu ainda quinze anos após a morte de seu adversário, o rei de Israel, Jeoás.

14.17

Amazias, filho de Joás, rei de Judá. *Talvez* tenha servido de consolo a Amazias viver quinze anos depois da morte de seu adversário, Jeoás, rei de Israel. Jeoás havia humilhado miseravelmente Amazias, e tinha saqueado Jerusalém. Mas o propósito do autor sagrado, ao fornecer-nos essa nota, foi simplesmente manter-nos informados sobre como se comparavam os reinados dos reis do norte com os reinados dos reis do sul. Lembremos que o autor sacro apresentou seus relatos paralelos em uma ordem cronológica aproximada.

A nota usual de obituário (anotada em I Reis 1.21) foi modificada, no caso de Amazias, a fim de dar-nos uma narrativa sobre o seu assassinato.

Amazias reinou como contemporâneo de Jeoás por catorze anos, e viveu mais quinze anos, após a morte daquele, perfazendo um total de vinte e nove anos de reinado, conforme foi dito no segundo versículo. Ao que parece, Jeoás morreu pouco depois de sua vitória sobre Amazias.

14.18

Ora, os mais dos atos de Amazias... no livro da história dos reis de Judá? Temos aqui a menção costumeira às *obras informativas* sobre as histórias dos reis. Comentei essa informação (dada no caso de quase todos os reis) em I Reis 14.19.

14.19

Conspiraram contra ele em Jerusalém. *A Conspiração.* O rei Amazias não fizera um trabalho muito bom, se julgarmos através do que fazia os reis serem grandes. O que os tornava grandes era o heroísmo militar: vencer guerras e tomar despojos. Além disso, o autor sagrado estava sempre interessado na condição espiritual dos reis de Israel e de Judá. Amazias também não se destacou nesse campo. A princípio, permaneceu ao lado do *yahwismo* e da legislação mosaica, mas não eliminou os santuários locais (ver II Reis 14.3,4). Mas depois ele se desintegrou religiosamente. Ganhou batalhas contra Edom, mas então, estupidamente, trouxe os ídolos edomitas para sua capital, e fez deles objetos de adoração (ver II Crônicas 25.14,20). Assim sendo, quanto a todos os pontos importantes, ele não foi um grande rei. Foi natural, pois, que tivesse terminado sua carreira assassinado. O "eles" subentendido no verbo "conspiraram", que há no texto sagrado, indica que seus principais auxiliares, incluindo subordinados militares e civis de maior confiança, foram os conspiradores. Provavelmente os "reféns" (ver o vs. 14 deste capítulo) tomados pelo rei Jeoás, de Israel, incluíssem filhos de nobres, os quais teriam uma razão especial para odiarem o rei Amazias, pois sua guerra estúpida contra Israel tinha prejudicado o país inteiro e, especificamente, suas famílias.

Fugiu para Laquis. É possível que o rei de Judá estivesse fugindo na direção do Egito. Ele tinha ouvido falar sobre a conspiração e estava fugindo para escapar com vida. Mas seus inimigos o alcançaram em Laquis, cerca de quarenta e oito quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Ali, não longe de casa, ele foi morto. O autor sacro poupa-nos dos detalhes, sem nos dizer "como" isso sucedeu. Josefo diz-nos "de maneira particular", isto é, não publicamente, mas em algum ambiente fechado, provavelmente com um punhal ou com uma espada (*Antiq.* 1.9, cap. 9, sec. 3). Foi assim que se somou outro *assassinato* à lista interminável na história dos reis de Israel e Judá.

14.20

Trouxeram-no sobre cavalos. O cadáver do rei Amazias foi trazido de volta a Jerusalém, sobre cavalos; mas seu espírito subiu para Deus, que o dera (ver Eclesiastes 12.7). Na verdade, o rei Amazias continuou a sua *vida*, enquanto seu corpo apodrecia no túmulo. A Amazias foram conferidas as honras devidas a um rei de Judá, sepultado nos túmulos dos reis, juntamente "com seus pais".

Na cidade de Davi. Neste caso, em Jerusalém. Davi foi o primeiro governante de Israel naquele lugar; ele foi sepultado ali, e depois foram sepultados os demais

reis de Judá, que viveram após ele. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sepultamento, Costumes de.*

A morte tem mil portas que deixam a vida sair;
Acharei uma delas.

(Philip Massinger)

14.21

Uzias. O novo rei foi *Uzias* (ver a respeito no *Dicionário*), que começou a reinar com somente dezesseis anos de idade. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Rei, Realeza* e *Reino de Judá,* quanto a detalhes sobre os reis, seus tempos de reinado e sumários de seus labores, guerras e estado espiritual de cada um deles. O relato paralelo (II Crônicas 26.1), na maioria das versões, é o trecho que contém a forma "Uzias", enquanto aparece neste presente versículo seu outro nome, *Azarias.* Essa variante deriva-se da omissão de uma única letra (consoante) e de diferentes sinais vocálicos no hebraico. A língua hebraica, em sua forma escrita, não continha as vogais. Ver os artigos no *Dicionário* intitulados *Hebraico* e *Manuscritos do Antigo Testamento.* Ver também II Reis 15.1 quanto ao problema cronológico que envolve o nome de Azarias ou Uzias. Ele começou a reinar em cerca de 767 A. C., isto é, quando começou a reinar sozinho. Talvez parte de seu tempo como rei ele tenha passado em co-regência com seu pai, desde que seu pai fora feito prisioneiro pelo rei de Israel, por algum tempo (não especificado). Na ausência de seu pai, o jovem rei já estava governando.

14.22

Ele edificou Elate. O autor sagrado estava com pressa de contar como Uzias edificou *Elate,* portanto relatou primeiro esse feito. E só começou sua narrativa sobre Uzias em II Reis 15.1 ss., pelo que, por assim dizer, pôs uma importante informação na frente de seu relato. Primeiramente ele narra as questões sobre Jeroboão II, de Israel, para depois retomar a Uzias. Mas a estranha posição deste versículo, no entanto, pode dever-se a um manuseio desajeitado dos materiais informativos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Elate.* Modernamente, essa cidade chama-se Ácaba, localizada no fundo do braço nordeste do mar Vermelho. Uzias capturou a cidade, edificou-a e fortificou-a, transformando-a em um porto para o comércio marítimo com o Oriente, o que, naturalmente, incluiu Ofir e toda a região em derredor. O porto pertencia a Edom (ver Deuteronômio 2.8; I Reis 9.26). Davi, provavelmente, conquistou a cidade no ponto culminante de seu reinado, e Judá anexou-a a seu território nos dias de Davi e Salomão. Ver II Samuel 8.14; I Reis 9.26 e II Crônicas 8.17. Quanto a maiores detalhes a respeito, ver aquele artigo. Foi assim que Uzias renovou, até certo ponto, o comércio marítimo que fora tão importante e lucrativo nos dias de Salomão. Israel era um povo que vivia à beira-mar, mas não era um povo voltado para o mar. Apenas ocasionalmente o povo de Israel desenvolveu o comércio marítimo, e sempre com a ajuda de estrangeiros. Israel não tinha a ciência necessária para atirar-se a essa aventura sozinho.

Jeroboão II, Rei de Israel (14.23-29)

Em consonância com sua norma de apresentar *relatos paralelos,* o autor sagrado agora nos leva de volta a Israel. Ele não apresentou primeiramente a lista dos reis de Israel, com a descrição dos seus governos, para depois dar a lista dos reis de Judá, com a descrição dos seus governos. Pelo contrário, saltava para cá e para lá, entre Israel e Judá, apresentando os relatos em uma ordem cronológica aproximada. Sobre essa prática, ver as notas expositivas sobre I Reis 16.29. Em II Reis 15.1 ss., o autor sacro retorna a Judá e ao rei Uzias.

Jeroboão II foi um dos mais bem-sucedidos reis de Israel, se usarmos o critério do sucesso militar e da extensão de territórios. Espiritualmente falando, porém, ele foi apenas outro desastre na história de Israel. Ele tirou vantagem da fraqueza da Síria-Damasco, depois de Adade-Nirari III, da Assíria, tê-la subjugado, em 805 A. C. Ele estendeu seu território até o extremo norte, chegando à tradicional fronteira nortista, ou sejar, a entrada de Hamate, o limite norte do reino de Salomão (I Reis 8.65). O mar de Arabá é o mar Morto, sendo Arabá a depressão que se estende do vale do Jordão ao mar Morto. Outra parte dessa mesma depressão aparece na África Oriental, no lago Tanganica e no vale da Fissura. Quanto a informações completas, ver o artigo sobre *Jeroboão II,* no *Dicionário.* Ver o *Pacto Abraâmico,* em Gênesis 15.18 que inclui informações sobre as *fronteiras ideais* de Israel, conforme lhe foram prometidas. O ideal até hoje não se concretizou, mas Salomão e Jeroboão II andaram perto desse alvo.

14.23

No décimo quinto ano de Amazias... começou a reinar em Samaria Jeroboão. *Relatos Paralelos.* O autor sagrado, como lhe era usual, comparou o começo do reinado do rei Jeroboão II com a cronologia do reino de Judá, contemporâneo dele. Quanto a esse modo de apresentação ver as notas em I Reis 16.29. Jeroboão II começou a reinar no décimo quinto ano do reinado de Amazias, rei de Judá. Ele nos falará sobre o reinado desse homem em II Reis 15.1 ss. Jeroboão II tinha servido como co-regente com seu pai, Jeoás, de 793 a 782 A. C. O décimo quinto ano de Amazias marcou o primeiro ano do reinado exclusivo de Jeroboão II, em cerca de 782 A. C. Jeroboão II reinou por longo tempo, nada menos de quarenta e um anos (793-753 A. C.), que foi mais tempo do que o reinado de qualquer outro rei de Israel. Trinta anos após o fim do reinado de seu filho, Zacarias (que estava no trono fazia apenas seis meses), o reino do norte (Israel) deixou de existir como nação, por meio do *cativeiro assírio* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Portanto, Jeroboão II nos levou quase ao fim do reino de Israel.

Jeroboão II reteve Samaria como a sua capital, a qual fora a capital de Israel desde os tempos de Onri.

14.24

Fez o que era mau perante o Senhor. *Espiritualmente falando,* Jeroboão II foi apenas mais um desastre na história de Israel. Ele tolerou e participou das formas usuais (e variegadas) de idolatria que fizeram a nação de Israel apostatar. Seguiu o mau exemplo de Jeroboão I, que se tornou o padrão para avaliar a natureza dos reis de Israel. Esse homem tanto pecou como levou Israel a pecar, obrigando a nação a seguir o seu mau exemplo, e promoveu os santuários idólatras que ele estabelecera em Betei e em Dã. Quanto a notas desse informe sobre Jeroboão I, ver I Reis 15.26 e 16.2. Ver I Reis 12.28 ss., quanto à instituição da idolatria em Israel, por parte de Jeroboão.

14.25

Já dei as *informações essenciais* sobre as declarações deste versículo na introdução ao versículo 23 (começo da presente seção), portanto não as repito aqui. Meu artigo sobre Jeroboão II adiciona detalhes de seu poder, que restaurou as fronteiras tradicionais do norte de Israel, quase até o rio Eufrates, o que somente Salomão tinha conseguido, antes dos dias de Jeroboão II.

De Hamate até ao mar da planície. Ver sobre esses locais no *Dicionário.*

Jonas, filho de Amitai, o profeta. É provável que esse seja o Jonas do livro de seu nome, embora não se possa provar essa contenção. Nada se sabe acerca dele. O que se supõe está contido no artigo sobre ele, no *Dicionário. Gate-Hefer* (ver no *Dicionário*) era uma cidade do território de Zebulom (ver Josué 19.13).

É uma curiosidade histórica que Jonas tenha vindo da Galiléia, o que os escribas e fariseus no tempo de Jesus disseram que não poderia acontecer (ver João 7.52). Gate-Hefer ficava a poucos quilômetros ao norte de Nazaré. O livro de Jonas é o João 3.16 do Antigo Testamento, e essa é outra ligação entre Jonas e Jesus, o Cristo. Mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento, o livro de Jonas ilustra o amor universal de Deus por todos os povos, e que se estende até a vida animal (Jonas 4.11)! Jonas predisse as vitórias e a expansão de Israel, o que serviu de encorajamento a todos.

14.26

Viu o Senhor que a aflição de Israel era mui amarga. *A misericórdia de Yahweh* estava ativa em favor de Israel, dando ao povo de Deus um alívio dos assédios contínuos dos seus adversários, especialmente da Síria, ao norte. A misericórdia de Yahweh combinou o poder de Adade-Nirari III, da Assíria, e de Jeroboão II, para dar a Israel vitórias e um território maior, que removeu as ameaças estrangeiras, por algum tempo, para mais longe. Mas o *cativeiro assírio* estava realmente próximo e poria fim ao reino do norte (722 A. C.). Israel estava solitário e impotente (cf. Deuteronômio 32.36) até que Yahweh interveio em seu favor. Algum alívio havia sido conseguido por meio de Jeoacaz (ver II Reis 13.22-25), mas esse alívio aumentaria muito nos dias de Jeroboão II. *Jonas* foi usado para encorajar Israel, dando profecias sobre vitórias militares, expansão e paz. "Deus enviou Jonas para encorajar os israelitas e assegurar-lhes dias melhores. Ele foi o primeiro dos profetas, depois de Samuel, cujos escritos foram preservados" (Adam Clarke, *in loc.*).

14.27

Ainda não falara o Senhor em apagar o nome de Israel de debaixo do céu. *Israel,* tremendamente reduzido e sob assaltos constantes, estava ameaçado de extinção. Isso logo viria, através do *cativeiro assírio;* mas antes disso, por algum tempo, haveria vitória e alívio. Depois disso, o profeta Oséias (1.4,9) declarou a obliteração da nação de Israel, mas nenhum profeta tinha feito tal declaração até a escrita do presente versículo. Essa horrível predição cumpriu-se no tempo de Oséias, rei de Israel (capítulo 17 de II Reis). Jeroboão II foi um instru-

mento para adiar, por algum tempo, a terrível e inevitável sorte da apostatada nação de Israel.

Apagar o nome. A figura simbólica, aqui usada pelo autor sagrado, é a de apagar o nome de um cidadão de uma cidade, do livro de cidadãos daquela localidade. Esse ato significava: "Tal pessoa não mais existe". Ver Números 5.23 quanto a esse simbolismo. Ver Apocalipse 13.8 quanto ao emprego espiritual dessa metáfora. Deus tem seu livro da vida. Os nomes dos retos não são apagados desse livro, pelo que obtêm a salvação.

14.28

Quanto aos demais atos de Jeroboão. Como lhe era *usual*, o autor sagrado usa sua nota de obituário padrão. Ele nos fala aqui sobre a fonte informativa (a principal) que ele usara em suas narrativas, as *Crônicas dos Reis de Israel e Judá*. Ver I Reis 14.19 quanto a notas sobre essa observação. Ele menciona a mais significativa realização de Jeroboão II, ou seja, o fato de que ele estendeu os territórios de Israel até sua fronteira norte tradicional, o que significa que ele obteve vitória na guerra e deu descanso a Israel (vs. 27). No versículo 25 já tínhamos recebido essa informação, a qual é comentada ali.

Pertencentes a Judá. Aqueles territórios do extremo norte de Israel nunca tinham pertencido a Judá, exceto no sentido de que, no reino unido, Israel e Judá chegaram a possuí-los, no tempo de Salomão. As palavras "pertencentes a Judá" constituem provavelmente um deslize da pena do autor original ou de algum escriba subseqüente. A versão siríaca omite aqui as palavras "a Judá", e algumas traduções modernas seguem isso como uma concordância com a verdade, mesmo que não concorde com o texto hebraico. Algumas vezes, as versões são mais corretas do que o texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*, bem como o verbete *Manuscritos do Antigo Testamento*. Mas alguns intérpretes conjecturam que, em algum período da história, *Judá* tinha controlado aqueles territórios do extremo norte, embora não haja nenhum registro disso, nem na Bíblia nem na história profana. Talvez *Judá* representasse todo o Reino Unido, sendo essa a mais poderosa das tribos de Israel no tempo de Salomão. Mas dizer isso é apenas outra conjectura.

14.29

Descansou Jeroboão com seus pais. Essa nota de obituário é a forma comum pela qual o autor sagrado terminava suas narrativas acerca de um rei qualquer. Ver sobre essa fórmula em I Reis 1.21 e 16.5,6. Quanto à morte retratada como um "dormir (ou descansar) com os pais", ver I Reis 1.21. Foi assim que Jeroboão II, após seu longo reinado de quarenta e um anos, finalmente morreu; e Zacarias, seu filho, tomou o lugar dele no trono de Israel. Seremos informados sobre o reinado de Zacarias em II Reis 15.8-12; mas primeiramente o autor sagrado queria falar sobre o reinado de Azarias, rei de Judá (ver II Reis 15.1-7).

Zacarias foi o rei da quarta geração depois de Jeú, pelo que essa dinastia continuou exatamente pelo período que havia sido predito sobre ela. Ver II Reis 10.30. Mas com Zacarias essa dinastia terminaria, e então seria quase o tempo de terminar o reino do norte, Israel, que continuou apenas mais trinta anos depois de Zacarias.

Capítulo Quinze

Azarias, Rei de Judá (15.1-7)

O autor sagrado havia apresentado *Zacarias* (rei de Israel), filho de Jeroboão II, que foi o quarto e último rei da dinastia de Jeú. Ver II Reis 14.29. Mas antes de falar sobre Zacarias, ele salta novamente para o reino de Judá e fala sobre *Azarias*. Isso estava em consonância com seu modo de apresentação das *narrativas paralelas*. Ele não alistou primeiramente todos os reis de Israel, para então descrevê-los, e depois todos os reis de Judá, para em seguida descrevê-los. Antes, saltou para Israel e para Judá, dando-nos histórias postas em ordem mais ou menos cronológica. Quanto a esse modo de apresentar o material, ver I Reis 16.29.

Espiritualmente falando, Azarias foi um rei relativamente bom, tendo preservado o *yahwismo* em Jerusalém e o culto no templo, em harmonia com a legislação mosaica; mas, seguindo de perto quase todos os reis de Judá, ele não removeu os santuários locais dos *lugares altos* (versículo quarto). Por causa desse pecado, Yahweh o afligiu com lepra, ou com alguma outra enfermidade cutânea genericamente chamada, em hebraico, de *sara'at*. Não havia muita coisa para um historiador bíblico dizer sobre esse rei, e o autor não inventou coisa alguma, de modo que o relato de sua vida e governo é breve.

15.1

No ano vinte e sete de Jeroboão... começou a reinar Azarias. Em consonância com o método de apresentação de relatos paralelos (ver a introdução, acima), o autor sacro informa-nos que Azarias começou a reinar no vigésimo sétimo ano do governo de Jeroboão II, rei de Israel. Cf. II Reis 14.2,17,23. Certos eruditos pensam que algum erro na cronologia torna-se evidente, e que os vinte e sete anos deveriam transformar-se em quinze. Tais erros, se é que eles são mesmo erros, usualmente são explicados supondo-se que as co-regências tenham lançado os números de governo dos reis de Israel e de Judá na confusão, pois podia-se dizer que certo homem começou seu governo em determinado ano (quando então ele era apenas um co-regente) e em um ano diferente (quando começou a governar *sozinho*). Essa é a maneira como a discrepância tem sido explicada neste caso.

"O vigésimo sétimo ano da co-regência de Jeroboão II com Joacaz foi 767 A. C. Naquele ano, Azarias começou a governar Judá como governante *único*. Ele tinha servido previamente como rei, no lugar de seu pai, quando este estava aprisionado em Israel, como seu co-regente, depois que Amazias retornou a Judá. Azarias tinha dezesseis anos de idade quando iniciou sua co-regência (em 790 A. C.), e reinou por um total de cinquenta e dois anos (793-739 A. C.), em Jerusalém" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Esse foi o maior reinado que um rei teve em Israel ou Judá.

Uzias. Esse era o nome alternativo de Azarias. Ver os versículos 13, 30, 32 e 34; II Crônicas 26; Isaías 1.1; Amós 1.1 e Zacarias 14.5. Quanto a como surgiu essa forma variante do nome, ver as notas expositivas em II Reis 14.21.

Azarias ou Uzias é mencionado em duas inscrições fragmentárias de Tiglate-Pileser II (745-727 A. C.). As notícias dessas inscrições, naturalmente, falam sobre guerras efetuadas com resultados favoráveis da Assíria contra a Síria, e mencionam o rei de Judá em conexão com essa guerra.

15.2

O Reino Mais Longo de Todos. De acordo com o livro de II Crônicas, Azarias teve um reinado longo e bem-sucedido. Além disso, ele alcançou notável recorde: reinou por mais tempo do que todos os demais reis de Israel e de Judá: cinqüenta e dois anos! Ver o paralelo em II Crônicas 26, quanto a alguns detalhes que não são dados nos livros dos Reis. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*, quanto aos detalhes, e ver também *Reino de Judá*, IV.10.

15.3,4

Estes dois versículos são virtualmente iguais a II Reis 14.3,4, exceto pelo fato de que aqueles versículos se aplicam a Amazias (o pai de Azarias), ao passo que estes se aplicam ao próprio Azarias. A exposição no capítulo 14 serve para ilustrar a presente passagem. Ali, devemos notar, *Davi* aparece como o *rei ideal*, cujo exemplo Amazias não seguiu de modo completo. Amazias, por sua vez, seguiu o exemplo deixado por seu pai, o que nos leva a compreender que ele também fracassou em seguir o ideal davídico. O interesse do autor sacro, em ambos os casos, é o lado espiritual dos reinados dos dois homens, e não quão bem eles fizeram guerra, ou, de alguma outra maneira, beneficiaram Judá. Outras considerações eram apenas secundárias diante do interesse espiritual, e a avaliação espiritual quase sempre aparece em primeiro lugar.

Quanto a suas realizações no campo de batalha, ver o paralelo em II Crônicas 26.5-22. Essa passagem também fala em atividades de edificações e, finalmente, de sua arrogância e queda.

Somente no tempo de Ezequias os lugares altos foram demolidos.

15.5

E este ficou leproso até ao dia da sua morte. No hebraico a palavra *sara'at* é usada para designar várias enfermidades da pele, incluindo a lepra genuína, mas, quando esse termo é usado, nunca podemos ter certeza se a verdadeira lepra está em vista. Quanto a notas completas sobre esse vocábulo hebraico e suas implicações, ver a introdução ao capítulo 13 de Levítico.

O trecho paralelo de II Crônicas 26.16-21 diz-nos *por que* o rei Azarias ou Uzias contraiu essa enfermidade, sem importar qual ela tenha sido. Ele entrou no templo e queimou incenso, algo que a legislação mosaica proibia. Somente os sacerdotes devidamente autorizados podiam fazer isso. Quando foi assim atacado pela *presunção* e pela *arrogância*, o rei, *de súbito*, foi ferido por alguma praga, mediante o poder de Yahweh. A palavra hebraica *sara'at* era um termo vago e algumas vezes enganador, tal como a ciência médica dos hebreus era vaga e enganadora. O que não foi vago foi o fato de que alguma espécie de praga afligiu o rei Uzias, por causa de sua insolência. Ver o trecho paralelo quanto a detalhes e referências que se relacionam ao caso e à *sara'at*. Ver Êxodo 30.7,8 quanto às restrições da lei mosaica concernentes ao emprego do incenso. Cf. Números 16.35. Quanto a outros castigos divinos através da *sara'at*, ver os casos de Miriã (Números 12.10) e Geazi (II Reis 5.27).

Habitava numa casa separada. Os leprosos comuns (ou vítimas da *sara'at*) eram separados da congregação de Israel (Números 12.14,15), pois eram considerados física e espiritualmente imundos (ver Levítico 13.12,17). Ver também Levítico 13.45,46 quanto à lei acerca da separação. O rei, contudo, foi isentado do tratamento comum e do isolamento em que viviam os leprosos, e foi-lhe permitido viver em sua própria casa, embora separadamente. Ele por certo não circulava na sociedade em geral, mas podemos estar certos de que vivia uma vida plena, livre de preocupações, exceto, naturalmente, que sua praga o deixava vexado diariamente.

Há uma tradição judaica que coloca sua casa separada entre os sepulcros (*Talmude Hieros.* apud *Jarchium,* ao comentar sobre o presente texto). Mas isso não passa de tolice. A Bíblia também não nos informa onde se localizava essa casa. É possível que ficasse fora dos portões da cidade. Nesse caso, o rei tinha sua própria "casa campesina" particular, onde se mantinha em exílio. Ele viveu ali até morrer, conforme o presente versículo deixa claro.

O filho do rei, *Jotão,* tomou seu lugar. Talvez Azarias tenha vivido mais treze anos, sendo também provável que ele exercesse alguma influência sobre as questões do reino, apesar de seu triste estado de leproso.

15.6,7

Estes dois versículos nos fornecem a nota de obituário usual, que o autor sempre empregou para encerrar suas histórias sobre os reis de Israel e de Judá. Cf. II Reis 14.15,16; ver as notas expositivas em I Reis 1.21 e 16.5,6. Ver I Reis 14.19 quanto à fonte informativa da composição do autor sacro, o *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e Judá.* Quanto ao eufemismo para a morte, "dormiu (descansou) com seus pais", ver as notas em I Reis 1.21.

"Esse obituário costumeiro quanto ao rei de Judá não dá nenhuma indicação da nova prosperidade que o período de Amazias-Azarias desfrutou. Ver II Crônicas 26.1-15. O ano da morte do rei foi o ano da chamada de Isaías para ser um profeta do Senhor (Isaías 6.1-6)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

O capítulo 26 de II Crônicas menciona realizações essencialmente deixadas de fora em II Reis. Uzias estendeu seus territórios para o sul, até *Elate* (ver II Reis 14.22); ele fez os amonitas pagar tributo (II Crônicas 26.8); ele derrotou os filisteus (II Crônicas 26.6,7); ele fortificou Jerusalém e Judá (II Crônicas 26.9,10,15); ele reorganizou o exército de Judá (II Crônicas 26.11-14); mas o orgulho e a arrogância lhe provocaram uma queda relativa (II Crônicas 26.16-21).

Zacarias, Rei de Israel (15.8-12)

O autor sagrado, seguindo seu modo de apresentação de *relatos paralelos,* faz nossa atenção voltar-se de novo para Israel, tendo apenas terminado a descrição de um rei de Judá. Quanto a esse método de relatos paralelos, mediante o qual o autor sagrado produzia suas narrativas, ver I Reis 16.29. Os versículos 8-12 deste capítulo sumariam de modo breve o curto reinado (seis meses) de Zacarias. Praticamente coisa alguma é dita, mesmo porque nada havia por contar. Mas somos informados de que, durante esse breve espaço de tempo, ele conseguiu continuar as corrupções da idolatria de seus pais, deixando assim uma marca escura no registro de sua vida.

15.8

No ano trinta e oito de Azarias... reinou Zacarias, filho de Jeroboão, em Israel. Zacarias reinou apenas por ridículos seis meses, em contraste com os fantásticos cinqüenta e dois anos do governo de Azarias. A capital de Zacarias, como de todos os reis do norte, desde que o reino do norte, Israel, se separou do sul, Judá, era Samaria. Esse rei sucedeu Jeroboão II (seu pai), em 753 A. C. Ele teve tempo de praticar o mal, mas não de praticar o bem.

15.9

Fez o que era mau perante o Senhor. Nada houve de importância, nos campos político, militar ou econômico, para ser relatado. Espiritualmente, porém, Zacarias caiu na mesma armadilha em que haviam caído seus antecessores. Ele promoveu aquela mesma variedade de idolatria em que a nação de Israel estava atolada até o pescoço. Ele promoveu o mesmo tipo de idolatria que Jeroboão, primeiro rei de Israel, havia instituído, a adoração ao bezerro, em Dã e Betel, cujo intuito era impedir que seu povo fosse a Jerusalém para adorar. Isso, presumivelmente, consolidaria a separação entre a nação do norte, Israel, e a nação do sul, Judá, que Jeroboão ansiava por preservar. Jeroboão, primeiro rei de Israel, pois, pecou e fez Israel pecar. Ver I Reis 12.28 ss.; 15.26; 16.2; II Reis 14.24.

15.10

Salum, filho de Jabes. Quanto ao que se sabe sobre ele, ver o *Dicionário.* Sem dúvida, foi um alto oficial, militar ou civil, um "amigo" do rei, conforme disse Josefo (*Antiq.* 1.9, cap. 11, sec. 1). Muito provavelmente havia um movimento popular contra o rei, e esse homem satisfez o populacho ao assassinar o rei. Foi assim que a dinastia de Jeú (que durou quatro gerações) terminou pela violência contra seu quarto descendente em linha direta. Essa dinastia recebeu permissão de ir tão longe porque Jeú havia libertado Israel do *baaiismo,* mas foi cortada na quarta geração porque permitiu que continuassem outras formas de idolatria, incluindo aquela variedade especial instituída por Jeroboão, primeiro rei de Israel. Ver II Reis 10.30.

Feriu-o diante do povo. O assassinato, ao que tudo indica, ocorreu durante alguma assembléia pública, e as indicações são de que isso agradou ao povo, que estava muito descontente com Zacarias como rei.

No ano de 747 A. C., dois reis de Israel foram assassinados e quatro reis sentaram-se no trono. Foi um período de anarquia. Após a morte de Jeroboão II, o reino de Israel perdurou ainda por menos de trinta anos, talvez vinte e três anos. Seis reis foram entronizados e cinco deles foram assassinados. Somente Pecaías teve alguma paz, e, no entanto, com mais dois anos, ele também acabou sendo assassinado. A *cesta de frutos* inteira (uma metáfora utilizada por Amós) entrou em decomposição. Ver Amós 8.2.

15.11

Quanto aos demais atos de Zacarias. Este versículo, que faz parte da nota costumeira de obituário, diz-nos que os atos de Zacarias foram registrados em uma das obras informativas usadas pelo autor sagrado, o *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e Judá.* Ver as notas em I Reis 14.19. Essa declaração é feita acerca de quase todos os reis de Israel e de Judá, conforme as notas informativas ali o demonstram.

O autor sacro, no caso de Zacarias, deixou de lado a outra parte do obituário, que diz que os reis "descansaram com seus pais". Quanto a isso, ver I Reis 1.21. Quanto a notas sobre a nota comum de obituário, ver I Reis 16.5,6.

15.12

Cumprimento de uma Profecia. A dinastia de Jeú teria cinco representantes no trono, ele e quatro de seus descendentes. Duraria todo esse tempo porque Jeú livrara Israel do *baaiismo.* Mas terminaria na quarta geração dele, porque a obediência de Jeú havia sido apenas parcial. Ele permitiu a continuação de outras formas de idolatria, sobretudo a variedade de Jeroboão, ou seja, a adoração ao bezerro, posto em Dã e Betel (I Reis 12.28-30). Quanto à profecia concernente à dinastia de Jeú, ver II Reis 10.30. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Rei, Realeza* e *Israel, Reino de,* quanto a uma lista de reis de Israel e breves descrições sobre seus governos.

Os reis dessa dinastia foram: Jeú, Jeoacaz, Joás, Jeroboão II e Zacarias.

Salum, Rei de Israel (15.13-15)

O assassino do rei Zacarias (vs. 10) tornou-se o novo rei. Foi assim que terminou a *linhagem real* de Jeú. O assassino também seria assassinado (ver o vs. 14 deste capítulo). Outros homicídios se seguiram, e o país mergulhou no caos e na anarquia. Salum foi rei apenas durante *um mês!* O governo dele foi o segundo mais curto da história de Israel. Zinri foi rei apenas por sete dias (I Reis 16.15-20).

15.13

Salum... começou a reinar no ano trinta e nove de Uzias. Seguindo seu costume de apresentar *relatos paralelos,* o autor sagrado descreveu cronologicamente o rei Salum e o rei de Judá, Uzias ou Azarias. Quanto a essa maneira de apresentação, ver as notas expositivas sobre I Reis 16.29. Salum, pois, começou a reinar no trigésimo nono ano do governo de Uzias. Foi-lhe dado governar apenas um mês, pelo que o autor sacro nem foi capaz de dizer-nos se ele continuou a idolatria de Israel e fez o mal perante o Senhor, pois Salum não teve tempo de praticar o bem ou o mal, embora seu reinado tenha começado através do mal imenso do assassinato. Esse homem foi um usurpador, e não teria dinastia. Seu filho não o sucedeu no trono.

15.14

Menaém... veio a Samaria, feriu ali Salum. O assassino foi morto pelo general militar (conforme disse Josefo, *Antiq.* 1.9, cap. 11, sec. 1) de nome *Menaém* (ver a respeito dele no *Dicionário*) Isso posto, Menaém tornou-se o próximo rei de Israel. Parece que o homem estava assediando a cidade de Tirza. O texto não nos diz que ele nascera ali, e permanece duvidoso o motivo por que o lugar é mencionado. Seja como for, ouvindo que Zacarias fora assassinado, Menaém apressou-se a ir de Tirza a Samaria e, sem demorar e sem consultar ninguém, simplesmente matou o assassino. Salum era um

usurpador que precisava ser executado. Tirza ficava apenas a dezenove quilômetros da capital do país, Samaria. E isso significa que o ato de Menaém foi realizado em bem reduzido tempo.

15.15

Quanto aos demais atos de Salum. Um pouco mais de informações sobre Salum estava à disposição do leitor, se ele tivesse qualquer desejo de investigar a respeito, no *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e de Judá,* uma das fontes informativas de que o autor sagrado lançou mão ao escrever seus relatos acerca dos reis de Israel e de Judá. Esse livro não era um dos livros canônicos, embora tenha fornecido muitos subsídios para alguns dos livros canônicos. Ver a respeito em I Reis 14.19. Os detalhes sobre a conspiração de Salum estavam contidos naquele livro, que o autor dos livros de Reis não se interessou em passar adiante para o leitor.

Menaém, Rei de Israel (15.16-22)

A Bíblia nos informa muito pouco sobre esse homem. Josefo adiantou que ele foi um general militar. Talvez Zacarias o tenha enviado a Tirza, a fim de abafar ali uma rebelião popular, que não queria ter Zacarias como rei. Na ausência dele, o rei foi morto, pelo que ele se apressou a voltar a Samaria, e prontamente tirou a vida do assassino (vs. 14). Quanto ao que se sabe e que se tem conjecturado sobre esse rei de Israel, ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário.* Contudo, Menaém continuou na apostasia de Israel, e o *cativeiro assírio* agora estava a não mais de vinte anos à frente. Isso poria fim, definitivamente, à nação de Israel e à sua apostasia.

15.16

Menaém feriu Tifsa. Imediatamente Menaém arquitetou mais mortes, especialmente porque seu governo sofria oposição ali. Assim sendo, ele varreu Tifsa e Tirza, e suas região ao redor. Ele fez uma guerra cruel e sem quartel, chegando a rasgar pelo ventre as mulheres grávidas daquelas região. o que constituía um ato dos mais cruéis das guerras antigas. Isso é mencionado em II Reis 8.12; Oséias 13.16 e Amós 1.13. Esses atos de insensata brutalidade tinham por propósito intimidar as pessoas, levando-as a se submeterem ao governo do ditador.

15.17

Relatos Paralelos. O autor sacro vincula o governo de Menaém ao governo de Azarias, de Judá, ao afirmar que ele começou a governar no décimo terceiro ano do governo de Azarias. Quanto a esse modo de apresentação, ver as notas em I Reis 16.29. Esse método é empregado em praticamente todas as narrativas sobre os reis de Israel e de Judá. Menaém governou durante dez anos (752-742 A. C.), e se tornou o cabeça de uma dinastia muito curta, que teve apenas um sucessor no trono, seu filho Pecaías.

15.18

Menaém, juntamente com a maioria dos sucessores de Jeroboão, primeiro rei de Israel, continuou com a *apostasia* iniciada por aquele homem. Este versículo é virtualmente igual ao versículo nono deste capítulo. Ver as notas expositivas ali. O mau exemplo de Jeroboão, primeiro rei de Israel, foi consistentemente seguido por seus sucessores, e assim a apostasia, em Israel, tornou-se permanente. A força do exemplo, quer o bom, quer o mau, é uma coisa poderosa. Ver o artigo detalhado na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* chamado *Exemplo.* Ver Mateus 23.15 quanto ao mal em se fazer outras pessoas pecar.

15.19

Então veio Pul, rei da Assíria, contra a terra. A Assíria torna-se o *látego* de Deus contra Israel. Foi o começo do fim. A Assíria doravante começaria a prestar atenção em Israel, e a fazer seus avanços iniciais. Isso terminaria no *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*). Israel estava prestes a desaparecer como nação.

Os eruditos têm identificado esse homem como *Tiglate-Pileser.* Há um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário.* Ele reinou por dezoito anos na Assíria, entre 745 e 727 A. C. Neste versículo, pois, temos a primeira menção, nos livros dos reis, sobre os monarcas do império assírio, que poriam fim ao reino do norte, Israel. Pul foi um dos mais fortes e bem-sucedidos governantes da Assíria. A invasão preliminar de Israel ocorreu nessa época (cerca de 743 A. C.) embora o cativeiro tenha ocorrido em cerca de 722 A. C. Tiglate-Pileser obteve muitas vitórias em muitos lugares, e não dou aqui essa informação, visto que ela está contida no *Dicionário.*

A fim de manter o *lobo* distante da porta de entrada, Menaém foi forçado a pagar uma enorme soma de dinheiro, mil talentos de prata. Ver no *Dicionário* o artigo *Pesos e Medidas,* ponto VII, especialmente IV.A, que fala sobre o "talento". Não há como calcular isso no poder de compra das moedas modernas, e dizer dois milhões de dólares, conforme faz uma de minhas fontes informativas, não é dizer muito de significativo. O peso envolvia trinta e sete toneladas de prata.

15.20

De todos os poderosos e ricos. Para pagar esse dinheiro, conforme Tiglate-Pileser exigiu, o rei de Israel teve de taxar seus mais ricos cidadãos, tirando de cada um cerca de trinta e cinco dólares (conforme declara uma de minhas fontes informativas), ou seja, cinquenta siclos de prata. Ver sobre o siclo no artigo chamado *Dinheiro,* segundo ponto, no *Dicionário,* e também sobre *Pesos e Medidas,* seção VII, especialmente IV.c.

Tendo recebido seu suborno, pelo menos por algum tempo a maré assíria foi contida. Tiglate-Pileser retornou à Assíria. No entanto, o exército assírio voltaria para dar fim a Israel (o reino do norte). Mais tarde, em cerca de 597 A. C., a Babilônia levaria Judá ao cativeiro. Mas desse cativeiro voltaria um remanescente, dando a Judá um novo começo, que passou a chamar-se Israel. Ver os artigos do *Dicionário* chamados *Cativeiro Babilônico* e *Cativeiro (Cativeiros).*

15.21-22

Descansou Menaém com seus pais. Agora o autor sagrado nos dá a costumeira notícia de obituário, usada para encerrar as histórias de quase todos os reis de Israel e de Judá. Quanto a notas expositivas completas a esse respeito, ver I Reis 1.21 e 16.5,6. Ver o eufemismo sobre a morte "dormiu (descansou) com os pais", em I Reis 1.21. Quanto a notas sobre a obra informativa usada pelo autor sagrado, *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e de Judá,* ver I Reis 14.19. Esse livro é mencionado nas notas dos obituários de quase todos os reis.

Pecaías, seu filho, reinou em seu lugar. Visto que essa dinastia só consistiu em dois reis, Menaém e Pecaías, ela foi bem curta. A história de Pecaías é contada nos versículos de 23 a 26 deste capítulo. O reino que fora usurpado mediante um assassinato permaneceu na família pouco tempo a mais do que no caso de Salum. Pecaías também terminou seus dias assassinado. A *anarquia* era o verdadeiro governante de Israel durante aqueles tempos atribulados.

Pecaías, Rei de Israel (15.23-26)

Esse homem só conseguiu governar por dois anos em Samaria, capital do reino do norte (742-740 A. C.), pois no fim desse tempo foi assassinado. Isso pôs fim à dinastia de Menaém. O caos passou a governar. A anarquia era a ordem do dia. Esse homem não teve tempo para fazer nenhum bem, mas conseguiu levar avante a apostasia de Israel, especialmente imitando Jeroboão, o primeiro dos reis de Israel, o qual levou a nação a pecar, adorando seu bezerro, colocado em Dã e Betei.

15.23

Começou a reinar Pecaías. Ver sobre ele no *Dicionário,* quanto ao que se sabe e que se tem conjecturado acerca dele. O autor sagrado apresentou narrativas paralelas sobre os reis de Israel e de Judá. Ele não fez primeiramente uma lista dos reis de Israel e os descreveu, e depois seguiu o mesmo procedimento no caso de Judá. Antes, saltou para cá e para lá, entre os dois reinos, seguindo uma ordem cronológica aproximada. Quanto a esse modo de apresentação ver I Reis 16.29. Portanto, seguindo esse *modus operandi,* o autor sacro diz-nos que Pecaías começou a reinar no décimo quinto ano do reinado de Azarias, rei de Judá. Ele reteve Samaria como sua capital, a qual Onri construíra para ser a capital do seu reino do norte, Israel.

15.24

Fez o que era mau perante o Senhor. Encontramos aqui a *declaração padronizada* que diz como os reis de Israel continuaram o tipo de idolatria que Jeroboão, primeiro dos reis de Israel, havia instituído em sua nação do norte, a adoração ao bezerro, em Dã e Betel. Ver as notas expositivas sobre isso em I Reis 15.26 e 16.2. Ver I Reis 12.28 e ss., quanto à história sobre como Jeroboão introduzira essa corrupção em Israel. Ele estabelecera seu *culto religioso alternativo* para impedir que os cidadãos do reino do norte fossem para o sul, para irem às assembléias anuais, no templo de Jerusalém. Tais peregrinações, segundo Jeroboão, enfraqueceriam a sua autoridade e talvez anulassem o cisma entre o norte e o sul, que se tinham tornado duas nações distintas. Jeroboão, pois, estava interessado em conservar o norte como uma nação separada. Além disso, tinha ganância pelo poder, e não queria sacrificar a sua posição de rei. Ademais, havia idolatria em seu coração, pois, do contrário, ele teria encontrado alguma outra maneira de preservar a independência política da nação do norte, Israel. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria.*

15.25

Peca... conspirou contra ele. *Conspirando para o Assassinato.* Um dos generais de Pecaías planejou matá-lo, somente após dois anos de governo em Israel. O nome desse general era *Peca*, e ele estava destinado a tornar-se um dos reis de Israel (versículos 27-31). Ele tinha seus auxiliares, cinqüenta homens de Gileade, na Transjordânia, os quais mataram tanto o rei quanto dois de seus príncipes, Argobe e Arié. Esses homens abomináveis apanharam o rei em seu palácio e o assassinaram, aparentemente sem nenhuma oposição. Provavelmente o exército de Israel mostrou-se favorável aos conspiradores, e nada fez para deter ou punir Peca por sua conspiração.

Alguns intérpretes tomam os nomes Argobe e Arié como se fossem locais, e não nomes de pessoas. Nesse caso, esses nomes entram aqui por equívoco, e não têm sentido. Outros pensam que Argobe e Arié eram companheiros de Peca e participantes do assassinato, e não dois auxiliares de Pecaías, mortos juntamente com ele. Nesse caso, eles foram assassinos, e não assassinados.

15.26

Quanto aos demais atos de Pecaías. Temos aqui parte da *nota costumeira de obituário* que o autor sagrado empregou para terminar suas narrativas sobre os reis de Israel e de Judá. Ver as notas em I Reis 1.21 e 16.5,6. O autor não repete aqui a outra parte do obituário, aquela que fala em "descansar com seus pais", um eufemismo para indicar a ocorrência da morte. Quanto a isso ver I Reis 1.21. Minhas notas sobre I Reis 14.19 falam sobre o *Livro das Crônicas dos Reis de Israel e de Judá*, uma das fontes informativas empregadas pelo autor sacro. Esse foi um livro não-canônico, cujo conteúdo foi incorporado aos livros canônicos do Antigo Testamento. Cf. II Reis 15.15, onde a segunda porção do obituário também é deixada de fora.

Peca, Rei de Israel (15.27-31)

Peca, assassino do rei Pecaías, tornou-se rei de Israel. Aqueles foram dias de caos e anarquia. Mas Peca também foi assassinado, por sua vez (vs. 30), pelo que continuou a operar a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Antes de perder a vida, Peca governou durante vinte anos (740-732 A. C.). A declaração de que ele governou por *vinte anos* é explicada pelo fato de que ele "começou a governar em Gileade, ao mesmo tempo que Menaém começou a reinar em Samaria (752 A. C.). Seu governo sobrepôs-se aos governos de Menaém e de Pecaías (752-740 A. C.)" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Esta é a forma que certos intérpretes têm usado para tentar explicar a dificuldade cronológica do presente versículo.

"Este parágrafo (vss. 27-31) contém a nota editorial usual, juntamente com um extrato retirado dos anais reais, falando sobre o grande desastre que foi o governo de Peca, mediante o qual grande parte do reino se perdeu, e muitos israelitas foram levados para o cativeiro pela potência assíria" (Norman H. Snaith, *in loc.*). O *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*) foi um processo complexo, e não um único evento, isolado. Começou em 733 A. C. Samaria foi subjugada e as pessoas foram levadas dali para o cativeiro (722 A. C.), mas durante muitos anos depois grupos menores do norte continuaram a ser levados para o cativeiro, talvez até o ano de 668 A. C.

15.27

Começou a reinar Peca, filho de Remalias. *Narrativas Paralelas.* Quanto a notas sobre o modo de apresentação do autor sagrado, ver o vs. 23 do presente capítulo. Ver também I Reis 16.29. Relacionando Peca, rei de Israel, ao reino de Judá, o autor informa-nos que o rei de Israel começou seu governo no ano quinquagésimo do reinado de Azarias ou Uzias, rei de Judá. Uzias governou por um total de cinqüenta e dois anos, o recorde em número de anos de governo de qualquer rei de Judá (ver I Reis 15.2). Peca reteve Samaria como sua capital, cidade essa cuja construção foi iniciada pelo rei Onri. Quanto ao problema cronológico dos *vinte anos* de governo de Peca, ver o primeiro parágrafo da introdução acima.

15.28

Fez o que era mau perante o Senhor. Temos aqui a declaração padronizada com que o autor sagrado fala sobre como os reis de Israel continuaram com o tipo de idolatria que fora instituído por Jeroboão, na nação do norte, Israel. Ver o versículo 24 do presente capítulo, I Reis 15.26 e 16.2 quanto a maiores detalhes. Ver I Reis 12.28 ss., quanto à história da instituição da adoração ao bezerro, em Dã e Betei, que deu início a esse tipo especial de idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria*.

15.29

E levou os seus habitantes para a Assíria. *O Terrível Caráter Final do Cativeiro Assírio.* Em breve Israel, o reino do norte, haveria de desaparecer da face da terra. O *cativeiro assírio* ocorreria em etapas. Foi um processo complexo, e não um acontecimento em uma unica fase. Ver o artigo no *Dicionário* quanto a detalhes. Ver a introdução à presente seção, antes dos comentários sobre o versículo 27.

Embora a causa do Mal prospere,
Contudo, somente a Verdade é forte.

(James Russell Lowell)

A *apostasia de Israel* estava fadada a trazer o desastre. Perdurou por tanto tempo e foi tão virulenta que só podia produzir resultados desastrosos, de acordo com a lei da colheita segundo a semeadura. A história da nação do norte, Israel, foi, em sua maior parte, um crônica em que matar e ser morto era a ação mais constante. Tão abominável violação da lei mosaica só poderia produzir os resultados mais drásticos. O *fim* da nação do norte, Israel, foi o resultado.

Tiglate-Pileser. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário* e cf. o vs. 19 deste capítulo. Esse homem havia recebido larga soma em dinheiro como suborno, para manter-se afastado de Israel, mas o suborno que lhe foi pago não significou muito, pois ele voltou para conseguir mais despojos, para matar e para receber "recompensa". Ver o artigo geral no *Dicionário* chamado *Assíria*.

O ataque de Tiglate-Pileser contra Israel seguiu-se à sua invasão siro-efraimita. Primeiramente ele tomou conta da Síria, o tradicional inimigo do norte de Israel. Agora Israel tinha um inimigo pior vindo do norte, a Assíria.

Lugares Atacados e Subjugados. Ver sobre cada um dos lugares referidos neste versículo no *Dicionário*. A campanha da Assíria começou no norte, varreu a Síria, entrou no território de Israel pelo norte e espalhou-se para ambos os lados do rio Jordão. Gileade, na Transjordânia (parte leste do país) estava envolvida, mas também o estava Naftali, no lado ocidental da nação de Israel. Foi assim que a *primeira deportação* (que assinalou o começo do cativeiro assírio) ocorreu em cerca de 733 A. C. Uma segunda deportação deveria ocorrer em cerca de 733 A. C., e envolveria Samaria e as regiões ao redor dessa cidade, a capital de Israel.

Peca formou aliança com Rezim, de Damasco, a fim de combater juntos contra o inimigo comum, as tropas assírias. Peca teve de pagar tributo, tal como tinha acontecido a Menaém. Peca e Rezim ("os dois tocos de tições fumegantes"; ver Isaías 7.4) tentaram envolver Acaz, rei de Judá, na sua aliança (ver o versículo 38 deste capítulo); mas ele nada quis ter com ela. Pelo contrário, apelou para que a Assíria viesse socorrê-lo. Tiglate-Pileser atacou Israel, em parte por causa do apelo de Acaz. O primeiro ataque reduziu Israel a uma área de cerca de quarenta e oito quilômetros por sessenta e quatro quilômetros. No ano seguinte, Peca foi assassinado por Oséias. Tiglate-Pileser disse que ele tinha executado Peca e posto Oséias no trono de Israel, sendo possível que isso foi o que, realmente, aconteceu. Ver o vs. 30. Seja como for, esse homem, Oséias começou seu reinado em Israel com uma atitude favorável à Assíria, mas isso não fez diferença alguma, afinal. Quanto ao governo de Oséias, ver II Reis 17.1-6. Ele teve de pagar tributos à Assíria (ver II Reis 17.3).

15.30

Oséias... conspirou contra Peca. Ver sobre *Oséias* no *Dicionário*. Esse homem tornou-se o próximo assassino de um rei. Sua vítima foi o terrível Peca, que tinha antes assassinado Pecaías, rei de Judá. Portanto, o caos e a anarquia tornaram-se os verdadeiros governantes de Israel. A Assíria, finalmente, pôs fim à confusão inteira. Esse homem, Oséias, provavelmente um general militar, conspirou contra Peca e tomou uma atitude favorável à Assíria, talvez na esperança de que isso livrasse Israel do aniquilamento total. Mas quando se tornou rei, teve de pagar tributo à Assíria (ver II Reis 17.3). Os registros assírios dizem-nos que Tiglate-Pileser executou Peca e pôs Oséias no trono de Israel; isso pode estar correto historicamente. Ou então o próprio Oséias assassinou Peca, com o encorajamento do rei assírio. Seja como for, Peca estava realmente morto.

No vigésimo ano de Jotão, filho de Uzias. Lembremo-nos de que Uzias também era chamado Azarias. Cf. II Crônicas 26.1 e II Reis 14.21. Acerca da notícia cronológica desse versículo, Ellicott (*in loc.*) afirmou: "Esta é uma afirmação duvidosa, que não concorda com o versículo 33, segundo o qual Jotão reinou apenas dezesseis anos". Os intérpretes agonizam (desnecessariamente) com essa discrepância, a qual nada tem a ver com a espiritualidade. "Há muitas dificuldades com a cronologia deste versículo" (Adam Clarke, *in loc.*). Tentativas de reconciliação e cálculos têm produzido resultados incertos.

15.31

Quanto aos demais atos de Peca. Uma vez mais, o autor nos dá uma *nota de obituário padronizada*, que ele empregava para encerrar suas histórias sobre

CATIVEIROS DE ISRAEL

1. **Cativeiro Egípcio**: Gên. cap. 47 — Êxodo. Iniciou-se em cerca de 1876 A.C. e durou 430 anos.

2. **Cativeiro Assírio**: 722 A.C., *ad infinitum*. As dez tribos do norte de Israel foram deportadas e nunca mais retornaram.

3. **Cativeiro Babilônico**: 586 A.C. - 516 A.C. (setenta anos). As duas tribos do sul foram deportadas. Um remanescente retornou.

4. **Cativeiro Romano**: 132 até 1948 D.C., quando o estado moderno de Israel foi formado.

CATIVEIROS MORAIS E ESPIRITUAIS

1. Transformar prisioneiros de guerra em escravos: Deu. 28.27-48.
2. O cativeiro evangélico ocorre quando o poderoso amor de Cristo assume o controle sobre uma pessoa: II Cor. 10.5.
3. O cativeiro do pecado ocorre quando aiguém é oprimido e escravizado pelo poder do mal: Rom. 7.23; I Sam. 30.3; II Tim. 2.26.
4. O cativeiro moral, cujo conceito contrário é a vitória sobre pecados e vicios: Gál. 3.19-21.
5. O cativeiro do mal que Jesus levou cativo: Efé. 4.8.
6. O cativeiro pode ser imposto como retribuição ao mal: Apo. 13.10.
7. Os males morais levam-nos ao cativeiro da lei do pecado: Rom. 7.23.

os reis de Israel e de Judá Mas aqui ele deixa de lado a segunda parte do obituário, o eufemismo para indicar a morte, "descansou (dormiu) com seus pais". Ver o versículo 26 do presente capítulo, quanto a um versículo quase idêntico, onde as notas apropriadas foram fornecidas.

Jotão, Rei de Israel (15.32-38)

Jotão era filho de *Uzias,* também chamado *Azarias.* Cf. II Crônicas 26.1 e II Reis 14.21, e minhas notas expositivas nesses trechos bíblicos.

Depois de ter descrito os governos de vários reis de Israel, a maioria dos quais obteve o trono matando o rei anterior, o autor sagrado agora volta sua atenção para um dos reis de Judá.

Relatos Paralelos. O autor não alistou primeiramente todos os reis de Israel, para em seguida descrevê-los, e depois fazer a mesma coisa com os reis de Judá. Pelo contrário, ele saltou para cá e para lá, entre o norte e o sul, dando relatos cronológicos aproximados. Quanto a esse método de apresentação, ver I Reis 16.29.

Dificuldades Cronológicas. "A declaração de que Jotão governou por dezesseis anos (ver o versículo 33) não concorda com a declaração do versículo 30, que diz que Oséias assassinou Peca no vigésimo ano do governo de Jotão. Além disso, se Oséias se tornou rei durante o tempo de Jotão, então ele não pode ter-se tornado rei de Judá, no décimo segundo ano do governo de Acaz (ver II Reis 17.1). A reconstrução dos dados históricos sugeridos no versículo 27 concorda com um reinado de dezesseis anos de Jotão, mas a asserção do versículo 37 não pode estar correta, visto que Peca dificilmente pode ter-se tornado rei antes do sexto ano do governo de Acaz. A história dos últimos anos do reino de Israel ficou tão confusa que o compilador, cem anos mais tarde, foi incapaz de garantir qualquer espécie de consistência" (Norman H. Smaith, *in loc.*).

Alguns intérpretes recorrem à teoria das *co-regências* para explicar a diferença em números, mas não temos nenhum indício, no próprio texto, de tais co-regências, e nem há certeza alguma, empregando-se essa explicação *ad hoc,* pois ela, na realidade, nada explica. Por outro lado, problemas como esses, mesmo que envolvam discrepâncias genuínas, nada têm a ver com a fé religiosa. Essas questões só atraem a atenção dos harmonistas que precisam obter harmonia a qualquer preço, até à custa da honestidade, ou a atenção dos céticos, que se alegram em encontrar problemas para tentar derrubar a fé de outras pessoas.

15.32,33

Informações Básicas sobre Jotão. Jotão tinha vinte e cinco anos de idade quando começou a reinar; e governou por dezesseis anos em Jerusalém, capital do reino do sul; o nome de sua mãe era *Jerusa,* filha de Zadoque. Ver os nomes próprios no *Dicionário,* quanto a detalhes, incluindo o artigo intitulado *Jotão.*

Relatos Paralelos. O autor sagrado, como é usual, relaciona o reino de Judá ao outro reino, Israel. Jotão começou a reinar no segundo ano de Peca, rei de Israel. Quanto ao método de apresentação do material do autor sagrado, ver a introdução à presente seção, bem como I Reis 16.29. Quanto a dificuldades cronológicas acerca das notas sobre Jotão, ver a introdução anterior a esta seção.

Talvez *Zadoque* seja aqui o *sumo sacerdote,* conforme dizem alguns eruditos. Por outro lado, "Zadoque" era um nome bastante comum. Não seria nada incomum que um rei se casasse com a filha da mais elevada figura eclesiástica do reino.

15.34,35

Fez o que era reto perante o Senhor. O autor nos dá aqui uma *avaliação espiritual* comum para os reis de Judá. Geralmente falando, eles agiam bem, pois continuavam as instituições mosaicas que operavam através do culto do templo, em Jerusalém; mas agiram mal por não eliminarem os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, os santuários locais tão populares aos olhos do povo comum, e que, na verdade, já existiam antes da centralização da adoração em Jerusalém. II Reis 15.3,4 são virtualmente iguais aos dois versículos presentes, e minha exposição ali se aplica também aqui. Aqueles versículos, por sua vez, são virtualmente iguais a II Reis 14.3,4, onde são dadas notas expositivas adicionais. Os santuários locais algumas vezes promoviam uma idolatria franca; de outras vezes, o *yahwismo* aparecia de mistura com a adoração a outras divindades. A tendência desses santuários foi sempre debilitar a fé centralizada do templo, onde o *yahwismo* puro era a essência do culto dos hebreus.

Edificou a porta de cima da casa do Senhor. Quanto ao lado positivo de suas atividades espirituais, Jotão edificou o portão de cima da área do templo; provavelmente devamos entender o portão de Benjamim, mencionado por Jeremias 20.2. Essa construção visava a promover o *yahwismo,* melhorando as instalações daquele lugar de oração. Outras atividades de construção realizadas por esse rei são mencionadas no trecho paralelo de II Crônicas 27.3-5. Os historiadores judeus põem esse portão no *lado oriental* (*Talmude Bab. Sotah,* fol. 71; Maimônides, *Cele, Ham.* cap. 7, sec. 6).

15.36

Quanto aos demais atos de Jotão. A nota usual de obituário foi apresentada no caso de Jotão. Este versículo é virtualmente igual ao de II Reis 15.6. As notas dadas ali também se aplicam aqui. O trecho de II Reis 14.18 contém uma declaração similar, mas deixa de fora a segunda parte que fala sobre "descansar com seus pais" (um eufemismo para a "morte").

15.37

Começou o Senhor a enviar contra Judá a Rezim, rei da Síria, e a Peca. Rezim, rei da Síria, e Peca, rei de Israel, uniram-se contra a Assíria, seu inimigo comum. Ver as notas sobre o versículo 29. Eles tentaram forçar Jotão a fazer parte da aliança. Mas Jotão, com sabedoria, evitou totalmente qualquer envolvimento nessa aliança. Coisa alguma poderia fazer parar o adversário do norte, e qualquer um que o tentasse seria aniquilado por isso. Talvez esse aspecto da história tenha ocorrido quando Jotão e Acaz eram co-regentes, isto é, cerca de 735-732 A. C. Ver a exposição sobre II Reis 16.1. A implicação do versículo 37 é que Yahweh estava testando Jotão para ver se ele cederia, tolamente, diante das pressões impostas. Não lhe competia aliar-se a essa *aliança profana.* Judá, na realidade, tornou-se um aliado relutante da Assíria, na tentativa de salvar-se da obliteração. Este versículo também implica que os *assédios* de Rezkim e de Peca eram castigos contra Judá. Esse reino também vivia em tempos perturbados por causa de uma obediência *parcial.* Esses assédios incluíram campanhas militares contra Judá, conforme se vê em II Reis 16.5. Judá, entretanto, mostrou-se forte o bastante para resistir e repelir os atacantes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rezim.*

15.38

Descansou Jotão com seus pais. Temos aqui a *segunda metade* da *nota comum de obituário,* com a qual o autor sacro encerrava suas histórias sobre os reis de Israel e Judá. Ver o versículo 36 quanto à primeira parte desse obituário. Usualmente, as duas afirmações aparecem juntas, como se vê em II Reis 15.6,7, cujas notas expositivas se aplicam também aqui. Ver I Reis 1.21 quanto ao eufemismo para "morte", isto é, "descansar (dormir) com seus pais".

Na cidade de Davi, seu pai. Essa cidade é Jerusalém, que Davi fez sua capital, tendo conquistado essa cidade dos jebuseus. Jotão foi sepultado ali, o que era costume no tocante aos reis de Judá. E *Acaz,* seu filho, tornou-se o novo rei de Judá. Ver a história de Acaz em II Reis 16.1-4.

Capítulo Dezesseis

Acaz, Rei de Judá (16.1-4)

Esse homem, em contraste com outros reis de Judá (que praticavam em parte o certo, em parte o errado), foi um rei que seguiu o estilo dos reis de Israel — fez somente o mal. Ele não seguiu a liderança dada pelo *rei ideal,* Davi. Ele era corrupto interna e externamente, por inclinação natural e pela força do mau exemplo. Inclinou-se diante da forma mais brutal de paganismo: os sacrifícios de infantes a alguma divindade pagã. Além disso, reteve certa variedade de práticas idólatras. Ver sobre ele no artigo existente no *Dicionário.*

16.1,2

No ano dezessete de Peca... começou a reinar Acaz. O autor sagrado introduz esse rei da mesma maneira que fizera com os demais reis, empregando sua nota estereotipada de subida ao trono. Essa nota foi sempre uma comparação com o rei corrente de Israel, para fornecer uma idéia cronológica aproximada. Acaz começou a governar no ano dezessete de Peca, rei de Israel. Ele tinha vinte anos de idade quando começou a reinar, e governou por dezesseis anos, conservando Jerusalém como sua capital. Parece que Jotão e Acaz foram co-regentes. O ano dezessete do governo de Peca foi 735 A. C. Entretanto, somente em 732 A. C. Acaz começou a governar sozinho, e seu governo pessoal durou dezesseis anos, e não vinte. Jotão morreu em 732 A. C. A co-regência perdurou de 744 a 735 A. C. Pelo menos essa é a reconstituição feita por alguns eruditos, que tentaram harmonizar várias notas históricas, onde a co-regência sempre foi usada como instrumento favorito nesses cálculos. Ver a introdução a II Reis 15.31 quanto às *dificuldades cronológicas.*

Narrativas Paralelas. Quanto ao modo de apresentação do autor sagrado, onde ele saltou para cá e para lá entre Israel e Judá, em uma ordem cronológica aproximada, ver as notas em I Reis 16.29. Para aliviar as dificuldades cronológicas, as versões siríaca e da Septuaginta, em II Crônicas 28.1, fazem a subida de Acaz ao trono ocorrer no ano vinte e cinco de sua vida, e não no ano vinte, conforme diz o texto massorético. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Algumas vezes, as *versões* se mostram corretas em relação ao texto massorético (o texto massorético padronizado, a Bíblia hebraica), conforme os Manuscritos do Mar Morto o têm demonstrado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do.* Quanto a informações gerais sobre os manuscritos do Antigo Testamento e a crítica textual, ver *Manuscritos do Antigo Testamento* no *Dicionário.*

Quanto a *Davi* como o rei ideal, cujo exemplo foi raramente seguido por reis subsequentes de Israel e de Judá, ver I Reis 15.3. Quanto à metáfora do "andar", ver no *Dicionário* sobre esse termo.

16.3

Andou no caminho dos reis de Israel. Em lugar de seguir o exemplo relativamente bom de seus antecessores, os reis de Judá (que agiam em parte bem, e em parte mal), esse rei seguiu o exemplo degenerado dos reis de Israel, que foram quase sempre maus. Mais do que isso, Acaz apelou para a idolatria antiga, e realizou o crime máximo: fez um filho seu passar pelo fogo, para honrar e aplacar uma divindade pagã. Esse homem abominável transformou seu filho em holocausto. O sacrifício do filho primogênito era uma estupidez da idolatria antiga, que tivera lugar em muitas nações, e não apenas em Israel. Ver Levítico 18.21 e 20.2,4 quanto à proibição de Moisés contra essa *brutalidade da idolatria.* Ver II Reis 17.31 e Ezequiel 16.21 quanto a outras referências sobre costumes e sobre os vários deuses que eram honrados e supostamente aplacados por esses sacrifícios do próprio filho. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque,* que contém detalhes sobre essa prática. Mas também temos a história de Abraão, que iria oferecer seu filho, Isaque, como holocausto (ver Gênesis 22.3-14). Sem dúvida, esse foi um antigo reflexo da horrenda prática, a qual não foi consumada, entretanto. O relato tornou-se uma história exemplar: *Nunca* ofereças tal sacrifício, do mesmo modo que nosso Pai, Abraão, foi ordenado por Yahweh a *não* consumar tal oferenda. Ver Êxodo 13.15 e as notas expositivas a respeito. Todos os filhos primogênitos eram metaforicamente sacrificados a Yahweh, em uma dedicação absoluta, mas eram remidos de qualquer sacrifício literal. O sacrifício de um animal tomava o lugar do sacrifício humano, embora esse abominável costume tenha continuado a existir, e embora tenha sido ocasionalmente praticado em Israel e em Judá. Ver I Reis 16.34; II Reis 16.3; Ezequiel 20.26 e Miquéias 6.7.

O autor sagrado relembra-nos de que essas práticas horrorosas pertenciam àquelas nações que Yahweh *expulsara* da Terra Prometida; e assim advertiu a qualquer um que quisesse ocupar-se de tais práticas. A ira de Yahweh por certo feriria tal pessoa, em concordância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

16.4

Queimou incenso nos altos. Entre os pecados menores de Acaz estava o seu encorajamento à prática pessoal da idolatria nos *lugares altos* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Quanto a essa questão, ver o versículo 35 do capítulo 15. Talvez o uso de Acaz dos lugares altos fosse uma prática sincretista, isto é, ele retinha o *yahwismo,* misturado com a idolatria pagã. Considerando-se, porém, o sacrifício de seu próprio filho (ver o terceiro versículo), provavelmente é mais seguro supormos que esse rei de Judá tenha abandonado completamente a antiga fé religiosa de Judá. Notemos que este versículo fala de sua idolatria em *termos amplos.* Ele ficou de tal modo envolvido que toda árvore verde era suficiente para ele se servir dela como lugar de sacrifício. Cf. as declarações semelhantes em I Reis 14.23 (envolvimento de Roboão), e que também envolveram as tribos do norte, Israel, de modo geral (ver I Reis 17.10). Cf. a informação dada no trecho paralelo, isto é, II Crônicas 28.2-5. Naturalmente, o autor sagrado exagerou um pouco.

Judá Atacado pela Síria e por Israel (16.5-9)

Aqueles eram tempos de anarquia e de rápida desintegração. O *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*) já havia começado. Ver sobre II Reis 15.29. Israel fizera uma aliança militar com seu inimigo tradicional, a Síria, tentando barrar os movimentos de seu inimigo comum do norte, a Assíria. Esses dois reinos tentaram forçar Judá a aliar-se a eles. Quando suas solicitações não foram honradas, eles atacaram Judá como vingança. Talvez eles esperassem que um ataque *convenceria* Acaz a reunir-se à aliança contra a Assíria. Em lugar de deixar-se convencer por esse ataque, Acaz apelou para a ajuda da Assíria, não porque o quisesse fazê-lo, mas porque a questão era a sobrevivência. Judá faria antes frente à Síria e a Israel do que contra a Assíria, cuja estrela estava ascendente, o que continuaria ainda por bastante tempo. Damasco, capital da Síria, foi capturada e seus habitantes foram exilados. Seu rei tinha sido executado, e outro tanto aconteceu em Israel. Ver detalhes sobre essa guerra no capítulo sétimo de Isaías e no capítulo 26 de II Crônica. Tiglate-Pileser fez a Síria e Israel parar seus ataques contra Jerusalém, e salvou Acaz, que se tornou um vassalo virtual da Assíria. O cativeiro de Judá dar-se-ia através dos babilônios, os sucessores dos assírios no drama internacional. Isso só aconteceria, entretanto, mais de cem anos depois, ou seja, em cerca de 597 A. C. Ver sobre o *Cativeiro Babilônico,* no *Dicionário.*

16.5

Cercaram Acaz, porém não puderam prevalecer contra ele. A aliança da Síria com Israel era assustadora, mas não era nem metade tão assustadora quanto a Assíria. Portanto, Acaz resistiu a esses dois países próximos e não estabeleceu aliança com eles, mas voltou-se para a Assíria, em busca de ajuda. Uma grande soma de dinheiro encorajaria facilmente Tiglate-Pileser a agir em favor de Judá (vss. 8 e 9). Ademais, o tributo pago à Assíria tornar-se-ia uma realidade anual para Judá. Foi assim que Acaz "comprou" a Assíria. Mas a Babilônia não se deixaria "comprar" por Judá, cerca de cem anos mais tarde. Ver a introdução à presente seção, acima, quanto a detalhes. Isaías mandou uma mensagem de consolação a Acaz. Rezim e Peca eram tão bons como se estivessem mortos.

16.6

Naquele tempo Rezim... restituiu Elate à Síria. O rei da Síria não obteve sucesso com Jerusalém, mas foi capaz de dominar *Elate,* que o rei Uzias havia tomado dos edomitas e tinha estabelecido como um porto para promover o comércio internacional (ver II Reis 14.22). Essa foi uma das principais realizações de Uzias (Azarias), mas agora os judaítas perdiam outra vez Elate. Provavelmente seja mais correto dizer que a Síria não "liberou" Elate para dá-la de volta aos edomitas. Antes, a Síria assumiu os negócios naquele lugar, para tirar proveito da situação, algo de que os sírios muito estavam precisando, conforme crescia o cerco da Assíria.

Outra Interpretação Deste Versículo. A *Revised Standard Version* diz aqui "rei de Edom", em lugar de "rei da Síria". No hebraico, as palavras que significam Síria e Edom, bem como os sírios e os edomitas, são bastante similares, sendo possível que a *Revised Standard Version* esteja correta em sua substituição. A nota marginal, no texto massorético, na Septuaginta e na Vulgata, diz "edomitas". Se isso está correto, então este é um daqueles lugares onde uma *emenda conjecturada* é preferível ao texto massorético. Historicamente, não temos nenhuma conquista de Elate pelos sírios, nem há confirmação de que os sírios se tenham ocupado do comércio em Elate. Também seria altamente questionável que a Síria se envolvesse em um empreendimento tão ao sul, quando seu grande inimigo do norte — a Assíria — estava batendo às portas. Quanto a informações sobre os manuscritos do Antigo Testamento e quanto aos princípios da crítica textual, ver *Manuscritos do Antigo Testamento,* no *Dicionário.* Os Manuscritos do Mar Morto têm demonstrado que *algumas* emendas conjecturadas do texto massorético representam os textos originais, que em algum tempo posterior sofreram modificação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do,* como também *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

16.7

Acaz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser. Esse é o mesmo "Pul" de II Reis 15.19; ver as notas expositivas, bem como o artigo sobre ele, no *Dicionário.* Acaz, precisando de ajuda que o livrasse do aperto em que tinha sido metido por Rezim, da Síria, e por Peca, de Israel, solicitou a ajuda do rei da Assíria. Essa ajuda seria eficaz, mas dessa forma Judá vendeu-se à Assíria, devendo pagar-lhe tributo por longo tempo. Acaz humilhou-se diante do monarca do norte, chamando-se a si mesmo de seu *filho* e *servo,* o que o reduziu à posição de vassalagem, e *implorou-lhe* ajuda. Tiglate-Pileser faria qualquer coisa por dinheiro, e assim ele concordou. Entrementes, Yahweh havia prometido a Acaz livramento dos "dois tocos de tições fumegantes" (Isaías 7.4-16), e alguns intérpretes, antigos e modernos, supõem que essa ajuda poderia ter sido dada, sem necessidade de Judá apelar para a Assíria, economicamente falando.

16.8

Tomou Acaz a prata e o ouro. *O preço.* O templo de Jerusalém foi outra vez roubado de seus tesouros. Mas não estamos informados de quanto foi dado ao rei da Assíria, embora devesse ter sido uma importância considerável, levando-o a esquecer-se de suas "ambições sulistas". Joás havia feito algo similar, segundo lemos em II Reis 14.14. Esse rei de Israel tirou o dinheiro do templo de Jerusalém, mediante conquista militar. Uzias, subseqüentemente, restaurou os tesouros do templo, só para vê-los ser entregues à Assíria.

16.9

Tiglate-Pileser mostrou ser uma ajuda cooperadora e altamente eficaz. Sua estrela estava subindo no firmamento. Tinha um exército invencível. Foi a época da Assíria no palco da história da humanidade. O exército assírio levou a guerra até Damasco, capital da Síria. Ele esmagou a cidade, deixando-a irreconhecível; e levou muita gente cativa para *Quir* (ver a respeito no *Dicionário*). Não sabemos dizer, hoje em dia, onde ficava Quir, mas Amós 9.7 informa-nos que era o lar original dos sírios de Damasco. Em outras palavras, era o lugar *de onde* os sírios tinham vindo. Eles voltaram a seu antigo lar de origem. Pertencia ao império assírio e ficava em algum ponto entre os mares Negro e Cáspio. Alguns dizem que é a moderna Geórgia da Comunidade dos Estados Independentes (ex-União Soviética). Seja como for, fazia parte das normas políticas dos assírios relocar povos conquistados em novas terras, e isso controlava e eliminava eficazmente um povo, furtando-lhes a sua identidade.

As inscrições assírias dão-nos conta de que foram necessários dois anos para a Assíria capturar Damasco, o que significa que a resistência foi grande, mas, finalmente, inútil. Os anos desse ataque contra a Síria foram 733-732 A. C.

O Final da Guerra. O arrogante Rezim foi executado, e assim pagou o preço por haver assediado Judá, e, provavelmente, por muitos outros pecados cometidos. Ver Amós 1.5. Amós tinha previsto o desastre para os sírios e para Rezim.

Visita de Acaz a Damasco; Sua Apostasia (16.10-20)

Os *motivos que teria tido Acaz* para visitar Damasco, depois que essa cidade foi arruinada pelo exército assírio, não são claros. Provavelmente, uma das razões foi a sua arrogância: ele queria ver o fim de seus adversários e encher-se de orgulho. Mas ele também queria pagar sua dívida de gratidão a seu *salvador*, Tiglate-Pileser, que o havia agradado, destruindo seus inimigos. Naturalmente, Acaz havia pago para isso (vs. 8). Seja como for, a viagem teve resultados desastrosos. Um altar pagão, naquele lugar, chamou a atenção de Acaz, e ele quis ter uma duplicata do altar para o templo de Jerusalém. Uma cópia desse altar pagão acabou substituindo o altar sacrifical do Lugar Santo, e, podemos presumir, o sacerdócio levítico inteiro escorregou para a apostasia. A questão do altar pode ter sido uma das maneiras pelas quais Acaz disse "obrigado" ao seu salvador: ele chegou a reconhecer as divindades pagãs. É possível, conforme alguns estudiosos têm conjecturado, que aquele altar tivesse tido origem assíria, e tivesse sido dedicado aos deuses da Assíria. Os "deuses" da Assíria, deve ter pensado Acaz, deram-lhe a vitória sobre os sírios. Entrementes. Yahweh foi esquecido.

16.10

Então o rei Acaz foi... a encontrar-se com Tiglate-Pileser. O rei assírio estava finalizando os detalhes de sua exportação dos habitantes de Damasco para Quir. Acaz quis ver com seus próprios olhos a derrota absoluta e a humilhação de seus adversários sírios. Ademais, ele havia pago para eles serem derrotados e tinha o direito de ver quão bem o trabalho de Tiglate-Pileser havia sido feito. Ele diria um "muito obrigo" ao rei assírio, e veria, com satisfação, a destruição que tinha sido causada. O poder da Síria havia chegado ao fim. Talvez isso tenha tomado dois anos, desde que ele "comprara" o rei assírio com dinheiro. Ver a introdução à presente seção quanto a detalhes.

Estando em Damasco, Acaz viu um enfeitado altar pagão que lhe chamou a atenção. Pode ter sido de origem assíria, usado para honrar suas divindades. Seja como for, podemos ter certeza de que era um altar típico do paganismo. Para Acaz, esse altar era superior ao altar dos sacrifícios do templo de Jerusalém, quanto às qualidades estéticas. Portanto, ele resolveu copiá-lo. A duplicata estava destinada a tomar o lugar do altar principal do templo de Jerusalém.

Não somos informados especificamente sobre quais oferendas às divindades pagãs seriam oferecidas sobre o novo altar no templo de Jerusalém (provavelmente de modo paralelo às oferendas oferecidas a Yahweh), mas sem dúvida é isso que devemos entender dessa crônica. Ver II Crônicas 28.21-25 quanto à confirmação do que aqui dissemos.

Urias, provavelmente o sumo sacerdote dos judaítas, recebeu ordens para fazer uma duplicata daquele altar visto em Damasco. Ver sobre *Urias,* no *Dicionário,* em seu terceiro ponto. Podemos supor que o sumo sacerdote do culto a Yahweh foi forçado a fazer o que fez, pois, de outro modo, ele e todo o seu sacerdócio estariam bem avançados na vereda da idolatria e do paganismo, para ter cooperado assim com a novidade.

Outras Evidências de Apostasia em Judá. "O relógio de sol de Acaz (ver II Reis 20.11) bem como a ereção sobre o telhado do templo, de altares aparentemente designados para a adoração às hostes celestiais (ver II Reis 23.12), foram obras igualmente características de um rei dado a idéias sem valor e a superstições, que imaginava que a introdução de algumas novidades pagãs emprestaria brilho ao seu reino" (Ellicott, *in loc.*). O trecho paralelo de II Crônicas 28.21-25 surpreende-nos com a extensão da idolatria de Acaz. Tendo sido salvo pelos assírios pagãos, *ele se desmanchou em pedaços,* espiritualmente falando. E voltou-se para as divindades que, supostamente, tinham dado poder ao rei de Assíria.

16.11

Urias, o sacerdote, edificou um altar. É patente que ele cooperou de todo o coração com a crescente idolatria que invadia Judá. Ele e seu sacerdócio já haviam caído na decadência. O homem estava com pressa. Antes que o rei de Judá pudesse voltar para casa, Urias já tinha arrumado o novo altar, cópia do de Damasco. Foi uma "agradável surpresa" para o rei Acaz, uma obra de devoção que o sumo sacerdote Urias tinha reparado para agradá-lo. E Acaz, por sua vez, estava tão ansioso por ver e experimentar o novo altar, que assim que chegou sacrificou sobre ele. E, antes de voltar a Jerusalém, enviou a planta e os planos da construção. E Urias o duplicou rapidamente, a fim de mostrar ao rei quão obediente era, e quão ansioso estava para agradá-lo. Assim sendo, uma estupidez foi adicionada a outra.

16.12

Surpresa! O rei Acaz veio em sua carruagem de Damasco a Jerusalém, aproximou-se da área do templo, e ali viu o "seu altar". Quão satisfeito ele ficou! E imediatamente ofereceu oferendas sobre o novo altar, como já dissemos. Podemos estar certos de que essas oferendas incluíram oferendas aos deuses pagãos da Assíria, que, alegadamente, eram poderes por trás do poder militar da Assíria. Acaz, pois, queria uma parte daquele poder. Portanto, embora talvez não tivesse abandonado de vez o *yahwismo,* caiu num ecletismo idólatra que obliterou qualquer adoração verdadeira. Em outras palavras, ele caiu na *apostasia* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). O trecho de II Crônicas 28.21-25 demonstra que uma extensa idolatria foi instituída em Judá por parte de Acaz. Este, portanto, exerceu funções sacerdotais. Originalmente, parece que os reis podiam fazer isso. A legislação mosaica limitou essa atividade à casta sacerdotal, mas não podemos estar seguros se tais leis chegaram a ser plenamente implementadas. Fosse como fosse, Acaz não hesitou em ser "sacerdote por um dia".

16.13

Queimou o seu holocausto... Foram oferecidas *todas as espécies* de oferendas: holocaustos, ofertas de cereais e libações, todas as quais tinham sido ordenadas pela legislação mosaica. Ver as seguintes oferendas: holocaustos (Levítico 1.3-17; 6.9-13); ofertas de manjares (Levítico 5.1-13; 6.1-7; 7.1-7); ofertas pacíficas (Levítico 3.1-17; 7.11-21); ofertas de libação (Levítico 9.9; 17.11). Ver o artigo geral no *Dicionário,* intitulado *Sacrifícios e Ofertas.* É provável que Acaz tenha empregado o *modus operandi* da legislação mosaica, mas várias divindades pagãs acabaram sendo honradas pela loucura dele.

Ação de Graças. Provavelmente a principal motivação de todas essas oferendas foi oferecer ação de graças, a Yahweh e a outras divindades, pelo livramento de Judá de Israel e da Síria (II Reis 16.5). Visto que a Assíria foi o agente do livramento, pareceu a Acaz que seria justo que suas divindades também recebessem ação de graças, por meio das oferendas.

16.14

Porém o altar de bronze, que estava perante o Senhor, tirou ele de diante da casa. Quanto a esse "altar de bronze", ver Êxodo 27.1. Esse altar foi removido de seu devido lugar e transferido para o norte do novo altar, que assumiu a posição daquele. À luz das versões siríacas, dos Targuns e da Septuaginta, parece que o antigo altar de bronze continuou a ser usado. Se isso é verdade, então Acaz efetuou um sistema verdadeiramente eclético, isto é, do *yahwismo com* muitas formas de idolatria, e ambos os altares foram postos a funcionar, de acordo com o novo sistema criado por Acaz. Quanto à *planta baixa* do tabernáculo, que foi duplicada no templo de Jerusalém, ver a ilustração existente na introdução ao trecho de Êxodo 26.1.

"Os altares antigos deveriam ser deixados em seus lugares. Esses altares nem deveriam ser alterados nem modernizados, para conformar-se a idéias neopagãs. Não há substituições para a fé arraigada em Deus, que a Bíblia e a Igreja nos apresentam. Vamos deixar de lado os altares assírios, e cuidemos para que a religião renasça no coração das pessoas" (Raymond Calking, *in loc.*).

16.15

Queima no grande altar. Isto é, no novo altar de Damasco, impressionante e de aspecto bem estético, que havia substituído o antigo altar de bronze. Esse

novo altar pagão tornou-se o centro de atrações e o lugar do culto sacrifical. Os sacrifícios matinais e vespertinos eram feitos ali, bem como todos os demais sacrifícios. O autor dá-se ao trabalho de alistar novamente os vários tipos de oferendas e sacrifícios, que eu já comentei na exposição sobre o versículo 13 deste capítulo. O culto sacrifical inteiro foi transferido para o novo altar. O sumo sacerdote Urias obedeceu a todas as ordens do rei, pelo que temos aqui um notável exemplo histórico de como a Igreja obedeceu ao Estado, para seu próprio prejuízo. É de presumir-se que, através de tais atos e mudanças, Judá estaria livre de invasões estrangeiras. Mas os *babilônios*, que substituiriam os assírios, como a grande potência mundial da época, logo poriam fim a tudo isso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro Babilônico*.

O altar de bronze. Ou seja, o altar antigo, menor e mais humilde. Esse altar ficou no terreno do templo, mas humilhado quanto às suas funções. Esse altar passou a ser usado somente para buscar a vontade de Yahweh, que também foi deslocado essencialmente pelas divindades pagãs. O sumo sacerdote consultaria Yahweh no altar antigo e humilde, *quando* Acaz julgasse ser necessário. O oráculo era tradicionalmente consultado no templo, mediante o uso do *Urim* e do *Tumim*, e não diante do altar dos holocaustos. Mas Acaz também instituiu um novo *modus operandi*. O sumo sacerdote realizaria seu ritual para buscar uma mensagem da parte de Yahweh sobre o altar antigo, sem dúvida acompanhado pelos sacrifícios apropriados para agradar o Deus de *Israel*. Portanto, desenvolveu-se um *ecletismo* doentio.

Ver Êxodo 29.38-42 e Números 28.3-8 quanto aos sacrifícios matinais e vespertinos.

16.16-18

Mudanças de Conseqüências a Longo Prazo. Em primeiro lugar, note-se que Urias, o sumo sacerdote, seguiu obedientemente os desejos do rei Acaz, aparentemente sem fazer nenhum protesto. Acaz já havia substituído o antigo altar de sacrifícios, feito de bronze, pelo novo altar, fantasiado, mais estético e maior (vss. 11-15). Agora ele efetuaria mais mudanças ainda no aparato do culto religioso, no templo e nas áreas circunvizinhas. As mudanças foram inspiradas principalmente pelo fato de que não somente o tesouro do templo, mas também alguns de seus móveis valiosos tinham sido desmantelados e enviados para a Assíria, como parte do tributo. Cf. os vss. 8 e 18. O que estava sendo feito era "para" o monarca assírio, e não por motivo de ostentação nem para agradar o rei Acaz, que havia paganizado o culto religioso de Judá, mas por causa do valor monetário dos objetos. Em outras palavras, Tiglate-Pileser estava interessado no dinheiro, e não no culto religioso de Judá.

"Acaz furtou o templo, por causa do rei da Assíria. Ele precisou desmantelar os móveis do templo, a fim de pagar seu tributo ao rei assírio. Os comentadores antigos supunham que ele tinha ocultado esses tesouros a fim de que seu suserano assírio não os exigisse. Mas agora todos concordam que eles enviaram outros tesouros de Acaz para a Assíria" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Podemos supor que os móveis preciosos do templo de Jerusalém tenham sido substituídos por materiais inferiores, conforme Acaz os pôde conseguir.

O mar. O primeiro item do templo a sofrer abuso (após o altar de bronze) foi o maciço mar de fundição (ver I Reis 7.27-40). Sua gigantesca base de bronze foi removida, e o lavatório foi posto sobre uma fundação de pedras. Os bois de bronze, que faziam parte dessa base de bronze e embelezavam a estrutura, foram finalmente levados pelos babilônios (ver Jeremias 52.20).

"No templo havia dez lavatórios para os sacerdotes se lavarem, o que aparece aqui, onde o singular representa o plural; e esses lavatórios tinham bases de bronze sobre as quais eram colocados. Em derredor dessas bases havia bordaduras ornadas, pintando várias criaturas, como leões, bois e querubins. Essas bordaduras, Acaz arrancou" (John Gill, *in loc.*). O versículo 17 fala tanto do mar de fundição como dos lavatórios móveis, menores. Ver o artigo no *Dicionário* chamado *Mar de Fundição*, que inclui descrições dos lavatórios menores, no seu quarto ponto.

Alguns intérpretes supõem que Acaz tenha feito o que fez para desfigurar o templo. Mas o propósito disso foi pagar tributo a Tiglate-Pileser, da Assíria. A coisa inteira ilustra até que ponto humilhante Acaz e Judá tinham sido reduzidos, por buscar a ajuda da Assíria.

O passadiço coberto. A compreensão deste versículo torna-se difícil porque o objeto em vista é referido por uma palavra hebraica cujo significado é desconhecido hoje em dia. Existem muitas conjecturas a respeito. Ao que parece, algo relacionado a uma *cobertura* está em pauta. Norman H. Snaith (*in loc.*) conjecturou que o termo hebraico em questão significa "a cobertura do assento". Isso, pois, seria uma alusão a um assento com cobertura. Outra idéia é uma espécie de cobertura erigida no átrio para fazer sombra para o rei e seu séquito quando estivessem de visita ao templo. Ellicott conjecturou sobre um "corredor coberto". Seja como for, sem importar o que fosse esse objeto, deveria ter algum valor monetário, pois foi removido e enviado ao rei da Assíria. E isso se tornou parte do tributo pago anualmente (ver II Reis 17.4) por Judá à Assíria.

Existem Ainda Outras Idéias. Uma delas é que a passagem recoberta foi removida por Acaz para desencorajar o povo de vir ao templo cultuar religiosamente. Mas Tiglate-Pileser estava interessado no dinheiro, e não na maneira de Judá cultuar Yahweh. Ou então a remoção da passagem que ligava o palácio real com o templo visava a facilitar as coisas quando o rei da Assíria viesse visitar Jerusalém. Dessa maneira, ele não seria atraído a passar por ali e entrar no templo, encontrando os seus tesouros (ou móveis). Diante de tais coisas, ele as cobiçaria e as levaria para si mesmo. Essa idéia, porém, não faz sentido.

16.19,20

Quanto aos demais atos de Acaz. Encontramos aqui a usual nota de obituário que o autor sagrado usou para encerrar todas as suas narrativas sobre os reis de Israel e de Judá. Estes versículos são virtualmente idênticos àqueles, em outros lugares, que dão notas de obituário. Ver I Reis 1.21 e 16.5,6 quanto a notas expositivas completas sobre os elementos dessas notas. Não é especificamente dito que Acaz foi sepultado nos sepulcros reais, mas é provavelmente isso que devemos entender aqui. Não é provável que ele tenha recebido um sepultamento inferior, com menos honrarias do que os reis que viveram antes dele. Ver o capítulo 28 de II Crônicas quanto a detalhes sobre Acaz e que II Reis não apresenta.

Ezequias, seu filho, reinou em seu lugar. É incrível que o ímpio Acaz tenha tido um filho nobre, de fato, um dos melhores reis de Juda. Mas, antes de contar a sua história, o autor sagrado faz nossa atenção voltar-se para Israel, dizendo-nos como esse rei chegou a um fim absoluto. Ver II Reis 18.1-20.21 quanto ao reinado de Ezequias.

Capítulo Dezessete

Oséias, Rei de Israel (17.1-6)

Chegou o Fim Inevitável. O reino do norte, Israel, estava prestes a ser obliterado. A sorte não podia mais esperar pelo devido desfecho. Oséias foi o último rei de Israel. Dessa vez, não apenas um rei, mas um *reino inteiro* morreria. A antiga síndrome do pecado-julgamento-destruição poria fim àquela confusão toda. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* assinalaria o *fim* da nação de Israel. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*. A nação do norte, Israel, tinha caído em uma irreversível apostasia. A história dessa nação de Israel tinha degenerado em matar, ser morto e idolatrar. A paciência divina se tinha esgotado.

"Oséias foi o último rei do reino do norte. Ele precisou submeter-se ao rei da Assíria; mais tarde, porém, ele se rebelou, atiçado pelas promessas do Egito. Então, o rei da Assíria aprisionou Oséias, cercou a cidade de Samaria, e, quando a cidade caiu, após um cerco de três anos, ele deportou uma larga porção da população" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Mas essa não foi a primeira deportação. Ver II Reis 15.29. O *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*) não foi um acontecimento em uma única fase. Foi um processo que se prolongou por várias décadas, tendo havido três deportações principais. Mas no fim o cativeiro assírio mostrou-se absolutamente eficaz: Israel, o reino do norte, foi varrido da face da terra.

17.1

Relatos Paralelos. De acordo com esse método de narrativa dos acontecimentos, quando um novo rei subia ao trono, era sempre comparado cronologicamente ao rei do "outro" reino, Judá ou Israel. O autor sagrado não apresentou primeiro todos os reis de Israel e pôs-se a descrevê-los, para, em seguida, fazer a mesma coisa no tocante a Judá. Antes, ele apresentou relatos paralelos, saltando de um reino para o outro, de Israel para Judá, em uma ordem cronológica aproximada. Quanto a esse modo de apresentação, ver as notas expositivas sobre I Reis 16.29.

Oséias começou a reinar no décimo segundo ano do governo de Acaz, rei de Judá. Alguns eruditos salientam que o oitavo ano do governo de Acaz seria um cálculo mais correto; mas outros dizem-nos que houve uma co-regência envolvida que explica a diferença de quatro anos. "O reinado de Acaz, que começou em 744 A. C., incluiu nove anos como vice-regente (744-735 A. C.), quatro anos como co-regente com seu pai, Jotão (735-732 A. C.) e dezesseis anos como rei absoluto (732-715 A. C.). Cf. II Reis 16.1,2. Oséias começou seu reinado de nove anos no vigésimo ano do governo de Jotão (II Reis 15.30), que foi o ano de 732 A. C. Os vinte anos do reinado de Jotão (750-732 A. C.) incluíram seu reinado de dezesseis anos (750-732 A. C.) e quatro anos como co-regente (735-732 A. C.). O reinado de Jotão, de 750 a 732 A. C., parece ter perdurado por dezoito ou dezenove anos,

mas foram considerados vinte anos porque ele reinou dezoito anos inteiros e mais parte de dois outros anos" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Ver sobre *Israel, Reino de*, no *Dicionário.*

17.2

Fez o que era mau perante o Senhor. Mas o autor sagrado não diz que ele compartilhou da forma específica que Jeroboão havia iniciado a adoração ao bezerro, em Dã e Betel. Essa adoração alternativa, em santuários locais, foi estabelecida para impedir as pessoas de ir ao reino do sul, Jerusalém, para participarem do culto no templo. A medida tencionava consolidar a divisão entre o norte e o sul. Jeroboão não queria que descontentes em seu reino falassem a outros sobre as maravilhas do templo no reino do sul, Judá. As tradições rabínicas dizem-nos que Oséias permitiu peregrinações ao templo de Jerusalém. Além disso, temos a informação de que a primeira deportação pusera fim aos santuários de Dã e Betel (ver *Seder Olam Rabba.*, cap. 22). Ver II Reis 15.29. Quanto aos pecados de Jeroboão, e o fato de que ele levou Israel a pecar, ver as notas expositivas em I Reis 12.28 ss., 15.26 e 16.2, quanto à história original.

17.3

Contra ele subiu Salmaneser, rei da Assíria. Ver o artigo detalhado sobre esse homem, no *Dicionário.* A única outra referência bíblica a esse rei assírio fica em II Reis 18.9. Foi rei da Assíria entre 726 e 722 A. C. Conforme o meu artigo demonstra, vários reis foram chamados por esse nome. O rei aqui em pauta é discutido no quarto ponto daquele artigo. Seu pai chamava-se Adade-Nirari III. Ele recebeu tributo de Israel e provocou perturbações locais, mas foi Sargão quem efetuou o cerco de Samaria. Por esse tempo, Salmaneser já havia morrido. Ao que parece, Salmaneser encabeçou duas invasões a Israel (em 727 e 724 A. C.), mas não levou suas campanhas militares ao extremo de obter a vitória total e a deportação dos habitantes de Samaria. Ver o artigo geral, no *Dicionário,* denominado *Assíria.*

Oséias, sabedor de que compartilharia da temível sorte da Síria (ver II Reis 16.9), decidiu poupar Samaria, e simplesmente pagou tributo. A primeira deportação de Israel já havia ocorrido (ver II Reis 15.29). A estrela da Assíria estava subindo no firmamento; e a de Israel estava descendo. O fim estava próximo para o reino do norte, Israel, mas Oséias adiou isso por mais algum tempo, comprando o rei assírio com dinheiro e com o pagamento de tributo. Acaz havia feito a mesma coisa (ver II Reis 16.7 ss.), mas finalmente o tributo não seria mais suficiente para os gananciosos assírios. O *tributo* era uma *taxa anual,* e não apenas uma contribuição feita de uma vez só (vs. 4).

17.4

Uma Conspiração é Descoberta. O tributo era muito pesado. A enfraquecida nação de Israel estava sendo esmagada. Oséias procurou ajuda no Egito e, no ano em que fez isso, não pagou seu tributo à Assíria.

Sô, rei do Egito. Esse nome suscita dificuldades, porquanto é difícil colocá-lo dentro da dinastia dele, e com os nomes de homens que governaram o Egito como reis. Alguns estudiosos têm tentado identificar Sô com dois reis da vigésima quinta dinastia (etíope), ou seja, Shabaka ou Shabataka. Sargão mencionou certo *Sibu,* um general egípcio que ele derrotou em Rafia (na estrada para o Egito, a vinte e sete quilômetros de Gaza). O ano foi 720 A. C. Ele também mencionou *Piru* (Faraó), rei do Egito. Mediante uma manipulação de vogais (e não de consoantes), o nome *Sewe* poderia ser lido como Sô, e essa palavra, por sua vez, poderia ser um simples equivalente a *Shabi,* que significa "príncipe" ou "governante". Nesse caso, nenhum nome próprio está em vista, e a identificação permanece assim na dúvida. Alguns eruditos escolhem Osorcom IV (que governou por volta de 727-716 A. C.) como a pessoa em vista. Winckler diz que não está em pauta o Egito (*Miçrayim*), e sim o reino árabe de *Muçri.*

Tendo descoberto a conspiração, e *não* tendo recebido seu tributo anual, Salmaneser marchou contra Samaria; ele capturou Oséias e lançou-o em uma prisão. Mas antes de a conquista ter terminado, ele mesmo morreu, e a Sargão foi conferido o dever de acabar com Samaria e deportar seus habitantes para solo assírio. Cf. Jeremias 32.2,3; 33.1 e 36.5.

17.5

Porque o rei da Assíria. Agora o novo rei assírio era Sargão II (ver a respeito dele no *Dicionário*). Salmaneser gostaria de ter vivido o bastante para ver Israel no cativeiro, mas não lhe foi conferido esse *luxo psicológico.* Seu sucessor, Sargão, após um cerco de três anos, veria o fim da tarefa. É uma coisa terrível alguém ser cortado pela morte, antes de um projeto pessoal estar terminado. Oh, Senhor! Livra-nos de tal coisa! Alguns eruditos, porém, fazem este quinto versículo referir-se a Salmaneser, enquanto o versículo sexto referir-se-ia a Sargão II. O cerco durou três anos para produzir os efeitos desejados. É possível que Salmaneser tenha continuado por dois anos, e que Sargão tenha terminado a tarefa, em mais um ano. Nas inscrições assírias, Sargão afirma ter cumprido a tarefa em apenas um ano. Salmaneser era irmão de Sargão II.

17.6

No ano nono de Oséias. Após três anos de lutas terríveis, a cidade de Samaria, finalmente, cedeu ao poder superior dos assírios. Isso ocorreu no nono ano do governo de Oséias. Sargão deportou a população de Samaria para uma área da Mesopotâmia e para a Média (724 A. C.). Os dois lugares específicos para onde os israelitas foram levados foram Haia, junto a Habor, o rio Gozã, e também as cidades dos medos. Ver os nomes apropriados comentados no *Dicionário.* Hala era um distrito ou cidade, e não existem evidências arqueológicas sobre esse distrito ou cidade que nos dê informações mais precisas. Gozã era uma cidade, e temos boas informações sobre ela, conforme meu artigo o demonstra. Um inimigo fora obliterado mediante deportação. Os novos lugares de habitação eram controlados; houve casamentos mistos; e assim, finalmente, a identidade dos israelitas se perdeu. No caso de Judá, um remanescente dos cativos que tinham sido levados para a Babilônia voltou à Terra Prometida para reiniciar Israel, pelo que todos os descendentes modernos dos antigos hebreus derivam-se da tribo de Judá. Tem havido várias identidades das dez tribos, propostas por aqueles que pensam que houve quem sobrevivesse ao cativeiro e tivesse migrado para outros lugares; mas todas essas coisas são fantasias sem nenhuma evidência histórica.

Nas cidades dos medos. Isto é, em vários lugares a nordeste de Nínive. Os israelitas foram assim eficazmente *dispersos.* A Septuaginta diz aqui "nos montes dos medos". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Média (Medos).* Os territórios associados com esses povos estavam sob o controle assírio, quando o autor sagrado escreveu os livros dos Reis, e eles faziam parte do império assírio.

"Assim terminou o reino de Israel, que perdurara por duzentos e cinqüenta e quatro anos, desde a morte de Salomão e o cisma provocado por Jeroboão I, até que Samaria foi tomada pelo exército assírio, no nono ano do governo de Oséias" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Moral da História e a Queda de Israel (17.7-23)

Houve duas forças econômicas em operação; e houve razões militares para a queda da nação de Israel. O autor sacro tinha consciência dos outros "fatores", mas estava convicto de que, se Israel tivesse permanecido fiel a Yahweh, a providência divina teria cuidado dos outros problemas. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Providência de Deus* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A seção à nossa frente é uma longa explicação quanto a *por que* a grande calamidade teve lugar. Infelizmente, morreu Israel, e não meramente um rei de Israel! Foi aquela antiga síndrome do pecado-julgamento-destruição que, finalmente, destruiu o reino todo de Israel. Israel se havia desintegrado muito nos últimos anos, caindo na anarquia e no caos, quando a maioria dos seus últimos reis morreu assassinado, e quando os assassinos foram, por sua vez, também assassinados.

"A destruição do reino de Israel deveu-se a seu desvio geral, à sua negligência em não obedecer aos mandamentos de Deus, mas, acima de tudo, por ter-se desligado da lealdade ao trono de Davi, e por ter adorado o bezerro de ouro em um templo diferente daquele de Jerusalém" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

"Depois de pouco mais de dois séculos, o reino do norte, Israel, deixou de existir como nação (931-722 A. C.). *Sete* de seus vinte reis foram assassinados. *Todos* eles foram julgados maus, por parte de Deus" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

17.7

Tal sucedeu porque os filhos de Israel pecaram. O reino do norte, Israel, finalmente, deixou de existir, por causa de pecado agravado, mormente o pecado de *idolatria* (ver a esse respeito no *Dicionário*), uma afronta contra a fé de Israel e a quebra do segundo e do terceiro mandamento (ver Êxodo 20.2,3). Ver sobre *Dez Mandamentos*, no *Dicionário.* A versão de Luciano menciona, especificamente, a *ira de Yahweh* como a causa do fim da nação do norte, Israel.

Que os fizera subir da terra do Egito. O começo da nação de Israel — para que esse povo se tornasse independente e tivesse seu próprio território e sua liberdade religiosa — teve lugar quando Deus livrou Israel da servidão ao Egito. Esse acontecimento sempre foi considerado crítico e uma razão de gratidão por parte dos israelitas. Essa gratidão deveria ter levado à aderência fiel ao *yahwismo.* Ver como Israel foi tirado *do Egito,* pelo poder de Yahweh, em Deuteronômio 4.20. Essa expressão ocorre por mais de vinte vezes só no livro de Deuteronômio.

E temeram outros deuses. Quase imediatamente depois de ter sido livrado do Egito, Israel caíra na idolatria, enquanto ainda vagueava pelo deserto, e esse mau precedente nunca mais deixou Israel em paz. A corrupção continuou. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Deuses Falsos* e *Idolatria*. Esses artigos ilustram a tremenda variedade de cultos falsos em que Israel caiu.

"Quão irônico foi que o último rei de Israel tenha procurado a ajuda do Egito (vs. 4), quando setecentos e vinte e quatro anos antes (1446 A. C.), Israel finalmente escapara do Egito" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

17.8

Andaram nos estatutos das nações que o Senhor lançara fora. *Quando Israel entrou na posse da terra de Canaã,* encontrou ali grande variedade de deuses, deusas e cultos religiosos. O povo hebreu foi inicialmente influenciado por tudo isso, e logo começou a praticar uma franca idolatria, incorporando deuses estrangeiros em um sistema de adoração sincretista que incluía Yahweh como um Deus. O hebraico da última parte deste versículo não faz sentido e tem sido manuseado variegadamente pelos tradutores. A *Revised Standard Version* demonstra muita liberdade com o texto aqui. Alguma corrupção antiga entrou nesse texto. Israel havia recebido amplo aviso contra a idolatria pagã (ver Levítico 18.3), mas não deu muita atenção às advertências. Os reis de Israel introduziram estranhos costumes de adoração, como foi o caso de Jeroboão I, que instituiu a adoração do bezerro de ouro, em Dã e Betel, mas reteve uma forma de *yahwismo* também. Talvez a última parte do versículo (que é obscuro no hebraico) pretenda salientar essa insensatez dos reis de Israel. A *Revised Standard Version* diz: "...costumes que os reis de Israel haviam introduzido". Nossa versão portuguesa tem palavras similares às da *Revised Standard Version*. O autor sagrado, pois, condenou tanto a idolatria franca quanto a fé sincretista.

17.9

Fizeram contra o Senhor seu Deus o que não era reto. Algumas versões dizem aqui que os filhos de Israel fizeram "secretamente" contra o Senhor o que não era reto. Com isso o autor sagrado descreve as formas secretas de idolatria que eram disfarçadas como se fossem realizadas com um espírito reto, e talvez, até, em nome de Yahweh, ou, pelo menos, parcialmente em seu favor. Aqui o autor sagrado nos apresenta as falsidades do culto dos hebreus, quando eles estavam ainda em sua terra. Eles estabeleceram santuários locais, os quais geralmente ocupavam os chamados *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Isso posto, Israel contava com uma idolatria *disfarçada*, que pretendia honrar suas antigas tradições religiosas, mas que eram apenas uma mistura inaceitável de *yahwismo* com paganismo. Essa questão dos santuários locais (como aqueles de Betei e Dã, onde Jeroboão instituiu sua forma especial de idolatria) feria a unificação da adoração de Israel em Jerusalém, onde o templo tinha por propósito ser o centro de todo o culto. Santuários locais, naturalmente, existiam antes mesmo do templo de Jerusalém. Eles nunca cessaram de exercer forte atração sobre o povo comum. E aqueles que já existiam eram corruptos, e, além desses, inúmeros outros foram levantados, especialmente nos lugares altos.

Desde as atalaias dos vigias até a cidade fortificada. O autor sagrado nos está dizendo que centros idólatras foram estabelecidos *em todos os lugares,* desde os lugares remotos, onde existiam somente pastores e torres de atalaias, até as cidades fortificadas, onde habitavam largos segmentos da população. Ver II Crônicas 26.10 quanto às torres solitárias, habitadas por poucos pastores ou atalaias.

17.10

Em todos os altos outeiros, e debaixo de todas as árvores frondosas. Qualquer elevação e qualquer árvore frondosa fornecia lugar para uma grande quantidade de altares. Naturalmente, o autor sacro está exagerando, mas ele estava correto ao salientar os cultos dispersos que incluíam, naturalmente, a adoração a muitos deuses pagãos. Cf. a idéia do *carvalho sagrado*. Parece que as árvores tinham algum valor místico para os antigos, e até hoje olhamos para as árvores com certa admiração.

> *Poemas são feitos por pessoas como eu,*
> *Mas somente Deus pode fazer uma árvore.*
>
> (Joyce Kilmer)

Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Carvalhos do Manre* (em Gênesis 13.18) e *Carvalho dos Adivinhadores*.

Postes-ídolos. A referência aqui é aos postes sagrados, que representavam a deusa pagã Aserá, que existia virtualmente em todos os lugares onde houvesse seres humanos (ver I Reis 18.4). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Aserá*. E ver em I Reis 14.15 os artigos *Aserins* e *Aserah*. Além disso, havia aquelas pedras sagradas, algumas das quais serviam de altares, enquanto outras não. Algumas dessas pedras eram esculpidas e postas de pé. Ver II Reis 18.4.

17.11

Como as nações, que o Senhor expulsara de diante deles. Uma vez na posse da Terra Prometida, Israel imitou as nações ao redor, estabelecendo santuários nos *lugares altos* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ali eles sacrificavam, queimando incenso. Esses lugares foram centros da mais crassa forma de idolatria, destruindo o ideal da adoração centralizada em Jerusalém, onde Yahweh era a única *deidade* honrada. Os reis de Israel, mesmo quando promoviam o *yahwismo*, ainda permitiam a continuação dos lugares altos. Ver I Reis 11.7; II Reis 23.15.

Ver o trecho de Deuteronômio 12.2-7,13,14 quanto a um ataque contra os lugares altos, e quanto à ordem de adorar no lugar que seria nomeado, ou seja, o templo de Jerusalém. Em todos os escritos pré-exílicos, a palavra "incenso" seria mais bem traduzida por "sacrifício", visto que no hebraico a palavra somente mais tarde adquiriu aquele outro sentido.

Cometeram ações perversas. A idolatria sempre está cercada de pontos absurdos e de imoralidades. "Não meramente os ritos idólatras, mas também as nojentas imoralidades que constituíam uma parte reconhecida da adoração à natureza, na terra de Canaã" (Ellicott, *in loc.*). As *sete nações* pagãs (ver Êxodo 33.2; Deuteronômio 7.1) foram expulsas da Terra Prometida exatamente por causa dessas práticas idólatras e imorais, e, por ocasião do cativeiro assírio, a mesma coisa aconteceu a Israel.

17.12

Não fareis estas cousas. Os mandamentos divinos contra a idolatria eram claros, a começar pelos próprios Dez Mandamentos (capítulo 20 de Êxodo). Portanto, a prática da idolatria constituía uma *escolha rebelde* da parte de Israel, e não algum desvio acidental para o mal, por causa de circunstâncias constrangedoras. Yahweh tinha enviado profetas e videntes com mensagens e instruções especiais. O templo de Jerusalém fora construído para prover um ambiente saudável para a expressão religiosa. Israel não era um povo que ignorasse essas coisas. Cf. I Reis 15.19 e Deuteronômio 19.16; ver a passagem de Deuteronômio 12.2-7,13,14. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Idolatria,* quanto a amplas ilustrações sobre o tema geral da diatribe da presente seção, versículos 7-23.

17.13

O Senhor advertiu Israel. Profetas e videntes tinham sido enviados; livros religiosos foram escritos; a lei mosaica estava presente como uma diretriz. Os pais tinham obedecido e disso tinham dado exemplo. Havia uma longa *tradição espiritual* que promovia o *yahwismo*. A legislação mosaica era a essência do tipo de espiritualidade que deveria ser cultivado em Israel. Mas, em lugar de ceder diante de todas essas *pressões*, o povo de Israel preferiu copiar os povos pagãos!

Os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) eram a essência da lei. Ver Deuteronômio 6.1-9 quanto à declaração clássica acerca da lei como guia, e como esse ideal deveria ser posto em prática. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Andar* e *Amor;* este último é que forma o grande poder motivador da obediência.

17.14

Antes se tornaram obstinados, de dura cerviz. A lei mosaica não servia de *ameaça,* mas tornou-se tal, devido à rebeldia do povo israelita. O povo endureceu a cerviz, isto é, agiu como um bando de touros rebeldes que não quer submeter-se ao jugo. Quanto a essa metáfora, ver o artigo chamado *Dura Cerviz,* alicerçado em Êxodo 32.9. Ver também Deuteronômio 10.16; Jeremias 17.23; II Crônicas 36.13. Quanto a essa mesma metáfora, nas páginas do Novo Testamento, ver as notas expositivas sobre Atos 7.51.

17.15

Rejeitaram os estatutos e a aliança que fizera com seus pais. Além da lei mosaica (com seus mandamentos, estatutos e preceitos, ver Deuteronômio 6.1), houve vários pactos estabelecidos entre Yahweh e Israel, a começar pelo pacto abraâmico (ver as notas expositivas a respeito em Gênesis 15.18). Ver no *Dicionário* o artigo geral denominado *Pactos.* O pacto mosaico recebe notas detalhadas na introdução a Êxodo 19.1; o pacto palestínico, na introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio; e o pacto davídico, na introdução a II Samuel 7.4.

Como também as suas advertências. Escritas nos livros sagrados, proferidas pelos profetas, dentro do coração, externamente na natureza: o pecado terminaria em calamidade, de acordo com a síndrome do pecado-julgamento-calamidade. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

E se tornaram vãos. Os ídolos nada eram, pelo que os idólatras tornam-se vãos, não recebem nenhuma ajuda, pois os ídolos não ouvem as orações de seus

adoradores nem fazem coisa alguma em favor dos homens. Israel, pois, tornou-se como seus ídolos: *sem valor.* Ver o comentário neotestamentário sobre essa questão em Romanos 1.21-28. Ver Deuteronômio 6.13,14 quanto a mandamentos específicos para que os filhos de Israel evitassem esse tipo de coisa. Cf. Êxodo 20.2,3.

17.16,17

Desprezaram todos os mandamentos do Senhor. O *desvio* dos israelitas para longe da lei era equivalente a entregar-se à idolatria, que é aqui descrita de acordo com algumas de suas manifestações principais:

1. *Bezerros fundidos.* Arão caiu nessa estúpida armadilha (ver Êxodo 32); reis de Israel imitaram os atos atrozes dos pagãos (sobretudo Jeroboão I, que estabeleceu a adoração ao bezerro de ouro em Dã e Betel; ver I Reis 12.28,29). Cf. Deuteronômio 4.15-18. Reis subseqüentes de Israel preservaram essa adoração idiota, que fora estabelecida para dar ao povo de Israel um culto religioso alternativo, para que os peregrinos não tivessem de subir a Jerusalém para adorarem no seu templo. Isso foi feito para impedir que os israelitas saíssem de sua terra em direção a Judá, depois da divisão entre o norte (Israel) e o sul (Judá). Por conseguinte, esse ato teve motivações tanto religiosas quanto políticas.
2. *Postes-ídolos,* com a conseqüente adoração dos deuses. Ver o artigo chamado *Aserá,* em I Reis 14.15, e ver também sobre *Aserins,* nessa mesma exposição. Cf. II Reis 13.6. Aserá era apenas outro nome para *Astarote (Astarte)* — ver a respeito no *Dicionário.* Essa atividade idólatra fazia parte do baalismo. Ver no *Dicionário* sobre *Baal (Baalismo).* Astarote ou Astarte era a *deusa-mãe,* a consorte de Baal.
3. *Adoração astral mesopotâmica.* Esse culto também foi adotado por Israel. Ao que parece, fazia parte de um culto antigo, embora não encontremos na Bíblia nenhuma notícia a respeito. Alguns estudiosos pensam que essa forma particular de idolatria só foi introduzida em Israel no tempo de Manassés (ver II Reis 21.3). Mas ver Amós 5.26. *Sakkut,* o deus assírio Ninurta, estava associado à adoração de Saturno (Kewan). Ver também II Reis 21.3 e 23.4,5.
4. *Baal.* Ver o artigo chamado *Baal (Baalismo)* quanto a completas descrições. A adoração a Baal era bastante complexa, e ele era, acima de tudo, o deus da fertilidade masculina do Oriente Próximo. Astarte, por sua vez, era a deusa da fertilidade feminina. Ela era a deusa-mãe, consorte de Baal.
5. *Sacrifícios humanos no fogo.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque,* e também II Reis 16.3 e Deuteronômio 18.10, onde ofereço informações adicionais.
6. *Adivinhações e encantamentos.* Ofereci artigos sobre ambos os assuntos, no *Dicionário.* Israel tinha tais modos de culto religioso como parte do *yahwismo,* e essas formas eram consideradas santificadas e úteis. Mas quando imitaram os abusos, os excessos e os absurdos dos povos pagãos, então caíram em todas as formas de desvios e pecados. Cf. Deuteronômio 18.10 e Números 23.23. Supunha-se que espíritos malignos e demoníacos estavam envolvidos nessas atividades, pelo que elas teriam forças especialmente pervertedoras.
7. *Abandono.* De todas as maneiras acima declaradas, Israel "vendeu-se", ou seja, cedeu a um total abandono ao mal. Ver o caso de Acabe, em I Reis 21.20,25. O ato de "vender" é uma metáfora que indica total entrega e dedicação, a cessão da posse do eu, para que alguém se torne escravo dos poderes do mal. As pessoas podem vender sua alma ao diabo. A idolatria é considerada uma *escravidão* (ver I Reis 23.23).

> *Homens sábios, embora todas as leis*
> *fossem abolidas,*
> *Levariam a mesma vida de sempre.*
>
> (Aristófanes)

Os filhos de Israel, a quem faltava a espiritualidade interior, desprezaram as boas leis e se entregaram às mais desgraçadas abominações.

> *Pensamos que nossos pais foram uns tolos,*
> *e que nós somos tão sábios.*
> *Mas nossos filhos mais sábios,*
> *sem dúvida nos considerarão tolos.*
>
> (Adaptado de Alexander Pope)

Conclusão da Diatribe; Resultados da Apostasia de Israel (17.18-23)

A *ira de Yahweh* voltou-se assim contra o povo de Israel, ao passo que antes eles eram Seus filhos, que ele tirara da terra do Egito (ver Deuteronômio 4.20). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus.* Essa expressão reflete, ao mesmo tempo, o *antropomorfismo* e o *antropopatismo.* Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* Limitados à nossa experiência *humana,* descrevemos Deus em termos dos atributos e das emoções humanas. Sem dúvida, essa maneira de descrever Deus é extremamente deficiente, mas nosso dilema humano força-nos a fazer assim.

Semeando e Colhendo. Concluindo sua diatribe contra os pecados de Israel, o autor sagrado diz-nos que, daquilo, poderia resultar calamidade. Israel havia perdurado como nação separada de Judá por quase dois séculos e meio, mas a sua existência como nação não poderia prosseguir com toda aquela triste confusão de idolatria e apostasia. A conclusão, pois, contém uma espécie de renovação da diatribe (vss. 21 e 22), onde alguns pontos específicos são colocados no texto pelo autor sagrado. E então a diatribe toda termina com uma menção ao cativeiro assírio, o fim de Israel (a nação do norte) como nação.

17.18

Pelo que o Senhor muito se indignou contra Israel. Este versículo é essencialmente igual ao versículo 23, já mencionando o cativeiro e lembrando-nos de que Judá (o reino do sul) sobrevivera à ira da Assíria. Mas Judá esteve sob tributo à Assíria. Ver II Reis 17.4. A Judá, porém, só restavam mais cento e trinta anos de liberdade, antes de seu próprio cativeiro pela Babilônia. Dali retornaria um remanescente, que iniciaria todas as coisas novamente, para fundar uma nação com basicamente apenas uma tribo, Judá. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Cativeiro Assírio; Cativeiro Babilônico* e *Cativeiro.*

A nação do sul incorporava as duas tribos de Judá e Benjamim; mas Benjamim fora essencialmente absorvida por Judá, formando apenas uma tribo.

17.19

Se a diatribe acima fora lançada essencialmente contra o reino do norte (Israel), visto que dera uma declaração detalhada de *por que* essa nação foi levada para o cativeiro pelos assírios, o autor sagrado não resistiu em dizer que Judá também não se comportara muito bem. Visto que seguira sua própria corrupção interior, e visto que imitaria o *mau exemplo* da nação do norte, Judá também havia caído em muitas desgraças. Seu tempo de cativeiro — pela Babilônia — já estava lançando suas sombras à frente. Judá, portanto, também não seria isentada da lei da colheita segundo a semeadura. Ver o artigo informativo chamado *Exemplo,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Por conseguinte, Israel seguiu o exemplo ridículo deixado por povos pagãos, e Judá seguiu o exemplo ridículo deixado por povos pagãos e por Israel.

Acaz foi um dos principais ofensores na imitação do mau exemplo da nação do norte (ver II Reis 16.3). Mas a verdade é que a nação de Judá inteira foi-se desviando para o mal, o bastante para merecer o próprio cativeiro. Ver Jeremias 3.7-10, que é uma declaração direta, paralela ao texto presente, uma queixa sobre como de tudo quanto acontecera com a nação de Israel, Judá seguiu uma idêntica vereda de desvio e apostasia.

17.20

Pelo que o Senhor rejeitou toda descendência de Israel. Talvez o versículo 19 (que fala em Judá) tenha sido uma nota editorial, para dizer-nos o que *antecipar,* uma vez que a nação do norte, Israel, deixara de existir. Agora, o autor sagrado leva-nos de volta a Israel. O resultado da síndrome do pecado-julgamento-calamidade foi que Yahweh *rejeitara* Israel, entregando essa nação à morte, por parte do exército assírio. Foi assim que não apenas um rei, conforme temos visto até este ponto, mas uma nação inteira morreu. Dramaticamente, o autor sagrado escreve a nota de obituário de Israel.

Toda a descendência. Alguns intérpretes pensam que essas palavras significam que devemos incorporar Judá na declaração. Nesse caso, os versículos 18 a 20 são gerais, incluindo ambos os reinos. Portanto, esses três versículos, 18-20, podem ter sido uma adição editorial à diatribe original, especificamente com o propósito de falar com *todos* os descendentes de Abraão que tinham formado os dois reinos, os quais caíram em desgraça final. A doença fatal de Israel conseguiu infeccionar Judá, e tanto Israel quanto Judá acabaram no esquecimento. Somente uma *ressurreição* de Judá (pois um remanescente de Judá voltou da Babilônia) deu ao povo de Israel uma nova vida. As antigas promessas feitas a Abraão tinham de ser cumpridas. O pacto abraâmico (ver Gênesis 15.18) precisou ser *honrado* por Yahweh.

Se estes versículos se referem tanto a Israel quanto a Judá, então, como é óbvio, foram escritos após o cativeiro babilônico (597 A. C.). Ou podem ter sido incorporados em escritos anteriores, após esse evento. Ver na introdução à unidade, I e II Reis, sob *Data,* seção V.

17.21

Pois quando ele rasgou Israel da casa de Davi. As *dez tribos* de Israel, que eram espiritualmente inferiores a Judá, foram rasgadas da casa de Davi e transformadas em uma nação separada, por decreto de Yahweh. Yahweh foi o

verdadeiro poder por trás desse acontecimento, embora ele tenha acontecido como um castigo, o qual não estava em acordo com as intenções originais do pacto abraâmico.

"O Pecado do Cisma. A moral de tudo isso é a questão do sermão fúnebre que foi pregado pelo historiador, nos versículos 7-23. O mesmo sermão pode ser pregado hoje em dia como um comentário sobre as catástrofes que têm dominado o nosso mundo moderno. Há um item, nesse arranjo que envolveu a nação de Israel, que merece nossa menção especial. Em adição às suas outras violações da Palavra e da vontade de Deus, Israel foi culpado do pecado do cisma, Porquanto Jeroboão rasgou Israel da casa de Davi" (Raymond Calking, *in loc.*).

Casa de Davi. Isso aponta para Israel (norte e sul), sob Davi. Davi tomou Jerusalém dos jebuseus e fez dessa cidade a capital de seu reino. Em seguida, ele uniu todas as doze tribos sob uma única liderança, com a capital recém-adquirida servindo de centro de toda a religião e política. O filho de Davi, Salomão, continuou com o império unido, ampliou suas fronteiras e suas riquezas, e até mesmo teve uma aventura marítima, com a ajuda dos navegadores fenícios. Em seguida, subiu ao trono o filho de Salomão, Roboão, homem dotado de pouca sabedoria e de *visão míope*. Suas más normas de taxação levaram Jeroboão I a revoltar-se, juntamente com seus conselheiros, dividindo assim o reino em dois, o norte (Israel) e o sul (Judá). Jeroboão e seus conselheiros estavam protegendo a parte norte do império unido, ao qual pertenciam, mas a reação deles foi exagerada. E os dois reinos nunca mais se uniram.

17.22

Andaram os filhos de Israel em todos os pecados que Jeroboão tinha cometido. *Jeroboão I*, o líder da rebelião que separou o norte (Israel) do sul (Judá), fez de Israel e Judá nações separadas. Foi ele quem instituiu a adoração ao bezerro de ouro em Dã e Betel. Seu propósito principal nisso não foi, realmente, religioso. Foi político. Ele temia que os israelitas, obedecendo à antiga legislação mosaica que obrigava todos os homens a fazer três viagens anuais a Jerusalém e ao templo, para observar feriados religiosos especiais, fossem atraídos para o sul. Devemos lembrar que o impulso religioso foi sempre o maior poder motivador do povo hebreu. Foi por isso que Jeroboão I ofereceu-lhes um sistema de adoração *alternativo*, para conservá-los no norte. Dessa maneira, ele esperava consolidar a divisão em duas nações e preservar seu governo e poder. Isso porque ele era homem ganancioso. Além disso, podemos ter certeza de que ele era idólatra em seu coração. Por conseguinte, *parte* de seus motivos eram religiosos.

Jeroboão, isso posto, pecou e *levou Israel a pecar*. Em outras palavras, a nação inteira de Israel andou no caminho da idolatria que fora estabelecida por Jeroboão. A história original é relatada em I Reis 12.28 ss. Cf. II Reis 17.16. Israel seguiu com *persistência* nessa forma de idolatria (além de outras formas), até o próprio cativeiro assírio. Nenhuma advertência da parte dos profetas, no sentido de que uma terrível punição acabaria sobrevindo da parte de Yahweh, foi suficiente para fazer parar a maré da corrupção.

17.23

Até que o Senhor afastou Israel da sua presença. Em outras palavras, ele enviou o exército assírio em várias etapas (740-668 A. C.), para tirar-lhes a vida e para dispersá-los. Aqueles que não morreram foram deportados para terras que estavam mais diretamente sob o controle dos assírios. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Assírio*. E assim o povo de Israel não estava mais "na presença" (sob o favor) de Yahweh. Eles se tinham tornado não-filhos. No caso deles, o pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gênesis 15.18) tinha sido anulado.

Advertências Proféticas. Os profetas envolvidos nessas advertências foram Elias, Eliseu, Oséias, Amós, Miquéias e outros profetas menores. Mas nenhuma advertência divina surtiu efeito positivo. O coração do povo de Israel era rebelde e fatalmente perverso. Coisa alguma poderia influenciá-lo. Seu fim terrível era inevitável. O trecho de II Reis 17.7-23 alista os muitos pecados deles, suas depravações e perversões. As mais horrendas crueldades (como os sacrifícios humanos) e as piores perversões (como todas as imoralidades envolvidas na adoração a Baal) foram incluídas. Ver Escrituras específicas de advertências em Oséias 1.6 e 9.16; Amós 3.11,12 e Isaías 28.1-4.

Até ao dia de hoje. Essas palavras demonstram que a coletânea de I e II Reis foi escrita após o cativeiro babilônico; e os versículos 19 e 20 mostram que pelo menos parte do livro foi escrito após o cativeiro babilônico (que levou a nação do sul, Judá, em 597 A. C.). Ver sobre essa questão o artigo chamado *Data*, seção V da introdução a esses livros.

A terra não perdeu sua população inteira, conforme sabemos com base em II Crônicas 30.1 e 34.9. Os poucos que permaneceram, porém, misturaram-se por casamento com outros povos. E assim, seja como for, a identidade das dez tribos foi inteiramente obliterada da face da terra.

A Origem dos Samaritanos (17.24-41)

17.24

Importação. A nação de Israel foi *deportada*, e muitos povos não-hebreus foram *importados*. Dessa maneira, a população que veio ocupar o antigo território de Israel não era mais uma população hebréia. Os povos trazidos para ali pertenciam a vários ramos étnicos, e, naturalmente, trouxeram todas as suas idolatrias, culturas, contraculturas, políticas, modos de viver etc.

Nomes Próprios. Todos os nomes próprios que figuram neste versículo recebem artigos separados no *Dicionário*, os quais os leitores devem examinar para obter maiores detalhes.

Babilônia. Ou seja, o território principal da Assíria, que mais tarde foi tomado pelos babilônios. Quanto a diferenças territoriais, ver os artigos mencionados.

Cuta. A referência é a uma cidade a nordeste da Babilônia. Tell Ibrahim agora assinala o local antigo, a cerca de vinte e quatro quilômetros da Babilônia. Era a cidade principal daquela região.

Ava. Talvez essa cidade deva ser identificada com a cidade que, passando pelo hebraico, é chamada de *Iva*, em II Reis 18.34 e 19.13. Se isso está correto, então devemos entender que algumas das pessoas de Israel, que foram deportadas, terminaram na Síria, que a Assíria tinha conquistado, estendendo seus territórios.

Hamate. Essa era uma cidade de Arã (Síria), às margens do rio Orontes.

Sefarvaim. Possivelmente, também era uma cidade que antes fizera parte da Síria, que tem sido identificada com a Shabarain, que Salmeneser IV capturou. Mas a referência pode ser a Sipar do deus-sol Samas, ou a Sipar da deusa Aninitum, uma *cidade dupla*, situada junto ao rio Eufrates, ao norte da cidade da Babilônia. O povo de Israel foi assim espalhado por uma área muito extensa, não havendo para ele oportunidade de reagrupar-se, reorganizar-se e rebelar-se.

Um Remanescente de Israelitas foi deixado no território que antes pertencera a Israel. Eles misturaram-se por casamento com os pagãos; e essa mistura deu origem aos samaritanos. Ver II Crônicas 30.1 e 34.9 quanto ao fato da existência desse remanescente. Ver sobre *Samaritanos*, no *Dicionário*, quanto a maiores detalhes.

Entrementes, Samaria, a antiga capital do reino do norte, tornou-se sede de uma província assíria, e as muitas cidades do ex-reino do norte também foram ocupadas. Um império inteiro foi assim incorporado em território inimigo, sem que houvesse remédio. A nação do norte, Israel, simplesmente morrera.

17.25

Então mandou o Senhor para o meio deles leões. Quando os recém-chegados alcançaram o território da antiga nação de Israel, encontraram o lugar infestado de leões. A Yahweh foi dado o crédito por ter enviado os leões, os quais mataram e devoraram muitos. Os recém-chegados não somente tinham tomado o território dos hebreus, mas trouxeram todas as suas depravações com eles. O trecho de Isaías 35.9, entretanto, menciona a ausência de leões e de outras feras como um sinal da atividade da boa vontade dos poderes divinos. "Leões e ursos por causa da falta de religião na terra! Por quantas vezes essa situação se tem repetido na vida de indivíduos e da sociedade: a vida é atacada por todas as espécies de *forças estranhas* que a ameaçam rasgar em pedaços" (Raymond Calking, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Leão* e *Urso*.

17.26

Não sabem a maneira de servir o Deus da terra. *Explicação sobre a praga dos leões.* As palavras "pelo que se disse ao rei da Assíria" apontam para os conselheiros e líderes do monarca assírio, aqueles que eram responsáveis pelos povos *importados*. Eles enviaram cartas ao rei, mediante mensageiros, para levarem a seguinte mensagem: "A gente que enviaste para habitar esta terra não conhece Elohim, o Deus dos hebreus, e Ele os está castigando com essa praga dos leões". Os povos antigos acreditavam que deuses exerciam autoridade sobre territórios específicos, e que a invasão desses territórios, por parte de um povo incrédulo, despertava a ira desses deuses locais. Cf. II Reis 5.17 quanto à mesma crença exemplificada no texto bíblico. Também se acreditava que as aventuras militares em terras estrangeiras podiam ser impedidas pelos deuses locais, que poderiam defender sua terra (e seus adoradores) por meio de pragas, súbitos ataques de pavor, terremotos ou outros desastres "naturais". O trecho de I Reis 20.13 ss. ilustra essa crença. O rei da Síria teria sido derrotado nas *colinas*, porque, alegadamente, os deuses de Israel eram deuses das colinas e tinham força especial naqueles lugares.

17.27,28

Levai para lá um dos sacerdotes que de lá trouxestes. *O remédio.* Aceitando o argumento da *incompatibilidade* dos recém-chegados para com o Deus de Israel, o rei da Assíria ordenou que *algum* sacerdote dos israelitas fosse enviado para instruir os invasores sobre como deveriam agradar a Yahweh. Presumia-se que Deus faria os leões agastar-se. Tudo não passava da mais crassa estupidez. A própria nação de Israel se tinha voltado para a idolatria (incorporando em seu sistema toda espécie de deuses "estrangeiros"), razão pela qual fora sujeitada ao cativeiro. Não era provável que uma conversa pia sobre Yahweh ajudasse na situação dos ataques dos leões. Mas foi assim que o antigo santuário de Betel recebeu um *yahwismo* renovado, em contraste com a adoração ao bezerro que Jeroboão I tinha estabelecido ali. Ver o versículo 28. Presumivelmente, o sacerdote levita que foi levado de volta a Betel esteve envolvido com a adoração ao bezerro de ouro. Mas agora ele promovia o *yahwismo,* embora a coisa inteira tivesse sido pequena demais, tarde demais, por demais superficial, por demais hipócrita e por demais supersticiosa.

17.29

Cada nação fez ainda os seus próprios deuses nas cidades que habitava. A idolatria generalizada continuou, a despeito dos débeis esforços contrários em Betel, e a despeito da continuação da praga dos leões. Os santuários e templos do norte (Israel) foram tomados e os antigos deuses foram substituídos pelos deuses dos recém-chegados, ou foram aceitos, e a esses foram acrescentadas outras divindades. Assim sendo, a idolatria cresceu espetacularmente naquela terra que tinha antes pertencido aos filhos de Abraão e que Yahweh lhes dera como possessão.

Nos santuários dos altos. Temos aqui outra alusão aos "lugares altos" (ver a respeito no *Dicionário*), os santuários locais. Os pagãos aproveitaram esse grande número de santuários que os israelitas tinham deixado, e adicionaram ali sua própria idolatria pagã, ou substituíram por suas próprias formas, de acordo com a vontade deles.

Que os samaritanos tinham feito. Temos aqui o primeiro uso bíblico do termo "samaritanos", vocábulo esse que veio a indicar um povo misto, o qual, em tempos posteriores, aderiu à sua própria forma de *yahwismo*, com sua própria versão do Velho Testamento, o Pentateuco. Por meio desse texto, aprendemos que os samaritanos eram, virtualmente, pagãos puros. O elemento israelita entre eles deve ter sido extremamente pequeno, embora não fosse inexistente (ver II Crônicas 30.1 e 34.9). A última dessas duas citações diz respeito especificamente a um *remanescente* de Israel, ao passo que a primeira delas mostra que algum *yahwismo* sobreviveu no antigo território de Israel. Quanto a detalhes sobre a natureza e a história dos *samaritanos,* ver o artigo sobre eles no *Dicionário.*

De acordo com as fontes informativas judaicas, os samaritanos seriam descendentes de colonos que os assírios implantaram no reino do norte, que se amalgamaram com os israelitas que os assírios haviam deixado na terra. Porém, se houve miscigenação, então os filhos tornaram-se israelitas puros, pois a teologia samaritana não demonstra sinal de influência pagã. Ver detalhes no artigo que tenta explicar essas questões.

17.30-31

Cada grupo de imigrantes assírios estabeleceu seus próprios ídolos pagãos; e o autor sagrado nos fornece aqui alguma delineação sobre a questão. Ver todos os nomes próprios comentados em artigos separados no *Dicionário,* quanto a detalhes.

1. *Sucote-Benote* (os da Babilônia). Esse nome próprio nunca foi explicado de modo satisfatório. O artigo que me serviu de fonte informativa diz o que pode ser dito. Esperaríamos nomes típicos da Babilônia, como Marduque-Zarbanit ou Marduque-Zapanitum. Pelo contrário, temos aqui uma combinação com *-benote* (filhas de). Alguns eruditos pensam que o texto massorético tenha corrompido o nome original, que seria típico da Babilônia. Seja como for, parece termos aqui em vista *Sakkut* (o planeta Saturno), com sua conseqüente adoração às estrelas. Meu artigo também dá outras idéias. Ver sobre o texto massorético no artigo denominado *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético*, no *Dicionário.*
2. *Nergal* (de Cuta). Essa era a principal divindade adorada naquela cidade. Tratava-se de uma divindade do submundo, mas era também parte da adoração astral da Mesopotâmia, identificada com o planeta Marte. Havia um dia especialmente devotado a ele, a cada mês, o dia vinte e oito. Quanto a detalhes, ver o artigo. Muitas cidades da antiguidade tinham suas formas especiais dessa idolatria.
3. *Asima* (de Hamate). Os papiros de Elefantina tem o nome composto *'s-m-bethel,* ao que tudo indica uma referência à esposa secundária de Nahu. Quanto a detalhes, ver o artigo. As evidências demonstram que havia certa variedade de tipos dessa idolatria, dependendo do colorido local.
4. *Nibaz* (dos aveus). Não possuímos nenhuma informação sobre essa divindade pagã, embora existam algumas poucas conjecturas. As tradições judaicas dizem que esse deus era adorado sob a forma da cabeça de um cão, mas essa referência é duvidosa. Ver o artigo sobre ele, no *Dicionário,* quanto a maiores detalhes.
5. *Tartaque* (também dos aveus). Não temos informações certas sobre essa divindade pagã, embora as tradições judaicas nos digam que esse deus era adorado sob a forma de um asno. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo no *Dicionário.*
6. *Adrameleque* (dos sefarvitas). Um deus que requeria sacrifícios humanos no fogo, entre outras formas de adoração estranhas e corrompidas. Provavelmente deveríamos ler aqui *Adade-meleque,* onde *Meleque* significa "rei", no idioma assírio. *Adade*, por sua vez, era uma antiga divindade da Babilônia, um deus das tempestades e da chuva, chamado de "príncipe dos céus e da terra". Seu nome aparece nos textos de *Ras Shamra.* Seu culto tinha muitas manifestações locais diferentes. Ver o artigo sobre ele, no *Dicionário.*
7. *Anameleque* (também dos sefarvitas). É provável que devêssemos ler aqui *Anu-meleque,* para concordar com o que sabemos sobre a antiga idolatria da área da Assíria-Babilônia. *Anu* era o grande deus-firmamento dos babilônios. Ele é mencionado nas inscrições de Hamurabi. Os deuses da natureza eram: Anu (do firmamento); Enlil (da terra); Ea (das águas) e Nergal (do submundo). Por conseguinte, a idolatria assegurou que tudo fosse corrompido pela falsa adoração. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deuses Falsos,* bem como o deus falso mencionado aqui sob o sétimo ponto. Ver também o artigo chamado *Idolatria.*

17.32

Assim temiam o Senhor. *Ecletismo.* Dentro de sua horrenda mistura de "um deus para tudo e para todos", eles adicionaram o *yahwismo*; e, sem dúvida, em muitos santuários da antiga nação de Israel homens ainda tentavam seguir a legislação mosaica, ou isolada, ou misturada com formas do paganismo. A nação do norte, Israel, depois que se separou de Judá, sempre fora assim, mas agora *novas formas* de idolatria vieram com os recém-chegados, para "enriquecer" o culto religioso. A religião samaritana, em suas formas posteriores, requeria que os sacerdotes fossem descendentes de Arão, mas no estágio mencionado no presente versículo, coisa alguma parecida com isso estava sendo observada.

"Somente uma religião híbrida existia na terra... Não somente o sangue deles se havia corrompido mediante casamentos mistos com aquela gente pagã, mas a religião deles também foi *infectada* pelo paganismo" (Raymond Calking, *in loc.*).

"Esse sincretismo havia sido proibido pelo Senhor (ver Êxodo 20.3)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Dentre os do povo constituíram sacerdotes dos lugares altos. Ou seja, a regra que dizia que um sacerdote só podia ser aproveitado dentre os descendentes de Abraão não estava sendo praticada, nem poderia tê-lo sido, pois não havia sido deixada na terra nenhuma casta sacerdotal. Eles precisavam fazer sacerdotes vindos de qualquer classe, de qualquer povo. Eles agiram como tinha agido Jeroboão I, concernente à ordenação de sacerdotes. Ver I Reis 12.31. Ver Êxodo 6.18,20; 28.1 quanto às restrições bíblicas referentes aos sacerdotes levíticos.

17.33

Temiam o Senhor e ao mesmo tempo serviam aos seus próprios deuses. *Um autêntico ecletismo.* Embora "temessem o Senhor" (ou seja, praticassem o *yahwismo* de acordo com os ditames da lei mosaica), eles *também* participavam nas idolatrias das *sete* nações (ver Êxodo 33.2; Deuteronômio 7.1) que os filhos de Israel tinham expulsado da Terra Prometida. Essa mistura os condenava, porque quebrava o segundo e o terceiro dos Dez Mandamentos (ver a respeito no *Dicionário*), o que foi letal para a religião.

Segundo o costume das nações dentre as quais tinham sido transportados. Em sua história posterior, eles também adotaram a idolatria da Síria e da Assíria, a Síria sendo um inimigo constante e implacável, e a Assíria como o povo que os levara ao cativeiro. Esse fato nos impressiona como um absurdo. Ver o capítulo 16 de II Reis, que mostra como Acaz imitou a idolatria assíria, e até teve um altar idólatra especial estabelecido no terreno do templo de Jerusalém, que substituiu o altar de bronze dedicado a Yahweh. Contudo, com *certos propósitos,* o antigo altar continuou sendo usado. O versículo 33 recapitula os versículos 28 a 32.

17.34

Até ao dia de hoje fazem segundo os antigos costumes. Ver Deuteronômio 6.1-9 quanto à *declaração clássica* daquilo que se esperava de Israel, em seu culto e serviço espiritual. O Pentateuco fornece as leis e os exemplos. O que se esperava deles era muito claro. A casta sacerdotal e os profetas certificavam-se de que todo o povo de Israel fosse instruído nos caminhos de *Yahweh.*

A primeira metade do presente versículo não é muito clara, mas parece estar dizendo que Israel, *mesmo no cativeiro,* continuou com sua destrutiva idolatria. Mesmo quando misturavam o *yahwismo* com sua salada idólatra horrenda, não O adoravam de todo coração, mas apenas hipocritamente. Yahweh, para eles, era apenas outro deus, entre muitos deuses, que merecia (na estimativa deles) *alguma* atenção.

O que os versículos 34 a 40 querem dizer é que o povo do norte "nunca observou a vontade do Senhor, nem antes da queda do reino do norte, nem depois" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Que o Senhor prescreveu aos filhos de Jacó. Israel tinha uma longa e honrosa tradição, que estava envolvida naquilo que constituía a marca distintiva deles, a legislação mosaica. Era isso que os distinguia de outros povos (ver Deuteronômio 4.1 ss., quanto ao caráter distintivo de Israel entre as nações da terra). Ver sobre o *pacto abraâmico* (Gênesis 15.18) que colocou Israel como cabeça das nações. A despeito desses fatos, entretanto, Israel, a nação do norte, preferia o paganismo.

E assim todo o Israel será salvo,
como está escrito: Virá de Sião o Libertador,
ele apartará de Jacó as impiedades.

(Romanos 11.26)

Minha convicção pessoal é que este versículo ensina uma salvação universal, e não meramente quanto aos últimos dias. O poder, a graça e a misericórdia de Deus penetram até o *hades* para salvar Israel. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.* Caros leitores, os *pactos* não podem ser quebrados, a despeito das vicissitudes da *vida física,* e de seus intermináveis fracassos.

17.35

Ora, o Senhor tinha feito aliança com eles. *Os Pactos.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pactos,* e, quanto a maiores detalhes, ver sobre o Pacto Abraâmico (Gênesis 15.18); sobre o Pacto Mosaico (introdução ao capítulo 19 do Êxodo); sobre o Pacto Palestínico (introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio); e sobre o Pacto Davídico (II Samuel 7.4). O pacto e a legislação mosaica requeriam obediência à lei. Essa era a condição da bênção. A principal provisão era a condenação da idolatria. Os *Dez Mandamentos* formavam a essência desse Pacto e o restante era formado por comentários. Minha convicção é que as provisões do Pacto Abraâmico terminarão por conceder a vitória a Israel, no fim, mas essa vitória exigirá uma operação do poder de Deus pertencente ao "outro mundo". Ver o último parágrafo dos comentários sobre o versículo anterior.

"É um consolo relembrarmo-nos de que essa condenação contra Israel não é a palavra final que a Bíblia tem a dizer sobre as doze tribos, essa família de Deus cuja história começa no livro de Gênesis... ver Apocalipse 7.1-8... Antes do fim da Bíblia, encontramo-los todos *reunidos,* 'quando a lista for chamada lá em cima'. Quão indizivelmente comovente será essa chamada de cada nome em separado: Judá, Rúben, Gade, Aser, e todos os demais, todos presentes e devidamente contados. Teste e tribulação, pecado e retribuição, divisão e cisma — *tudo passado,* e a família de Deus *reunida,* juntos para sempre no lar de Deus" (Raymond Calkins *in loc.*).

Pois o amor de Deus é mais amplo
Que a medida da mente do homem;
E o coração do Deus eterno
É maravilhosamente bondoso.

(Frederick W. Faber)

17.36

Ao Senhor, que vos fez subir da terra do Egito. Uma ilustração *favorita* do poder e da misericórdia divina, que operou em favor de Israel, é aquela dada aqui: Yahweh tirou aquele povo do Egito; deu a esse povo a liberdade da servidão, uma nova vida em uma nova terra. Ver a expressão anotada em Deuteronômio 4.20. Essa expressão ocorre por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Ver o versículo sétimo deste capítulo 17, que contém a mesma declaração. O corolário necessário para sido tirado do Egito era a dedicação a Yahweh, o Libertador, e à Sua Lei, dada por intermédio de Moisés.

17.37

Tereis cuidado de os observar todos os dias. Este versículo é similar a Deuteronômio 6.1-9, a declaração clássica das obrigações dos homens diante da lei de Deus. Nessa lei, Israel era *distinto.* Esse *caráter distintivo* sempre esteve relacionado à lei, em suas obrigações e provisões. Ver Êxodo 6.6; 20.4,5; Deuteronômio 4.23,34; 5.6,12,32; 6.12 e 7.11,25.

A despeito do caráter distintivo e dos privilégios e da história miraculosa passada de Israel, essa nação jogou tudo fora e escolheu o paganismo comum, imitando as nações que a circundavam. Isso feriu o próprio âmago dos *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*) e foi letal para Israel.

17.38

Da aliança que fiz convosco não vos esquecereis. Mas o povo que tinha firmado um pacto com Deus quebrou e esqueceu esse pacto. O pacto mosaico é o principal pacto aqui em vista, embora do pacto abraâmico dependessem todos os outros pactos. Ver as notas expositivas sobre o versículo 35. Os pactos formavam uma unidade, de modo que quebrar um deles era o mesmo que quebrar todos eles, pelo menos até determinado ponto. O autor sagrado destaca aqui o *absurdo* do que aconteceu. Aquele povo privilegiado e distinto, *esse foi o povo* que caiu no nada do paganismo. A ordem para os filhos de Israel não temerem "outros deuses" figura por três vezes nesta passagem (ver os vss. 35, 37 e 38). Esse era o ponto mais profundo do pacto entre Yahweh e Israel, o âmago dos Dez Mandamentos.

17.39

Mas ao Senhor vosso Deus temereis. O *temor a Yahweh* fazia do povo de Israel um povo distinto. Temer outros deuses (ou seja, rejeitar a idolatria e seus abusos) seria o lado negativo do culto; o lado positivo seria o temor a Yahweh, ou seja, a obediência às Suas leis, a prática diária de Seu culto, conforme era requerido pela legislação mosaica.

O temor ao Senhor é o princípio do saber.

(Provérbios 1.7)

Ver o artigo geral sobre *Temor,* no *Dicionário.* O ponto I.1 fala especificamente sobre o *Temor o Deus.* E o terceiro ponto discute sobre o temor *a* Deus como uma *virtude.* A seção III refere-se a como esse temor traz a salvação; e a seção IV dá exemplos bíblicos de heróis da fé que puseram em prática o temor a Yahweh.

17.40

Porém eles não deram ouvidos a isso. *Uma crassa estupidez.* Altos privilégios, oportunidades sem limites, instruções completas, ameaças letais, juízos preliminares — nada foi o bastante para salvar Israel de escorregar para a total apostasia. Isso deixou Yahweh sem escolha: o *cativeiro assírio* tinha de acontecer. Eles mesmos permaneceram em sua *conduta anterior,* ou seja, na idolatria; e adquiriram novas formas de idolatria, imitando o próprio povo que acabou por levá-los para o cativeiro. E, *até mesmo* no cativeiro, eles continuaram com sua crassa estupidez. Talvez o "seu antigo costume", frase que aparece neste versículo, seja o que aconteceu antes do cativeiro, a história toda da apostasia de Israel. Nem mesmo depois de terem sofrido seu terrível julgamento, eles não aprenderam a lição. Mesmo no cativeiro, eles continuaram a praticar aquelas coisas que tinham sido a *causa* da miséria deles. Os hábitos errados que um homem forma finalmente furtam-lhe o livre-arbítrio. Esse homem torna-se escravo de sua própria corrupção. E ele torna-se incapaz de mudar. Foi *isso* que aconteceu com Israel.

Semeai um ato, e colhereis um hábito.
Semeai um hábito, e colhereis um caráter.
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis... Deus.

(Prof. Huston Smith)

17.41

Assim estas nações temiam o Senhor e serviam as suas próprias imagens de escultura. *Um ecletismo letal.* Cf. o versículo 33. Um *yahwismo fraudulento* continuou a ser praticado. Fraudulento por estar misturado com toda a variedade de idolatria. A salada era nojenta. A apostasia passava de geração em geração, como o *modus operandi* fixo na vida do povo de Israel. Eles continuavam a agir dessa maneira, mesmo *no* cativeiro, conforme o demonstram as palavras deste versículo, "até ao dia de hoje". O autor sagrado, ao escrever depois do cativeiro assírio, observou como o povo de Israel se conduzia no cativeiro. Ele foi informado de que coisa alguma tinha mudado. Os israelitas continuavam agindo como pagãos, estando cativos entre os pagãos. A doença era incurável. Essa doença causara a morte da nação de Israel, sua obliteração da face da terra.

"... eles continuaram essa adoração mista e híbrida pelo espaço de trezentos anos, até os tempos de Alexandre, o Grande, de quem, Sambalate, governador da Síria, recebeu permissão para edificar um templo no monte Gerizim, para seu genro, Manassés. Ele se tornou sacerdote do culto, e os samaritanos foram convencidos a abandonar sua idolatria e a adorar o único e verdadeiro Deus de Israel. Isso eles fizeram, apesar de fazê-lo na ignorância e não sem superstições, até os tempos de Cristo (João 4.22)" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Dezoito

O Reino Sobrevivente de Judá (18.1-25.30)

O Período Assírio (18.1-21.26)

Ezequias, Rei de Judá (18.1-20.21)

Israel, a nação do norte, tinha deixado de existir. O *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*), um processo que durou várias etapas, encarregou-se de pôr fim à nação de Israel. Essas etapas começaram em 740 A. C. e terminaram em cerca de 668 A. C. Mas o reino do sul, Judá, conseguiu sobreviver cerca de cem anos mais, antes que o *cativeiro babilônico* o tivesse levado embora de seu território. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Do cativeiro babilônico voltou um remanescente, e as coisas começaram de novo, embora baseadas sobre uma única tribo, Judá.

Ezequias, embora filho do ímpio Acaz, foi um dos melhores reis de Judá, um hábil administrador e reformador. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário.* "Ele procurou abolir *todas* as imagens e objetos de idolatria, e também os santuários locais. Uniu-se em uma revolta geral no oeste contra a Assíria, e assim perdeu tudo, exceto Jerusalém. Mas foi salvo miraculosa e inesperadamente. Foi encorajado e apoiado pelo profeta Isaías (por meio de quem Deus anunciou um prolongamento de vida). No entanto, o rei Ezequias desagradou o profeta quando recebeu favoravelmente uma embaixada enviada pela Babilônia, da parte do *tição de fogo,* Merodaque-Baladã" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

"O escritor de I e II Reis devotou mais espaço e elogiou mais Ezequias quanto às suas realizações do que qualquer outro rei, exceto Salomão" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

18.1,2

No terceiro ano de Oséias... começou a reinar Ezequias. *Relatos Paralelos.* O autor sacro não apresentou primeiramente todos os reis de Israel, contando suas histórias, para então apresentar os reis de Judá, fazendo a mesma coisa. Antes, ele saltava para cá e para lá, entre os dois reinos, dando relatórios paralelos e aproximadamente cronológicos. Quanto a esse modo de apresentação, ver I Reis 16.29. Seguindo essa prática, o autor sagrado informa-nos que Ezequias começou a governar no terceiro ano de Oséias, rei de Israel. Dificuldades cronológicas são explicadas por alguns estudiosos como perturbações numéricas causadas pelas co-regências. Por isso, os eruditos supõem que Ezequias tenha reinado com seu pai, Acaz, pelo espaço de catorze anos (729-715 A. C.). O terceiro ano de Oséias, é de presumir-se, assinala o ano em que Ezequias começou a reinar em parceria com seu pai. Ele reinou sozinho por dezoito anos (715-697 A. C.). Em seguida, reinou como co-regente com seu filho, o extremamente ímpio Manassés, por onze anos. Juntando-se todos esses anos (co-regência, sozinho, co-regência), chegamos aos vinte e nove anos do segundo versículo. Portanto, ele reinou no período de 715 a 686 A. C. Sua capital foi Jerusalém, o lugar que seu agora distante ancestral, Davi, havia conquistado das mãos dos jebuseus. Quanto a detalhes sobre a sua família, sua mãe e seu avô (Abi e Zacarias), ver os artigos sobre eles no *Dicionário.* E ver também no *Dicionário* os artigos intitulados *Reino de Judá* e *Rei, Realeza.*

18.3

Fez ele o que era reto perante o Senhor. *Ezequias,* contrastando com todos os demais reis de Judá, conseguiu com sucesso imitar o exemplo do *rei ideal,* Davi. Ver sobre esse rei ideal em I Reis 15.3. Embora Davi fosse culpado de alguns crimes horrendos, mostrou-se imaculado quanto ao seu culto religioso. Ele nunca permitiu nenhuma forma de idolatria durante seu reinado, mas apegou-se a um *yahwismo* puro. Ele seguiu a legislação mosaica sem transigência. Mas Salomão, seu filho, apesar de toda a sua sabedoria, caiu na idolatria, e nenhum rei de Judá, depois dele, exceto Ezequias, dela ficou livre. Os santuários locais nos lugares altos sempre tinham conseguido permanecer; mas Ezequias foi capaz de livrar Judá até desses lugares idólatras (vs. 4).

Andar "corretamente como Davi" é algo dito nas Escrituras acerca de somente quatro reis de Judá: Asa (I Reis 15.11); Josafá (II Crônicas 17.3); Josias (II Reis 22.2) e Ezequias (II Reis 18.3). Josafá, à semelhança de Ezequias, tinha removido os lugares altos, no entanto mais tarde desintegrou-se perigosamente. Isso significa que somente Ezequias, além de Davi, em toda a história de Judá, pode ser elogiado, *sem nenhuma desqualificação,* no tocante ao culto religioso.

18.4

Removeu os altos. *Destruição e Reforma Religiosa.* Nenhum ídolo escapou à ira destruidora de Ezequias. Os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*) foram *destruídos e queimados,* e os ídolos foram destruídos. Além disso, havia um ídolo especial, a *serpente de metal,* que Moisés havia feito, por ordem do Senhor, para cura do povo (ver Números 21.5-9), e que foi quebrado e anulado. O povo vinha usando aquele objeto em sua idolatria, chegando a queimar incenso defronte dele.

Neustã. Ver no *Dicionário* sobre essa palavra. Esse vocábulo, no hebraico, é parecido (quanto ao som) com as palavras hebraicas que significam "bronze" e "imundo". O rei estava ansioso por remover todos os vestígios da idolatria, e qualquer coisa que pudesse *provocar* práticas idólatras, pelo que despedaçou a serpente de metal.

As tradições judaicas dizem que Ezequias despedaçou a serpente de metal, moeu-a até virar pó e então espalhou as partículas ao vento (*Talmude Bab. Avodah, Zarah,* fol 44.1).

18.5

Confiou no Senhor Deus de Israel. "A irreligiosidade é a causa final da decadência e do desastre nacionais. Ezequias compreendeu isso e instituiu uma reforma religiosa nacional" (Raymond Calking, *in loc.*).

"A mais elevada qualidade de Ezequias foi que ele confiou no Senhor. Quanto a esse aspecto, ele foi o maior de todos os reis do reino sul. Diferente de alguns outros reis, ele não se desviou mais tarde na vida, mas guardou o pacto mosaico fielmente, até o fim. Em resultado, o Senhor estava com ele e o abençoou em *tudo* quanto ele pôs as mãos" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Ele foi o melhor de todos os reis de Judá: "Ben Gersom e Abarbanel pensam que Davi e Salomão estão fora dessa lista. Davi pecou no caso de Urias, e Salomão caiu na idolatria, crimes esses dos quais Ezequiel não foi culpado" (John Gill, *in loc.*). Cf. o elogio a Josias (II Reis 23.25), que diz mais ou menos a mesma coisa. Não é mister encontrar algum meio esperto de pôr um desses dois reis acima do outro, nem é preciso reconciliar a declaração sobre qual dos reis foi o maior. Foram ambos *grandes luzes,* e isso é o quanto devemos saber.

18.6

E guardou os mandamentos que o Senhor ordenara a Moisés. A legislação mosaica foi sempre o padrão da avaliação espiritual, no Antigo Testamento. Ver Deuteronômio 6.1-9. Isso significava santidade pessoal na guarda dos *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*), mas também apontava para a fidelidade pública e particular aos ritos e ao sistema sacrifical da lei mosaica. Tudo quanto fora escrito era para ser *observado.*

O Targum sobre este versículo enfatiza "o temor ao Senhor", por onde começa a sabedoria (ver Provérbios 1.7).

Ezequias, pois, "se apegou" ao Senhor e "guardou" os mandamentos da lei mosaica. Ele tinha sentimentos piedosos e boas resoluções, mas também teve a força de vontade necessária para realizar essas coisas. Não basta *sentir.* Deve haver obras e realizações. Deve haver uma fé tanto subjetiva quanto objetiva: deve haver a fé e suas obras (ver Tiago 2.18 ss.).

18.7,8

Para onde quer que saía lograva bom êxito. *Ezequias Prosperou.* Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ele semeava o bem e colhia o bem. Ele abençoava e era abençoado. Ver no *Dicionário sobre a Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Todos os empreendimentos do rei eram favorecidos pela bênção divina, conferindo-lhe plena *realização.* Parte de sua prosperidade era o sucesso contra seus adversários militares. Ele foi capaz de desafiar o rei da Assíria, recusando-se a pagar tributo, que fora imposto sobre Judá por longo tempo (ver II Reis 17.4). Tudo isso, entretanto, foi apenas temporário, pois Judá sofreu novas pressões da parte da Assíria, e, finalmente, foi levado ao cativeiro pela Babilônia. Os babilônios foram os sucessores dos assírios no palco das questões internacionais.

"Essa rebelião de Ezequias contra a Assíria fez parte da revolta geral na qual Merodaque-Baladã, da Babilônia, se envolveu, juntamente com todos os reis sírios e palestinos, exceto Padi, rei de Ecrom. É provável que Merodaque-Baladã tenha sido o principal instigador da revolta. Os súditos de Padi revoltaram-se contra ele, querendo livrar-se da Assíria, como os demais países, e Ezequias manteve Padi na prisão. Foi durante esse período, no começo da revolta, que Ezequias se lançou em uma expedição contra os filisteus, varrendo tudo à sua frente, até as

muralhas de Gaza. Dessa maneira, ele sujeitou aqueles poucos príncipes filisteus como Padi, de Ecrom, que tinha resistido contra a revolta geral. Assim sendo, as vitórias registradas (vs. 8)... pertencem ao período imediatamente antes de 701 A. C., o ano no qual o rei da Assíria esmagou a revolta. *Naquele ano,* Senaqueribe alocou certos territórios de Judá aos filisteus que lhe tinham sido fiéis durante os quatro anos perturbados anteriores" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Gaza. Ver a respeito dessa localidade no *Dicionário.* Ali ficava o ponto mais ao sul dos territórios filisteus.

Uma Vitória Completa. O triunfo de Ezequias contra os filisteus estendeu-se aos postos avançados onde torres de vigia tinham sido construídas, e daí até as cidades fortificadas, ou seja, desde as áreas essencialmente desabitadas até as mais densamente habitadas. "O território inteiro dos filisteus foi devastado pelas forças judaítas" (Ellicott, *in loc.*).

A Queda de Samaria; Fim do Reino do Norte (18.9-12)

A presente seção cf. II Reis 17.23,24. O *cativeiro assírio* (ver a respeito no *Dicionário*) não foi um acontecimento realizado em uma única etapa. Foi, antes, uma série de cativeiros e deportações que, finalmente, varreu o reino do norte inteiro. Naturalmente, uma pequena parcela da população foi deixada na terra; mas povos de outros lugares foram importados para ali (ver II Reis 17.24), e a identidade do povo de Israel acabou perdendo-se por motivo de casamentos mistos. Na verdade, no fim *nada* foi deixado do antigo povo de Israel, embora o *samaritanismo*, um sistema religioso eclético, tenha preservado alguma forma do *yahwismo* na terra, o que sobreviveu até os tempos de Jesus. As notas sobre II Reis 17.24-41 nos dão as origens dos samaritanos.

O *cativeiro assírio* teve início em cerca de 740 A. C. e ampliou-se até 668 A. C., com várias exportações e importações de povos. A Assíria fez um trabalho completo de eliminação da própria identidade de Israel, o reino do norte.

O versículo 12 deste capítulo vê uma razão espiritual para a queda da nação do norte: apostasia do *yahwismo* por meio da idolatria, o que violava o pacto mosaico. O desastre começou na alma dos homens e terminou na destruição da vida nacional.

18.9

No quarto ano do rei Ezequias. O autor, pois, continuava com suas *narrativas paralelas* sobre os reis de Israel e de Judá. Ele não nos contou primeiramente sobre os reis de Israel, relatando suas crônicas, para então voltar-se para os reis de Judá e fazer a mesma coisa. Antes, ele saltava para cá e para lá entre os dois reis, seguindo uma ordem cronológica aproximada. Ver sobre esse método de apresentação nas notas em I Reis 16.29. Há alguma dificuldade com a cronologia apresentada, o que tem levado alguns intérpretes a incluir emendas no texto, fazendo-o dizer "no segundo ano do rei Ezequias" e no "nono ano do rei Oséias". Além disso, o versículo 10 deveria dizer, é de presumir-se, no "décimo segundo ano de Oséias" e no "quinto ano de Ezequias". Mas, manipulando alegadas co-regências, alguns estudiosos encontram uma explicação: "O quarto ano do rei Ezequias, a começar com sua vice-regência, foi o ano de 725 A. C. No fim dos três anos (722 A. C.), Salmaneser V capturou a capital de Israel" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Na exposição sobre II Reis 18.1,2 dou um relato completo sobre a cronologia envolvida.

Naquele *quarto ano,* a revolta contra a Assíria foi abafada (ver II Reis 18.7,8 quanto às descrições atinentes). Judá perdeu parte de seus territórios e foi posto de novo sob tributo à Assíria. Mas aquela potência maior, Babilônia, estava esperando fora do palco da história. A Babilônia em breve derrotaria a Assíria, e levaria Judá para o cativeiro. Quanto ao tributo renovado à Assíria, ver o versículo 14 deste capítulo.

Salmaneser. Ver o artigo detalhado sobre os vários reis da Assíria que tiveram esse mesmo nome. Ver as notas expositivas adicionais no relato paralelo sobre II Reis 17.3,5,24 ss.

18.10

Ao cabo de três anos. Salmaneser gostaria de ter vivido tempo suficiente para ver Israel em completo cativeiro, mas isso não lhe foi proporcionado. Ele morreu antes que o cerco de Samaria tivesse rendido resultados. Foi Sargão quem, após três anos de ataques, finalmente sujeitou a cidade de Samaria ao seu poder, quando seus habitantes (aqueles que sobreviveram à matança) foram deportados. O assédio inteiro pode ter levado quatro anos: um sob Salmaneser e três sob Sargão. Ou então o tempo todo do assédio levou três anos: um sob Salmaneser e dois sob Sargão. Seja como for, o trabalho de dominação da cidade de Samaria foi completo e devastador.

Cronologia. Quanto a comentários sobre as notas cronológicas que figuram nos versículos 9 e 10, e sobre as dificuldades que as cercam, ver meus comentários no versículo anterior, com um relato mais completo em II Reis 18.1,2.

18.11

O rei da Assíria transportou Israel para a Assíria. Este versículo é paralelo ao de II Reis 17.6, e é ali que apresento os comentários.

O reino do norte, Israel, *sendo o mais forte dos dois,* foi completamente derrotado, rebaixado, aniquilado e deportado. E o reino do sul, Judá, sendo *o mais fraco,* foi submetido a tributo, mas não foi destruído. Isso se deveu à espiritualidade superior do reino do sul. Ver o quinto versículo.

18.12

Porquanto não obedeceram à voz do Senhor seu Deus. *Razão Espiritual da Queda do Reino do Norte, Israel.* Israel estivera há muito tempo na apostasia, no meio de sua elaborada idolatria. A paciência divina, finalmente, esgotou-se, e, juntamente com ela, a identidade do reino do norte. A desobediência à legislação mosaica também significou o anulamento do pacto mosaico (anotado na introdução ao capítulo 19 de Êxodo). Esse anulamento significou o anulamento da nação do norte. Não havia mais razão para ela continuar existindo. Israel tinha-se tornado apenas outra nação pagã entre nações pagãs. Havia perdido seu *caráter distintivo,* o qual lhe fora dado pela lei mosaica (ver Deuteronômio 4.4-8). Cf. a longa diatribe que ilustra a violação, por parte de Israel, das leis e tradições ensinadas nas Escrituras (ver II Reis 17.7-23).

Conquistas Militares de Senaqueribe (18.13 – 19.37)

O trecho de Isaías 36.1-39.8 reproduz essencialmente a presente seção. A maioria dos eruditos acredita que o autor de I e II Reis produziu esta seção, por redação sua, e mais tarde toda a produção escrita (com omissões e inserções ocasionais) foi reproduzida no livro de Isaías. O interesse do autor de Isaías, ao tomar por empréstimo o material, foi preencher detalhes concernentes à vida e às obras do profeta, que, ao que tudo indica, ele não possuía da parte de outras fontes informativas.

As Três Seções do Material. 1. II Reis 18.13-16: a derrota de Judá e o tributo renovado pago à Assíria; 2. II Reis 18.17-19.8: a história do livramento de Ezequias. 3. II Reis 19.9-35: o livramento de Jerusalém. Os versículos 36 e 37 provêem uma conclusão apropriada.

Sargão II, antecessor de Senaqueribe, expandiu o território da Assíria. Essa história é contada com detalhes no artigo sobre ele, no *Dicionário.* Senaqueribe foi um governante assírio menos hábil do que seu pai. Esteve envolvido na tarefa de enfrentar a Babilônia, que estava em ascendência, tentando preservar as vitórias de seu pai. A fim de manter Judá sob controle, sanguinárias campanhas foram lançadas. Uma grande soma em dinheiro e valores conservou o *lobo* do lado de fora da porta, mas resgates não satisfaziam Senaqueribe. Yahweh, porém, garantiu que ao homem mau se fizesse uma resistência eficaz (ver II Reis 19.35-36). Mas tudo isso foi apenas preliminar ao inevitável: o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Quanto a detalhes sobre a história, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Senaqueribe.*

18.13

No ano décimo quarto do rei Ezequias subiu Senaqueribe. Isso, novamente, cria problemas cronológicos. Ver as minhas notas em II Reis 18.1,2 quanto a detalhes da cronologia envolvida e ver o vs. 9 quanto a comentários adicionais. Seja como for, o ano foi o de 701 A. C., presumivelmente no décimo quarto ano do *governo único* de Ezequiel, que começou em 715 A. C. O ano décimo quarto de Ezequiel foi, provavelmente, o ano de sua enfermidade quase fatal (ver II Reis 20.1-19).

A *captura* de várias cidades de Judá foi o primeiro resultado da invasão, e a captura de Jerusalém foi o próximo resultado. Um pesado *suborno* salvaria temporariamente a capital de Judá (vss. 14-16). Comparar o presente versículo com II Crônicas 32.1.

18.14

Ezequias deu a Senaqueribe um *cheque em branco.* Ele poderia *escrever ali* a quantia que quisesse. O rei de Judá reconheceu que o rei da Assíria tomaria *tudo* se capturasse Jerusalém, pelo que qualquer quantia menor do que essa seria uma vantagem para Judá, por mais miserável que a vantagem pudesse ser.

Um mensageiro foi de Jerusalém a *Laquis* (ver no *Dicionário*), uma distância de apenas cinqüenta e seis quilômetros para sudoeste. Portanto, o homem ameaçador tinha chegado bem perto da capital, e coisa alguma poderia fazê-lo parar *exceto o dinheiro,* e mesmo assim apenas por algum tempo.

Trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro. Essa foi a quantia que Senaqueribe *escreveu no cheque*. Quanto aos valores envolvidos, ver o artigo sobre *Pesos e Medidas*, no Dicionário. Não há como relacionar a quantia envolvida com o poder de compra das moedas modernas. Uma de minhas fontes informativas supõe que a quantia equivalia a US$2,500,000, combinando os pesos em prata e em ouro. Naquele tempo ainda não havia moedas, e os valores eram calculados por peso. Os pesos envolvidos foram onze toneladas de prata e uma tonelada de ouro. O templo, a casa de Yahweh, proveu a fonte principal desse pagamento (ver os vss. 15 e 16).

18.15

Deu-lhe Ezequias toda a prata que se achou na casa do Senhor. *Esvaziando o Templo de Jerusalém.* Em Judá, o templo servia como o mais rico depósito de riquezas e, em várias ocasiões, foi esvaziado para manter os *lobos* distantes da porta. Cf. II Reis 12.18 e 16.8. Os móveis do templo, ricos em ouro e prata, também foram desmantelados e transformados em dinheiro para suborno; e isso aconteceu por mais de uma vez (vs. 16). Mas a despeito de todos os esforços e sacrifícios, a Assíria não se deixou aplacar, e exigiu a rendição incondicional de Jerusalém (vss. 17 e ss.). A resistência era impossível, não fosse por algum milagre especial de Yahweh. Nessa oportunidade, houve esse milagre, mas não mais tarde, quando o poder opositor era a Babilônia.

18.16

Foi quando Ezequias arrancou das portas do templo. As portas e as ombreiras das portas do templo tinham sido recobertas de ouro, de acordo com o texto presente, por Ezequias. Mas os intérpretes pensam que isso representa um erro primitivo, ou um deslize da pena do autor-compilador original, ou de algum escriba antigo. Esse trabalho pode ter sido feito pelo rico Salomão, ou por Azarias. O ouro que Salomão havia usado para embelezar o templo provavelmente já havia sido usado, fazia muito tempo, como dinheiro para subornos. Seja como for, havia no templo grandes riquezas que entravam e saíam, conforme as vicissitudes de Judá com os adversários estrangeiros que levavam a nação de Judá da riqueza à pobreza.

As *colunas* também foram tiradas de seus lugares. Em vista estão as colunas do templo (conforme diz o Targum), ou seja, a verga e os lados das portas do templo.

História do Livramento de Ezequiel (18.17 – 19.8)

Com grandes sacrifícios para os tesouros do templo, Ezequias havia pago um suborno ao rei da Assíria, para que ele poupasse Jerusalém. Senaqueribe já havia tomado conta de várias cidades da Judéia (ver II Reis 18.13). Ezequias pagou o dinheiro e sentiu a desgraça. Ele se humilhou ao máximo, mas o apetite voraz da Assíria não se satisfez. Uma rendição incondicional foi exigida, e a deportação dos habitantes de Jerusalém certamente se seguiria, conforme tinha acontecido ao reino do norte, Israel (ver II Reis 18.9-12). Ezequias tinha-se rebelado contra a Assíria e parado de pagar-lhe tributo (ver II Reis 18.7). Agora os assírios queriam vingar-se, e não apenas extrair dinheiro de Judá. Os assírios enviaram três representantes, mensageiros do rei, para mostrar a Ezequias a futilidade de toda resistência. E nada lhe prometeram como cooperação. Os mensageiros mostraram a Ezequias que seus aliados eram fracos e indignos de confiança (vs. 21), e que nem mesmo confiar em Yahweh teria o mínimo efeito de aliviar-lhes o aperto (vs. 22). E, além disso, os assírios afirmavam que Yahweh é quem os tinha enviado para destruir Judá (vs. 25)! Os oficiais judeus pediram que os enviados do rei da Assíria falassem em aramaico, e não em hebraico, para que o povo presente não compreendesse o que estava sendo negociado. Os oficiais dos judeus compreendiam o aramaico, mas não o povo comum. O aramaico era a linguagem da diplomacia da Ásia ocidental, e também era muito usado nos círculos comerciais. Essa petição ofendeu os enviados. Um deles, portanto, falou em voz alta, gritando em hebraico, usando linguagem abusiva e com vulgaridades, e anunciou tudo quanto estava prestes a acontecer ao povo comum. Ezequias sentiu-se devastado diante da questão e vestiu-se de cilício, e mandou buscar Isaías, esperando alguma boa palavra da parte do profeta. Foi o que Ezequias obteve, e as coisas voltaram ao normal por algum tempo. Mas a estrela dos babilônios estava subindo no firmamento, e agora um cativeiro do povo de Judá já rondava por perto.

18.17

Tartã... Rabe-Saris... e Rabsaqué. Estes poderiam ser os nomes pessoais dos três enviados pelo rei da Assíria, mas o mais provável é que alguns eruditos estejam com a razão ao declarar esses nomes como títulos de oficiais. Provi artigos sobre todos esses três nomes no *Dicionário,* explicando o que se sabe sobre esses oficiais e as funções que desempenhavam. Esses três altos oficiais assírios foram enviados para negociar a "paz", mas o que sem dúvida estava sendo ameaçado era a rendição incondicional, com a subseqüente deportação da população de Jerusalém. Um grande exército assírio acompanhou os oficiais em uma demonstração de força. "Eles foram com um grande exército para intimidar Ezequias, a fim de que ele se rendesse sem oferecer resistência" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Na extremidade do aqueduto do açude superior. Cf. Isaías 7.3. Foi naquele local que o profeta Isaías tinha advertido Acaz a respeito da insensatez de buscar ajuda da parte da Assíria. O local não foi identificado de forma absoluta, mas provavelmente era um cano que trazia água do poço da Virgem, a moderna 'Ain Sitti Maryam, até o poço de Siloé, no interior da cidade. "O suprimento de água sempre foi um problema na defesa das cidades, e o poço da Virgem era o único suprimento de água alcançável pela cidade. Ezequias, pois, havia construído um canal subterrâneo a fim de tornar mais seguro o suprimento de água (ver II Reis 20.20)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Açude superior. Esse açude é chamado de Giom, em I Reis 1.33. Ver o artigo no *Dicionário* chamado *Giom (Fonte).*

Junto ao caminho do campo do lavandeiro. Um campo onde as pessoas lavavam suas roupas, que ficava *à distância de um grito* a partir das muralhas de Jerusalém (vs. 26), um local sempre cheio de gente. Ali seria fácil estabelecer contato com o rei.

18.18

Tendo eles chamado o rei. *Pedindo uma audiência com o rei de Judá, aos gritos,* os enviados receberam seu representante, *Eliaquim.* Ver sobre esse nome próprio no *Dicionário,* sob o primeiro ponto. Ele era filho de Hilquias, mordomo de sua casa ou guarda do palácio, durante o tempo do rei Ezequias. Foi o escolhido para tentar negociar com os assírios. Dois outros oficiais judeus o acompanharam, a saber; *Sebna,* o escrivão, e *Joá,* o cronista. Quanto ao pouco que se sabe acerca deles, ver os artigos com os nomes deles existentes no *Dicionário.* Portanto, três oficiais foram ao encontro de três oficiais. Esses formavam a "comissão de paz". Ver a passagem similar de I Reis 4.1-4 no tocante aos oficiais do rei. Ver no *Dicionário* os seguintes artigos: *Mordomo; Escriba* e *Cronista,* quanto a informações sobre esses ofícios.

18.19

Que confiança é essa em que te estribas? *Uma Falsa Confiança da Parte de Ezequias?* Por que Ezequias continuava sua resistência ao sumo rei, o rei da Assíria? Essa foi a pergunta que o porta-voz Rabsaqué levantou. Poderia a vã confiança de Ezequias produzir algum bem se o rei da Assíria fizesse seu exército de *cães selvagens* voltar-se contra eles? Naquele momento, eles precisavam de mais do que meras palavras e uma aparência esperta em suas fisionomias.

Os versículos seguintes enumeram as coisas em que Ezequias poderia confiar, e de onde ele poderia derivar sua confiança. Era uma lista lamentável, de acordo com o julgamento dos assírios. A maior delas assim alistadas, como é óbvio, era Yahweh, o Deus deles. Mas os assírios afirmavam que, na realidade, Yahweh os tinha enviado para guerrearem contra Judá! (vs. 25).

18.20

Teu conselho e poder. Recursos adequados de dentro de Judá, e ajuda externa, homens poderosos para dar conselho e traçar planos de batalha que pudessem derrotar os assírios. A tradução deste versículo é bastante diferente nas versões. A *Revised Standard Version* diz aqui: "Pensas que meras palavras são conselho e poder para a guerra?". O enviado assírio pensava que Judá tinha bem pouco, para mostrar confiança, excetuando palavras corajosas. Mas palavras corajosas dificilmente seriam suficientes na guerra. Talvez devamos vincular as palavras dos versículos 20 e 21, compreendendo *conselho* como sendo os egípcios como aliados.

18.21

Confias no Egito, esse bordão de cana esmagada... O Egito foi descrito pelo porta-voz assírio como um "pato manco" conforme diz a linguagem popular moderna, uma "cana esmagada" que, se fosse usada como apoio de alguém, se envergaria e deixaria sem apoio a quem nela se apoiasse. Ou então, lhe atravessaria a mão, ferindo-o, em lugar de dar-lhe sustentação. Assim era o Egito para todos os seus aliados, o enviado afirmou.

"A disposição de depender das promessas do Egito foi o erro fatal dos estadistas de Judá, geração após geração. Os Faraós e os seus sucessores do período helênico, os Ptolomeus, estavam sempre prontos para despertar pertur-

bações na Palestina, para os assírios, babilônios, persas e líderes gregos, quem quer que porventura estivesse no poder; mas raramente cumpriam suas promessas. E de cada vez em que isso acontecia, Judá sofria. No caso referido no presente versículo, há evidências de que o Faraó realmente enviou um exército, mas ele foi derrotado pelos assírios em Eltequé. Foi *essa derrota,* envolvendo o fim das esperanças de ajuda, que forçou Ezequias a render-se aos assírios (vs. 14)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Este versículo cf. Isaías 42.3. Quanto às expectações de Judá, acerca do Egito como um aliado, ver Isaías 20.1-5; 21.1-4 e 30.1-8. Tais expectações foram denunciadas por Yahweh como contrárias à Sua vontade, e contrárias à confiança Nele.

O poder da Assíria já havia *partido a cana* (o Egito), mas Ezequias continuava esperando alguma ajuda daquela direção.

18.22

Mas se me dizeis: Confiamos no Senhor nosso Deus... Se não o Egito, então *Yahweh* logo sairia em socorro de Judá, poderia supor Ezequias. Mas o porta-voz assírio, não compreendendo o que estivera em jogo na destruição dos *lugares altos,* supunha que Ezequias tinha destruído os santuários de Yahweh, pelo que dificilmente poderia esperar alguma ajuda da parte d'Ele. Os altares de Israel tinham sido destruídos, e somente o templo de Jerusalém restara, o que, segundo o oficial assírio (condicionado pelos muitos altares da idolatria), seria uma afronta a Yahweh. Quanto à destruição dos lugares altos por parte de Ezequias, ver II Reis 18.4. É possível que o oficial assírio estivesse repetindo coisas que tinha ouvido da parte de alguns judeus. Muitos deles devem ter-se ressentido do fato de que Ezequias tentara centralizar a adoração em Jerusalém, pensando que ele abusara ao fazer isso.

18.23,24

Ora, pois, empenha-te com meu senhor, rei da Assíria. O enviado assírio zombou das forças armadas de Judá. Eles não tinham um número significativo de cavalos e carros de combate, e mesmo que o Egito lhes desse dois mil cavalos, Judá não teria cavaleiros treinados para montá-los. E, mesmo que os tivesse, o grupo todo não poderia enfrentar um único dos capitães da Assíria (ver o vs. 24). No entanto, apesar de tão óbvia fraqueza, Ezequias continuava a depender do Egito como seu socorro, esperando que os egípcios suprissem os cavalos, os carros de combate e a cavalaria treinada para enfrentar o inimigo do norte. Judá estava dependendo de "teias de aranha", conforme se diz em uma expressão idiomática popular.

> *Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro,*
> *e se estribam em cavalos; que confiam em carros,*
> *porque são muitos, e em cavaleiros,*
> *porque são muito fortes,*
> *mas não atentam para o Santo de Israel,*
> *nem buscam o Senhor.*
>
> (Isaías 31.1)

Por conseguinte, ao menos em um ponto, o profeta Isaías concordou com a avaliação do enviado da Assíria.

18.25

O Senhor mesmo me disse: Sobe contra a terra, e destrói-a. O representante da Assíria, tornando-se eloqüente em sua diatribe, de súbito afirmou que *Yahweh,* na realidade, é quem havia *enviado a Assíria* contra Judá. Se realmente fosse assim, então, como é óbvio, seria inútil o rei de Judá esperar ajuda da parte do Senhor. Alegadamente, Yahweh teria abandonado Judá e se tornado um aliado invisível da Assíria. Isso significaria, como é óbvio, que Judá estava condenada a uma sorte amarga, e seria melhor aceitar *quaisquer* condições que os assírios oferecessem. Os eruditos na história dizem-nos que Ciro afirmou algo semelhante, ao atacar a Babilônia. É possível que o enviado assírio pensasse que, visto que era a Assíria quem se estava erguendo poderosamente, *todas* as forças invisíveis (os deuses) que havia por trás das nações estivessem favorecendo *aquele país.* Nesse caso, é comum (e sempre o foi) que os homens pensem que os poderes divinos os estejam favorecendo, quando obtêm poder e dinheiro, dando a Deus crédito por todas as espécies de coisas duvidosas.

Alguns intérpretes supõem que Senaqueribe tenha consultado alguns sacerdotes israelitas cativos, e que eles lhe tivessem dado a profecia de que Yahweh ajudaria nos esforços dele contra Judá. Ou então, as ameaças dos profetas de Judá, contra seu próprio povo judeu, tivessem chegado aos ouvidos do rei assírio.

O caso de Ciro, mencionado acima, é curioso. Lemos que ele oferecia sacrifícios *diários* a Merodaque, o principal deus da Babilônia, antes de haver cercado aquele lugar. E também sacrificava a Bel e a Nebo, para que intercedessem junto a Merodaque, em seu favor. E foi assim que Ciro ficou convencido de que os deuses babilônios estavam prestes a entregar a ele a cidade da Babilônia. E ele obteve o que desejava.

"O povo de Judá tinha visto Israel cair diante da Assíria. O plano de Deus não seria igual no caso de Judá?" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

18.26

Então disseram Eliaquim... e Joá a Rabsaqué. Eliaquim foi um dos três representantes judeus nas "conversações sobre a paz" (ver o vs. 18). Ele temia que a diatribe de Rabsaqué, proferida em alta voz, fosse ouvida e compreendida pelos cidadãos de Judá que estavam no alto das muralhas de Jerusalém, e que essas palavras metessem medo no coração dos judeus. Ao que parece, Rabsaqué estava falando em hebraico, e assim, o que ele dizia podia ser compreendido pelos habitantes de Jerusalém. Eliaquim, pois, solicitou que Rabsaqué falasse em aramaico, porque assim ele não seria entendido pelo povo comum, embora a elite de Judá pudesse entendê-lo. Por meio deste versículo aprendemos que embora o hebraico e o aramaico fossem linguagens irmãs (semíticas), elas não eram tão próximas uma da outra como o português é próximo do espanhol, pois, se o fossem, então ainda que o enviado assírio falasse em aramaico, seria entendido por todos os judeus presentes. O aramaico era a língua usada pela Ásia ocidental, para propósitos diplomáticos e comerciais, mas não foi uma verdadeira *língua franca,* conforme aconteceu com o grego, alguns séculos mais tarde.

É um fato histórico curioso que Judá, no cativeiro babilônico, tivesse adotado o aramaico, que então substituiu o hebraico, falado em Israel. Quando voltou o remanescente judeu, a língua por eles falada era o aramaico, embora alguns continuassem a falar o hebraico. Isso, naturalmente, foi um processo. Não aconteceu tudo de uma vez só. Eis porque, no tempo de Jesus, o aramaico, e não o hebraico, era a língua falada pelo povo hebreu. Alguns hebreus, contudo, ainda conheciam e usavam o hebraico. Como exemplo, o hebraico era usado na escrita de cartas, conforme o demonstram os Manuscritos do Mar Morto. Houve algum material escrito em hebraico entre aquelas descobertas, como por exemplo, cartas contemporâneas. Naturalmente, o hebraico continuou sendo a língua ensinada nas sinagogas, pelo menos quanto à liturgia empregada.

Ver o artigo no *Dicionário* chamado *Aramaico,* quanto a uma revisão dos fatos. Parte do Antigo Testamento foi escrita em aramaico, a saber: Daniel 2.4-7.28; Esdras 4.8-6.18; 7.12-26 e Jeremias 10.11 (uma glosa?). Após o exílio, os judeus usavam a escrita aramaica para escrever o hebraico. Finalmente, o aramaico suplantou o hebraico, e tornaram-se necessárias traduções do Antigo Testamento do hebraico para o aramaico. Os Targuns, os comentários judaicos como a Mishnah, a Midrash e o Talmude foram escritos em aramaico. Quanto a detalhes sobre essas e outras coisas de interesse, ver esse artigo.

Foi nos fins do século V A. C. que o aramaico chegou a ser a língua comumente falada na Palestina, embora não com exclusividade.

18.27,28

Então Rabsaqué se pôs em pé, e clamou em alta voz em judaico. *O turbulento Rabsaqué,* querendo desmoralizar os habitantes de Jerusalém, falou com voz ainda mais alta, gritando para o povo judeu nas muralhas, ameaçando-os com o poder dos assírios, mediante ofensas, obscenidades e de modo beligerante. Sem dúvida, ele conseguiu o que queria. O povo de Jerusalém tremeu ao ouvir as palavras dele. O povo comum é que iria sofrer, e o enviado assírio fê-los saber disso, em termos nada incertos. Dessa maneira, ele esperava pressionar Ezequiel a aceitar a rendição incondicional. O cerco assírio seria tão radical que faria homens, e até os soldados (aqueles que ficassem de guarda nas muralhas), comer seu próprio excremento e beber sua própria urina. Jerusalém seria reduzida às circunstâncias mais desesperadoras. E, no fim, Judá perderia tudo, fosse como fosse. Portanto, a sabedoria ditava uma rendição imediata por parte dos judeus. O enviado assírio, pois, levou o caso diretamente aos soldados nos postos de vigia e ao povo comum, que ouvia sua ultrajante arenga.

18.29

Não vos engane Ezequias. Conforme disse Rabsaqué, a lealdade do povo judeu ao seu rei se tornara um absurdo. Um novo dia tinha raiado, um novo rei precisava ser honrado. O rei dotado de poder era aquele que deveria ser temido, e esse rei por certo não era Ezequias. Em Judá não havia poder capaz de salvá-lo. Seria melhor deixar o país inteiro à mercê dos assírios, do que resistir e ter de enfrentar a ira deles. A situação era desesperadora. Haveria pouco a ganhar, fosse qual fosse a reação dos judeus.

18.30

O Senhor certamente nos livrará. *Ezequias* falava sobre o livramento divino. Yahweh se levantaria e livraria os judeus. Para Rabsaqué, entretanto, toda conversa nesse sentido era destituída de bom senso. Nenhum poder tinha salvado Israel, que já estava descansando em uma terra estrangeira, e nem haveria

poder algum, humano ou divino, que salvasse Judá. Além disso, Yahweh, segundo o enviado assírio alegava, já tinha dado à Assíria, ordens para destruir Judá (vs. 25).

18.31,32

Fazei as pazes comigo. *As Promessas do Rei da Assíria.* A rendição incondicional evitaria uma carnificina. O rei da Assíria seria misericordioso. Enquanto ainda estivesse em sua terra, *antes* da deportação, o povo comum teria permissão de continuar em paz e prosperidade. Cada homem teria "sua própria vinha e sua própria figueira", uma figura de linguagem freqüente para indicar o desfrute da paz em meio à prosperidade. Cada indivíduo teria sua "independência" e seu viver diário adequado. Ver essa expressão também em I Reis 4.25; Miquéias 4.4 e Zacarias 3.10. E então, *depois* da deportação (vs. 32), a qual certamente viria, essa condição continuaria. Embora em uma terra estrangeira, o povo comum de Judá permaneceria em paz e prosperidade, com provisões adequadas para cada necessidade. Naturalmente, para garantir tal tratamento, eles teriam de desistir de sua identidade nacional. Eles seriam absorvidos pelos povos do norte, e sua terra receberia muitas raças diferentes que o rei da Assíria mandaria para lá para ficar com suas cidades e fazendas. Isso é o que tinha acontecido a Israel, e Judá simplesmente teria de esperar o mesmo tipo de tratamento. Mas pelo menos a vida deles seria poupada.

"Senaqueribe postou-se como um pai que desejasse fazer os preparativos necessários para receber seus filhos queridos!" (Ellicott, *in loc.*). "Ele vos transportará para uma terra tão boa quanto a vossa" (Adam Clarke, *in loc.*).

18.33

Acaso os deuses das nações puderam livrar... ? *Uma Temida Lição Objetiva.* Nenhuma outra nação fora capaz de resistir ao temível inimigo do norte. Poderia Judá resistir-lhe? O povo judeu estava consciente da elevação constante da estrela assíria no firmamento. Era a vez de a Assíria ter seu momento de glória no palco internacional. No entanto, em breve a Babilônia derrubaria a Assíria de sua posição privilegiada no mundo. Mas isso aconteceria tarde demais para ajudar Judá. Portanto, apesar de não ter sido levada pela Assíria, Judá seria levada pela Babilônia, e esse acontecimento já se aproximava. De fato, a Judá restavam somente cerca de cento e quinze anos de liberdade! Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro Babilônico.* Por conseguinte, todas as ameaças que o abominável Rabsaqué estava fazendo teriam cumprimento, embora não da parte da Assíria. As nações antigas sempre confiavam na multidão de seus deuses para ajudá-las. Elas possuíam uma alegada proteção e ajuda divina, mas na hora do teste, essa proteção falhava. O enviado assírio acreditava que isso também aconteceria no caso de Judá. Mas Ezequias e Judá seriam, finalmente, libertados das ameaças assírias, embora mais algumas décadas, e a nação de Judá cairia diante da outra potência mundial. Rabsaqué pode ter deixado implícito que aqueles próprios deuses nos quais as nações confiavam, tinham, na verdade, ajudado a Assíria (ver o vs. 25)!

18.34

Ilustrações. Rabsaqué ilustrou a sua tese de que não haveria nenhuma intervenção divina em favor de Judá. As cidades por ele mencionadas foram todas cidades sírias, que Senaqueribe conquistara durante sua terceira campanha militar. Cada uma daquelas cidades tinha suas próprias divindades. Todos os seus habitantes clamaram a seus deuses, pedindo livramento, mas nada aconteceu, exceto sua destruição e deportação. No *Dicionário,* quanto a cada um dos nomes próprios aqui usados, há artigos onde são oferecidos detalhes.

Samaria. Além daquelas cidades sírias que tinham sofrido uma sorte terrível, havia também Samaria, capital do reino do norte, Israel. Embora, como seria de presumir, eles contassem com Yahweh como seu protetor, aquela cidade caíra tão facilmente como as demais, e naquele momento em que o horrendo Rabsaqué falava, seus sobreviventes (os que tinham escapado do cerco) estavam descansando em territórios pertencentes à Assíria. As versões de Luciano e da Vulgata Latina adicionam a este versículo: "Onde estão os deuses de Samaria?".

Atrocidades. Sargão e Senaqueribe tiveram grande sucesso em suas matanças e conquistas militares. Sargão, em suas inscrições sobre a campanha síria, informou-nos que Ya-u-bi-h-di, rei dos Ramatitas, tinha induzido Arpada a revoltar-se contra a Assíria. Mas a confederação deles fora derrotada em Qarqar. onde Ya-u-bi-h-di tinha sido aprisionado e esfolado vivo! Cidades maiores tinham recebido seus próprios reis secundários, que exerciam agora controle sobre as cidades e as áreas ao redor, isto é, sobre pequenas cidades-estados.

18.35

Para que o Senhor possa livrar Jerusalém das minhas mãos? Este versículo encerra a diatribe contra a alegada proteção divina pelos deuses de cada cidade-estado que fora atacada. Não havia um único exemplo de sucesso. Todas as cidades-estados tinham caído diante da Assíria; todas elas tinham sido destruídas; os habitantes de *todas* elas tinham sido deportados. Jerusalém (e Judá) não seriam exceção.

18.36

Os vss. 33-35 contêm seis perguntas retóricas levantadas pelo abominável Rabsaqué. Sua lógica era incansável. Não havia respostas para as suas afirmações. Suas perguntas não tinham respostas lógicas. Mas o povo de Judá continuou confiando em *Yahweh.* O rei Ezequias tinha ordenado especificamente que o povo não tentasse responder ao enviado assírio. Um grande silêncio acompanhou a sua tirada. "Sem dúvida alguma aqueles argumentos de tanta força despertaram muitas vívidas discussões entre o povo comum, *depois* que os mensageiros assírios partiram" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Os argumentos de Rabsaqué eram irretorquíveis para Judá, mas não para Yahweh, conforme a história prossegue em informar-nos. Restava ao poder divino humilhar os poderosos assírios.

18.37

Vieram ter com Ezequias, com suas vestes rasgadas. As conversações de paz tinham terminado, a conferência tinha-se acabado, e os três representantes de Judá (ver o vs. 18) anunciaram a Ezequias tudo quanto tinha acontecido. Em sua consternação, eles rasgaram as próprias vestes. Quanto a esse costume e suas implicações, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vestimentas, Rasgar das.* Ezequias não tinha resposta alguma para o problema, mas o profeta Isaías viria em seu socorro. Ele prometeria uma repentina e inesperada vitória que seria conseguida.

Quanto ao rasgar das vestimentas, como um gesto de consternação, cf. os trechos de Gênesis 37.29; Josué 7.6; II Reis 5.7; 6.30; 11.14; 22.11; Ester 4.1; Jó 1.20 e 2.12.

Capítulo Dezenove

Isaías, Mensageiro da Esperança (19.1-8)

O capítulo 18 terminou informando-nos da consternação do rei Ezequias, e de como ele rasgou suas vestes. E agora somos informados de que ele se cobriu com pano de saco, outro símbolo de lamentação e tristeza. Confiando ainda em Yahweh, Ezequias foi ao templo para orar e sacrificar. Quando os gregos estavam desesperados, foi dito com freqüência sobre eles: "Eles lançaram tudo para os deuses e para a oração". Assim também Ezequias, tendo chegado ao fim de suas forças, deixou a questão inteira aos cuidados de Yahweh.

"A primeira coisa que Ezequias fez foi ir diretamente à casa do Senhor. Ele levou sua preocupação ao santuário. Para isso é que servia a casa do Senhor. Era um lugar de refúgio para a alma humana aflita, cercada de perigos dos quais ele não via escape. Quantos, desde os dias de Ezequias, já fizeram a mesma coisa, e ali têm encontrado livramento!" (Raymond Calking, *in loc.*).

19.1

Tendo o rei Ezequias ouvido isto. Este versículo repete a informação que já nos fora dada em II Reis 18.37, mas aqui, à questão de Ezequias vestir-se de pano de saco, é acrescentado outro sinal de sua consternação e humildade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pano de Saco,* quanto a detalhes sobre esse ato.

Ezequias humilhou-se sob a potente mão de Deus (I Pedro 5.6).

> *Verdadeira humildade —*
> *A maior das virtudes, mãe*
> *delas todas.*
>
> (Tennyson)

Entrou na casa do Senhor. Lá se foi Ezequias, buscando refúgio para a sua alma; buscando respostas para além de si mesmo; acima de si mesmo; para além de suas próprias forças. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça!

> *Se tua alma afunda no desespero,*
> *Jesus sabe a dor que estás sentindo.*
> *Ele pode salvar e Ele pode curar.*
> *Leva tua preocupação ao Senhor.*
> *E deixa-a ali.*
>
> (C. Albert Tindley)

Cf. II Crônicas 32.20. "Vestes feitas de pêlos de cabra, um tecido grosseiro, simbolizavam a auto-aflição e o desespero (cf. Gênesis 37.34; I Reis 21.27; Neemias 9.1; Ester 4.1-4; Daniel 9.3)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Um Trecho Paralelo. O trecho de Isaías 36.1-39.8 reproduz essencialmente a seção de II Reis 18.13-19.37. A maioria dos eruditos supõe que o autor de I e II Reis foi o produtor do trecho, e que o autor do livro de Isaías copiou-o, fazendo algumas omissões e inserções. O autor de Isaías tomou o material por empréstimo a fim de dar maiores detalhes concernentes à vida e às obras do profeta, os quais, ao que tudo indica, ele não encontrou em outras fontes informativas.

19.2

Então enviou Eliaquim... ao profeta Isaías. *Mensageiros enviados a Isaías.* Naquela conjuntura, Ezequias novamente empregou seus oficiais especiais, Eliaquim, o mordomo, e Sebna, o escrivão, em importantíssima missão. Cf. II Reis 18.18, onde eles foram enviados como representantes de Judá para falarem com os três representantes da Assíria. Neste versículo, porém, não há menção a Joá, o cronista. Mas nesta ocasião outros foram enviados juntamente com os dois, ou seja, certos *anciãos* que eram homens de confiança. O grupo foi enviado ao profeta Isaías para ver se, porventura, ele poderia ajudar naquela situação desesperadora.

A Ti, Alma Eterna, sejam os louvores!
Tu que, desde os dias antigos até nossos dias,
Através de almas de santos e profetas, Senhor,
Tens enviado Tua Luz, Teu Amor, Tua Palavra.

(Francis Thompson)

Isaías sempre fora contra alianças com potências estrangeiras e cria na ajuda de Yahweh, em qualquer situação. Ele simpatizaria, sem dúvida, com a causa de Judá. Talvez ele tivesse alguma solução secreta para o problema. Ele se opusera à aliança de Ezequias com o Egito. Dali só poderia vir o desastre. Ver Isaías 30.1-7. Agora que qualquer outra ajuda tinha falhado, conforme Isaías dissera que aconteceria, somente a confiança em Yahweh produziria bons resultados.

Quando outros ajudadores falham
E os consolos fogem,
Ajudador dos desamparados,
Fica comigo.

(H. F. Lyte)

19.3

Este dia é dia de angústia, de disciplina e de opróbrio. Uma potência estrangeira estava nos portões da cidade, dizendo como Yahweh a havia enviado para destruir o povo de Judá. Obscenidades estavam sendo clamadas a plenos pulmões; a insolência dominara o dia. Judá era como uma mulher completamente exangue, que não tinha forças para dar à luz. Foi o dia mais escuro de Judá. O poder de *resistir* a Assíria foi retratado mediante essa metáfora. A *resistência* recusava-se a nascer da mãe debilitada. "O quadro simbólico é muito definido e apropriado. Sem um milagre, seria impossível o livramento de Judá" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Até parecia que a nação inteira morreria. A esperança de Ezequias era que Deus, tendo sido ridicularizado pelos assírios, agiria... e provaria que Ele era o Deus verdadeiro e vivo, concedendo um livramento miraculoso ao Seu povo" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

19.4

Porventura o Senhor teu Deus terá ouvido todas as palavras de Rabsaqué. *As Duas Esperanças.* A *primeira* seria que Yahweh não permitiria que a tirada do abominável Rabsaqué contivesse, finalmente, alguma verdade; antes, ele seria repreendido por sua insolência e blasfêmia, mediante alguma espécie de livramento miraculoso de Judá. E a *segunda* era que as orações de Ezequias, pedindo livramento, fossem *eficazes.*

Ora pela minha alma.
Mais coisas são operadas pela oração
Do que este mundo sonha.
Levanta-te como uma fonte por mim,
de noite e de dia.

(Tennyson)

"Por mais cético que um homem seja sobre a eficácia de suas próprias orações, permanece nas câmaras secretas do coração da maioria dos homens uma fé inarticulada, sem explicação, mas inextinguível nas orações de um homem de Deus" (Raymond Calking, *in loc.*).

Pelos que ainda subsistem. Era o remanescente. "Israel, a nação do norte, fora levada para o exílio. Judá, um remanescente da antiga nação de Israel, ainda restava; mas até esse remanescente era agora ameaçado. Além disso, Senaqueribe tinha capturado a maior parte das cidades fortes *de Judá,* e somente "a filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal" (Isaías 1.8). Cf. II Crônicas 32.1" (Ellicott, *in loc.*).

Um *remanescente de israelitas* permaneceu nos antigos territórios da nação do norte, Israel, e sua mistura com vários povos pagãos tinha produzido os samaritanos (ver II Reis 17.29). Naquele momento, Judá era apenas outro remanescente da antiga nação de Israel, e se Jerusalém fosse capturada, a própria identidade do reino do sul estaria ameaçada.

19.5,6

Foram, pois, os servos do rei Ezequias a ter com Isaías. Os oficiais do rei de Judá foram consultar o profeta Isaías, na esperança de ouvir alguma boa palavra em favor de Judá. Eles foram consultar o *oráculo* (ver a respeito no *Dicionário*). *Sabiam* que o profeta teria uma visão clara do que iria acontecer e, se assim o quisesse Yahweh, um milagre poderia ser obtido. Os homens sempre querem saber do futuro, na *esperança* de que algo ali possa livrá-los do desconforto, da agonia ou simplesmente do enfado do presente. O *conhecimento anterior* é uma função comum do espírito humano, não precisando ser usado pelo poder divino ou pelo poder satânico. Mas os profetas têm esse poder em maior abundância do que outras pessoas. Eles possuem o "dom profético". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Profecia, Profetas* e o *Dom da Profecia.* Um profeta é alguém capaz de prever acontecimentos pela força do Espírito de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Precognição.*

A Mensagem Foi Consoladora. Yahweh tinha uma surpresa tanto para Judá quanto para a Assíria. Não havia razão para *temor,* a despeito da aparente impotência de Judá diante da situação. Yahweh reconheceu que os assírios haviam blasfemado contra Ele, e não deixaria isso passar sem o devido castigo. "O Senhor tinha ouvido as blasfêmias dos assírios. Ele estava prestes a confundi-los. Ezequias tinha somente de permanecer firme" (Raymond Calking, *in loc.*).

19.7

Eis que meterei nele um espírito. A promessa foi que o rei da Assíria mudaria sua mente a respeito do cerco de Jerusalém, por causa de circunstâncias adversas, que não mais deixariam a campanha militar desejável ou mesmo possível. Um inimigo inesperado levantar-se-ia contra a Assíria, no momento oportuno para Judá. Senaqueribe teria de combater no sul e no leste por muitos anos. Finalmente, ele morreria de morte violenta. Assim sendo, o que os assírios tinham esperado concretizar, foi deixado aos babilônios, que conseguiriam realizar o cativeiro de Judá, e de quem Yahweh não livraria Judá. Isso ocorreria em um tempo quando não houvesse nenhum rei bom, como Ezequias, para orar. Judá sofreria por causa de seu grande acúmulo de pecados.

Um espírito. Não o Espírito de Deus, mas o próprio espírito de Senaqueribe, sua ansiedade sobre os rumores que se estavam espalhando sobre as tribulações da Assíria, com inimigos orientais. "... um espírito de temor e preocupação devido ao rumor que ele ouvira. A palavra hebraica aqui usada, *ruah,* é usada em seu sentido psicológico de um impulso dominador, que decide os atos humanos, quase a despeito de si mesmo (cf. I Reis 10.5)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

O nono versículo deste capítulo mostra no que consistiria esse *rumor.* Os assírios haviam causado muita perturbação ao redor, e outros podiam perturbar a Assíria. Tiraca, rei da Etiópia, era um desses perturbadores.

19.8

Ao retornar a Senaqueribe, o horrendo Rabsaqué encontrou o rei da Assíria em batalha contra *Libna* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa foi a primeira perturbação do rei assírio. Mais perturbações ainda viriam. Libna ficava a poucos quilômetros ao norte de Laquis, onde o rei assírio tinha acampado com seu exército, esperando resposta das negociações em Jerusalém. O destacamento do exército assírio que fora a Jerusalém estava distante para poder reforçar o esforço militar contra Libna. A boa profecia de Isaías já estava *começando a cumprir-se.* Laquis e Libna ficavam na região montanhosa de Judá, ao sul de Jerusalém. A ameaça imediata contra a capital de Judá foi assim removida.

O Livramento de Jerusalém (19.9-35)

Isaías, o homem de Deus, mostrara-se mortalmente exato em sua previsão. Ele tinha descoberto corretamente a vontade de Yahweh, e essa era a vontade

que fala a diferença. *Judá* tinha sido reduzida à posição de uma mulher debilitada, que não podia dar à luz (ver II Reis 19.3). A força de Yahweh faria *a mulher dar a luz.* Inimigos estrangeiros, perturbando os assírios, e uma intervenção divina direta (vs. 35), removeriam a ameaça para longe de Jerusalém.

19.9

Tiraca, rei da Etiópia. Ver o artigo detalhado sobre esse homem, no *Dicionário.* Ele foi rei da Etiópia, e só se tornou rei ou Faraó do Egito em 690 ou 688 A. C. Uma *segunda* campanha militar pode estar aqui em vista, referente a um tempo posterior. O autor escreveu conhecendo o fim da história, e não apenas o seu começo, e pode ter antecipado alguma informação. Alguns eruditos, porém, supõem que o verdadeiro inimigo, naquele momento, tenha sido a Babilônia, no Oriente. A Assíria havia derrotado o Egito e seus aliados na batalha de Eltequê, em 701 A. C. Naturalmente, os velhos inimigos poderiam ter voltado à carga. Independentemente dos detalhes exatos da história, Senaqueribe permaneceu lutando no sul e no leste por muitos anos, e o resultado disso foi que Judá recebeu paz em vez de ter de engajar-se ainda em outra guerra contra a Assíria. Além desses inimigos estrangeiros, haveria outra intervenção direta que efetuaria grande morticínio entre as tropas assírias que tinham cercado Jerusalém (vs. 35). Assim sendo, por uma combinação de circunstâncias e por uma intervenção divina direta, a nação de Judá foi poupada.

Os *mensageiros* substituem os três enviados especiais de II Reis 18.17. Esses mensageiros levaram uma *carta* do rei da Assíria ao rei de Judá (ver II Reis 19.14). Na primeira história não há menção a carta alguma. Antes, Rabsaqué simplesmente fez um *discurso* atrevido. Podemos estar manuseando duas *apresentações* diferentes de um mesmo acontecimento, ou talvez dois acontecimentos similares tenham ocorrido, o primeiro através de um discurso, e o segundo, por meio de uma carta.

A *carta* começava sua tirada afirmando que *Yahweh* não poderia ajudar Judá, tal como os deuses de outros povos (vs. 12) nada tinham podido fazer por eles. Esse argumento também fazia parte da primeira história (ver II Reis 18.22), embora esse item não tivesse sido posto em *primeiro lugar,* como na carta.

Aqui, o Deus de Judá é apresentado como um possível *enganador,* que daria mensagens falsas através dos profetas, por meio de sonhos ou de visões, fazendo Judá tentar resistir ao poder dos assírios, com claros resultados desastrosos. Na outra história, porém, Yahweh é apresentado a inspirar os assírios a atacarem Judá, prometendo ajudar aquela potência estrangeira (ver II Reis 18.25).

19.10

Um Relato Duplo? Alguns estudiosos supõem que a narrativa que temos agora seja realmente uma repetição da história que já fora dada em II Reis 18.17-37. Isso significaria que foi uma história *alternativa* extraída de uma fonte de informações diferente, e não uma seqüência da primeira história. Detalhes das duas histórias variam, mas a mensagem é essencialmente a mesma. "Esta *carta* é quase a mesma que o *discurso* feito por Rabsaqué. Ver II Reis 18.29" (Adam Clarke, *in loc.*). "A segunda mensagem de Senaqueribe repete os argumentos de II Reis 18.29-35" (Ellicott, *in loc.*). "A narrativa que se segue deve ser mais bem considerada como totalmente independente do que fora relatado antes" (Norman H. Snaith, *in loc.,* que assim dá apoio à teoria do relato duplo).

19.11

Já tens ouvido o que fizeram os reis da Assíria a todas as terras...? *O Temor dos Assírios Tinha-se Espalhado.* Todas as nações em derredor estavam conscientes de tudo quanto a Assíria tinha feito em sua política de matanças, conquistando e deportando povos. Não havia razão, pois, para supor que Judá seria uma exceção. Conspícuos entre os povos conquistados e deportados eram os habitantes da nação do norte, Israel, irmãos de Judá, no sul. Ver II Reis 18.10-12. Cf. II Reis 18.33-35 quanto ao paralelo na primeira história.

19.12,13

Porventura os deuses das nações livraram os povos, que meus pais destruíram... ? Os *deuses* eram chamados para ajudar seus adoradores, e os gregos tinham uma declaração que eles usavam com freqüência: "Deixa nas mãos dos deuses e da oração", quando todos os outros meios fracassavam em alguma crise. O politeísmo antigo tinha deuses que exerciam seu poder sobre nações e regiões, sobre colinas e vales, sobre rios etc., que podiam ajudar um povo aflito, *se* estivessem em suas áreas específicas de autoridade. Ver I Reis 20.23, onde se supunha que os deuses de Israel eram aqueles que tinham autoridade sobre as colinas, ao passo que os reis da Síria dominavam as planícies.

Dez cidades-estados derrotadas foram mencionadas por Senaqueribe em sua carta. Todas elas foram demolidas, e seus povos foram deportados. *Cinco* dessas cidades já tinham sido mencionadas em contextos semelhantes, e *cinco* só figuram nesta lista. Naturalmente, muitas outras cidades poderiam ter sido mencionadas. Mas a lista foi suficiente com seu propósito em mira: essas cidades, algumas mais fortes do que Jerusalém, não tinham resistido ao poder do norte; e quem poderia oferecer resistência? Há artigos sobre todos os lugares mencionados nesta lista, no *Dicionário.*

As cinco cidades que não tinham sido mencionadas antes foram: *Gozã,* localizada às margens do rio Habur, a leste de Hara, a cidade onde Abraão tinha vivido por algum tempo; *Rezefe,* Rusafa (ou talvez Risafe), a nordeste de Palmira e que ficava ao sul de Hara; *Éden,* um pequeno reino na bacia do rio Eufrates, a oeste do rio Balique; *Telassar* (Tell Assar), uma cidade naquela mesma área em geral. As outras *cinco cidades* desta lista já tinham sido mencionadas e comentadas em II Reis 18.11,34.

Quanto às cidades mencionadas no versículo 13 deste capítulo, ver II Reis 18.34. Nenhuma derrota dos assírios foi mencionada, pois apesar de haver alguns poucos recuos temporários, não havia de fato nenhuma derrota a ser mencionada. Assim, a invencibilidade dos assírios foi enfatizada a fim de intimidar Ezequias e o povo de Judá.

19.14

Tendo Ezequias recebido a carta. Aprendemos aqui que os mensageiros tinham trazido uma carta, e a mensagem vinha diretamente de Senaqueribe, rei da Assíria. Na primeira narrativa, os mensageiros (que foram chamados por nomes), falaram através do seu porta-voz, *Rabsaqué,* e nenhuma carta foi mencionada. Ver o décimo versículo do presente capítulo quanto à teoria do *duplo relato,* ou seja, que houve duas versões do mesmo acontecimento, ou duas histórias sobre o mesmo fato, derivadas de fontes informativas diferentes, e não dois acontecimentos. A primeira história teria sido registrada em II Reis 18.29-35, e a segunda, em II Reis 19.9-35. Ambas se relacionam ao livramento de Judá das mãos dos beligerantes assírios.

Tendo lido a carta, *Ezequias* foi ao templo e, ajoelhando-se, apresentou a questão a Yahweh. Ele pôs a carta em um lugar conspícuo e disse: "Estás vendo, ó Yahweh, quais ameaças o rei da Assíria está fazendo contra o Teu povo?". Ele orou, sua oração ficou registrada nos versículos 15-19 deste capítulo. Então Isaías apareceu na cena e deu a resposta de Yahweh (vss. 20-34). O versículo 35 registra uma intervenção divina direta: o anjo da morte, enviado por Yahweh, lançou a confusão no exército assírio, e eles simplesmente voltaram para a Assíria, temendo mais destruição. Ver II Reis 19.1-7 quanto ao trecho paralelo, que é bastante abreviado e contém detalhes diferentes.

Estendeu-a perante o Senhor. A carta foi literalmente estendida, tendo sido escrita em um rolo. Ezequias, pois, desenrolou-a na presença de Yahweh. Ezequias esperava que o Senhor lesse a carta e tomasse as providências devidas, pois era *Seu povo* que estava sendo ameaçado. Naturalmente, temos aqui expressões antropomórficas. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.*

19.15

Ó Senhor Deus de Israel. *A oração de Ezequias* (ver os versículos 15-19). A primeira história menciona a oração, mas sem detalhes. Ver II Reis 19.1-7. Destacamos aqui alguns pontos dessa oração:

1. *A soberania de Yahweh-Elohim.* Este fato foi enfatizado. O Deus de Israel não era somente o Deus das colinas, dos vales ou de alguma área geográfica específica, ou mesmo de algum povo específico. Embora ele habitasse no templo de Jerusalém e se manifestasse entre os querubins, na arca da aliança, contudo, Sua jurisdição é universal. Esse Deus único e verdadeiro é também aquele que criou os céus e a terra. Isso exprime a posição do monoteísmo que, naquele período da história, havia ultrapassado o anterior henoteísmo de Israel. Ver sobre ambos os termos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Por *monoteísmo* compreende-se que só existe, na realidade, um Deus; por *henoteísmo* entende-se que, *para nós,* só há um Deus, mas para outros povos há outros deuses que os governam. O único Deus tinha poder na Assíria e em Judá. Deus, portanto, poderia determinar o resultado da questão, de acordo com a Sua vontade soberana. E nenhum poder poderia detê-lo.
   "O lugar entre as asas estendidas dos querubins, que estavam acima do oráculo, era considerado o lugar particular onde se localizava a presença do Deus invisível (cf. I Reis 6.23)" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver Êxodo 25.22; I Samuel 4.4; Salmo 18.10 e Ezequiel 1.26.

19.16,17

2. *Teísmo.* O segundo elemento destacado na oração de Ezequias foi que o Deus Todo-poderoso, o único verdadeiro Deus, embora transcendental no

Seu céu, era (e é) também imanente, ou seja, *presente* entre os povos da terra. Ele não é uma figura distante, uma força divina que tenha abandonado a Sua criação, conforme ensina o *deísmo;* antes, ele está aqui para intervir na história humana, e isso a fim de punir, recompensar, ouvir e responder às nossas orações, conforme o *teísmo* ensina. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

O Yahweh teísta sabia das blasfêmias (vs. 16) que o rei da Assíria havia proferido; e via a armadilha na qual se achava Judá. Ele sentia a dor de Seu povo. Ele era capaz e estava disposto a *intervir* no curso das coisas para libertar Judá. Ezequias, pois, confiava *nesse* tipo de teologia.

3. *Impotência aparente* (vs. 17) não é a mesma coisa que verdadeira falta de esperança. É verdade que *todas* as nações mencionadas na carta tinham sido derrotadas e seus povos tinham sido deportados. Também é verdade que as *dez* cidades-estados ali mencionadas (vss. 12 e 13) tinham sofrido uma sorte ingrata às mãos dos abomináveis assírios. Mas *Judá* poderia ser uma exceção. O poder de Yahweh poderia garantir isso. Esse foi o terceiro elemento da oração de Ezequias.

O Deus vivo (vs. 16). Quanto a essa expressão, ver Deuteronômio 5.26. Yahweh não somente é *vivo,* mas também é um poder divino *ativo,* que se pusera à disposição de Judá, para seu bem. Ele haveria de vindicar Seu nome e Seu povo (cf. Josué 3.10; I Samuel 17.26,36).

"Ouve e vê" o que está acontecendo — essa foi a oração de Ezequias, termos esses que exprimem a fé ativa no teísmo. Os termos são antropomórficos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropomorfismo.*

19.18

4. *Teísmo impotente.* O quarto elemento da oração de Ezequias contrastou o teísmo impotente das nações pagãs, as quais já haviam sido destruídas pelo poderoso inimigo do norte, a Assíria, com o verdadeiro teísmo, que era a garantia da segurança de Judá. A Assíria tinha derrotado não-deuses, mas não podia derrotar Yahweh-Elohim. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Os homens fazem não-deuses; mas o verdadeiro Deus é o Criador de todos os homens e de tudo (vs. 15). Ele criou os homens e deu-lhes lugares para habitarem. Ele organizou nações; Ele as levanta e as derruba (ver Atos 17.26). Ele determina quanto tempo esses povos durarão; onde e quando eles exercerão seu poder. Ele faz suas estrelas levantar-se e deitar-se. Portanto, Judá confiava *N'Ele.*

19.19

5. *Livramento.* Esse foi o quinto pedido, que formou a conclusão da oração de Ezequias. Foi baseado nas seguintes considerações. Acrescentou o fato de que o livramento de Judá seria, ao mesmo tempo, a glorificação e a exaltação de Yahweh. Outras nações veriam onde está realmente o Poder, e reconheceriam que o Deus de Judá é o único e verdadeiro Poder divino. Yahweh não era um ídolo morto e impotente, mas um poder ativo que o mundo inteiro viria a reconhecer.

Com base nessa experiência, a religião se tornara algo real para Ezequias. E muitas outras pessoas têm feito essa mesma descoberta. A religião não pode ser apenas uma questão de tradição e costume. Tem de ser uma *experiência* pessoal, vital e interior. O perigo leva os homens a testar a validade de sua fé. A oração entra para liberar o poder de Deus. Deus torna-se uma realidade diária, e não apenas um item da teologia. Então os homens aprendem a *andar com Deus.* A verdadeira fé religiosa nasce da experiência com Deus (ver Jó 42.5).

Isaías e Sua Mensagem Jubilosa (19.20-34)

A *primeira versão* da história mostra Ezequias a enviar mensageiros para encontrarem-se com Isaías e pedir dele uma mensagem para o rei (ver II Reis 19.2-5). Isaías proferiu a sua mensagem (vss. 6 e 7). Mas a segunda versão da história deixa de lado a parte concernente aos mensageiros, e simplesmente expõe uma longa resposta da parte de Isaías, que contrasta com a resposta breve da primeira versão. Naturalmente, muitos intérpretes supõem que dois acontecimentos parecidos tenham ocorrido, e isso explicaria as marcantes diferenças que há neste ponto do relato. Ver as notas sobre II Reis 19.10 quanto à teoria do *duplo relato.*

19.20

Então Isaías... mandou dizer a Ezequias. Ver o artigo detalhado sobre *Isaías,* no *Dicionário.* O profeta não foi ver o rei pessoalmente. Seus poderes proféticos permitiam-lhe entregar seu oráculo eloqüente onde ele vivia, e a essência de oráculo foi registrada e levada ao rei pelos mensageiros (que não são mencionados aqui). Ver II Reis 19.5,6 quanto a esses detalhes.

Yahweh, disse Isaías, estava plenamente cônscio da insolência de Senaqueribe, o rei da Assíria. Ele tinha observado toda a transação e ouvido todas as blasfêmias ditas pelo rei da Assíria (vs. 16). Ele também ouvira a oração de Ezequias, aprovara o que ele tinha dito em sua petição e estava prestes a intervir na situação inteira. Cf. Isaías 37.21 ss., que é o trecho paralelo, e que aparentemente foi copiado do segundo livro dos Reis, com algumas variações.

19.21

A virgem, filha de Sião. Essa é uma personificação poética de Sião. A figura fala sobre a "inviolável segurança da cidadela de Yahweh" (Ellicott, *in loc.*). Essa virgem indefesa, a jovem (Sião), não era tão indefesa que não pudesse zombar dos assírios que tinham vindo para atacá-la. Ela tinha confiança em um poder maior que faria a violência parar antes que pudesse realizar-se. A jovem *mulher,* ameaçada de *violência sexual,* era capaz de rir-se de seus estupradores. Ela veria a destruição *deles.* Ver Lamentações 1.15 quanto a uma declaração que contrastava com isso.

19.22

A quem afrontaste e contra quem blasfemaste? A jovem virgem (Sião) não deveria ser ameaçada, vítima de abusos e blasfêmias. Antes, *Yahweh,* seu Deus, era o recebedor desses abusos. O resultado da batalha estava nas mãos d'Ele (ver sobre a *soberania de Deus,* nas notas expositivas sobre o versículo 15).

"Essa zombaria (vss. 21-28) era um cântico contra a Assíria e foi escrita na métrica *qinah,* ou seja, três mais dois, com seu peculiar ritmo saltitante, especialmente adaptado para uma lamentação ou sátira" (Norman H. Smith, *in loc.*).

O Santo de Israel. Uma designação comum dos hebreus para Deus, muito encontrada nesse livro de Isaías. No livro de Isaías aparece por vinte e sete vezes. Como exemplos, ver Isaías 1.4; 5.19; 6.3; 10.17; 12.6; 17.7; 29.19; 30.11; 31.3; 41.14; 43.3; 45.11; 54.5 e 60.9. Em outras passagens do Antigo Testamento encontra-se apenas por cinco vezes. Ver Salmos 71.22; 78.41; 89.18; Jeremias 1.29 e 51.5. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

19.23

Com a multidão dos meus carros subi ao cume dos montes. *Um dos equívocos do povo assírio* consistia em supor que, por *seu próprio poder,* podia realizar todos os propósitos, derrotar todos os inimigos, mover-se para onde quisesse a fim de destruir e matar. Mas, nos bastidores, era Yahweh quem poderia, se Ele assim quisesse, pôr fim a tudo isso. A autoconfiança deles era uma forma de blasfêmia, porquanto roubava de Deus a Sua soberania. Os vss. 25 ss. mostram que Yahweh estava por trás do poder da Assíria. Essa nação tornara-se um instrumento de destruição para castigar as nações ao redor. Mas assim como Yahweh fizera a estrela da Assíria levantar-se, também poderia fazê-la deitar-se no horizonte. De fato, esse desaparecimento da estrela da Assíria estava apenas a cem anos de distância. A Babilônia seria o instrumento que abateria o poder da Assíria.

Líbano. Esse era o baluarte de Israel, usado para representar o país inteiro (ver Zacarias 11.1). Cf. Isaías 14.13. As fortalezas das nações foram destruídas pelos assírios.

Os seus altos cedros. Os nobres cedros e ciprestes do Líbano foram derrubados pelo exército assírio em avanço, a madeira foi enviada de volta à Assíria, ou usada para fabricar implementos de guerra. Mas essas árvores, neste caso, podem representar "reis, príncipes e nobres, tudo quanto é mais alto e mais impávido" (Birks, citado por Ellicott, *in loc.*). Ver Deuteronômio 20.19 quanto à proibição mosaica contra a destruição de árvores.

Ao seu denso e fértil pomar. Estão em foco os pomares e vinhas, conforme a palavra hebraica pode indicar. O hebraico é *lamedh,* referindo-se a um distrito de fertilidade como um jardim. A parte do país que mais correspondia a essa descrição era o *Carmelo,* ou seja, a serra do Carmelo, mas a referência, no presente versículo, parece ser aos distritos férteis do Líbano. Ver Isaías 10.18.

19.24

Os assédios feitos pelos assírios acabavam sendo ocupações de terras e deportações das populações. Eles mesmos cavavam poços e "bebiam" a água dos estrangeiros. Alguns estudiosos pensam na palavra aqui traduzida por "cavei" como indicação de atos destrutivos, como "arar" um campo com violência, isto é, reduzi-lo a nada, em vez de cavar poços.

O ressecamento dos rios do Egito causa problemas aos intérpretes. Parece indicar que seus ataques contra uma terra eram tão grandes que eles desviavam as águas dos rios para novos leitos, sem importar o propósito que tivessem. Um desses propósitos seria cortar o suprimento de água das cidades cercadas. Ou

então as coisas eram conforme disse Ellicott (*in loc.*): "Nem montes nem rios de nada adiantavam para deter-lhes o avanço".

Os rios do Egito. Senaqueribe não invadiu, realmente, o Egito, embora tivesse obtido vitória sobre uma aliança que incluía o Egito, em Eltequé. Mas seu sucessor, Esaradom (680-669 A. C.), invadiu o Egito em 671 A. C. e conquistou a cidade de Mênfis. É possível que o autor sagrado, sabedor disso, não tenha tido o cuidado de manter separados os reis invasores.

19.25

Já desde os dias remotos o tinha planejado? *As campanhas militares* dos assírios eram cuidadosamente planejadas. E havia um período de ajuntamento de forças e de equipagem de exércitos adequados para a tarefa em mira. Finalmente, as guerras eram efetuadas com surpreendente sucesso, já que preparadas em tão pouco tempo. Até as cidades mais fortificadas logo caíam, diante das hordas assírias invasoras.

Este versículo, entretanto, mais provavelmente deveria ser entendido como a voz de *Yahweh-Elohim* (ver o vs. 21), injetando aqui aquilo que os assírios faziam pela *vontade divina*. A Assíria, pois, tornou-se a *vara de punição* de Yahweh. Nesse caso, o sentido deste versículo são "os antigos conselhos de Deus em ação". Esses conselhos divinos foram finalmente efetuados através do exército assírio. "A idéia é que o conquistador pagão pode ser a vara da ira do Senhor, que recebe sua expressão clássica em Isaías 10.5-11, onde o castigo final da Assíria também foi profetizado, por causa de sua arrogância e de seu orgulho dominante (vss. 12-19)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

"Deus ordenara, planejara e fizera a destruição acontecer. Cf. Isaías 10.5" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

19.26

Os seus moradores, debilitados, andaram cheios de temor e envergonhados. Visto que a vontade e o poder de Deus estavam por trás da Assíria, todas as *potências,* grandes e pequenas, eram como nada diante dos exércitos assírios em avanço; essas potências desmaiavam, aterrorizadas e confundidas, furtadas de todas as suas forças. Eram como meras plantinhas em um campo, que os conquistadores pisavam e reduziam a nada. Ou eram como o musgo que tinha crescido nas paredes das casas e era reduzido a nada. Assim como um vento quente e seco sopra em um campo e reduz sua verdura a nada, assim era o avanço do exército assírio. E o que o vento não destruía, o sol o fazia. O musgo que cresce na parede e no teto de uma casa não tem raízes. É superficial e não resiste ao calor forte. Ao meio-dia já está seco. Naquela região do mundo, a Assíria representava a única vida permanente, o único poder que no dia de amanhã com certeza continuaria existindo.

19.27

Mas eu conheço o teu assentar, e o teu sair. *No Entanto, Yahweh Tinha Consciência de Tudo Quanto Estava Ocorrendo.* A violência e a iniqüidade do povo assírio; sua brutalidade e falta de vergonha. Apesar de ser uma vara na mão de Yahweh para punir as demais nações, eles eram também uma cana sacudida pelo vento, que em breve seria esmagada por suas abominações. E enquanto rilhavam os dentes contra outros povos, também rilhavam os dentes contra o próprio Yahweh, procurando efetuar a destruição de Seu povo, Judá, e proferindo temíveis palavras de blasfêmia. A oração de Ezequias, pois, relembrou ao poder divino a insolência dos assírios, que em breve seriam derrubados tão terrivelmente quanto eles mesmos haviam derrubado outros povos.

19.28

Por causa do teu furor contra mim. A *confusão* era o nome do jogo. A Assíria espumava de raiva e deixava tudo desolado. Mas o principal objetivo de tudo isso era o próprio Yahweh, que defenderia seu povo cercado, Judá. Encontramos aqui o simbolismo do anzol posto no focinho da fera, para torná-la mansa e fácil de lidar, *através da dor.* O freio posto na boca do cavalo é outra maneira de torná-lo submisso. A ênfase recai sobre o controle através da dor. A *fera,* a Assíria, em breve seria submetida à vontade divina. Essa nação, que deixava tudo desolado e deportava seus habitantes, logo seria desolada e seus habitantes seriam deportados pelos babilônios, o poder mundial seguinte, e isso ocorreria apenas cem anos mais tarde.

"O *anzol* e o *freio,* que retratam a pesca de um peixe e o controle de um cavalo, são apropriados de forma admirável. Nos monumentos antigos, os conquistadores assírios pintavam-se como quem conduzia seus cativos com uma linha que passa através de argolas nos narizes das vítimas. Deus prometeu fazer com eles o que eles tinham feito com outros. Ele os levaria de volta para o lugar de onde tinham saído, reduzindo-os a seu estado humilde anterior" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Assim funciona a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a esse respeito no *Dicionário*), a qual em breve seria posta em prática no caso dos assírios.

Cf. Ezequiel 19.4, a argola no nariz do leão e no nariz de outras feras (ver Ezequiel 29.4; Isaías 30.28). Ver o uso figurado do freio e das esporas, no caso dos cavalos (ver Salmo 32.9), e que se mostravam eficazes no controle até do mais intratável desses animais.

19.29

Os vss. 29 a 31 acrescentam uma composição em prosa às expressões métricas anteriores (a *qinah*). Assim é que os vss. 21-28 são poesia, mas os vss. 29-31 são uma composição em prosa. E os vss. 32-34 parecem ser um *oráculo* temporário, com um estilo todo seu. Foi assim que o autor sagrado teceu seu tapete com habilidade, empregando vários estilos literários.

Isto te será por sinal. *As Colheitas Autopreservadoras.* A essência da passagem é que haveria colheitas através do plantio, em Judá, até o terceiro ano. A despeito desse modo incomum de obter da terra seu sustento, Judá seria preservada e protegida por Yahweh. Por dois anos, a terra produziria para Judá sem os plantios usuais. Foi dessa maneira que Yahweh prometeu que os alimentaria por dois anos, fazendo a semente que tinha sido plantada naturalmente produzir colheitas adequadas. Somente no terceiro ano o processo *normal* do plantio começaria de novo.

A terra seria perturbada pelas hostes assírias. Isso interromperia os processos agrícolas. Apesar dessa interrupção, porém, Yahweh alimentaria Seu povo, sem que eles tivessem de plantar. Isso ocorreria a despeito do cerco dos exércitos que, naturalmente, "viveriam de explorar a terra".

19.30

O que escapou da casa de Judá. *A Promessa sobre um Remanescente.* Cf. Isaías 10.20-22. Este versículo pode ter um *duplo* significado: 1. o remanescente deixado na terra, apesar da deportação de muitos, por parte de Senaqueribe; 2. ou o remanescente que voltaria à terra, após a deportação babilônica. Minhas fontes informativas falam sobre ambos os significados. Talvez os dois estejam mesmo em vista. Em ambos os casos, a mensagem era a mesma: apesar das deportações, a identidade de Judá seria preservada por decreto divino, e o remanescente daria continuidade a Judá. Judá seria como uma planta que deita raízes *novamente,* e então produz fruto, a despeito de ter sido arrancada do solo.

Senaqueribe afirmou ter levado 200.150 prisioneiros de Judá, pelo que houve realmente uma deportação, mas não grave o bastante para destruir Judá.

19.31

Este versículo elabora o versículo anterior. O *zelo e o poder de Yahweh* representam Seu firme propósito, o que garantiria a renovação de Judá através dos sobreviventes das deportações. A planta desarraigada do solo sobreviveria e ainda produziria muito fruto. *De Jerusalém,* a planta de Judá se espalharia através de suas raízes, e logo haveria plantas crescendo por todo o território. Este versículo, pois, ensina o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), e não o *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus é o Criador e o Preservador; Ele intervém na história humana; Ele castiga e recompensa. Ele responde às orações; Ele derrota os ímpios e faz prosperar os justos. O autor sacro insiste sobre "o ativo interesse de Deus e a eficácia deliberada da salvação. O livramento e a renovação da vida do povo não seriam devidos a uma operação automática da história, nem a causas naturais e econômicas" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Este versículo ensina que Deus se acha *na* história, longe de estar desinteressado por ela.

Tipologia. Talvez este versículo deixe entendida a propagação do evangelho a partir de Jerusalém, por meio da obra da Igreja primitiva. Isso seria um resultado espiritual distante da promessa de preservação da identidade de Judá.

19.32

Pelo que assim diz o Senhor acerca do rei da Assíria. *O Oráculo.* Os vss. 32-34 parecem preservar um antigo oráculo concernente à sorte de Jerusalém, provavelmente de autoria do próprio Isaías. O profeta confiava em que não haveria nenhum ataque fatal *contra Jerusalém,* por parte da Assíria, mas, antes, haveria um livramento miraculoso, prestes a acontecer. Este versículo 32 parece dizer que não haveria nenhum ataque da parte dos assírios. Isso não parece concordar com o que sabemos sobre a história, e sobre como Senaqueribe levou aquelas duzentas mil pessoas de Judá, presumivelmente muitas de Jerusalém. Mas pelo menos podemos dizer que não haveria nenhum ataque final e fatal contra a capital de Judá, conforme tinha acontecido com a nação do norte, Israel. Um remanescente seria preservado (vs. 30), o qual seria uma fonte de vida de renovação. As profecias *falham* (ver I Coríntios 13.8), elas se mostram *imperfeitas* (ver I Coríntios 13.9). Parece que, no caso presente, temos aqui uma profecia imperfeita.

Os modos usuais de guerrear seriam impedidos ou mesmo cessariam inteiramente; o atirar de flechas seria limitado; soldados armados com armaduras raramente seriam vistos; trincheiras levantadas para servir de proteção, por parte do inimigo, não seriam escavadas. Comparar esta parte do versículo com II Samuel 20.15 e Habacuque 1.10.

19.33

Pelo caminho por onde vier, por esse voltará. O *adversário,* que chegara como uma tempestade, seria forçado a retornar, perdendo pelo caminho seus modos fanfarrões, tal como a fúria de um temporal esvazia-se com a mera passagem do tempo. Uma tempestade acalma-se devido ao fato de que sua fúria acaba dissipando-se. Yahweh, no caso presente, tiraria a fúria da tempestade e restauraria a calma a Jerusalém. Quanto dano foi causado na própria cidade de Jerusalém é algo difícil de determinar, mas o dano não foi fatal nem final. Por outro lado, grande parte de Judá já havia sido devastada (ver II Reis 18.13). O versículo 31 parece dar a entender que até em Jerusalém escaparia um *remanescente,* que proveria vida nova.

A esperança e a salvação só se encontram no Senhor (ver Isaías 30.15; 31.1-5; Salmo 46). E isso foi supremamente verdadeiro no caso do cerco de Jerusalém, por parte de Senaqueribe.

19.34

Porque eu defenderei esta cidade. *Não possuindo defesa humana adequada,* haveria aquela defesa divina que cercaria a cidade de Jerusalém, como se fosse um poderoso exército, impedindo que os invasores realizassem sua obra usual de destruição. Isso seria feito por causa de Yahweh, porquanto, afinal, os *filhos* de Deus é que estavam tremendo em Jerusalém (ver Êxodo 4.22), e Ele tinha uma série de pactos firmados com eles. Assim, havia o pacto mosaico (ver a introdução ao capítulo 19 do Êxodo); havia o pacto palestínico (ver a introdução ao capítulo 29 de Deuteronômio); havia o pacto davídico (ver II Samuel 7.4); e, acima de tudo, havia o pacto abraâmico, sobre o qual todos os demais pactos repousavam (ver Gênesis 15.18). Temos neste versículo, especificamente em vista, o pacto davídico (conforme diz o texto sagrado). Davi estabeleceu-se como rei em Jerusalém, da qual ele fez sua capital, e foi-lhe então prometido um reino perpétuo e eterno. Somente através do governo do Messias, o Filho maior de Davi, isso poderia ocorrer, conforme explico em minhas notas sobre o pacto. O presente versículo cf. I Reis 11.13. Essa promessa é declarada extensamente no sétimo capítulo de II Samuel.

19.35

Naquela mesma noite saiu o anjo do Senhor. Houve uma intervenção divina direta, e o agente dessa intervenção foi o Anjo do Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anjos.* Talvez o autor sagrado queira indicar algum tipo de praga, *enviada por Deus,* como aquelas que castigaram os egípcios. Essa matança em massa não é confirmada por nenhuma fonte informativa extrabíblica. Heródoto (*Hist.* II.141) fala de uma derrota contundente que os assírios sofreram, mas isso foi às mãos dos egípcios. Alguns eruditos pensam que temos aqui uma lenda, baseada no "pensamento de desejo". Nessa "lenda", ratos do campo foram os agentes destruidores. Isso poderia apontar para a peste bubônica. A migração e grande multiplicação de roedores, no Oriente, naquele tempo, era um fenômeno bem conhecido e bastante comum, e o texto presente pode envolver algo parecido com isso. Registros históricos dos assírios podem ter deixado de ser produzidos por causa da *vergonha* sofrida. Ninguém gosta de narrar suas próprias derrotas.

Quanto ao Anjo do Senhor, ver Gênesis 16.9. Cf. II Samuel 24.16, onde o anjo divino é um agente destruidor. Quando os primogênitos egípcios foram mortos pelo Senhor (ver Êxodo 12.29), provavelmente essas mortes foram causadas pelo Anjo do Senhor. Josefo assevera que uma *pestilência* foi o agente da presente história. Cento e oitenta e cinco mil soldados assírios morreram, uma coisa fantástica para acontecer tão rapidamente. Quando o povo de Israel se levantou na manhã seguinte, seus inimigos eram cadáveres. Israel saiu e descobriu a tremenda extensão da catástrofe. Jerusalém, pois, foi libertada sem luta. Alguns estudiosos pensam que uma grande tempestade ou terremoto tenha sido o agente do desastre. O autor sagrado deixa-nos a indagar sobre o *modus operandi* do acontecimento.

19.36

Retirou-se, pois, Senaqueribe. Os *sobreviventes* da catástrofe, acompanharam seu rei, Senaqueribe, de volta à Assíria. Um cerco de Jerusalém tornara-se *impossível,* e não meramente destituído de sabedoria. *Lambendo seus ferimentos* e admirado diante do terrível acontecimento, o rei assírio fixou novamente residência em sua capital, *Nínive* (ver a respeito no *Dicionário*). Nínive ficava localizada às margens do rio Tigre, no seu lado oriental, defronte da moderna cidade de Mosul. Fora uma importante cidade desde o século XII A. C. Tornou-se a capital do império assírio, e permaneceu como tal até 612 A. C., quando foi destruída pelos babilônios. De acordo com as histórias dos hebreus, Nínive era o grande modelo do paganismo, bem como a sede do poder satânico que pôs fim ao reino do norte, Israel. Assim, as profecias posteriores (como os capítulos 38 e 39) falam do inimigo do norte, que poderia ser a Assíria ou a Babilônia, mas que na profecia é tomado por alguns estudiosos como se fosse a Rússia. Ver no *Dicionário* sobre *Gogue e Magogue.*

É deveras significativo que os registros assírios nos dêem conta de *cinco* expedições militares subseqüentes realizadas por Senaqueribe, para o leste, para o norte e para o sul, mas não para o oeste (Palestina).

O livro de *Jonas* (o João 3.16 do Antigo Testamento) registra as misericórdias de Yahweh para com Nínive, a cidadela do paganismo. Mas isso ocorreu em cerca de 860 A. C., muito antes da descida da Assíria contra Israel e Judá.

19.37

Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o feriram à espada. O evento aqui mencionado aconteceu muitos anos mais tarde (681 A. C.). Senaqueribe estava adorando no templo de seu deus, Nisroque, uma divindade assíria representada em parte como água e em parte como ser humano. Muito provavelmente, esse templo ficava localizado em Nínive. Exatamente ali, no interior de sua "igreja", o rei da Assíria foi executado por dois de seus próprios filhos! Quanta irônia! Seu deus, no interior do templo dedicado a ele, foi incapaz de salvar o rei, e seus próprios filhos desafiaram todas as coisas "sagradas", matando o próprio pai bem defronte da imagem daquele ídolo.

Ver no *Dicionário* sobre *Nisroque.* Ver também sobre *Adrameleque* e *Sarezer,* os filhos traiçoeiros de Senaqueribe. Eles assassinaram o pai provavelmente com o propósito de apossar-se do trono assírio. Mas algo saiu errado, e eles terminaram fugindo para a terra de Ararate. A *King James Version* diz "terra da Armênia", e a *Revised Standard Version* também diz aqui "Ararate". Esse lugar ficava cerca de quatrocentos e oitenta quilômetros ao norte de Nínive. Isso os deixou fora do alcance da mão vingadora. No assírio, *Ararate* é *Urartu.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Armênia.*

Esar-Hadom. Outro dos filhos de Senaqueribe. Foi quem herdou o trono de seu pai. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário.* Ele reinou de 681 a 668 A. C.

Uma Lenda Judaica sobre a História. Senaqueribe, rei da Assíria, consultou seus sábios, querendo saber do segredo do poder de Judá. Foi-lhe dito que isso se deu porque Abraão havia oferecido o filho a Yahweh. Quando Senaqueribe ouviu isso, tentou prender seus filhos para serem oferecidos aos deuses. Mas eles conseguiram executar o próprio pai. Pura fantasia! "Quando um rabino não pode desatar um nó, não tem nem escrúpulo nem dificuldade em cortá-lo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Vinte

A Doença de Ezequias (20.1-11)

Ezequias, rei de Judá, que havia obtido uma surpreendente vitória sobre a Assíria, através do poder divino (ver II Reis 19.35), caiu diante de uma doença fatal. Tais são as vicissitudes da vida humana. Mas assim como Yahweh tinha feito *intervenção* em favor de Ezequias, no campo militar, por amor a Davi (ver II Reis 19.34), assim também faria intervenção novamente em favor dele, dessa vez *pessoalmente,* concedendo-lhe alguns anos extras (cerca de quinze anos). Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Talvez Ezequias não tivesse muito para fazer, e, de fato, não fez muita coisa naqueles quinze anos; mas algumas vezes a misericórdia divina, que agrada a um homem, não está acima da vontade e da permissão de Deus. A história ensina-nos, incidentalmente, uma excelente verdade. *A oração é mais forte do que a profecia!* Isaías, o profeta, havia predito que aquela enfermidade seria fatal (ver II Reis 20.1), mas Ezequias não tomou essa palavra como final. Ele orou e foi capaz de *anular* a profecia de Isaías. Isso nos ensina algo sobre a natureza da profecia e da precognição. Nem todos os eventos previstos, até mesmo da parte de profetas geralmente dignos de confiança, têm de acontecer. *Algumas dessas profecias* realmente ocorrem, mas outras podem ou não confirmar-se. Há um nível de probabilidade em muitas profecias. A oração pode ser feita e *anular* um evento que estava marcado para acontecer. Assim, concluímos, a oração é uma *atividade criativa* que pode até mudar o futuro! Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração.*

A base do apelo da oração de Ezequias era que ele fora sempre fiel a Yahweh. Sua oração foi ouvida, e o relógio de sol de Acaz recuou dez graus, um pequeno milagre para confirmar as boas intenções de Yahweh acerca do rei Ezequias. O incidente foi um excelente acontecimento que ilustrou a natureza e o poder da

oração, bem como a natureza da profecia em relação à oração. Deus pode e realmente concede coisas até miraculosas em resposta à oração. Portanto, ore! Continue orando!

20.1

Naqueles dias. Ou seja, nos dias da invasão de Jerusalém por Senaqueribe, registrada em II Reis 18.13-19.36. Deus adicionou quinze anos à vida de Ezequias, em resposta à sua petição por misericórdia (ver II Reis 20.6). Ezequias faleceu em 686 A. C., o que poria esse incidente de sua doença em 701 A. C., ano da invasão dirigida por Senaqueribe (cf. o capítulo 38 de Isaías)" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

O capítulo 38 do livro de Isaías fornece-nos um paralelo da passagem presente. O sexto versículo indica que Ezequias estava passando por uma *dupla tribulação.* Senaqueribe ameaçava destruir Jerusalém, e Ezequias apanhou uma enfermidade que ameaçava lhe destruir o corpo. Mas o poder da oração anulou *ambos* os eventos. Entrementes, Isaías, que foi consultado acerca dos dois fatos, predisse o livramento das mãos da Assíria, e morte para Ezequias. Mas o rei orou, e recebeu livramento quanto a *ambas* as coisas. Portanto, olhemos para este exemplo, e continuemos orando!

Põe em ordem a tua casa. Isaías viu o pouco tempo que restaria de vida para Ezequias. A morte era iminente, mas a oração ampliou a sua vida em quinze anos. Cf. II Samuel 17.23 quanto ao "pôr em ordem a própria casa".

20.2

Então virou Ezequias o rosto para a parede. O gesto de Ezequias foi de tristeza e desespero, e não para ocultar-se do olhar de outras pessoas. Não obstante, o espírito entristecido leva um homem a buscar o isolamento. Uma criança com medo cobre a cabeça com alguma coisa. Uma pessoa perturbada entra em seu quarto e fecha a porta. Uma pessoa mentalmente enferma pode esconder-se *debaixo* da cama para proteger-se de algum mal. Outro gesto dessa mesma categoria consiste em sentar-se no chão, com a cabeça sobre os joelhos.

E orou ao Senhor, dizendo. Fora *Yahweh* quem tinha comunicado, através de Isaías, que Ezequias em breve morreria. Portanto, foi para *Yahweh* que Ezequias se voltou em seu desespero. Visto que havia um decreto divino que tinha marcado o dia de sua morte (ver Salmo 37.23), outro decreto divino *poderia* anular o primeiro, e foi *isso* o que Ezequias esperou obter por meio de sua oração.

O Dia da Morte de uma Pessoa Está Fixado? A experiência humana com a morte e a tradição mística concordam ao dizer que o dia de *algumas* mortes está fixado. Contudo, o tempo das mortes de muitas pessoas, comuns ou extraordinárias, não está fixado. Portanto, é perfeitamente possível que essas pessoas prolonguem sua vida por meio da oração. Mas também é possível que elas morram *antes* do tempo apropriado, por negligência quanto à saúde, por causa de algum acidente tolo, por julgamento devido a algum erro específico que foi cometido etc. Alguns eventos na vida de uma pessoa têm de acontecer. Essas coisas foram predestinadas, provavelmente pela escolha da própria pessoa, no caso de almas altamente desenvolvidas. O restante dos acontecimentos, a grande maioria das coisas, está em estado de fluxo, e pode ser alterada mediante esforço, determinação, força de vontade e oração. É provável que, em algumas ocasiões, até um evento *fixo* possa ser mudado. A intuição espiritual de Ezequias informou-o sobre esses fatos, e ele agiu com base nesse conhecimento intuitivo.

A oração é o desejo sincero da alma,
Que fica mudo ou é expresso,
É o movimento de uma chama oculta
Que tremula no peito.

Os santos, na oração, aparecem como um só,
Na palavra, nos feitos, na mente,
Quando, com o Pai e o Filho,
Encontram seu companheirismo.

(Montgomery)

Além do mais, nenhuma oração é feita somente neste mundo. Até a menor oração pode ser ouvida acima da mais feroz tempestade.

20.3

Era comum na teologia dos hebreus da época que uma morte prematura fosse sinal do desprezo divino, e os homens ímpios sofriam essa calamidade. Por outro lado, acreditava-se que vida longa era uma recompensa dada aos justos. Por conseguinte, Ezequias relembrou a Yahweh o fato de que ele tinha sido fiel, tendo servido ao culto do *yahwismo* por toda a sua vida. Seu *andar* tinha preenchido os requisitos da lei mosaica. Ver o trecho de Deuteronômio 6.1-9. Como rei, ele tinha seguido o exemplo do rei ideal, Davi (ver em I Reis 15.3). *Conclusão:* Ezequias merecia uma longa vida, embora isso lhe viesse a ser dado através da *misericórdia* e *graça* divina, visto que nenhum homem pode *exigir* coisa alguma da parte de Deus.

E chorou muitíssimo. Ezequias não estava psicologicamente preparado para morrer. Embora Yahweh pudesse levantar outro homem para enfrentar Senaqueribe e libertar Jerusalém, e executar outras coisas que ele deixara de realizar em seu ofício real, *Ezequias* queria fazer essas coisas e ver essas vitórias.

Uma Prova da Eficácia da Oração. Na teologia judaica posterior, Ezequias e sua oração tornaram-se um sinal dessa eficácia. Ver II Baruque 63.5.

Que Dizer sobre a Alma? O texto sagrado não diz uma única palavra sobre a sobrevivência da alma. Essa doutrina entrou na teologia dos hebreus no tempo dos Profetas e dos Salmos, mas a idéia não se desenvolveu senão já no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento. Portanto, muitas passagens do Antigo Testamento, nas quais poderíamos esperar encontrar alguma indicação a respeito, deixam-nos sem resposta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma,* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Imortalidade.*

20.4,5

Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas. Yahweh ouviu a oração de Ezequias e lhe comunicou uma resposta favorável através do profeta Isaías. Deus *reverteu* Sua mensagem anterior, dada através do mesmo profeta, que falava em morte certa para o rei (vs. 1 deste capítulo). Portanto, Yahweh *mudou de idéia* (ver Êxodo 32.14). Não há nenhum problema teológico nisso, porque, afinal, somente certos eventos estão absolutamente predestinados. A maioria das coisas acontece em estado de fluxo e está sujeita a modificações. A oração pode mudar essas coisas, e, às vezes, até um evento fixo pode ser alterado.

Mais coisas são operadas pela oração
Do que este mundo sonha.

(Tennyson)

O nosso *Pai* celeste está sempre pronto e até mesmo anseia por modificar as coisas em favor de Seus *filhos,* mesmo quando o curso normal dos eventos tem de ser perturbado, e certos acontecimentos têm de ser anulados, pois, de outro modo, ocorreriam. Portanto, continuemos orando!

Isaías já estava no caminho de volta para casa, e havia atingido a parte central da cidade. De súbito, Yahweh falou com ele: "Volta e diz a Ezequias que sua oração foi ouvida. Ele viverá, e não morrerá". Alguns intérpretes falam da parte média do palácio real, e pensam que Isaías teria atingido o primeiro piso. *Dali,* pois, ele foi enviado para dar novo recado ao rei. Ver II Reis 22.14 que fala na "Cidade Baixa" de Jerusalém. Ver sobre a *Variante Textual,* a seguir.

"*A Oração Prevaleceu.* Sem dúvida, o diagnóstico humano estava correto. Ezequias estava prestes a morrer. Mas esse diagnóstico omitiu a possibilidade de uma cura espiritual, através do contato imediato da alma com Deus, o *contato imediato* da *vida de Deus* com a alma e o corpo. Que a oração é uma poderosa agência na cura dos enfermos é agora geralmente admitido pela ciência médica. Foi assim que Alexis Carrel escreveu: 'Já vi homens, depois que toda a terapia falhou, ser levantados da enfermidade... pelo esforço sereno da oração. Esse é o único poder no mundo que parece predominar sobre as chamadas leis da natureza'" (Raymond Calking, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Cura,* quanto a uma discussão detalhada sobre essa questão.

Variante Textual. Versículo 4 deste capítulo. A palavra hebraica *hatstser* (átrio) é o que se lê em alguns manuscritos hebraicos, mas o texto comum diz *keri,* "cidade". A margem do texto massorético diz "átrio", provavelmente a correção de um texto que alguém pensou estar incorreto. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Massora (Massorah); Texto Massorético*; e também *Manuscritos do Antigo Testamento,* seção VII.

Ao terceiro dia subirás à casa do Senhor. Foi feita a promessa de cura completa. No *terceiro dia* Ezequias iria ao templo. O poder divino viria ao encontro dele ali. Mas talvez ele até já tivesse recebido a cura, e iria dar graças a Deus no templo. Ou então o milagre ocorreria ali e, então, estando ali, Ezequias daria graças a Deus.

O PODER DA ORAÇÃO

A VIDA DE EZEQUIAS É PROLONGADA

Lembra-te, Senhor, peço-te, de que andei diante de ti com fidelidade, com inteireza de coração, e fiz o que era reto aos teus olhos; e Ezequias chorou muitíssimo...
Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas; eis que eu te sararei... Acrescentarei aos teus dias quinze anos.

II Reis 20.3-6

*** *** ***

A FONTE

O desespero, a dor, a chaga aberta,
Para as angústias todas deste mundo!
Vem, alma aflita, de sentido alerta;
Vem, peito triste, em seu sofrer profundo.
Em tuas mágoas, é que me confundo
Porque minha alma, de sofrer desperta.
Vem coração magoado, vem buscar comigo
O lenitivo de um suave abrigo.
Que impressivo, eu também supus.
Alguma coisa há que tal sofrer isola.
Vem, vem que terás tudo que consola,
Vem da fonte divina, que é Jesus!

Camilo Flamarion Pires, Guaratinguetá, SP, Brasil, 17-6-73

OUVIDO POR ACASO NUM POMAR

Um passarinho falou para outro: "Realmente gostaria de saber por que estes seres humanos são tão ansiosos, correndo para lá para cá, sempre preocupados".
Respondeu o outro passarinho: "Amigo, eu acho que deve ser que eles não têm um Pai Celestial que cuida deles como cuida de mim e de você".

Elizabeth Cheney

Canto porque estou feliz;
Canto porque estou livre.
Seu olho segue o pardal.
E sei que me segue também.

Está cansado? Está fraco?
Está angustiado?
Venha para mim, fala Alguém,
Venha e descanse.

John M. Neale

"A oração de Ezequias *moveu* Deus para curá-lo" (Thomas L. Constable, *in loc.*, que usou aqui de *antropoformismos* e *antropopatismos* — ver sobre ambos os termos no *Dicionário* — mas que, não obstante, expressam verdades).

20.6

Acrescentarei aos teus dias quinze anos. Provavelmente Ezequias não *precisava* desses anos, mas ele os queria muito, e Yahweh lhe concedeu o desejo, embora eles não lhe fossem necessários. É assim que Deus trata conosco, como Seus filhos. É excelente coisa quando uma criança obtém aquilo que quer, para sentir-se *feliz*, mesmo quando seus pais achem que a questão é trivial e insensata. A maioria das coisas que os pais negam aos filhos são prejudiciais. Os pais buscam conforto e conveniência para seus filhos, e por muitas vezes demonstram indiferença para com o *querer* deles, embora sejam cuidadosos quanto às suas *necessidades*. Um bom pai é sensível para com os desejos de seu filho, e não meramente para com as suas necessidades.

Aqueles quinze anos extras permitiriam que Ezequias visse, com seus próprios olhos, o livramento de Jerusalém, concedido por Yahweh, das mãos do exército assírio. Isso, por certo, era importante para Ezequias, embora não fosse *necessário* para as operações de Deus contra os assírios (ver II Reis 18.35 quanto ao livramento miraculoso, dado por Deus).

E por amor de Davi, meu servo. Isso repete a declaração constante em II Reis 18.34, onde as notas sobre a idéia foram dadas.

Os dois favores divinos, ambos realizados por meio de milagres: o inimigo externo, a Assíria, estava prestes a matar Jerusalém, massacrar muitos e deportar os restantes. O *inimigo* no corpo de Ezequias estava prestes a matá-lo. A graça e a misericórdia de Deus impediram ambas as mortes.

Os quinze anos conferidos a Ezequias ocuparam o tempo entre 701 e 686 A. C. Talvez Ezequias não tivesse feito muita coisa nesses anos, mas ele estava *feliz* e, além disso, foi-lhe dado o privilégio de ver dois milagres, algo também muito desejável. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça!

Um Exemplo Contrário. Minha mãe tinha uma ambição especial. Ela queria viver até os oitenta anos de idade. Mas quando estava com cerca de sessenta e dois anos, o câncer a feriu. Ela orou fervorosa, longa e insistentemente, à semelhança de Ezequias. Continuou viva até quase os seus sessenta e oito anos de vida, e morreu. Ela costumava dizer: "Algumas vezes podemos barganhar com Deus, e de outras vezes, não". Seja feita a vontade do Senhor.

Jesus sabe a dor que sentes,
Ele pode salvar e Ele pode curar.
Leva tua carga ao Senhor,
E deixa-a ali.

(C. Albert Tindley)

20.7

Tomai uma pasta de figos. Isaías ordenou que se preparasse uma pasta de figos e que ela fosse aplicada à úlcera, ou tumor (ou o que quer que fosse). O "remédio caseiro" tinha pouco poder em si mesmo. Esse foi o *sinal* do poder de Deus, que se manifestaria no corpo de Ezequias. Teria ele apanhado uma infecção generalizada que se manifestava na pele sob a forma de úlceras? A pasta de figos era um remédio comum no antigo Oriente, usado para amolecer e abrir tumores e úlceras. Sem dúvida, a pasta de figos foi de alguma utilidade para esse propósito, mas não poderia ter curado Ezequias de uma enfermidade fatal. Seja como for, o texto ensina que devemos fazer o que nos for possível. Não é errado usar medicamentos criados pela ciência para obter curas, nem esse uso demonstra falta de fé, conforme dizem alguns fanáticos. Bem pelo contrário, Deus é o originador de bons medicamentos! As idéias dos cientistas vêm diretamente de Deus, talvez através de alguma entidade espiritual, *ou* então da própria inteligência e poderes criativos dos pesquisadores, que também são *dons de Deus* aos homens e que *deveriam* ser usados para aliviar o sofrimento.

Um homem enfermo sempre deve ter duas
coisas que caminham juntas: a oração e o médico.
E um não deve excluir o outro.

(Raymond Calking, in loc).

Ezequias obteve duas grandes respostas às suas orações: Jerusalém foi livrada da Assíria, e ele foi curado de uma enfermidade fatal. Poderia ele esquecer-se desses milagres?

20.8

Qual será o sinal de que o Senhor me curará... ? A cura deveria ocorrer dentro de *três dias* (vs. 5). Antes que isso acontecesse, Ezequias continuaria *enfermo*, e esperava algum sinal que confirmasse a *intenção* de Yahweh de curá-lo. Tendo recebido o sinal, após algum tempo ele faria uma caminhada ao templo, ou para ser curado e agradecer, ou para agradecer por já haver sido curado. O trecho paralelo do capítulo 38 de Isaías dá a ordem correta dos acontecimentos. O sinal veio primeiro (ver Isaías 38.7,8) e, então, a cura (vs. 21). A mente dos hebreus sempre ansiava por sinais, e penso que não somos melhores do que eles. Gostamos de ouvir sobre milagres potenciais e bons acontecimentos. A profecia é algo excelente. Mas um bom *sinal* que nos edifique na fé é sempre importante. Algumas pessoas realmente espirituais não carecem de sinais, mas as demais continuam pedindo sinais. E o Pai satisfaz a Seus filhos, mesmo quando recebemos algo de que não temos verdadeira necessidade. Ver Isaías 7.11 ss., onde Isaías pediu que Acaz escolhesse um sinal.

Portanto, Ezequias precisava de um *milagre* que confirmasse a promessa de *outro* milagre, que estava prestes a acontecer. Talvez isso fosse esperar demais, mas Deus tem muito que dar, e aqueles que pedem, recebem (ver Mateus 7.7).

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei,
e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe;
o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.

(Mateus 7.7,8)

É conforme diz um ditado popular: "É a dobradiça barulhenta que obtém o azeite".

20.9

Adiantar-se-á a sombra dez graus, ou os retrocederá? *O poder de Deus* poderia mover-se para frente ou para trás, no relógio de sol. O trecho paralelo do capítulo 38 de Isaías fala somente no movimento de *recuo*. À atual versão da história pode ter sido adicionada a alternativas mediante uma falta de compreensão do paralelo poético envolvido na declaração. Ver Isaías 38.8. Somente um ato foi proposto, o movimento para trás; mas uma dupla declaração pode ter sido entendida, como se incluísse o processo alternativo, ou seja, o movimento para frente. Naturalmente, o movimento da sombra para trás implicava em um ato divino dos movimentos do globo terrestre, o reverso de seu movimento normal, ou seja, fazer o tempo retroceder. Naturalmente, os antigos pensavam que o sol é que se movia em redor da terra, e por trás da presente narrativa estava a idéia de algum ato divino que fizesse o sol mover-se um pouco para trás, e assim afetar a sombra no relógio de sol. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Relógio de Sol*. Mas talvez um relógio de sol não estivesse em vista. Ver as notas sobre o versículo seguinte. Assim como a sombra *voltaria*, outro tanto aconteceria à enfermidade de Ezequias. Ambas as coisas foram milagrosas, por certo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Milagres*.

20.10

Antes retroceda dez graus. Naturalmente, Ezequias estava equivocado ao pensar que seria mais fácil a sombra avançar do que retroceder dez graus. De acordo com a ciência da época, ele estava pensando em alguma espécie de permanência, e então a reversão do movimento do sol faria a sombra voltar. Os povos antigos pensavam que o sol fosse um corpo luminoso relativamente pequeno, mas muito intenso, nas mais elevadas atmosferas da terra. Eles não faziam idéia de sua dimensão e nem da grande distância que o separa da terra. Os *dez graus*, pelos cálculos dos hebreus, seriam, ao que parece, cinco horas, visto que cada grau exigia cerca de meia hora. Mas a palavra usada no texto original é equivalente à nossa palavra "degraus", e isso pode significar que não era um verdadeiro relógio de sol que estava sendo usado. Antes, deveria ser uma espécie de *escada* usada para marcar o tempo. Nesse caso, cada degrau tinha um valor medido em tempo, mas não sabemos qual era o valor de cada degrau.

Graus. "... uma escada que o rei Acaz havia construído. Pode ter sido construída para funcionar como um relógio de sol, para medir o tempo do dia, ou pode ter sido uma escada regular, empregada para marcar o tempo" (Thomas L. Constable, *in loc.*). O Targum diz *dez horas*, correspondentes aos dez graus. Conforme sabemos pelas inscrições, o relógio de sol dos babilônios tinha um grau para cada duas horas.

Natureza do Milagre:

1. A história é apenas uma *lenda*, portanto não há razão para tentarmos explicá-la. Assim pensam muitos estudiosos liberais e críticos.

2. A questão envolveu um *tremendo milagre,* pois a terra girou ao contrário do seu movimento normal, em redor de seu eixo, o que fez parecer que o sol tinha revertido sua carreira no firmamento.
3. Ou um evento *geológico* natural mas muito raro, ocorreu, ou seja, uma mudança dos pólos. Sabemos que, ocasionalmente, a crosta terrestre desliza e os pólos são subitamente mudados. O fenômeno altera a relação da terra com o sol, bem como os cálculos sobre a hora do dia. Naturalmente, o texto fala de uma considerável mudança de tempo (cinco ou dez horas), e isso teria requerido um tremendo deslize na crosta terrestre. Porém, não existe nenhum registro geológico ou histórico de tal evento no tempo de Ezequias. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pólos, Mudança dos.* Talvez o dilúvio de Noé também tenha envolvido um fenômeno desses.
4. O milagre só envolveu a *refração* dos raios solares, e foi *local.* A sombra reverteu porque os raios de sol foram refratados pelo poder de Deus. Não houve movimento algum no eixo da terra, nem a crosta terrestre deslizou.
5. Ocasionalmente, ocorre algum grande milagre que é *visto* por somente poucas pessoas. Como o sol caindo do céu, no caso das crianças de Fátima, Portugal. Pessoas viram isso. Isto é, poucas pessoas viram o fenômeno, mas o evento não foi fisicamente real. Foi um acontecimento espiritual, *psicológico.*
6. A história é uma *parábola* e reveste-se de sentido *espiritual.* Não devemos esperar algum milagre físico que tenha envolvido a questão.

Cf. o *longo dia de Josué.* Há notas a respeito, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* sob o título de *Bete-Horom, Batalha de.* Há notas expositivas adicionais sobre a questão em Josué 10.12.

20.11

Então o profeta Isaías clamou ao Senhor. A oração de Isaías foi suficiente para efetuar o milagre. A sombra nos degraus reverteu aqueles dez graus ou degraus. Assim, Ezequias recebeu o *sinal* que pedira. Ele recuperaria a saúde e desfrutaria de quinze anos extras de vida (vs. 6). Jerusalém seria livrada das mãos dos assírios, e o corpo de Ezequias seria livrado de sua enfermidade fatal. Isso evidencia o poder da oração.

E a oração da fé salvará o enfermo,
e o Senhor o levantará... Muito pode,
por sua eficácia, a súplica do justo.

(Tiago 5.15,16)

A oração é a linguagem mais simples
Que lábios infantis podem experimentar;
A oração é o clamor mais sublime que atinge
A Majestade nas alturas.

Nenhuma oração é feita só no mundo,
Pois o Espírito Santo intercede;
E Jesus, no trono eterno,
Intercede pelos pecadores.

(Montgomery)

"Sem importar o que pensemos sobre esse extraordinário incidente, ele aponta para uma verdade profunda, mas com freqüência esquecida: Deus não está limitado por aquilo que chamamos de leis da natureza" (Raymond Calking, *in loc.*).

A *oração* é mais poderosa do que a profecia; a *oração* é mais forte do que o processo de envelhecimento. A *oração* é mais forte que a enfermidade. Portanto, continuemos orando!

O Símbolo. Da mesma maneira que a sombra do sol recuou por dez graus, assim também o corpo de Ezequias rejuvenesceu; o processo de envelhecimento foi revertido, e assim o homem viveu *quinze anos extras,* desafiando o seu código genético natural e o processo de envelhecimento que esse código genético controla.

A Embaixada de Merodaque-Baladã (20.12-21)

Ezequias, uma vez libertado da Assíria e também de sua enfermidade fatal, em sua excitação sobre tudo quanto havia acontecido, caiu em em pequena insensatez. Merodaque-Baladã ficou satisfeito ao ouvir que o rei de Judá se tinha recuperado de sua doença quase fatal. Ele enviou a Jerusalém uma embaixada com uma carta de congratulações e um presente. Ezequias ficou deleitado com a atenção recebida do rei da Babilônia, e tolamente mostrou aos embaixadores *todos* os tesouros do templo, o depósito das riquezas do reino de Judá. Também exibiu todos os tesouros que havia em seu próprio palácio, e todos os outros tesouros que havia em seu domínio. Podemos estar certos, pois, de que ele excitou a ganância dos babilônios. Isaías lamentou muito a imprudência de Ezequias e repreendeu-o devidamente por esse seu ato infantil. E revelou ao rei Ezequias que não estava longe o dia em que o "inimigo do norte" seria a Babilônia, e não a Assíria. Além disso, seriam os babilônios (e não os assírios) que massacrariam Jerusalém e deportariam os sobreviventes para a Babilônia (vs. 17).

Ezequias também se tornou culpado de outra atitude tola: afirmou que a palavra de Yahweh, através do profeta, era "boa"; mas não se preocupou com a terrível predição, pois calculou que, "durante os seus dias", a paz prevaleceria. Ele esqueceu os sofrimentos do povo de Jerusalém, e os sofrimentos de seus próprios descendentes. Ver o vs. 19.

20.12

Merodaque-Baladã. Ver o artigo sobre esse homem, no *Dicionário.* No tempo desse rei, a Assíria continuava a ser o poder dominante, e é impossível que sua amizade com Ezequias tivesse sido calculada para encorajá-lo a unir-se em uma aliança contra a Assíria. Isaías opôs-se a qualquer plano dessa natureza. O rei em questão não foi o rei do cativeiro babilônico, por meio do qual Judá foi finalmente sujeitada a uma potência estrangeira, quando a maioria de seus habitantes foi deportada. Algumas versões grafam seu nome como *Berodaque,* em lugar de Merodaque, mas isso envolve uma troca acidental da letra hebraica *beth,* em lugar da letra *men,* uma substituição comum, que também ocorria ao contrário, isto é, a letra *men* era trocada pela letra *beth.* Josefo (*Antiq* X.2.2) asseverou que a atenção dada por esse rei a Ezequias tinha por intuito garantir que ele seria um seu aliado contra a Assíria. Talvez a exibição das riquezas de Judá tivessem tido a finalidade de revelar o poder econômico de Judá para participar na aliança. Merodaque-Baladã reinou na Babilônia em dois períodos, de 721 a 710 A. C. e, depois, novamente, em 703 e 702 A. C. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo mencionado. Cf. II Crônicas 32.31 e Isaías 39.1.

20.13

Ezequias se agradou. Assim diz também a Septuaginta, e também é o texto das versões da Vulgata Latina e do siríaco, sendo adotado por muitos eruditos como o original, embora o texto massorético diga aqui: "Ezequias deu audiência". O paralelo em Isaías 39.2 também diz "se agradou". Ezequias estava ansioso por agradar; ansioso por fazer parte da aliança. Ver o texto massorético no artigo do *Dicionário,* chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.* Algumas vezes, as versões mostram-se corretas em relação ao texto massorético, o que é confirmado pelos textos hebraicos dos Manuscritos do Mar Morto, visto que, algumas vezes, aqueles textos antigos concordam com as versões, contra o texto massorético posterior. Ver no *Dicionário* o artigo *Manuscritos (Rolos) do Mar Morto,* em sua seção VII.

E lhes mostrou toda a casa do seu tesouro. Talvez Ezequias tenha agido levado por seu orgulho e ostentação. Ele mostrou-se orgulhoso dos tesouros que tinha sido capaz de reter, a despeito das tentativas de ataque dos assírios e das peitas que ele tivera de pagar para manter os assírios afastados de Jerusalém (ver II Reis 18.14-16). Mas o mais provável é que a exibição desses tesouros tenha sido para reassegurar aos babilônios que Judá seria um aliado valioso na luta contra o inimigo comum, a Assíria. Judá, embora quase esmagada, ainda assim poderia contribuir com algo para esse esforço. A maior parte de Judá já havia caído nas mãos dos assírios (ver II Reis 18.1), mas a capital, Jerusalém, ainda resistia, o que é descrito para nós, detalhadamente, no capítulo 19 de II Reis. Em sua ansiedade para mostrar aos babilônios que Judá valia alguma coisa, que ainda lhe restava alguma força, Ezequias revelou tudo: os tesouros do templo; os tesouros do palácio real; e os tesouros de outros recursos espalhados pelo reino. "Nada" havia que tivesse sido escondido dos olhos dos enviados babilônios.

20.14

Então Isaías, o profeta, veio ao rei Ezequias, e lhe disse. Isaías ouviu sobre o ato imprudente de Ezequias. Naturalmente, ele sabia por que os tesouros tinham sido exibidos. Mas o profeta era diametralmente contrário ao que tinha sido feito, contra qualquer aliança com a Babilônia. Mediante o seu discernimento profético, ele sabia que o inimigo maior de Judá seria a Babilônia, e não a Assíria. O cativeiro babilônico jazia no futuro a apenas cem anos de distância. Isso não era muito, conforme os eventos históricos correm.

"Isaías sempre se mostrou contrário a qualquer plano e conluio que envolvessem hostilidades francas contra potências estrangeiras" (Norman H. Snaith, *in loc.*). As alianças que levavam Judá a envolver-se em "guerras estrangeiras" eram

sempre prejudiciais em termos de dinheiro e sofrimentos. Também eram contrárias à fé do *yahwismo*, que requeria que o único aliado fosse o Todo-poderoso Yahweh, o qual não precisava da ajuda de potências pagãs.

"Duas orações respondidas miraculosamente e, no entanto, esqueceu-se de Deus! Lisonjeado pela sugestão da Babilônia de uma aliança contra a Assíria, Ezequias acolheu fraternalmente os seus embaixadores, e orgulhosamente exibiu os seus tesouros, nada lhes ocultando. Mas os olhos de Isaías penetraram por baixo da superficial pretensão de tal aliança. Ele advertiu Ezequias de que ele estava meramente trocando um inimigo potencial por outro... que finalmente esmagaria Jerusalém" (Raymond Calking, *in loc.*).

20.15

Perguntou ele. A inquirição feita por Isaías revelou a extensão da demonstração e da ostentação. Ezequias nada havia escondido dos embaixadores babilônios. A ganância deles se excitara. Viriam tempos difíceis, mesmo que não da parte de Merodaque-Baladã. O homem que acabara de contemplar dois milagres — um que salvara Jerusalém da Assíria (ver II Reis 18.35), e o outro que libertara seu corpo de uma doença fatal (ver II Reis 20.5,6) — e que recebera outros quinze anos preciosos de vida sofreu um lapso, devido à sua insensatez e falta de discernimento.

Aquele, pois, que pensa estar em pé,
veja que não caia.

(I Coríntios 10.12)

A soberba precede a ruína,
e a altivez do espírito, a queda.

(Provérbios 16.18)

O orgulho é o começo do pecado.

(Ben Siraque Livro da Sabedoria)

Cf. II Crônicas 32.31, que nos diz que Yahweh estava *testando* Ezequias, em toda essa questão, para ver o que ele faria.

20.16,17

Ouve a palavra do Senhor. Aquelas circunstâncias provocaram um oráculo severo e temível. Naquele momento, Isaías foi tomado pelo espírito da profecia e viu claramente o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Os babilônios tomariam todos aqueles tesouros preciosos que Ezequias, tão tolamente, havia exibido. "Nada" seria deixado, tal como "nada" fora ocultado dos olhos do inimigo (vs. 13).

Além da perda dos tesouros, Jerusalém seria nivelada até o chão e aqueles que não fossem massacrados seriam deportados, incluindo a família real, os descendentes do próprio Ezequias (vs. 18). Cf. Daniel 1.1-3.

20.18

Tomarão, para que sejam eunucos no palácio do rei da Babilônia. *A Humilhação Final.* Os *filhos* de Ezequias, que deveriam estar na glória, reinando em Judá, seriam transformados em eunucos, homens castrados, que fariam tarefas domésticas na corte de um rei estrangeiro. É verdade que alguns eunucos se tornavam homens importantes, até mesmo altos oficiais, mas não há nenhum indício disso no versículo presente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Eunuco*. Ver II Reis 24.13-15 e Daniel 1.1-3 quanto ao cumprimento dessa temível profecia. Parcialmente em vista, está o aprisionamento e cativeiro do próprio ímpio filho de Ezequias, Manassés (ver II Crônicas 33.11).

20.19

Boa é a palavra do Senhor. Isso significava que a profecia teria cumprimento. Ezequias, porém, pronunciou que ela seria "boa", por duas razões: 1. era uma profecia autêntica; 2. mas teria lugar *depois* dos dias de Ezequias, deixando-o em paz pelo resto de seus dias. Essa foi uma notável demonstração de egoísmo da parte do rei Ezequias. Manassés é que sofreria devido a toda aquela questão do avanço dos babilônios. Mas que importava isso a Ezequias? Ele mesmo terminaria o curso de sua vida em paz. Ezequias arrependeu-se de seu *orgulho* (ver II Crônicas 32.26). Isso lhe salvou, mas não à sua nação. "Ele parecia não deplorar as calamidades que desceriam sobre a sua terra, contanto que a paz e a verdade prevalecessem em *seus* próprios dias" (Adam Clarke, *in loc.*).

Conclusão: Morte de Ezequias (20.20-21)

20.20

Quanto aos demais atos de Ezequias. O autor-compilador de I e II Reis termina a sua história sobre Ezequias com a usual, nota de obituário, mas adiciona uma das obras públicas feitas por esse rei de Judá. Ele fez um açude e um aqueduto, uma espécie de reservatório de água e um canal subterrâneo para fornecer água à cidade de Jerusalém. O suprimento de água a essa cidade sempre fora precário e sujeito a atos terroristas de invasores, que facilmente podiam cortar o suprimento de água para a capital do país. A situação foi melhorada pelas obras públicas de Ezequias, que, sem dúvida, foram feitas principalmente por razões de defesa.

"Ele trouxe água da fonte da Virgem, passando pelo monte do templo, até o poço de Siloé (ver II Crônicas 32.30; Eclesiástico 48.19). Esse túnel já foi encontrado, e nele há uma inscrição em antiga escrita hebraica, na parede do lado direito, a cerca de 5,80 m. da saída para o poço de Siloé. A inscrição, meio apagada pela água corrente, conta como dois grupos de operários, trabalhando em extremidades opostas, conseguiram encontrar-se no meio. O comprimento desse túnel chega a 520 m. mas uma linha direta, entre as duas bocas do túnel é de apenas 332,45 m." (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Quanto a notas expositivas sobre uma das obras de consulta do autor sagrado, as *Crônicas dos Reis de Israel e Judá*, ver I Reis 14.19. Ver a notícia usual de obituário em I Reis 1.21 e 16.5,6. Ver sobre *Siloé* e *Giom*, no *Dicionário*.

20.21

Quanto ao eufemismo para "morte", "descansou com seus pais", ver as notas em I Reis 1.21.

Manassés, seu filho, reinou em seu lugar. Um péssimo filho de Ezequias, a contradição de tudo quanto seu pai foi, assumiu o trono de Judá. Ver o artigo detalhado sobre *Manassés*, no *Dicionário*. "Anos antes de sua morte, Ezequias fez de Manassés seu vice-regente, em 697 A. C. Pai e filho governaram juntos até que Ezequias morreu, em 686 A. C. Então Manassés sucedeu a seu pai no trono e governou como rei único" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Um

Manassés, Rei de Judá (21.1-18)

Depois de Salomão, o autor-compilador de I e II Reis devotou mais espaço à história de Ezequias. Mas foi seu ímpio filho, Manassés, quem reinou por mais tempo no reino do sul, Judá. A ele, entretanto, o autor sagrado conferiu apenas breves comentários, especificamente sobre quão mau ele foi. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reino de Judá*. E ver também *Rei, Realeza*. Gráficos fornecem comentários sobre os anos de reinado dos reis.

Manassés foi um rei da eclipse e do pôr-do-sol de Judá. Apenas cinco reis se seguiriam a ele, e então o *cativeiro babilônico* (ver no *Dicionário*) poria fim ao reino do sul. Após setenta anos, um remanescente de Judá retornaria a Israel, embora fosse apenas a tribo de Judá com quase exclusividade, pelo que também, atualmente, chamamos os hebreus de "judeus", porquanto quase todos eles derivam-se dessa única tribo. De Manassés até o fim de Judá, são cerca de cem anos, mas isso é pouco tempo, com relação à história.

"Manassés reinou de 696 a 641 A. C. De 671 A. C. em diante, quando Esar-Hadom invadiu o Egito, exércitos assírios marchavam para cá e para lá, ao longo da planície costeira de Judá. O Egito só recuperou a sua independência em 652 A. C., durante o governo do rei Assurbanipal. Durante todo esse período, o minúsculo reino de Judá permaneceu em paz, em segurança, enquanto as grandes nações em guerra passavam perto. Mas a paz e a segurança de Judá envolviam completa subserviência às exigências do senhor da Assíria, um pagamento regular de tributo, e a introdução em massa de cultos religiosos estrangeiros... Manassés não parecia opor-se a essas tendências, sendo mesmo provável que as tivesse encorajado... A seção diante de nós contém os detalhes da introdução de cultos estrangeiros por parte de Manassés, com dois oráculos entremeados. O *primeiro oráculo* (vss. 7 e 8) é uma reiteração dos mandamentos deuteronômicos impostos a Davi; e o *segundo oráculo* é um oráculo deuteronômico contra Manassés, lançando sobre ele a culpa e a responsabilidade pela destruição do templo e do reino de Judá" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

21.1

Tinha Manassés doze anos de idade quando começou a reinar. Ver II Reis 20.21 quanto a notas cronológicas sobre o reinado de Manassés. Houve o envolvimento de uma co-regência com Ezequias, seu pai. Manassés começou a reinar como co-regente quando tinha somente doze anos de idade (697 A. C.). Seu reinado total, incluindo seu período de co-regente, foi de cinquenta e cinco

UMA LONGA VIDA ERA REALIZADA
Cumprindo a Promessa Divina

Quanto aos mais atos de Ezequias,
todo o seu poder, e como fez o açude
e o aqueduto, e trouxe água dentro para a cidade, porventura
não esta escrito no livro da história
dos reis de Judá?
Descansou Ezequias com seus pais.

II Reis 20.20-21

*** *** ***

A TAREFA REALIZADA

Agora a tarefa do trabalhador termina —
A batalha passou.
Agora à costa distante
O viajante chega.
O dia que Tu deste, ó Senhor, terminou.

John Ellerton

Ó que sem um gemido demorado
Possa dar bem-vindo ao mundo que vem.
Deito este corpo, a tarefa realizada,
E triunfantemente seguro a coroa eterna.

Russell Champlin

anos. Jerusalém permaneceu como a capital do que foi deixado de Judá. Grande parte de Judá tinha sido destruída pela Assíria (ver II Reis 18.13).

Hefzibá. Ver sobre a mãe de Manassés no *Dicionário*. As tradições judaicas apresentam-na como uma mulher reta, filha do profeta Isaías; mas custa confiar nas tradições. Contudo, é difícil de acreditar que o reto Ezequias ter-se-ia casado com uma mulher que não fosse piedosa. Portanto, o filho deles, Manassés, insurgiu-se contra os ensinamentos de seu pai e de sua mãe, e fez Judá mergulhar em uma de suas piores apostasias, se não mesmo a pior.

"Manassés foi levado cativo para a Babilônia, arrependeu-se, foi restaurado ao trono de Judá, combateu a idolatria e morreu aos sessenta e sete anos de idade (ver II Crônicas 33.1-20)" (Adam Clarke, *in loc.*).

21.2

Fez ele o que era mau perante o Senhor. Em lugar de continuar com o puro *yahwismo* de seu pai Ezequias, Manassés copiou os pagãos, adotando os cultos idólatras comuns na Palestina, ou seja, as *abominações das nações* que Israel havia expulsado da Terra Prometida. Ver a lista dessas nações (sete), que foram expulsas, em Êxodo 33.2 e Deuteronômio 7.1. Cf. Deuteronômio 29.17 e I Reis 11.5. Aquilo que *Yahweh* expulsou, *Manassés* restaurou!

21.3

Tornou a edificar os altos. Ver no *Dicionáno* o verbete chamado *Lugares Altos*. Salomão havia erigido ali altares dedicados a deuses estrangeiros. Depois de Salomão, a maioria dos reis de Judá tolerou esses santuários locais. Ezequias, entretanto, destruiu-os, centralizando a adoração em Jerusalém. Ver II Reis 18.4 quanto ao expurgo de Ezequias acerca desses santuários idólatras. Mas aqui vemos o estúpido espetáculo de seu filho a restaurar essas abominações. Provavelmente, em consonância com um sistema eclético, Yahweh era um dos deuses honrados nesses lugares. E a mistura resultou em uma horrenda idolatria. Ver II Reis 17.10 quanto à natureza generalizada dos santuários locais. Cada árvore frondosa parecia um lugar apropriado para honrar algum ídolo. Ver também II Reis 23.12.

Manassés restaurou antigas formas de idolatria, mas também fez adições à idolatria incluindo formas assírias de culto e também as deidades astrais. Chegou ao extremo de erigir altares a essas divindades astrais no terreno do templo (vs. 5). Ver Deuteronômio 4.19; 17.3; 18.10,11 quanto à condenação a tais práticas. Altares a Baal foram erigidos, e o poste-ídolo em honra a *Aserá* (ver as notas sobre I Reis 14.15) foi novamente instituído. Isso posto, o ímpio Manassés imitou o abominável rei Acabe, de Israel (ver I Reis 16.33). Ver II Reis 18.4 quanto a como Ezequias dera fim a tudo isso. Ver também as notas em II Reis 21.7.

"Um dos piores dentre todos os reis de Judá, foi ele quem reinou por mais tempo" (Raymond Calking, *in loc.*). "Qualquer bem, feito por Ezequias, foi rapidamente desfeito por Manassés" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o primeiro versículo deste capítulo).

21.4,5

Edificou altares na casa do Senhor. Esses altares foram erigidos por Manassés no próprio templo de Jerusalém e, sem dúvida, honraram uma boa variedade de deuses. Também havia altares construídos em honra a divindades astrais (vs. 5), nos dois átrios. Foi assim que o templo e sua área imediata não escaparam ao deboche generalizado.

Nos dois átrios da casa do Senhor. Essa observação tem causado problemas para os intérpretes. O templo pré-exílico tinha apenas um átrio. O segundo templo (pós-exílico), ao que parece, tinha *dois* átrios. É possível que o autor sacro, estando familiarizado com as dependências do segundo templo, tenha escrito aqui "dois átrios" mediante uma antecipação. Ou, embora seja menos provável, o autor chamou as áreas ao redor dos edifícios reais (que Salomão havia construído) de átrio, isto é, o segundo.

21.6

E queimou seu filho como sacrifício. Completamente abominável, Manassés chegou a imitar os cultos de sacrifícios humanos dos pagãos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque,* quanto a esse tipo de idolatria, que começou como uma abominação dos filhos de Amom. Cf. I Reis 11.7; 33.2 e II Reis 23.10,13. Manassés chegou mesmo a fazer um de seus filhos passar pelas chamas daquela divindade pagã, um crime abominável.

Além de todas essas muitas iniqüidades, o rei Manassés também praticou os ritos de feitiçaria, adivinhação e necromancia. Provavelmente essas práticas não tinham realmente desaparecido, mas apenas seus praticantes se tinham ocultado durante o reinado de Ezequias. Mas com o "liberal" Manassés como rei, todas as abominações voltaram. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Adivinhação* e *Necromancia*. Ver Deuteronômio 18.10,11 quanto à proibição de Moisés acerca de tais práticas. Ver também Levítico 19.26-31 e II Crônicas 33.6.

21.7

Pôs a imagem de escultura do poste-ídolo. Essa imagem foi erigida no interior do próprio templo. Ver sobre *Aserá* e *Aserins* em I Reis 14.15. Essa foi uma horrenda violência contra toda a idéia do templo de Jerusalém, dedicado a Yahweh, que foi construído para centralizar toda a adoração de Israel em Jerusalém e, como é óbvio, a adoração exclusiva a Yahweh. O *nome* de Yahweh deveria ser *honrado ali,* sem deboche mediante a competição com ídolos. O que aconteceu foi "o clímax da impiedade de Manassés" (Ellicott, *in loc.*). Cf. II Reis 23.4; Ezequiel 43.7; Jeremias 7.30 ss. Ver I Reis 8.29 e 9.3 quanto ao fato de que Yahweh pusera Seu *nome* no templo (antecipado nos dias de Davi e concretizado nos dias de Salomão).

21.8

Nem farei os pés de Israel anderem errantes da terra que dei a seus pais. O *cativeiro assírio* da nação do norte (Israel) já tinha ocorrido. E por causa das abominações efetuadas por Manassés no reino do sul (Judá), os babilônios massacrariam Jerusalém e com fariam que seus habitantes fossem deportados, por causa dos pecados do povo, dentre os quais Manassés aparecia como o *ofensor de número um.* A permanência na terra era condicionada ao fato de que os israelitas não se envolvessem na idolatria dos povos pagãos. Naturalmente, a idolatria trouxe em sua esteira toda sorte de corrupção, como sacrifícios humanos, deboches morais etc. A obediência à legislação mosaica era a condição para os filhos de Israel permanecerem na Terra Prometida, que Yahweh lhes dera. Cf. II Samuel 7.10. Ver Deuteronômio 12.5,29-31; 17.3; 18.8-14 e Isaías 1.19.

21.9

Manassés de tal modo os fez errar, que fizeram pior do que as nações. Embora tenha havido pressão sobre o rei Manassés para incorporar os deuses da Assíria em seu culto, por razões políticas e sociais, o presente versículo informa-nos que ele não foi somente um participante voluntário na idolatria, mas também um promotor da idolatria em Judá. A natureza virulenta do que ele fez foi demonstrada pelo fato de que ele levou a idolatria ao interior do próprio tempo, tendo corrompido os átrios com ídolos pagãos.

"A idolatria de Judá tornou-se pior que a dos cananeus, porque estes adoravam somente seus deuses nacionais, ao passo que *Judá se esqueceu* de seu Deus e adotou vários cultos estrangeiros com os quais havia entrado em contato (ver Jeremias 2.11)" (Ellicott, *in loc.*).

21.10,11

Então o Senhor falou por intermédio dos profetas. *Oráculo e Profecia contra Manassés.* O rei de Judá havia semeado iniqüidade, e agora colheria calamidade. A antiga síndrome da apostasia-calamidade nunca parou de operar. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

A Causa da Calamidade. Manassés foi pior do que os amorreus (um termo usado para indicar todos os habitantes primitivos da Palestina), porquanto esqueceu-se de Yahweh e voltou-se para cultos estrangeiros, enquanto os habitantes primitivos da Palestinas se contentavam em continuar a adorar os deuses de seus pais. O sistema religioso eclético de Manassés estava totalmente pútrido. Ele encheu Judá de ídolos, não poupando nem ao menos o templo, dessa podridão (vs. 7).

Yahweh falou através de Seus profetas Isaías, Joel, Naum e Habacuque, os quais tiveram algo a ver com Manassés, e cujos oráculos o denunciavam.

Amorreus. Ver sobre esse povo no *Dicionário.* O nome representa as sete nações primitivas da Palestina, que Israel expeliu dali. Quanto a uma lista, ver Êxodo 33.2 e Deuteronômio 7.1. *Amorreus* era uma designação geral das raças nativas da terra de Canaã, tal como Homero usou o termo *aqueus, danaes* etc., em diferentes ocasiões, para referir-se a todos os gregos. Ver Amós 2.9; Ezequiel 16.3; I Reis 21.26" (Ellicott, *in loc.*).

21.12

Eis que hei de trazer tais males sobre Jerusalém e Judá. Quem falou assim? O "Senhor Deus de Israel", ou seja, Yahweh-Elohim, o Deus eterno e Todo-poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de,* quanto a detalhes sobre esses nomes. A ameaça foi feita pelo mais elevado dos poderes, e coisa alguma poderia impedir seu cumprimento.

... lhe tinirão ambos os ouvidos. O desastre seria tão grande que apenas ouvir sobre ele deixaria ambos os ouvidos tinindo, e sofrer o que era predito seria totalmente *devastador*. O oráculo predizia tanto o *cativeiro assírio* (para Israel, o reino do norte) como o *cativeiro babilônico* (para Judá, o reino do sul). No *Dicionário* há artigos assim chamados. O norte seria totalmente destruído, seria deportado e perderia sua identidade como nação. Um remanescente de Israel permaneceria no território pátrio e se misturaria com habitantes *importados* de várias outras regiões do mundo, transformando-se nos samaritanos (ver II Reis 17.24-41). E o sul seria devastado e seus habitantes, deportados. Passados setenta anos, um pequeno remanescente voltaria e começaria de novo a nação de Israel, partindo de uma única tribo, Judá.

"Aquilo faria tanto ruído no mundo, soando tão horrível e terrivelmente, e o relato seria tão assustador que os ouvidos de um homem tiniriam, e seu coração estremeceria. Quanto terror os judaítas teriam de suportar! Ver Ezequiel 22.14; I Samuel 3.11" (John Gill, *in loc.*). O *sonido traspassador* lançaria o terror no coração dos homens.

21.13

Estenderei sobre Jerusalém o cordel de Samaria. O cativeiro assírio é relembrado neste versículo. Samaria era a capital do reino do norte, a partir de Onri. Jerusalém, capital do sul, experimentaria a mesma sorte no cativeiro babilônico. O que tinha acontecido à casa de Acabe, por causa de sua desavergonhada idolatria, aconteceria a Judá, por causa de sua desavergonhada imitação do abominável Acabe.

O *cordel* e o *prumo*, como é óbvio, representam o julgamento (cf. Amós 7.8). Yahweh estacaria Seu cordel sobre Jerusalém, e a mediria para ser julgada, e esse *cordel* seria o mesmo que tinha medido Samaria. O fim de Jerusalém já estava sendo contemplado. Seguiria a mesma dolorosa maldição de Samaria. Ela seria limpa como um prato que estivera sujo, e esse *limpar* é outra metáfora que indica um julgamento devastador.

E o emborca. Outra metáfora ainda, para dizer que Jerusalém ficaria esperando até a volta do remanescente de Judá, que aconteceu a partir de setenta anos depois do cativeiro babilônico. Enquanto o *prato* estivesse emborcado, o julgamento continuaria em seus efeitos. Jerusalém ficaria sem uso algum durante setenta anos.

A *Vulgata Latina* faz o prato transformar-se em um tablete de escrever, e o limpar do prato transforma-se no ato de apagar as letras que tinham sido escritas nesse tablete. As tabuinhas de escrever eram recobertas com uma fina camada de cera, e as impressões (letras) eram escritas sobre a cera. Era fácil esquecer o que estava escrito sobre a cera, e começar a escrever de novo. Yahweh estava prestes a obliterar Jerusalém e começar tudo de novo.

A *Septuaginta* faz o prato tornar-se um vaso de alabastro. Quando o unguento se acaba, o vaso é limpo, e fica preparado para receber novo unguento, em outro dia. A antiga Jerusalém seria limpa por Yahweh. Haveria um novo vaso, uma nova Jerusalém, capaz de conter o novo azeite das operações de Deus.

21.14

Abandonarei o resto da minha herança. Tanto a nação do norte, Israel, quanto a nação do sul, Judá, seriam *abandonadas* por Yahweh, como indignas de qualquer atenção e proteção. Israel era a *herança* de Deus, mas a coisa inteira tinha apodrecido.

> *Mas o Senhor vos tomou,*
> *e vos tirou da fornalha de ferro do Egito,*
> *para que lhe sejais povo de herança, como hoje se vê.*
>
> (Deuteronômio 4.20)

A *herança* de Yahweh seria perdida e potências estrangeiras atacariam e devorariam o povo de Deus, tal e qual animais ferozes devoram sua presa. Cf. Isaías 42.22 e Jeremias 30.16.

21.15

E me provocaram à ira. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ira de Deus*. O autor sagrado empregou o *antropomorfismo* e o *antropopatismo* para reforçar seu argumento. Ver sobre esses dois termos no *Dicionário*. O Todo-poderoso Yahweh entregaria à ira a Sua herança, sujeitando-a a uma total destruição. Somos reduzidos a descrever Deus em termos que tenham significado para nós, como seres humanos, pelo que nos referimos aos atributos de Deus como se fossem semelhantes aos nossos, embora vastamente mais amplos; e falamos d'Ele como dotado de emoções humanas, como a *ira;* porém, quando assim fazemos ficamos muito aquém da descrição de Deus em qualquer sentido significativo. Deus é o *Mysterium Fascinosum* e é também o *Mysterium Tremendum*, o que não pode ser descrito por nenhuma exatidão de linguagem. Ver sobre esses termos no *Dicionário*. Ver também ali os verbetes *Deus* e *Atributos de Deus*.

Uma Antiga Provocação. Acabe e Manassés provocaram extremamente Deus, mas a provocação do povo de Israel era antiqüíssima, vinda do tempo do êxodo, quando Yahweh tirou seu *filho* do Egito (ver Êxodo 4.22,23). Quanto a esse ato de poder e de graça divina (registrado por mais de vinte vezes, somente no livro de Deuteronômio), ver Deuteronômio 4.20. Nenhum favor ou graça divina eram suficientes para Israel, que continuava a desconsiderar a legislação mosaica, a qual os distinguia como um povo entre as nações da terra. Quanto a esse caráter *distintivo* de Israel, ver Deuteronômio 4.4-8. O autor sagrado estava dizendo que Israel era um filho renegado desde o começo, insolente, arrogante e incurável. Ver Hebreus 3.8,15 quanto à provocação no deserto, onde Israel ficou perambulando durante quarenta anos.

21.16

Manassés derramou muito sangue inocente. *Josefo* declarou que Manassés, à semelhança de Acabe, matou os profetas (*Antiq.* X.3.1), sendo provável que os profetas figurassem entre os inocentes que foram mortos por Manassés. É fato que Manassés matou Isaías serrando-o ao meio com uma serra de madeira. Ao assim agir, Manassés copiou a abominável e ímpia Jezabel, que fez tais coisas na nação de Israel (ver I Reis 18.13). Podemos ter a certeza de que a casta sacerdotal (qualquer um que se tenha mostrado leal a Yahweh) também teve de enfrentar a ira e a crueldade de Manassés. Sabemos que ele sacrificou crianças às deidades pagãs, e que até um de seus filhinhos sofreu essa sorte terrível (ver II Reis 21.6). "Manassés era um homem feroz e cruel; um tirano sem misericórdia e sem princípios. Ele matou pessoas inocentes e também os profetas de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Hebreus 11.37, que pode referir-se à história do Talmude, acerca da morte de Isaías.

Afora o seu pecado, com que fez pecar Judá. Tal e qual Jeroboão, que levou a nação de Israel a pecar (ver I Reis 1.26; 16.2). Ver I Reis 12.28 ss., quanto ao pecado de Jeroboão. Por conseguinte, Manassés, de Judá, foi o paralelo de Jeroboão I, de Israel.

21.17

Quanto aos demais atos de Manassés. O obituário usual, que o autor tinha usado no caso de todos os reis de Israel e de Judá, é agora repetido no caso de Manassés. Ver sobre isso em I Reis 1.21 e 16.5,6. O trecho de II Crônicas 33.11 dá-nos a informação (não incluída em II Reis) de que Manassés, por causa de seu pecado, foi levado cativo para a Babilônia. O rei assírio envolvido provavelmente foi Assurbanipal (669-626 A.C.). Ali, no estrangeiro, em desespero, o rei de Judá arrependeu-se, e Deus, em Sua misericórdia e graça, permitiu-lhe retornar a Jerusalém, após certo período de aprisionamento. Ver II Crônicas 33.12,13 e cf. II Crônicas 33.18,19. Manassés, uma vez convertido, limpou grande parte da idolatria que ele antes havia promovido. Mas seus pecados macularam a nação de Judá de tal maneira que era impossível curá-la, e o povo foi levado para o cativeiro babilônico. Até mesmo reformas posteriores, sob Josias, não puderam evitar isso (ver II Reis 23.26).

Quanto ao livro não-canônico, intitulado *Livro da História dos Reis de Israel e de Judá* (uma das obras constantemente consultadas pelo autor sagrado), ver I Reis 14.19.

21.18

Descansou com seus pais. Quanto a essa expressão, que é um eufemismo para a morte, ver I Reis 1.21 e suas notas expositivas.

Foi sepultado no jardim da sua própria casa. *Um Lugar Diferente de Sepultamento.* O antes ímpio mas agora convertido Manassés não foi sepultado nos túmulos dos reis. Como é evidente, ele preferiu ser sepultado no jardim de seu próprio palácio. "Os últimos monarcas de Judá, aqueles que morreram em sua própria terra, foram sepultados em sua próprias sepulturas (ver II Reis 21.26; 23.30 e 24.6)" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sepulcro dos Reis*.

No jardim de Uzá. Ver sobre esse jardim no *Dicionário*, quanto ao que se sabe ou se especula sobre o local.

Amom. O novo rei, filho do ímpio-convertido rei Manassés, foi, *Amom* (ver sobre ele no *Dicionário*, quanto a maiores detalhes). Sua história é narrada em sete versículos (II Reis 21.19-26). Ele copiou o começo da vida de seu pai e viveu uma vida de deboches e de idolatria. Terminou assassinado em seu próprio palácio; uma vida estragada.

Amom, Rei de Judá (21.19-26)

A *nação de Judá* estava em um declínio que coisa alguma seria capaz de fazer parar. O ímpio Manassés tinha deixado um mau exemplo para seu filho; nem mesmo seu arrependimento posterior foi capaz de modificar seu filho (ver II Crônicas 33.12,13 e seu contexto). Até mesmo as reformas posteriores de Josias (ver II Reis 22.2 ss.) foram inúteis para refrear o inevitável julgamento de Yahweh, que veio sob a forma do cativeiro babilônico. Esse evento estava agora a meros cinqüenta anos no futuro.

Quanto à importante questão do *Exemplo*, ver o termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Nenhum sucesso pode compensar o fracasso na própria casa. Manassés tinha deixado de inspirar espiritualmente seu filho. O profeta Baha Ullah afirmou que o pior erro que um pai pode cometer é conhecer os ensinamentos, mas não transmiti-los a seu filho. Oh, Senhor! Ajuda-nos a não falhar acerca dessa questão!

O *infeliz Amom* governou somente por dois anos, e foi assassinado (642-640 A. C.). Foi morto com a idade de *vinte e quatro anos!* Sua vida, até onde podemos ver, foi estragada. Por outra parte, há misericórdia e amor até mesmo no *hades*, onde a missão de Cristo operava e continua operando (conforme acredito), e *Amom* provavelmente foi recolhido ao rebanho (conforme acredito). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Descida de Cristo ao Hades*.

21.19

Tinha Amom vinte e dois anos de idade quando começou a reinar. Quando atingiu os vinte e quatro anos de idade, foi assassinado, vítima de seus próprios servos domésticos. Ele, pois, imitou a iniqüidade que seu pai, Manassés, tinha praticado durante muitos e muitos anos. O exemplo foi estabelecido, e ele não estava interessado em agir e ser um homem diferente do que era. O fato de que seu pai, finalmente, se arrependeu, não o interessava nem um pouco. O poder do *mau exemplo*, e sua própria corrupção interior, o destruíram. Sua vida foi dilapidada. Ele agiu mal quando chegou o momento de postar-se no palco da vida. Que dizer sobre a alma dele? (Ver a introdução à presente seção, acima).

Mesulemete. Esse era o nome da mãe de Amom. Ver o artigo sobre ela, no *Dicionário*. Supõe-se que essa mulher não tinha exercido uma boa influência sobre seu filho. E se ela tentou fazê-lo, então fracassou.

"Tendo nascido no ano quarenta e cinco da vida de seu pai, e no trigésimo terceiro ano de seu reinado, Amom reinou por dois anos em Jerusalém, o que, segundo Abarbanel observou, foi o tempo usual que os filhos de reis ímpios reinaram: ver as instâncias dos filhos de Jeroboão, Baasa e Acabe, em I Reis 15.25; 16.8 e 21.15" (John Gill, *in loc.*).

21.20

Por uma questão da natureza humana, *é mais fácil* seguir um caminho fácil do que um difícil. O caminho fácil é repleto de vícios e pecados, e falta-lhe espiritualidade. Isso concorda com a natureza naturalmente corrupta do ser humano. *Amom* seguiu a vereda fácil, que lhe fora demonstrada tão bem pelo ímpio Manassés, seu pai. A vereda mais difícil, seguida por seu pai nos últimos anos de idade, não exerceu nenhuma atração sobre Amom. Assim sendo, quanto ao pouco tempo que lhe restava, ele estava determinado a ser tão mau quanto podia. *Nisso*, pois, ele obteve pleno sucesso.

21.21

Andou em todo o caminho em que andara seu pai. O caminho de Manassés era o do *sincretismo*, a combinação do *yahwismo* com toda espécie de idolatria (ver II Reis 21.3-7). O sincretismo era muito atraente para Amom. E assim, quanto ao pouco tempo que teve, ele se ocupou dessa abominação. O resultado disso foi que, finalmente, Amom abandonou Yahweh completamente. Ao fazer isso, ele estava ajudando a apressar a descida dos babilônios para destruir Jerusalém e deportar os sobreviventes para a Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*. Este estava agora a menos de cinqüenta anos no futuro. Talvez Amom pudesse ter feito algo (espiritualmente falando) para evitar esse temível acontecimento. Mas mesmo que pudesse tê-lo feito, nem ao menos tentou. Ele fracassou.

De todas as palavras tristes, da língua ou da pena,
As mais tristes de todas são estas:
Poderia ter sido.

(John Greenleaf Whittier)

"... em sua maneira ímpia, em sua idolatria, feitiçaria e assassinatos, servindo aos ídolos, que seu pai servia e adorava, ídolos de Baal, Astarte e as hostes do céu; ele serviu às imagens esculpidas, conforme seu pai tinha feito... II Crônicas 33.22" (John Gill, *in loc.*).

21.22

Abandonou ele o Senhor. Manassés, em seus últimos anos de vida, se arrependeu e procurou desfazer alguns dos males que tinha cometido. Mas Amom, seu filho, não teve tempo de desfazer coisa nenhuma. Ele simplesmente terminou abandonando completamente o *yahwismo*, a antiga fé de Israel. Ele ignorou o fato de que os "pais" de Israel e de Judá conservaram a fé. Para ele, nada significavam os nomes divinos Yahweh-Elohim. Ele se esqueceu do Deus eterno e Todo-poderoso. Negligenciou o *caráter distintivo* de Israel (dado através da lei mosaica; ver Deuteronômio 4.4-8). E também não seguiu o exemplo do *rei ideal*, Davi (comentado em I Reis 15.3). Manassés (e presumivelmente Amom) perseguira e matara os que permaneceram leais a Yahweh (II Reis 21.16). Mas o cativeiro babilônico estava aproximando-se rapidamente. A antiga fé sobreviveria na volta do remanescente, depois desse acontecimento. Ver os oráculos pungentes de Sofonias contra a corrupção geral de Jerusalém (ver Sofonias 1.4,5; 3.1-4). Cf. Miquéias 6.10 ss. e 7.2-6.

Fé de nossos pais, que ainda vive!
Apesar de masmorra, fogo e espada.
Oh, como nosso coração bate de alegria,
Sempre que ouvimos essa gloriosa palavra!

(Frederick W. Faber)

21.23,24

Os servos do rei Amom conspiraram contra ele e o mataram. Uma *morte violenta* pôs fim à carreira miserável de Amom. Ele perdeu a vida quando estava com vinte e quatro anos de idade. Seus próprios oficiais, ou querendo uma mudança de reis, ou por causa de ambições políticas quanto a si mesmos, foram os assassinos. Talvez o tivessem matado por causa da confusão em que o reino foi afundado. As coisas tinham ficado intoleráveis. Mas uma rebelião popular contra os assassinos pôs fim a eles, pelo que os homicidas foram mortos (vs. 24). O filho de Amom, *Josias*, tornou-se o rei seguinte, a fim de que a linhagem de Ezequias continuasse em seu neto. Josias era um homem que fazia parte da tradição profética. Cerca de trezentos anos antes dele, seu reino foi previsto. Ver I Reis 13.2.

21.25

Quanto aos demais atos de Amom. O autor registrou aqui a comum *nota de obituário* para Amom, conforme se vê nos comentários sobre I Reis 1.21 e 16.5,6. Quanto ao *Livro da História dos Reis de Israel e Judá*, ver I Reis 14.19.

21.26

Foi ele enterrado na sua sepultura, no jardim de Uzá. Amom também não foi sepultado nas sepulturas dos reis de Judá, mas no jardim de seu palácio real. Ver as notas sobre o vs. 18 quanto a explicações completas sobre essa questão. Os últimos reis de Judá (aqueles que morreram em Jerusalém) foram sepultados em sepulcros privados que lhes pertenciam. Ver também o versículo 18 deste capítulo, e também II Reis 23.30 e 24.6. O lugar de sepultamento estava situado perto dos jardins reais (Ezequiel 43.7). No *Dicionário* há um artigo chamado *Jardim de Uzá*.

Josias. Ele sucedeu a seu pai, Amom, como rei de Judá. Sua história é relatada no trecho de II Reis 22.1-23.30. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*, quanto a detalhes.

Capítulo Vinte e Dois

Fim do Reino de Judá (22.1 – 25.30)

Josias, Rei de Judá (22.1 – 23.30)

"Esta passagem (II Reis 22.1-25.30) (à parte algumas interpolações) assinala o fim da obra do compilador original deuteronômico, que escreveu em cerca de 610 A. C. (ver II Reis 23.25). Josias foi a inspiração do autor sacro, bem como o peso real de seu tema, do começo ao fim, pois com Josias, o grande reformador, são comparados todos os reis, do norte e do sul. Foi ele o rei de Judá que pôs em prática os mandamentos e os estatutos do livro da Lei, que fora achado no templo, e até 610 A. C., o Senhor o recompensou com prosperidade e sucesso" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Apesar dessa maré de bom governo, ainda assim Judá iria para o cativeiro na Babilônia. Após a morte de Josias, esse evento ocorreu, quinze anos mais

tarde. Quanto a completas informações sobre esse acontecimento, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*. Josias foi um dos melhores, se não o melhor, dos reis de Judá, depois de Davi, naturalmente. Paz, prosperidade, reformas e espiritualidade caracterizaram o seu reinado. Ele foi um rei modelar, mas o seu exemplo em nada contribuiria para salvar Jerusalém da calamidade que se aproximava rapidamente. A maior parte de Judá já havia sido deportada, e as cidades tinham sido destruídas (ver II Reis 18.13). A capital, Jerusalém, mediante uma proteção miraculosa (ver II Reis 19.35) tinha sido capaz de resistir à Assíria, mas outro tanto não aconteceu no caso da Babilônia.

Introdução (22.1,2)

O autor sagrado registrou sua notícia usual da subida ao trono de um rei de Judá. Josias e seu bisavô, Ezequias, foram os dois únicos reis do sul a receber aprovação sem nenhuma desqualificação. Mas o seu bom reino foi tardio e curto demais para salvar Jerusalém do desastre. A antiga síndrome do pecado-julgamento-calamidade em breve poria fim ao reino de Judá.

22.1,2

Tinha Josias oito anos de idade quando começou a reinar. Um Josias bem jovem começou a reinar em Judá, porquanto estava apenas com oito anos de idade quando começou. Presumimos que, por algum tempo, ele tenha sido apenas uma figura de adorno no trono, até chegar a uma idade mais apropriada para governar. É certo que ele não governou como co-regente pois até mesmo isso lhe foi impossível, visto que seu pai, Amom, governou apenas por dois anos, e então foi assassinado (ver II Reis 21.23).

Josias governou por trinta e um anos, em sua capital, Jerusalém. Ele seguiu o exemplo do rei ideal, Davi (vs. 2). Embora Davi tenha cometido alguns pecados horrendos, ele não se deixou manchar por qualquer forma de *idolatria*, e essa foi a *vara de medir* que o autor sagrado usou para julgar a espiritualidade dos reis de Israel e de Judá. Quanto a Davi como um *rei ideal*, cujo exemplo era para ser seguido, ver II Reis 15.3. Um rei *ideal* era alguém que obedecia à legislação mosaica, todos os seus mandamentos, ritos e cerimônias (ver Deuteronômio 6.1-9). *Esse tipo de obediência* era o que tornava Israel uma nação *distinta* de outras nações (ver Deuteronômio 4.4-8). "Josias começou bem, continuou bem e terminou bem" (Adam Clarke, *in loc.*).

Cronologia. Josias governou de 640 a 609 A. C., o que significa que após sua morte restavam menos de quinze anos até o cativeiro babilônico. Nínive, capital da Assíria, foi destruída em 612 A. C. pelos babilônios, os quais se tornaram assim senhores daquela região, bem como o novo inimigo de Judá, proveniente do *norte*. O império assírio caiu, de modo absoluto, em 609 A. C.

O trecho de II Crônicas 34.3-7 diz-nos que Josias começou a buscar Yahweh quando tinha dezesseis anos de idade, e começou suas extensas reformas quando estava com vinte anos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Reino de Judá* e *Rei, Realeza*, que fornecem gráficos sobre a cronologia dos reis e provê breves descrições sobre eles.

Jedida. Ela foi a mãe de Josias. Ver o artigo sobre ela, no *Dicionário*.

Descoberta do Livro da Lei (22.3-20)

Durante o processo de reparos que ocorria no templo, o sacerdote Hilquias encontrou um rolo e mostrou-o ao escriba real. O escriba leu o livro e levou-o ao rei. A obra previa todos os terríveis julgamentos pelos quais Judá deveria passar, por causa de sua iniqüidade. Consternado, Josias rasgou as próprias vestes e entrou em período de lamentação. O rei, em conseqüência, consultou o oráculo para confirmar a questão. Foi por isso que a profetisa Hulda foi chamada. Ela disse que a condenação temível era inevitável. Seu oráculo está registrado em II Reis 22.14-20.

O Livro da Lei (vs. 8). Surpreende-nos que a lei (provavelmente dando a entender o núcleo de nosso atual livro de Deuteronômio, embora alguns pensem no Pentateuco inteiro) se tenha *perdido* e houvesse apenas *uma cópia* daquele documento, pelo que a descoberta de um único manuscrito causou tanta agitação. Quão *precária*, do ponto de vista humano, era a preservação daquela parte das Escrituras!

22.3

No décimo oitavo ano do seu reinado. Josias tinha então vinte e seis anos de idade. Foi quando começou a fazer os reparos do templo, seu primeiro passo nas reformas que, afinal, influenciariam todos os aspectos religiosos do reino de Judá. Sua primeira providência foi verificar quanto dinheiro estava guardado no tesouro do templo. Ele começaria usando a *prata* para custear os reparos.

Safá foi o oficial do rei comissionado com a iniciativa de reformar o templo. Para tanto, ele precisou recolher informações sobre o potencial econômico do tesouro do templo. Ver sobre *Safã* no *Dicionário*. Quanto a seu pai, Azalias, e a seu avô, Mesulão, também há artigos a respeito, no *Dicionário*.

Devemos lembrar-nos de que Manassés havia contaminado o templo, por sua variegada idolatria, construção de altares e ídolos (ver II Reis 21.4,5,7,21). Todas essas coisas tiveram de ser removidas do interior do templo. Além disso, podemos imaginar que, de modo geral, o templo tinha entrado em decadência. Safã (talvez seu secretário de estado, acompanhado por outros oficiais; ver II Crônicas 34.8) tomou os passos iniciais para pôr as coisas em boa ordem.

"A narrativa dos reparos do templo sob Josias naturalmente parece-se com o mesmo procedimento, sob Joás (II Reis 12.10 ss.). Desde então, mais de duzentos anos se tinham passado, pelo que o templo inteiro estava mesmo requerendo reparos, para nada dizer sobre as desfigurações que ele havia sofrido às mãos de príncipes pagãos (II Crônicas 34.11)" (Ellicott, *in loc.*).

22.4

Sobe a Hilquias, o sumo sacerdote. Ver sobre *Hilquias*, no *Dicionário*. Ele teria consciência de quanto tesouro o templo tinha para ser usado no custeio das obras de reparação. Uma *oferta especial* fora recolhida entre o povo, com esse propósito; por isso estamos supondo que os tesouros regulares do templo não seriam tocados com o propósito atual. Cf. o procedimento de Joiada, que recolheu dinheiro para fazer reparos no templo. No presente texto não somos informados sobre como as oferendas foram recolhidas. Caixas de coletas, sem dúvida, foram usadas. No primeiro século D. C., havia *treze* caixas coletoras para o recebimento de ofertas de caridade. Estavam espalhadas pelo átrio das mulheres, em lugares conspícuos. Essas caixas eram estreitas no alto e largas no fundo, e, popularmente, eram denominadas "trombetas", por causa de seu formato peculiar.

Os guardas da porta. Essas caixas foram postas na entrada do átrio do templo, e havia guardas encarregados de vigiar as caixas, certificando-se de que o dinheiro seria apropriadamente recolhido. Eram levitas a quem esse dever fora atribuído (ver II Crônicas 34.9). O Targum chama essas caixas de *tesouros* do templo. Os guardas coletavam, guardavam, contavam e protegiam o dinheiro. Também parece que faziam o trabalho de vigilância na entrada do átrio do templo. Eles tinham a guarda dos tesouros gerais do templo como um de seus principais deveres.

22.5

Os *tesoureiros*, ou seja, os levitas encarregados da tarefa de recolher o dinheiro (vs. 4), tinham a responsabilidade de dar o dinheiro aos operários que faziam o trabalho de reparos do templo. Eles eram os responsáveis pelo dinheiro, e esperava-se que fossem honestos. Eles entregavam o dinheiro aos *supervisores*, que, por sua vez, o distribuíam entre os operários. Ninguém fazia a contagem do dinheiro (vs. 7). Todos eles, os tesoureiros e os supervisores, eram homens tão honestos que mereciam total confiança. Eles cumpriam seus deveres sem nenhum lapso. Os nomes dos supervisores são mencionados no trecho paralelo de II Crônicas 34.12.

22.6

Para repararem os estragos da casa. *Os Operários*. A variedade desses operários mencionados alerta-nos para o fato de que grande parte do templo tinha entrado em decadência, e que muitas espécies de artífices habilidosos se faziam necessários para a restauração física do templo. Foi um empreendimento dos maiores. O *templo* tinha sido construído a fim de que o culto a Yahweh pudesse ser *centralizado* em Jerusalém, e para que os santuários locais fossem descontinuados. Essa descontinuação nunca aconteceu, nem mesmo nos melhores tempos. Seja como for, um velho e decrépito templo não servia muito de encorajamento para o povo honrar o conceito do "único templo" como centro do culto religioso. As reformas de Josias, sem dúvida, tinham como um dos seus alvos principais a norma da centralização. Os santuários locais (como os de Betei e Dã, bem como os situados nos lugares altos) sempre tenderam para a idolatria e, quando olhados pelo seu aspecto melhor, competiam com o templo de Jerusalém.

22.7

Não se pediu conta do dinheiro... procediam com fidelidade. Os *supervisores* não foram obrigados a prestar conta do dinheiro que lhes passava pelas mãos. Esperava-se que trabalhassem honestamente, pagassem os salários e não se apropriassem de nenhum fundo para uso pessoal. De fato, manuseavam todo o dinheiro com honestidade absoluta, pelo que foi desnecessária qualquer escrituração mercantil, recibos, ou quaisquer outros meios de garantir que o trabalho tivesse sido feito corretamente. "Eram pessoas de tanta honra e integridade

que sua fidelidade nunca foi posta em dúvida. Eram homens de confiança, sem que suas contas fossem examinadas" (John Gill, *in loc.*). Outro tanto aconteceu nos reparos anteriores do templo. Ver II Reis 12.15 que é essencialmente um trecho igual ao presente versículo.

22.8

Achei o Livro da Lei na casa do Senhor. Durante o processo de reparos do templo deu-se uma fantástica descoberta. Hilquias, o sumo sacerdote, encontrou por acaso uma cópia do *Livro da Lei*. Isso pode ser uma referência ao núcleo do livro de Deuteronômio. Alguns estudiosos, entretanto, pensam que esteja aqui em vista a totalidade do Pentateuco, ou consideráveis partes dele. Alguns limitam o achado aos capítulos 12 a 26 de nosso atual livro de Deuteronômio. Essa porção trata dos deveres essenciais do culto a Yahweh, juntamente com suas aplicações práticas. No extremo oposto, alguns supõem que a parte *original* do Pentateuco tenha sido achada, o que pode estar sendo destacado em II Crônicas 34.14. Mas por certo isso já é um exagero. Seja como for, um importante documento do Antigo Testamento foi encontrado, o qual orientaria as reformas religiosas de Josias.

Alguns intérpretes supõem que o sumo sacerdote tenha dramatizado o livro encontrado. Ele saberia muito bem onde o "livro" estava, e apresentou-o no tempo apropriado, a fim de ajudar nas reformas. "Nunca se saberá se Hilquias realmente *achou* o rolo, ou se ele sabia perfeitamente bem onde ele estava" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Seja como for, o rolo tornou-se uma chave importante para a reforma.

Este versículo nos toma de surpresa. Subentende a natureza *precária* da preservação das Escrituras que existiam até aquele tempo. Poderia mesmo haver apenas *uma* cópia, e até essa ter ficado *perdida* por tantos séculos? John Gill (*in loc.*) supunha que essa tinha sido a cópia oficial do templo, mas outras cópias estivessem disponíveis, talvez em mãos de particulares. Mas o texto não dá a entender tal coisa. Jarchi supunha que a cópia tivesse sido encontrada em um buraco feito na parede, e os operários, ao fazerem os reparos, descobriram o rolo. Talvez Manassés tivesse destruído todas as cópias das Escrituras que pôde achar, e algum sacerdote escondeu uma única cópia em um buraco na parede do templo.

22.9

Então o escrivão Safã veio ter com o rei. A tarefa de recolher o dinheiro foi realizada fielmente. Nenhuma prestação de conta foi requerida (vs. 7), mas Safã, o escriba (secretário de Estado), que tivera a tarefa de verificar a questão das finanças, para custear as reformas do templo (vs. 3), trouxe um relatório exato sobre o dinheiro disponível. Os levitas, responsáveis por recolher o dinheiro (vs. 4), tinham feito um bom trabalho de coleta. Eles também haviam entregado o dinheiro nas mãos dos supervisores (vs. 5), os quais, por sua vez, haveriam de pagar os salários dos diversos operários (vs. 5). O programa de reformas do templo, portanto, teve um bom começo. Safã tinha lido o livro que fora descoberto (vs. 8), e essa questão também fez parte do seu relatório.

O dinheiro que se achou na casa, ou seja, no templo (vs. 5). A Septuaginta, a Vulgata Latina e as versões árabes adicionam a essas palavras a expressão "do Senhor". Historicamente isso está correto, embora não faça parte integral do presente versículo.

22.10

O sacerdote Hilquias me entregou um livro. E Safã o leu diante do rei. Hilquias, sem dúvida, tinha sugerido que o livro fosse lido aos ouvidos do rei, e foi isso que Safã fez. Este versículo quase certamente indica que o "livro" foi uma parte do Pentateuco ou do Deuteronômio, e não o todo de algum livro. Ver os comentários sobre o oitavo versículo. Ou então, conforme poderíamos supor, o suficiente para mostrar que os reis de Judá (para nada dizermos sobre os reis de Israel) não tinham obedecido à palavra de Yahweh, e o julgamento seria, inevitavelmente, resultado dessa desobediência (vs. 13).

Este versículo brinda-nos ainda com *outra surpresa*. Temos de supor que o rei de Judá não era versado na lei mosaica. Ele deve ter sido essencialmente ignorante das Escrituras, que haviam sido escritas até o seu tempo. Essa ignorância nos deixa admirados. Nossa primeira surpresa é que as Escrituras tivessem sido tão precariamente preservadas, havendo tão poucas cópias delas (vs. 8). É evidente que os sacerdotes não tinham feito um bom trabalho de ensinar a lei ao povo, e até à família real. Se o tivessem feito, Josias não teria ficado chocado com coisa alguma que Safã lesse. Ele teria conhecido "tudo aquilo" há muito tempo. O ensino fora negligenciado, algo muito estranho para aquela casta cuja tarefa específica era certificar-se de que o povo em geral conhecesse a lei. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Ensino*. Ensine ou pereça. Note-se a importância dos livros no ensino.

O mestre efetua a eternidade.
Ele nunca pode saber onde sua influência parará.

(Henry Adams)

Todos os livros que eu li
me transformaram — um pouco.

(John Updike)

22.11

Tendo o rei ouvido as palavras... rasgou as suas vestes. Josias ficou muito emocionado diante do que ouviu. Ele compreendeu imediatamente que os reis, grosso modo, não tinham obedecido aos mandamentos contidos nos livros sagrados. Ele antecipou o julgamento divino contra o povo negligente (vs. 13), e o cativeiro babilônico seria uma ofuscante ilustração do que acontecia a um povo desobediente. Ver as instruções em Deuteronômio 17.18,19. O rei era obrigado a conhecer e seguir a lei, e receber instruções especiais a respeito dela. O rei precisava ler *diariamente* a lei, e guardar todos os seus preceitos. O rei Josias, na ocasião, estava com vinte e seis anos, e é evidente que nunca seguira as instruções bíblicas dadas. Talvez houvesse apenas fragmentos da lei em disponibilidade, e mesmo esses fragmentos tinham sido negligenciados. Seja como for, o rei Josias ficou consternado e rasgou suas vestimentas. Quanto ao modo e ao significado desse costume, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vestimentas, Rasgar das*. Cf. Gênesis 37.29,34; Josué 7.6; II Reis 5.7; 6.30; 11.14; 19.1; Ester 4.1; Jó 1.20; 2.12. O rei também *chorou*, conforme somos informados no versículo 19 deste mesmo capítulo.

Quanto a comentários sobre o tema, *a redescoberta da Bíblia*, ver o vs. 12, último parágrafo.

E o que de minha parte ouviste,
através de muitas testemunhas,
isso mesmo transmite a homens
fiéis e também idôneos para instruir outros.

(II Timóteo 2.2)

O *pior erro* que um homem pode cometer é conhecer os ensinamentos, mas não ensiná-los a seu filho (conforme dito pelo profeta Baha Ullah).

22.12

Ordenou o rei a Hilquias, o sacerdote. *Uma Delegação*. Vários homens importantes de Judá foram enviados para obterem um oráculo da parte de Yahweh, através de Sua profetisa Hulda (vs. 14). O fato de que o rei sentiu ser necessário enviar uma delegação oficial para inquirir sobre a questão mostra a grande importância que o Livro da Lei teve para ele. Estou calculando que, intuitivamente, ele *reconheceu* (ou foi iluminado para reconhecer) que a questão era crítica. O julgamento em *breve* cairia sobre o negligente e iníquo povo de Judá, tal como havia acontecido com Israel. Os babilônios, dentro de trinta anos, destruiriam Jerusalém e deportariam os sobreviventes para o norte.

Quanto ao que se sabe a respeito da delegação, ver os artigos sobre cada um desses nomes, no *Dicionário*. Os membros da delegação eram auxiliares próximos do rei, homens importantes. A questão era *urgente*.

Servo do rei. Esse termo é aplicado a *Asaías*. Ele foi um oficial de considerável posição, conforme o demonstra uma inscrição encontrada em Tell en-Nasbeh. Quanto à inscrição "a Yaázanyahu", cf. II Reis 25.23; Jeremias 40.8. O homem pode ter sido Gedalias, um general do exército, mencionado naquelas referências. Ou pode ter sido o "capitão" citado em II Reis 7.2 e 9.25.

A Redescoberta da Bíblia. Quando a Bíblia é redescoberta por um indivíduo ou por uma nação, as coisas mudam. O divino entra no humano. Coisas inesperadas acontecem. Essa é uma das lições do texto que temos à frente. A grande reforma de Josias foi edificada sobre a redescoberta de uma porção da Bíblia. Tinha sido um *livro perdido*, e as coisas estavam ficando cada vez piores. As nuvens da tempestade estavam juntando-se. Periodicamente a Bíblia tem sido redescoberta, como se deu no caso de Wydcliff (a Bíblia inglesa) e de Lutero (a Bíblia alemã), ou mesmo no decreto do papa Paulo VI, que encorajou os católicos romanos a ler a Bíblia, revertendo assim a norma da Igreja Católica Romana, que antes até queimou muitas Bíblias e dizia que a leitura das Escrituras deveria ser vedada aos leigos.

22.13

Grande é o furor do Senhor, que se acendeu contra nós. A *leitura da Bíblia* deixou claro para Josias que os reis de Judá não tinham obedecido ade-

quadamente à legislação mosaica, e, por causa disso, estavam sujeitos à ira do Senhor. Em vista disso, ele queria receber as instruções de um oráculo, para certificar-se de que estava compreendendo bem as coisas, e para obter conselhos sobre como proceder. O trecho de Deuteronômio 28.36 contém uma predição acerca do cativeiro babilônico; e, visto que essa era uma ameaça nos dias do reino de Judá, parecia natural que essa seria uma manifestação específica da ira de Yahweh. Poderia o rei Josias fazer alguma coisa para impedir isso?

22.14

A profetisa Hulda. Ver sobre ela no *Dicionário*. Era *profetisa* do Senhor (ver a respeito no *Dicionário*). Tanto Jeremias (Jeremias 1.2) quanto Sofonias (Sofonias 1.1) foram contemporâneos do rei Josias, e sem dúvida estavam disponíveis para consulta. Por outro lado, provavelmente Hulda foi lembrada pois tinha grande reputação de exatidão e discernimento espiritual. Talvez houvesse outras razões para sua escolha, que podemos apenas imaginar. O texto sagrado deixa a questão inexplicada. Hulda era esposa de *Salum* (ver sobre ele no *Dicionário*), que estava encarregado do guarda-roupa dos sacerdotes e do rei. Ela vivia em Jerusalém, no *segundo distrito* (a parte mais baixa da cidade). Sua disponibilidade pode ter sido a principal razão pela qual ela foi escolhida. Ela estava *ali mesmo,* fácil de ser encontrada.

Uma Questão Lendária. Suidas assevera que Hulda foi a primeira das sibilas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Sibilinos, Oráculos.* Parece haver uma referência específica a Hulda e suas habilidades proféticas, em Pausanius (*Phocica,* sive. 1.10, par. 631). E, nesse caso, sua reputação se espalhara por muitos lugares.

22.15

Ela lhes disse. Os enviados entraram em contato com Hulda, a qual concordou em dar o oráculo. Talvez ela tivesse entrado em um estado de transe, ou em algum tipo de estado alterado da consciência, o que é comum nas declarações proféticas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Transe.* Sem importar qual tenha sido o seu *modus operandi,* ele foi eficaz. Na sociedade dos hebreus, o rei não era considerado divino, como em algumas outras culturas. Portanto, um profeta estaria mais próximo de Deus do que um rei normalmente estaria. Além disso, um profeta (ou profetisa) tinha a liberdade de falar qualquer mensagem que recebesse, sem temer ser censurado. Hulda chamou o rei de "homem que vos enviou a mim", e não exibiu nenhuma deferência especial quanto ao "primeiro homem" do reino. Ela não se humilhou porque o rei mandara consultá-la. Ela simplesmente proferiu o seu oráculo. Para ela, o rei era apenas um homem comum. "Dizei ao homem", pois, parece ser uma maneira um tanto rude de mandar um recado ao rei. Mas quando lembramos que ela falava não de si mesma, mas em lugar de Yahweh, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, então entendemos a sua atitude" (John Gill, *in loc.*).

22.16

Todas as palavras do livro que leu o rei de Judá. Tudo aconteceria conforme fora predito, e pelas razões enumeradas no livro. A síndrome do pecado-julgamento-calamidade operaria uma vez mais. Haveria uma temível punição, enviada por Yahweh, contra os iníquos habitantes de Judá. Passagens como o capítulo 26 de Levítico ou 28 de Deuteronômio, com as maldições ali proferidas, eram palavras conspícuas do livro, ou o livro continha coisas similares a elas. Cf. II Crônicas 32.24.

"Deus enviaria desastre contra Jerusalém e o povo de Judá, conforme Ele tinha advertido na lei de Moisés" (Thomas L. Constable, *in loc.*). O desastre, como é óbvio, seria o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*).

22.17

Visto que me deixaram, e queimaram incenso a outros deuses. *As Causas da Destruição de Judá.* A *idolatria* era a causa principal. Mas também devemos lembrar os falsos cultos, que trouxeram toda espécie de pecados e crimes, como os sacrifícios humanos, o demonismo, a necromancia etc. Ver sobre os crimes de Manassés, em II Reis 21.6,7. Acima de tudo, qualquer forma de idolatria anulava o *yahwismo,* a fé tradicional de Israel e de Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria,* quanto a detalhes.

Queimaram incenso. O termo hebraico assim traduzido naquele período apontava consistentemente para a idéia de "sacrifício". Somente mais tarde (após o cativeiro), essa palavra hebraica adquiriu o sentido de queimar incenso. A *ira de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*) foi provada pela apostasia e pelo ecletismo dos reis, os quais arrastaram o povo de Judá para os pecados deles. Cf. o vs. 13. A profetisa falou tal e qual o livro. Cf. I Reis 16.7 e também Isaías 44.9-17. "... a ira de Deus se tinha acendido, e não se apagaria. Foi uma mensagem terrível" (Adam Clarke, *in loc.*). "A ira de Deus era um emblema do fogo inextinguível do inferno; ver Mateus 3.12 e Marcos 9.48" (John Gill, *in loc.*).

22.18,19

O teu coração se enterneceu. Os idólatras tinham endurecido o coração contra Yahweh e o culto a Ele. Josias, em contraste, teve seu coração amolecido e sensibilizados, diante das palavras do livro da lei, e ele acolhia naturalmente as realidades espirituais. O *coração* fala do homem essencial, em contraste com o cérebro e o corpo, e talvez envolvesse algo da *alma,* em harmonia com a crescente teologia dos hebreus, que tinha tomado dimensões próprias do outro mundo, pelos tempos de Josias.

Quanto a "enterneceu", ver I Crônicas 29.1 e Deuteronômio 20.8. Quanto a "humilhou", ver I Reis 21.27 ss. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Humildade.* Em sua consternação, Josias rasgou suas roupas e *chorou* (o que é adicionado aqui ao que já fora dito no vs. 11, onde o leitor deverá examinar as notas expositivas). Temos aqui o importante ensino de que a consternação de um homem, no tocante ao pecado, e sua sensibilidade para com as questões espirituais tocam no coração de Yahweh e levan-No a agir de modo diferente do que faria diante de outro homem. Isso é uma expressão do *teísmo* (ver no *Dicionário*), e não do *deísmo* (ver também no *Dicionário*). O poder criador não abandonou Sua criação, mas está presente para punir ou recompensar, e para intervir, sempre que for aconselhável e necessário.

Também eu te ouvi. *Palavras Bondosas para Josias.* O *homem* do vs. 15 agora torna-se o *rei,* porquanto Hulda sabia, mesmo sem que isso lhe tivesse sido dito, quem era o homem que tinha mandado fazer a inquirição. Josias não era um rei comum. Ele não era iníquo como outros reis tinham sido, pelo que receberia um tratamento especial. Yahweh-Elohim, o Deus eterno e Todo-poderoso, era o doador da mensagem, bem como o poder divino que imporia o julgamento contra Judá, mas também teria misericórdia de Josias, por causa de sua espiritualidade superior. Josias mostrara-se sensível para com a Palavra de Deus; ele fizera sua inquirição em meio à humildade; ele temia Deus, o que é o princípio da sabedoria.

O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria.

(Salmo 111.10)

22.20

Tu serás recolhido em paz à tua sepultura. *A Recompensa de Josias.* As horrendas profecias de destruição, que se cumpririam através do cativeiro babilônico, não ocorreriam no tempo de Josias. Esse homem poderia continuar sua missão de reformas sem nenhuma interferência da parte do poder da Babilônia. Ele teria uma morte pacífica e natural. Essa seria a sua recompensa. Por outra parte, as profecias não estavam anuladas no tocante a Judá e Jerusalém. Cf. II Reis 20.19, onde vemos que *Ezequias* ficou feliz porque as profecias não se cumpririam em *seus dias.*

"... ele morreria em paz espiritual e entraria na paz eterna, que é o dom do homem perfeito e reto... Salmo 37.37" (John Gill, *in loc.*).

Sepultura. Muitos manuscritos hebraicos dizem aqui "sepulturas", provavelmente uma referência aos *sepultamentos* que ocorreram no *jardim de Uzá,* onde os últimos reis de Judá foram sepultados, em vez de terem sido sepultados nos sepulcros dos reis. Ver II Reis 21.18 e 26 e o artigo sobre aquele jardim, no *Dicionário.*

A morte de Josias ocorreu em 609 A. C., somente quatro anos antes do primeiro ataque de Nabucodonosor contra Jerusalém. Em 597 A. C. o cativeiro de Judá estava completo.

Notemos que Josias foi morto em batalha (ver II Reis 23.29). Portanto, como pode ter sido dito que ele morreu em paz? A explicação dada por alguns estudiosos a essa contradição é que o ferido Josias foi trazido para Jerusalém, e morreu *ali,* em paz. Mas essa tola explicação dificilmente pode esclarecer o caso. A questão sem dúvida envolve uma contradição. Mas essas coisas nada têm a ver com a fé espiritual. É inútil buscar perfeição nas narrativas bíblicas, e nem essa perfeição é necessária, de acordo com qualquer sã teoria de inspiração. O oráculo de Hulda, pois, não precisava ser *perfeito.* As profecias às vezes se cumprem parcialmente, e de outras vezes fracassam completamente (ver I Coríntios 13.8,9).

Capítulo Vinte e Três

Um Novo Pacto Firmado para Confirmar o Pacto Mosaico (23.1-3)

Josias ficou muito emocionado pela mensagem do livro que fora encontrado no templo, quando este estava em processo de reparos (ver II Reis 22.8,11). O

oráculo de Hulda confirmou a mensagem de ira divina que dizia que Judá e Jerusalém sofreriam um terrível julgamento. Josias humilhou-se e rasgou suas vestes; chorou diante de Yahweh e foi *recompensado.* A sua recompensa seria não viver para ver o cativeiro babilónico (ver II Reis 22.19). Portanto, Josias teve permissão de continuar agindo em paz e efetuar suas reformas religiosas, e assim se tornou um dos maiores reis de Judá, do ponto de vista espiritual. Ele já havia reparado a maior parte do templo (ver II Reis 12.4 ss.). Agora ele tomava providências para estabelecer um novo pacto que confirmasse o pacto *mosaico* (ver sobre esse pacto na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo). Era essencial que todas as leis, ritos e costumes do *yahwismo* fossem rigidamente observados. A essência moral desse pacto eram os *Dez Mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*). Josias desejava voltar aos caminhos antigos, e seu novo pacto com o povo convidava todos os habitantes do reino a fazer esse retorno juntamente com ele.

23.1,2

E todos os anciãos de Judá e de Jerusalém se ajuntaram a ele. Para o *estabelecimento do novo pacto,* Josias precisava da aprovação e cooperação dos *anciãos,* representantes do povo, chefes de tribos, cabeças de famílias e principais oficiais. Primeiramente ele conseguiu a cooperação deles. Homens vieram do território inteiro de Judá e de Jerusalém, a fim de efetuarem uma assembléia solene. Profetas e sacerdotes estavam presentes, incluindo Jeremias e Sofonias e, muito provavelmente, a profetisa Hulda (vs. 2). O povo comum também se reuniu, pelo que uma grande assembléia ocorreu. Foi lido o *livro* que tinha sido encontrado no templo (ver II Reis 22.8). Assim, todo o povo de Judá tomou consciência das temíveis profecias que ameaçavam pôr fim ao próprio reino de Judá.

Quanto ao que se pode especular sobre a natureza do livro da lei, ver as notas em II Reis 22.8. A leitura do livro da lei convenceria qualquer homem espiritual e pensante que uma renovação do pacto mosaico, mediante o estabelecimento de uma nova aliança, era *urgente.* Que Hulda, a profetisa, tinha confirmado as ameaçadoras profecias, deveria ser fato amplamente conhecido (ver II Reis 22.14 ss., quanto à história). Cf. II Crônicas 34.30, onde a participação dos *levitas* na assembléia é mencionada. A carta sacerdotal teve uma função especial na cerimônia. O Targum sobre a passagem menciona especificamente os *escribas* e a participação deles. Foi, verdadeiramente, um *ato nacional.*

23.3

O rei se pôs em pé junto à coluna. Evidentemente, esse era o lugar regular e apropriado para ele pôr-se de pé, quando adorava no templo. Cf. II Reis 11.14, onde apresentei as notas expositivas sobre a questão. O rei estava presente para levar o povo a rededicar-se à legislação mosaica. Ver Deuteronômio 6.1-9, que é o paralelo da presente passagem, em sua *essência espiritual,* e pode ter sido a passagem lida na assembléia, extraída do livro da lei. Todo o povo de Judá uniu-se nesse pacto. Eles seguiram a boa orientação imprimida por Josias. Ele deu o exemplo, e liderou o povo, com bons resultados.

O original hebraico literal aqui é "firmou-se sobre a aliança", traduzido pela *Revised Standard Version* por "juntou-se na aliança". Algum tipo de cerimônia foi realizado, através do qual o povo se comprometeu a seguir o pacto. Talvez tivesse havido a cerimônia de passar pelas duas metades de um animal morto (sacrificado), que simbolizava o intuito de ambas as partes (que firmavam a aliança), cumprirem suas condições. Ver a história em Gênesis 15.9-11 quanto a detalhes sobre esse rito. A palavra original traduzida por "firmou-se" pode ser uma referência a "pôr-se de pé" entre as duas metades do animal sacrificado. Dictys Cretensis (*De Bello Trojano,* I.15) descreveu atos similares que confirmavam alianças na antiga Grécia. Pausanias (*Descriptions of Greece,* III) também fala dessa forma de estabelecimento de pactos, mas dessa vez acerca dos litigantes de Helena, que deveriam defender sua causa contra os gregos. Ver Jeremias 34.18, onde temos outra referência a esse mesmo tipo de cerimônia. Jeremias era contemporâneo de Josias, pelo que isso poderia indicar que, na ocasião do novo pacto, alguma cerimônia como essa tenha sido efetuada.

O *rei Josias* foi o mediador do pacto, através da leitura do livro da lei que fora encontrado. Essa tarefa não foi entregue ao sumo sacerdote, à casta sacerdotal, nem a algum profeta. Josias tinha a autoridade espiritual necessária para ocupar-se dessa função.

A Reforma Geral do Culto (23.4-14)

As reformas de Ezequias, embora longamente registradas pelo autor sacro de I e II Reis, não perduraram. Seu filho ímpio, Manassés, quase anulou todo o bem feito por Ezequias. E o arrependimento posterior de Manassés não contribuiu quase nada para fazer estancar a maré da corrupção em Judá. Em seguida, subiu ao trono de Judá Amom, que não durou muito, mas fez uma série de coisas prejudiciais no pouco tempo em que governou. Josias, seu filho, foi um dos melhores reis de Judá; ele instituiu um novo pacto (ver II Reis 23.1-3), o qual confirmou, uma vez mais, em Judá, as provisões do pacto mosaico (comentado na introdução ao capítulo 19 do livro de Êxodo).

O texto à nossa frente (vss. 4-14) fala da extensa reforma religiosa imposta por Josias. Entretanto, até mesmo essa reforma não impediu o cativeiro babilônico, por ser muito tardia e muito pequena, e agora o cativeiro babilônico estava apenas a vinte anos no futuro. Josias reinou entre 640 e 609 A. C., e o cativeiro babilônico ocorreu em 597 A. C. O verdadeiro trabalho de reparos no templo só começou quando Josias estava em seu décimo oitavo ano de governo (621 A. C.). A partir daí, houve reformas que varreram todo culto idólatra, primeiramente no templo, e depois nos lugares altos e nos santuários locais. Josias fez, realmente, uma "limpeza da casa". Ele limpou as coisas, mas não tinha o poder de mudar o *coração* da população em geral de Judá, que tanto se apegava a seus caminhos desviados. As corrupções, embora suprimidas, continuavam abrigando-se no coração e na mente daqueles que tinham criado as expressões externas de idolatria.

Isso nos ensina uma lição: Nenhuma reforma pode ser bem-sucedida se não tratar da fonte da perversão — *o coração humano.* "Nenhuma reforma que dependa exclusivamente da supressão, ou de meios negativos, ou da mão pesada da lei, pode durar por muito tempo" (Raymond Calking, *in loc.*).

23.4

Que tirassem do templo do Senhor todos os utensílios que se fizeram para Baal. *Purificando Primeiramente o Templo.* Ficamos admirados por ver que, a despeito de tudo quanto Ezequias tinha feito (ver II Reis 18.4 ss.), por causa do poder de Manassés em favor do mal (ver II Reis 21.2 ss.), a idolatria tinha retornado não somente aos lugares altos e aos santuários locais, mas ao próprio templo. Portanto, foi mister que Josias ordenasse que o sumo sacerdote e os sacerdotes limpassem o templo de Jerusalém. As imagens foram removidas e queimadas nos campos de Cedrom. Josias ordenou que o sumo sacerdote Hilquias e os sacerdotes da segunda ordem encabeçassem essa operação de limpeza. Está em pauta o segundo curso dos sacerdotes, o de Jedaías (ver I Crônicas 24.7). Mas alguns estudiosos fazem desses sacerdotes um singular "segundo sacerdote", ou "dois sacerdotes" que só perdiam em autoridade para o sumo sacerdote, provavelmente das linhagens de Eleazar e Itamar. O Targum diz "sacerdote deputado", ou seja, o principal auxiliar do sumo sacerdote. Além desses, os guardas da porta, os levitas, aqueles que estavam encarregados de proteger o templo, de manter suas entradas e seu funcionamento em boa ordem, também foram postos a trabalhar. Foi assim que as imagens de Baal foram retiradas, como também o foram os postes-ídolos (ver I Reis 14.15). Divindades astrológicas também estão em vista (ver II Reis 21.3-5). A queima dessas imagens foi efetuada no vale de Cedrom, a leste de Jerusalém. Todos os vasos ou implementos da idolatria também foram destruídos.

E levou as cinzas deles para Betei. Um santuário local idólatra tinha sido estabelecido nessa cidade, que desafiava a centralização da adoração em Jerusalém. As cinzas dos ídolos queimados ali foram levadas para Betel, a fim de contaminar cerimonialmente o lugar. Fora ali que Jeroboão I tinha estabelecido seu tipo especial de idolatria: a adoração ao bezerro de ouro. Ver I Reis 12.28 ss., quanto a detalhes sobre o "pecado de Jeroboão".

23.5

Também destituiu os sacerdotes. No hebraico, a palavra aqui usada para "sacerdotes" é *kemarim,* termo usado somente em Oséias 10.5 e Sofonias 1.4. A idéia por trás desse vocábulo é a de um sacerdote que se *prostra* defronte de um ídolo. O autor sagrado falava aqui de um puro paganismo, que afastou o povo de Judá para longe do *yahwismo.* Josias, pois, removeu todos esses corruptores da fé e da moral. O verbo "destituiu", aqui usado, significa "depôs", mas é provável que a "execução" deles esteja em pauta. Este versículo expressa novamente uma generalizada e variegada idolatria praticada no templo de Jerusalém e também nos santuários locais, especialmente aqueles dos *lugares altos* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ver também aii o verbete intitulado *Idolatria.* Essa prática violava o primeiro e o segundo mandamentos. Ver sobre os *Dez Mandamentos* no *Dicionário.* A punição capital era ordenada aos idólatras.

Os que incensavam. Deveríamos entender aqui por "ofereciam sacrifícios". Somente em tempos posteriores, a palavra hebraica em questão veio a significar "queimar incenso".

Baal. A principal divindade daquela época, para os pagãos que habitavam nas regiões adjacentes a Israel, o deus-sol, mas adorado sob muitas formas em inúmeros santuários locais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Baal (Baalismo).*

Planetas. A palavra aqui é *mazzaloth,* tomada por empréstimo do assírio. Os planetas, conforme os conhecemos, provavelmente não estão em vista. A tradução da *Revised Standard Version,* "constelações", está mais próxima da realida-

de. A palavra siríaca refere-se aos signos do *zodíaco*. Provavelmente estão em foco as *trinta e seis estrelas* que governavam o ano, de acordo com a astrologia dos assírios, e que incluíam os nossos planetas. Três estrelas eram alocadas para cada mês do ano. O autor sagrado, pois, estava descrevendo uma *elaborada* idolatria astrológica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astrologia*. Os homens costumam olhar para poderes *fora de si mesmos*, a fim de adorá-los, crendo que eles teriam, supostamente, o poder de controlar e beneficiar sua vida. Alguns homens encontram tais poderes nos céus, entre as estrelas.

23.6

O poste-ídolo. Ver as notas expositivas sobre I Reis 14.15. Esse item de idolatria havia sido implantado no próprio templo de Jerusalém, um insulto final contra Moisés e sua legislação. "O rei removeu o poste-ídolo do templo (ver II Reis 21.7), queimou-o no vale de Cedrom (ver II Reis 23.4) e espalhou suas cinzas (cf. o vs. 4) sobre os sepulcros das pessoas comuns idólatras" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Esse ato indicava o desprezo e a contaminação dos sepulcros dos idólatras. Ver II Reis 21.3,7 sobre como Manassés estabeleceu esse tipo de idolatria e então removeu-o quando se arrependeu (ver II Crônicas 33.15). É provável que seu filho, Amom, o tenha instituído de novo (ver II Reis 21.21).

Sobre as sepulturas do povo. "Os ricos eram sepultados em cavernas escavadas nas faldas das colinas; mas os *pobres* eram sepultados em sepulcros comuns, em grandes sepulturas feitas no chão (ver Jeremias 26.23). O contato com as sepulturas comuns destruiria qualquer santidade que ainda estivesse apegada aos restos contaminados dos ídolos. Os objetos sagrados (naquele período) eram considerados santos, embora fossem usados nos cultos idólatras. Portanto, uma contaminação definitiva tornava-se necessária a fim de impedir que fossem considerados santos" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Cf. II Crônicas 34.4.

23.7

Derribou as casas da prostituição-cultual. A referência aqui é aos prostitutos do sexo masculino, ou prostitutos cultuais. Estão em foco aqueles que serviam nos templos e se prostituíam a fim de honrar e trazer dinheiro ao culto que praticavam. Havia prostitutos e prostitutas cultuais que participavam de tais deboches. Esses prostitutos religiosos profissionais eram comuns nos templos que honravam os deuses e as deusas da fertilidade, embora a prática envolvesse outros deuses, e não somente os deuses da fertilidade. Os prostitutos (cultuais ou outros) eram proibidos pela legislação mosaica (ver Deuteronômio 23.17). Cf. I Reis 14.12; 14.24 e 22.46. "Esta passagem mostra-nos que a adoração à natureza, dos cananeus, que praticava as piores infâmias, tinha sido estabelecida no próprio santuário de Yahweh" (Ellicott, *in loc.*).

Em I Reis 14.24 e suas notas expositivas, dou informações mais detalhadas acerca da "prostituição cultual".

Teciam tendas. A palavra hebraica por trás de "tendas" significa "casas" na maioria dos contextos. Provavelmente estão em vista aquelas tendas, ou áreas fechadas, que tinham cortinas ou "paredes". Essas tendas eram levantadas em redor dos santuários, sem que se precisasse construir edifícios ou templos mais caros e elaborados. Ver Amós 5.26. Cf. Ezequiel 16.16 e a versão da Septuaginta em Amós 2.8, que diz: "E amarrando suas roupas com cordas, eles fizeram tendas perto do altar". Era assim que eles faziam roupas especiais para seus ritos, e realizavam seus deboches em seus templos-tendas.

23.8

A todos os sacerdotes trouxe das cidades de Judá, e profanou os altos. *A reforma* ampliou-se por todas as cidades de Judá. Josias limpou da idolatria todo o país, e não meramente a capital.

De Geba até Berseba. Ou seja, da fronteira norte de Judá à fronteira sul. As reformas de Josias ampliaram-se por todo o território de Judá. Cf. "de Dã a Berseba", as fronteiras norte e sul da nação inteira de Israel (ver as notas em I Samuel 3.20). Os santuários locais, especialmente aqueles localizados nos lugares altos, foram destruídos, como tinha acontecido em Jerusalém e suas cercanias.

Os altares das portas. Com uma leve correção da palavra hebraica assim traduzida, obtemos "sátiros" ou "bodes". Se isso está correto, então está em pauta outra forma de idolatria que Josias eliminou. A referência parece ser aos "peludos", ou *bodes-demônios*, uma antiga idolatria que aparentemente sobreviveu até o tempo dos reis de Judá. Ver Levítico 17.7 e II Crônicas 11.15.

Porta de Josué, governador da cidade. Esse homem era o governador de Jerusalém, no começo do reinado de Josias. Um dos portões da cidade, pois, foi batizado com base no nome desse homem. Um ponto de idolatria tinha sido estabelecido no lado esquerdo desse portão, quando a pessoa entrava na cidade. Esse ponto idólatra não foi poupado.

23.9

Os sacerdotes dos altos não sacrificavam sobre o altar do Senhor. *Falhou a Centralização da Adoração em Jerusalém.* Apesar dos ingentes esforços de Josias, o culto "lá fora" não morreu. Os santuários locais e os cultos permaneceram. Não temos certeza se, nesse tempo, os santuários persistiram, mas é claro que os cultos sobreviveram. Havia levitas que conduziam seus próprios ritos, separados dos de Jerusalém. Os levitas que viviam no interior do país teriam direitos em Jerusalém (ver Deuteronômio 18.6-8), mas não é certo que os sacerdotes dos cultos na capital permitissem participação daqueles levitas. Talvez fossem considerados corruptos por suas práticas anteriores.

Comiam pães asmos no meio de seus irmãos. Isto é, continuavam a dirigir um culto sagrado e recebiam oferendas do povo, mediante as quais eram capazes de viver (ver Levítico 2.1-11; 6.16-18; 10.12). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pães Asmos*.

Os sacerdotes que operavam no interior do país, embora rejeitados por aqueles que operavam na capital, por causa da participação deles nos cultos dos lugares altos, ainda assim recebiam apoio das ofertas e, ao que parece, continuavam a praticar os ritos sagrados, distantes de Jerusalém. Esses levitas que tinham conduzido ritos pagãos agora estavam "desempregados", porquanto Josias tinha destruído seus santuários. E também não eram bem recebidos em Jerusalém. Sem dúvida, continuaram a agir como sempre, isolados dos demais.

23.10

Também profanou Tofete, que está no vale dos filhos de Hinom. *Eliminando os Sacrifícios Humanos.* Manassés, aquele homem abominável, adicionou sacrifícios humanos, em cópia às formas pagãs de adoração, às suas muitas formas de idolatria, e até fez um de seus próprios filhos "passar pelo fogo" (ver II Reis 21.6). Josias, pois, terminou com essa abominação.

Tofete. Ver o artigo detalhado sobre essa palavra, no *Dicionário*. Tofete era um bosque ou jardim sagrado, pertencente aos cananeus, que, posteriormente, veio a tornar-se um dos grandes centros de adoração a Baal, por parte de judeus apóstatas (ver Jeremias 32.35). Entre as atividades desse culto, parece que estava envolvido o sacrifício ritual de recém-nascidos. A palavra *Tofete* significa "lareira". Está em pauta o vale de Hinom. "A adoração ao deus Moloque (o rei celeste) se tinha espalhado entre os semitas do Oriente, e o sacrifício de crianças era a característica especial e distintiva desse culto. É muito provável que o culto observado em Tofete fosse um sincretismo de Yahweh-Moloque" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Moleque (Moloque)*. Ver também ali o artigo denominado *Hinom, Vale de*.

Os rabinos explicavam que a palavra *Tofete* vem da palavra *toph*. Havia o toque de tambores que acompanhavam os sacrifícios dos infantes; grandes ruídos eram feitos para que os pais não pudessem ouvir os gritos de dor dos infantes, quando o fogo os matava. Com razão, pois, o vale de Hinom tornou-se o símbolo do inferno. É a Geena do Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Geena*.

Meus amigos, deixem-me dizer aqui o que se passa em minha mente. Estremecemos e encolhemo-nos de terror quando lemos o que o presente versículo tem a dizer. Ficamos horrorizados ao saber o que os pais permitiam que acontecesse a seus infantes, sacrificados ali nas chamas em honra a Moleque. E no entanto, em muitas partes da Igreja, ainda se promove a interpretação literal de Deus a queimar pessoas para sempre no inferno. E podemos chamar isso de justo? Ver meu artigo no *Dicionário* intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. O amor de Deus enviou Seu filho ao *hades* para aliviar os sofrimentos ali (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Descida de Cristo ao Hades*). Na verdade, algumas blasfêmias tornaram-se doutrinas padronizadas em alguns segmentos da Igreja cristã. Mas eu não hesito em chamar certos pontos de vista sobre o julgamento apenas de: *blasfêmias*. No inferno, os demônios batem tambores para encobrir os gritos dos condenados?

23.11

Tirou os cavalos que os reis de Judá tinham dedicado ao sol. *Intermináveis Formas de Idolatria.* A presente passagem Cf. Atos 17.16 ss. A fértil imaginação do homem era e continua sendo posta a funcionar, inventando inúmeras formas de idolatria. Meu artigo quanto a esse assunto, no *Dicionário*, ilustra o fato. Uma idéia comum entre os povos semitas orientais era que o deus-sol dirigia sua carruagem de fogo através do céu. O deus solar dirigia sua carruagem alada furiosamente, através do firmamento, para que todos vissem a sua glória. Uma moeda descoberta em Gaza retrata a cena (de cerca de 400 A. C.). Foi assim que

alguma espécie de representação do cavaleiro da carruagem do deus-sol foi posta bem na entrada do templo de Yahweh, sem dúvida uma blasfêmia. Mas alguns intérpretes pensam em termos de cavalos literais, cavalos muito bem criados usados pelo deus-sol e nos cortejos em honra a ele. Jarchi diz-nos que havia um ritual, exercido todos os dias, onde aqueles que adoravam o sol saíam em cavalos para se encontrarem com o sol quando este surgia no horizonte. Mas Adam Clarke (*in loc.*) provavelmente está correto em sua suposição de que estejam em pauta *cavalos esculpidos,* no presente versículo.

Por outra parte, Thomas L. Constable (*in loc.*) opina que cavalos sagrados (literais) eram conservados em estrebarias, no átrio do templo. Josias, pois, queimou as carruagens cerimoniais, usadas nos cortejos e ritos em honra ao deus-sol.

Natã-Meleque. Ao que tudo indica, ele era o líder desse culto pagão particular, pelo que seu nome é mencionado somente aqui em todo o Antigo Testamento. Esse homem teria incorporado a seu nome a designação *Meleque,* a deidade pagã referida no vs. 10.

Outras referências não-bíblicas a essa forma de idolatria: Heródoto, I.189; Xenofonte, *Anab.* iv.5.34; Quintiliano, *Curt.* iii.3,11.

23.12

O rei derribou os altares. Esses altares estavam localizados no teto do próprio local, um lugar natural para a adoração a divindades astrais. Quando a influência assíria se acentuou em Judá, tais altares tornaram-se parte integrante de sua variegada idolatria. Parece que Acaz construiu câmaras no teto, associadas a esses altares, e supomos que sacerdotes e equipamento especial tivessem sido guardados ali. Cf. Sofonias 1.5; Jeremias 19.13 e 32.29. Sem dúvida, Ezequias havia eliminado todas essas estruturas, mas Manassés e Amom as reconstruíram.

Manassés acrescentou mais altares idólatras nos átrios do templo. O contexto do presente versículo alerta-nos para o fato de uma liberdade total dada à idolatria. Talvez em algum lugar na grande *salada* abominável de altares e ídolos, houvessem reservado um lugar para Yahweh, talvez as pessoas até se lembrassem ocasionalmente de Moisés. Ver II Reis 21.5 quanto aos atos de Manassés.

Josias destruiu sistematicamente todos esses ídolos e altares, transformando-os em pó, e lançou todo esse material no ribeiro Cedrom. A expressão aqui usada, "lançou o pó deles no ribeiro Cedrom", pode significar que ele jogou esse pó por sobre a muralha do templo, sobre o ribeiro, lá em baixo. Nenhum remanescente dos cultos pagãos permaneceu para ser usado novamente em algum culto idólatra.

23.13

À mão direita do Monte da Destruição. Isto é, ao oriente da cidade. Naquele local, santuários foram edificados sobre as colinas. O Monte da Destruição refere-se ao monte das Oliveiras. De fato, obtemos a palavra "oliveiras" se emendarmos a palavra hebraica *mishhah* para tornar-se a palavra similar *mashihith.* Aquele lugar vinha sendo usado para a construção de santuários pagãos desde Salomão (I Reis 11.7). "O local particular mencionado ficava no extremo sul da serra comumente identificada com o chamado monte das Ofensas (Jebel Batn 'el-Hawa)" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Astarote, abominação dos sidônios. Ver a respeito dessa deusa no *Dicionário.* Ver também I Reis 11.5,7 quanto a notas expositivas completas sobre os atos de Salomão e as divindades pagãs envolvidas em sua idolatria. Além de destruir todos os artefatos pagãos, altares e ídolos, Josias profanou os lugares de adoração idolátrica (vs. 14), ao pôr ossos humanos ali, o que os tornava imundos. Assim foi que aqueles lugares nunca mais puderam ser usados como sedes de cultos religiosos.

23.14

Encheu ele de ossos humanos. *Profanação.* O ato de colocar ossos humanos nos antigos lugares de santuários não permitia que esses locais fossem novamente empregados como lugares de cultos religiosos. Dessa maneira, Josias limpou as formas idólatras externas, mas não tinha o poder de limpar o coração dos próprios idólatras. A *ira* de Yahweh não foi dissipada pelas reformas, que vieram tarde demais e de forma muito tímida. O cativeiro babilônico em breve haveria de ocorrer (597 A. C.). E esse seria o trabalho de limpeza efetuado por Yahweh.

Os ossos empregados na profanação dos santuários pagãos muito provavelmente eram ossos dos sacerdotes idólatras, que tinham sido sepultados em áreas adjacentes aos santuários. Cf. Números 19.16 e I Reis 13.2.

23.15,16

Também o altar que estava em Betei. *O Clímax da Purificação. Betel* (ver a respeito no *Dicionário*) era um lugar santo antiquíssimo, onde tinham existido santuários através dos séculos. Jeroboão I (cerca de 931 A. C.) corrompeu aquele lugar transformando-o em um centro de adoração ao bezerro, juntamente com outro local, Dã. Quanto ao pecado dele, que foi causa de que Israel inteiro pecasse, ver I Reis 12.28 ss., com notas adicionais em I Reis 15.26 e 16.2. Josias, pois, não se contentou em atacar os santuários pequenos. Ele foi ao principal de todos os lugares santos fora de Jerusalém, Betel. Novamente quebrou imagens e as reduziu a pó. Ele também queimou os bosques que havia nos lugares altos. Em seguida, profanou o lugar, como tinha feito com outros pontos, próximos de Jerusalém, desenterrando ossos de sepulturas e de cavernas, queimando-os sobre o altar e espalhando as cinzas por toda parte (cf. o vs. 14). "Esses ossos, muito provavelmente, pertenciam aos sacerdotes pagãos (cf. I Reis 12.31,32), os quais, devido à reverência pelo altar, tinham sido sepultados próximo dele" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

O homem de Deus, que havia anunciado estas cousas. *A Predição.* Um homem de Deus (um profeta) de Judá havia predito, cerca de trezentos e cinqüenta anos antes, o que iria acontecer em Betei. Nessa predição, o profeta chegara a chamar o rei por seu nome. Ver I Reis 13.2,3 e as notas expositivas ali oferecidas. Naturalmente, os estudiosos liberais pensam que essas predições tenham sido, na realidade, escritas como história, e que o autor já sabia o que tinha acontecido. Ou, pelo menos, que o nome *Josias* foi escrito não como uma previsão, mas com base no conhecimento dos fatos. Mas a experiência nos tem ensinado que a função profética pode ser muito exata e muito surpreendente.

> *Embora os moinhos de Deus moam lentamente,*
> *Moem excessivamente fino.*
>
> (Henry W. Longfellow)

23.17,18

Que monumento é este que vejo? O famoso mas anônimo profeta de Judá, que fizera as maravilhosas predições, foi sepultado sob um monumento construído em sua honra. Josias poderia tomar seus ossos dali e queimá-los juntamente com o resto, pensando que o sepulcro seria de um sacerdote pagão. Mas, ao ser informado de que *aquele* monumento pertencia ao admirável profeta, o rei deu ordens para que deixassem intacto o seu túmulo. Ver o capítulo 13 de I Reis quanto à história.

Outros Ossos. No mesmo túmulo havia os ossos de um profeta mais antigo, de Samaria. Ver I Reis 13.31,32 quanto à história desse outro profeta. Foi assim que a fidelidade dos dois antigos profetas foi honrada mais de trezentos e cinqüenta anos depois. A história do capítulo 13 de I Reis mostra-nos que ambos os homens cometeram seus erros. Eles não eram inocentes de atos estúpidos e tolos. Mas de modo geral, cumpriram seus deveres. Contudo, não se perderam nos anais do tempo. Yahweh lembrou-se deles, e não permitiu que os homens os esquecessem. Esses dois profetas retratam para nós a história da maioria dos homens "bons": mistura de bem e mal; tolices e sabedoria. Mas, em um homem bom, o *propósito divino* cumpre-se, apesar de suas fraquezas e erros. No programa de Deus, homens assim imperfeitos são capazes de vencer, no fim.

23.19

Todos os santuários dos altos, que havia nas cidades de Samaria. *Fora de Seu Próprio Território.* O autor sagrado não nos informa como Josias teve autoridade e capacidade de avançar pelo território da nação do norte, Israel (Samaria), para efetuar ali suas reformas. Por que os assírios (e os povos transplantados, e não israelitas) permitiram-lhe tais atos? O trecho de II Crônicas 34.6 parece dizer que ele levou seu programa de reformas até o antigo território de Naftali. É difícil imaginar que Josias tenha feito isso sem permissão dos assírios; e também é difícil imaginar por que ele recebeu tal permissão, se é que a recebeu. Lembremo-nos que alguns israelitas permaneceram nos antigos territórios da nação do norte, a despeito da deportação, e seus lugares altos, e provavelmente aqueles de povos para ali *importados* foram destruídos. Quanto ao remanescente de Israel que permaneceu na terra após o cativeiro assírio, ver II Crônicas 30.1 e 34.9. Ver também II Reis 17.24-41 quanto à origem dos *samaritanos,* ou seja, o povo misto que veio a ocupar os territórios antes pertencentes a Israel, a nação do norte, após o cativeiro assírio.

É possível que o império assírio não tenha sido tão organizado a ponto de controlar "possessões" distantes, ou talvez estivesse passando por um período de fraqueza política e militar, quando seu fim já se aproximava, impedindo-o de interferir e bloquear as reformas de Josias nos antigos territórios da nação do norte, Israel.

23.20

E matou todos os sacerdotes dos altos, que havia ali. *O Expurgo.* Talvez fosse verdade (conforme dizem alguns intérpretes) que os santuários dos territóri-

os do norte eram controlados por sacerdotes pagãos, e que foram eles que Josias executou (ver I Reis 12.31). Mas é razoável supormos que também houvesse ali sacerdotes israelitas apostatados que não tinham sido deportados e continuavam com suas práticas idólatras. Seja como for, qualquer sacerdote (sem importar de que raça) que o rei Josias apanhasse na área era executado. Em seguida, seus ossos eram queimados sobre os altares pagãos e as cinzas eram espalhadas ao redor para profanar os locais. A profanação por meio de ossos é mencionada por três vezes nesta passagem, vss. 14, 18 e 20. "O costume de queimar ossos de homens mortos sobre um altar tinha como objetivo profanar o local sagrado a fim de torná-lo impróprio para qualquer propósito religioso" (Norman H. Snaith, *in loc.*, comentando sobre I Reis 13.2).

Depois voltou para Jerusalém. Tendo abolido a idolatria, na plena extensão de sua habilidade (no que ele deve ter gasto tempo considerável), o rei retornou a Jerusalém, tendo realizado a sua missão.

Celebração da Páscoa (23.21-23)

Josias, tendo completado a destruição das formas, dos ritos, dos ídolos, dos santuários e dos sacerdotes, voltou a atenção do povo judeu à antiga fé dos hebreus, celebrando então a Páscoa. Ele seguiu os mandamentos de Deuteronômio 16.1-8. O versículo 22 deste capítulo informa-nos que uma celebração apropriada da Páscoa não ocorrera desde o tempo dos Juízes. Essa celebração, que teve lugar em Jerusalém, foi uma afirmação do intuito de *centralizar* a adoração em Jerusalém, a fim de evitar a futura *idolatria* "lá fora", nos santuários locais que provavelmente seriam reabertos no futuro. Podemos ter certeza de que a celebração da Páscoa seguiu as normas mosaicas tradicionais. Nenhuma inovação seria inventada ou permitida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Páscoa,* para detalhes, incluindo a história dessa festividade religiosa. Cf. II Crônicas 35.1-19 quanto a um relato mais detalhado da celebração dirigida por Josias. A festa era uma festividade da colheita da cevada e, tal como todas as festas de colheitas, exigia uma peregrinação a Jerusalém por todos os varões adultos. As outras duas festas que requeriam peregrinações a Jerusalém eram o Pentecostes (festa das Semanas) e os Tabernáculos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Festas (Festividades) dos Judeus,* bem como os artigos em separado sobre essas três principais festas anuais.

Israel tinha seu *centro* de adoração em Jerusalém, o lugar ideal para isso, e as festas anuais que requeriam peregrinações serviam de um vívido lembrete sobre isso.

23.21

Celebrai a páscoa ao Senhor vosso Deus. Ver a introdução a esta seção, anteriormente, quanto à importância daquela festa, conforme foi realizada por Josias como parte de suas reformas. Ver o artigo no *Dicionário* sobre essa festa.

Como está escrito neste livro da aliança. A referência primária é ao livro que fora encontrado no templo, e que servia de guia para a conduta e a adoração. Esse *livro* fazia parte do Pentateuco, embora não possamos determinar a natureza exata dele. Ver as notas sobre o segundo versículo deste capítulo quanto a várias idéias a respeito. Quanto a maiores detalhes sobre esse livro, ver II Reis 22.8. Naturalmente, a referência principal é ao *pacto mosaico,* comentado na introdução ao capítulo 19 do Êxodo. A essência desse pacto era a lei, que faz exigências aos homens e determina toda a conduta deles. O pacto requeria a observância da Páscoa, que comemorava o livramento de Israel do Egito, um acontecimento histórico fundamental para todo o Israel e sua história.

Ver Êxodo 12.21 ss., quanto à narrativa histórica que criou a Páscoa. O livramento do Egito (a *redenção* nacional) possibilitou, finalmente, a fundação da nação de Israel, na Palestina. Uma festividade anual, como uma peregrinação forçada de todos os varões a Jerusalém, celebrava o acontecimento.

Mediante essa celebração, Josias fez a atenção de todo o povo de Judá voltar-se para a antiga fé dos hebreus. Esse foi o clímax das reformas de Josias, tanto em Judá quanto em Israel, que este capítulo descreve longamente.

23.22

Porque nunca se celebrou tal páscoa como esta desde os dias dos juízes. Naturalmente, a *Páscoa* vinha sendo celebrada desde o tempo dos juízes, mas Josias fez dessa celebração uma ocasião especial, de uma maneira que não havia caracterizado as práticas do povo israelita fazia séculos. Este versículo indica que tanto os reis de Israel quanto os reis de Judá se tinham tornado lassos, e não haviam observado devidamente a Páscoa, não lhe emprestando a dignidade apropriada. O trecho de II Crônicas 35 nos fornece um relato mais completo sobre a questão. Sim, a Páscoa vinha sendo observada, mas "... não com tal pureza, com tal alegria e ânimo de coração, ou com tantos sacrifícios acompanhantes, ou tão *exatamente* em concordância com a lei, e com tal liberalidade de custos. O rei e os principais sacerdotes e levitas proveram o dinheiro de seu próprio bolso, visando ao benefício do povo e seus irmãos" (John Gill, *in loc.*).

É evidente que uma celebração *nacional* foi organizada, da qual um remanescente de povos da ex-nação do norte (Israel) também participou. Ver II Crônicas 35.18 quanto a esse item.

23.23

Corria o ano décimo oitavo do rei Josias. *Cronologia.* O autor sagrado informa-nos quando essa celebração da páscoa ocorreu, no décimo oitavo ano do reinado de Josias, que foi também o ano principal (se não mesmo o único) no qual suas reformas religiosas se completaram. Cf. II Reis 22.3-23.20, especialmente o versículo terceiro. Josias reinou por trinta e um anos, de 640 a 609 A. C., pelo que a data dessa páscoa especial foi 622 A. C., ou seja, a apenas vinte e cinco anos do cativeiro babilônico, que poria fim ao reino do sul, Judá. Um remanescente de Judá voltaria setenta anos mais tarde, reiniciando as coisas, mas de maneira extremamente humilde. Portanto, as reformas de Josias vieram tarde demais e foram por demais pequenas. O grande juízo do cativeiro babilônico não foi evitado.

Observações Finais (23.24,25)

Alguns críticos têm suposto que o livro original de I e II Reis tinha, como sua conclusão, a informação dada nestes dois versículos, e que um compilador posterior adicionou o restante do livro, até o fim. Presumivelmente, a compilação original ocorreu em cerca de 610 A. C. Por outra parte, essas observações podem ter sido apenas uma conclusão apropriada da questão das reformas de Josias, e não o final do livro inteiro. Depois de Josias, outros quatro reis ocuparam o trono de Judá. Ver o gráfico adjacente. As observações de conclusão sobre as reformas de Josias contam-nos ainda *outros atos* que tiveram por intenção restaurar a antiga fé dos hebreus (mosaica), livrando-a de inovações, da idolatria e talvez até de algumas formas de demonismo.

23.24

Aboliu também Josias os médiuns, os feiticeiros... Esta avaliação Cf. o que Ezequias fez, em II Reis 18.5, o que é bastante semelhante. Ver II Reis 21.6 e suas notas quanto a uma lista similar de corrupções que Manassés praticou e que foram agora anuladas por Josias. Ver no *Dicionário,* quanto a detalhes, os artigos chamados *Adivinhação* e *Necromancia.* E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver os artigos chamados *Espiritismo* e *Terafins.* Os *terafins* eram ídolos domésticos de vários tamanhos, alguns deles tão pequenos que podiam ser postos sobre uma cornija, e outros tão grandes que tinham dimensões de uma pessoa (ver I Samuel 19.13-16). Raquel colocou alguns deles em sua bagagem (ver Gênesis 31.32,34). A idolatria em Israel e em Judá não estava meramente "lá fora", nos templos e nos santuários locais dos lugares altos. Também saturava as residências. Provavelmente alguns dos *terafins* eram usados para oráculos e adivinhações, e outros pertenciam a famílias, misturados com os objetos de herança. O autor sagrado, pois, enfatiza aqui o grande poder e a variedade dos ídolos, e como foi somente Josias quem teve a coragem de fazer guerra contra toda a idolatria. Por causa disso, ele obteve notas tão elevadas como rei de Judá.

Ver Deuteronômio 18.11 quanto às leis contra os espíritos familiares, os sábios etc. Ver também Levítico 20.27; Êxodo 20.4,5 e 23.24 quanto a proibições atinentes à idolatria.

23.25

Antes dele não houve rei que lhe fosse semelhante. *Ezequias* foi altamente elogiado por suas reformas (ver II Reis 18.5), mas o autor sagrado dá a Josias louvores ainda mais entusiasmados. Josias foi o herói do autor sagrado, e alguns pensam que tenha sido com *essa observação* que o autor-compilador original terminou suas narrativas. Nesse caso, um autor-compilador diferente teria terminado o duplo livro de I e II Reis, tendo narrado sobre os *quatro* reis restantes de Judá, que subiram ao trono antes do cativeiro babilônico.

O *padrão espiritual* de julgar os reis de Israel e de Judá girava em torno de quão bem eles guardavam a legislação mosaica. Davi era o *rei ideal* (I Reis 15.3). Davi cometeu alguns pecados terríveis, mas nunca, em nenhuma ocasião, ele se envolveu na idolatria. Antes, sempre mostrou-se zeloso na defesa das antigas instituições dos hebreus, mormente as tradições e leis transmitidas por Moisés. Ver Deuteronômio 6.1-9 quanto ao padrão de conduta dos hebreus. Era a lei que fazia de Israel uma nação *distinta* das outras nações (ver Deuteronômio 4.4-8). Observando a lei, um israelita contava com uma prometida *longa vida* (Deuteronômio 5.16; 22.6,7 e 25.15). Davi foi um homem maior do que Josias, mas moralmente não lhe foi superior.

De todo o seu coração, e de toda a sua alma. Essas palavras são um reflexo de Deuteronômio 6.5. "Que os méritos de Josias não consistiam em uma observância meramente estrita da adoração e de um cerimonial legítimo, se evidencia em Jeremias 22.15,16, onde ele é louvado por sua retidão como juiz" (Ellicott, *in loc.*).

Ele serviu e adorou a Yahweh "... com sinceridade, de todo o coração, zelo e constância, tendo respeito por todo mandamento.. . com a maior precisão e exatidão" (John Gill, *in loc.*).

A Morte de Josias (23.26-30)

De acordo com as crenças dos hebreus, uma pessoa boa seria abençoada com uma longa vida, uma daquelas coisas especiais que Yahweh confere a tais pessoas. Mas Josias apresenta uma exceção flagrante a essa expectação. Ele morreu de morte violenta, antes de chegar aos quarenta anos de idade! O vs. 26 lança a culpa sobre Manassés por todos os maus eventos que atingiram Judá no fim de sua história. Ele pôs em movimento uma maré de ruindade que varreu tudo quanto estava à sua frente, incluindo a vida física de Josias, apesar de sua bondade. Chegara o dia do mal, e nem uma bondade pessoal ou temporária poderia detê-lo. Conforme é típico em I e II Reis (e, de fato, em todo o Antigo Testamento, até este ponto), não há nenhuma esperança de vida para além do sepulcro, como se o mal que sobreveio a Josias lhe tivesse negado até isso. Essa crença entrou na teologia dos hebreus no tempo dos Salmos e dos Profetas, mas nunca se desenvolveu bem senão já no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento. Ver a longa vida prometida aos homens bons, aqueles que obedecessem à legislação mosaica: Deuteronômio 5.16; 22.6,7 e 25.15. O oráculo de Hulda havia prometido a Josias uma morte pacífica, e também que ele não veria muitos males que sobreviriam à sua nação, atingindo homens menores do que ele (ver II Reis 22.20). Mas até nisso a profecia fracassou essencialmente, conforme às vezes as profecias falham (I Coríntios 13.8,9).

23.26

O Senhor não desistiu do furor da sua grande Ira. Ver as notas de introdução à presente seção, que servem de comentários essenciais sobre o conteúdo do presente versículo. A ira de Yahweh, provocada pelos pecados abomináveis de Manassés, avô de Josias, criou uma terrível maré de maus eventos, que varreu todo o bem feito por Josias, antes atingir os quarenta anos de idade! Mas pelo menos ele foi salvo dos terrores do cativeiro babilônico, que ocorreu cerca de doze anos após a sua morte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira de Deus*. "Nem mesmo a reforma de Josias, por maior que tenha sido, pôde aplacar a ira acumulada de Deus contra Judá, por seus anos de rebelião, especialmente sob a liderança de Manassés (cf. II Reis 22.16,17)" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Houve um grande calor de ira, que *queimou*, conforme é indicado literalmente pelo hebraico. "De nada adiantaria tentar continuar poupando aquele povo volúvel e radicalmente privado de bondade. Eles foram poupados somente durante a vida de Josias" (Adam Clarke, *in loc.*).

23.27

Também Judá removerei de diante de mim, como removi a Israel. Este versículo, como é evidente, faz parte de um oráculo de algum profeta contemporâneo, que foi parcialmente preservado aqui. O profeta desconhecido expressou a palavra e a vontade de Yahweh. Sua profecia exprimiu total condenação e desespero. Nem mesmo a bondade de Josias e suas extensas reformas (descritas longamente neste capítulo) puderam fazer estacar a ira divina. O cativeiro babilônico seria o meio de pôr fim a toda aquela massa triste. Jerusalém estava condenada à mesma sorte que Samaria (a capital da nação do norte, Israel) tinha sofrido, cerca de cento e vinte e cinco anos antes. A corrupção maior do norte fez aquela nação ser destruída e sua população essencial ser deportada para a Assíria. E a nação do sul, Judá, seguindo o ridículo exemplo da nação do norte, caiu vítima da Babilônia, a nova potência mundial. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico,* quanto a detalhes. A ira de Deus removeria o povo de Judá de Sua presença, o que foi verdadeiro tanto espiritual quanto fisicamente. Ser removido da Terra Prometida era ser removido da presença divina, pois era na Terra Prometida que Yahweh manifestava a Sua presença, sobretudo no templo. Cf. II Reis 17.18,20,23.

Vss. 26 e 27. "O historiador naturalmente adicionou essas observações para preparar o caminho para o que ele em breve relataria: a ruína final do reino de Judá. E é provável que também o tenha feito para sugerir uma explanação para o que deve ter parecido, para ele e para seus contemporâneos, um *golpe muito misterioso* da providência divina: o fim prematuro de um bom rei" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*. Cf. as predições de Jeremias 15.4 ss.; 25.2 ss.

Estará ali o meu nome. Nem mesmo o fato de que Yahweh tinha designado Jerusalém como o local especial da manifestação de Seu nome, poder e glória (Sua presença, manifestada no templo), fez parar a terrível destruição daquele lugar e a deportação de seus habitantes. Isso nos mostra quão radicais eram os pecados de Judá.

23.28

Quanto aos demais atos de Josias. *O Obituário.* O autor sagrado encerrou a história sobre o bom rei Josias com a simples nota de sua morte, sem nenhum adorno. Conforme era usual, ele mencionou uma de suas obras de consulta, o *Livro da História dos Reis de Judá,* a fim de encerrar a narrativa. Ver as notas sobre a notícia comum de obituário do autor em I e II Reis, em I Reis 1.21 e 16.5,6. Quanto aos livros perdidos da Bíblia, incluindo aquele aqui mencionado, ver I Reis 14.19. A expressão comum "descansou com seus pais" é deixada de fora no tocante a Josias. Quanto a essa expressão, ver I Reis 1.21. Em seguida temos um pequeno relato da morte de Josias, e de como seu filho, Jeoacaz, tomou o lugar dele como rei de Judá (vss. 29 e 30). A morte de Josias e as circunstâncias associadas foram registradas com maior abundância de detalhes em II Crônicas 35.20-27.

A história do rei Josias, interrompida em II Reis 22.2, agora continua. O trecho paralelo, de II Crônicas 35.20 ss., é mais completo. Provavelmente fontes informativas diferentes foram empregadas.

23.29

Faraó-Neco, rei do Egito. Seus dias de governo no Egito foram 610-595 A. C. Nesse período a Assíria deixou de ser uma potência mundial, e a Babilônia tornou-se a grande potência mundial no Oriente Médio. Ele foi filho de Psamlique I e o segundo Faraó da XXVI[a] dinastia. Nínive já havia caído (612 A. C.), e o império assírio cambaleava, pronto para morrer. O versículo não diz se o Faraó estava tentando ajudar a Assíria contra a nova potência, a Babilônia, ou se ele estava *atacando* o império assírio, tentando aplicar-lhe o golpe de misericórdia. Portanto, as traduções dizem "contra" (a *King James Version* e a nossa versão portuguesa). Ele pode ter ido à Assíria a fim de ajudar aquele império contra a Babilônia. Seja como for, os verdadeiro inimigos reais eram Cyaxares, o medo, e Nebopolassar, o babilônio. Essa força combinada tinha acabado com Nínive. O lugar de cabeça das nações tinha sido deixado vago, em 626 A. C., com a morte de Assurbanipal, e várias forças estavam precipitando-se para preencher o vácuo. Talvez o Faraó-Neco esperasse restabelecer o poder do Egito naquela área, ajudando ou a Assíria ou a Babilônia, e então tomando partido como um aliado.

Também não fica claro quais foram os motivos de Josias. Há três possibilidades: 1. Talvez ele estivesse tentando ajudar a causa dos assírios contra o novo poder que se levantava, a Babilônia. 2. Ou então ele estava ajudando a terminar com a Assíria e a erguer a Babilônia, considerando os recém-chegados como o mal menor e menor ameaça para Judá. 3. Ou, finalmente, ele estava lutando por si mesmo e por Judá, a fim de estender seu próprio poder e autoridade, conforme II Crônicas 35.20-24 parece indicar. Seja como for, Josias estava cheio de confiança. Ele agira bem em sua própria terra. Suas reformas generalizadas tinham sido postas em ação, a despeito de grande oposição popular. Ele chegara a ir ao norte (Israel) e reformar as coisas ali, entre os poucos israelitas que tinham sido deixados na Terra Prometida (II Reis 23.19). Josias era jovem e forte, e sua cabeça estava repleta de visões de grandeza. Ele atacou as forças do Faraó, do Egito. Esse era um inimigo que precisava permanecer quieto. Ele se preocuparia com a Assíria e com a Babilônia mais tarde. Mas o Faraó-Neco surpreendeu todos, e rápida e facilmente despachou Josias para o *pais celestial.*

John Gill (*in loc.*) expressou a opinião de que Josias se tornara aliado da Babilônia, supondo que essa potência seria um mal menor do que a Assíria. Nesse caso, Neco II provavelmente estava atacando a Babilônia. Josias calculou que ele estaria ajudando a Babilônia a derrotar um de seus inimigos, o Egito, o qual teria juntado forças com a Assíria, contra a Babilônia. Por outra parte, Ellicott (*in loc.*) supunha que Judá fosse um vassalo da Assíria, e Josias se tinha ressentido do Egito por ter-se aliado àquele poder que pusera em eclipse a posição de Judá. Além disso, ele deve ter pensado que o Egito estava traspassando o seu território, o que era absolutamente impróprio.

Em Megido. Nesse antigo campo de batalha, Josias perdeu a vida. Ver sobre esse lugar no *Dicionário,* quanto à história e quanto a detalhes. Ficava na planície de Jezreel (ver I Reis 4.12). Neco não parece ter marchado com suas forças através do sul da Palestina, para chegar ali, mas sim ter atravessado o mar de Aco (Acre). Seja como for, as forças egípcias e judaicas se encontraram em Megido, que era uma fortaleza bem fortificada da antiga nação de Israel.

"Monte de Megido" é, no hebraico, *har-meghiddo,* o que deu no grego do Novo Testamento, *armagedon,* o símbolo do lugar onde a última luta contra os inimigos de Deus ocorrerá (ver Apocalipse 16.16). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Armagedom.*

A versão siríaca nos informa adicionalmente que Neco declarou a Josias que não viera lutar contra ele, portanto Josias deveria voltar para casa. Mas Josias não deu atenção à advertência do rei do Egito e terminou morto.

"Desvio", há uma estrada lamacenta adiante;
"Desvio", não deu atenção ao que o aviso dizia.
"Desvio", deveria ter lido o sinal de desvio.

(De uma antiga canção americana)

23.30

Lamentação e Louvores. Josias, que ainda não atingira os quarenta anos de idade, estava morto, o que representou grande catástrofe para Judá. "A morte de Josias foi para Judá um desastre de primeira magnitude. Foi seguida por grandes lamentações (ver II Crônicas 35.25); e a memória do rei foi grandemente entesourada por séculos (Eclesiástico 49.1-3). Sua morte assinalou o fim de qualquer esperança judaíta de independência, e interrompeu abruptamente o reavivamento do culto purificado" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

Onde o sepultaram no seu jazigo. Josias não foi sepultado nos sepulcros dos reis, mas em seu próprio cemitério particular. Ver II Crônicas 35.24. Ver II Reis 21.18 e 26 quanto ao fato de que os últimos poucos reis de Judá foram sepultados em seus próprios sepulcros privados. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sepulcro dos Reis* e *Sepulcro de Davi*, em contraste com os sepultamentos privados.

Jeoacaz. Ver no *Dicionário* sobre ele. O versículo 36 mostra que Jeoacaz não era o filho mais velho de Josias. Ele deve ter sido escolhido como o filho mais qualificado para ocupar o lugar de rei. Jeremias 22.10 e ss. mostra-nos que ele não mereceu a confiança nele depositada. Seu reinado foi descrito nos versículos 31-34. O filho mais velho era Eliaquim, que foi o sucessor de seu irmão mais novo. Ele também se chamava Jeoaquim.

Jeoacaz, Rei de Judá (23.31-35)

O grande rei Josias foi seguido por seu filho e sucessor, Jeoacaz. A grandeza foi sepultada no jazigo, e a mediocridade, misturada com a maldade, subiu ao trono de Judá. Judá, ao voltar a cair na apostasia, mostrou claramente que as reformas de Josias não tinham mudado o *coração dos rebeldes*. "Quanto ao *progresso espiritual* da reforma, à parte da destruição dos cultos e santuários do paganismo, ficamos inteiramente no escuro" (James Montgomery *in loc.*). É verdade, mas a vereda fácil e maligna que foi seguida pelo filho de Josias indica que a espiritualidade não tinha penetrado fundo nas reformas, a despeito do *yahwismo* forçado instituído por Josias. É significativo que a avaliação de Jeoacaz, por parte do autor sagrado, seja essencialmente apenas uma condenação (versículos 31 e 32). Jeoacaz terminou seus dias como prisioneiro no Egito. A estrada de Judá por certo estava afundando.

23.31

Tinha Jeoacaz vinte e três anos... e reinou três meses. Jeoacaz reinou apenas por três miseráveis meses, mas nesse breve tempo fez todo o mal que pôde. O ano no qual reinou foi 609 A. C., somente a doze anos de distância do cativeiro babilônico. A retidão pessoal e as reformas de Josias não fizeram estacar a corrente de eventos posta em movimento por Manassés (ver II Reis 23.26). A despeito do esplêndido exemplo deixado por seu pai, Jeoacaz preferiu seguir os caminhos destruidores de Manassés, seu bisavô. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado Exemplo.

Hamutal... de Libna. Quanto ao que se sabe sobre essa mulher e sobre esse lugar, ver os artigos com esses nomes no *Dicionário*.

Jeoacaz é chamado de Salum, em Jeremias 22.11 e II Crônicas 3.15, o qual pode ter sido seu nome antes da subida ao trono. Ou talvez Jeremias lhe tenha dado esse nome, como se ele fosse um "segundo Salum", em alusão a seu *breve reinado*. Ver II Reis 15.13.

23.32,33

Yahweh Sorriu para Josias, Mas Fez uma Carranca para Seu Filho, Jeoacaz. Por conseguinte, ele não foi protegido de Neco II, Faraó do Egito. Antes, Jeoacaz foi deposto, Judá foi forçado a pagar tributo, e seu irmão mais velho, Jeoaquim (também chamado Eliaquim), tomou seu lugar no trono. Assim sendo, vemos o absurdo em que Judá, tão próximo de ser totalmente destruído pela *Babilônia,* e de sua população ser deportada para ali, imediatamente antes disso, ficou *sujeito* ao Egito. A estrela de Judá caiu de maneira estranha e inexplicável, por causa da *ira* de Yahweh (vs. 26).

Fez ele o que era mau perante o Senhor. Ou seja, Jeoacaz promoveu a idolatria, revertendo qualquer vestígio das reformas de Josias. Ele seguiu o abominável exemplo de Manassés, seu bisavô, e estava destinado a sofrer o julgamento que foi pronunciado contra Judá, por causa de Manassés (ver II Reis 23.36).

"Presumivelmente, Jeoacaz deu apoio à política nacionalista de seu pai (ver os vss. 31 e 36). Quase imediatamente, Neco o convocou ao quartel-general egípcio, em *Ribla,* às margens do rio Orontes, e o depôs em favor de seu irmão mais velho, Eliaquim, cujo nome ele mudou para Jeoaquim" (Norman H. Snaith, *in loc.*). O fato de que o Faraó-Neco II teve o poder de fazer todas essas coisas mostra-nos que, quando Josias foi morto, o Egito ganhou ascendência sobre Judá, tornando-o uma nação praticamente vassala do Egito. Ver no *Dicionário* sobre *Ribla*. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento foi novamente posta em movimento por Jeoacaz, que preferiu praticar o *mal,* isto é, voltou-se para cultos idólatras, anulando assim as reformas de Josias.

Tributo. Na qualidade de estado vassalo, Judá tinha de pagar um pesado tributo: cem talentos de prata (3.750 kg.). e um talento de ouro (cerca de 34 kg.). Ver no Dicionário sobre *Pesos e Medidas,* seção VII, quanto aos valores do talento. Podemos ter certeza de que essa quantia seria cobrada todo ano. A Septuaginta dá *cem* talentos de ouro, e as versões siríaca e árabe falam em *dez talentos* de ouro, o que vários eruditos pensam ser o texto correto do original. Cobrar um único talento de ouro teria sido muito pouco para um Faraó do Egito. Cf. II Reis 15.19, um tributo de mil talentos de ouro.

"Quanto à importância de Ribla, capital da Coele-Síria, na época, cf. II Reis 25.6 ss. e 20 ss." (James Montgomery, *in loc.*).

23.34

Porém levou consigo para o Egito a Jeoacaz, que ali morreu. *Jeoacaz* foi levado prisioneiro para o Egito e morreu no exílio. Seu irmão mais velho, Eliaquim, foi posto no trono, em Jerusalém, pelo Faraó-Neco II. O nome de Eliaquim foi mudado para Jeoaquim, por razões não explicadas no texto. O ato demonstrava, acima de qualquer dúvida, que o novo rei estava sujeito ao Faraó, o qual tinha poder até de mudar nomes a seu bel-prazer. Talvez esse tenha sido o motivo da mudança de nome. Outros atos de mudança de nome, por parte de monarcas pagãos, podem ser vistos em Daniel 1.6,7. Ver também Gênesis 41.45. A mudança de nome, no caso presente, foi algo bastante superficial, e não tinha nenhuma significação em si mesma. Jeoacaz significa "El estabelece", e Jeoaquim significa "Yah estabelece", sendo referências aos nomes divinos El e Yahwen (nomes comuns da deidade em Israel). Alguns eruditos pensam que o segundo nome *sugere* algum nome similar, pois *Aah* era o nome do deus-lua do Egito. Se essa foi a motivação para a mudança do nome, então temos um nome hebraico sagrado para Deus trocado por um nome sagrado para os egípcios. Mas essa teoria é apenas uma sugestão.

23.35

Tributos Aumentados. Jeoaquim foi forçado a continuar dando o tributo que era cobrado de seu irmão, Jeoacaz (vs. 33). Para fazer esse pagamento, ele precisou elevar os impostos e aumentar as misérias de toda a população de Judá. O novo rei não pagou o tributo de seu próprio bolso. Talvez ele nada tivesse. Além disso, ele não tirou o dinheiro dos tesouros do templo. Talvez nenhum tesouro restasse ali. Ele precisou vasculhar os bolsos do povo comum, enquanto Neco II o ameaçava com guerra e violência se ele assim não fizesse.

De cada um segundo a sua avaliação. Em outras palavras, a taxação foi proporcional, dependendo dos recursos de cada cidadão. Algum tipo de porcentagem foi cobrado dos valores das terras, dos lucros nos negócios e dos produtos agrícolas. Algumas vezes, somente os ricos pagavam impostos, como no tempo de Menaém, mas no texto presente a população inteira foi envolvida.

Jeoaquim, Rei de Judá (23.36 – 24.7)

Ver os vss. 34 e 35 quanto a alguns detalhes sobre o governo de Jeoaquim que o autor sacro já havia fornecido. Esse homem subiu ao trono de Judá porque Neco II, Faraó do Egito, depôs seu irmão mais jovem, Jeoacaz, e o substituiu por Jeoaquim. Judá, como é óbvio, tornou-se uma nação vassala do Egito, tão perto do tempo de ser destruída pela Babilônia, através do cativeiro babilônico.

Durante o tempo em que estava reinando, Jeoaquim teve a *boa sorte* de ver o inimigo egípcio eliminado, quando os babilônios aniquilaram Neco e seu exército na batalha de Carquêmis. Esse acontecimento livrou Jeoaquim de ser um rei vassalo do Egito. Mas quase imediatamente, o rei de Judá teve a *má sorte* de cair sob o domínio da Babilônia, a nova potência mundial. Jeoaquim morreu antes que chegassem as agonias finais da nação de Judá, e deixou uma situação desesperadora para seu filho, Joaquim.

23.36,37

Jeoaquim, com vinte e cinco anos de idade, foi posto no trono por Neco II, Faraó do Egito, em substituição a seu irmão mais novo, Jeoacaz, que foi deposto. Seu reinado, entre 609 e 598 A. C., ocorreu um único ano antes do cativeiro babilônico. Ele foi um rei vassalo, totalmente submisso a Neco II, do Egito. Sua mãe se chamava Zebida, filha de Pedaías; e eia era da cidade de Ruma (ver a respeito no *Dicionário*). Esse lugar ficava perto de Siquém (ver Juízes 9.41). O pouco que se sabe sobre essas pessoas aparece em artigos que figuram no *Dicionário.*

Fez ele o que era mau perante o Senhor. A maldade do rei Jeoaquim foi que ele se envolveu na *idolatria,* revertendo assim as reformas de Josias. Ele seguiu o mau exemplo de seus antepassados mais distantes, sobretudo Manassés. A síndrome do pecado-calamidade-julgamento continuou a toda velocidade. Os eventos postos em movimento por Manassés, o bisavô do rei, não puderam mais ser interrompidos. O justo Josias não exerceu nenhum efeito sobre esses eventos. Ver II Reis 23.26 quanto à maré maligna que Manassés pôs em movimento, que tornou inevitável a Judá o cativeiro babilônico. Jeoaquim livrou-se de tornar-se vassalo do Egito devido à vitória dos babilônios, por ocasião da batalha de Carquêmis (ver a introdução à presente seção). Mas não demorou a cair sob o domínio da Babilônia, a nova potência mundial. Entrementes, promoveu o paganismo, com toda a sua grande variedade de idolatria, conforme tinham feito antes dele muitos de seus antepassados.

Cf. o vs. 37 ao vs. 32, que mostra que esses dois versículos são virtualmente iguais, exceto pelo fato de que Jeoaquim está em mira, em lugar de Jeoacaz.

Capítulo Vinte e Quatro

Eventos que Levaram ao Cativeiro Babilônico (24.1-7)

O *autor-editor* de I e II Reis agora toma por empréstimo seus últimos subsídios dos *anais reais* de Judá, um dos livros que ele usou como fonte informativa, ou seja, as *Crônicas dos Reis de Israel e Judá.* Ver as notas expositivas sobre I Reis 14.19. Ver o quinto versículo do presente capítulo quanto à última menção do autor sagrado daquela fonte informativa para I e II Reis. Naquela composição ele mencionou esses *livros* por trinta e duas vezes: I Reis 14.19,29; 15.7,23,31; 16.5,14,20,27; 22.39,46; II Reis 1.18; 8.23; 10.34; 12.19; 13.8,12; 14.15,18,28; 15.6,11,15,21,26,31,36; 20.20; 21.17,25; 23.28 e 24.5.

Vs. 7. Evidentemente, temos aqui um minúsculo fragmento da história da derrota do Faraó-Neco II, às mãos dos babilônios, principalmente em Carquêmis (localizado no rio Eufrates, ao norte de Arã), onde o exército egípcio foi aniquilado. Isso ocorreu em 605 A. C. Os resultados dessa batalha livraram Judá de ser um vassalo do Egito. As aventuras do Egito estavam findas, até o tempo dos Ptolomeus, no período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento. A estrela da Babilônia agora estava em franca ascendência no firmamento, e a Palestina caiu sob o seu poder. Os versículos primeiro a quarto deste capítulo fornecem algumas indicações preliminares quanto ao cativeiro babilônico; dizem que foi Yahweh quem ordenou a queda de Jerusalém e, finalmente, fazem breve menção à agonia de Jerusalém, quando ela foi sufocada (vs. 4). Jeoaquim sofreu alguns choques preliminares do avanço dos babilônios, mas os reis que o seguiram, Joaquim e Zedequias, sofreram o pior tratamento possível.

"Eventos portentosos seguem-se agora em rápida sucessão. Em 612 A. C., Nínive caiu com um baque que assustou o mundo (Naum 2 e 3). Então ergueu-se a Babilônia com grande poder, sob seu brilhante novo rei, Nabucodonosor, que derrotou os egípcios em Carquêmis (ver Jeremias 46.1-12). No quarto e no quinto ano do reinado de Jeoaquim, a Babilônia invadiu a Palestina, e, sem nenhuma luta, Judá cedeu e tornou-se vassalo da nova potência mundial. Jerusalém foi poupada. Mas este foi um breve período de descanso. Após alguns anos, a despeito dos avisos de Jeremias (25.9; 36.30,31), Jeoaquim rebelou-se. Judá foi invadida e assolada e, em um dos entreveros, Jeoaquim foi morto" (Raymond Calking, *in loc.*). Ver o artigo detalhado no *Dicionário,* chamado *Carquêmis.*

24.1

Nabucodonosor, rei de Babilônia. Quanto a detalhes completos sobre esse monarca babilônico, ver o artigo do *Dicionário.* Ver a introdução ao presente capítulo quanto ao pano de fundo. O pai de Nabucodonosor foi Nabopolassar, a quem ele sucedeu. Nabucodonosor subiu ao trono da Babilônia em 605 A. C. Naquele mesmo ano ele derrotou o exército egípcio em Carquêmis, e essa batalha deu aos babilônios uma liderança mundial quase indisputada. A Palestina em breve seria outra vítima de suas habilidosas campanhas militares. De fato, ainda em 605 A. C. vieram as primeiras invasões. Alguns prisioneiros judeus foram deportados, incluindo Daniel (ver Daniel 1.1-3). Jeoaquim não ofereceu resistência e permitiu que Judá se tornasse vassalo da Babilônia, sem luta. Esse ato, por algum tempo, preservou Jerusalém da destruição. Mas a futura rebelião desse rei de Judá garantiu o cumprimento de todas as profecias de condenação contra o lugar. O cativeiro babilônico logo ocorreria. Jeoaquim tornou-se prisioneiro na Babilônia, mas evidentemente foi mais tarde solto e enviado de volta para sua pátria (ver II Crônicas 36.6). E Jeoaquim morreu em Jerusalém, de acordo com Jeremias 22.19.

Cronologia. Os acontecimentos descritos neste primeiro versículo do capítulo 24 de II Reis ocorreram no quarto ano do reinado de Jeoaquim, e no primeiro ano do reinado de Nabucodonosor (ver Jeremias 25.1; 46.2). O rei de Judá novamente apelou para a ajuda dos egípcios, mas disso nada resultou.

24.2

Enviou o Senhor contra Jeoaquim bandos. *O autor sacro* oferece-nos neste versículo um breve quadro de eventos terríveis. Judá foi atacado por bandos de vários povos, da Babilônia, Arã, Moabe e Amom, que tiraram vantagem do estado debilitado de Judá. O autor sagrado via a *ira* de Yahweh nesses eventos preliminares que conduziram, finalmente, ao cativeiro. Os profetas que haviam feito temíveis predições contra Judá tinham sido Isaías, Miquéias, Jeremias, Habacuque e, naturalmente, Hulda (ver II Reis 22.16). Ver também os capítulos 14 a 16 de Jeremias. Esse mesmo profeta fala-nos sobre os maus vizinhos de Judá (ver Jeremias 12.8-17) que participaram da queda final de Judá.

24.3

Isto sucedeu a Judá, por mandado do Senhor. A *ira* de Yahweh estava removendo Judá de Sua presença. Cf. II Reis 17.18,20,23 e 23.27. O *mandado* do Senhor foram as ordens de marcha para os inimigos de Judá atacarem. A antiga síndrome do pecado-calamidade-julgamento significava que Judá seria destruído por seus inimigos estrangeiros. Judá, devido à sua idolatria, tinha abandonado Yahweh; e assim Yahweh abandonara Judá. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Aquele abominável rei Manassés tinha ensinado Judá a pecar, tal como Jeroboão I tinha feito com Israel. Foi Manassés quem despertou a maré do mal que inundou, de forma permanente, Judá. Naturalmente, houve outros reis quase tão ruins quanto ele. E as reformas encabeçadas por Josias não conseguiram fazer parar a maré do mal. Ver sobre os pecados de Manassés em II Reis 21.1-16. Ver também Jeremias 15.4.

Mandado. O hebraico original diz aqui, literalmente, *boca.* Visto que uma ordem sai pela boca, foi pela *boca de Yahweh* que saiu a ordem para os inimigos de Judá atacarem essa nação. As versões da Septuaginta e siríaca têm a palavra "ira" em lugar de "boca", tal como se vê no versículo 20 do presente capítulo. Mas isso é uma interpretação. A *boca* ordenou que a *ira* se derramasse. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ira de Deus.*

24.4

Por isso o Senhor não quis perdoar. *O autor sagrado* reflete neste versículo sobre os pecados de Manassés, falando do *sangue inocente* que ele derramou e apontando para os profetas de Yahweh e outros, que não se deixaram envolver em seus esquemas e em seu culto idólatra. Ele também participou dos sacrifícios humanos, tendo sacrificado no fogo até mesmo um de seus filhinhos. Ver II Reis 21.16 quanto a notas completas sobre essas questões. Ver II Reis 23.26 que nos informa que nem os atos bons de Josias puderam deter o cumprimento das profecias de condenação, em que a principal culpa também recai sobre Manassés. Foi ele quem deu o golpe fatal contra Judá. Outros foram apenas marionetes. A perseguição contra os profetas e os servos de Yahweh continuou após Manassés, e adicionou combustível às chamas. Ver Jeremias 26.21-24.

Não Quis Perdoar. "Os pecados de Manassés foram considerados o *clímax* no longo curso de provações de Judá. Agora, o seu cálice estava cheio. O julgamento tinha de sobrevir. Fora apenas suspenso por algum tempo, e não revogado, durante o reinado do bom rei Josias. O sangue inocente, derramado por Manassés, clamava ao céu pedindo vingança, e a ruína do reino foi a resposta do Juiz Todo-justo" (Ellicott, *in loc.*).

Morrendo pelos Próprios Pecados, e também pelos pecados alheios. Os filhos só morrem por seus próprios pecados; mas os pecados dos pais também trazem destruição sobre eles. Esses dois princípios fazem parte dos ensinamentos do Antigo Testamento. Ver quanto à morte pelos próprios pecados (Deuteronômio 24.6; Ezequiel 18.20), e ver quanto aos filhos morrerem pelos pecados de seus pais (Êxodo 20.5).

A MORTE DE JUDÁ

OS ÚLTIMOS CINCO REIS DE JUDÁ ANTES DO CATIVEIRO BABILÔNICO

Os Reis	Datas	Referências Bíblicas e Circunstâncias
1. Josias	604-609	II Reis caps. 21,22,23; II Crônicas caps. 33,34,35. Reinou 31 anos
		e foi um rei reformador. Tinha quatro filhos; três deles tornaram-se reis
		de Judá.
2. Jeocaz	609	II Reis cap. 23; II Crônicas cap. 36. Reinou somente três meses e foi levado
(Salum)		prisioneiro por Neco, Faraó do Egito.
3. Jeoaquim	609-598	II Reis cap. 23; II Crônicas cap. 36.
(Eliaquim)		Reinou 11 anos. Morreu em Jerusalém.
4.Joiaquim	597	II Reis cap. 24; II Crônicas 36.
(Jeconia,		Reinou somente três meses. Foi levado
Conias)		cativo para a Babilônia.
5. Zedequias	597-586	II Reis cap. 24; II Crônicas 36; Jeremias 52.
		Reinou onze anos. Foi levado prisioneiro
		para a Babilônia por Nabucodonosor.

A retidão morreu com Josias, cujas reformas duraram pouco. A lei da colheita segundo a semeadura trouxe tempos desastrosos para Judá, e sua morte como nação.

O CATIVEIRO BABILÔNICO

O cativeiro assírio do reino do norte (Israel) marcou o fim da nação em 722 A.C. Não houve a volta de nenhum restante. O reino do sul (Judá) durou até 597 A.C. Quando sua história quase acabou em matanças e uma série de cativeiros na Babilônia. Um pequeno fragmento permaneceu na Babilônia por 70 anos. Depois um pequeno número de cativos voltou a Jerusalém. Judá tornou-se o novo Israel. A velha glória nunca foi recuperada. Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro Babilônico*.

Castigos Temporais e Eternos. Manassés arrependeu-se e foi perdoado pelo Senhor. Sua alma estava segura, mas os resultados de suas corrupções tiveram de percorrer todo o seu curso. Ver II Crônicas 33.13,18,19.

24.5

Quanto aos demais atos de Jeoaquim. O autor sacro coloca aqui sua costumeira nota de *obituário* dos reis de Israel e de Judá. Quanto a isso, ver as notas em I Reis 1.21 e 16.5,6. Pela última vez, ele mencionou uma de suas obras de consulta, o *Livro da História dos Reis de Judá.* Ele se valeu dessa fonte informativa por trinta e duas vezes, em sua compilação de I e II Reis. Ver I Reis 14.19 quanto a detalhes, e a introdução ao presente capítulo, em seu primeiro parágrafo, quanto a uma lista de referências onde essa fonte informativa é mencionada. Presumivelmente, Jeoaquim foi sepultado em sua sepultura privada, e não nos sepulcros dos reis. Cf. II Reis 21.18,26; 23.30.

24.6

Descansou Jeoaquim com seus pais. Quanto a essas palavras, que são um eufemismo para a morte, ver as notas expositivas sobre I Reis 1.21.

O próximo rei foi *Joaquim,* filho de Jeoaquim. Ele foi o penúltimo dos reis de Judá. O cativeiro babilônico tinha começado em seus primeiros entreveros. Mas o cerco principal agora estava próximo.

Ver Jeremias 22.18,19 quanto a notícias sobre a desgraçada morte de Jeoaquim. Ao que parece, ele morreu em um encontro com bandos de atacantes (vs. 2). Foi deixado apodrecer fora da cidade de Jerusalém. Nada nos é dito quanto a um sepultamento decente, na cidade de Jerusalém. Presumivelmente, ele terminou sendo sepultado, mas não recebeu honrarias, como rei de Judá. John Gill (*in loc.*) compreendeu que Jeoaquim nem foi sepultado, e, naquele tempo, vasos do templo foram levados para a Babilônia. Ver II Crônicas 36.6,7 e Jeremias 27.16.

24.7

O rei do Egito nunca mais saiu da sua terra. A vitória dos babilônios sobre o Egito imobilizou-o, pelo que não houve mais ameaça deles contra Judá, senão já no tempo de Zedequias. Ver as notas expositivas na introdução ao presente capítulo, em seu último parágrafo, e em II Reis 24.1. O Egito foi transformado em uma *polpa* por sua derrota em *Carquêmis.* Ver Jeremias 37.7 quanto a um infeliz ato de levantar a cabeça, por parte do Egito, mas que logo se transformou em nada.

Joaquim, Rei de Judá (24.8-17)

Joaquim, o penúltimo dos reis de Judá, filho de Jeoaquim, reinou apenas três meses e só apressou a destruição de Judá, por suas maldades. Judá tinha atingido um ponto de onde não podia mais retornar. O cativeiro babilônico (que já havia começado de forma preliminar) não feriria com plena força. O cativeiro assírio da nação do norte, Israel, veio em etapas, o que também é verdadeiro no caso dos babilônios. Meu artigo detalhado intitulado *Cativeiro Babilônico,* dado no *Dicionário,* fornece plenas informações sobre aquele acontecimento.

Joaquim herdou uma situação impossível. Ele não tinha recursos para resistir ao exército babilônico que o cercava. Simplesmente se rendeu e entrou no exílio com toda a sua corte. Diante disso, Nabucodonosor saqueou o templo de Jerusalém e levou para a Babilônia todo o equipamento militar, todos os tesouros, os artífices, os ferreiros e outros que poderiam causar uma revolta. E deixou na Palestina somente as classes mais desfavorecidas. O ano era 597 A. C. Zedequias, o último rei de Judá, conseguiria armar uma revolta contra a Babilônia (e contra todo bom senso e bom conselho), e Jerusalém seria novamente assolada, em 587 A. C. Isso completaria a *tragédia.*

24.8

Tinha Joaquim dezoito anos de idade quando começou a reinar. Governou apenas por três meses, de 9 de dezembro de 598 A. C. a 16 de março de 597 A. C. Foi então levado prisioneiro para a Babilônia, por Nabucodonosor, porém mais tarde foi solto. Ver II Reis 25.27-30. Quanto a detalhes, ver o artigo sobre ele no *Dicionário.* Ele tinha dezoito anos quando começou a reinar, mas em algumas versões de II Crônicas 36.9 lemos que ele tinha *oito anos* de idade quando isso aconteceu. Alguns eruditos consideram esse um simples engano por parte do autor original, embora outros lancem a culpa sobre algum escriba subseqüente. Há alguns eruditos que pensam que uma "declaração" feita por seu pai, quando o filho tinha oito anos de idade, no sentido de que ele seria o próximo rei, seja o que está destacado pelo autor de II Crônicas; mas essa é uma conjectura infrutífera. E há outras explicações infrutíferas, que buscam harmonia a qualquer preço.

Neusta... filha de Elnatã, de Jerusalém. Ver sobre esses nomes próprios, no *Dicionário.*

24.9

Fez ele o que era mau perante o Senhor. Em outras palavras, Joaquim continuou com todas as práticas idólatras corruptas de seus antecessores, seguindo o exemplo ridículo de Manassés, em lugar de seguir o bom exemplo de Josias, o reformador. Cf. II Reis 23.37, que é uma duplicação quase exata do presente versículo, e onde as notas expositivas apresentadas aplicam-se também aqui. Ver também II Reis 23.32, outra declaração quase idêntica. Em lugar de tentar virar a maré do mal, da qual resultaria o cativeiro babilônico, Joaquim encorajou a *ira* de Yahweh ainda mais. Ver no versículo 2 do presente capítulo como Yahweh deu *ordens* para os vizinhos de Judá atacarem, o que eles fizeram sem demora. Contrastar este versículo com Ezequias 17.22-24, onde Joaquim parece ser considerado favoravelmente. Não há como explicar essa diferença de avaliação. Para complicar mais ainda a questão, Josefo chamou esse homem de "naturalmente bom e justo", mas isso pode ser uma compreensão equivocada sobre Jeremias 22.24,28.

24.10,11

Naquele tempo subiram os servos de Nabucodonosor... e a cidade foi cercada. O tempo foi o ano de 597 A. C. Temos aqui o primeiro cerco sério de Jerusalém pelas forças de Nabucodonosor, rei da Babilônia. O cativeiro babilônico ocorreu em ondas, e não em um único golpe. Houve, nessa oportunidade, um cativeiro parcial, da *elite* da nação, deixando o povo de Judá essencialmente desamparado. No entanto, Zedequias provocaria um estágio final no cativeiro babilônico, em 587 A. C., com uma devastação total da cidade. Por essa ocasião, houve resistência. Parece que o rei da Babilônia foi pessoalmente (vs. 11) conduzir o cerco. Isso ocorreu durante a primavera daquele ano (ver II Crônicas 36.10). O trecho de Jeremias 13.19 talvez infira que o exército babilônico tinha cortado todo acesso a Jerusalém, pelo sul, não permitindo que chegasse do Egito nenhum socorro. Além disso, mediante esse ato, o exército babilônico isolou Jerusalém da parte sul de Judá. Nenhuma ajuda poderia vir de lugar algum. A situação era verdadeiramente desesperadora, sem nenhum socorro possível.

24.12

E o rei da Babilônia, no oitavo ano do seu reinado, o levou cativo. *O Cativeiro da Elite de Judá.* Joaquim desistiu de defender-se e, com uma situação insustentável, rendeu-se. Diante disso, ele, sua família e os príncipes de Judá, seus principais chefes militares, isto é, a *elite* da nação, e qualquer um que tivesse alguma força para revoltar-se, foram levados para o cativeiro. Mas Zedequias revoltou-se no último suspiro de Judá, antes de sua morte, e outra devastação ocorreria em 587 A. C. Cf. Jeremias 25.1 e 46.2. A partir desse tempo, o primeiro ano dos setenta anos de cativeiro deve ser contado. Um remanescente retornaria, e Israel (através de uma única tribo, Judá) continuaria a existir. A data foi 16 de março de 597 A. C. Um dia verdadeiramente negro.

24.13

Levou dali todos os tesouros da casa do Senhor. *Saque.* Além de deportar a elite da nação, o rei da Babilônia e seu exército abominável saquearam a cidade de Jerusalém, começando pelos tesouros do templo e do palácio real. Os objetos feitos de ouro foram cortados em pedaços. Não tinham mais nenhuma significação espiritual. Para os babilônios eram apenas dinheiro. As grandes contribuições e a glória de Salomão foram reduzidas a nada. A palavra de Deus teve cumprimento (ver I Reis 9.6-9). Algo foi deixado (ver Jeremias 27.18-22), mas não muita coisa. Alguns vasos, intactos, foram deixados em um templo pagão da Babilônia (ver Daniel 1.2). Outros desses vasos foram restituídos, muitos anos mais tarde, a Esdras, por Ciro (ver Esdras 1.2,7). Todo o bronze e prata também foram confiscados, mas a maior parte foi reduzida a dinheiro (metais preciosos dissolvidos).

24.14

Ao todo dez mil; ninguém ficou senão o povo pobre da terra. *Aleijando a nação de Judá.* Aqueles que tinham autoridade, poder e dinheiro foram levados para o cativeiro. Somente os pobres e fracos permaneceram na Palestina. Essa era uma forma de eliminar a identidade de um povo, e terminar com eles como uma ameaça para todo o sempre. Essa norma funcionou no caso do cativeiro assírio. As Dez Tribos (Israel, o reino do norte) perderam-se de modo absoluto, a despeito do fato de que algumas pessoas ficaram na terra, dando origem aos *samaritanos.* Ver II Crônicas 30.1; 34.9. Quanto aos samaritanos, ver II Reis 17.24-41 e suas notas expositivas. Judá também ter-se-ia perdido, exceto por um remanescente que voltou após setenta anos, e a nação renasceu com o nome de Judéia.

Quanto aos números envolvidos nesse primeiro estágio do cativeiro, cf. o vs. 16 e Jeremias 52.28-30. O cativeiro babilônico também ocorreu em diversos

estágios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico,* quanto a detalhes. Os números dados não podem ser reconciliados com toda a certeza, e os vss. 13 e 14 vêm de uma fonte informativa diferente da dos vss. 15 e 16, de acordo com alguns eruditos. Ver também Ezequiel 1.1-3 quanto ao número de *dez mil.*

O povo pobre da terra. Aqueles que não tinham nem dinheiro nem propriedades (exceto as propriedades das famílias), que não eram líderes militares nem eram artífices. Ou seja, aqueles que, embora deixados para trás, não teriam inteligência, dinheiro ou conhecimento para armarem uma revolta contra os seus opressores. Cf. Jeremias 39.10. O período de deportação de Judá só terminou em 538 A. C.

24.15

Transferiu também Joaquim para a Babilônia. *O rei Joaquim* juntamente com a família real estiveram entre as vítimas da deportação. Seus oficiais civis e militares foram com ele, como também qualquer homem rico, poderoso ou influente de Judá. O trecho de Jeremias 27.10 nos dá essa mesma informação, não mencionando outro grupo exceto a família real. Jeremias foi deixado para sofrer com os andrajosos de Judá. Ezequiel foi deportado (ver Ezequiel 1.1-3).

"Os vss. 15 e 16 mostram os *particulares* daquilo que foi dito de modo geral no vs. 14. No versículo 15 é definido aquilo que se entendia por *príncipes* (vs. 14)" (Ellicott, *in loc.*).

Diante da aproximação do exército babilônico, é provável que qualquer nobre e pessoa poderosa se tenha refugiado em Jerusalém, e isso facilitou a deportação da elite da sociedade judaica. O Targum fala nos "magnatas da terra", um termo geral que apontava para qualquer pessoa que sobressaísse da média e pudesse apresentar uma ameaça de revolta posterior.

24.16

Todos os homens valentes, até sete mil, e os artífices e ferreiros até mil. Este versículo refere-se especificamente a oito mil homens (sete mil homens valentes e mil artífices), ao passo que o versículo 14 generalizou um total de *dez mil homens.* É perfeitamente possível, conforme já dissemos, que o versículo 14 e os versículos 15 e 16 representem diferentes fontes informativas, cujos números diferiam um pouco. Caso contrário, o autor sagrado não se importou em fazer com que o versículo 16 concordasse com o versículo 14. Ellicott (*in loc.*) pensava que os dois mil homens que faltavam pertenciam às classes aristocráticas. Isso ainda deixaria mil sem identificação. Josefo nos dá o número de 10.832 homens. Alguns eruditos explicam a discrepância nos números como devida a uma confusão com o *Y* maiúsculo (isto é, *dez*) com o *g* (isto é, *três*). O número de Josefo fala em dez mil (primeira deportação), ao passo que os oitocentos e trinta e dois corresponderiam à segunda deportação. Os esforços para reconciliar as narrativas são inúteis, e nenhuma reconciliação se faz necessária. Todas as contagens por cabeça provavelmente foram apenas parciais, e nenhuma exatidão geral e absoluta foi almejada e alcançada.

Zedequias, Último Rei de Judá (24.17 – 25.7)

Esse homem foi um rei títere, abandonado na Palestina para cuidar do rebotalho humano que fora deixado ali. Tudo quanto era de valor e força foi deportado (ver os vss. 14-16). Quanto a detalhes completos, ver o artigo do *Dicionário* chamado *Zacarias.* E ver também ali os verbetes chamados *Reino de Judá* e *Rei, Realeza,* quanto a breves descrições sobre todos os reis de Israel e de Judá. Embora fosse apenas um rei títere, que não possuía recurso material algum, ele armou uma revolta (ver II Reis 24.20), o que provocou outro cerco e outra deportação (ver II Reis 25.1-7). A tragédia se abatera sobre Judá de maneira terrível. Os filhos do rei Zedequias foram mortos na sua presença e ele mesmo foi cegado e levado para o cativeiro.

O "governo" de Zedequias deu-se entre 597 e 586 A. C., um total de onze anos tristes. Embora vendo quanta confusão e destruição a idolatria tinha provocado, ele continuou a andar em concordância com os caminhos de Manassés, que fizeram Judá pecar. Ver II Reis 23.32,37 e cf. II Reis 23.26 quanto ao mau exemplo de Manassés.

A seção à nossa frente é repetida no capítulo 52 do livro de Jeremias, com algumas modificações. II Reis 24.1-12 acha-se em Jeremias 39.1-10 com algumas modificações. Ver o paralelo em II Crônicas 36.11-21.

24.17

Estabeleceu rei... Matanias, de quem mudou o nome para Zedequias. Ver a introdução anterior, à seção, quanto ao quadro geral e informações básicas.

A autoridade real vinha de Nabucodonosor, rei da Babilônia; o títere era Zedequias, o "rei" de Judá. Há inscrições que se referem a *Joaquim* como o último rei de Judá, e é evidente que, para muitos, Zedequias nunca teve a posição de rei. Um rei posto no trono por um monarca estrangeiro não seria jamais reconhecido como rei de Judá. Cf. II Crônicas 36.10-13.

De quem mudou o nome. Seu nome original era *Matanias* (*dom de Yah*). O nome que lhe foi dado pelo rei da Babilônia foi *Zedequias* (*Yah é retidão*). Jeremias havia predito a mudança de seu nome para um novo nome (ver Jeremias 23.1-19), mas Zedequias não cumpriu as expectações que o profeta, como é evidente, tinha no tocante a ele. A mudança de nome de Zedequias, ao que tudo indica, não teve outro sentido além de mostrar a *sujeição* absoluta em que o "rei" de Judá foi posto por Nabucodonosor. Cf. II Reis 23.34 sobre como o rei do Egito modificou o nome de Eliaquim para *Jeoaquim,* sem dúvida pelas mesmas razões.

Zedequias foi o terceiro filho de Josias (ver Jeremias 1.3 e 27.1), e irmão por parte de pai e mãe de Jeoacaz-Salum (ver II Reis 23.31). Joaquim não tinha filhos nessa época (cf. os vss. 12 e 15 a Jeremias 22.30), embora, no exílio, ele os tenha tido (ver I Crônicas 3.17,18). Foi assim que o sucessor no trono teve de vir de outro ramo da família, de um tio paterno. A Septuaginta corrompe o *theion* (tio) para *uion* (filho).

24.18

Tinha Zedequias a idade de vinte e um anos. Essa era a idade de Zedequias quando deu início a seu governo, e continuou a *farsa* por onze anos. Quanto a *Hamutal* e a *Jeremias,* ver o *Dicionário.* Cf. Jeremias 52.1-3 e II Crônicas 36.12,13. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Jeremias* (outras pessoas que não o profeta), no ponto quinto, para o homem que ocupa o presente versículo. Ele era nativo da cidade de *Libna.* A esposa de Josias foi mãe de Jeoacaz (II Reis 23.31) e de Zedequias (II Reis 24.18; Jeremias 52.1). Seu breve reinado de onze anos ocorreu de 597 a 586 A. C.

24.19

Fez ele o que era mau perante o Senhor. A síndrome do pecado-calamidade-julgamento continuava a operar. O insensato Zedequias, embora estivesse vendo a tragédia do cativeiro babilônico, causado pela idolatria de Judá, não alterou em nada a sua conduta pessoal. Ele rejeitou o bom exemplo de Josias, que fez muitas reformas e restaurou o *yahwismo* (capítulo 23), e preferiu seguir o mau exemplo do abominável Manassés. Cf. II Reis 23.26 (o mau exemplo de Manassés) e II Reis 23.32,37, que são versículos quase idênticos a este. Ver os comentários do profeta Jeremias, que foi o profeta da situação, em Jeremias 24.8; 28.5 e 37.1,2. Manassés estabeleceu o mau exemplo; Jeoaquim reiterou esse mau exemplo; e Zedequias seguiu na mesma linha estúpida. "Quão espantoso é tudo isso! Nenhum desses reis aceitou a palavra de advertência provida pelos julgamentos de Deus, embora tivessem caído, cada qual segundo seu antecessor pecaminoso" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Exemplo.*

24.20

Assim sucedeu por causa da ira do Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus.* O autor sacro usa aqui de *antropomorfismo* e de *antropopatismo* (atribuição, a Deus, dos atributos e das emoções humanos). Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* Nosso dilema humano força-nos a usar esse tipo de descrição sobre Deus, embora Ele seja o *Mysterium Fascinosum* e o *Mysterium Tremendum* (ver sobre esses termos no *Dicionário*). Seja como for, quando lemos sobre a *ira* de Deus, sabemos que está em pauta o *julgamento divino,* imposto por causa do pecado.

O Resultado. Judá foi tirado da presença de Yahweh, ou seja, de Jerusalém, onde Sua presença se manifestava, no templo, e também de Sua presença espiritual, em *qualquer lugar.* II Reis 17.23 contém essa mesma mensagem, e é ali que ofereço notas expositivas adicionais. Aquele versículo refere-se à má sorte de Israel no cativeiro assírio, ao passo que este refere-se à má situação de Judá, no cativeiro babilônico. Ambas as nações perderam o *favor* de Deus que a Sua presença garantia.

Zedequias rebelou-se contra o rei da Babilônia. Embora estivesse em sua miserável e impossível sujeição, ele ainda assim teve a coragem de tentar rebelar-se contra a hegemonia da Babilônia. "Durante vários anos, Zedequias submeteu-se obedientemente a seu senhor da Babilônia. Finalmente, sem embargo, sob a pressão contínua de indivíduos nacionalistas, em sua própria pátria (ver Jeremias 37-38), o rei Zedequias tolamente rebelou-se contra o domínio babilônico. Ele fez aliança com o Faraó Hofra (589-570 A. C.), que foi um agressivo monarca egípcio antibabilônico" (Thomas L. Constable, *in loc.*). A tentativa de libertação terminou em mais desastre, mais matança e mais deportações de judeus para a Babilônia, conforme o capítulo seguinte nos conta. Naturalmente, devemos compreender essa insensata revolta de Zedequias, a

qual foi determinada por Yahweh, que usou dos atos violentos da Babilônia para punir o iníquo rei Zedequias. *Jeremias* havia advertido contra a rebeldia como algo fútil e contrário à vontade de Yahweh, que estava punindo o Seu povo pelas circunstâncias prevalentes. Mas essas advertências foram ignoradas, e o profeta foi perseguido.

Capítulo Vinte e Cinco

A Babilônia de Novo na Vereda da Guerra (25.1-30)

A Nação de Judá Estava Morrendo. A insensata rebelião de Zedequias contra Nabucodonosor, rei da Babilônia, provocou outro ataque contra Jerusalém, e outra deportação. O *cativeiro babilônico* (ver no *Dicionário)* foi efetuado por etapas, que terminaram somente em cerca de 538 A. C.

Em janeiro de 588 A. C., o décimo mês do nono ano do governo de Zedequias, o rei da Babilônia, Nabucodonosor, marchou novamente contra Jerusalém. O Egito atacou Nabucodonosor (ver Jeremias 37.5), que interrompeu de modo breve o cerco de Jerusalém. Mas a Babilônia mostrou-se triunfal em todas as frentes. Seguiram-se a matança, a fome e a miséria. Zedequias foi torturado e deportado para a Babilônia, onde morreu (ver Jeremias 52.11).

25.1

Décimo mês. "O costume de contar os meses por números foi um costume pós-exílico, que entrou na literatura judaica devido à influência babilônica. O cerco começou mais ou menos no fim do mês de *dezembro,* no décimo dia. Mas aí pelo mês de junho do ano seguinte não havia mais alimento deixado para os habitantes civis da cidade" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Zedequias reinou por onze anos (ver II Reis 24.18), mas provavelmente poderia ter continuado a reinar por longo tempo, em paz relativa, se não se tivesse rebelado (ver II Reis 24.20, quanto a detalhes). Ele havia permanecido quieto por nove anos, mas, agitado pelos nacionalistas e ignorando o conselho de Jeremias, resolveu revoltar-se.

O *profeta Jeremias* havia predito calamidade se houvesse tentativa de revolta da parte de Zedequias; e o rei de Judá aprisionara Jeremias, por causa de sua suposta atitude antijudaica (ver Jeremias 34.1-7; 32.1-16).

Ver a narrativa em Jeremias 39.1-10; capítulos 40-43 e 52.4 ss. Ver os detalhes dados em Ezequiel 24.1,2. Ao que tudo indica, embora sujeitado à Babilônia, Zedequias fora capaz de armar uma considerável força de resistência. Ele conseguiu a ajuda do Egito, mas esse inimigo da Babilônia foi posto em fuga (conforme Josefo, *Antiq.* lib. 10, cap. 10, nos informa).

25.2,3

A cidade ficou sitiada. O cerco estendeu-se do nono ano do governo de Zedequias (vs. 1) e foi até o seu décimo primeiro ano de governo, tendo perdurado cerca de ano e meio. Quanto mais tempo ele demorasse, mais sofrimento traria: fome e temor. Isso foi seguido por matanças e deportação.

"Os babilônios levantaram o cerco por algum tempo, e então marcharam contra o Faraó Hofra, que estava vindo ajudar os judeus (Jeremias 28.5 ss.; Ezequiel 17.17; 30.20 ss.)" (Ellicott, *in loc.*). "Jerusalém foi sitiada e, após terríveis privações (II Reis 25.3; Deuteronômio 28.52-57; Lamentações 4.10), caiu no décimo primeiro ano do rei Zedequias, ou seja, 587 ou 586 A. C. O rei Zedequias foi torturado e levado para a Babilônia, onde morreu (ver Jeremias 52.11)" (*Oxford Annotated Bible,* em comentários sobre o versículo 3 deste capítulo). Ver Jeremias 39.2 e 42.6. Os horrores do cerco são descritos em Lamentações 2.11 ss.; 19 ss.; 4.3-10; Ezequiel 4.10; Baruque 2.3. "Tal como na fome de Samaria e no cerco anterior de Jerusalém, pais comeram seus próprios filhos. Cf. as ameaças proféticas de Levítico 26.29; Deuteronômio 28.53 ss.; Jeremias 15.2 ss.; 27.13; Ezequiel 4.16 ss." (Ellicott, *in loc.*).

25.4

Todos os homens de guerra fugiram de noite pelo caminho da porta que está entre os dois muros perto do jardim do rei. *Finalmente,* após um longo assédio e muito sofrimento, principalmente fome, os babilônios realizaram seu propósito. A resistência dos judeus foi quebrada e a cidade foi invadida. Os capacitados, incluindo o rei, fugiram à noite para escapar ao terror. O rei Zedequias e alguns de seus auxiliares fizeram uma abertura que saia de entre os dois antigos muros jebuseus que ainda existiam no lado norte da cidade antiga. "Nos três outros lados da cidade havia descidas inclinadas, e pouca proteção fazia-se necessária, mas no lado norte foram tomadas precauções extraordinárias. Esses muros duplos do norte foram recentemente descobertos" (F. Garrow Duncan, *Millo and the City of David*). "Para leste, o deserto chegava perto da cidade e esse acesso fácil a terras desoladas provou mais de uma vez ser um refúgio para os defensores da cidade. Muitos homens escaparam por esse mesmo meio, nos estágios finais da resistência contra Tito, em 70 A. C." (Norman H. Snaith, *in loc.*).

A perfuração através da muralha ocorreu a 16 de julho de 586 A. C., o quarto mês do décimo primeiro ano do governo de Zedequias (vss. 2 e 3). Aqueles que fugiram da cidade encaminharam-se para Arabá (o vale do Jordão), mas foram alcançados e capturados.

25.5

O exército dos caldeus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caldéia.* Esse era o antigo nome do território, antes que o termo Babilônia se tornasse seu nome. A palavra vem do acádico, *kaldu,* que originalmente era um pequeno território no sul da Babilônia, no começo do golfo Pérsico. Posteriormente, o nome passou a referir-se a todo o império neobabilônico.

"Zedequias seguiu a mesma direção geral que Davi tomara, quando escapava do primeiro estágio da revolta de Absalão, mas foi alcançado pelos babilônios perseguidores no vale do Jordão, perto de Jericó" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Aqueles que o acompanhavam foram dispersos, de modo que ele ficou impotente. Ele deveria ter aceitado o conselho de Jeremias e esquecido a arrogância dos nacionalistas judeus.

"Eles rejeitaram os apelos de Jeremias e, como resultado, foram alcançados por calamidades finais. Judá pagou caro por seu ato de perfídia. E muitas nações de nosso mundo moderno têm pago um elevado preço por terem seguido um curso similar de desonra. Os juízos de Deus são verdadeiros e absolutamente retos" (Raymond Calking, *in loc.*).

25.6,7

Então o tomaram preso. *A Miséria Final.* Os irados e desafeiçoados babilônios mataram os filhos de Zedequias bem diante de seus olhos, e então o cegaram. A última coisa que ele viu em sua vida foi o assassinato dos filhos. Ele ouviu seus gritos de angústia, mas não podia fazer nada por eles. Sim, algumas vezes, o preço do pecado pode ser muito, muito alto realmente. Zedequias, pois, foi levado para *Ribla,* na Síria (vs. 6), e ali, naquele miserável lugar de exílio, as desgraças se cumpriram. Ribla tinha sido o quartel-general do Faraó-Neco (ver II Reis 23.33). Atuava como um centro conveniente para a subjugação da Síria, que foi absorvida pelo império babilônico. Ver o artigo sobre esse lugar, no *Dicionário.* Cf. II Reis 23.33. Ficava localizada às margens do rio Orontes, ao norte de Damasco. As Cartas de Laquis informam-nos que, por esse tempo, Nabucodonosor também estava efetuando campanhas militares naquela região, contra outras cidade de Judá e contra Tiro e Sidom.

O rei cego de Judá foi atado com cadeias de bronze e foi conduzido à Babilônia (Jeremias 32.4; 34.1-3; 39). E ele morreu ali, no exílio (ver Jeremias 52.11).

Vazar os olhos de um inimigo era um ultraje babilônico comum, conforme sabemos por Heródoto (*Hist.* vii.18). Ver Ezequiel 12.13 quanto a uma aparente predição desse ultraje no tocante ao rei de Judá. Ele não *veria* a Babilônia, mas morreria ali, não obstante.

25.8

Nebuzaradã... veio a Jerusalém. "Cerca de quatro semanas depois que a cidade de Jerusalém foi invadida (vss. 3 e 8), Nabucodonosor mandou Nebuzaradã, comandante de sua guarda imperial, incendiar Jerusalém. Era o sétimo dia do quinto mês do décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor (16 de agosto de 586 A. C.). Entretanto, o trecho de Jeremias 52.12 diz 'o décimo dia'. Esse oficial liderou suas tropas para incendiarem cada edifício importante de Jerusalém, incluindo o templo e o palácio real, que tinha ficado de pé por quase quatro séculos" (Thomas L. Constable, *in loc.*).

Norman H. Snaith (*in loc.*) informa-nos que a cronologia de II Reis é correta, em contradição com a declaração de Jeremias. Verdadeiramente, o ano da ocorrência foi 586 A. C. Métodos engenhosos de reconciliar os dados cronológicos têm se mostrado infrutíferos, e uma harmonia exata não é necessária para a fé espiritual. Alguns intérpretes preferem ser desonestos do que admitir que há leves contradições no texto sagrado.

Chefe da guarda. Literalmente, o principal executor, o comandante da guarda pessoal do rei, um chefe militar, está em pauta. De acordo com um antigo costume, esse homem era o instrumento de execuções importantes, o que explica a conexão entre as duas funções. O trecho de Jeremias 39.3 não menciona esse chefe militar, mas não há nenhuma razão para duvidarmos da autenticidade desse registro. Ver sobre *Nebuzaradã,* no *Dicionário.*

Foi assim que o glorioso templo de Salomão foi reduzido a nada, porque Yahweh deixara de ser o objeto da adoração em Jerusalém. Um tempo novo mas *inferior,* em todos os sentidos, seria construído após o cativeiro. O templo de

Salomão ficara de pé cerca de quatrocentos e vinte e quatro anos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Jerusalém.*

25.9

E a casa do rei, como também todas as casas de Jerusalém. Além do templo e do palácio real, Nebuzaradã também incendiou todo edifício importante, incluindo as residências dos ricos e poderosos. Foi um terrível dia em que a cidade foi nivelada até o chão. A narrativa é simples, mas nossa imaginação enche-se de terror ao imaginar o povo vendo tudo ser destruído e incendiado, e os gritos dos que eram executados por tentarem defender suas propriedades. II Crônicas 36.19 diz "palácios", em lugar de "casas" dos cidadãos importantes. As casas comuns dos pobres permaneceram intocadas, porque não mereciam a atenção do exército babilônico. Além disso, a maior parte do povo de Jerusalém seria deportada, e os povos *importados* poderiam fazer uso daquelas casas.

25.10

Metáfora. O pecado derruba as muralhas da defesa da alma, e deixa-a exposta aos ataques dos inimigos.

Caldeus. Ver as notas sobre II Reis 25.5 quanto a informações sobre essa palavra. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caldéia.*

Derribou os muros em redor de Jerusalém. As *muralhas* eram agentes comuns de proteção das cidades antigas, porquanto, naqueie tempo, não havia jeito de voar por cima delas e deixar cair pára-quedistas. A entrada nas cidades precisava ser obtida no solo e através das muralhas. Quanto mais rica fosse uma cidade, mais altas e espessas eram as muralhas protetoras. As muralhas de Jerusalém foram demolidas e não havia poder para reconstruí-las. Por conseguinte, a cidade ficou indefesa. Terminado o cativeiro, Neemias reconstruiria as muralhas da cidade e o seu templo, sendo essa a informação que nos é dada no livro que tem o seu nome e também no livro de Esdras.

25.11,12

O chefe da guarda, levou cativos. *Outra Deportação.* O cativeiro babilônico (tal como o assírio) não ocorreu mediante uma única deportação. Houve vários estágios, pois várias deportações estiveram envolvidas. Ver meu artigo sobre o *Cativeiro Babilônico,* no *Dicionário,* quanto a detalhes. O texto à nossa frente descreve a *segunda deportação.* Os povos que tinham sobrevivido à primeira deportação e aqueles que tinham sido deixados após a matança, juntamente com os desertores, os quais em temor se tinham bandeado para o lado dos babilônios, foram reunidos e levados para a Babilônia. Somente alguns pequenos agricultores foram deixados na Palestina (vs. 12), para garantir que ela não se transformasse em terrenos devolutos. A agricultura continuou em pequena escala, e podemos estar certos de que o rei da Babilônia tinha controle até sobre aquelas *batatinhas,* conforme se diz em uma expressão idiomática inglesa, para indicar algo *insignificante.* Cf. II Reis 24.14 e Jeremias 39.10. A passagem de Jeremias 52.29 diz-nos que somente oitocentas e trinta e duas pessoas foram levadas para a Babilônia nessa segunda deportação. Mas o mais provável é que estejam em vista somente os chefes de famílias e os oficiais. As mulheres e as crianças sem dúvida aumentavam de modo significativo esse número, tal como aconteceu aos dez mil da primeira deportação.

25.13

E levaram o bronze para a Babilônia. Este versículo deve ser comparado a uma declaração similar feita em II Reis 24.13, que diz respeito à primeira deportação. A maior parte das obras de metal que havia no templo de Salomão foram cortadas, e os metais preciosos foram transformados em dinheiro. Mas alguns vasos foram transportados inteiros para a Babilônia. Esses vasos foram postos em um templo pagão na Babilônia (ver Daniel 1.2). E, após o cativeiro, alguns desses vasos foram restituídos ao segundo templo, conforme aprendemos em Esdras 1.2,7.

A Lição. Os vasos que tinham sido feitos para a promoção do *yahwismo,* quando não mais estavam sendo usados com essa finalidade, foram levados para um templo pagão. O *yahwismo* foi abandonado, e Yahweh abandonou o povo de Judá (ver II Reis 24.20). A presença de Deus se foi.

As colunas de bronze. As maciças colunas de bronze tiveram de ser cortadas. Cf. Jeremias 52.19,20. O grande altar de bronze não é mencionado, mas é provável que ele também tenha sido cortado para ser deportado. "A remoção de uma vasta quantidade de metal para a Babilônia deve ter sido um empreendimento formidável" (Jamieson, *in loc.*).

Neste ponto (II Reis 25.13), o trecho paralelo do capítulo 39 de Jeremias deixa de ser um paralelo. *Várias fontes informativas* foram usadas, e nem todo autor tinha acesso a todas essas fontes informativas. Seleções diferentes de material informativo produziram relatos diferentes, com declarações variegadas e, algumas vezes, até contraditórias.

25.14,15

Levaram também as panelas... e tudo quanto fosse de ouro ou de prata. O autor sagrado enumera alguns dos *vasos* do templo, que foram cortados ou dissolvidos com outros propósitos, ou ainda foram levados intactos para o templo pagão da Babilônia. "Os objetos menores de bronze, de ouro e de prata foram simplesmente empacotados e carregados para a Babilônia" (Thomas L. Constable, *in loc.*). Quanto à manufatura e uso dos vasos mencionados, ver Êxodo 27.3 e seu contexto.

Com que se ministrava. Ou seja, os vasos mencionados foram empregados no culto sagrado que distinguia o templo de Salomão dos templos pagãos. Quando o culto do templo deixou de ser *distintivo,* não havia motivos para continuar existindo. Quanto ao caráter distintivo da nação de Israel, baseada sobre a observância da legislação mosaica, ver Deuteronômio 4.4-8.

25.16

O peso do bronze de todos esses utensílios era incalculável. *As duas colunas de bronze* que estavam no pórtico do templo eram tão gigantescas que ninguém se deu ao trabalho de calcular seu peso. Cf. I Reis 7.15-22 e Jeremias 52.20-23. A passagem no livro de Jeremias dá mais detalhes do que este trecho bíblico. Aqui não há menção aos touros gigantescos que apoiavam o mar de bronze. Essa omissão provavelmente está historicamente correta, visto que II Reis 16.17 indica que Acaz os removeu e os deu ao seu senhor assírio. Outros objetos de bronze já tinham sido removidos do templo. "Por conseguinte, ele omitiu o número das romãs e reduziu os demais números" (Norman H. Snaith, *in loc.*). Jeremias 52.20 menciona os doze touros de bronze, em contraste com este texto.

Não há nenhuma menção à remoção da *arca da aliança,* que pode ter sido escondida por algum sacerdote piedoso antes que os babilônios entrassem correndo pelo templo adentro. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arca da Aliança.*

25.17

A altura duma coluna era de dezoito côvados. *As Dimensões.* A altura das colunas era, aproximadamente, de 8,30 m. Além disso, o capitel que havia no alto delas adicionava mais 1,35 m. Jeremias porém, fala em cerca de 2,30 m. *Três,* no presente capítulo, provavelmente é um erro de transcrição. Cinco côvados (2,30 m.) era a verdadeira dimensão. Ver I Reis 7.16; Jeremias 52.22; II Crônicas 3.15.

A obra de rede. Alguma espécie de adorno do tipo trançado enfeitava o capitel. Era um adorno feito artisticamente em bronze. Incluía os frutos, com seus ramos e brotos. O trecho de Jeremias 52.23 nos fornece os números: "Havia noventa e seis romãs aos lados; todas as romãs todas sobre a obra de rede ao redor eram cem". O texto de II Reis é compacto, e alguns críticos pensam que ele está mais correto quanto a alguns detalhes, porquanto pilhagens anteriores já tinham estragado vários vasos e estruturas do templo.

25.18

Levou também o chefe da guarda a Seraías... e a Sofonias... e aos três guardas da porta. *Alguns Cativos Importantes.* O autor se detém para informar-nos que alguns homens importantes, que não tinham sido levados na primeira deportação (II Reis 24.14 ss.), foram deportados na segunda. Entre eles estava Seraías (sumo sacerdote) e Sofonias (seu principal assistente). Ver sobre ambos os nomes no *Dicionário.* Além desses dois, havia três porteiros, levitas importantes, cujos nomes não são mencionados. O versículo 19 prossegue descrevendo a cena da deportação de importantes oficiais. Os babilônios caçaram-nos: fizeram inquirições; levaram-nos de seus esconderijos. Eram pessoas escolhidas para serem executadas em Ribla (vs. 21). Os babilônios gostavam de guerras e de matanças, e estavam divertindo-se muito. Seraías foi um dos antepassados de Esdras (ver Esdras 7.1). Talvez ele e seus companheiros, e os outros, que são mencionados no versículo seguinte, fossem líderes da revolta promovida por Zedequias. Esses precisavam ser executados. Não continuariam soltos para promover mais confusões.

25.19

Da cidade tomou um oficial, que era comandante das tropas de guerra. O principal general de Judá estava entre os prisioneiros. Além desses, havia *cinco* conselheiros principais, homens escolhidos pelo rei, dotados de influência e auto-

ridade. O pobre secretário do general-em-chefe também foi apanhado. Ele providenciou a convocação do exército, para opor-se à Babilônia, e teve de pagar por isso com a vida. Além disso, havia sessenta homens mais proeminentes cujos ofícios específicos não foram mencionados. Talvez fossem *anciãos,* altos líderes do povo, chefes de famílias principais. Jeremias fala aqui em "sete", em lugar de "cinco" conselheiros, provavelmente seguindo uma fonte diferente de informações. Ver Jeremias 52.25. O árabe tem o mesmo número que Jeremias, como também o fazem outras versões. Não há como explicar essa diferença de cálculo, e nem há *razão* para tentarmos fazer uma reconciliação. II Reis dá um total de setenta e dois homens importantes que foram capturados e, subseqüentemente, executados em Ribla (vs. 21). O relato é simples, mas podemos sentir a emoção do autor sagrado em suas palavras.

Os deuses fiaram de tal maneira o fio
Para os desgraçados dos mortais, que
Eles devem viver em dores.

(Homero, A Ilíada)

Cinco homens. Assim diz II Reis. Jeremias 52.25 diz *sete.* A versão árabe concorda com Jeremias, mas as demais versões concordam com II Reis, incluindo a Septuaginta. O Targum, porém, fala em *cinqüenta* homens.

Sessenta homens do povo do lugar. Isto é, anciãos, líderes principais, militares e civis. Todos eles haviam promovido a revolta contra os babilônios, *ou* eram importantes demais para terem licença de continuar vivendo. Poderiam envolver-se novamente em confusão.

25.20,21

Esse infeliz grupo de setenta e dois homens (ver os vss. 18 e 19) nunca chegaria à Babilônia para viver no cativeiro. Tinham sido líderes da revolta e não se podia confiar neles. Foram levados a Ribla (na Síria), onde foram executados. Cf. II Reis 25.6. O rei Zedequias, seus familiares e alguns de seus homens principais, também foram levados primeiramente a Ribla; os filhos do rei foram executados diante dos olhos dele, que depois foi cegado. Ele então foi conduzido à Babilônia para viver no exílio, mas nunca *viu* o país, tal como havia sido predito que aconteceria. Ver as notas na referência dada. Os babilônios asseguraram-se que pelo menos *aqueles homens* nunca liderariam outra revolta. "Todos os líderes remanescentes foram executados" (*Oxford Annotated Bible,* referindo-se aos vss. 18-21).

Assim Judá foi levado cativo. Uma declaração específica concernente à segunda deportação, mas que também, provavelmente, deve ser compreendida como uma declaração geral, que abarcasse o processo inteiro do cativeiro. Este veio em estágios. "Essa sentença, como é evidente, conclui a narrativa inteira da destruição de Jerusalém e a deportação do povo (cf. II Reis 17.23; Jeremias 52.27). Mais do que aqueles que Nebuzaradã fora prender estão em pauta. A profecia de Obadias refere-se à conduta sem coração dos edomitas, por ocasião da ruína de Judá (ver Salmo 137; Lamentações 4.21,22)" (Ellicott, *in loc.*).

A guerra é o inferno. Olho para ela com horror.

(William Sherman)

A guerra é a pior praga que pode afligir a humanidade.

(Martinho Lutero)

Nas artes da vida, o homem nada inventa.
Mas, nas artes da morte, ele ultrapassa a
própria natureza e produz, mediante a química
e suas máquinas, toda a matança das pragas,
da pestilência e da fome.

(George Bernard Shaw)

25.22

Quanto ao povo que ficara na terra de Judá. *Tal como no caso* do cativeiro assírio (ver II Crônicas 30.1; 34.9), um remanescente foi deixado na Palestina, aqueles que podiam cuidar da agricultura, mas não sabiam promover uma revolta. Nabucodonosor, o rei da Babilônia, nomeou um governador títere. Porém, era insensato falar em termos de um rei, quando não havia mais reino para governar. O nome desse governador era *Gedalias,* que aparece em um verbete no *Dicionário.* Esse homem descendia de Safã, secretário de Estado de Josias, o rei que tinha implementado suas reformas (ver II Reis 22.3).

Safã também era amigo do profeta Jeremias (ver Jeremias 39.14) e seguia as orientações dadas pelo profeta, para não causar mais confusão e revolta contra a Babilônia. Foi assim que Gedalias assumiu primeiramente uma posição favorável à Babilônia, porquanto sentia-se ser aquela a vontade de Yahweh; e, segundo, porque isso era necessário para a sobrevivência. Outros nomes próprios deste versículo recebem artigos em separado no *Dicionário. Aicão,* pai de Gedalias, foi um dos príncipes de Josias (ver II Reis 22.12). Em certa ocasião, Aicão salvou Jeremias da fúria popular (ver Jeremias 26.24). Ver as notas em Jeremias 40.7-9.

Gedalias, Governador de Judá (25.23-26)

O *desgraçado remanescente,* composto principalmente de trabalhadores de fazendas (ver II Reis 25.12), tinha um governador fantoche, Gedalias (ver o vs. 22, precedido de alguma informação básica). O autor-editor havia chegado agora à porção final de sua triste história. O governador (não rei, porque não havia reino restante) tinha seus pontos fortes, mas lhe faltava autoridade. Josefo (*Antiq.* X.9.1-2) diz-nos que ele era um homem generoso e gentil, que conquistou a confiança do bando de guerrilheiros e os convenceu a não se revoltarem mais contra a Babilônia. Gedalias, porém, era mais generoso do que sábio. Ele recusou-se a acreditar na traição de Ismael, embora tivesse sido devidamente advertido contra ele. Essa confiança mal colocada custou a Gedalias a sua vida, porquanto terminou sendo morto pelo homem em quem confiava. Ismael então acertou um golpe de destruição (Jeremias 40.1-16). Mas seus esforços deram em nada. Nenhuma circunstância ou poder poderia roubar a Babilônia de sua hora de glória.

25.23

Vieram ter com este a Mispa. Um *bando de oficiais,* que ainda tinha restado na Palestina, o que nos permite supor que era formado por homens dotados de pouca sabedoria, poder e inteligência, veio falar com Gedalias. Entre os assuntos discutidos, provavelmente houve a conversa de mais revoltas, contra as quais o governador os advertiu. Além disso, homens espirituais sabiam que Yahweh tinha julgado o Seu povo, e era melhor deixar as coisas como estavam, para que não houvesse maiores calamidades ainda.

Nomes Próprios. Todos os nomes próprios pessoais que figuram neste versículo receberam artigos individuais no *Dicionário,* embora saibamos muito pouco sobre essas pessoas.

Mispa. Ver a respeito dessa cidade no *Dicionário.* Esse lugar era a nova "capital", que o governador tornara seu quartel-general. Era uma cidade da tribo de Benjamim, que fora fortificada por Asa (ver I Reis 15.22). Ficava a cerca de treze quilômetros de Jerusalém. Jerusalém jazia em ruínas, pelo que não mais servia de capital.

O líder do bando era Ismael, neto de Elisama, o secretário real (vs. 25). Ver Jeremias 36.12,20. Ele tinha sangue real nas veias (ver Jeremias 41.1). O grupo inteiro era favorável ao Egito, e tinha esperança de que essa potência (com sua ajuda miserável) ainda pudesse derrotar a Babilônia.

Vivo na esperança, e penso que também o fazem,
Todos que chegam neste mundo.

(Robert Bridges)

A esperança eterna brota no peito humano.

(Alexander Pope)

As esperanças são apenas sonhos dos acordados.

(Píndaro)

25.24

Nada temais da parte dos caldeus. *Ansiedade.* O bando que viera visitar o governador Gedalias expressara seus temores e esperanças. Gedalias, porém, jurou que eles estavam *seguros,* contanto que esquecessem todos os planos de mais revolta contra a Babilônia. Ademais, eles teriam de servir os novos senhores e contar Judá como perdido. Mas o espírito nacionalista daqueles homens não permitiria, muito naturalmente, que eles se sujeitassem a um poder estrangeiro, e mais tribulações já estavam começando a ferver. Além disso, Gedalias, devido à sua postura pró-babilônica, tornou-se objeto do ódio daqueles homens. Ele era um *traidor,* naturalmente, e precisava ser eliminado, de acordo com a avaliação dos homens que o visitaram. Gedalias prometeu-lhes *imunidade* do poder devastador dos invasores, mas somente sob a condição de que eles se estabelecessem

em paz e aceitassem a nova situação. O governador providenciaria para que eles fossem *protegidos,* se aceitassem as condições impostas pelos babilônios.

25.25,26

E feriram Gedalias, e ele morreu. *Assassinato.* Infeliz diante das promessas e condições referidas por Gedalias (vs. 24), Ismael reuniu seu bando de assassinos (dez homens) e mandou matar o governador. Como medida de segurança, eles também mataram os auxiliares de Gedalias e alguns oficiais babilônicos, que estavam ali, desempenhando seus deveres como captores. Provavelmente Ismael tivesse sonhos de substituir Gedalias e promover maiores revoltas contra os babilônios. Mas seu ato de assassinato provocou uma onda de medo. A Babilônia não permitiria que aquele ato ficasse sem a devida punição, pelo que, em temor da represália, Ismael, seus homens e quase todos os que tinham sido deixados na Judéia fugiram para o Egito (vs. 26). E o profeta Jeremias foi forçado a fugir com eles (ver Jeremias 41.1-43.7).

A *matança* ocorreu durante uma suposta refeição amigável na própria casa do governador. Yahweh não ignoraria tal traição. Josefo diz que o governador e seus auxiliares estavam bêbados de vinho, e isso facilitou o ato atrevido de Ismael e seus homens. Ismael, sendo um descendente da família real (ver Jeremias 41.1), pensou que estava mais qualificado para governar do que Gedalias, mas sua importância resumia-se ao fato de que ele foi capaz de causar mais tribulações ainda, as quais já abundavam na Palestina. O trecho de Jeremias 40.14 informa-nos que Baalis, rei dos amonitas, tinha encorajado Ismael a efetuar seu assassinato, e podemos ter certeza de que não foi difícil convencê-lo. Joanã advertiu o governador, mas este não acreditou na possibilidade de traição. E, assim sendo, não tomou nenhuma precaução. Ver Jeremias 41.13-16.

Alguma Esperança (25.27-30)

O *autor sagrado,* tendo terminado sua narrativa lamentável do cativeiro babilônico e de suas devastadoras conseqüências, fez brilhar um raio de esperança no caminho cada vez mais largo do futuro. Houve algum bom tratamento na Babilônia. O rei Joaquim foi favorecido pelo novo rei da Babilônia, Evil-Merodaque. Joaquim foi solto de sua prisão e recebeu um tratamento decente. Talvez isso servisse como indicação de que as coisas poderiam melhorar. O fato foi que, após *setenta anos,* um remanescente de Judá teve permissão de voltar a Jerusalém, e, sob a orientação de Neemias e de Esdras, Jerusalém foi reconstruída, as muralhas foram reerguidas e o segundo templo foi edificado. Isso significa que Israel teve um novo começo, com uma única tribo, *Judá,* sendo esse o motivo pelo qual chamamos os hebreus, hoje em dia, de *judeus.*

"Na primavera de 561 A. C., Joaquim, após trinta e sete anos de cativeiro, foi restaurado a uma posição de favor. Não lhe foi permitido voltar à Palestina, mas foi-lhe proporcionada uma boa medida de preferências. Nabucodonosor morreu em 562 A. C., e o novo rei, Evil-Merodaque (que reinou de 562 a 560 A. C.), mudou as normas de seu pai no tocante ao rei cativo" (Norman H. Snaith, *in loc.*).

25.27

Para Joaquim, o cativeiro tinha durado trinta e sete anos. Durante todo esse tempo, o rei Joaquim ficou cativo em uma miserável prisão babilônica. De súbito, o novo rei (ver a introdução à presente seção) mudou de idéia no tocante a esse duro tratamento, e soltou o rei de Judá da prisão, demonstrando-lhe favor. O novo rei da Babilônia tinha iniciado seu governo em 562 A. C., e foi em março de 560 A. C. que ele libertou Joaquim, de Judá. O relato é ilustrado por *tabletes cuneiformes* recuperados em uma câmara no lado nordeste do forte de Nabucodonosor. Quatro desses tabletes mencionam Joaquim e as provisões de boca que lhe foram concedidas. Antes desse tempo, o rei de Judá tivera uma miserável provisão, mas as coisas de súbito melhoraram. Os tabletes datam do período de 594-569 A. C.

Evil-Merodaque. Quanto a detalhes sobre esse rei da Babilônia, ver o artigo, no *Dicionário. A* Babilônia nada mais tinha que provar. Judá e o resto do mundo daquela área em geral, naquele tempo, estavam sujeitos à nova potência mundial. Coisa alguma haveria de mudar em breve. Assim sendo, o novo rei da Babilônia foi capaz de sentir misericórdia pelo rei de Judá, que estava na prisão fazia tanto tempo. Assim sendo, Evil-Merodaque tornou-se um instrumento da misericórdia divina.

Libertou Joaquim do cárcere. Sim, o novo rei da Babilônia mudou suas atitudes para com o ex-rei de Judá, revertendo seu duro tratamento, como também aquele imposto durante tantos anos por seu pai. Ver Gênesis 40.13, que tem um uso similar. Joaquim tinha então cinqüenta e cinco anos de idade. Restava-lhe um pouco de vida para desfrutar os luxos da Babilônia. Entretanto, nunca mais haveria de voltar à Palestina. Cf. Jeremias 52.31-34 quanto a outra narrativa sobre a bondade de Evil-Merodaque para com Joaquim. Metástenes chama esse rei babilônico de Amilino Evil-Merodaque, e faz Belchasar ser seu terceiro filho. Esse rei babilônico reinou somente por dois anos, e foi então assassinado por seu cunhado, Nerglissar, também chamado de Nergal-Serezer. Nergal-Serezer apoderou-se então do trono da Babilônia.

Mudou-lhe as vestes do cárcere. A fim de assinalar a mudança de normas políticas, Evil-Merodaque tirou Joaquim da prisão, para que trocasse seu uniforme de prisioneiro, e deu-lhe novas vestes, algo condizente com sua posição real. A mesma coisa aconteceu a José, quando ele foi tirado da prisão, no Egito (ver Gênesis 41.14).

25.28,29

Passou a comer pão na sua presença. Joaquim, uma vez solto da prisão, começou a comer na mesa real, como um dos convivas. Comer na mesa do rei era considerado uma honra elevada (ver II Samuel 19.33; I Reis 2.7). Essa expressão implica em *sustento,* e não apenas estar presente à mesa quando as refeições fossem servidas. Houve outros reis conquistados que o novo rei da Babilônia favoreceu, mas acima de todos eles estava Joaquim, por razões que não são explicadas. O autor sacro, sem dúvida, tinha em mente destacar o favor de Yahweh, que prevalece sobre a dureza dos homens.

25.30

Da parte do rei lhe foi dada subsistência vitalícia. Pelo resto de sua vida, Joaquim foi bem tratado e tinha sustento por parte da corte real da Babilônia. Cf. Jeremias 52.31-34. Evidentemente, recebeu boa medida de liberdade, mas nunca teve permissão para voltar a Jerusalém. Joaquim morreu no exílio, na Babilônia. O autor sacro exibe diante de nossos olhos um pequeno brilho de esperança, uma pré-figuração da libertação final de um remanescente de Judá que voltaria a Jerusalém e reiniciaria as coisas.

Assim é que o livro de II Reis termina com uma nota de esperança. O poder de Deus encontraria Judá no exílio e produziria grandes e positivas transformações. A nação prosseguiria. O *pacto abraâmico* (ver Gênesis 15.18) não fora anulado. A dinastia davídica não fora neutralizada. Uma chama rebentou de novo dentre as cinzas. A misericórdia de Deus continuava presente; Sua graça ainda estava operando, apesar de um julgamento devastador. Cf. Salmo 106.46; Neemias 2.2 e Esdras 9.9.

Com essa nota de esperança, pois, "terminou a história da catástrofe dos reis judeus, do povo e do estado judeu. O que eles sofreram foi conseqüência de rebeliões nunca antes ouvidas e de provações contra a Majestade nas alturas" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Assim descobrimos também que não existe coração humano que não tenha alguma semente de bondade e de compaixão. Nosso historiador escreveu durante o exílio, e ele parecia alegre ao registrar esse toque de misericórdia, que ele pode ter sentido como uma *profecia de* misericórdias que ainda estavam por vir. E assim, realmente, as coisas se revelaram. Pois, no próprio tempo de Deus, aqueles exilados, ensinados na tristeza e na disciplina dos sofrimentos, haveriam de ver um *novo dia,* não somente para sua própria gente, mas para toda a humanidade" (Raymond Calking, *in loc.*).

O *tom positivo* que encerra o livro de II Reis faz-nos lembrar da misericórdia de Deus, que tem sido repetidamente enfatizada na história e em I e II Reis. A dinastia davídica continuaria algum dia, cumprindo assim a promessa divina (ver II Samuel 7.16). Quando Ciro, rei da Média-Pérsia, derrubou a Babilônia, permitiu que um remanescente de Judá voltasse à sua terra (Esdras 1.1-4).

O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria.

(Salmo 111.10)

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis;
batei, e abrir-se-vos-á.

(Mateus 7.7)

Enquanto houver vida, haverá esperanç

(Cícero)

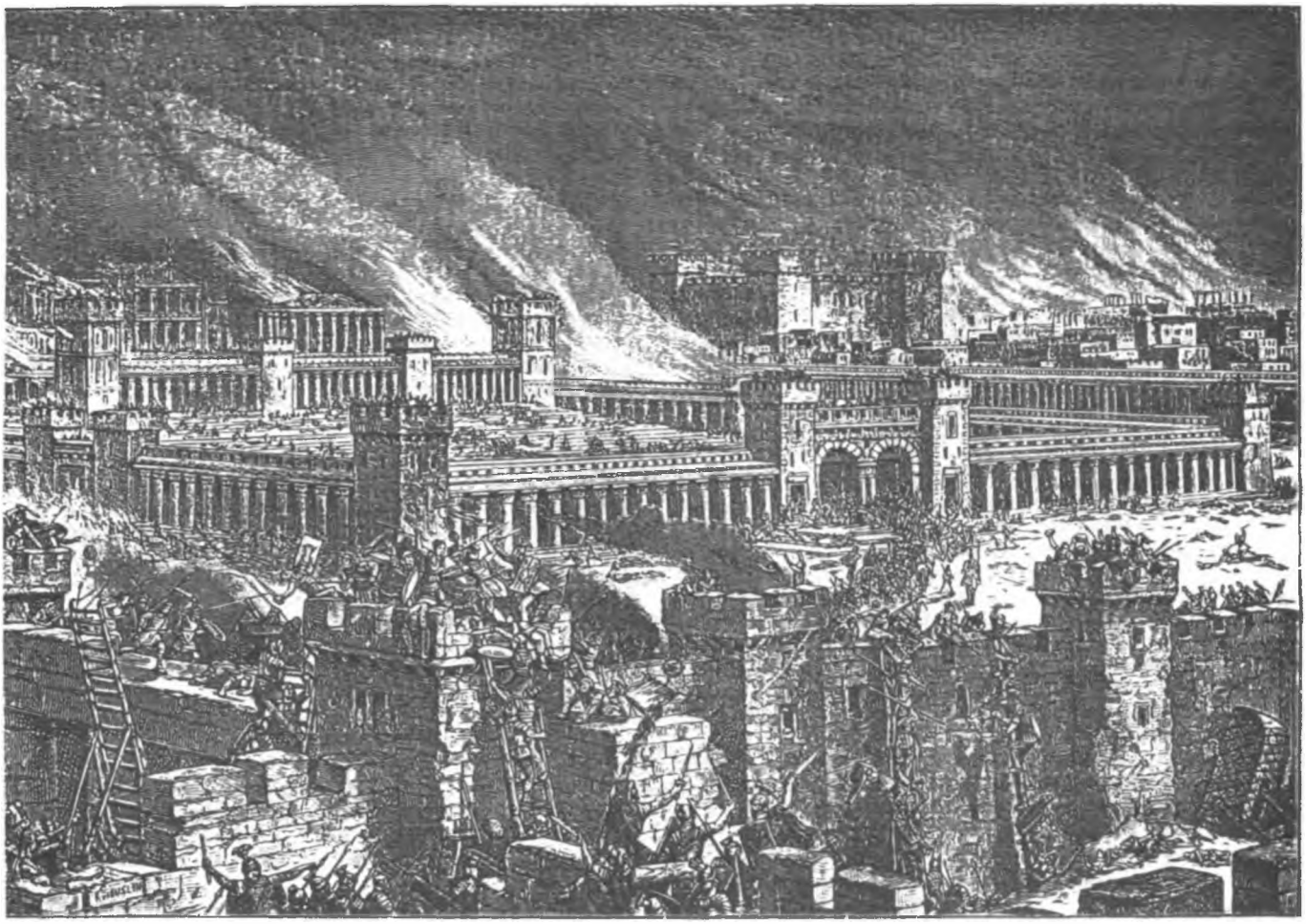
Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.

(I Coríntios 13.13)

A verdadeira esperança é veloz.
Ela voa com asas de andorinha.
Transforma reis em deuses.
E transforma criaturas menores em reis.

(Shakespeare)

JERUSALÉM DESOLADA



Richard Laurence, *The Book of Enoch*, 1821.

Todo o exército dos caldeus que estava com o chefe da guarda, derribou os muros em redor de Jerusalém... Os mais pobres da terra deixou o chefe da guarda ficar alguns para vinheiros e para lavradores... Tomando-os Nebuzaradã, o chefe da guarda, levou-os ao rei de Babilônia, a Ribla. O rei de Babilônia os feriu e os matou em Ribla, na terra de Hamate. Assim Judá foi levado cativo para fora de sua terra. Quanto ao povo que ficara na terra de Judá, Nabucodonosor, rei de Babilônia, que o deixara ficar, nomeou governador sobre ele a Gedalias, filho de Aicão.

II Reis 25.10,12,20,21,22